ABL

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

1939

PONGETTI

Anuario Brasileiro de Literatura

Responsavel: ROGERIO PONGETTI
Gerente: RODOLFO PONGETTI
Redator-chefe: NEWTON BELEZA
Secretario: LOBIVAR MATOS

Preço deste número: 15$000 — Tiragem: 10.000 exemplares

REDATORES CORRESPONDENTES NOS ESTADOS

AMAZONAS — Ramaiana Chevalier; PARÁ — Dalcidio Jurandir; PARAIBA — Paulo Pedrosa de Vasconcelos; PERNAMBUCO — Paulo Cavalcanti; BAIA — Arruda Camara; SERGIPE — Lindolfo Campos Sobrinho; ALAGOAS — Jarbas Cabral e Ulisses Braga Junior; ESPIRITO SANTO — Almeida Cousin e Carlos Madeira; ESTADO DO RIO — Alvarus de Oliveira; SÃO PAULO — Anibal de Andrade; MINAS GERAIS — Otavio Dias Leite; CEARÁ — Fran Martins e Antônio Sales; RIO GRANDE DO SUL — Arí Martins, Walter Spalding e Olinto Sanmartin; MATO GROSSO — José de Mesquita e Cecilio Rocha; PARANÁ — Moacir Arcoverde.

AGENTES DOS ESTADOS

São Paulo: Deomedonte Magalhães — R. Carmo 90-A; **Recife:** Alain de Vasconcellos — Rua do Livramento, 14; **Porto Alegre:** Carlos Malheiros — Pinheiro Machado, 140; **Belo Horizonte:** Otavio Dias Leite — Rua Espirito Santo, 576; **Baía:** Ghignone & Cia. Ltda. — Rua Conselheiro Dantas, 23; **Curitiba:** J. Ghignone — Rua 15 de Novembro; **Fortaleza:** Carvalho Martins & Cia. — Rua Major Facundo, 736.

IRMÃOS PONGETTI editores
Redação, Administração e Oficinas:
AVENIDA MEM DE SA', 78
RIO DE JANEIRO

PA NO RA MA

Ligeiro resumo das atividades LITERÁRIAS e ARTISTÍCAS de 1938

JANEIRO

2 — Para ocupar a vaga deixada pelo historiador e jornalista Vitor Viana, é eleito para a Academia Brasileira de Letras o Sr. José Carlos de Macedo Soares.

4 — A Convite da Academia de Ciências de Lisboa, o Sr. Pedro Calmon realiza uma conferência naquela instituição, sendo saudado pelo escritor Caeiro Matta, reitor da Universidade. Tambem usaram da palavra o acadêmico Julio Dantas e o embaixador Araujo Jorge.

11 — Afim de conceder o seu prêmio anual de "Conjunto de Obra", reuniu-se em sessão solene a Sociedade de Felipe d'Oliveira. O premiado foi o poeta Manuel Bandeira que recebeu os cinco contos de réis constantes do referido prêmio.

FEVEREIRO

6 — Vítima de um acidente de automovel, falece no Rio-de-Janeiro o jornalista pernambucano Augusto Rodrigues, irmão de Mário Rodrigues e pai do caricaturista Augusto Rodrigues Filho.

10 — No "Clube Germânia" de Porto-Alegre, é oferecido um banquete ao escritor Alvaro Moreyra e à sua Companhia de Teatro que se encontrava naquela cidade em "tournée". Saudou o conhecido cronista o escritor Viana Moog. Alvaro Moreyra agradeceu com um ligeiro e interessante discurso bastante divulgado nos jornais daquela e desta capital.

MARÇO

17 — Jorge Amado inicia no "Dom Casmurro" a publicação da sua reportagem "Ronda das Américas", onde transcreve as impressões colhidas durante o seu itinerário pela costa do Pacífico.

18 — Reune-se em sessão solene a Academia Brasileira de Letras no sentido de homenagear a memória de Gabriel D'Anunzio. Discursa o acadêmico Aloisio de Castro.

ABRIL

2 — Sob a direção do jornalista Azevedo Amaral, aparece o primeiro número de "Diretrizes", revista literária e política.

9 — É recebido na Academia Brasileira de Letras o escritor Osvaldo Orico, sendo saudado pelo acadêmico Claudio de Sousa.

10 — Passa o primeiro aniversário da morte de Arnaldo Tabayá, havendo, em sua memória, missa na Candelária promovida pelos seus amigos.

MAIO

13 — "Dom Casmurro", o hebdomadário literário de Bricio de Abreu, festeja o seu primeiro aniversário com um número especial onde colaboram os nomes mais destacados das literaturas brasileira e portuguesa de hoje.

25 — Aparece o primeiro número de 'Esfera", revista literária dirigida pelas escritoras Maria Jacinta e Silvia Leon Chalréo.

JUNHO

18 — Sob o patrocínio da Casa do Estudante do Brasil, é inaugurada num dos salões daquela instituição a Exposição de quadros do pintor pernambucano Luiz Soares, que despertou grande atenção do público carioca.

23 — Em Santos é bastante comemorado o primeiro aniversário da morte do poeta Martins Fontes.

JULHO

1 — Lançado pela Livraria do Globo, aparece o último livro do escritor gaúcho Erico Verissimo — 'Olhai os lírios do campo" — cuja primeira edição foi esgotada em menos de quinze dias.

10 — No Rio-de-Janeiro, onde residia, falece o veneravel conde de Afonso Celso, membro da Academia Brasileira de Letras e Presidente Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico.

20 — Em Porto-Alegre, no "Clube Germânia", é oferecido um grande banquete ao escritor Erico Verissimo pelo êxito do seu último romance — "Olhai os lírios do campo". Saudou o jovem escritor o Sr. De Souza Junior. O homenageado agradeceu num discurso muito significativo.

29 — A casa onde nasceu José Peregrino, em Pernambuco, foi transformada num centro de tolerância. Sobre o fato escreve o jornalista Mario Melo um artigo onde chama a atenção do governo para a irreverência à memória do grande pernambucano.

30 — Com destino a Veneza, onde vai representar o Brasil no Congresso Internacional de Cinema Educativo, parte para a Europa o escritor Dante Costa.

AGOSTO

2 — O sr. Leví Carneiro realiza importante conferência no Instituto de Estudos Brasileiros.

4 — Realiza-se no Palácio Itamaratí uma sessão solene em homenagem ao general Candido Rondon, grande sertanista brasileiro, que foi presidida pelo ministro Oswaldo Aranha.

— Após brilhante concurso, é nomeado para catedrático de Direito Constitucional da Faculdade Nacional de Direito o escritor Pedro Calmon.

5 — Com grande êxito, é estreada a primeira comédia de Cesar Ladeira — "Rifa-se uma Mulher" — pela Companhia Jaime Costa.

— O professor Nogueira de Paula, catedrático da Universidade do Brasil, inicia na Faculdade de Ciências Econômicas do Rio-de-Janeiro, um curso de extensão cultural sobre a "Concepção Moderna da Economia Política".

6 — Para uma temporada de arte teatral clássica no Casino Copacabana, chega ao Rio a grande e famosa intérprete Cecil Sorel.

7 — Falece no Rio-de-Janeiro a atriz Guilhermina Rocha, figura de grande destaque do velho teatro brasileiro.

9 — É laureado com o prêmio da Caixa Nacional de Pesquisas Científicas, de París, o cientista brasileiro Paulo Carneiro.

10 — Sob o tema "Nacionalização de Fronteiras" o jornalista M. Paulo Filho realiza, no Instituto de Estudos Brasileiros, uma brilhante conferência.

11 — No Teatro Municipal do Rio-de-Janeiro tem início a temporada lírica com a representação da ópera "Manon", cujo papel principal coube a soprano Solange Renaux.

— Para o cargo de Diretor do Serviço Nacional de Teatro é nomeado o Sr. Abbadie Faria Rosa, conhecido teatrólogo.

12 — Em três volumes ilustrados, aparece a primeira edição do novo livro do escritor Luiz Edmundo — "O Rio-de-Janeiro do meu tempo".

13 — Chega ao Rio, depois de brilhante "tournée" pelo Norte do País, a conhecida cantora Bidú Sayão.

15 — Em sessão solene, a "Casa de Castro Alves" recebe o seu novo presidente, embaixador Afranio de Melo Franco.

16 — Alcança grande sucesso a conferência do professor Lourenço Filho sobre "A Psicologia na Propaganda", realizada sob os auspícios da Associação Brasileira de Propaganda.

17 — É lançado pela Livraria do Globo o livro do escritor Viana Moog: "Eça de Queiroz e o Século XIX".

18 — Realiza-se na Academia Brasileira de Letras uma sessão pública em homenagem ao Conde de Afonso Celso, na qual o acadêmico Adelmar Tavares traça com brilho e emoção o perfil literário e moral do grande escritor.

19 — Roulien reaparece no palco, estreando no Glória, com a peça de Henrique Pongetti "Malibú".

— O Sr. Firmo Dutra realiza uma admiravel conferência, no Palacio Itamaratí, sobre 'Euclides' da Cunha, geógrafo e explorador".

20 — O pintor português Eduardo Malta inaugura a sua exposição de arte na Associação dos Artistas Brasileiros, com grande êxito.

23 — O escritor Marques Rebelo assume a chefia da redação de "Dom Casmurro", em substituição a Alvaro Moreyra.

24 — Lucienne Boyer, a grande intérprete da canção francesa, estréia no Casino da Urca.

25 — Agita-se a Academia Baíana de Letras com a eleição, considerada ilegal, da Sra. Edith Gomes Abreu. Os nomes mais brilhantes daquela agremiação prestigiam a candidatura de Eduardo Tourinho.

— É assinado o decreto-lei que equipara a Escola Nacional de Belas Artes aos demais institutos de ensino da Universidade do Brasil.

27 — Em entrevista à imprensa, o embaixador Batista Luzardo focaliza a necessidade de expansão do livro brasileiro nas repúblicas do Prata.

29 — Realizam-se as homenagens em comemoração ao cinquentenário do nascimento de Hermes Fontes, salientando-se dentre elas a oração do escritor Povina Cavalcanti na "Hora do Brasil".

— A inquietação européia sugere ao "O Globo" uma interessantíssima "enquête": "Você acredita na guerra?" Os únicos que acreditaram nela foram Gilka Machado e Evaristo de Morais...

30 — O ex-cangaceiro Antonio Silvino chega ao Rio trazendo os originais de um livro de Memórias, os quais, segundo ele, só poderão ser vendidos por 50 contos...

SETEMBRO

1 — A Cooperativa Cultural Guanabara inicia brilhantemente as suas atividades de editora lançando a "Túnica Inconsutil", poemas de Jorge de Lima.

2 — Olga Mary e Raul Pedrosa inauguram a sua exposição de pintura na Associação dos Artistas Brasileiros, com grande sucesso artístico e social.

3 — O embaixador Luiz Guimarães deixa a diplomacia para dedicar-se exclusivamente às letras. O autor de **Fra Angelico** anuncia para breve **Mala Diplomatica**, livro de reminiscências.

— A Companhia Jean Marchat realiza, por iniciativa do "O Globo", um grande espetaculo no Teatro Municipal, representando pela primeira vez no Brasil "Le Cid", de Corneille, em récita popular.

5 — O brilhante mensário de letras e arte "Aspectos", dirigido por Raul de Azevêdo, completa o seu primeiro aniversario.

6 — De partida para o Norte, onde vai escrever um livro sobre o Amazonas, o escritor Gastão Cruls despede-se do Presidente Getulio Vargas. A obra do autor de "História Puxa História" terá carater nacional e será traduzida em vários idiomas.

8 — Realiza-se na Escola Nacional de Música, sob os auspícios da Associação dos Artistas Brasileiros um concurso para pianista. Alcança brilhantemente o primeiro lugar a Sta. Honorina Silva.

10 — Encerra-se o 1.º Congresso Americano e Brasileiro de Cirurgia, realizado com grande brilho no Rio-de-Janeiro. O Ministro Capanema compareceu pessoalmente à sessão de encerramento.

11 — O Liceu Literário Português inaugura as suas luxuosas instalações no novo e monumental edifício construido especialmente. Foi orador oficial o escritor brasileiro Luiz da Camara Cascudo.

13 — Comemorando o 107.º aniversário do nascimento de Alvares de Azevedo, os intelectuais de São-Paulo realizam significativas homenagens à memória do glorioso poeta.

14 — Regressa ao Brasil o sr. Claudio de Souza, presidente do P. E. N. Clube do Brasil e da Academia Brasileira de Letras, que fôra tomar parte no Congresso dos P. E. N. Clubs em Praga.

17 — Encerra-se a semana de Estudos Turistas com uma carinhosa manifestação a Tristão de Ataíde. Augusto Frederico Schmidt sauda o homenageado numa formosa oração.

19 — Aparece em todas as livrarias a obra "NOVA POLÍTICA DO BRASIL", do Presidente Getulio Vargas. São cinco belos volumes onde enfeixam todos os discursos do Chefe da Nação, desde os primórdios da Aliança Liberal (1930) até as primeiras realizações do Estado Novo (1938). (Editor: José Olímpio).

21 — Inaugura-se na Associação dos Artistas a "Exposição de Mesas Floridas" organizada por Maria Helena de Freitas Guimarães e Gilberto Trompowski.

22 — "Dom Casmurro" inicia a publicação de uma série de cartas inéditas de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, despertando grande interesse nos meios literários brasileiros e portugueses.

23 — Surge em São-Paulo uma nova revista literária e artística, sob a direção do escritor Afonso Schmidt: "Cultura".

25 — O grande trágico italiano Ermete Zacconi encerra no Teatro Municipal a sua curta temporada, com "Rei Lear" de Shakespeare. Não há memória de um sucesso tão ruidoso como o que alcançou no Brasil o grande artista aos 81 anos de idade.

— Falece em Fortaleza o historiador Barão de Studart, fundador e presidente do Instituto Histórico do Ceará, autor de notaveis trabalhos, entre os quais o "Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro".

28 — Prosseguindo o programa de realizações culturais iniciado pelo Ministro Gustavo Capanema, o Serviço Gráfico do Ministério da Educação apresenta em artística edição a "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana" de Manuel Bandeira.

29 — Na Associação de Artistas Brasileiros inaugura-se a mostra de Arte Fotográfica.

OUTUBRO

1 — Morre no Rio-de-Janeiro o escritor e jornalista Oscar Lopes.

2 — O violinista brasileiro Pery Machado obtem grande sucesso com a sua série de concertos realizados em Hollywood, onde lhe prestam significativas homenagens.

5 — Os amigos e admiradores de Clovis Bevilacqua prestam ao grande jurisconsulto expressivas homenagens, por motivo da sua data natalícia.

6 — Agitação no mundo literário. O romancista João Alfonsus considera o livro de Henrique de Rezende "Retrato de Alfonsus de Guimarães", ofensivo à memória de seu pai. O autor contesta e indica uma comissão para apurar a realidade.

— Sob a direção artística de Murilo Araujo circula o primeiro numero de 'Foco", mensário de letras e artes.

8 — A Editora Nacional inicia uma coleção dirigida pelo escritor Afranio Peixoto, intitulada "Os Livros do Brasil". A série aparece com as "Obras Completas" de Castro Alves.

10 — "A NOTICIA", velho e querido orgão do imprensa carioca, reaparece sob a direção de Candido de Campos.

11 — É eleita a nova diretoria da Associação dos Artistas Brasileiros, da qual fazem parte Guerra Durval, Luiz Heitor e O. Bevilaqua.

13 — A abertura da Exposição de pintura de Margarida Sotello e Ismailovitch na Associação dos Artistas Brasileiros, atrai grande número de visitantes.

14 — Em belo volume, o Ministério de Educação divulga as conferências realizadas na Europa pelo professor Gilberto Freyre.

17 — Á vista do Parecer da Comissão Julgadora, a Academia Brasileira de Letras resolveu não conceder em 1938 os prêmios "Ramos da Paz" e Erudição".

19 — Abner Mourão, Henrique Pongetti, Agripino Grieco, Jorge Maia, Licurgo Costa e outros jornalistas partem para a Itália numa visita de cordialidade, à convite do governo italiano.

20 — Comemorando o centenário de sua fundação, o Instituto Histórico e Geográfico realiza brilhantes solenidades.

— E' prestada significativa homenagem ao escritor gaúcho Viana Moog pelos intelectuais residentes no Rio. No banquete realizado no Automovel Club discursaram, saudando o homenageado, os escritores José Lins do Rego, Joel Silveira e Jaime Adour da Camara.

— O professor Nogueira de Paula, catedrático da Universidade do Brasil, a convite da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, pronuncia no salão nobre da mesma Faculdade uma interessante conferência sobre **"A Evolução Histórica e os Fundamentos Científicos da Economia Matemática".**

25 — A Civilização Brasileira Editora realiza uma grande exposição e venda de livros dos melhores autores a preços populares, em plena rua do Ouvidor. O sucesso superou qualquer cálculo otimista.

26 — Patrocinadas por "Dom Casmurro", inicia-se uma série de conferências literárias sobre o tema "Moderna Literatura Brasileira". A primeira, pronunciada por Jaime Adour da Camara, provoca vivos debates

28 — Por iniciativa de Pascoal Carlos Magno, um grupo de estudantes representa no Teatro João Caetano a tragédia de Shakespeare "Romeu e Julieta".

29 — A Academia Brasileira de Letras recebe o seu novo membro, Sr. Viriato Correia, que vai ocupar a vaga de Ramiz Galvão, na cadeira de que é patrono Araujo Porto Alegre.

— Interpretando o sentimento da cidade, a Academia Carioca de Letras inaugura o busto de João do Rio nos jardins da Glória. Afonso Costa, em formosa oração, traça o perfil do grande escritor.

NOVEMBRO

1 — Reverenciando a memória de Lima Barreto, um grupo de escritores e jornalistas, numa romaria de saudade, deposita flores no túmulo do grande romancista.

3 — Inaugura-se na Feira de Amostras a 1.ª Exposição Nacional de Artes Gráficas e Evolução da Imprensa.

— O professor Nogueira de Paula, catedrático da Universidade do Brasil, recebe do Diretor do Instituto Superior de Ciências Econômicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa, convite para pronunciar, no mesmo Instituto, uma série de conferências sobre Economia Política.

4 — O professor José Mariano Filho, inicia o curso de extensão universitária sobre "A Arte Brasileira", no Instituto de Artes.

— O Clube Ginástico Português inaugura o seu novo e esplêndido teatro, estreando alí a Companhia Delorges Caminha com a peça "Iaiá Boneca" de Ernani Fornari.

5 — Instala-se solemnemente o Instituto Brasileiro de Cultura. O Dr. Raul Bitencourt, em belo discurso inaugural, analisa a vida e a obra de Rui Barbosa.

9 — Estréia no Copacabana a Companhia Bragaglia.

10 — O Premio Nobel de Literatura de 1938 é conferido à escritora norte-americana Pearl Buck.

12 — Os editores Desclée de Brower, de París e Bruxelas, lançam "O Circo" de Santa Rosa, que obteve o 1.º Prêmio de Literatura Infantil do Ministério de Educação. Uma edição primorosa que aparece ao mesmo tempo em francês e português.

15 — A Civilização Brasileira Editora, num alegre almoço de confraternização, reune auxiliares, editores e autores.

17 — Morre em Niterói o escritor Aurelio Pinheiro.

18 — Cicero Dias expõe os seus trabalhos mais recentes, na Livraria Kosmos.

19 — Inaugura-se o XLIV Salão Nacional de Belas Artes.

21 — Com o mesmo sucesso dos anos anteriores, Gilberto Trompowski inaugura a sua exposição na Associação dos Artistas Brasileiros.

24 — Um autêntico sucesso a 4.ª Conferência de "Dom Casmurro". Alvaro Moreyra narra a um público enorme as recordações de sua vida literária.

26 — O acadêmico Osvaldo Orico, julgando-se ofendido por conceitos emitidos pelo escritor Marques Rebelo no "Dom Casmurro", entra em luta corporal com este autor no interior da Livraria José Olímpio.

30 — Aparece em Fortaleza a revista literária e cultural "Valor", dirigida por Antonio Martins.

DEZEMBRO

1 — O prêmio de "Viagem ao Estrangeiro" do Salão de 1938, é conferido a Manuel Constantino, pelo seu quadro "Tentação".

2 — Conferência do Professor Herrmann Júnior sobre "A Organização Racional do Controle Econômico e Financeiro das Administrações Publicas".

5 — Tristão de Ataíde volta a firmar a crítica literária de "O Jornal".

10 — Na Academia Brasileira de Letras é empossado o novo membro Sr. José Carlos de Macedo Soares, eleito para a vaga de Vitor Viana, na cadeira n.º 12.

— Inaugura-se a Exposição do Regime (Realizações do Estado Novo e Documentação Anti-comunista)

16 — A "Medalha de Honra" do Salão Nacional de Belas Artes é conferida a Osvaldo Teixeira. E' a primeira vez que se concede esse prêmio no Brasil.

— Conferência de Austregesilo de Ataíde sobre "Os problemas da Imprensa".

23 — Realiza-se a "Ceia de Natal" dos escritores, jornalistas e artistas em geral, promovida pelo P. E. N. Clube do Brasil.

26 — Na Associação Brasileira de Educação, toma posse o novo presidente Dr. Fernando de Azevedo.

29 — Toma posse a nova diretoria da Academia Brasileira de Letras.

31 — O Presidente Getulio Vargas dirige-se ao povo do Brasil num significativo discurso pronunciado no "auditorium" da Feira de Amostras e irradiado para todo o país.

Livros sobre ESPERANTO

Compostos e impressos nas Oficinas PONGETTI

ESPERANTO

L. L. Zamenhof

"Essência e futuro da idéia de lingua internacional"

L. L. Zamenhof
ESSÊNCIA E FUTURO DA IDÉIA DE LINGUA INTERNACIONAL
TRAD. E NOTAS DE
Ismael Gomes Braga
2-VI-1937

"...No trabalho em apreço, o douto filólogo polonês, criador do Esperanto, discutiu se era necessária uma lingua internacional, se em principio ela era possivel, se havia esperança de que ela efetivamente viesse a ser introduzida na prática, quando e de que modo isso seria feito e qual a lingua adotada, se o seu trabalho teria finalidade definitiva, etc. — E discutiu as mesmas teses com um admirável poder de lógica e com um agudo senso perquiridor do futuro, tirando corolários que o tempo e os fatos vieram confirmar..."

DOMINGOS BARBOSA, em JORNAL DO BRASIL, 14-9-37.

"....Os que duvidaram das probabilidades que o Esperanto desdobrára, podem confessar, hoje, a derrota. E' o nosso caso. Ainda agora lemos com uma crescente curiosidade a "Essência e futuro da idéia de lingua internacional", *de Zamenhof... como linguagem de compreensão internacional, o Esperanto é conquista posta fóra de debates... Daí a vitória do Esperanto.. Este pequeno volume esclarece tudo isso e convence aos que ainda duvidam".*

ELÓY PONTES, em O GLOBO, de 8-9-37.

"...uma pequena brochura de menos de cem páginas, mais preciosa certamente que muito volume pesado.... Zamenhof impressiona profundamente, já pela convicção que anima as suas palavras, já pela sua dialética vigorosa em que debalde se tenta encontrar um argumento falso, um motivo precário, uma razão sem fundamento... Com sinceridade, é estupendo! — A idéia de uma lingua internacional é, antes de tudo, comovedoramente humana..."

De O IMPARCIAL, Belém de Pará, 1-10-37.

1 vol. br. 4$000

ESPERANTO

E' a mesma obra acima, no texto original, com tradução portuguesa ao lado.

1 vol. brochado 5$000

ESPERANTO

Ismael Gomes Braga

Esperanto sem Mestre

Ismael Gomes Braga
ESPERANTO
SEM MESTRE

"...As lições são extremamente intuitivas: alem de opulento vocabulário são acompanhadas

de excelentes exercicios, com a tradução dos quais o interessado, em pouco tempo, fica senhor da lingua que, por si mesma, é facílima. — "Esperanto sem mestre" está ocupando um lugar proeminente nas bibliotecas didáticas..."

J. SILVEIRA (GAZETA DE ALAGOAS).

"...O tema não se compõe de frases disconexas, de assuntos desinteressantes, massantes mesmo como é de praxe gramatical... "Esperanto sem mestre" é digno de figurar entre os melhores livros didáticos..."

LINGUA AUXILIAR

"...Minhas cordiais congratulações pela sua bonissima obra. Tenho diversos manuais de Esperanto em lingua portuguesa, mas o seu, embora tão conciso, está na verdade otimamente elaborado..."

Prof. HARRY PETERSEN

"...Depois de haver estudado atentamente o livro, tenho certeza de poder dar-lhe o nome de "triunfo". Entre muitas outras qualidades apreciáveis, tem ele a rara vantagem de servir aos graus mais diversos de intelectualidade. Consegue plenamente este objetivo pela singeleza das explicações, brevidade das lições, ausencia de complicações gramaticais, e, desde a primeira lição, contacto direto e imediato do estudante com a lingua a aprender..."

ELSA ZULEMA POLEDO, de Buenos Aires.

1 vol. br. 4$000

ESPERANTO

Metodo de Esperanto

Compilado por

Ismael Gomes Braga

"...assinala uma das mais expressivas vitórias do Esperanto no Brasil e é uma produção que consagra definitivamente o seu autor, sagrando-o como o principal apóstolo dessa idéia nova e o verdadeiro divulgador do Esperanto no Brasil.... soube conciliar as necessidades da sintese e da facilidade com a imprescindivel correção gramatical e as qualidades de um estilo primoroso..."

De O IMPARCIAL, Belem do Pará, 10-9-38.

...é um tratado perfeito, em que as sutilidades do Esperanto são explicadas com a mesma desenvoltura dos estilos didáticos aconselháveis: claras, intuitivas, e sobremodo facilitadas pela grande cultura que demonstra possuir o autor..."

J. SILVEIRA, em GAZETA DE ALAGÔAS, 18-9-38.

"...Após o conhecimento do "Primeiro Manual de Esperanto", revive "Método de Esperanto" a personalidade do Mestre, em toda a sua pujança e, aos nossos patricios, revela a magnifica e ideal figura daquele que concebeu a lingua auxiliar como importante fator de fraternidade... Parabens, pois, ao homem que vem seguindo as pégadas do imortal Tobias Leite, por mais esta vitória brasileira...."

JADDO COUTO MACIEL, Baía, 9-8-38.

1 vol. broch. 5$000, enc. 7$000

ESPERANTO

ESPERANTO - MODELO

Livro de leituras graduadas, para os cursos de aperfeiçoamento, com epígrafes e notas em português, precedido de uma história do Esperanto no Brasil até 1906, da lavra do eminente esperantólogo Sr. A. Caetano Coutinho, e, em apendice, as primeiras páginas de literatura brasileira publicadas em Esperanto.

Traz toda a segunda parte do "Método de Esperanto" e muitos outros escritos originais do dr. L. L. Zamenhof como modelos de estilo. E' o livro que todo esperantista deve ter à mão para estudo e consulta.

1 vol. br. 5$000, enc. 7$000

PRIMEIRO MANUAL DE ESPERANTO

Brochura de algibeira, contendo toda a primeira parte do "Método de Esperanto". E' uma adaptação ao português da célebre brochura francesa *"Premier Manuel de la langue auxiliaire Esperanto"*, com alguns melhoramentos inspirados pelo *"The Esperanto Home-Student"*.

Preço 2$000

ESPERANTO

Ismael Gomes Braga

VETERANO?

"...responde nessa obra às perguntas da Comissão Organizadora do Congresso Jubilar do

Esperanto sobre o movimento do idioma auxiliar em nosso país desde os primórdios da sua propaganda. E' a primeira obra original em Esperanto, que temos no Brasil, o que é de certo fato a reter e salientar em nossa história.... De fluente e agradável estilo, bom conhecedor da língua auxiliar..."

LINGUA AUXILIAR

Ismael Gomes Braga

VETERANO

2-VI-1937

THE BRITISH ESPERANTIST: "*...La verkinto iom amuze indigniĝas, ke oni rigardas lin kiel veteranon. Apenaŭ li estas komencinta sian Esperantistan vivon: li lernis Esperanton antaŭ nur* 30 *jaroj.. Post tio sekvas viglaj respondoj al la demandaro, kiuj vere prezentas historion de la Brazila movado. La tria respondo — al la demando "Kion vi mem entreprenis por la propagando en via lando", — montras la mirindan persistemon de la verkinto kaj liaj kunlaborantoj. Preskaŭ ĉiu respondo estas enkondukita per tre konvena strofo el Zamenhofa poemo...*"

HELENA ESPERANTISTO: "*...Jen 120-paĝa libro, formato 13 x 22, bone presita kaj bindita. Ĝia enhavo tre dokumentita kaj leginda, rilatas la demandaron kun la respondoj okaze de la "Festo de la Veteranoj", kiu estis aranĝita en la kadro de l'ora Kongreso en Varsovio....*"

SVISA ESPERO: "*...La respondoj montras, ke I. G.B., esperantisto de 30 jaroj, neniel sin sentas veterano, sed ankoraŭ nun estas fervora batalanto, malgraŭ ĉiuj malsukcesoj, kiujn li vidis.. Facila stilo, agrabla legado vekanta entuziasmon kaj persiston...*"

NEDERLANDA ESPERANTISTO: "*...Hieraŭ ni ricevis kaj hodiaŭ ni legis la unuan Esp.. verkon, originale verkitan kaj presitan en Brazilo. Tiu fakto mem estas gratulinda kaj tial ni komencas nian recenzon, esprimante grandan laŭdon al la samideano, kiu verkis kaj eldonigis ĝin... la verkinto en ĉi tiu libro respondas detale, plektante en la respondojn multajn historiajn faktojn, pensigajn rimarkigojn, valorajn meditojn. — La cetera parto de la libro konsistas el artikoloj koncernantaj niajn lingvon kaj movadon. Senescepte ĉiuj donas instruajn pensojn kaj spertojn, nepre legindajn. — Papero, preso kaj bindo estas tre bonaj...*"

SUDA KRUCETO (Aŭstralio): "*....Ne, ĝi tute ne estas grava libro. Ĝi ja estas pli grava por vi ol eĉ tio. Ĝi estas verketo, nura verketo, sed... kiom feliĉa! Ĝiskore ĝi plezurigos vin, anstataŭ turmentadi al vi la kapon...*"

HEROLDO DE ESPERANTO (Holando): "*...La nelacigebla fervoro, neŝancelebla kredo en la finvenko kaj multjara sperto estas ĉe la aŭtoro same elstaraj kiel lia granda modesteco kaj lia junarda koro. — "Veterano mi?!... Eksiĝita soldato aŭ emerita oficiro?!... Sed mi estas juna kaj brava batalanto!" ekkrias li en la komenco de la libro. Tamen obeeme li respondas unu post alia la demandojn, kiujn la Varsovia LKK metis al la veteranoj de nia movado.*

Sed nia brazila samideano faras tion en maniero tute propra, montrante al ni specon de historio pri brazila Esperanto-movado, kun kiu li — unu el la plej agemaj ĝiaj pioniroj — estas forte kunligita. — Al la respondaro li aldonas kolekton de propraj artikoloj el kaj ĉirkaŭ nia movado, kaj ne nur la brazila. — La lingvo estas tre bona, mi trovis nur du peketojn kontraŭ la refleksivo kaj kelkajn preserarojn. — Papero fortika, preso klara, aranĝo plaĉa, — entute eldonaĵo treege simpatia, libro valora por ĉiu esperantisto, fonto de entuziasmo kaj de firma konvinkiĝo, el kiu plezure ĉerpos ĉiu samideano — veterano kaj novulo". — T. J.

ESPERANTO (Svislando): "*....Jen la unua originala verko en Esperanto eldonita en Brazilo. En la unua parto de la libro la aŭtoro respondas al la demandaro por la "Festo de la Veteranoj", aranĝita de la Jubilea Kongreso de Esperanto en Varsovio. Tiuj respondoj prezentas samtempe valorajn detalojn por estonta historiografo de la Esperanto-movado en la granda teritorio de Brazilo kaj pro tio estas vere interesa por ĉiu Esperantisto en la cetera mondo. En la dua, pli ampleksa parto, troviĝas dudeko da mallongaj verkoj de la sama aŭtoro el diversaj epokoj de lia laborado kaj peniga propagando. La libro favore prezentiĝas ne nur laŭ enhavo, sed precipe ankaŭ pro la laŭdinda stilo kaj plaĉa aranĝo. Oni plezure povas rekomendi ĝin tiel al la ceteraj "veteranoj", kiel al pli junaj Esperantistoj, kiuj profite ĝin tralegos*".

Br. 5$000 — Enc. 7$000

Encomendas pelo serviço de reembolso postal da

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO E. BRASILEIRA

AV. PASSOS 30, RIO-DE-JANEIRO

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTERNACIONAL "BRAPEX"

A. Couto Fernandes

Emblema da "BRAPEX"

Idealizada e organizada pelo "Clube Filatélico do Brasil," realizou-se no Rio-de-Janeiro, de 22 a 30 de outubro de 1938, a 1.ª Exposição Filatélica Internacional no Brasil. Pelo decreto-lei n.º 230, de 2 de fevereiro do mesmo ano, foi a mesma oficializada e subvencionada pelo Governo Brasileiro, tendo o Exmo Sr. Dr. Getulio Vargas aceito a Presidência de Honra dessa grande realização filatélica, que recebeu a denominação de "BRAPEX", pela qual se tornou universalmente conhecida.

A Comissão de Patrocínio da Exposição era composta dos Exmos. Srs. Ministros das Relações Exteriores, da Viação e da Fazenda, da "Federation Internationale de Philatélie", de Bruxelles, e da "Federação das Sociedades Filatélicas do Brasil".

Da Comissão de Honra faziam parte os Embaixadores e Ministros acreditados no Brasil, altas autoridades brasileiras e o Presidente do Clube Filatélico do Brasil, monsenhor Luiz Gonzaga do Carmo.

Apresentado por este à Comissão Organizadora da Exposição, composta dos Srs. General Queiroz Saião, Dr. Alvaro Bernardes, Dr. Djalma Fonseca Hermes, Sr. Hugo Fraccaroli e Capitão Mirabeau Pontes, o presidente da Liga Esperantista Brasileira ofereceu os préstimos desta associação na tradução para o Esperanto dos textos dos Boletins a serem distribuidos no estrangeiro. Aceito esse oferecimento ficou combinado que a Liga organizaria um "Stand", no qual exporia prospectos, cartazes, guias, cartões-postais, selos oficiais e de propaganda do Esperanto, gazetas e revistas esperantistas, etc.

A inauguração da Exposição, que ocupou no Palácio da Escola Nacional de Belas Artes 12 grandes salões, nos quais foram instalados cerca de 1200 metros de mostruários, excedeu à mais otimista espectativa.

O Departamento dos Correios e Telégrafos, cujo Diretor é o Capitão Mário de Faria Lemos, autorizou a emissão de um selo comemorativo, em blocos de 10, com a efígie de Rowland Hill, inventor do selo, e a utilização de três carimbos especiais, que com uma só pancada imprimem em mais de uma cor, o que foi uma agradavel surpresa para os filatelistas. Um dos carimbos imprimia a estrela verde no meio de dizeres em Esperanto impressos em tinta preta.

Durante a Exposição foram vendidos envelopes e cartões-postais especialmente editados pela Comissão Organizadora e pela Liga Esperantista Brasileira, os quais estão sendo muito procurados pelos filatelistas e esperantistas estrangeiros.

A Exposição Filatélica e, portanto, o "Stand" do Esperanto foram visitados por dezenas de milhares de pessoas, que não pouparam elogios à sua organização.

Para dar uma idéia dos serviços prestados pela Liga Esperantista Brasileira vamos transcrever um trecho de um artigo publicado pelo Sr. Hugo Fraccaroli na revista "Careta": "Uma das notas mais interessantes está sendo dada pelos esperantistas. O Club tem recebido mais de uma centena de cartas e postais de todos os paises do mundo, em esperanto, todos pedindo informações, prospectos, etc., etc., de nossa exposição e do nosso país. Foi um autêntico sucesso que obtivemos neste setor o que se deve a feliz idéia de imprimir em esperanto o regulamento e mais informações sobre a "BRAPEX".

A Liga Esperantista Brasileira publicou no número de novembro-dezembro de seu orgão oficial — O Brasil Esperantista — e em separado, impresso em papel de luxo, um quadro contendo fotografias de todos os quadros que figuraram no "Stand" do Esperanto.

Prospectos, guias, folhas volantes, selos de propaganda, cartões-postais brasileiros com texto em Esperanto e chaves do Esperanto

Ilustramos o nosso artigo com algumas dessas fotografias.

Durante a Exposição, à qual concorreram cerca de 20 paises, funcionou no vasto salão de entrada uma agência postal, cujos serviços foram muito elogiados pelos visitantes. Funcionou tambem uma Bolsa Filatélica, nos moldes das realizadas em exposições congêneres.

Foi extraordinária a contribuição dos norte-americanos, os quais expuzeram mais de 500 quadros. Algumas dessas coleções foram avaliadas, cada uma, em mais de mil contos.

Todas as revistas da América do Sul, as mais importantes dos Estados Unidos, e os mais conhecidos catálogos do mundo estiveram representados na Exposição.

Aos expositores foram adjudicados prêmios, constantes de medalhas de ouro, vermeil, prata e bronze. Coube ao Sr. Ricardo R. Banchs, do Uruguai, o grande prêmio BRAPEX, oferecido pelo Governo Federal; ao Sr. Clarence W. Hennan, dos Estados Unidos, o grande prêmio BRASIL, oferecido pelo Sr. Ministro da Viação; ao Sr. Paulo Aires, de São Paulo, o grande prêmio Rio-de Janeiro, oferecido pelo Sr. Prefeito do Distrito Federal; ao Sr. Arnaldo Guinle, do Brasil, o grande prêmio América, oferecido pelo Director do Departamento dos Correios e Telegrafos e a D. Miguel Sartragno, da Argentina, o grande prêmio América do Sul.

Durante a Exposição funcionaram o 2.º Congresso Filatélico Brasileiro e o 1.º Congresso Filatélico Sul-Americano. Aquele, presidido pelo Sr. Roberto Thut, da "Sociedade Filatélica Paulista", aprovou por unanimidade, a seguinte moção, cuja proposta foi apresentada pelo Dr. Benjamin Camozato, delegado da Associação Filatélica Rio-Grandense e presidente do "Sud-Brazila Esperantistigilo":

"O 2.º Congresso Filatélico Brasileiro empresta todo apoio ao Esperanto sugerindo-se que, na Filatelia, a língua internacional seja empregada sempre que se oferecer oportunidade."

Convem recordar que o 1.º Congresso Filatélico Brasileiro aprovou uma moção recomendando o uso do Esperanto nos meios filatélicos.

Entre as resoluções do 2.º Congresso destacamos as que sugerem a criação de um Código Filatélico Brasileiro, de uma Revista Única e de um Cadastro Filatélico Brasileiro e a promoção de palestras, conferências e ensinamentos nas escolas, isto é, do aproveitamento da filatelia como elemento educativo.

O 2.º Congresso Filatélico Sul-Americano aprovou diversas moções sobre a criação da União Sul-Americana das Sociedades Filatélicas, sobre as relações entre as sociedades filatélicas e entre a filatelia e o comércio filatélico, sobre a filatelia e a educação, e sobre a radiotelefonia e a filatelia.

Carimbo a duas cores com a estrela verde impresso de uma só vez.

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

1939

N.° 3

APRESENTA:

TRABALHOS ORIGINAIS

BIBLIOGRAFIA

CRITICA

INQUÉRITOS

RESENHA DAS ARTES NACIONAIS

INFORMAÇÕES

PANORAMA DO MOVIMENTO INTELECTUAL

4 GRAVURAS A CORES FORA DE TEXTO

Organizado por:

NEWTON BELEZA — LOBIVAR MATOS
D'ALMEIDA VITOR — JOEL SILVEIRA
ANIBAL DE ANDRADE — MARIO LINHARES — SANTA ROSA — PAULO WERNECK
E PELOS EDITORES

PONGETTI

LANÇADO há três anos com a despretenciosa finalidade de ser um simples registro das atividades literárias do país, o "ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" tinha o carater de méra experiência. Entretanto, cresceu de tal forma o seu prestigio nas camadas cultas e foi tão rápida a sua infiltração em todo o territorio nacional, que passou a ocupar em nosso programa editorial, destacada situação.

Apresentando este terceiro número, forçoso é agradecer o apoio e a simpatia do público brasileiro, únicos fatores dessa vitória, afirmada pelas inequivocas demonstrações que nos chegam diariamente dos mais longinquos rincões de nossa terra.

Para os que conhecem o duro labor das letras e das artes no Brasil, não será dificil avaliar a soma de esforços e dificuldades que vencemos e teremos de vencer para apresentar anualmente, em edições sempre melhoradas, uma publicação, que, pela sua natureza especializada e estritamente cultural, pareceria fadada a uma existencia breve e obscura.

O "ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" não tem finalidades comerciais. Apresentado ao público por um preço que não cobre seu custo material, é, alem disso, distribuido gratuitamente a inumeras bibliotecas e universidades estrangeiras, num louvavel desejo de promover o intercâmbio intelectual tão necessario às nossas letras.

Mas, se nos falha o êxito facil dos resultados utilitarios, compensam-nos fartamente as palavras de estímulo e encorajamento vindas de todos os pontos do territorio nacional e de muitos países estrangeiros. Comentando o aparecimento do ANUÁRIO de 1937, João de Barros em brilhante artigo no "O SÉCULO" de Lisboa, enaltecia o mérito do nosso trabalho, incitando os editores portugueses a imitarem a iniciativa.

Em Viena, o Prof. Wilhelm Steckel declarava "não conhecer na Europa, nada que se lhe pudesse comparar". Nos Estados Unidos, "Books Abroad" e "Handbook of Latin American Studies" louvavam o empreendimento com palavras lisonjeiras. E no Brasil, o sucesso não poderia ser maior: um dos críticos mais acatados afirmava que, lançando em nosso meio um anuário com tal apresentação, "os editores chegavam ãs barras da loucura".

Dessa forma, toda a imprensa se manifestava calorosamente com palavras de estímulo, não nos faltando mesmo o aplauso de ministros de Estado e altas autoridades nacionais.

Criado com o propósito de coordenar todos os valores intelectuais do país, divulgando os nomes já consagrados de hoje e revelando os que o serão amanhã; balanceando as atividades artísticas e literárias nacionais e estimulando o intercâmbio intelectual dentro e fora do país, o ANUÁRIO pretende apresentar anualmente "o mapa da inteligência brasileira".

E a presente edição do "ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA" demonstra claramente que todos os objetivos foram alcançados.

Era tudo o que podiamos desejar.

Os Editores.

"Cabe-nos uma missão na América e no mundo. Donos de meio continente, tendo de mobilizar riquezas e criar uma civilização própria, já não podemos permanecer em atitude passiva, deixando indefeso o patrimônio histórico que nos foi legado".

Como "AQUILO" aconteceu...

Depoimento sobre a origem e a realização da "SEMANA DE ARTE MODERNA"

Menotti Del Picchia

A história da "Semana de Arte Moderna" não tem sido bem contada. É muito interessante, sobretudo muito significativa, pois foi o "marco oficial" da revolução espiritual do Brasil. Fixou uma data: foi um divisor de águas.

Toda a reação literária contra o que se denominou "passadismo" partiu de S. Paulo. A adesão de Graça Aranha, Ronald, Manuel Bandeira e alguns outros elementos não bandeirantes, veio provar a força e o prestigio do núcleo paulista que alteava a bandeira vermelha da insurreição. Eram essas vozes esparsas. Na Paulicéa o bando era espêsso e coordenado.

A "Semana" nasceu assim. Oswald de Andrade, que raspara suas barbas flamengas e o parnasianismo de que andava enxarcado — parnasianismo que o colocara, nas páginas do "Pirralho", violentamente contra mim, na ocasião que publiquei o "Moisés — procurou-me no Hotel Central, onde então me hospedava, vindo de Itapira. Fizemos aliança. Oswald sempre foi um inquieto. Nessa ocasião, era um reboliço! Fermentava um azedo toxico revolucionario no seu cerebro de conspirador intelectual. Fizemos, então, a descoberta de uma personagem tenebrosa, solitaria e rebelde, que dirigia o "Echo", numa saleta empoeirada que ficava bem no alto de uma escada cujos degraus pareciam que iam rachar a cada passo. Era Mário de Andrade.

Eramos dois; viramos três. Mário redigia as estrofes incandescentes da "Paulicéa Desvairada". Oswald escrevia "Os Condenados" e eu o lirismo delirante do "O HOMEM E A MORTE". Guilherme de Almeida e Monteiro Lobato eram nossos amigos mas não participavam da conjura. Monteiro sempre foi um livre-atirador solitario. Guilherme, em pleno sucesso com a retumbante publicação do "Nós", vivia para seu círculo fidalgo e fechado. Nós três eramos os petroleiros, si bem que então eu dispusesse de um grande jornal: o "Correio Paulistano" e tivesse obtido certo êxito público com a publicação de "Juca Mulato" e "Laís".

Nessa ocasião as coisas precipitaram. Di Cavalcanti, um Beardsley perdido na roça, expunha em S. Paulo seus desenhos estranhos. E foi então que descobrimos Brecheret. Brecheret era, sósinho, uma revolução. Punha nas suas estatuas trágicas os musculos descarnados de Mastrovich e lembrava Greco nas lugubres deformações das suas figuras. Esculpia num sotão gelado do Palacio das Industrias uns mostrengos enormes, uns bonecos esqualidos e ameaçadores. Defendia seu antro com dentes de lobo. Era feroz.

Certa manhã o surpreendemos. Ele reagiu: não queria saber de ninguem! Agarra-

O Lirismo da Pedra

O vento fez cair na frincha duma pedra
a semente que vem de uma árvore copada.
E lá, onde o capim dificilmente medra
a semente vingou.
Um dia a passarada
há de cantar no verde aéreo da ramada
suas canções de amor. Mas não verá ninguem
que essa árvore nasceu dum sonho bom da pedra
de dar à luz do sol a alma que ela tem.

Oliveira Ribeiro Neto

---

mo-lo e fizemo-lo o caudilho artístico da revolta madura para explodir. A coisa viera a furo: a conspiração estava na rua. Foi então que no Rio rebentou Graça Aranha. O grande animador rodeou-se logo de discípulos inflamados. Articulou-se conosco. Tratamos de reunir as forças. O presidente do Estado era o Dr. Washington Luis, considerado o conservador fero e taciturno, mas no fundo um espírito arejado, rasgador de caminhos. Procurei sua aliança: queriamos o "Correio Paulistano", o Teatro Municipal e dinheiro. Paulo Prado — um florentino com alma de Papa da Renascença e René Thiolier, uma força social — aliaram-se à aventura. Paulo Prado era unha e carne com Graça Aranha. Tudo ficou acertado em pouco tempo. O governo conspirava ao lado dos intelectuais. E veiu a "Semana de Arte Moderna", uma coisa indefinivel, eclética, amorfa, sem unidade interior como todas as revoluções. Sabia o que "não queria", isto é, destruir o "passadismo", mas não sabia o que queria. Era mais uma ameaça de destruição que um propósito de construção. Bastava isso: desmantelar o academismo, desmoralizar o parnasianismo, rasgar campo para as vocações novas, quebrar fórmulas, desentulhar o caminho.

Três noites memoraveis num ambiente elétrico: a primeira de calma e de ânsia, capitaneada por Graça Aranha. A segunda, catastrófica: eu a liderei apresentando a turma dos escritores novos: Osvald, Mário de Andrade, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Ronald, Ribeiro Couto e outros mais. Foi uma noite de uivos, de vaias, um inferno! Por fim coube a Ronald aguentar a platea já desacalmada, numa terceira noite espantosa, na qual só faltaram linchamentos. Mário de Andrade falou da música moderna: Vila Lobos era o corifeu...

Ao lado de toda essa retórica, a documentação plástica da revolução em marcha: a escultura de Brecheret, projetos de Moia, pinturas da Malfatti. O "hall" do grande Teatro parecia um pateo de milagres: quadros incriveis dependurados nas paredes e torços mutilados, figuras aos pedaços em cima dos socos. E o povo a urrar, a vociferar, a injuriar... Verdadeira Semana do Terror.

Depois o grupo cindiu-se: "antropófagos", com Bopp, Osvald de Andrade, Osvaldo Costa, já com a adesão de Tarcila e "verdamarelos" comigo, com Plinio e com Cassiano que vinha do lado de lá. "Klakson"... Folhas literarias nos jornais.

O Brasil, por longo tempo deixou a revolução encurralada em São Paulo. Joaquim Inojosa tentou levá-la a Pernambuco, onde foi quasi mentalmente trucidado. O Paraná respondeu com uma inconfidência frusta ao nosso grito. Depois a coisa venceu. E quando venceu -- isso levou talvez dez anos — não tinha mais nenhum interesse. As coisas novas envelhecem muito depressa nos rebanhos humanos...

OS MEUS HAIKAI

Guilherme de Almeida
(Da Academia Brasileira de Letras)

Ocidentalmente — ou acidentalmente, se quiserem — o velho Pierre Louys teve razão: —"La poésie est une fleur d'Oriente que ne vit pas dans nos serres chaudes. La Gréce elle-même l'a reçue d'Ionie et c'est de là aussi qu'André Chénier ou Keats l'ont transplantée parmi nous, dans le désert poétique de leur, époque, mais elle meurt avec chaque poète qui nous la rapporte d'Asie. Il faut toujours aller le chercher à la source du soleil"...

Lá , onde nasce a luz, nasceram a humanidade e a sabedoria e, com elas, a sua mais luminosa, mais humana e mais sábia forma: a poesia. E, como o sol, veio ela vindo para o Ocidente; e, como ele, talvez, brilhando mais, tanto mesmo que obrigou os homens a fechar os olhos que não puderam resistir ao seu clarão. Incapazes de contemplá-la, dizem eles, agora, nestas longitudes, que "a poesia morreu". Não morreu: continuou a descer, com o sol: teve o seu crepúsculo; e está agora, estará sempre renascendo no Levante.

Olho para aí e aí descubro, no seu aspecto mais simples, e, pois, mais exato, a poesia: toda consubstanciada no haikai.

Mas, o que é o haikai? — Criado por Bashô (Sec. XVII) e humanizado por Issa (Sec. XIX), o haikai é a poesia reduzida à expressão mais simples. Um méro enunciado: lógico, mas inexplicado. Apenas uma pura emoção colhida ao vôo furtivo das estações que passam, como se colhe uma flor na primavera, um raio de sol no verão, uma folha morta no outono, um flóco de neve no inverno... Emoção concentrada numa síntese fina, poeticamente apresentada em dezessete sons, repartidos por três versos: o primeiro de cinco silabas, o segundo de sete e o terceiro de cinco. Impressão breve, mas tão extensivel, desdobravel: "pastille fumante"... Assim por exemplo:

"Furu-ike ya
Kawazu tobi-kamu
Mizu no oto",

que é a muito citada e recitada "Solidão", de Bashô, e que traduzida em prosa e livremente dá isto: — "No tanque morto, | o ruido de uma | rã que mergulha".

* *
*

Vinte anos de poesia — uns trinta livros de

versos escritos e uns vinte publicados — levam-me hoje à conclusão calma (que não é uma negação à minha nem um sarcasmo à obra dos outros) de que não há idéia poética, por mais complexa, que, despida de roupagens atrapalhantes, lavada de toda excrecência, expurgada de qualquer impureza, não caiba estrita e suficientemente, em última análise, nas dezessete sílabas de um haikai. "O Melro", "O Navio Negreiro", "A Vingança da Porta", o "Ouvir Estrêlas", os trinta e três sonetos do meu "Nós" (no caso, não é pretensão, senão méro estoicismo, o colocar-me em tão superior companhia) poderiam ter sido reduzidos a simples haikai. Questão, apenas, de coragem: coragem de renunciar a si mesmo, a uma porção de enfeites, de superfluos mais ou menos bonitos, para só manter um essencial. Ao escrever o primeiro, maravilhoso verso da sua "Brise Marine", Mallarmé fez um haikai: — "La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres!" Mas, não teve coragem de parar aí: sob esse essencial, alinhou quinze superfluos. É a poésia dispersiva do Ocidente.

* *
*

Uma tarde, há pouco tempo, eu me perguntei: — Será possivel o haikai em outra língua que não a japonesa?

Franceses de hoje, como Jules Supervielle, Tristan Deréme, Robert de Souza, Fernand Lot; alemães, como Ernst Wohlfarth, Otto Thonak, F. Rumpf; e ingleses, e italianos e até já alguns patrícios meus, teem tentado o haikai, mas sem disciplina, sem um eficiente trabalho de aclimação, uma justa observancia e adaptação dos processos e rítmos originais: apenas li-vre-men-te. Referindo-se a tais tentativas, declarou um grande espírito do Japão, na noite de 5 de maio de 1936, quando conviva de honra do jantar do P. E. N. Clube de Londres, rematando o seu discurso no "Pagani's Restaurant": — "Penso que não é possivel tentar a forma de dezessete sons em língua alguma que não a japonesa. O poeta, que quisesse escrever poemas como os haikai, bem andaria em escolher uma pequena forma poética que melhor se adaptasse à sua língua materna"...

Ora, eu quero até certo ponto contrariar — e contrariar é sempre a maneira mais evidente de admirar — a absoluta autoridade do grande Takahama Kyoshi. Todos os elementos e todos os processos do haikai podem ser encontrados e empregados na poesia nossa, geograficamente antípoda da sua. Antípoda... "Os extremos se tocam" — este é, para mim, um dos únicos proverbios que, até hoje, conseguiram "acontecer".

As mesmas analogias plásticas que Georges Bonneau (o verdadeiro revelador do haikai no Ocidente) notou entre a poesia japonesa e a francesa, descubro, e mais estreitas ainda, entre aquela e a nossa, a luso-brasileira. Estas, por exemplo:

1) A poesia japonesa é silábica (isto é, conta sílabas e não acentos), como a nossa.

2) São comuns a ambas as línguas as "sonoridades elementares", ou "vogais:" a, e, i, o, u.

3) Os rítmos impares "elementares" (de 5 e de 7 sílabas), peculiares à língua japonesa, tambem o são à nossa. O verso segundo do haikai, o de 7 sílabas, é a redondilha, que nasceu com a nossa poesia na Galliza, fez-se a medida clássica de todos os nossos importados "romances", a música natural da nossa "trova" popular, o diapasão da "modinha" capadócia, a nossa expressão folclorica por excelência, e mesmo a medida inconciente, automática, da nossa fala. Diz-se até que nós falamos, sem o querer, por setissílabos. Os proverbios, os ditados plebeus são exemplo disso: — "Nem tudo o que luz é ouro"; "Água mole em pedra dura — tanto dá até que fura", etc... O outro rítmo do haikai — o verso de 5 sílabas — é tambem velho e habitual na nossa língua. Vem dos estribilhos medievais, dos refrões dos "Cancioneiros": "D'amores ei mal" (Ruy Paes de Ribela); "Os amores ei" (Pero Alcobo), etc.; tornou-se a toada usual nas serranilhas brasileiras:

"Papagaio louro
Do bico dourado
Leva-me esta carta
Ao meu namorado";

das nossas tradicionais "Pastorelas":

"Bela Pastorinha,
Que fazeis aquí?
— Pastoreando o gado
Que eu aquí perdi";

foi o verso das "Tayêras", sob "a ação burlesca da raça negra" "Silvio Romero);

"Virgem do Rosario
Senhora do mundo,
Dai-me um côco d'água
Senão vou ao fundo";

foi a cadência favorita das nossas "rondas" infantis:

"Coisa ruim, tem-tem,
P'ra ganhar vintem";

e de todas as nossas "cantigas-de-ninar":

"Tutú Marambaia
Sáia do telhado.
Deixe este menino
Dormir sossegado"...

* *
*

Servindo-se de todos esses recursos técnicos; e ainda das mesmas onomatopéas, aliterações, etc., que caracterizam os epigramas japoneses dos dezessete sons; e, mais, procurando assimilar aquele "senso do símbolo" que possue, como nenhuma outra, a gente do outro-lado-do-mundo (senso esse que é a grande lição levantina, e tão extremado que faz, como diz Bonneau, com que, no haikai, o "sentido profundo do poema não tenha, às vezes, qualquer analogia com as palavras que o compõem"); e, a final, acrescentando à minuscula pastilha nipônica um doirado todo nosso — a rima —, a única corda que conseguimos acrescentar à lira dos gregos, essa

"Rime, qui donnes leurs sons
Aux chansons" (Banville);

chego a estabelecer a fórmula do "meu" haikai. Esta fórmula:

— os três versos japoneses, na sua ordem original: 5-7-5;

— o primeiro rimando com o terceiro;

— o segundo — setissílabo — com uma rima interna: a segunda sílaba rimando com a sétima — o que não se pode dizer que seja uma extravagancia numa língua em que tal artificio frequentemente aparece, como nos proverbios populares: "Por fora, bela viola, — por dentro, pão bolorento" (fora" com "viola"; "dentro" com "bolorento"); e processo esse que cria um verso tambem de 5 sílabas pela subtração de 2 sílabas a que a rima força (7—2=5), verso esse que se integra facilmente na música dominante da pequena estrofe, que é a música do pentasíilabo;

— sentir, pensar e não dizer: sómente insinuar.

* *
*

Mas... "res, non verba": alguns exemplos, agora, desse haikai.

(Dizem os japoneses que o haikai não deve ser explicado. Nós, porem, apenas iniciados, ainda não familiarizados com o espírito e a forma da exigua novidade, não podemos, por enquanto, dispensar algumas explicações).

A flor, que se desfolha, é bem uma lição moral de alta caridade; dir-se-ia que ela se despe do que é seu, que ela toda se dá à terra humilde, para que o pobre chão, a seus pés, pense que tambem é capaz de florir:

CARIDADE

Desfolha-se a rosa:
parece até que floresce
o chão cor-de-rosa.

Um dia do passado — céu azul varado de sol fino de ouro — que ficou numa vida, sugere a idéia da borboleta que os colecionadores espetam no quadro melancólico. Colorida e linda ainda, parece viva; mas está morta, bem morta:

AQUELE DIA

Borboleta anil
que um louro alfinete de ouro
espeta em Abril.

O haikai japonês acompanha o progresso: está sempre "à la page", explora frequentemente temas modernos (a aviação, o cinema, o rádio...). Aquí está um de inspiração mecânica, atual: todo um romance — o das imperceptiveis criaturas pelas quais a vida parece que passa sem nada deixar nem levar, como os trens-de-ferro pelas estaçõezinhas insignificantes onde ninguem embarca nem desembarca:

HISTÓRIA DE ALGUMAS VIDAS

Noite. Um silvo no ar.
Ninguem, na estação. E o trem
passa sem parar.

Uma definição do amor: uma ave vôa alto, entre a terra e o sol; a sua sombra projeta-se no chão, assustando-o, movimentando-o todo; e vai-se; "Ela" é a ave; "Ele", o chão extático:

NÓS DOIS

Chão humilde. Então,
riscou-o a sombra de um voo.
"Sou céu!" — disse o chão.

É das nossas lagrimas, muitas vezes, que nascem as mais brilhantes alegrias. Pois não é nas gotinhas de orvalho, de manhã, que o sol mais brilha? Desse pensamento derivou este haikai:

CONSOLAÇÃO

A noite chorou
a bôlha em que, sobre a folha
o sol despontou.

Sensação desagradavel do Noroeste paulistano — o vento morno que arranha os nervos da gente:

N. W.

Dilaceramentos.
Pois tem espinhos tambem
a rosa-dos-ventos.

Uma imagem do silêncio das nossas caatingas — o silêncio agudo, todo aliterado em "ii", feito todo de tinidos de insetos sutis:

QUIRIRÍ

Calor. Nos tapetes
tranquilos da noite, os grilos
fincam alfinetes.

Descrição da velhice — a partida das ilusões como folhas de outono; o gesto sem verdes, sem esperanças, para o céu; os cabelos grisalhos; a solidão é o egoismo dos velhos:

VELHICE

Uma folha morta.
Um galho no céu grisalho.
Fecho a minha porta.

Um último exemplo: a definição do haikai num haikai. Que é ele afinal? — O grãozinho de ouro que os lavageiros pacientes descobrem lavando a terra aurifera e deixando escorrer a ganga impura:

O HAIKAI

Lava, escorre, agita
a areia. E enfim, na batêa,
fica uma pepita.

* *
*

Aí está.

Compreenda-se bem: trata-se ainda de uma experiência — mais nada.

O que eu reclamo, para esses versos, não são as rugas fundas na testa séria, para a sentença que absolve ou condena; mas as rugas leves, nos cantos dos labios espirituosos, para o sorriso que não absolve nem condena porque... porque o sorriso é ainda a única coisa, no mundo, que não pode ser ridicula...

Notícia dos Escritores do Rio

Emil Farhat

Encerrado o ano de 1938, apareceram algumas reportagens sobre os livros publicados durante os últimos doze meses. A primeira vista, parece que não trabalharam muito os escritores brasileiros. Houve mesmo um artigo estampado numa revista carioca, em que seu autor citava apenas quatro ou cinco nomes de amigos pessoais, dando a endender que foram os únicos que fizeram algo de apreciavel.

Mas a verdade é felizmente bem outra. Trabalhou-se em todos os setores da literatura. A pesar dos que combatem os assuntos brasileiros como "regionalismos" desta ou daquela parte do país, a maior parte dos intelectuais continua, com grande acerto, se dedicando, no romance, nos estudos sociais e históricos, na poesia, e até no teatro, a problemas nossos. Os romancistas atenienses, os poetas gregos vão felizmente sendo alijados pelos escritores que trazem para seus livros a vida e os sentimentos do povo brasileiro.

Como o título desta reportagem está indicando, só falaremos aquí dos escritores que moram no Rio e sobre os quais, aliás, não nos foi facil obter informações. Sem nenhuma preocupação de apresentação por ordem de importância, iremos falando daqueles cujos nomes se acharem nos primeiros degraus da memoria.

Um jornal que está bem à nossa mão, estampa uma entrevista de Peregrino Júnior defendendo a memória de Machado de Assis. E isso é curioso, quando os renitentes porque-me-ufanistas atacaram Peregrino como tendo "denegrido" a memória do autor de "Braz Cubas" porque, no seu livro "Doença e Constituição de Machado de Assis", estudou a influência da epilepsia na vida e na ação intelectual do mais falado dos escritores brasileiros. Além dessa contribuição curiosa sobre Machado, Peregrino assinou crônicas semanais em "Careta", e publicou um livro de medicina.

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade é, tal como Peregrino Júnior, um dos brilhantes auxiliares de que o ministro da Educação se fez cercar. Antes de falarmos de Carlos Drummond, que continuou apresentando poemas de grande vida e força nas páginas das nossas melhores revistas literárias, convem elogiar aquí a ação de autor desconhecido que resultou na publicação, pelo ministério da Educação, de obras valiosas, como as antologias poéticas, comentadas magistralmente por Manuel Bandeira. De Carlos Drummond, que não foi absorvido pelos afazeres de oficial de gabinete, sabe-se que está preparando um livro de poemas.

Livros de poemas publicaram Murilo Mendes (um dos quais a edição foi recolhida pelo próprio autor), Rossine Camargo Guarnieri, um poeta que atracou bem com o seu "Porto Inseguro", Vinicius de Morais (cuja bela assinatura vemos igualmente em todas as licenças da censura cinematográfica), Jorge de Lima, e três poetas novos que se amontoaram num livro só: Augusto de Almeida Filho, Anuar Fares e Vito Pentagna. Sobre vates, três deles fizeram belíssimos poemas de sensualismo: os católicos apostólicos Frederico Schmidt, Jorge de Lima e Vinicius de

Morais. Murilo Mendes continua, porem, sendo o mais humano e o mais independente de todos os católicos.

Em matéria de "record" de produção, Nelson Werneck Sodré, um dos nossos críticos de maior solidez, e que nos deu no ano passado uma profunda "História da Literatura Brasileira — seus fundamentos econômicos", vae aparecer este ano com quatro livros novos, resultado de trabalhos anteriores: um sobre o Oeste brasileiro, um "Panorama do 2.º Imperio", "Orientações do pensamento brasileiro" e a segunda edição da sua "História da Literatura."

Critico igualmente, o sr. Eloy Pontes apareceu como biógrafo de Raul Pompéia, e em 1938, quasi ao finalizar o ano, lançou pela Editora José Olímpio a "Vida Dramatica de Euclides da Cunha", que já vem para segunda edição. O ex-crítico literário do "O Globo" foi tambem durante todo 1938 assíduo colaborador da "A Tarde", da Baía e do "Correio do Povo", de Porto Alegre, em cujas colunas fez semanalmente notas sobre livros e escritores do país.

Surgiu tambem um novo crítico, Rosário Fusco, que chegou com grande ímpeto e coragem, assinando rodapés no suplemento literário do "Diario de Notícias". Rosário Fusco trabalhou tambem no seu encravado estudo sobre "Amiel".

Pinheiro de Lemos é o novo crítico do "O Globo".

E Tristão de Ataíde voltou à velha lide da crítica. Mas até agora ninguem o leu, a não ser ilustres reverendos pois que, tal como aconteceu com a política e a cátedra, quando as tentou, o conhecido ensaista já está mostrando tambem na crítica literária as preferências do seu extremado sectarismo religioso. Alguem já disse que o Sr. Tristão é um espírito que se asfixiou com tanto incenso e sofreu indigestão com as hóstias engulidas nos anos que se seguiram à sua conversão. Depois que se tornou industrial, industrializou igualmente a produção literária, e escreve em jatos contínuos. Deu "Idade, Sexo e Tempo", e saiu pelo interior a fazer conferências. Com a ajuda dos irmãos de credo, o livro chegou à terceira edição. Aliás dizem que o livro trata dos assuntos chamados escabrosos, nova e moderna preferência dos irmãos em Cristo.

Outros que a literatura ganhou em 1938: Osório Borba e Luiz Jardim. O primeiro, experimentado jornalista, tinha sido tragado pela política, e parecia estar contaminado do pudor que parlamentares e estadistas sempre mostraram entre nós pelas atividades literárias, exceto é verdade algumas figuras do Segundo Império, e atualmente, o Sr. José Américo. Vivo, venenoso e agil, com uma grande capacidade de analisar e descobrir, Osório Borba, com a acuidade que lhe deu a vida de jornal, entrou vitoriosa e resolutamente pelas páginas das nossas revistas e suplementos literários, acutilando deuses e dando estocadas em medalhões. Luiz Jardim, pintor pernambucano, veio ser contista com felicidade e sucesso. Tem um romance planejado, e foi o vencedor, com "Boi Aruá", do 1.º prêmio de literatura infantil, do Ministério da Educação.

Falamos acima do Sr. José Américo. Depois dos ultimos acontecimentos políticos, o autor de "Bagaceira" pareceu a muitos haver emudecido. Mas a notícia que temos é de que ele se acha trabalhando com grande intensidade nas suas "Memórias", cuja primeira parte já foi anunciada. Parece que, tal como Humberto de Campos, o ex-ministro reservará parte de suas confidências político-literárias para só publicá-las mais tarde. Companheiro do Sr. José Américo no Tribunal de Contas, o Sr. Otávio Tarquínio de Sousa deixou a crítica temporariamente, mas assumiu a direção da "Revista do Brasil", onde vem procurando incentivar o nosso movimento literário.

Em 1938, compareceram tambem com grande assiduidade nos suplementos literários dois velhos militantes de jornal: Genolino Amado, o ensaista de "Vozes do Mundo", e Valdemar Cavalcanti. Dois primeiros lugares são atualmente ocupados por Genolino no cenário das nossas letras: é o intelectual que mais ganha escrevendo, e o que tem incontestavelmente maior número de leitores, só igualados a outro grande cronista, Rubem Braga. Genolino trabalha muito, grande parte do dia, e todos os dias. Escreve crônicas diárias para duas ou três estações de rádio, artigos para vários jornais, crônicas para o "Diário da Noite" sob o pseudonimo de Tirone, e ainda consegue tempo para traduzir livros. Valdemar Cavalcanti chegou do Norte no meio do ano, e está semanalmente no "Diário de Noticias" e no suplemento do "O Jornal", onde faz estudos e apresenta novas teorias literárias... E' senhor absoluto da qualidade clássica adquirida por todo antigo reporter: tem um grande senso de observação.

Rubem Braga, o cronista bíblico, saboroso, romântico e corajoso, de um extraordinário espírito de observação que lhe auxiliaria a ser talvez um dos maiores romancistas do Brasil, apresentou crônicas em um sem número de revistas, e instituiu o "Grifo 7", onde conquista diariamente novos leitores para "O Imparcial". Houve o boato de que Rubem se achava trabalhando num romance, o que asseguramos não ser verdade. Esteve, sim apontado como um dos quatro peores poetas vivos do Brasil, mas Osório Borba o elevou de categoria, salvando-o de fazer companhia a Carlos Lacerda, Francisco Mangabeira e um outro que pretendeu arrumar em versos notícias horriveis sobre bombardeios da Espanha...

Carlos Lacerda firmou-se ainda mais em 1938 como ensaista de assuntos políticos e econômicos de larga cultura, e escreveu menos estudos sobre escritores, no que aliás vinha revelando um grande talento crítico. Colaborou muito no "Observador Econômico", a ótima revista de Olímpio Guilherme, na "Revista Acadêmica", "Para Todos", "Diretrizes" e "Esfera".

Jaime de Barros entrou na diplomacia, mas não abandonou o seu "Espelho de Livros" do "Diário da Noite". E já anuncia para este ano o segundo volume de suas críticas literárias. Jaime Adour da Camara retornou ao Rio depois de muitos anos de mato. Ainda não está publicando quasi nada, mas sabe-se que trabalha num livro.

Gastão Cruls publicou um livro de contos, "História puxa história", que vem alcançando sucesso.

Mário de Andrade que, como Rossine Camargo, é um paulista que o Rio ganhou, fez alguns artigos, falou de coisas sérias na língua comum, mas parece que prefere usar para a literatura o mesmo idioma de uso particular de "Macunaima". Mário, porem, continua sendo um sujeito inteligentíssimo. Almir de Andrade, que já fez as pazes com o velho Freud, tem assinado a crítica literária da "Revista do Brasil". E' nesse setor, um nome, sustentando opiniões sem sectarismo e com grande elevação.

No Brasil, o jornal continua o grande celeiro de homens da literatura. Abramos um ligeiro parêntesis, antes de falarmos de mais dois jornalistas, para uma pequena opinião que muita gente reconhece como justa: há escritores no Brasil que teriam outra capacidade literária e seriam melhor difundidos se tivessem a experiência de jornal. Não só a experiência de redigir; tambem a de observar e aprender melhor o fato central, o ponto culminante e "noticiavel" de qualquer assunto. Tambem no que diz respeito ao próprio estilo, quasi desgracioso, dificil e empolado entre muitos escritores e revelando até um pedantismo fora de época. Há secretários de jornal que, sendo inimigos de literatura, são os melhores professores da dificil arte de escrever, porque cortam impiedosamente, do que o "foca" escreve, tudo o que cheirar à literatice ou devaneio artificialista.

Os dois jornalistas de maior graça literária entre os que só se dedicam aos assuntos do dia são agora Austregésilo de Ataide e Barreto Leite. E aquí vai uma revelação sobre Ataide: é romancista inédito, e tem tanto como dois romances. O ilustre diretor do "Diário da Noite" talvez tenha ficado impressionado com aquela leviana afirmação do beletrista Afrânio Peixoto, para quem "a literatura é o sorriso da sociedade". E' esse "pudor" que afasta muito político até de escrever os livros de memórias, que o próprio Austregésilo de Ataide está pedindo, por serem a unica maneira de fixar esse instante brasileiro em páginas que, pelo menos mais tarde, se poderão tornar públicas. Barreto Leite voltou no decurso de 1938 a militar ativamente na imprensa. E' ele o autor dos magníficos "Golpes de Vista", que o "Diário de Notícias" apresenta cotidianamente na sua quarta página.

Dois professores que deixaram a cátedra de direito estão disputando o tema Tobias Barreto. São eles: Hermes Lima e Roberto Lira. Este último tambem colabora num vespertino, infelizmente numa coluna onde só aparecem fosseis ou incensadores dos deuses da hora. "Policia e Justiça para o amor" foi publicado em 1938 pelo Prof. Lira, que agora está ocupando a promotoria. Se a Faculdade de Direito perdeu o professor Hermes Lima, a literatura ganhou o ensaista capaz de nos dar muita coisa rica e substanciosa, e que no ano passado trabalhou no livro sobre cujo tema acima falamos. Hermes Lima foi tambem frequentador constante das revistas literárias, dos suplementos e das páginas de artigos assinados dos nossos jornais.

Álvaro Moreyra comemorou no ano passado o seu quinquagésimo aniversário. Fato curioso verificou-se com o numero especial que a "Revista Acadêmica" dedicou ao grande

cronista e teatrólogo: todos os que escreveram sobre Álvaro Moreyra salientaram a profunda influência renovadora que exerceu sobre as novas gerações literárias brasileiras e a permanente mocidade de seu espírito, mocidade essa que lhe valeu não ter sido posto nas prateleiras da disponibilidade, como outros de sua idade que se fossilizaram.

Falamos em teatrólogos. E vamos citar quatro deles dos mais ativos e interessantes: Maria Jacinta, Raimundo Magalhães Júnior, Joraci Camargo e Ernani Fornari. Maria Jacinta, depois do grande sucesso do "Gosto da Vida", está preparando uma nova peça de muito fôlego. Raimundo Magalhães Júnior apresentou "Mentirosa", com grande êxito. Joraci Camargo escreveu uma peça de propaganda política. E Ernani Fornari está vendo sua peça "Iaiá Boneca" chegar a uma centena de representações.

Ficaram por fim os romancistas de quem aliás se tem falado mais. José Lins do Rego nos deu um de seus livros mais ricos em conteudo humano, "Pedra Bonita". Tambem escreveu para jornais e revistas. Graciliano Ramos trouxe "Vidas Secas", um livro de espantosa simplicidade, onde ele conseguiu gravar a história de uma família composta de personagens de inteligência a mais primitiva e rudimentar dos nossos sertões. Graciliano tambem escreveu numerosos contos, e sairá uma coletanea dêles este ano. Tem em começo uma série de romances.

Anibal Machado, um dos nossos melhores contistas, romancista do mais que prometido "João Ternura", confessou-nos há dois dias que nunca trabalhou tanto na sua vida como em 1938. *Se continuar assim teremos em* 1939 *o seu romance, cujo sucesso todos asseguram. Lúcio Cardoso nos deu "Mãos Vasias", um romance em que ele volta do mergulho à "Luz do Subsolo". Tambem produziu contos e artigos.*

Marques Rebelo passou a redator-chefe do "Dom Casmurro" e escreveu ali os "Depoimentos". E escreve ainda o seu anunciado romance "A Estrela sobe".

Galeão Coutinho continua trabalhando em romances, depois do seu êxito de "Simão, o Caolho". Em 38 *deu "Vovó Morungaba".*

Lúcia Miguel Pereira obteve merecido sucesso com "Amanhecer", que tudo indica caminhar para segunda edição. Joel Silveira está prometendo um romance e um livro de contos em colaboração com Amadeu Amaral. Prudente de Morais Neto voltou a ser "Pedro Dantas". Lia Correia Dutra, que tem um romance terminado, e Dias da Costa vem assinando acurados estudos sobre os nossos romancistas de maior evidência. Astrogildo Pereira, que é um seguro ensaista, reapareceu depois de uma muito longa ausência. Wilson Lousada tomou lugar certo no "Dom Casmurro" e alí se vem dedicando à crítica literária. Moacir Werneck de Castro publicou um ótimo estudo sobre a revolução praeira, na revista "Problemas", sendo o que de melhor se fez até hoje sobre o assunto.

Mais alguns nomes poderiam ser citados, principalmente entre os novos: Donatello Grieco, que a pesar dos milhares de volumes sobre Napoleão ainda teve a coragem de publicar mais um. Lobivar Matos, poeta de "Aerotorare" e que se vai lançar como contista; Francisco Karam, que guardou todos os poemas que escreveu este ano; Nélio Reis, que prepara um outro romance; Wagner Cavalcanti, jornalista profissional, com um romance anunciado "O poeta nasceu em Catumbí"; Josué Montelo tem para publicar "Sobrado", romance; José Condé, outro novo que escreve um romance e é um dos realizadores do suplemento literário do "Diário da Manhã", de Recife; Medeiros Lima, tambem com um romance já pronto. E mais ainda novos ensaistas: Evaristo de Morais Filho, José Honório Rodrigues, Clovis Ramalhete.

Como o título indica, esta reportagem tratou apenas dos escritores que residem no Rio. Há evidentemente outros nomes por aquí: os dos figurões da Academia. Mas essa gente já se acha nos cimos da glória. Não é preciso que os apontemos: eles aparecem por sí, nos banquetes, nos telegramas aos grandes da política, nos ditirambos aos distribuidores de empregos, etc. Nunca fizeram e nunca farão nada pelo pensamento brasileiro. São homens felizmente aposentados, cansados, e teem tido o trabalho de assinar a ata de presença para receber 1:200$000. *A Academia tem essa vantagem: paga a seus membros, quasi todos eles milionários ou com boas rendas, para que não escrevam.*

E' uma injustiça não nos referirmos aos escritores que moram nos Estados. Citemo-los pelo menos nomeadamente: Erico Veríssimo, Viana Moog, Telmo Vergara, Dionélio Machado, Ciro dos Anjos, João Alphonsus, Guilhermino Cesar, Eduardo Frieiro, Jair Silva, Otávio Dias Leite, Carlos Ciacchio, Sodré Viana, Álvaro Lins, Sangirardi Júnior, Afonso Schmidt e outros.

Notas de Viagem e Fantasia

Augusto Frederico Schmidt

— Eu vi durante alguns momentos a Liberdade! Estava no meio do mar, nas proximidades da grande massa, da grande floresta de cimento que é New York, estava perdida entre os poderosos e os pequenos navios que vão e voltam... A Liberdade não me pareceu excessivamente grande, no entanto... Eu a imaginava imensa; eu a sonhava dominando o grande porto, com o seu fulgor invencivel. "Dentro em pouco, veremos a Liberdade", — disse alguem que viajava comigo.

Senti uma secreta emoção naquela voz. Oh! Liberdade, — quantos sonhos em teu nome; quantos sonhos o teu nome desperta!

*
* *

Um velho americano que viajára vinte vezes do Rio de Janeiro para New York, conta uma história verificada na sua última travessia. A história é a de um clandestino brasileiro, rapaz moreno, — dizia ele —, muito moço ainda. Entrou o clandestino, numa hora de balbúrdia, a bordo e ficou escondido, não se soube como, dois ou três dias. Descoberto e forçado a trabalhos, viajou sem novidades até a hora da chegada. "O navio avistára o porto, — conta-nos o velho —, já escuro. Era no inverno, um inverno rigoroso, bem peor do que este. De repente, sentimos um movimento a bordo, desusado. No meio da noite, ouvimos vozes que comandava. Num instante, jorros de luz, nascido do navio, corriam sobre as aguas, aclarando tudo; depois, foram apitos. O clandestino tinha se precipitado nas aguas geladas, para fugir à prisão, à volta forçada e humilhada no mesmo navio. Foi uma luta terrivel pela liberdade. No meio do grande porto, o brasileiro, nadou desesperadamente até ser preso, subjugado e vencido pelos seus perseguidores.

Voltou ao navio, escoltado; seu rosto estava ferido. Era um homem esplêndido, bronzeado, indomavel. Recebeu dos passageiros, que assistiam à cena, uma salva de palmas."

*
* *

Penso então, nos homens tocados de súbito pela força selvagem daquele clandestino. Penso nos touristes, nos que viajavam para negocios e nos homens entediados que viajavam por viajar, e fico imaginando e refazendo a cena adoravel do rapaz em luta contra as aguas, defendendo o seu desejo, a sua ambição de conquistar a grande cidade, e arriscando, por esse desejo, vida, liberdade, tudo.

No entanto, em nome de uma ordem implacavel, aquela dignidade não conseguira merecer a graça simples de conhecer, de viver a cidade de certo tão longamente sonhada, tão desejada, tão asperamente amada...

Olho a noite e contemplo a Liberdade com seu facho de luz. O céu não tem estrelas.

*
* *

O que é a Liberdade? New York, com os seus homens livres, com a sua imprensa livre, com os seus modos livres, — dá-me de súbito uma impressão de ordem que não posso compreender.

A Broadway, onde me encontro pela primeira vez com a cidade, onde me encontro com a grande massa humana livre Norte America, — isto depois de ter percorrido apenas as ruas sujas e tristes das docas —, a Broadway me oferece, contido e guardado, num rìtmo exato, um povo obediente, sereno, tranquilo.

Vejo uma pobre mulher livre e velha, com um chale nos ombros, vendendo camelias. E' uma imagem humanissima que me importa muito mais do que os anuncios luminosos de cigarros, de bebidas, de remedios populares. Parece um verso lírico de um poema, desse perdido Charles Chaplin, de que ninguem mais fala quasi...

Olho a multidão, os homens, as mulheres louras inverossimeis, e sinto que todos caminham, que todos vão caminhando à procura de alguma cousa. Na hora plena da noite, os teatros expelem gente. A massa humana tem um aspecto confiante. Não há nada que se pareça tanto com um rebanho como esse povo livre. Sinto desejo de compor uma pastoral. Alguma cousa à feição de Theocrito. "Retomai! Musas, retomai vosso canto bucólico!"

Onde irá descansar, onde irá dormir todo esse povo que marcha alegremente pela Broadway?

De certo, não descansará nas cabanas, tão mais proximas das estrelas do que esses arranha-céus; de certo, não ouvirá o canto das fontes nas suas árias noturnas, nem o canto dos passaros da noite, nem as ameaças dos lobos, dos ursos, dos chacais que estão rondando, nas montanhas distantes. Esse povo dormirá nos quartos dos grandes edificios, nas camas práticas que se desmontam e se transformam em sofá; ouvirá ainda um pouquinho de música, no radio de cabeceira, e dormirá pesadamente, para adquirir forças para a vida do dia seguinte.

As Arethusas, as Amaryllis que estão passando na rua nesta hora, essas figuras livres de mulher, vão dormir tambem em breve e terão sonhos femininos, sonhos em que se anunciará talvez a libertação de um mundo próximo, menos livre felizmente, em que elas poderão contar um pouco menos consigo mesmas; em que elas poderão se abandonar um pouco mais ao homem, a um homem que não mais existe, hoje.

Seria preciso fazer um poema todo, um poema composto à maneira e com a força de um Walt Whitman, em louvor da mulher livre, em louvor da mulher que trabalha nas fabricas, nos restaurantes, nos bazares; da mulher que luta pelo pão diario, que conduz os elevadores de grandes portas, que vende nas ruas, que sorri nas casas elegantes, que se mata para comer e que tem sempre um sorriso fresco, as unhas pintadas, um ar de flor cansada, que muitas vezes nos desce ao coração e nos dá impeto de gritar aos homens livres que as mulheres não foram feitas para o trabalho, que é preciso voltar à justa concepção antiga, do homem que lutava sozinho para o sustento da casa.

Sensibilidades de sul-americano, de homem de país quasi deshabitado; sensibilidade incompreensivel, de poeta, inadaptado à poesia da grande vida moderna...

*
* *

Eu vi a Liberdade: estava no mar e estava no meio da grande multidão, no homem que fazia greve, no olhar do filho de Judá, nesse olhar assustado que se multiplica, que surge a todo o instante, no meio do povo. Onde está o judeu? Os perseguidos, a raça eleita, a raça que antes de Hitler, antes dos germanos, — já era raça e divina, pela sua missão, pela intimidade absoluta e pelas confidencias de Deus; a raça hoje castigada, hoje maltratada, a raça dos profetas e dos reis — compõe uma parte dessa multidão. De minuto a minuto, acontece uma Rachel, de olhos negros, de olhos iguais aos daquelas outras que traziam nas tardes macias de Israel as bilhas de água viva.

No coração da grande metrópole, eles estão, — os judeus —, no seu elemento. Como o peixe n'agua, como o pássaro nos limpidos céus... Eles amam e vivem a cidade, paisagem que se resolve de súbito numa esquina, ou que, vista de uma janela, só é um cinzento pátio melancolico. O olhar do patriarca, que se estendia e dominava os cam-

pos em que os trigais amadureciam para a gloria de Jeová, o olhar livre dos que amavam a distancia, o olhar que adivinhava dentro da noite a feliz germinação das árvores, o crescimento de todas as cousas que vivem, o olhar dos pastores de Israel, dessa raça que deve à terra todo o seu lirismo, — esse olhar é morto. A desgraça, a invasão, a perseguição sem treguas, o Cristo inesperado, — e que tanto os desiludiu com as suas idéias antinacionais —, tudo isso matou esse olhar do patriarca, em que há tanta beleza do mundo antigo como num verso de Homero ou como numa dessas frases simples e terriveis de Eschylo.

Vejo os judeus — são legião! Parecem seguros e tranquilos, porem na cidade que os protege e que eles dominam de uma certa maneira, onde se sentem livres, prestigiados, afagados e libertos do suplicio imemorial...

*

* *

A Liberdade estava no mar, e as nuvens a envolviam... Era a Deusa, de pés ligeiros e brancos, pura como a rosa branca mal desperta e leve como o zefiro.

New York — Dezembro 1938.

A inauguração da Livraria Freitas Bastos em S. Paulo constituiu um acontecimento de grande significação para o comercio do livro. Localisada á rua 15 de Novembro 62, no coração da bela capital bandeirante, a nova livraria é a mais espaçosa e bem montada das que ali existem e vem demonstrar mais uma vez a capacidade e o dinamismo de Freitas Bastos, colocado entre os maiorais do comercio livreiro do país.

A MÚSICA — FATOR DE COMUNHÃO -- ENTRE OS POVOS --

H. Vila Lobos

No atual panorama universal da música artística, vem-se notando um vácuo inexplicavel, de confusões e mal-entendidos entre os homens, desde a grande guerra, dando-nos a compreender que este período de transformação predestinada, nos casos cívico-artísticos-sociais do mundo, será, ou o prenúncio de uma nova era de interpretação requintada às cousas, aos fatos e aos fenômenos, bem longe da clássica beleza helênica e bem diversas do tipo "standard" da atualidade, ou um anarquismo de idéias e realizações.

Para o primeiro caso terão pouca utilidade os métodos tradicionais, do ensino que há longos anos nos veem orientando, porque pelo estado de espírito da humanidade do nosso século, a má vontade e má fé presentes em tudo aquilo que tem vida, concorrem para que não exista a verdadeira crença e amor ao dever, ao trabalho e à vida.

Sendo estas três últimas citações as principais funções da vida humana, elas só poderão viver na coletividade e resultar concientemente a Paz dos Povos.

Para as Artes o que havia de mais importante nas épocas mais marcadas da "História da evolução", as mais originais fontes de novos destinos, na *idade média,* na era greco-romana, nos tempos românticos e mesmo entre os *"simbolistas"* e *"expressionistas"*, era o profundo respeito e fé em tudo que precedia do *mistério,* do *fogo sagrado* ou da *previdência*. Não era tambem com o fim de penetrar na fonte criadora dos fenômenos e, sim, apenas cultivar o máximo possivel todos os orgãos receptores dos fenômenos sensacionais que desta maneira vibravam em diversas emoções, *"alegres, tristes ou humorísticas"*, alimentando a alma (de um sabor da vida que passa) ou afugentando assim os maus sentimentos ou pressentimentos.

A inveja, o ciume, a ambição de triunfo, a conquista e vitória não podiam existir nesses momentos. Era o êxtase elevado ao superlativo. Embora o que sentisse esses fenômenos fosse o peor dos homens, o melhor dos crentes ou a mais perfeita das criaturas, não lhes

Vila Lobos entre alguns figurantes dos bailados amerindios — uma das mais notaveis realizações do maestro na educação artistica da nossa juventude.

passaria nunca pela imaginação a idéia da destruição e substituição dos elementos sobrenaturais dos que lhes proporcionavam tantas sensações, ainda que esses indivíduos tivessem a convicção da mediocridade das suas ações e completa nulidade em comparação aos prodigiosos efeitos causados por todos os fenômenos da verdadeira arte.

Até a própria natureza é tambem uma grande artista para quem sabe apreciá-la com o respeito, fé e vontade de querer.

Assim como as religiões, para efeito de irradiação universal, se utilizaram da arquitetura, escultura, pintura e dansa, cujos monumentos documentários das primeiras, da mais alta expressão do artifício humano, perduram reminiscentes como indeleveis testemunhas da grandosa civilização passada do Egito, da Assiria, da Grécia, do Oriente, dos Impérios Incaicos e Asteques e de Roma "renascente",

(Continúa no fim do ANUARIO)

Aspectos de Jackson

Oscar Mendes

O ano de 1938 viu a comemoração do décimo aniversário da morte de Jackson de Figueiredo. Tomando parte numa das muitas homenagens que se fizeram, em todo o país, à memória do ilustre escritor sergipano, tivemos oportunidade de relembrar alguns dos aspectos da figura literária de Jackson de Figueiredo, aspectos que depois vimos confirmados à leitura de sua preciosa Correspondência com Alceu Amoroso Lima, livro com que o Centro D. Vital do Rio assinalou, de maneira notavel e imorredoura, a passagem do decênio da morte de seu fundador. Como tudo quanto diz respeito a Jackson de Figueiredo tem sempre um interesse humano e espiritual, achamos que não seria impróprio das páginas deste Anuário, dar guarida a estas ligeiras e despretensiosas apreciações sobre uma das figuras mais complexas e mais fascinadoras da nossa literatura, infelizmente muito atravancada pela mediocridade de certos sujeitos inexpressivos.

Dificil coisa se torna estudar, do ponto de vista meramente literário, a obra do inesquecivel pensador e sociólogo. Dificil, porque Jackson não se enquadra na medida comum dos que se dedicam às belas letras. Não é um literato, não é um puro homem de letras. Ele foi essencialmente um homem *e só acidentalmente um* homem de letras, *tal como imaginamos em geral. A literatura foi para ele apenas o meio de expressão de uma energia humana, fogosa e extravasante, para quem o clima por excelência era o das batalhas, o das lutas contra o erro e contra os falsos idolos de uma civilização, que perdera o senso de sua verdadeira e alta finalidade.*

Há escritores de quem podemos separar distintamente a obra, por mais que esteja esta impregnada de sua personalidade. Em alguns chega ela a formar mesmo uma contradição violenta com a sua vida. É sublimação, é transposição, é fuga, é sonho, é imaginação. Em Jackson, literatura e vida formam um todo tão intimo, tão unido, que impossivel se torna quasi falar de uma sem tratar da outra. A obra literária de Jackson é o próprio Jackson em ação. As letras não foram para ele uma fuga ou uma sublimação. Foram a sua própria maneira de ser e de agir. Por isso mesmo é a sua obra literária agitada, variada, agressiva, combatente, inquieta, ecoante de gritos de revolta e de combate, ressoante de apelos e de clamores, insatisfeita, fragmentária, dispersa.

Não teve ele tempo e lazer para nos deixar um livro definitivo, um desses altos cumes de estudo e de meditação, que a sua cultura e a sua inteligência eram capazes de produzir. A maioria de sua obra é feita de artigos de jornal e de revista, de ligeiros ensaios, de esboços de livros maiores e mais profundos, que a morte inesperada não deixou que se realizassem. Um de seus mais belos livros, PASCAL E A INQUIETAÇÃO MODERNA, é apenas um promissor esboço de análise mais extensa e mais percuciente do grande pensador francês. E o seu romance é apenas uma parte e assim mesmo interrompida, da trilogia que pretendia escrever, estudando a alma complexa e trágica desse Antônio Severo, que é ele próprio, sob o disfarce da ficção.

A vida, com seus problemas atenazantes e suas inquietações de todas as horas, fez desse homem de pensamento e de introspecção, um jornalista de combate, do poeta das indagações diante do

mistério da vida um comentador diário das coisas sem mistério da vida prosaica de uma politica sem ideais. O homem, que possuia uma doutrina rica e milenária, viu-se forçado a retalhá-la em troco miudo para gasto num meio em que os problemas vitais da direção da coisa pública são tratados por jornalistas semi-alfabetizados e sem escrúpulos.

Daí a incompreensão que o cercou. Daí o ódio com que o perseguiram. Ele, porem, tinha um ideal, tinha uma doutrina, tinha uma missão a cumprir. Mesmo com todas essas dificuldades que lhe antepunha um meio ingrato e esteril, conseguiu agitar o marasmo da vida brasileira de seu tempo. Sua voz desassombrada conseguiu romper os vácuos em que dormitavam os bonzos do pensamento brasileiro e gritar-lhes aos ouvidos uma palavra, nova para eles, mas tao velha quanto o mundo.

Sua atividade construtiva operou o milagre de arregimentar em torno de suas idéias elementos de escol. Sua palavra quente e aliciante, lançou a inquietação em muitos espiritos, comoveu muitas almas, e provocou uma sementeira copiosa de conversões à verdade cristã.

Quem leia os livros de Jackson e não lhe conheça a personalidade extraordinária e absorvente, não compreenderá que aqueles artigos de jornal, escritos às pressas para combater os arautos das revoluções sem idealidade e os fomentadores de levantes de quartel, tenham podido operar uma revolução espiritual do porte da que ele provocou no seio da intelectualidade nacional. É que a sua obra não está apenas nas suas coletâneas de artigos de combate ou de crítica. Dela faz parte integrante e principal o enorme acervo de cartas que escreveu às mais diversas criaturas deste nosso Brasil desorientado, cartas que a piedosa veneração de seus amigos vai tornar conhecidas do país inteiro, cartas que representam a atuação incansavel desse semeador de inquietações que foi Jackson, desse homem de afirmações num país em que o liberalismo desossado fazia das idéias e dos homens, ridiculos mamolengos, prontos a se agitarem, fossem quais fossem as mãos que os acionassem.

Mas há na sua obra um livro, que nos mostra o homem Jackson em toda a sua dolorosa complexidade, um Jackson que passou despercebido mesmo a muitos de seus intimos, um Jackson bem diverso do Jackson que o mundo cá de fora conhecia. É o seu romance inacabado AEVUM, esse livro estranho, trágico, reçumante de vida e de contradições, esse livro que ele vinha escrevendo desde a adolescência e que a morte súbita deixou ainda incompleto. Dele disse Tristão de Ataide que era a obra de toda a vida de Jackson e "o melhor documento que nos terá deixado de si mesmo, depois de sua correspondência quasi toda inédita".

Nele, descontado o drama amoroso que não ocorreu com Jackson mas com outrem, fixou o agitado homem, que ele foi, a história de sua vida interior. Por isso, na sua obra, é o depoimento máximo, é o repositório de suas confissões, é o quadro em que se desenrolam todas as lutas, todas as quedas e todas as ascenções de sua alma cristãmente insatisfeita e ávida de verdades supremas.

A certo público, acostumado aos romances de enredo grosso e de sentimentalismos mais ou menos frascários, esse livro póstumo de Jackson de Figueiredo, como ele próprio previra, "não parecerá nada." Não há ação, não há movimento exterior (o tumulto interior é, porem, intenso), não há tipos palpitantes de vida. Não poderá agradar. Não poderá alcançar a fama passageira e ilusória dos livros dos autores da moda.

É ele, entretanto, um livro de aguda vida interior, um estudo de alma, como rarissimos existem em nossas letras. É, como disse Tristão de Ataide, o livro "de um homem que não sabe fazer romances, que joga apenas sobre o papel o que vai sentindo e que não sabe bem o que é tudo aquilo". Tem ele o valor de uma "monstruosa verdade", como dizia o próprio Jackson.

Fê-lo nascer essa necessidade do desafogo moral, a que a confissão católica deu vasão e que os freudistas veem aproveitando, cantando alviçaras pela velha novidade. Como o André Cornelis, de Paulo Bourget, figura moderna de Hamlet, indeciso e trágico, que sentia a necessidade de confessar toda a sua luta e todo o desespero de suas paixões e de suas dúvidas, Jackson de Figueiredo confessa tambem, com a lucidez dolorosa e crua de um Amiel, todos os conflitos espirituais e morais de seu fantasma interior. Liberta, como aconselhava Dostoievski, os seus demônios interiores, para ter a alma limpa e leve, para poder lançar-se a outra atmosfera, mais translúcida e mais pura.

Romance de pura introspecção, ele foge aos moldes e à essência do comum romance brasileiro, cheio de pitoresco, de sentimentalismo ou de crespa sensualidade. É a história de uma alma insatisfeita, que não encontra na vida ambiente, o elemento vital capaz de cumular-lhe todo o vasio de amor e de ideal que a caverniza. Por isso toda a ação e todo o movimento do livro é puramente espiritual, cerebral. Os aspectos do mun-

do exterior e as solicitações e gestos humanos. apenas servem de trampolim, donde a análise se arremessa, adentrando-se no mais profundo da alma conturbada pelos choques de sentimentos e paixões.

A anedota sentimental e trágica que Jackson adaptou a seu livro é apenas um reativo que traz a lume um pequeno mundo de vida espiritual apaixonada e lutante. Por isso, Antônio Severo, ou melhor, a alma de Antônio Severo, é o personagem único do livro. Absorve todos os outros, um pouco menos talvez o tio Pedro, figura simpática e humana, que atravessa o livro como um símbolo de resignação e de bondade, diante da vida mediocre e malvada.

O próprio personagem feminino principal Maria Lúcia, vive apenas numa ou noutra cena rápida, e na carta em que, no limiar da morte, se despede de Severo. O que poderia levar-nos a dizer dele, o que de Montherlant escreveu Alberto Sarraut: que "o mundo por onde ele passeia é um mundo de espectros oriundos do seu próprio eu."

Se, tirante a parte propriamente anedótica do livro, o que nele existe de relativo a Antônio Severo é uma experiência interior, uma vida espiritual autêntica, vivida por Jackson, toda a razão sobra a Tristão de Ataide para dizer que o autor de PASCAL E A INQUIETAÇÃO MODERNA foi "a alma mais viva e mais trágica" de sua geração. E a mais estranha, e a mais contraditória, e a mais complexa, acrescento eu.

Quem conheceu o Jackson, defensor da ordem, inimigo incansavel das atitudes dúbias, das indecisões, das disponibilidades, das posições incaracteristicas, o Jackson, sempre agressivo e violento, contra as pequeninas misérias e as grandes covardias do mundo atual, o Jackson, dedicado e bondoso, de sensibilidade extremada, o Jackson, homem de ação, movimentando-se em épocas agitadas e em luta com todas as ideologias dissolventes e com todos os homens inconcientes e cegos de furor, há de se maravilhar de conhecer esse outro Jackson, que aparece no seu romance. É um outro Jackson, que, se tem alguns pontos de contacto com o que foi conhecido, é em geral, bastante diferente.

O que viria mostrar quão precário é o conhecimento que se pode ter de seu semelhante, e quão complexa é a alma humana.

Comparando-se os dois Jacksons, verifica-se que, o da vida real, é um verdadeiro domador de feras, desses "hediondos animais", de que falava o velho Junqueiro, os quais vociferam e se agitam no nosso intimo, E fica-se admirado da luta que esse homem sustentou contra si próprio, do cúmulo de energias que despendeu para se manter em relativo equilibrio, em meio de sua contraditória complexidade.

Ele sentiu, como o seu personagem, "a amargura de viver para analisar-se," com aquela clarividência, aquela acuidade, aquela sensibilidade à flor da pele, e aquela sinceridade que se encontram no solitário professor suiço, no Amiel do JOURNAL INTIME, essa obra prima de introspecção e de análise percuciente. Havia em Antônio Severo e, portanto, em Jackson, um instinto profundo de "viver conforme a razão, de racionalizar o conjunto dos fatos vividos". Esse instinto levava-o ao estudo inteligente da própria dor, num desdobramento da personalidade psiquica, em que um eu examina o outro, com rigor, com agudeza critica e, talvez, com insensibilidade:

"Via agora, claramente, que a dor nem sempre, de si mesma ilumina, e que até aos seus domínios é preciso levar a luz da razão, não para evitá-la ou amortecê-la, o que nem sempre é possivel, mas para torná-la adequada à natureza do homem. Só assim ela pode fazer-se beleza e esplendor dos corações; não sentida em turbilhão mas vista como uma corrente que desliza, que segue em dada direção, com a sua história, a sua geografia, as suas datas, os seus acidentes, bem gravados, valentemente gravados na memória de quem sofre e tem a obrigação de ajuizar sobre o valor do sofrimento... Era-lhe já quasi um prazer estar assim a viver inteligentemente a dor obscura, clareando-a, iluminando-a".

Mas, o que mais ressalta, chocantemente, nesta autobiografia espiritual, é a contradição monstruosa que se debate nessa alma bravia de filho do Nordeste. Tudo nele parece viver sob o signo da contradição, do contraste violento e belicoso. Ele, que vive num narcisismo integral, numa "invencivel paixão por si mesmo", sente entretanto a "necessidade de fugir de si mesmo". Declarando por vezes: "nasci para a solidão, nasci para ser sozinho", e sendo um homem "para quem a vida era mais intensa, mais sombria, mais dramática, mais real, na solidão, no isolamento, nas horas em que ficava a sós consigo mesmo", pode, porem, afirmar que "não o seria nunca, não fora nunca o homem de um só sofrimento ou de um só amor."

A sua vida foi sempre a luta de adaptação de dois eus contraditórios. Um, romântico e sentimental, outro, céptico, a descobrir que "a base da chama é a cinza". E a sua alma, em certo periodo, viveu combalida por ventos tempestuosos e

contrários. De um lado "almas tendentes ao nada e ao delírio", do outro, "todos os que lhe pareciam afirmadores de alguma coisa".

Sua conciência era o campo em que se degladiavam esses antagonismos, atravancando-o de destroços, de ruinas, de cinzas. Mas o cepticismo venceu, dominou por muito tempo, até que uma nova aurora raiasse, uma aurora de redenção, que não foi núncia de paz e sim a manhã de dias de novas lutas por ideais sublimados e salvadores.

Outras revelações assombrosas e estranhas surgem, no livro, da análise impiedosa de si mesmo que vive a fazer Antônio Severo. Ele se confessa um egoista extremado, um guarda vigilante da própria personalidade, a defendê-la contra infiltrações ou ataques externos. "Feliz! Feliz! contente, transbordando de felicidade, de uma felicidade que era sentir-se a si mesmo sem limitações, não confundindo ou transfundindo às coisas, mas alem, para alem, ou absolutamente como se elas não existissem, e só ele existisse, e só ele fosse, e tão intensamente, que as próprias coisas, se nele viviam, não lhe pesavam na atmosfera de seu eu."

Há qualquer coisa de stendhaliano nesse egoismo feroz, que o leva a caminhar pela vida, numa ânsia furiosa de integração de si mesmo, indiferente ás ruinas ou aos choques de outros eus *com que se encontra. E a sua vida amorosa não é mais do que esta luta e do que este abandono. Dir-se-ia uma revivescência daquele egoismo amoroso de Goethe, esse experimentador de almas femininas e buscador de emoções sentimentais. Donjuanismo intelectual que ainda não teve um estudo completo e sereno.*

Antônio Severo vive à procura de um amor que o sacie, de um grande amor que lhe encha a grande alma, de um amor que lhe ensine os sacrificios dolorosos da renúncia, que é a sublimação mais divina do amor. Mas o seu egoismo poderoso e indomado passa, semeando ruinas. E Angélica, a noiva abandonada, é Constança, a namorada de quem ele foge e é Maria Lúcia, a amante, que mergulhara, por amá-lo, no pecado e na dor. Maria Lúcia, esta alma "contra a qual a vida se levantara como uma onda brava, uma alma que Deus julgara digna de sofrer."

Este egoista feroz é, porem, um sentimental que se comove aos pequeninos aspectos dolorosos da vida. Tem uma ternura comovida pelos boêmios, essas almas que parecem "mover-se sem finalidade", esse "bando dos que passam por entre as arestas da vida como água humilima, fresca, refletindo tudo na onda sonora da alma", esses humilhados ou não, que fruem a essência da vida, "o perfume sutil, a sombra tenuissima do divino que envolve tudo". Acha que "essas almas aparentemente sem norte", "sempre lhe tinham dado a sensação do divino".

E ele que parece não sofrer muito pelo sofrimento que causa às almas que atraiu para si, sentimentaliza-se, enternece-se, ao recordar a sua velha mãe, a morte do tio Pedro, e, ao ter de mudar-se, de deixar a governanta de sua casa, uma velha alemã que sempre o tratara com carinho. E exclama: "Triste de quem tem o coração sensivel à humildade mais esquiva, e cria raizes por toda a parte".

Como todo analista de si próprio, ele é um indeciso. Releva a sua "grande falha; a vontade, a vontade sistemática, organizadora." Ao ter de decidir-se, de precipitar um acontecimento que mudaria o ritmo natural e mediocre de sua vida de advogado próspero, e o poria em luta aberta contra o meio social em que vivia, hesita, recua, foge, contemporiza. E é preciso que a alma mais fatalista e mais enérgica de Maria Lúcia acelere o desenrolar do drama, para que ele enfim se decida.

O fato de tirá-la ao marido, de aceitá-la como amante, numa ligação pública e confessada, não é ele quem o provoca. Mas aceita-o, como um inelutavel, como uma coisa que veio por si mesma e contra que não ousou ele um gesto de repulsa. Como não ousou tambem o rompimento definitivo, quando a saciedade sobreveio, preferindo infligir a Maria Lúcia as torturas dos pequeninos abandonos, que a levam ao desespero suicida.

Será este Antônio Severo, timorato e indeciso, o Jackson das lutas e das afirmações? Jackson foi a contradição com o que se lê neste auto-retrato de Antônio Severo: "um homem fraco, sem resolução, incapaz de amar o próprio amor, o que tantas vezes lhe parecera o seu caso, incapaz de viver da paixão, em qualquer das suas modalidades, (ele) que tendia irresistivelmente para a paz, a serenidade, o estavel, o normal, o vulgar, enfim..."

Esse Jackson de alma ardente e combativa, que tão heroicamente se batia por seus ideais, e que tantas amizades puras e dedicadas soube atrair para as chamas de seu coração abrasado, será este Antônio Severo, de "misérrimo coração incapaz de amar, incapaz de errar ou de acertar energicamente"? Será este coração árido que sentia "a absoluta incapacidade de amar"?

Como tinha ele razão quando dizia que este seu livro era uma monstruosa verdade! *E essa verdade vem nos revelar cada vez mais que Jackson era uma alma tragicamente dilacerada, "com*

horror de se sentir ligado às coisas", a buscar, enraivecida e desesperada, com aquele aspecto de loucura e de angústia, da Fúria, *de Miguel Angelo, um amor, um amor imenso que enchesse a imensidade de seu coração vasio. E esse amor não poderia ser o amor pequenino e passageiro das suas experiências amorosas. Como não pôde ser para Antônio Severo o amor de suas namoradas ou mesmo a paixão mais avassaladora, mais intensa, mais humanamente carnal, de Maria Lúcia, dessa mulher que lhe entrara pela vida a dentro, "como uma força, como a invencibilidade de um raio de luz, mais forte do que a luz da sua conciência".*

Mas a sua alma "não se sentia fixamente iluminada". Aquela paixão que ele julgava, a princípio, pudesse saciar toda a sua sede voraz de completação amorosa e anímica, não era mais que uma paixão humana e perecivel, com o seu cortejo de misérias e de insatisfações. Ela foi apenas um fermento na sua vida. Le coup d'étrier *que o exacerbou e lançou à busca de outro amor mais puro e mais saciador. O sofrimento mostrou-lhe um sentido da vida. A dor "lhe falava de algo que lhe era exterior, que se lhe impunha". "O amor era agora o seu telescópio e ia, como numa febre, varando céus, arrancando o véu a astros misteriosos."*

Como soa, então, num tom de doloroso e trágico De Profundis, *a sua voz angustiada a clamar por Deus, a interrogar a vida, preso na sua jaula de dor, num anseio de libertação e de completação!*

"Meu Deus! Meu Deus! Onde estou? Será mesmo um drama esta vida? E não há fugir-lhe? E não há evitá-lo? E vós, meu Deus, porque só me apareceis nestas horas terriveis, quando me parece que estais ainda mais distante do mundo? Meu Deus, que será de mim? Meu Deus, e porque ainda me preocupo comigo numa hora como esta? Para que viver mais? Por que viver? Para que, por que nasci?"

São as interrogações terriveis de sua alma inquieta e frenética diante do mistério da vida, do mistério da dor, do mistério do bem e do mal. Mas a vida não lhe dará as respostas pedidas. As filosofias se esvanecerão como nuvens de fumo ao sopro rijo de sua razão indagadora.

Ele encontrará então o sentido cristão da vida, que lhe respondeu cabalmente a todas as ansiosas perguntas. Não nos mostra, porem, este livro, essa via ascencional. Encerra-se no limiar de um mundo novo. Não nos conta a história do milagre que fez do homem indeciso e egoista, sem vontade e sem amor, o homem novo, o afirmador, o combatente enérgico, sem temores nem recuos, o agitador de um meio estagnado, o amoroso de sua pátria empobrecida e dilacerada, o amigo devotado que fez da caridade, material e espiritual, um sacerdócio de todas as horas.

Antônio Severo foge, ainda nas trevas de suas indecisões e de suas ânsias, com a alma carregada de desesperos mortos, de saudades mortas e de remorsos vivos e de perguntas cada vez mais vivas. E esta alma chagada, diante do "mar tenebroso, em face dos astros misteriosos", lança ao silêncio aterrorizador dos mundos infinitos, a sua apóstrofe, tão comovente e tão profeticamente trágica:

" Oh! minha misera cruz da incerteza, de obscuro, de vacilante, de dubitativo amor!... Ainda mais pesada que a dos meus egoismos, que a dos meus lúcidos e agressivos instintos, que a dos meus erros a mim mesmo mais evidentes. Eu abro os braços a ti, treva envolvente do mar, treva cheia de estrelas ...Eu não penso que o futuro seja como o passado... Eu quero que se arroje do teu seio sobre mim um vento de tempestade, e que lance no abismo ou me faça ver a face da eternidade, a face mesma da vida, da vida eterna, do amor mais forte do que a morte."

E num dia de novembro, Jackson foi arrojado ao abismo, ao seio envolvente do mar, donde a sua alma mais forte do que a morte, partiu para a eternidade, a contemplar a face mesma da Vida, Cristo, a Suprema Verdade e o Amor Supremo.

CONSELHO AOS MOÇOS

Sergio Milliet

O poeta inconoclasta da modernidade, quebrados os ídolos de barro da antiga prosódia, a golpes de negação, viu-se, repentinamente, colocado em face do caos. Havia tudo destruido e era mistér levantar o edificio das novas regras, fabricar moldes mais amplos para a exteriorização de seu pensamento.

Cada cabeça, cada sentença... Daí a mixordia das inúmeras e disparatadas artes poéticas, trazidas umas após outras ao cenário intelectual. Todos os absurdos tiveram seu momento de voga. Passaram rapidamente deixando apenas, sólido e fortalecido, um desejo de simplicidade e de liberdade sincera. Do conglomerado imenso de escolas e de teorias, estrairam-se alguns diamantes puros, dentre os de mais bela água até hoje encontrados. Entretanto, o que parece ter influenciado de preferência os novos foi o esplendor ficticio das pedras falsas. Uma interpretação superficial do verdadeiro objetivo artístico revolucionário, levou-os ao desprezo pelo classicismo. Na sua forma, principalmente. Sem alcançarem o espírito da revolta no que ela apresentava de renovador, amalgamaram os novos, à sua personalidade, tão sómente os cacoetes e os truques modernistas... Entre estes, um dos mais visiveis e sensaborões: a piada.

Só uma análise séria e demorada das causas provocadoras da reação dos modernos, faria compreender a origem da piada como fator poético na nova poesia. Aos ensaistas o desenvolvimento do tema. Um simples paralelo, porem, pode ser estabelecido entre a reação romântica e o movimento modernista, o que explicará em parte o vício.

Reagindo contra a mumificação do verso clássico, proveniente do acanhado das regras perante os novos anseios filosóficos, a multiplicidade de assuntos ou, ainda, a matização dia a dia mais complexa dos sentimentos, os românticos negaram-se a admitir o emprego obrigatorio das palavras nobres ou poéticas. Passaram a chamar as cousas pelo seu nome real. Corcel ficou sendo cavalo e vergel jardim. Riscaram do vocabulário os adjetivos catitas: louçã e outros tantos cor-de-rosa.

Essa inovação perfeitamente louvavel trouxe, no entanto, por um fenômeno comum de inércia, o exagêro e, como consequência imediata, o pendor pelo vulgar, o panegírico dos sentimentos baixos. O feio passou a ser o belo horrivel. O crime, o heroismo da desgraça, etc... Do mesmo modo, em oposição à melancolia doente do simbolismo, às tristezas cantadas em bemol, os modernistas proclamaram os direitos do humor. Da piada fizeram uma reação contra a morbidez esplinética do século XIX. Em virtude porem da mesma lei de inércia, o que fôra instrumento crítico se tornou finalidade.

O efeito de surpreza atenuou-se com o abuso e é hoje tão esperado quanto a chave de ouro dos sonetos. Esta, quem a imaginou e dela usou com acerto foi um grande poeta. Não é em si justificativa suficiente aos treze versos mediocres que quasi sempre a precedem. Ela não faz o soneto. O vulgar, tão pouco, fez o romântismo, nem a piada fará o modernismo.

Parece-me que os moços da nova geração estão tomando a nuvem por Juno.

Em meio a expressão de um temperamento original, foi a piada muita vez o cacoete perdoavel e até sugestivo. Era inesperada. Um desabafo. Um "ora pinhões!" malcreadinho. Um espevitado sarcasmo. Erigido em regra poética, passou a simples ingrediente de uma fórmula facil, indicador de "profunda frivolidade".

Contra esse *truque* e, aliás, contra todos os *truques* é preciso gritar "basta!"

Poucos, dentre os que compõem o grupo vanguardista, conseguiram fugir ao namoro piegas do espírito de palavras, ao trocadilho sem graça ou engraçado, à piada pretenciosa ou ingênua. O poeta brinca, já disse Mário de Andrade. Ninguem lhe nega o direito e tomara se divirta bastante para desculpar o bocejo que acaba provocando.

Alguns exemplos colhidos entre os poetas que eu mais admiro e quero bem.

Logo no inicio de "Pau Brasil", cujo aparecimento marcou época na nossa literatura, deparamos com esta poesia:

"Os negros discutiam
que o cavalo sipantou
Mas o que mais sabia
Disse que era
Sipantaarrou."

O poeta usa "kodak". Mas, a observação fotográfica do ambiente não justifica a infantilidade da piada. Todo mocinho entusiasta de Oswald vai copiar-lhe a ingenuidade, certo de que é assim a "Grande-Poesia".

Outro, do mesmo poeta.

"Si Pedro segundo
vier aqui
com história
eu boto ele na cadeia".

Será que a psicologia do senhor de engenho, bem evidenciada nesta estrofe, lhe desculpa a vulgaridade?

Mais um:

A noite caiu com licença da Camara
Si a noite não caisse
que seriam dos lampeões?

Evidentemente tem graça. A concordancia brasileira e a inversão dos valores fazem sorrir. Mas será poesia digna do talento de Oswald tal rebuscamento simplista, tal caricatura constantemente repetida? Nesse caso(Chiquinha del' Oso é o nosso melhor prosador. Não é à toa que Antônio de Alcantara Machado intitulava os anuncios dela, "manifestações espontâneas de Pau Brasil".

A preocupação de não *fazer literatura* levou os nossos poetas à literatice. E já agora só a expressão do "eu" profundo poderá enxotar a idéia fixa da originalidade a baixo preço.

"Coa comade pode
Pode
Qua o que
Afinca
Afinca".

Folguedos onomatopaicos! Não valia a pena destruir o parnasianismo para chegar a esse resultado. Muito parnasiano fez cousa muito peor sem proclamar-se renovador.

* * *

E Mário de Andrade?
Vejamos "Paulicéa Desvairada".
"Perfumes de Paris... Arys!

É dos primeiros poemas a banal associação de idéias que redunda em trocadilho sem interesse. Há outros, que são modelos do gênero e formam imagem forte e concisa:

"O vento é como uma navalha
nas mãos de um hespanhol".

Como seria, porem, muito melhor si lhe subtraissemos o *como*.

"Eu insulto o burguês! o burguês-niquel
... o burguês-nádegas...
... o cauteloso pouco a pouco...

Piadas dessa ordem fazem olvidar outras perfeitamente infelizes:

"Chove?
Sorri uma garoa cor de cinza
muito triste, como um tristemente longo...
A casa Kosmos não tem impermeaveis em liquidação...

Em *Losango Cáqui*, livro impressionista pelo assunto e cubista pela aridez da forma, há, tambem, uma tendência exagerada para o aproveitamento sistemático do humor como ingrediente poético. Exemplo:

"um dois
Primeiro apito
um-dois um-dois um:
prraá.
—Cotuba!

Outro:

"Escola, olhe essa palestra!
Olhe o paulistano!"

Enfim, até em *Remate de males,* um dos melhores livros de versos brasileiros, na primeira parte — Dansas — que eu considero poesia artificial e desinspirada, encontramos piadas balofas:

"Que somos nós?
Pronomes pessoais".

Convem relevar, entretanto, que Mário de Andrade é um dos maiores poetas modernos e nele tais absurdos são raros. Tais falhas da inspiração pouco comuns. Nem siquer as citaria, desculpando-as, si a sua influencia não fosse das mais evidentes entre os novos. Suas fraquezas serão, por conseguinte, mais plagiadas. Parecerão originalidades de estilo e serão imitadas. Ora, esses erros de gosto e de simplicidade devem ser, ao contrario, severamente rejeitados.

* * *

Diretamente formado pelos ensinamentos e pelo exemplo dos Andrades, Carlos Drummond usa e abusa da piada, o que infelizmente vem dar a seu livro "Alguma poesia", tão simples por vezes e tão puro, uma grande desigualdade de fatura e de inspiração. É como si o poeta sem que se atine com o motivo, usasse de quando em quando enormes pernas de pau. Seu andar torna-se então cambaleante. A gente percebe que o poeta quer brincar, mas em vez de achar graça fica aborrecida. As pernas de pau não se justificam no terreno firme e levemente acidentado de seu temperamento de tímido sentimental. Quando a piada pretende ao sarcasmo falha ainda mais. Exemplo:

"Quando eu nasci um anjo torto falou:
Vai, Carlos, ser gôche na vida!

Agora as pernas falsas:

"E o vento brinca com os bigodes do condutor.

Outras:

"É preciso fazer um poema sobre a Baia...
Mas eu nunca fui lá".

Note-se que isto é um poema completo!

Carlos Drummond, entretanto, sabe usar da piada com felicidade, na expressão de imagens ou de sensações vivas. Querem ver:

"O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.

Outra:

"Mundo mundo vasto mundo,
si eu me chamasse Raimundo
seria uma rima não seria uma solução.
Mundo mundo, vasto mundo,
Mais vasto é meu coração.

Ou ainda esta, quieta e calma, de uma ingenuidade deliciosa:

"No quintal, o luar de Natal abençoava os legumes."

Não quero colher exemplo no vasto manancial que nos oferecem os versos de quasi todos os poetas de 1922 e muitos de hoje. A colheita seria infindavel e daria assunto para um volume. Há positivamente superprodução de piadas. É mal que carece ser cortado pela raiz. Sem o que teremos muito breve necessidade de um "Instituto de Defesa da Piada". Será o meio mais prático de se acabar com ela.

Uma conclusão se impõe: a guerra à piada, aos cacoetes e aos *truques*. Procurem-se os jovens poetas a si próprios e encontrarão originalidade forte e real. À fogueira a associação de idéias, juntamente com as rimas ricas e a metrificação parnasiana. Voltem à poesia pura, à naturalidade e à simplicidade.

Os poetas da nova geração intoxicaram-se com a leitura dos revoltados de ontem. Frequentaram demais os homens bandeira e, sem suficiente espírito crítico, deles preferiram a quinquilharia. Seria util que agora se dedicassem um pouco ao estudo dos que escaparam quasi totalmente à idéia fixa do humor: Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira. Encontrarão, talvez, outros defeitos, mas, no estado de envenenamento em que se encontram, será a sua leitura um antídoto eficaz. Não se limitem a copiar originalidades, o que é muito pouco original. Antes dispam corajosamente os seus sentimentos de indumentária pseudo moderna.

Raimundo Correia

Mário Matos

A fisionomia intelectual de Raimundo Correia só poderia ser fixada em matéria plástica pelo pincel de Carriere. Este, sim, é que sabia pintar os semblantes e deixar neles esparsa a soma incompleta do trabalho íntimo; de modo que o crepúsculo da fisionomia revia o crepúsculo da alma. Havia o espanto na boca e o mistério nos olhos. Perpetuava bem *"le labeur, la marche aveugle dans la brume du destin, oú chacun se sent seul..."*

Lembra-me sempre a primeira vez que vi Raimundo Correia. Foi no Rio, bairro adjacente a Haddock Lôbo, eu era estudante. Em sua residência havia reunião, com certo carater familiar. O poeta, alheio à festa de rapazes íntimos, estava parece que em seu gabinete, recostado na cadeira de balanço, trançada de palhinha. Guardei a impressão até hoje: — um homem mais pensativo do que triste, com as pernas cruzadas, sugerindo a idéia de que esperava má noticia, vinda de longe. Seu olhar só não era distraido, porque refletia a auto-análise. Não se importava nem com a presença, nem com a festa dos moços. Estava filosóficamente só. Mas entre os estudantes via-se pelo menos um, que considerava aquele monstro ausente das coisas circunstanciais. Era eu. Estudante de medicina por esporte, até as aulas explosivas do Pecegueiro do Amaral tinham então o poder analógico de avivar-me na memória os versos do poeta. Quando havia estouros terriveis nas retortas, em que os venenos, chocando-se entre si, se abriam em clarões ou em fumaça, logo, no alto da arquibancada, eu, entusiasmado com a explosão, declamava para mim mesmo, baixinho:

"aqui outróra retumbaram hinos..."

Aquela tranqüilidade aparente do poeta escondia a profundeza ou era o mesmo sinal dela. A meditação contínua nos problemas da arte impregnou-lhe os poemas de nostalgia, dessa vaga saudade da origem das coisas que se sente na melodia das composições de Schubert. E' uma espécie de santidade da alma, realçada pela sabedoria do espírito. Não sei bem o que seja.

A reflexão em Raimundo Correia constituia o clima natural do espirito: — viveu sempre dentro de si. A sua poesia é a síntese do temperamento melancólico. Possuia a mão inexcedivel para evocar estados de alma e alma da paisagem. A eternidade aérea das tardes brasileiras tem nele o pintor sentimental por excelência, o pintor que humaniza a mágica das luzes em comparações que compõem a imagem. Ele era músico. — só de ouvi-lo declamar, sabia si o verso estava certo ou errado. Era pintor: — conhecia a psicologia da cor e a fraternidade das coisas. Como em Shakespeare, a ordem do periodo ou, melhor, a ordem do sentimento no discurso é que emociona em seus poemas. A melodia é solene e há mesmo certa soturnidade de música clássica na orquestração geral. Os sonêtos de Raimundo acabam no fim, cheios de drámatica unidade:

Ouves-lhe acaso o soluçoso grito,
os bravos éstos, o guaiar plangente?!
— Ah ninguem vê, mas todo o mundo sente
dentro, na alma, um atlântico infinito...

De um mar à borda eu me debruço aflito...
Não mires a este espelho a alma inocente!
Verto aí, muita vez, meu pranto ardente;
muita vez, clamo; muita vez, medito...

E ele, ora, inchado, estoura e arqueja e luta;
ora, túrgido, a cr'ôa vitoriosa,
de rutilante espuma, aos céus levanta;

ora, plácido, ofega... e só se escuta
a saudade — sereia misteriosa,
que em suas praias infinitas canta...

E' de justiça dizer que usou sempre uma linguagem duradoura. Poeta filósofo, desencantado da vida e dos prazeres que a vida deve oferecer, não perdeu, a pesar disso, certa candura de alma, certa frescura lírica, que reponta em quasi todos os seus poemas. Era fundamentalmente poeta. A prova é que fugiu à regra geral: — durante toda a vida, ao contrário do que acontece com quasi todo poeta, só escreveu versos, não se conhecendo sinão muito pouco trabalho seu em prosa.

Quando publicou o livro de estréia — "Primeiros Sonhos", em 1877, era simples estudante de direito, em São Paulo. Foi prefaciado por Machado de Assis, que lhe fazia, ao par de elogios módicos, advertencias, como era sempre do seu feitio.

Àquele tempo existia um Raimundo inverosímil e romântico, que contrastava um pouco com o espírito da época. Os artistas deixavam-se influenciar pela onda nova, que vinha de Europa: Gauthier, Banville, Leconte e Vitor-Hugo dominavam. Pois o jovem estudante ainda defendia, como abencerragem derradeiro de tribu extinta, a Casimiro de Abreu e a Antônio Feliciano de Castilho. Da influencia deste último havia de guardar sempre o zêlo da linguagem exata e espontânea. Ainda mais: — em meio de rapazes que filosofavam segundo os autores em voga, em meio de republicanos, de iconoclastas, de livres pensadores, da mocidade destruidora, Raimundo era católico, apostólico, romano e vice-presidente de uma associação católica. E' facil imaginar-lhe a bisonhice no convivio de companheiros que eram Assis Brasil, Silva Jardim, Teófilo Dias, Julio de Castilhos, Augusto de Lima, Valentim Magalhães, Pedro Lessa, Randolfo Fabrino, Alexandre Coelho e outros muitos.

Tinha sido educado em um colégio católico e permanecia católico. Um belo dia, porem, Raimundo rompeu com tudo isso. Não digo haja abandonado a crença, mas esqueceu a crença. Continuou, entretanto, entre companheiros, como foi sempre: esquisitão, retraido, meio silencioso. Tinha aspecto soturno. Caracterizava-se pela instabilidade, nunca permanecendo muito tempo em um lugar só, devido ao nervosismo e à inquietação. Era muito impressionavel, fumava muito. O ar absorto, alem do temperamento, lhe vinha do modo por que realizava o trabalho mental: — fazia versos, pensando, como Luiz Delfino e Paul Verlaine, o qual produzia os poemas, vagabundeando pelas ruas de Paris. Mesmo em aula, fingia prestar atenção às preleções, mas o que fazia era elaborar mentalmente.

Talvez devido a esses modos discretos, Raimundo Correia passou despercebido entre os moços. Um companheiro, escrevendo a respeito do poeta, mais tarde, disse que ele vivia "a olhar para dentro". Achavam-no modesto; toda criatura introspectiva tem mesmo o ar de humilde e de modesto. Lutava tambem com os impecilhos da pobreza, vestia sempre roupa safada. Tinha originalidades inexplicaveis. Vivia, por exemplo, constantemente a mudar de casa. E, constantemente, não dormia na casa em que residisse. Chamou a atenção por isso. Corria, então, o hábito dos discursos. Todo acadêmico era orador. Raimundo Correia tinha verdadeiro horror de discurso. Nunca, em tempo nenhum, falou em público, tendo, por isso mesmo, menosprezo pelo orador. Era assediado pelo horror de molestias, principalmente contagiósas. Ora sofria do figado, ora do coração, conforme conta um amigo dele. Tinha, porém, a convicção de que não morreria de tuberculose, a molestia que o matou. Receiava as mulheres, mas gostava de crianças. Muito tímido. Nunca usou guarda-chuva, não admitia o guarda-chuva, que é, a meu vêr, a imitação mais humorística de proteção externa. Dedicava-se estremamente à familia e a amigos. Foi ele quem escreveu, um dia: "tenho poucos, mas sinceros afetos. Vivo para cultivá-los e exagerá-los". Possuia memória de doutor angélico. Valentim Magalhães é quem conta haver decorado, em trinta dias, o compendio geométrico do Conselheiro Otoni, afim de prestar exame, a que votava medo incrivel. "Antes de prestar ato, parecia estar em véspera de ser enforcado."

Como escrevia, como trabalhava? Trabalhava em cantos de mesa, enquanto os companheiros conversavam e riam. Para ele, fazer versos representava a mais grata das facilidades. Correspondia com a familia em versos, as suas cartas eram rimadas. Lia incoerentemente, sem método algum. A leitura era feita por ele em casa de amigos. Gostou sempre de traduzir poemas ou de parafraseá-los, e foi, a tal respeito, segundo penso, sinão o melhor, um dos melhores tradutores entre nós.

Nos últimos tempos aborreceu a arte, e dizem os que conviveram com ele que não gostava de elogios feitos ao poeta. Molestava-se, sobretudo, em face de qualquer referência ao soneto — *As pombas*. Como teria sido caceteado por causa deste poema! E' impossivel calcular as milhares de vezes em que, diante de algum desconhecido, a quem fosse apresentado, não teve que suportar o diálogo aborrecido:

— Apresento-lhe aqui o Dr. Raimundo Correia, juiz.

— Ah, o senhor é que é o poeta das pombas? O senhor não imagina como acho admiraveis estes versos! São os melhores da lingua portuguesa...

O juiz ficava enervado, ficava mesmo furioso com tais elogios inevitaveis, que o perseguiram por toda parte. Tinha razão. A celebridade de um soneto é um dos maiores aborrecimentos que podem acontecer a um poeta. Peor do que um soneto, só um verso célebre.

O enfaro da poesia revê em Raimundo o sofrimento, o desgosto do pensamento, a dor da idéia fixa, a ânsia da perfeição inatingivel, alem disso, a inutilidade do trabalho desinteressado nesse sentido. Revê mais a doença, porque foi, desde moço, muito doente. Mesmo quando era são de corpo, não passava de um doente imaginário, de homem cheio de fobias e angústia. Artista, torturava-o o desejo da forma pura e da idéia, da imagem ou da comparação perfeitas. Cansou-se, afinal. Entretanto, dentro da escola parnasiana, não tinha de que se queixar, pois foi vitorioso. O malôgro do parnasianismo foi a descrição. O parnasianismo abusou da descrição, e de tal modo, que se deve dizer que a poesia parnasiana roubou à pintura sua finalidade: — pintar. E é certo que a palavra não alcança a tanto, porque não lhe é dado fixar a cor, as combinações da luz ou a dimensão das cousas. Em matéria descritiva, cabe à palavra, quando muito, traduzir os sentimentos ou emoções, que a paisagem provoca em nossa espécie.

Entretanto, como poeta parnasiano, Raimundo Correia parece que soube concretizar a emoção ou o sentimento da paisagem. E conseguiu-o bem. Aqueles momentos da Natureza que o homem costuma referir à alegria ou à tristeza, o poeta sempre os soube surpreender, muita vez até num simples verso exclamativo. E não recorre à pompa verbal com o fito de expandir o que sente. Ás vezes, é mesmo com simplicidade popular que o consegue:

Já estranho rubor inflama o Oriente;
rompe a manhã; cantam ao longe os galos...
Que lêdo campo entre risonhos valos
se vê! que fresco matinal se sente!

A parte sugestiva que existe na poesia, ele não a despreza nunca, poupando, assim, um pouco, a expressão direta e clara demais. Assim o diz. Artista, podes mostrar o contorno convidativo da Beleza, apontar-lhe a sedução misteriosa, a escultura generosa, mas sem

A túnica lhe abrires de alto a baixo!

Harmonizava o espírito geométrico com o de finura. Era dos tais, como o geómetra Melanto: — sem o auxilio de Venus, não saberia explicar as propriedades do triângulo. Raimundo Correia deixa-me, porem, impressão de emparedado e abúlico. Daí o prazer venenoso das verdades negativas, o bramanismo filosófico. Em um dos seus melhores trechos, mostra o fatalismo poético, como lição de vida.

"Antes pela existencia andar à tuna:
sono, viola, fumo e ao Deus dará...
O que passou, já lá se foi, que importa?
e o que há de vir por sua vez virá.

Nenhum beijo consola a dor de viver, que tudo destrói; assim, os ciganos lhe fizeram sentir, que

das três cousas, uma só nos basta:
— tocar viola,
fumar cachimbo ou dormir!

(*Continúa no fim do ANUARIO*)

PARA A MOCIDADE LER

A. Austregésilo
(Da Academia Brasileira de Letras)

Não somos, brasileiros, nem povo nem raça inferiores; ao contrário, sempre demos ao mundo demonstração de elevada moral, o que quer dizer, somos capazes de aperfeiçoamentos civilizadores. Temos a inteligência preparada para acompanhar o amadurecimento científico do mundo.

Em uma oração, faz mais de vinte anos, convidei os moços a abandonarem o sul-americanismo intelectual, isto é, a cultura indigesta por excesso de importação, da matéria prima para a nossa formação espiritual. Aqui reafirmo o convite não só aos moços como a todos que amem as ciências e as artes, porque se coordenarmos o trabalho intelectual, muito faremos pela grandeza do Brasil. Ora, o dever e o trabalho são os programas elementares da nossa inteligência; dever imperativo e trabalho profícuo, quer dizer sempre mirarmos a valorização da cultura brasileira, como fundamento patriótico. As forças do espírito são formidaveis desde que sejam bem orientadas. O behaviorismo, *perdoai-me a expressão, foi escolhido para o lema do grande povo do nosso continente.*

A idéia prepara a ação, esta dirige-se para o bem humano. A vida é a ascenção espiritual, e a alma adestra-se para a harmonia que é a grande aspiração do "grande ser". Que se não julgue o gênio criador, apanágio dos velhos povos europeus. Os gênios estão em toda parte e vivem em todos os tempos. São as circunstâncias que os fazem aparecer e luzir, isto é, o predomínio, no momento da raça no mundo, da sugestibilidade humana, que aumenta o valor dos grandes homens. Os homens magnos, os super-homens, nascem pelas forças do determinismo vital das gerações, brotam das acumulações galvânicas, das energias sociais que precisam de pontas para as descargas, e estas são os homens superiores, criadores das idéias fortes e dos abalos sociais. O super-homem é a conquista da inteligência, da força moral, elevada ao mais alto grau, afim de traçar as trajetórias da civilização e do progresso na atualidade e no futuro. O talento é fórmula de superioridade; o gênio depende da oportunidade, e por isto, às vezes, vale pela coletividade que se desloca pela força da idéia nova surgida do criador. As convibrações das épocas exaltam a força do gênio, acrescida pela sugestibilidade humana, pela distância e pela canonização do tempo. E' pois a consonância dos homens que cria o gênio, que pode passar despercebido durante bastos anos e até durante um século sem que a coletividade, "o grande ser" dele se não aperceba.

Devemos pois valorizar sempre os nossos grandes homens e crer-nos ao mesmo tempo capazes de todo feito humano, porque sou de opinião que não há raças inferiores; há épocas de acmes de povos no sistema orológico das civilizações.

A capacidade brasileira não é hipérbole

nem mito; falta-nos o labor assíduo e produtor. Sabeis que o trabalho util reforma e eleva os povos. Basta que cada um forneça a quota indispensavel ao rendimento social do maquinismo pátrio, e o progresso surgirá automaticamente. O trabalho humano apresenta sempre três faces de proventos: o pessoal, o nacional e o humano. Ao meu ver, o segundo deve possuir as maiores prerrogativas do imperativo categórico, do filósofo de Koenigsberg.

Temos bons elementos étnicos e creio que a grandeza do Brasil advem da mestiçagem. A pureza de raças é visão unilateral de velhos preconceitos. Os nossos princípios provêem de elementos étnicos fortes, do bom português, do lusitano de lei, das aventuras quinhentistas e seiscentistas, daqueles que se arrojaram à conquista da outra parte do Atlântico, com o idealismo propulsor das raças fortes. Temos ainda dois elementos raciais excelentes para o nosso caso particular de habitantes da zona tropical e subtropical — o índio e o áfrico.

As misturas étnicas dão-se pelas leis fatais de emigração e de adaptação mesológica. Somos fortes e seremos mais, pela quota das raças européia, indígena e africana de acordo com o caldeamento, na justa proporção da necessidade biológica e étnica. Só o tempo poderá fixar o mínimo da necessidade para a fortitude do tipo mestiço. O sangue etíope e o sangue do brasileiro nativo, entraram e entrarão em parcela indispensavel à criação e à fixação dos nossos caracteres biológicos e raciais, como as vitaminas são indispensaveis ao crescimento, à nutrição e à resistência dos tecidos do organismo vivo. Todos os povos latinos da terra foram feitos de mistura sanguíneas de isotérmicas diferentes, porem, próximas das suas. Isto aconteceu com o brasileiro que recebeu contingentes justa-zonais dos povos mais próximos dos trópicos ou das regiões subtropicais. Para que alemães, polonos, russos ou anglo-saxônios aquí permaneçam enraizados etnicamente ao solo precisam da mistura, em proporções suficientes, por enquanto dificil de serem fixadas, mas indispensaveis à resistência climática. O neolamarquísmo rege mais a questão da formação do nosso tipo; a teoria das transmutações de Hugo de Vries e Morgen serve para explicar a origem das novas espécies aparecidas na terra. Não creio na infalibilidade das leis de Mendel, aplicaveis ao homem.

Não é de hoje que digo que o negro não resume o grande mal do nosso país e muito lhe devemos. Resistiu com o braço de ferro e a pele luzente às violências caniculares, e a-pesar-de sempre mal nutrido ou desnutrido, fecundou a gleba resistindo a quasi todas as enfermidades. O negro espalhou rapidamente o sangue por todo o Brasil, por ser o elemento espontaneamente mais resistente e mais adaptavel ao tropicalismo regional e os mestiços dominaram logo o cômputo das populações, dando-nos resistência, como os avós de sangue da moiorama que deram defensa aos iberos nas conquistas das zonas tropicais da terra. A pesar da abundância, a linfa dos ulótricos não nos fez grande mal. Considerai, leitores, que no fulgor dos nossos gênios e na candura das mães brasileiras há induções magnéticas dos caldeamentos étnicos daquele continente que o mundo civilizado injustamente menospreza.

O mestiço franco, o cabra, o fulo, o cafuso, são elementos frágeis que serão progressivamente dizimados pela força misteriosa da vida; mas esse oitavo de sangue líbio que nos ficará no organismo indígena, constituirá garantia da nossa resistência, a força, a unidade, a fórmula racial da qual se aproxima o sertanejo ou caboclo brasileiro, que segundo o meu testemunho pessoal, não provem somente da mistura do índio e do lusitano, mas, tambem do negro, pelas qualidades corporais, e pelo aspecto da pele, do cabelo, das feições que são diversas no índio primitivo.

A conclusão a que chegou Roquette-Pinto nos Ensaios da antropologia brasileira, "é que o homem no Brasil deve ser educado e não substituido, porque a antropologia desmente e desmoraliza os pessimistas, pregoeiros da nossa inferioridade".

E' o grande amor à pátria que me inspira a sincera confiança no destino do nosso povo. Falta-nos perceber que a força está em nós mesmos, dentro do nosso passado, e que se afirma no presente. Há tambem a força sugestiva contrária, com a qual temos que lutar, como sentimento ou complexo de inferioridade, de humildade que nos domina imperiosamente. A grandeza da nação virá da sincera confiança na educação do povo, na certeza do nosso valor étnico, e sobretudo no processo da auto-sugestão que faz despertar dentro de nós o entusiasmo da vida e a confiança em nós proprios. O processo

curativo individual deve espalhar-se pela alma nacional que se não imbuirá de optimismo ingênuo, mas da capacidade construtora no trabalho eficiente, na ação contínua, para trajetoria ascencional, dominado pela lei humana por excelência que é a ânsia do maior e do melhor.

Preparemos o espírito para a conquista do Bem. Sejamos conquistadores de nós mesmos, porque assim nos tornaremos os povos descobridores americanos. Penetremos nos sertões do nosso espírito, em viagem interior, e colhamos as forças latentes que nos são mascaradas pelo desânimo e pelo sentimento de inferioridade que nos tendem a afastar da sincronização do mundo civilizado. A ênfase constitue às vezes a maneira facil de dominar, e certos povos da terra preparam o renascimento pelas maneiras enfáticas, místicas e sugestivas na proclamação dos valores. Creiamos em nós, e o dinamismo salutar surgir-nos-á da nacionalidade como irradiação natural das nossas energias, porque as idéias se transmutam automaticamente em atos e estes em hábitos, quando repetidos. O amor ao trabalho surde habitualmente dessa lei elementar do ritmo do pensamento e da ação.

O PASSADO E O PRESENTE DA LITERATURA

João Duarte, filho

Toda a literatura brasileira, e suas diversas fases, é uma literatura falsa. Falsa nos seus própositos, que quasi nunca os teve bem definidos, falsa nas suas origens, falsa no seu desdobramento. E isto desde os seus primeiros ensaios.

De princípio foi o endeusamento da terra. A terra aparece nos primeiros escritos sobre o Brasil, como se fosse uma coisa feita por Deus, encomendada a grandes artífices para embasbacar os homens deste mundo. A terra, os rios, as florestas, as flores, as próprias cores do céu, tudo era escandalosamente aumentado pelos primeiros escritores que redigiram cartas, informações, diários de viagem.

Depois, nos primeiros balbucios da literatura, tivemos a falsidade do endeusamento dos poderosos do dia nas inumeras prosopopéias que, com este título ou com outras designações, tanto abundaram em certa época brasileira dos princípios do Brasil. O escritor, numa revivescência de tempos antigos da Europa, vivia ou pretendia viver apenas do favor dos príncipes, que príncipes, pela vida que levavam, eram todos os administradores do tempo. E o endeusamento do poderoso era o único feito para conquistar-lhe as graças, os favores, as pensões.

E quando a literatura, na poesia ou na prosa, começou a se afirmar, com certa independência de criação e de forma, com as suas primeiras tendências nacionais, tambem foi falsa, pela exaltação. Aí talvez a falsidade fosse até necessária para o despertar de uma conciência nacional que ainda não existia e cujos princípios vinham sendo afogados debaixo da compressão dos administradores portugueses.

Surgiram as escolas literárias, vieram os cantores do índio e das riquezas da terra jovem, fazendo nacionalismo e indianismo falsos que ainda hoje subsistem na idéia falsíssima de grandeza e riqueza do Brasil. E no verdadeiro desconhecimento do índio que nenhum pesquisador moderno, entrando pelos velhos escritos da literatura ou da história, conseguiu estudar, classificar, situar nem como raça nem como civilização própria somente porque as indicações que se encontram na literatura que os endeusou estão reconhecidamnte pejadas de pressupostos falsos e de um amor tambem falso todo feito de ternura, de piedade, de humanidade infantil e simples. E o resultado foi que o pesquisador isento das paixões e dos preconceitos da época não pôde, por mais que o quisesse, sair de dentro desse emaranhado de parcialidades e exaltações, com um sentido claro, nítido, da época que pretendera estudar.

As outras escolas, as outras épocas literárias que tivemos foram cheias dos mesmos prejuizos.

Os românticos, por exemplo, fizeram versos no Brasil em uma das épocas mais calmas, mais tranquilas que o povo e o país desfrutaram. Influenciados, porem, pelas escolas européias, que tinham as suas reservas de tristeza e misticismo, viveram no mundo da lua como que criasse as suas próprias dores para chorá-las depois.

E o abolicionismo? Proporcionando uma verdadeira literatura, pela poesia, pela prosa, pela oratória, o abolicionismo pode ter deixado, como deixou realmente, grandes páginas, verdadeiros gênios da nossa literatura. Nada, porem, foi mais falso. Salvou-se, na literatura deixada pelo movimento abolicionista, a idéia e a forma. A realidade, porem, esteve sempre longe, muito longe, de tudo isto que nos ficou. O próprio Castro Alves, poeta genial da América e do mundo, quando escreveu o "Navio Negreiro", pensava em uma escravidão desapiedada e monstruosa, peor, talvez, do que o sistema das primeiras épocas do mundo, numa escravidão que a sua genialidade supunha existir, que a sua imaginação criava, mas nunca na escravidão que existiu no Brasil, uma escravidão não somente necessária como, tambem, humana, mansa mesmo. E as páginas de Nabuco, das melhores, pela forma e pelo espírito, que subsistem em nossa lite-

ratura tambem estão eivadas dos mesmos prejuízos. O seu estilo claro, nítido, perfeito, viril, supera, nele, o valor da campanha que empreendeu e que ganhou...

Isto, quando visto assim, numa vertigem, sem consulta e, quasi, sem memória e sem cronologias e datas. Porque se descêssemos a examinar, como críticos, todos os nossos grupos de escritores encontraríamos, nas suas tendências e na forma preferida, a mesma falsidade. A falsidade do simbolismo onde a "ignorância genial" de Cruz e Sousa pontificou como um mestre; no cientificismo de Augusto dos Anjos, esse gênio torturado e doente; no aticismo de Coelho Neto e, até, na própria sensualidade educada de Bilac, do Bilac elegante e fino que, a pesar de tudo, estará sempre, como um centro, representando a alma e o coração do Brasil, quando a sua poesia puder ser, pelo tempo e pela crítica imparcial, depurada dos seus requintes estéticos para ficar, apenas, como um produto do sentimento, do sensualismo terno e mole do brasileiro.

E a literatura de hoje... Esta, felizmente para as gerações doidas que vão passando, é a mais livre, a mais liberta, a mais autônoma de todas as fases literárias do Brasil. Começou tambem falsamente, num modernismo, num nacionalismo, numa ânsia de novidades que quasi a prejudicam de todo, mas teve coragem de se libertar desses princípios espúrios e vai, hoje, vivendo dentro da realidade como se fosse a realidade mesma. Houve os excessos prejudiciais de Jorge Amado que, entretanto, não prejudicaram a época porque o mais prejudicado foi mesmo o autor; houve a mania de escrever mal do Sr. José Lins do Rego que não afetou tambem a época porque só serviu para prejudicar, se prejuizos houve, o próprio escritor, e houve uma chusma enorme de poetas e prosadores que entraram pelas revistas, publicaram livros e cadernos de poesia e de prosa, mas que, agora, não se fixam mais em nenhuma estante pública ou particular.

Mas a época ficou salva, na poesia e na prosa. Ficou salva com muita coisa do Sr. Jorge de Lima de cuja obra a parte má, forçada, não conseguiu matar a grande parte boa; ficou salva, no romance, com Graciliano Ramos, que mesmo quando escreve sobre um pequeno debate, insignificante e apagado da vida sertaneja, produz um livro como "Vidas Sêcas"; ficou salva em "Os Corumbas" de Amando Fontes; ficou salva nos romances, nos grandes livros de E'rico Veríssimo. E em muita coisa mais, na poesia ou na prosa.

E' que, em tudo, estamos vivendo, como na literatura, uma época que quer ser independente. Temos uma Constituição, que não é cópia nem decalque e que, a pesar das características fortes de que se reveste, faz questão de se proclamar, pelos seus líderes mais sinceros, como o produto de um governo forte que se retrai a apoiar-se na sua própria força desmedida para poder, assim, assegurar as liberdades do povo; a música tambem se liberta, voltando ao negro ou ao índio como num regresso à liberdade e à vida livre das florestas primitivas do Brasil ou das selvas apavorantes da África. Em tudo um sentido de independência, de liberdade, de vida nova, de verdade.

E a grande observação é que, nesta ânsia pela verdade das coisas e pela liberdade da vida, a primazia foi da literatura. A literatura, libertando-nos do falso ambiênte em que sempre viveu, arrastou o povo e as elites atrás de si para a vitória que, não sendo positivamente a que os literatos e os escritores desejariam, não deixou, entretanto, de ser uma vitória, uma grande vitória — a única até aquí, da literatura brasileira...

Santa Rosa

Cidades Brasileiras

Plinio Cavalcanti

Refulgindo como gêmas do mais fino colar e marchetando aquí e alí a imensidade da terra brasileira, os centros urbanos criados pelo homem e engrandecidos pela civilização, constituem, sem dúvida, um dos lances mais épicos e empolgantes da geografia humana.

Para aquilitar, porem, o valor deste esfôrço e o que de fato significa, na vida econômica da nacionalidade, essa luzida constelação de cidades, precisamos antes de tudo ter em vista, não só os parcos recursos da época, como as dificuldades de toda a ordem que se sobrepuzeram ao colonizador.

Assim pensando, não podemos deixar de reconhecer o quanto de energia e tenacidade consumiu o português na formação inicial desses modestissimos burgos que a terra fecunda, num verdadeiro milagre da polinização, fez crescer e prosperar de norte a sul do país.

Basta ver os maravilhosos engenhos que a técnica concebeu, para facilitar a atividade do homem desde os mais delicados aparelhos de ótica e microbiologia, às mais poderosas máquinas, turbinas e motonaves, para se ter uma ligeira idéia de tão profundo e dramatico episodio.

Não dispondo de transportes rápidos, nem utilizando o ferro com a prodigalidade com que hoje dele nos servimos para quasi tudo, graças às ligas que o fazem dia a dia menos volumoso, o desbravador luso teve que servir-se dos petrechos de madeira mais primitivos, tanto para construção das casas, como para as mil utilidades de toda sorte que a vida exige.

Há ainda a considerar o esfôrço dispendido na defesa contra o gentio, sempre solerte e vigilante no instinto natural de senhor da terra que a natureza lhe dera para morada e patrimônio.

Erguidas a princípio â beira-mar, como São Vicente, Olinda, Baía, Recife, Vitória, e Rio de Janeiro, foram aos poucos se espalhando pelo interior do imenso planalto, para alem da muralha soberba de Paranapiacaba, como Santo André da Borda do Campo, Piratininga, S. Miguel, Sto. Amaro, Itapecerica e tantas outras povoações que, depois, ganharam o vale do Tieté, o recônvaco da Baía, a mata pernambucana e outras regiões do país.

Abrigo e atalaia dos povoadores que primeiro pisaram a terra de Santa Cruz, estas cidades, entre as quais atualmente se contam verdadeiras metropoles, possuem uma história movimentada e guardam como nossas avós reminiscencias bonitas e pungentes do passado.

Contemporâneas de uma época em que as lutas religiosas e os embates do imperialismo geravam guerras e um espírito de inquietante exaltação insuflava as aventuras mais ousadas, os nossos núcleos de povoamento não podiam escapar à ganância do côrso e a todas as artimanhas da cobiça.

E tanto maior voracidade despertavam, quando, quasi desprotegidas, só podiam contar, para garantir-lhes a existência, com os minguados elementos da metropole distante e os instrumentos de defesa que o aborigene lograra fabricar para as necessidades mais imperiosas da rude peleja em que vivia peito a peito com as forças do ambiente hostil.

*

* *

Simples agrupamento de casebres e ranchos de pau a pique, taipa ou adoube, esses arraiais, erguidos como sentinelas do litoral aos páramos sem fim do sertão, foram com o correr do tempo desenvolvendo o seu sistema osseo, graças ao material mais perfeito que o desbravador lograva obter.

Obrigados a utilizar aquilo que a natureza lhes oferecia, os conquistadores foram aos poucos se adaptando e conseguindo a confiança e auxilio de certas tribus indígenas, as quais, graças especialmente à habilidade e doçura do jesuita, se tornaram suas colaboradoras prestimosas, ensinando-lhes desde os segredos das plantas úteis e medicamentosas, até os mistéres mais comezinhos.

Nesta róta de idéias e na maneira por que vou procurando deter-me em torno da história dos centros iniciais do nosso povoamento, tenho bem nitidas as palavras de Jean Brunhes, quando afirma que os egipcios foram obrigados a se servir da terra e até do lôdo para suas habitações, em virtude das facilidades que tinham para construir a casa de barro (La Geographie Humaine, ed. Felix Alcan, 1925, pág. 130).

No Brasil, como a abundancia de madeira era tambem enorme, o colonizador pôde utilizá-la conjuntamente com o barro, não só para os lanços das paredes como para cobertura, já em achas, já em taboinhas, principalmente no Paraná, Santa Catarina e norte do Rio Grande.

Para assegurar a vida de seus habitantes, nas investidas do bugre e dos aventureiros que a necessidade de povoamento fazia afluir à colonia, sem falar nos ataques dos corsarios à orla do Atlântico, os aldeamentos, aliás, com fóros de cidades, como S. Vicente, Baía, Santos, Olinda, S. Luiz, etc., eram defendidas por cercas de pau a pique ou palissadas, consoante os postos militares.

Neste rápido bosquejo, apenas tentamos recordar a estrutura dos mais antigos centros demográficos da nação, alguns dos quais se transformaram em importantes cidades como Baía, Rio, S. Paulo, Recife, Santos e tantas outras capitais, sendo que algumas, como Manáos, situada na maior floresta do mundo, exalta bem a capacidade da nossa gente.

Substituta dos velhos feudos rurais que o patriciado afro-luso-brasileiro instalara nas proximidades da côrte, a cidade, desde o litoral aos rincões mais remotos do oeste, experimentara um surto notavel, uma vez que o advento da abolição viera tirar a importancia que desfrutava a fazenda, verdadeira fabrica e emporio comercial provido de todos os gêneros de primeira necessidade e onde, no dizer pitoresco dos nossos avós, só entravam sal e polvora.

*

* *

Basta considerar a grandeza territorial do Brasil, com sua área de 8 milhões e meio de

PENSAMENTO FORMULADO E A PROPOSIÇÃO

Djacír Menezes

Erdmann admitiu duas formas distintas de pensamento: um verbal, que denominou de *formulado*, outro não-verbal, que chamou de *intuitivo*.

Esse ponto de vista está perfeitamente acorde com as aquisições da psicologia atual. O pensamento, como fato subjetivo, desborda dos quadros do simbolismo organizado, em certos indivíduos fortemente dotados. Isso não exclue o conteudo sociológico do pensamento, que se desenvolve pela evolução biológica do indivíduo em conexão com a riqueza de estímulos do ambiente cultural.

A aquisição dos meios expressionais resulta de um processo incessante em que se casam hereditariedade biológica e hereditariedade cultural, o que vem da espécie e o que vem do ambiente social. Neste se organiza a experiência individual, com base nas capacidades inatas.

Tem sido mais facil estudar "o pensamento formulado", para continuar empregando a expressão de Erdmann na sua *Logik*. Compreende-se facilmente por que motivo. A-de-mais, o pensamento intuitivo, por sua própria natureza, torna-se incapaz de fixação pelo símbolo, sem enlace com as representações e com as percepções, desenvolvendo-se afim ao pensamento verbal.

Este é o pensamento que se enquadra dentro dos modelos sintáticos da linguagem. Encaleira-se, disciplinando-se, em formas usadas no grupo social, elaboradas por uma longa vida mental dos indivíduos unidos pelo mesmo processo sociológico de formação.

A estrutura sintática da linguagem trai logo essa longa experiência social. Por ela se desvenda seus lineamentos lógicos mais característicos. O pensamento verbalmente formulado é o pensamento lógico.

Portanto, pensamento disciplinado, sujeito à coerência interna.

O erro clássico foi decompor até a palavra, considerada unidade, em vez de juizo.

Quando se observa a linguagem infantil e sua evolução, vê-se como, psicologicamente, o juizo antecede a palavra. Primeiramente, ligadas às condições orgânicas, as manifestações de linguagem traduzem situações definidas, cenestésicas ou biológicas, de conservação e manutenção. Teem conteudo completo. E' o elemento primitivo, algo como o protoplasma para a vida orgânica.

Por evolução e diferenciação é que se discriminam os conceitos.

*

* *

O pensamento infantil, tão sutilmente analisado por Piaget, se caracteriza pelo seu sincretismo, egocentrismo e animismo. Tais características nascem da própria atitude mental da criança, segundo seu grau de desenvolvimento ontogenético, em face do meio. A insensibilidade à contradição fá-la divergente da lógica do adulto. Nela domina a imagem. Não prevalece a representação abstrata das coisas, mas sua representação sensivel. Os conceitos derivam de impressões sensoriais, em que se embebe fortemente o pensamento da criança. No adulto, porem, as representações das coisas esquematizam-se, por processos sucessivos de abstração: o conceito perde sempre sua seiva sensorial (se podemos falar assim), intelectualizando-se gradualmente. Tornando-se *sinal*, expressão de uma coleção de coisas, de uma generalidade, de uma espécie (1).

A incapacidade das línguas primitivas ou selvagens para expressão das idéias abstratas e gerais exprime esse fato: a incapacidade de

---

(1) Djacir Menezes, *Preparação ao Método Científico*, cf. os capítulos iniciais.

abstrair a que chegou o adulto branco e civilizado de que fala Ribot. A pluralidade que deriva da multiplicidade das impressões sensoriais enriquece a atividade imaginativa: mas desaparecem os laços lógicos, que, por processos abstrativos, permitem a organização superior do conhecimento, que se torna coerente com a eliminação progressiva das contradições expurgadas.

Que se deu em relação com o pensamento e a palavra?

Uma mecanização incessante, pelo hábito e pelo exercício, facultando estreitíssima associação entre a palavra e sua representação. Até que se atingiu o ponto em que a compreensão pode decorrer da própria palavra, sem que se necessite de uma representação, como pensa Kurt Grau.

*

* *

A análise gramatical da proposição não se confunde com a análise lógica do juizo. Gramaticalmente, uma proposição tem muitos elementos, que caracterizam o sujeito, o predicado, o objeto, as determinações de lugar, de tempo, etc. Logicamente, o juizo possue sómente sujeito e predicado.

O lógico abstrai a *matéria* do juizo, isto é, os objectos que o espírito julga, os *dados*. Fica-lhe apenas a *asserção*, intrínseca a qualquer juizo, que se reduz a uma afirmação ou negação de uma relação entre dois termos. Tal o campo da lógica formal, e as propriedades estudadas são chamadas *propriedades formais*. Os raciocínios dedutivos, em cadeias de juizos, que derivavam *vi formae*, foram estudados pelos escolásticos e aristotélicos em geral como redutiveis às regras silogísticas. Só a análise moderna pôde mostrar que o raciocínio dedutivo era mais potente e rico que as estreitas molduras da silogística (2).

(2) B. Russell, *Principles of Mathematics*, 2.ª ed. — Behmann. *Logik und Mathematik*. — Carnap. *Logische Struktur der Sprache*. 1936.

A matemática e «Os Sertões»

J. C. Melo e Souza
(Catedrático da Escola de Belas Artes)

Euclides da Cunha, em quasi todas as páginas de *"Os Sertões"*, deixa transparecer, com traços seguros e impecaveis, a pujante cultura matemática de seu espírito.

E' interessante assinalar que o engenheiro, empregando expressões puramente técnicas ou interpolando em seus períodos conceitos geométricos, não sacrifica a forma do escritor genial que nos assombra com seu estilo conciso e lapidar.

Várias centenas de expressões, colhidas na ciência de Lagrange, poderíamos sublinhar na obra admiravel de Euclides. Vamos focalizar apenas, acompanhado de rápidos comentários, as formas que nos pareceram mais interessantes e sugestivas.

Seguimos, em nossa análise, um exemplar revisto da 11.ª edição fazendo acompanhar cada citação do número da página correspondente.

I — ÁREAS; SUPERFÍCIE; PLANO.

A Matemática emprega, a cada momento, vários conceitos que não podem ser definidos. Aliás, em qualquer teoria dedutiva, as noções principais são apresentadas como puros símbolos cujas propriedades decorrerão de certos postulados.

Entre os conceitos não definidos em Matemática poderíamos citar: *espaço, tempo, grandeza, ponto, reta, superfície* e *plano*.

Qualquer tentativa feita no sentido de se defenir uma *superfície*, por exemplo, conduz fatalmente a um erro ou a um disparate. Os compêndios usuais estão, nesse sentido, cheios de absurdos e contra-sensos.

A mesma cousa, entretanto, não ocorre com a noção de *área*.

Euclides da Cunha

Área, por definição, é a medida de uma superfície. Um matemático ortodoxo seria incapaz de se referir a *uma área curva*, pois a área sendo uma fórmula ou um número é destituida de formas geométricas.

Euclides da Cunha emprega, em geral, a palavra *área* para designar uma certa superfície cuja grandeza é determinada. Eis um exemplo:

... *do mesmo passo lhes explica a exuberância sem par e as áreas complanadas e vastas*. (4)

Em outro trecho encontramos a mesma palavra empregada no sentido de superfície:

...topam-se, a centenas de metros, extensas áreas ampliando-se, boleadas, pelos quadrantes, numa prolongação indefinida, de mares. (8)

E as "extensas áreas" vão reaparecer na página 17:

...e sobre elas, cobrindo extensas áreas, camadas menos resistentes de argila vermelha...

E o leitor atravessa "áreas de nivel:"

...aquí apontam, rijamente, sobre as áreas de nivel. (7)

Em outro passo já se nos deparam "largas áreas":

Não são raizes, são galhos. E os pequeninos arbúsculos, esparsos, ou repontando em tufos, abrangendo às vezes largas áreas, uma arvore única e enorme, inteiramente soterrada. (40)

Eis agora uma sugestiva "área em cinzas":

Inscreviam, depois, nas cercas de troncos combustos das caitaras, a área em cinzas onde fora a mata exuberante. (53)

Um campo de cultura é apontado entre as áreas mais valiosas:

... inscritas na rede das derivações, fecundas áreas de cultura. (61)

O escritor fala-nos, porem de áreas estereis e desnudas:

...as florestas mascaram vastos territórios estereis, retratando nas áreas estereis as inclemências de um clima. (72)

A grandeza territorial não deixa de ser uma área:

...e surgindo entre os nortistas que lutavam pela autonomia da pátria nascente e os sulistas, que lhe alargavam a área. (99)

E' muito comum entre os matemáticos a expresão "área plana" considerada, por alguns, como pouco correta:

...oferecia aos combatentes área mais desimpedida e plana. (460)

Logo que aparece um lençol d'água cobrindo a região, Euclides abandona a área e retorna à superfície:

A-de-mais, todas aquelas superfícies líquidas, esparsas em grande número. (58)

E ao descrever uma região cheia de açudes:

...pequenos açudes uniformemente distribuidos e constituindo dilatada superfície de evaporação,

Reaparecem depois as superfícies:

...abrangendo extensas superfícies para o interior. (72)

Ou ainda, caminhando sempre:

...em toda esta superfície de terras. (101)

Com os prodigiosos recursos de seu estilo escreve o autor de "Os Sertões":

E para logo, irradiantes pela superfície da arena, arremetem com as caatingas. (125)

O plano sendo a mais simples das superfícies não poderia ficar esquecido por um escritor matemático:

...primeiro os planos das chapadas e tabuleiros, esbatidos em baixo em planícies vastas. (146)

E às vezes, quasi geométricos:

As mesmas assomadas gnêissicas, caprichosamente cindidas em planos quasi geométricos.

O plano pode ocupar diversas posições. Eis um exemplo de plano inclinado:

Canudos era uma tapera dentro de uma furna. A praça das igrejas, rente ao rio, demarcava-lhe a área mais baixa. Dalí, segundo um eixo orientado ao norte, se expandia

alteando-se a pouco e pouco, em plano inclinado breve, feito um vale largo, em declive.

Um algebrista ficaria surpreendido se visse uma "linha" repartir-se em "planos". Os símbolos geométricos apresentam-se sob novos coloridos nas páginas do escritor:

A linha ideada, feita por um rápido desdobramento de brigadas numa longura de dois quilômetros, ia partir-se em planos verticais. (456)

Área estreita:

Alheias ao destino dos outros companheiros, reduzindo a batalha à área estreita em que jogavam a vida. (463)

Podemos sublinhar uma área reduzida:

Mas eram em número diminuto, quatrocentos talvez, comprimidos em área reduzida. (588)

Plano vertical e superfície:

Ostentam em plano vertical, sucedendo-se a partir da base, as mesmas rochas que vimos se substituirem em alongado roteiro pela superfície. (7)

Plano perfeito, para designar talvez a superfície geométrica:

Realça-se-lhe, então, o porte, levantada, em recorte firme, a copa arredondada, num plano perfeito sobre o chão. (47)

II — A LINHA; A RETA; AS CURVAS.

O geômetra considera a linha como a trajetória de um ponto. De todas as linhas a mais simples é a *reta* que, aliás, não se define. A linha é *curva* quando não é reta nem contem parte de reta.

Euclides da Cunha emprega o conceito de linha com grande elegância e precisão:

...a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias. (3)

A curva, fechada, desmedida:

...os contornos agitados do Caipã — ligam-se e articulam-se no infletir gradual traçando, fechada, a curva desmedida. (25)

Na pág. 114 vamos encontrar a linha definida com rigor geométrico:

Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajectória retilinea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. (114)

O escritor não esquece que os pontos traçam linhas irregulares:

Dispunham-se formando linhas irregulares de baluartes. (188)

Uma curva pode ser determinada por dois, três ou mais pontos. Esses pontos são chamados "pontos determinantes da curva". Essa expressão aparece com admiravel precisão na pág. 297:

...constituem os pontos determinantes da curva inflexivel em que o arrebatava a fatalidade biológica. (297)

Mais uma trajetória retilínea:

O movimento contornante a princípio, ultimar-se-ia em trajetória retilínea; e se fosse impulsionado com sucesso favoravel, os jagunços, mesmo no caso de inteiro desbarate, teriam, francos ao recuo, três angulos do quadrante. (449)

Vejamos agora uma expressão feliz e bastante expressiva:

Sabia que o homem, cuja carreira se destacava numa linha reta sêca, inexpressiva e intorcivel, não daria um passo a favor ou contra no travamento dos estados de sítio. (505)

A linha, quando interrompida, é dita descontínua:

Volvendo à esquerda, sob o anteparo da linha descontínua de choupanas por ali dispersas, passava-se, dados mais alguns passos. (343)

E' interessante apreciar uma curva fechada formada de segmentos:

Ainda que em fragmentos, traçara-se a curva fechada do assédio real, efetivo. (556)

Curva ondulada:

A um de fundo, a fila extensa, tracejando ondulada curva pelo pendor da colina. (606)

III — CÍRCULOS; SEMICÍRCULO; CICUNFERÊNCIA.

Pitágoras considerava o círculo como o símbolo da perfeição. A curva que limita o círculo é a circunferência.

Na linguagem literária emprega-se "círculo" para designar a linha, isto é, a própria circunferência de círculo:

...em alinhamentos incorretos de menires colossais, ou em círculos enormes. (7)

A seguir uma parte do círculo:

Demarca-o de uma banda, abrangendo dois quadrantes, em semicírculo, o rio de São Francisco. (9)

O círculo, para o observador, pode ser estreito:

E' que por um efeito explicavel de adaptação ás condições estreitas do meio ingrato, evolvendo penosamente em círculos estreitos. (38)

Em outra página o círculo é empregado em sentido rigorosamente geométrico:

...dominando a reviviscência geral — não já pela altura senão pelo gracioso porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculos, os galhos numerosos. (46)

O "círculo vicioso", expressão comumente empregada em sentido figurado, aparece duas vezes em "Os Sertões":

O regimen decorre num intermitir deploravel, que lembra um círculo vicioso de catástrofes. (60)

Quinze páginas depois encontramos:

... enquadrada pelo mesmo cenário lúgubre, revivendo o mesmo ciclo, o mesmo círculo vicioso de catástrofes. (75)

Círculo assaltante:

...arroja-se, de clavina sobraçada e em punho, contra o círculo assaltante. (156)

Círculo formidavel:

...um círculo formidavel de trincheiras cavadas em todos os pendores. (188)

Uma imagem feliz:

Fez-se em torno um círculo de vigilância. (230)

Círculo único:

...rola todo neste círculo único. (237)

Círculo isolador:

...insulando o arraial num grande círculo isolador, (247)

Podemos sublinhar um "hemiciclo:"

...mal aglomerados em enormes hemiciclos. (268)

O círculo é uma figura bem definida, perfeitamente caracterizada e não pode ser irregular. A imaginação de Euclides leva o leitor para alem das formas puramente geométricas, e chega ao arrojo de apontar um "círculo irregular":

...inscrito em vasto círculo irregular tendo como pontos determinantes os povoados que o abeiram, do Cumbe ao sul, a Santo Antonio da Gloria ao norte, de Geremoabo a leste, a Monte Santo a oeste, se opera lentamente a formação de um deserto. (315)

Mais adiante o semicírculo com uma corda, que é talvez o diâmetro:

...a que dá o nome, arqueando-se em volta longa, um quasi semicírculo de que o caminho é a corda.

E. da C. abandona o círculo e apela para a circunferência:

Para se ultimar a circunferência fazia-se mister um traçado. (468)

Outra vez o círculo:

Viu-se que os jagunços haviam mais uma vez vingado o círculo cortante das baionetas. (475)

Círculo incandescente:

...puderam vingar, demandando outras paragens, o círculo incandescente das secas. (484)

Ferimento da bala. Círculo diminuto:

...a bala, que penetrava os corpos mal deixando visivel o círculo do diminuto calíbre. (445)

Durante o combate as espingardas e sabres formam um círculo:

Num segundo os assaltantes se veem num círculo de espingardas e sabres. (497)

Já os batalhões apresentam-se em círculo maciço:

Porque aquele círculo maciço de batalhões começou de ser partido. (577)

Em outra página traça o escritor um semicírculo:

Convergia sobre o núcleo reduzido dos últimos casebres, partindo de longo semicírculo de dois quilômetros. (591)

IV — RAIO; CORDA; TANGENTE; NORMAL.

Qualquer porção de uma curva denomina-se um *arco*. O segmento da reta que une os extremos de um arco é denominado *corda*.

Euclides da Cunha emprega constantemente esses conceitos geométricos.

Na página 10, por exemplo:

...o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras.

Normal é a perpendicular à tangente no ponto de contacto:

...encurvando tambem para sudeste, numa normal à direção primitiva, o curso flexuoso do Itapicurú-assú. Segundo a mediana, correndo quasi paralelo entre aqueles, com o mesmo descambar expressivo para a costa. (10)

Referindo-se às "cavidades circulares" formadas pelas chuvas:

...tangenciando-se em quinas de rebordos cortantes. (18)

Do alto da serra de Monte-Santo o observador pode admirar a região:

...estendida em torno num raio de quinze léguas. (22)

Outra vez esbarramos com uma corda de serras:

E vê-se que as cordas de serras. (22)

Ou ainda:

...cordas de serras que se alinham para nordeste paralelamente à monção reinante. (35)

Uma imagem belíssima. Referindo-se à passagem da linha equatorial pela península arábica:

...depois de tangenciar a ponta meridional da Arábia paupérrima; (52)

Normal:

Começa investindo com a montanha, segundo a normal de máximo declive, em rampa de cerca de vinte graus. (146)

Raio:

...num raio de alguns quilômetros partindo de Monte-Santo se estende região incomparavelmente mais viva. (252)

Eis uma linha que só um geômetra poderia citar com precisão *normal de máximo declive*:

...depois, mais rápido, pelas normais de máximo declive, despenhando-se, por fim, vertiginosamente, (283)

Ainda uma vez "a corda das serras":

...a corda ondulante das serras igualmente desertas, (443)

A flexa de um semicírculo é igual ao raio. A comparação que a seguir transcrevemos é rigorosa e perfeita:

Porque a direção deste a interferia normalmente, como a flexa do enorme semicírculo: (455)

Ponto de tangência ou ponto de contacto:

Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra. (520)

V — ÂNGULO; VÉRTICE.

Ângulo é a figura formada por duas semi-retas que teem a mesma origem.

As semi-retas são os *lados;* o ponto ou interseção é denominado vértice.

O primeiro ângulo aparece na pág. 16:

...adiante se cercam de fraguedos, em desordem, mal seguros sobre as bases estreitas, em ângulo de queda,

Vértice pontiagudo:

Depois se alteia, de improviso, retilínea, em ladeira forte, arremetendo com o vértice pontiagudo do monte, (146)

O vértice, em geometria, é um ponto; para o escritor o conceito é mais amplo. Vemos, portanto, um vértice *prolongar-se*:

Entretanto é por esta acima até ao vértice que se prolonga, (253)

ALGUNS ROMANCES DE 38

Guilherme Figueiredo

Ranulpho Prata, — NAVIOS ILUMINADOS — Livraria José Olímpio Editora.

Foi o Sr. Lins do Rego, em artigo publicado há tempos, quem dividiu os estilos em "gordos e magros". Classificação arbitrária, como todas, encerra ela, tambem como todas, um traço de verdade. Estilo gordo teria sido o de Coelho Neto; magro, o de Machado de Assis. Entre os modernos, a mesma distinção se pode fazer entre os Srs. Menotti del Picchia e Graciliano Ramos. Não vemos nisto um mal. Nem tão pouco um bem. Estamos em que o exagero de qualquer desses atributos é que viria prejudicar o escritor.

Um exemplo do que dizemos é o "Navios Iluminados", do Sr. Ranulpho Prata. E' talvez, técnicamente, um dos livros mais bem feitos de quantos nos teem aparecido ultimamente. Equilíbrio, concisão, ambiente bem fixado pela objetiva do autor. E sobretudo personagens sem "propósito literário" predeterminado, isto é, personagens simples e humanos. Mas quer-nos parecer que o autor tomou para si mesmo a qualidade dos seus personagens: o Sr. Ranulpho Prata quasi não faz literatura. Os seus dotes de narrador são de uma sobriedade tal, que a história, ao fim de um certo tempo, descamba num ambiente tão seco que a tragédia de José Severino, o herói do romance, não se transporta para o leitor. Em "Navios Iluminados" a poesia da vida fica só no título, por culpa do estilo. E no entanto, que segurança há neste escritor, ao nos levar à presença da vida e do drama dos estivadores de Santos! Que cena deliciosa, aquela em que Severino, grande de saudade e vontade de vencer, contempla do cais o transatlântico que se afasta na noite! E a descrição chã e modesta do Dr. Luciano, médico do Hospital!

O autor filia-se à escola dos nossos escritores "não literários", rebeldes à comparação, ao estilo florido, engenhoso, cheio de insinuações — ao "esprit". O seu metodo é sobretudo visual. O trabalho interior dos personagens se manifesta por ações, muito mais que em pensamentos. E por isso, sómente por culpa dessa aridez, "Navios Iluminados" não se lê de um fôlego: a vida de Severino, nua e crua, nos causa um indisivel mal-estar, porque o autor não teve piedade alguma de seus personagens.

Nenê Macaggi — CHICA BANANA — Pongetti.

Pobre e obscuro, o romance feminino no Brasil.

As nossas romancistas são mais ou menos improvisadas, e por isso raramente possuem uma visão real e equilíbrada do que seja um romance — e de como o produzir. Parece-nos ser o caso da Sra. Nenê Macaggi, que por sinal não é uma estreante, mas autora já de duas séries de contos trágicos.

Não queremos acreditar, a calcular pelo romance da Sra. Nenê Macaggi, que a autora seja precisamente a figura literária de morbidez e de sombras, capaz de produzir contos trágicos. Muito menos, é claro, um "romance realista". Aquí está mesmo um caso por onde se poderia avaliar bem o que possa ser um "romance realista", para uma mulher, para a mulher brasileira. A aceitar a interpretação da autora de "Chica Banana", romance realista seria aquele em que a gente vai contando as coisas, alí, pão-pão, queijo-queijo, sem sentir vergonha e sem contornar as frascarices dos personagens. Conceito pequeno, a nosso ver. A Sra. Nenê Macaggi vem demonstrar, inegavelmente, uma grande coragem, sobretudo para uma mulher, com a história de Raél, de modo que a contou; é de lastimar, porem, o seu pouco amadurecimento para o verdadeiro romance, onde é perfeitamente dispensado o estilo declamatório, a digressão que visa intenções claras demais, e o desprezo da simplicidade, atributo essencial do bom narrador. Com a audácia que possue, e deixando de lado esses defeitos, é possivel que ainda nos deixe obras de grande vigor.

A capa do livro é um admiravel trabalho gráfico, cujo autor os editores Pongetti se esqueceram de revelar.

Eudes Barros — DEZESSETE — Pongetti.

Um belo documentário da revolução pernambucana de 1817 é este romance do Sr. Eudes Barros. Trabalho cuidadoso, onde a ficção e a verdade dos fatos se aliaram para descrever uma das mais emocionantes páginas da História do Brasil anterior à Independência.

O Sr. Eudes Barros tem todas as qualidades que fazem um bom romancista, e sobretudo as de revivedor de velhas épocas. Não se prende, porem, à citação, não alinhava o seu livro — onde faz questão de salientar o "romântico" dos personagens — com a indicação das obras que percorreu. Tudo alí já está transfundido, transposto, para que se tenha, na leitura, um grande ambiente de vivacidade. O Recife revolucionário, jacobino, repleto de idéias da França de 89, as figuras nítidas de Domingos José Martins, Padre João Ribeiro, Theotonio Jorge, Maria Theodora, Tollenare não são monumentos e defuntos retirados do pó dos arquivos, mas receberam do autor um belo sopro de vida e de presença. Se nos estusiasma o cuidado do Sr. Eudes Barros em prender sempre a ação de sua narrativa à verdade histórica, encanta-nos ainda mais a precisão, a ligeireza, e o traço comovente e inflamado com que descreve as cenas e os tipos da revolução do "Mata Marinheiro". Há, em todo o livro, uma constante febre de civismo, que arrasta para a simpatia do leitor as figuras apaixonadas e heróicas dos rebeldes de 17; há, por aquelas páginas, um impulso constante de amor à liberdade.

Não deve o Sr. Eudes Barros ficar sómente neste romance, que lhe revela excelentes qualidades de escritor; ao contrário, outros livros seus, que viessem narrar as agitações patrióticas do Nordeste dos primórdios do século passado, seriam bem recebidos pelo público.

Menotti del Picchia — KUMMUNKÁ — Livraria José Olímpio Editora.

Renovar-se, aqui está todo o segredo do autor. Não faltam entre nós excelentes escritores que morreram de inanição de idéias, de temas, de formas, de estilo mesmo. Não conhecemos nenhum tambem que tenha esta constante preocupação no grau do Sr. Menotti del Picchia. Ele é o buliçoso de todos os assuntos, o curioso de todos os problemas, o manejador de todas as formas literárias. Poeta da simplicidade da terra em "Juca Mulato"; da psicologia amorosa nas "Máscaras" e na "Angústia de D. Juan", ensaista, sociólogo, político, novelista, o autor de "Kummunká" é a incarnação do corrupira do Sr. Cassiano Ricardo. Organizador da "Semana de Arte Moderna" em São-Paulo, dir-se-ia um iconoclasta de si mesmo, pelo prazer espiritual de renovar-se. Porque, em toda a sua obra, o Sr. Menotti del Picchia demonstrou sempre a paixão pelas idéias novas, a alegria interior de atirar-se aos problemas até dissecá-los e passar adiante. E isto apegando-se a qualquer estilo literário — porque para ele a forma, tanto quanto a idéia, deve conter um imprevisto.

O problema da paz daria bons livros com citações eruditas, raciocínios abstratos e frases gordas, destinadas expressamente à posteridade. Noventa e nove por cento dos estudiosos deste assunto assim procederiam. Mas o Sr. Menotti del Picchia prefere um romance, uma sátira, um reverso profundo, fantasista e simbólico da "marcha para oeste". São índios, são personagens que vivem em razão de uma filosofia, mais do que uma realidade. Cada um deles é um paradoxo — e portanto uma verdade. Que mais é um paradoxo do que uma verdade que foge de si mesma? O intelectualismo, o cerebralismo inutil, o grotesco das atitudes "em nome da civilização", tudo alí está retratado e satirizado com amarga sinceridade. Por isso mesmo receamos que "Kummunká" não pertença ao público brasileiro, porque nós somos muito indiferentes às agitações de idéias. Preferimos um bom caso de amor, uma bela história de angústias pessoais. Amamos os personagens como homens, e não como pensamentos. Mas o Sr. Menotti del Picchia, que já conta com a autoria de alguns marcos bem lançados no caminho das nossas letras, inaugurou em "Kummunká" um novo e inexplorado horizonte.

Érico Veríssimo — OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO — Edição da Livraria do Globo — Porto-Alegre.

O Sr. Érico Veríssimo é, inegavelmente, o maior retratista do romance atual brasileiro. Deu-nos já o jovem escritor gaucho um punhado de tipos excelentes, agitando-se num intenso ambiente, real e humano. O "humano

é mesmo a qualidade principal desse moço que, num só livro, uma estréia, conseguiu fazer esquecidas do público as antigas heroinas da literatura nacional de ficção, para impor em seu lugar a figura macia e morna de Clarissa — talvez mais real que Capitú, mais meiga que Inocência, mais feminina que todas as mulheres dos livros de Alencar.

E' o "humano" que torna apreciadas as obras do Sr. Érico Veríssimo. A sua galeria de quadros não é pequena, embora o autor repita os personagens talvez com mais insistência do que devia, enfraquecendo-os, quasi sempre. Assim, ocorre que em "Um lugar ao sol" a sua Clarissa perdeu o carinho com que foi tratada em "Musica ao Longe". Tambem Fernanda e Noel, daquele romance, à força de serem reproduzidos, perdem o primitivo sabor em "Caminhos Cruzados". E, novamente fotografados nos perfís de Olívia e Eugênio, em "Olhai os lírios do campo", já não trazem ao leitor o mesmo interesse. Porque, a par da técnica nitidamente huxleyana dos livros do Sr. Veríssimo, seria preciso sempre, para não fatigar o leitor, uma variedade maior de personagens, que reajam de modo diverso diante dos acontecimentos. E, não ocorrendo isto, ficam todas as histórias como que acontecendo com determinados tipos — os tipos-padrão que o romancista possue para explorar.

"Olhai os lírios do campo", que traz alguma semelhança com "A cidadela" de Cronin, é, como os demais românces do sr. Veríssimo, um livro de feição inglesa, mas composto — tambem como as outras narrativas do autor — um pouco descuidadamente. Diríamos mesmo apressadamente. Muitos pormenores, muitas situações se contradizem, se chocam, se negam, ou se repetem. Esses defeitos, que seriam perdoaveis num estreante, avultam de importância quando se trata de um romancista consagrado, ainda que, para desculpa, possa alegar estar fazendo literatura eminentemente popular. Não apontamos aquí tais falhas, visiveis demais para quem quer que leia os livros do Sr. Veríssimo. De qualquer modo, porem, são leituras que agradam. E para quem não conhece os romances anteriores, "Olhai os lírios do campo", a-pesar dos seus senões, é um belo livro. Entretanto, os que acompanham o avolumar-se da bagagem literária do autor, hão de guardar um desapontamento, voltada a última página da história de Eugênio e Olívia. Esse desapontamento que a gente sente ao contemplar cartões postais duma paisagem que já viu.

Graciliano Ramos — VIDAS SÊCAS — Livraria José Olímpio Editora.

O ambiente dos livros do Sr. Graciliano Ramos é irrespirável, mórbido e doloroso. Ele é um dostoiewiskiano por temperamento, um angustiado por instinto. E com esses traços amargos nos tem dado os melhores romances aparecidos nestes últimos tempos. "Augústia", "S. Bernardo", "Vidas Sêcas" são livros impossíveis de ler de um fôlego, mas são dessas obras que deixam marcada no espírito do leitor uma inesquecível impressão.

Não são só os seus tipos que se torturam. O estilo tambem, porque o Sr. Graciliano Ramos é econômico, parco de palavras, inimigo do fraseado, das descrições farfalhantes e dos diálogos pernósticos. Muito terá de aprender com ele quem desejar escrever com a melhor qualidade dos bons escritores: dizer tudo com sobriedade. Esse literato agreste não é, porem, árido. O polimento constante do seus estilo, longe de lhe roubar os efeitos, empresta uma força espantosa a uma simples frase, a uma simples palavra. Redige quasi matemáticamente: as suas expressões são imutáveis dentro do período.

Se, entretanto, em "Angústia" e "S. Bernardo" o Sr. Graciliano Ramos conta histórias *de indivíduos*, em "Vidas Sêcas", com um mínimo de personagens, faz um drama coletivo, um drama de multidão. É a narrativa real do homem do nordeste, do céu sem chuvas a devorar o sangue da terra; o drama do personagem rude, que sofre ao mesmo tempo o esmagamento da natureza e a presença adversária da Sociedade, de uma sociedade que não pode entender. Mas não se deve enquadrar este livro nos romances "regionais", cujo conceito, desde muito estabelecido na nossa literatura, abrange cenários, figuras e narrações românticas, cheias de ima-

ginação e vasias de realidade. O que há de regional no Sr. Graciliano Ramos é precisamente o verídico, sem bucolismos, sem reminiscências de romances franceses e sem reprodução dos autores nacionais do século passado — que lamentavelmente continuam redivivos. Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos, a cachorra Baleia vivem como são, independentes de fórmulas descritivas. Os seus dramas íntimos não possuem retórica, nem essa ridícula psicologia sentimental que os nossos literatos costumam buscar nos romances de Paul Bourget. Veja-se por exemplo este trecho: "Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubús, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Ai a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caiam sobre o peito. moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os joazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande".

A morte da cachorra, o "Mundo coberto de penas", o "Soldado amarelo" — todos os capítulos poderiam ser citados para mostrar o espírito original, repleto de personalidade do Sr. Graciliano Ramos, que nos deu com "Vidas Sêcas" um dos melhores livros de 1938.

Antônio Constantino — EMBRIÃO — Livraria José Olímpio Editora.

"Embrião", primeira parte de um ciclo que o autor deixa entrever que seja em dois volumes, a "Jornada Inútil", não nos parece destinado a oferecer senão alguns minutos de leitura leve e despretenciosa. Não há nele uma afirmação séria das qualidades de escritor do Sr. Antônio Constantino. Trata-se de uma história feita em rápidos traços, alguns bastante felizes, contada na primeira pessoa, num estilo que, embora agradavel, já é por demais reconhecível na nossa literatura. Com efeito, distingue-se desde logo alí a presença constante de Machado de Assis, e algumas expressões do padrão do Sr. Mário de Andrade. Quanto ao primeiro, tendo-se em vista o que se escreveu, tomando-o por modelo, desde "O professor Jeremias" de Léo Vaz, até "O amanuênse Belmiro" do Sr. Ciro dos Anjos, já é gasto e passado. E quanto ao segundo, pessoal demais para que uma reprodução possa ser considerada originalidade. Há tambem vestígios de Humberto de Campos na narração do Sr. Antônio Constantino. Se tudo isto impede de considerá-lo um escritor de personalidade marcante, não deixa de permitir que "Embrião" seja um volume de boa e suave leitura.

Francisco Galvão — TRÓPICO — Pongetti.

Dá-nos o autor de "Terra de Ninguem" um romance que não corresponde à espectativa que criou em torno de seu nome, após a publicação do seu primeiro livro. Nessa história desalinhavada, sem grande concisão, o Sr. Francisco Galvão não chega a deixar entrever as intensões que teve. Preocupado em desenvolver teorias de arte, atira-se apressadamente a longas enumerações de nomes próprios, que os seus personagens enfiam semcerimoniosamente nas conversas mais cotidianas, como se todos fizessem questão de exibir conhecimentos de "Tesouro da Juventude". O pequeno volume se desenrola assim num ambiente de estética mal assimilada, onde os tipos, rijos e cerebrais, não estão definidos. Temos a impressão de que falta amadurecimento ao Sr. Francisco Galvão. Amadurecimento de idéias, para não ter pena de extirpar o desnecessário, o gongórico de expressões, as afirmações que julga, com certa inexperiência, serem profundas e grandiosas. E falta tambem maleabilidade de estilo, para que as passagens não sejam teatrais, e os personagens deixem de ser oradores até mesmo quando raciocinam em solidão... Mas estamos, inegavelmente, diante de um moço que possue boas qualidades de escritor, infelizmente diluidas no excesso de citações inúteis e mal aproveitadas.

Lúcia Miguel Pereira — AMANHECER — Livraria José Olímpio Editora.

Fomos dos que receberam o "Machado de Assis" da Sra. Lúcia Miguel-Pereira com muitas restrições. Mais restrições do que

aplausos. É que a autora, repassando a vida e a obra do autor de Quintas Borba", fê-lo com mais paciência do que profundeza, justamente quando se tratava de uma figura sempre pronta a todos os mergulhos da análise... Mas estamos agora em que a vocação literária da Sra. Lúcia Miguel-Pereira não é o estudo crítico de grande envergadura, e isto talvez pela simples razão de ser a crítica uma fisionomia puramente "masculina" da literatura. O estudo bio-bibliográfico pressupõe um "sentimento" especial do biografado, que as mulheres talvez não possam transportar para a sua própria psicologia.

E porisso acreditamos que a Sra. Lúcia Miguel-Pereira seja verdadeiramente romancista, sobretudo romancista. Que beleza serena e meiga existe nas personagens femininas de "Amanhecer"! Como são vivas e tangíveis Maria Aparecida, Sônia, e aquela mãe admiravelmente traçada, tão sofredora, tão brasileira, tão longe do drama dos filhos, e ao mesmo tempo tão perto para adivinhar assustadamente os seus desejos! Parece-nos mesmo que a autora, quando se colocou como personagem, para narrar na primeira pessoa, esqueceu-se de si mesma, para dar maior sentimento e retoques mais humanos a um tipo de segundo plano no arcabouço da história. Todo o capítulo IX, onde aflora o temperamento da mãe de Aparecida é de uma força que só possuem os escritores bastante experimentados. A cêna do banho na cachoeira, as indecisões da heroina, a presença constante da morta da Casa Verde trazem ao livro um encanto invulgar, que a Sra. Miguel-Pereira não conseguiu colocar em nenhuma página do "Machado de Assis". E se o tipo de Antônio é por vezes pedante e recheiado de fragmentos de leitura, que lhe roubam humanidade, nem porisso o romance deixa de nos trazer um terno encantamento.

Newton Beleza — MULHER SEM MARIDO — Pongetti.

O Sr. Newton Beleza já nos tinha dado um punhado de poemas modernos, de cuja sensibilidade duvidámos, acreditando que o autor, espírito culto e preocupado com os dramas da alma, ainda não se tivesse encontrado, para uma forma definitiva de literatura. Está, portanto, agora, no mesmo caso da ensaista e romancista Sra. Lúcia Miguel-Pereira. Como ela, foi tambem no romance que o Sr. Newton Beleza se fixou. Verdade que o autor ainda não pisa com segurança o novo caminho. "Mulher sem marido", que tem um delicioso início — talvez as páginas mais belas do livro — todo interior e meditativo, descamba de repente numa história sem grandes traços de originalidade. E, alem disso, o Sr. Newton Beleza, que por temperamento não pode ser um narrador direto de ações violentas, tenta descrições, poucas, felizmente, de cenas eróticas. Não somos dos que condenam livros simplesmente pelo fato de não poderem estar em estantes de quem tem senhoritas em casa. Mas forçoso é admitir que existe um tipo de escritor que sabe fixar essas cenas; e esse tipo não é absolutamente o sr. Newton Beleza, de estilo cerebral e desencantado, que nos deu o belo trecho poético do primeiro capítulo de "Mulher sem marido". Custa-se mesmo a crer que o autor daquelas linhas tenha depois descrito a passagem da pag. 94, que é de uma brutalidade lamentavel.

Não porisso "Mulher sem marido" sera um livro a esquecer-se. Tem momento que revelam um bom e sóbrio narrador. Porisso, estamos que o Sr. Newton Beleza, que estréia

tão auspiciosamente como ficcionista, ainda nos dará grandes romances, grandes paisagens da alma.

Mário Sette — OS AZEVEDOS DO POÇO — Livraria José Oimpio Editora.

O Sr. Mário Sette reproduz o Recife dos últimos quarteis do século passado. Trata-se de um romance onde se nota mais o próposito de fidelidade de ambiente do que o de fazer literatura. E se foi esse o intuito do Sr. Mário Sette, conseguiu-o plenamente. Há alí boas figuras de cidade pequena, bons diálogos, bons personagens copiados dessa classe abastada e patriarcal que constituiu a elite brasileira em certo período de nossa História. Os Azevedos são uma imagem da sociedade do século XIX, com suas terras, seus escravos, sua vida ociosa, seus escândalos, seus cochichos sem cosmopolitismo.

Talvez que se ressinta de vivacidade a história, que se desdobra em cenas longas e diálogos extensos demais. Talvez mesmo o Sr. Mário Sette substitua com muita frequência a descrição pela simples enumeração de objetos. Mas o que há de "regional" e de pintura da época não deixa de ser curioso e atraente. Zumba, Quininha, Dona Dondon, Antônio Sales são figuras reais, embora sem grande variação de personalidades. É de lamentar sómente que o autor não use maior rapidez e maior maleabilidade no seu estilo, que por vezes se desenrola numa mesma construção de frases, medidas e iguais.

Destacam-se no romance uma bem descrita partida de cartas e uma conversação sobre política, cheia de naturalidade.

Aristides Avila — A TEORIA DA DISTANCIA — Editora S. A. "A Noite".

O Sr. Aristides Avila é dos que não acreditam na inteligência do leitor. Adverte, então, no frontispício de seu livro, ser ele um "romance de humor". Não nos parece, porem, que se encontre humor em "Teoria da distância", pelo menos se o procurarmos com sentido de graça, chiste, sátira, coisas que nos levem a um sorriso. Não. O humorismo do Sr. Aristides Avila é simplesmente um pernosticismo de linguagem. Inegavelmente, trata-se de um romance gramaticalmente bem escrito, com bela pontuação, acentuação rigorosa nas palavars, grafia vocabular correta. Não se encontra em "Teoria da Distância" um solecismo — desses graciosos solecismos brasileiros! —, um modismo, um diálogo ao menos em que se reproduza a maneira brasileira de conversar. Todos os períodos são feitos com cuidado para empregar palavras desusadas comumente, expressões recomendadas por Cândido de Figueiredo e Gonçalves Viana, adjetivos, verbos, advérbios que se esforçam para tornar "humorística" a frase. Mas são efeitos falhos. O Sr. Aristides Avila não é humorista, e muito menos româncista. Em toda "Teoria da distância" não se descobre um carater psicológico bem delineado — nem ao menos simplesmente delineado. Há, nos fantoches que cruzam o livro, uma constante falta de humanidade; nenhum personagem nos conduz às suas próprias emoções; nenhum sofre, ama, luta âs nossas vistas; a preocupação de "humor" do Sr. Aristides Avila leva-o a jogos inúteis de palavras, dissertações pesadas, fastidientas, em que nenhum tipo surge fotografado. Ao contrário, tudo está envolto em grandes frases, grandes na extensão, onde se perde o fôlego, e grandes na intenção, onde se perde o resto. Esta, por exemplo, mostra bem o estilo do Sr. Avila. Fala a respeito de exames escolares, e afirma, em parágrafo reticencioso e sutil: "Algo de julgamento existe num exame..." Claro que aqui, pelo menos aqui, encontra-se algum humor.

Não falemos de páginas como a de n.º 73. em que a figura principal do romance expõe a sua doutrina filosófica — e que lembra os irritantes trocadilhos de certa passagem do "Chantecler" de Rostand. Nem das páginas 128-129, em que o Sr. Aristides Avila atesta ter sido um bom preparatoriano de matemática; nem nas constantes citações de nomes próprios, fatos históricos, figuras mitológicas. livros, autores com que o Sr. Avila se mostra erudito; as séries geométricas e aritméticas da página 191, etc. etc.

Não. Bastará dizer que tais qualidades concorreram para que o romance obtivesse um primeiro prêmio em concurso da Academia Brasileira de Letras.

José Lins do Rego — PEDRA BONITA — Livraria José Olímpio Editora.

"Pedra Bonita" teve a mesma espera ansiosa de "Pureza". É que "Pureza" prometia ser uma libertação do "cíclo" dos cinco primeiros volumes do autor, que lhe firmaram

uma expressiva personalidade, mas que pareciam indicar no Sr. Lins do Rego o unilateral. A pretendida independência de "Pureza" ficou em que este romance continuava a ser um "anexo" do engenho do coronel Zé Paulino. Era um mesmo ambiente. E do autor o público desejava mais do que o "cíclo".

E "Pedra Bonita" é que veio satisfazer o *público* do Sr. Lins do Rego — um dos poucos homens de letras brasileiros que teem um público. Continuam, é verdade, os personagens como valores sociais; eles transitam no cenário nordestino muito menos como pessoas físicas do que como argumento. São teses, são doutrinas feitas homens. Mas homens sertanejos que, se teem uma alma coletiva, possuem uma linguagem individual: a linguagem simples, despreocupada, natural, direta do Sr. Lins do Rego. Mas é um outro aspecto do Nordeste. É o cangaço, o coiteiro, que, se o Sr. José Américo de Almeida já contou uma vez, o Sr. Lins do Rego retoma não mais como um esboço, uma idéia, mas para apontar em traços vigorosos a vocação violenta e religiosa do sertanejo, num drama quasi desconhecido para o Brasil do Sul. O panorama social deixou assim de ser aquele quasi "citadino", diriamos, do "cíclo da cana de açucar", luta de classes exploradas e classes exploradoras, luta universal, luta sem geografia; toda a força aqui provem da "região", tão intensamente sentida e interpretada quanto em "Vidas Sêcas" do Sr. Graciliano Ramos. Mas o que para este é o homem, para o Sr. Lins do Rego é a idéia. Aquí está talvez a maior contribuição do autor para o romance nacional; ele, que já não escreve *livros*, mas que já possue "uma obra", preocupa-se em apresentar caractéres que sejam "valores sociais" na paisagem humana, e nunca simplesmente indivíduos retratados e explicados.

Permanece, porem, o mesmo artista, facil e claro. E se dissermos que "Pedra Bonita" nos mostra mais cuidado na forma, uma precisão de pormenores mais feliz, e sobretudo uma grande segurança no método de construção do romance, teremos dito tambem que o Sr. Lins do Rego ingressou numa nova fase literária, tão vigorosa quanto a anterior, e entretanto com um sentido mais completo de obra de arte.

ARTE E PSICANÁLISE

Karl Weissmann

É de conhecimento geral que a grandeza e o verdadeiro valor da psicanálise, de há muito tempo já não se baseiam sobre o êxito clínico, sobre o simples tratamento de neuropatas pelo método cartartico de Freud. A minúcia secundaria da cura individual, o consultório médico apenas constituiu um ponto de partida; o fim a que se propõe esta doutrina é de proporções muito mais vastas; é indicar uma nova direção à cultura e uma concepção mais clara da alma. A fonte onde nasceu a doutrina de Freud é realmente um consultório médico. O que importa, porem, em uma teoria revolucionária, não é de onde vem, mas o fim a que chegou. De há muito tempo a psicanálise transportou a sua técnica da alma individual para a alma coletiva. Invadiu os domínios religiosos, pedagógicos, políticos e sociais, os redutos artísticos e literários. Não tardou que os representantes de uma geração moribunda descobrissem o perigo que se lhes deparava. Cientistas e literatos se aliaram para fazer frente ao invasor comum de seu patrimônio. E como essa doutrina rompesse francamente com as concepções antigas, muito esforço se tem desenvolvido para fazer regredir a sua função para a esfera secundária e inofensiva da medicina de onde partiu. Mas em vão.

Fora do campo médico e da terapêutica individual a psicanálise encontrou a sua verdadeira missão. Na verdade ultrapassou o que primitivamente procurou, penetrando em domínios em que, talvez, o próprio Freud, não haja ousado penetrar por sua própria iniciativa. A guerra que ainda hoje lhe movem certos expoentes da literatura contemporânea não passa no fundo de um derradeiro esforço de rivais ameaçados que, mau grado seu, se veem na contingência de tomar conhecimento de uma disciplina a mais e de ceder material precioso à ciência.

Depois que a psicologia profunda fez passar pelo crivo todas as migalhas psicológicas, sistematizando uma quantidade formidavel de material disperso e desordenado — os idealistas e ficcionistas perceberam com pavor o desmoronamento de sua obra. Já hoje, os literatos se veem obrigados a intrometer em seus trabalhos o vocabulário psicanalitico ao lado de outras tantas teorias revolucionárias. A vaga intuição vem cedendo lugar às observações científicas. Da simples suspeita passou-se gradativamente para a certeza. Da literatura amena para a literatura científica, e o que é mais importante; da hipocrisia para a sinceridade.

Muito embora a psicanálise permaneça ainda no campo da controvérsia ninguem pode negar a enorme influência que vem exercendo sobre o pensamento e a vida.

É interessante notar-se que enquanto nos redutos literários, religiosos e pedagógicos ainda se erguem certas barreiras de resistência — a doutrina de Freud encontrou desde o seu início um elemento amigo da parte dos artistas e poetas. É significativo ainda que os artistas não tenham oposto a menor objeção à idéia da análise e que, muito ao contrário, veem com simpatia o esmiuçamento científico de sua obra. Artistas e psicanalistas costumam ser bons amigos. É que o gênio criador é sempre atraído magneticamente pelas profundidades.

Foram, aliás, grandes artistas e poetas como Dante, Shakespeare, Goethe e outros mais, que, à sua maneira, desceram ao inferno das paixões humanas, contemplando a luta contra o demônio. Freud mesmo reconhece que foi a arte a precursora da psicanálise. Grande parte de seus estudos ele os baseou nas obras dos maiores poetas, romancistas e artistas.

A psicanálise se confunde com uma função artística o que não deve nem pode diminuir os seus méritos nos domínios da ciência. A arte, no dizer de Freud, é um escudo contra a neurose. A própria técnica psicanalítica nada tem de mecânico, mas muito de arte. Não estranhemos pois a simpatia que nos consagram os artistas.

Poderia alguem argumentar: a doutrina de Freud reconhece as predisposições patogênicas, os complexos e conflitos que se travam no inconciente como manancial de elaboração artís-

tica. Ora, se reconhece tais causas patogênicas como fator de grandeza, porque então não aconselha a renúncia de toda e qualquer tentativa de cura? Não tem a psicanálise por objetivo principal curar esses conflitos, levando à tona da conciência do paciente esses complexos para, aos poucos, dissolvê-los? Não constitue essa terapêutica da sinceridade, conforme a classifica o Dr. Gastão Pereira da Silva, um perigo para o artista do futuro, redimindo a humanidade dos conflitos, dos complexos, senão do próprio inconciente?

Já estava à espera dessa objeção. A psicanálise, entretanto, não oferece tais perigos. Primeiro, porque o individuo só se torna suscetivel de cura até o grau que lhe convem; segundo porque, não se confunde com as doutrinas que resolvem os problemas humanos, canalizando os instintos para a economia do bem-estar material, para a poupança cômoda e indolente. Ela não entrava as possibilidades artísticas, nem inibe a faculdade pensadora pela aceitação de princípios dogmáticos; não está apta a degenerar os instintos em vício contra o intelecto. Antes pelo contrário, sendo dificil a sua compreensão, aviva a inteligência pela intuição que demanda. Ainda que nos obrigue a renunciar em parte ao nosso orgulho intelectual a favor de um inconciente mais poderoso, não acarreta a desintelectualização do homem. Ao contrário, alarga os horizontes de um mundo dantes quasi desconhecido: o inconciente.

Seu fim terapêutico é habilitar o homem a vencer os sombrios temores que o escravizam, exaltando o poder de que mais precisa, o poder sobre si mesmo, o que de modo algum, o lesa em sua capacidade criadora.

De resto, a psicanálise jamais poderá sair de sua esfera puramente intelectual, daí ela não poder desenvolver-se em detrimento da inteligência e a favor da vida vegetativa das massas. Não é apta a imiscuir-se nas cogitações de ordem econômica e política, conforme o fazem as demais doutrinas nas que, pela sua parte intelectual, se convertem em fé para as classes incultas. Podemos desde já suspeitar que a psicanálise nunca poderá ser utilizada para as mentalidades medianas. As almas simples jamais servirão de público para o analista, pelo simples fato de esta ciência — que demanda uma mentalidade sensivel e artística, em lugar da fé — escapar a sua compreensão.

Uma ciência que tem por fim principal aumentar a sinceridade do mundo, fazendo com que cada homem conheça mais profundamente a si próprio; uma ciência que não promete riquezas ou benefícios materiais, é fadada, de antemão, a evoluir no sentido artístico e intelectual, exclusivamente. A psicanálise não constitue perigo algum para o progresso intelectual e artístico porque ela não arranca do indivíduo essas forças instintivas, essa matéria prima do psiquismo inconciente; não elimina os impulsos recalcados, mas antes liberta o indivíduo, canalizando estas energias para vias superiores ou normais, quando se acham presos em caminhos falsos. Os impulsos não se eliminam, sublimam-se, sem por isto diminuir as possibilidades energéticas. O indivíduo inteligente, suscetivel de tratamento ou à leitura psicanalítica, logra a cura de suas neuroses até o grau que lhe convem. Quanto ao artista que especula com os seus complexos patogênicos, em nada ficará prejudicado pelo conhecimento mais exato de seu próprio Eu. Aliás, a psicanálise apenas lhe explica e facilita o mecanismo de sublimação, já operante no artista — essa metamorfose transcendental dos impulsos, que consiste em transformar o amor sexual em arte, em ciência ou em misticismo.

Voltemos a falar da psicanálise como arte. É opinião corrente que dentro da arte a psicanálise exerce uma função dissolvente por suprimir o mistério — como o poeta que receava que a análise espectral do arco-iris diminuisse ou apagasse toda a poesia, todo o prazer estético, que tal fenômeno da natureza lhe proporcionava.

Na realidade nenhum artista admitirá que os conhecimentos mais exatos da natureza possam esmaecer a sua admiração pelo Universo, tambem não há de achar que as trevas da ignorância sejam indispensaveis à renovação criadora. Não é este, entretanto, o reparo mais severo que se faz à doutrina de Freud. A crítica leiga sustenta que a psicanálise nada cria, que apenas analisa a obra dos artistas. Há vários exemplos para contestar tal modo de ver. É só verificar que tanto na literatura dramática como na arte pictorica a psicanálise foi utilizada largamente, para dar mais vida, para mostrar com maior clareza, o inexoravel e oculto drama das almas. Alguem me disse que a dita influência da ciência de Freud sobre a arte não valia como argumento,

emitindo a seguir o exemplo do crítico literário, que tambem influe na literatura, sem ser ele mesmo um literato. Ora, via de regra, os grandes críticos costumam ser a um tempo grandes escritores: bastaria o exemplo de Huxley, Bernard Shaw para citar os mais conhecidos no velho mundo. Ademais, não se deve confinar a função artística da psicanálise à psicanálise da arte. Esta apenas representa um de seus ramos, e nesta especialidade a sua função realmente é idêntica a da crítica literária. Há alem da psicanálise da arte, a psicanálise dos povos, obra original, senão uma das mais originais de Freud — sob o título de "TOTEM E TABÚ". Os três ensaios sobre a teoria sexual, em que se volve a atenção principal sobre a sexualidade infantil, — a metapsicologia — a analise do Eu e do Id — A interpretação dos Sonhos — que representa a biblia da psicanálise— ainda o "Futuro de uma Ilusão" — a psicologia das religiões, uma das últimas obras de Freud — livro que lhe valeu volumes alentados da parte de refutadores e conferências inúmeras em quasi todos os países da terra. Há ainda estudos sobre o mito, comentários sobre a lenda do Edipo de Fernczi — Ernest Jones escreve sobre a psicanálise da religião cristã — Theodor Reick analisa com rara felicidade a entidade do Deus próprio e a do Deus alheio. Rank explicou o nascimento dos Heróis. A psicanálise da arte, propriamente dita, iniciou-se por um estudo que Freud escreveu sobre a novela de Jansen, só mais tarde ele passou a analisar Da Vinci e Miguel Angelo. O exemplo do mestre logo incitou os seus discipulos a seguí-lo nesta pista. Pfister escreveu uma obra sobre a origem da inspiração artística: outros estudaram a arquitetura primitiva à luz da psicanálise. Jones escreveu sobre Andrea del Sarto, etc. Foram estas obras e algumas outras de menor projeção que inauguraram a psicanálise da arte, o que não quer dizer que a função artística desta ciência se reduz a esta especialidade.

Segundo o dizer de Licínio Cardoso — "A arte é a precursora da ciência — porque a imaginação precede à observação cientifica, assim como a idéia precede à concepção — e a emoção ao raciocínio" — Mas em se tratando de psicanálise, a imaginação e a observação cientificas, a idéia e a concepção — a arte e a ciência são elementos que se confundem. A psicanálise é a um tempo arte e ciência. De nada valeriam para Freud os estudos minuciosos, as observações lentas e persistentes de cientista — se ele não possuisse tambem a intuição sintética e genial de um grande artista e poeta. Bem sei que o conceito de arte se prende, antes de mais nada, à forma por que se expõe os motivos. Então Freud não poderia ser considerado poeta, unicamente porque não expõe as suas teorias em versos, como o teriam feito em seu tempo Dante, Shakespeare, Goethe ou Camões?

Mas a nossa época é de analise, de crítica e de observação. O poeta, o literato ou o artista, para ser um homem de seu tempo tem obrigação de acompanhar os resultados cientíiicos. Ainda que nem todas as verdades da psicanálise sejam poéticas, a maioria o são. O psicólogo, deduzindo por meio das faculdades imaginativas, pode chegar às concepções mais belas e grandiosas, fazendo da própria verdade a base da poesia; e esta será tanto mais elevada quanto maior fôr o adiantamento das ciências.

Um professor, convidado a falar sobre psicanálise, iniciou sua conferência, prevenindo logo de início o público assustado, que se via obrigado a dizer cousas muito feias, pois havia de falar da líbido a transbordar de amor genético, da inconciência dos impulsos, da sexualidade infantil — do complexo de Edipo — do sentido escabroso dos símbolos, etc. e em dizendo essas cousas feias, assegurou que era preciso conhecê-las todas e estudar Freud a fundo mesmo para poder combatê-lo. Na verdade Freud fala do sexo e do desejo de amar, mas lembra ao mesmo tempo que há várias maneiras de entregar-se ao amor, desde as formas mais brutais até as mais sublimadas. O amor como desejo brutal pode gerar tambem o desejo do belo, do bem e da ventura, passando gradativamente do corpo para as idéias, para as belas artes e as belas ciências. E quando o homem tiver atingido esse grau elevado de sublimação pelo conhecimento mais profundo de seu próprio EU, ele definirá a psicanálise como ciência da beleza absoluta, por levar ao conhecimento da beleza em si mesma, conforme diria o Prof. Porto Carrero. É esta em suma a arte da psicanálise, o que não se confunde com a simples psicanálise da arte.

Quando a ciência reconhece os limites de suas possibilidades volta instintivamente para os domínios da arte, ou melhor em arte se converte. É este o destino da psicanálise: — converter-se em arte; tornar-se um apanágio de artistas.

A CURA PELO AMOR (EROSTERAPIA)

(NOTAS PARA UMA TESE)

Oton Costa

"Dormez-vous? — Non, je ne dors pas. — Êtes-vous dans votre état naturel? — Non, je suis sous votre puissance." Binet, *"Psychologie Experimentale."*

"Il faut transformer en un métier accepté en connaissance de cause cette direction qui était faite autrefois sans s'en rendre compte par des personnes voisines du malade ou qui était réservée à des religieux... C'est un des caractères de notre temps que cette oeuvre de direction morale revienne quelquefois au médecin quand le malade ne trouve pas assez de soutiens naturels autour de lui" — Pierre Janet, *"La Médecine Psychologique."*

"Pour moi, le fondement, la base unique sur laquelle repose la psychothérapie c'est l'influence bienfaisante d'un être sur un autre" — M. Déjerine.

"Eros, tiene piedad de las estatuas". — Delmira Augustin.

"O segredo da vida está na alma, e o segredo da alma está no amor."

Nos dias atuais, é quasi uma puerilidade duvidar-se da cura pela fé, não com aquela ingênua e anacrônica feição de milagre, mas cientificamente demonstravel entre as mais interessantes aquisições da psicologia moderna. Sabendo-se que a medicina estava ligada, em sua origem, à teologia, e que os os milagres se contavam pelo número de curas (hoje, explicadas pela psicoterapia), não se compreende que, durante tanto tempo, permanecessem os cientistas indiferentes, quando não presumidamente hostís, a esses elementos psíquicos, que, ainda não descerrados completamente em seus mistérios, já fizeram ampliar consideravelmente a esfera da antiga e retrógada arte de curar, dando-lhe aspectos mais sérios, mais positivos e mais humanos, contra os quais não mais seriam possiveis aqueles acres ridículos ainda dos tempos de Molière. Ainda modernamente, dizia Paul Bourget, com ironia, que o sonho dos médicos é substituir o Evangelho por uma caixa de pílulas. Por que desdenhou a medicina, durante tanto tempo, da indiscutivel importância desses fatores psicológicos? De um lado, porque só ultimamente se tem acentuado o desenvolvimento da psicologia, com os seus novos aspectos nitidamente positivos, experimentais, ampliando a sua esfera de ação ao domínio do inconciente com a técnica freudiana; com a aquisição de novos métodos e instrumentos de investigação; pela curiosidade científica com que se procuram as causas de certos fenômenos espirituais ainda indeterminados, embora sejam os seus efeitos de conhecimento vulgar; de outro lado, porque esses processos de cura pelo es-

pírito, de terapêutica naturalista, que, aos medicos, pareciam estar em conflito com as mais positivas aquisições da ciência moderna, estiveram, em quasi todos os tempos, ligados ao charlatanismo, que é uma forma popular da medicina, uma persistência da antiga medicina religiosa, por isso que o povo, na ingênua boa fé de seu empirismo, sempre conservou uma admiravel intuição das "verdades eternas". No seu interessante volume sobre *Mesmer*, diz Stefan Zweig: "A idéia fundamental de toda medicina humana deveria ser a de não interpor-se voluntariamente no caminho da natureza e sim a de dar alento e fortificar a ânsia de saude, sentimento jazente em todos os casos de doença. Este impulso pode ser melhor produzido geralmente por meios espirituais, psíquicos, religiosos, do que pelo brutal instrumento ou pelo reativo químico; a verdadeira reação sempre se produz no interior, nunca no exterior". E ainda: "A própria natureza é o "médico interior" que palpita em cada criatura desde o seu nascimento e que, por isso, sabe mais sobre as enfermidades do que qualquer especialista, que se tem de limitar ao exame dos sintomas externos. Pela primeira vez, a medicina romântica considera a enfermidade, o organismo e o problema curativo como unidade, como complemento global, e, desta concepção, deriva, no século XIX, uma série de sistemas cujo ponto de partida é a auto-resistência do organismo contra a doença." Sob este aspecto, a antiguidade foi mais sábia do que os nossos dias de prodigioso domínio científico. Os antigos erigiam a sua sabedoria sobre a conquista da alma; nós estendemos à alma a moderna concepção organológica, limitando-a ao mecanismo biológico das funções cerebrais. Para os tempos de Pitágoras, o universo era um ser vivo, animado por uma grande alma. Edouard Schuré justifica isto, afirmando: "Ver o universo sob o ponto de vista físico, ou sob o seu aspecto espiritual, não é ver dois aspectos diferentes, mas, simplesmente, considerar o mundo nos seus dois extremos opostos."

Com esse sentido da espiritualização universal, era lógico que a medicina antiga fosse caracterizadamente de ordem moral. Platão, que fez chegar aos nossos dias os ensinamentos de Sócrates, dizia precisamente isto (*República*, Livro III): "Porque, na minha opinião, não é pelo corpo que os médicos devem curar o corpo — de outro modo não seria possivel que fossem ou tivessem sido doentes — mas é pela alma que se cura o corpo, porquanto a alma que foi ou está doente mal poderia ela mesma curar a alguem." E Sêneca, que é considerado um dos velhos mestres do naturismo, afirmava que não é de clima que se deve mudar, mas de alma: "Em vão, atravessaste o vasto mar, como dizia Vergílio: terras e cidades fugiram de tua frente, mas os teus vícios seguir-te-ão, onde quer que fores". (Carta XXVIII, T. II). Renan, o sutil e minucioso historiador do Cristianismo, refere, no seu livro *L'Antichrist* — como já o fizera em *Vie de Jésus* — os fundamentos religiosos da medicina praticada pelos antigos cristãos: "O poder de curar as doenças, sobretudo por unções de óleo, era considerado comum entre os fiéis; mesmo os descrentes viam neste medicamento um dom particular dos cristãos. Os anciães parece que o exerceram muito, tornando-se, deste modo, uma espécie de médicos espirituais. Jacques liga a maior importância a estas práticas de medicina sobrenatural. Estavà estabelecido, pois, o germen de quasi todos os sacramentos católicos. A confissão dos pecados, desde há muito praticada pelos judeus, era considerada como excelente meio de perdão e de cura, duas idéias inseparaveis na crença do tempo". Acrescenta Renan, mencionando Gregório de Tours, que "a medicina, por meio de óleos e prece, foi sempre a medicina por excelência dos semitas. Tornamos a encontrá-la, mais tarde, entre os árabes." Pierre Janet, um dos mais autorizados mestres da medicina psicológica, lembra que "a medicina, como todas as outras ciências, tomou seu ponto de partida nas velhas práticas religiosas e mágicas". Já em 1904, estudara detidamente o assunto, no Instituto Lowell de Boston (Estados-Unidos), publicando as observações aí feitas no curioso livro *Les médications psychologiques*. Foi Pierre Janet que formulou o "princípio da mobilização das forças", inspirado no livro *The energies of man*, de William James. Sob o título de "moralisation médicale", reuniu Janet (*La médicine psychologique*, 1928) "um conjunto de escolas que se desenvolveram na Europa e na América, no começo deste século, e que teem por carater comum tratar das doenças pelo raciocínio e pelas exortações morais. A expressão mais completa dessas doutrinas, em sua exageração mesma, me parece contida nas obras de um médico suiço, Dubois (de Berne), *Les psy-*

cho-névroses et leur traitement moral (1904) e *L'éducation de soi-même* (1909)".

Já em 1893, o insigne Charcot publicava, nos *Archives de neurologie*, um interessante trabalho sobre "la foi qui guérit". Os estudos e experiências de Charcot, em torno da histeria e da sugestão hipnótica, exerceram consideravel influência sobre a psicologização da medicina. A esse mesmo tempo faziam pesquisas notaveis, nesse terreno arenoso da medicina, grandes mestres como P. Janet, Liébault, Bernheim e Breuer. Este último foi o mais direto precursor da psicanálise, com o seu método catártico, ainda preso a processos hipnóticos, mas de que Freud tiraria o seu método de associação livre, hoje largamente empregado no tratamento das neuroses. A psicologia profunda do sábio vienense, ampliando o "campo de ação da alma", com a exploração do inconciente, que, embora conhecido da psicologia clássica, ainda não era considerado objeto de experimentação científica, veio demonstrar claramente que "todos os atos psíquicos são, a princípio, produtos do inconciente", o que até então pareceria um absurdo, uma contradição, uma completa heresia científica.

Por aí se vê a importância desses estudos sobre os fenômenos nervosos, muitos dos quais ainda de origem desconhecida, ante os atuais recursos da ciência, para a exata compreensão de certos mistérios que se tornaram os fundamentos, um tanto frageis, de quasi todas as religiões. A origem do céu e do inferno, como de todas as lendas, se deve aos sonhos dos histéricos. A histeria é que fez o mundo caminhar. O homem moderno é mais prático e mais positivo porque dispõe de menos imaginação. A curiosidade da ciência está arrancando o homem da treva e a treva do homem. O nosso inconciente, que permaneceu, por longo tempo, a escura e ignorada região do território humano, já é hoje um domínio, algum tanto conquistado pelo homem de ciência. O dia que a penetração da luz for completa, o universo ficará insuportavel por falta de interesse, e o homem, vencido pelo tédio, evocará, com saudade, as lendas e os mistérios desaparecidos.

Se a ciência nem sempre consegue — em face dos nossos conhecimentos atuais — explicar alguns desses fatos, é que eles ainda não se desprenderam do inconciente e obscuro domínio da fé, cuja explicação não vai alem do sentido metafísico. A razão, como esclarece Le Bon, é estranha à sua formação. Quando se tornam racionalmente explicaveis, pela observação e experiência, é que já passaram para o domínio do conhecimento. Mas o império da crença é ainda universal. Chevalier Barbarin, pensando deste modo, pôde substituir a hipótese mesmeriana do fluido universal, pela simples e mágica fórmula *Croyez et veuillez*, que seria, mais tarde, adotada pela *Chistian Science*, com a *Mind Cure*, e por Coué. Simples sugestão. Phineas Quimby, precursor da *Christian Science*, de Mary Baker-Eddy, chegava a curar à distância — *absent treatment* — por meio de cartas e circulares. Este processo de captação, de hipnose — informa o admiravel Stefan Zweig —, foi demonstrado experimental e decisivamente, em 1843, por Braid, na sua *Neuripnologia*.

Ninguem compreendeu e aplicou melhor a sugestão — como fator de auto-sugestão — do que o Professor Émile Coué, fundador da Escola de Nancy. Até aqui só se falava na educação da vontade. Mas, segundo Coué, é a imaginação que se deve educar. "Quando a vontade e a imaginação estão em luta, é sempre a imaginação a vencedora, sem exceção alguma". A sugestão por si mesma não existe; ela age quando transformada em auto-sugestão. A imaginação é que nos dirige. "Todo pensamento que domina inteiramente o nosso espírito, torna-se verdadeiro, para nós, e tende a se transformar em ato." Daí a conclusão, muito lógica, de que "toda doença, quasi sem exceção, pode ceder à auto-sugestão", por mais arrojada e inverosimil que seja tal afirmativa. *Pode ceder*, diz Coué. O êxito de Esculápio estava em que só prescrevia tratamento para os indivíduos de boa constituição e de vida frugal, conforme depoimento de Platão, alegando que os debeis não podem chegar ao limite natural da vida, porque isto não lhes é vantajoso nem convem ao Estado.

Toda a questão se resume, portanto, no aproveitamento das "energias desconhecidas" que existem em nós, na expressão de William James. Não é outra cousa o que o professor Maurício de Medeiros denomina *psicodinâmica* — "ação psíquica entre indivíduos normais" — que se pode derivar para uma ação com fins terapêuticos (psicoterapia). Não se compreende que, ainda hoje, não nos preocupemos mais seriamente com os estudos e investigações dessas prodigiosas energias espirituais, deixando, por isso mesmo, sem solução, certos problemas patológicos, quando

a sua etiologia se prende sabidamente a fatores de ordem moral, embora as suas raizes mais profundas estejam, como no amor, mergulhadas na sexualidade, em cuja superestrutura psico-afetiva, no dizer de S. Nacht (*Pathologie de la vie amoureuse*), se conserva a marca de suas necessidades primitivas e o seu carater de necessidade vital.

*

* *

Já se disse que o amor é um dos maiores mistérios da alma. Todavia, pelo que se sabe de real, como deve ser compreendido o amor? Afinidade eletiva entre duas almas, ou simples impulso instintivo para a perpetuação da espécie? Sentimento natural, harmonioso, gerador de poderosas energias criadoras, ou simples enfermidade nervosa, determinada pelo imperativo categórico dos preconceitos sociais, que forjam essas "barreiras nevróticas" para escapar ao "tabú da sexualidade"? Para quasi todos os estudiosos do assunto, o elemento nuclear do amor é a sexualidade. Já o amargo Shopenhauer pensava assim. Outros, como Grasset e Maurice de Fleury, entendem que o amor, normalmente fisiológico, se torna mórbido todas as vezes que se desenvolve em terreno nevropático, isto é, em um sistema nervoso doente. Para os psicanalistas, o amor chega a ser um verdadeiro sexotropismo. Mas se o amor é a expressão de uma necessidade fisiológica, afirma S. Nacht, é igualmente outra cousa: é um fenômeno afetivo extremamente complexo. E' o amor nos seus dois aspectos essenciais: a ternura e o desejo. Dir-se-á uma necessidade fisiológica que se amplia com uma necessidade afetiva, mesmamente imperiosa e indispensavel. O amor assim realizado, insiste o autor de *Pathologie de la vie amoureuse*, por acordo do instinto e do coração, condensa, num conjunto vigoroso, as forças da personalidade e as dirige para uma eclosão total. Não é este, como se observa, o amor extremamente sentimental, o "amor de que se morre" dos românticos, cuja cristalização instantânea o sutil Sthendal comparou à ação fulminante do raio, e que Fleury colocou entre as "intoxicações passionais", ao lado das mais conhecidas e terriveis toxomanias. Sabe-se que o "estado amoroso acaba criando um terreno específico próprio ao desenvolvimento das psicoses. Uma "constituição emotiva", na expressão de Dupré, não é uma doença, mas simplesmente o terreno em que germinará a psico-nevrose emotiva, doença definitiva. (M. de Fleury, *L'angoisse humaine*). Os poetas e os romancistas — que possuem antenas psicológicas apuradíssimas — conhecem muito bem esse gênero de amor, extremamente fatal. Eu me lembro de uma poesia que começa por estes versos:

"Teu amor foi a minha cocaina,
meu veneno, meu sonho, minha vida,
o pó que me trouxe a alma iludida,
como um vício que cedo me perdeu..."

Quem é que não tem uma idéia precisa do que seja uma torturante obcessão amorosa? Quem ainda não leu as páginas angustiosas de Afonso Daudet, em *Sapho*, do *Amor de Perdição*, de Camilo, do *Jalousie*, de René-Albert Gusman, de *Les Jeunes filles*, de Montherlant, as Cartas da Religiosa Portuguesa? Quem não conhece a história triste de Romeu e Julieta, de Paulo e Virgínia, de Abelardo e Heloisa, de todos esses grandes românticos que impregnaram de ternura, de sofrimento e de beleza, a emocionante história do coração humano? A verdade, porem, é que todas essas velhas tragédias passionais — que são de todos os tempos — não são produzidas pelo amor em si, mas pela impossibilidade — e nisto é que reside o mal — de sua realização efetiva. O amor, quasi sempre, só se transforma em paixão quando não se realiza completamente, por qualquer motivo. O amor, não obstante os seus maiores exageros e arrebatamentos, acaba tranquilamente por encontrar a sua temperatura normal, quando aqueles que se amam encontram o ambiente propício à sua plena realização. O amor assim considerado é uma vigorosa fonte de energias. Consideramo-lo doença porque geralmente o encaramos nos seus aspectos mais trágicos. Conhece-se menos o amor-felicidade, muitas vezes fortemente passional, porque, no seu egoismo satisfeito, permanece oculto no trivialismo da vida comum. Os homens, que sabem amar, fazem as suas amantes à sua imagem, realizando uma completa e harmoniosa integração sentimental. E' precisamente essa polaridade amorosa que exerce, como fator sugestivo, uma notavel influência nas curas espirituais. A sugestão, segundo Max Nordau, é a transmissão dos movimentos moleculares de um cérebro a outro. Como as emoções são processos motores das moléculas cerebrais, são elas naturalmente

transmitidas com esses mesmos movimentos moleculares, que formam o *substractum* mecânico das emoções. Nestas condições, pode-se melhor justificar a influência benéfica de uma inclinação amorosa ou, pelo menos, de uma simpatia inicial no tratamento de alguem. Neste caso, deveria ser o médico um conquistador? De modo algum. Ossorio y Gallardo escreveu que "não deve haver mais profundo desconsolo do que o sofrido por uma mulher ao ver que o seu médico, de Hipócrates se transforma em Don Juan". Entretanto, diz Mario Aguilar, citado pelo Prof. Ricardo Royo, autor de *Los médicos donjuans*: "O médico suscita, nas enfermas e nas famílias, uma afeição de confiança, que pode facilmente transformar-se em amor na mulher que busca no médico um confessor para os seus males hipotéticos ou reais e um animador optimista. Esta tutela, que a mulher busca e que o homem exerce e que, muitas vezes, é o próprio amor, não será, neste novo donjuanismo, a predisposição para o amor?"

Observa ainda Ricardo Royo que "para muitas mulheres — quasi todas — o homem que alem de curar os seus males os cura com amor, será o varão perfeito." E' claro que se se pretendesse generalizar tal processo, ou os maridos precisariam ser médicos ou os médicos ficariam sem a maior parte de sua clínica. Mas não quero discutir hipóteses. Constato apenas o fato. No meu livro de ficção *Brincando com a vida alheia*, há um conto que gira em torno do seguinte episódio: uma linda mulher, viuva ainda bastante moça, contrai uma tuberculose que logo se manifesta, comovedoramente, numa faringite insidiosa, irredutivel a todos os recursos terapêuticos, e que se transforma, em face de sua delicada constituição emotiva, no mais angustioso tormento de sua vida. Consultados vários médicos inutilmente, a formosa viuva, um dia, se lembra de chamar um estudante de medicina a quem fôra apresentada, havia tempos, e por quem nutria, desde então, uma estranha e secreta afeição, algumas vezes demonstrada nos rápidos e fortuitos encontros de rua ou nas poucas visitas que o estudante lhe fizera. A ele não passara despercebido a inclinação amorosa da enferma. No seu coração, porem, não havia outro sentimento alem de uma infinita piedade por aquela infortunada mulher, esplendidamente bela, que uma enfermidade incuravel condenara à morte. Para que desenganar quem procurava alimentar os seus últimos dias de vida na ilusão fragilíssima de um amor impossivel? Passara a frequentar-lhe a casa, tentando o mesmo tratamento que os outros médicos, em vão, tentaram, mas a que ela agora se submetia com prazer e até mesmo com uma certa esperança, fortalecida, episodicamente, com uns longos intervalos de melhoras bastante acentuadas. A sua voz, já muito fraca, chegando, em certos momentos, a refluir numa completa e desesperadora afonia, ia reaparecendo gradualmente, com a simples chegada do estudante, como que pela necessidade humana de falar dos seus sofrimentos, em que havia o desespero agônico de um amor inutil. Mas aquele drama devia ter o seu epílogo. E, um dia, o estudante não mais voltou e a bela doente fechou os olhos para sempre.

Deve-se, realmente, em tal caso, trocar uma vida por uma desilusão? Nos seus *Amores de um médico*, o nosso romântico Joaquim Manuel de Macedo, que, como se sabe, era médico, escreveu estas palavras: "Uma idéia horrivel me passava pela mente. Oh! seria eu?!!! seria o meu amor involuntariamente atroz o causador da tísica e da morte mais que provavel de Angela? *Deus sabe que ela deve morrer!...* deve morrer porque me ama sem que lhe seja lícito amar-me; deve morrer, porque o seu amor já é delito pelo conhecimento conjetural que tenho dele, e há de morrer, porque não podendo dominá-lo, extinguí-lo e ainda menos aditá-lo em delírios de paixão, esse amor mata-a. Meu Deus! meu Deus!... se este pensar não é ilusão de meus sentidos, erro devido à minha imaginação exaltada e desvanecida, meu Deus!... que tremendo castigo me espera? E não devo ser médico de Angela; negando-me, porem, a sê-lo, que pensará o padre Evangelino, e a minha recusa que influência terá sobre o estado mórbido da infeliz senhora?" A literatura está cheia de casos idênticos. No interessante livro de Gilberto Robin, *Grandeza e miséria da medicina*, há uma enferma que diz ao seu médico: "Soube escolher para mim, pois, na verdade, é de um médico que o meu coração precisa. Há alguma cousa no senhor que me acalma e, ao mesmo tempo, me emociona. O senhor espalha em torno de si uma atmosfera de confiança". E ainda: "Sabe muito bem que eu não posso ser eu mesma sem fazer a escalada de meu ser, sem passar pelos mil e um redutos de minha sensibilidade." Não quero estender-me ainda mais,

(Conclue no fim do ANUARIO)

A Carreira de Disraeli

CENA DE COMEDIA

R. Magalhães Junior

R. Magalhães Junior é um dos mais brilhantes espíritos da atual geração intelectual. Dotado de uma extraordinaria capacidade de trabalho, aparece frequentemente no cartaz dos nossos teatros como autor de peças de sucesso, ou na montra das livrarias entre os escritores mais destacados. Dirige os semanarios "CARIOCA" e "VAMOS LER!", puplicações de larga tiragem e que exigem do autor de "FUGA E OUTROS CONTOS" um consideravel dispêndio de energia.

Excerto do Terceiro Ato da peça inédita "UM JUDEU" biografia dramatizada de BENJAMIN DISRAELI.

MORDOMO (*entrando*)

Sua Majestade, a Rainha Vitória:

DISRAELI

A rainha!?

(*Entra a Rainha Vitória. A idade, não lhe afetou a firmeza dos movimentos, nem o timbre da voz, ainda forte*).

RAINHA

Grande é a vossa surpreza, meu amigo...

DISRAELI

(*ajoelhando-se e beijando-lhe a mão*) Não posso acreditar nos meus olhos... E' uma visão! Sua Majestade, a Rainha Vitória, não pode vir à humilde casa de Benjamin Disraeli...

RAINHA

Levantai-vos, Lord Beaconsfield...

DISRAELI

Majestade, tomarei a ousodia de censurar o vosso gesto, antes de me envaidecer com tanta honra...

RAINHA

A rainha não permite censuras...

DISRAELI

Majestade, esta visita está quebrando o protocolo, infringindo as normas tradicionais... A Rainha Vitória não poderia, jámais, visitar um simples conde como eu, em circunstancias tais...

RAINHA

A rainha da Inglaterra não poderia... Tendes razão, Disraeli. Mas a rainha da Inglaterra não está aqui. A rainha da Inglaterra nunca terá estado aqui... Ninguem jámais o saberá: ficará sendo um segredo entre nós dois. A carruagem que me trouxe à vossa porta não tem os brazões reais. Quem está aqui é apenas a vossa amiga Vitória... A

DISRAELI

pobre viuva Vitória, que tem, tambem, no peito, um coração, como o vosso, amargurado pela saudade...

DISRAELI

Majestade...

RAINHA

Vim trazer-vos, Disraeli, pessoalmente, a expressão do meu pesar pela morte da vossa esposa carissima... Pareceria que vim tarde demais dizer-vos as minhas palavras de amizade... Não, Disraeli. As grandes dores não passam com o tempo. Aumentam, à proporção que envelhecem... E' que hoje, relembrando meu muito amado marido, o principe Alberto, reli aquela carta, tão comovente, tão emotiva, tão bela, que me enviastes pela sua morte. Senti que ninguem, como vós, compreendera a minha dor. E senti, tambem, que ninguem, como eu, poderia sentir a vossa dor... (*Disraeli leva o lenço aos olhos. A Rainha comovidamente fala com os olhos brilhantes de lagrimas reprimidas, que não ousam caír*).

DISRAELI

A solidariedade de Vossa Majestade me é um precioso bem, um extraordinario consolo...

RAINHA

Não nos enganemos com palavras, Disraeli. Quem tem, como nós, uma funda e pungente saudade, não busca jamais consolo e esquecimento... E' dessa saudade, apenas, que vivemos... Si ela se extinguisse, morreriamos, por falta de um motivo nobre que nos desse beleza à existência (*Pausa*). Porque existe, aí, esse retrato, com o chale negro cruzado sobre a moldura? Por que conservo eu as fardas, — ah, como ele era belo e garboso, no seu uniforme de marechal de campo! — sim, porque conservo eu as fardas de Alberto? Porque não desejamos, nem vós, Disraeli, nem eu, Vitória, que se extingam as fontes das nossas recordações, o alento das nossas vidas...

DISRAELI

Vossa Majestade tem razão... O alento das nossas vidas... A rainha, o lord... Criaturas humanas, com humanas emoções... Ah... majestade, nunca poderei vos agradecer esses instantes sublimes de emoção inesquecivel! Ainda agora recordava, diante desse retrato, a figura amiga de Mary-Ann. Devo-lhe tudo: a minha carreira, o meu triunfo, as minhas alegrias... E que lhe pude dar?

RAINHA

O vosso amor, ainda vivo, através da recordação...

DISRAELI

Que admiravel coração de mulher! (*Pausa*) Um dia, por gracejo, disse que devia minha carreira a um "i", uma insolencia e um copo dágua... Um "i", o que meu pai agregou ao nosso sobrenome D'Israel, para tirar-lhe o estigma judaico, numa ingênua tentativa de italianização... A insolência, uma deploravel expressão pejorativa, contra essa que mais tarde seria minha esposa dedicada e fidelissima, insolência a que ela revidou com um gesto de galenteria imprevisto, dando-me uma cadeira no Parlamento...

RAINHA

E o copo dágua?

DISRAELI

O do meu batismo como cristão, majestade...

RAINHA

Falam muito do vosso triunfo, caro Disraeli, mas vejo que foi um triunfo bastante facil... Em todo caso, bemdigo o "i", a insolência e o copo dágua que puzeram a vossa tenacidade e o vosso talento a serviço da Inglaterra e do meu reinado...

DISRAELI

Desejaria, Majestade, fazer alguma coisa que pudesse emprestar ainda maior fulgor ao vosso admiravel reinado...

RAINHA

O mais que puderdes fazer pelo meu reinado, meu amigo, nunca chegará a dissipar as tristezas da minha viuvez... O crepe das minhas maguas intimas está tornando sombrio este fim atribulado de existencia...

DISRAELI

(*Numa inspiração, depois de breve pausa, incisivamente*). A Inglaterra controlará o canal de Suez. As ações do Khediva do Egito estão à venda... Há propostas da Alemanha e da França... Mas até amanhã, ao entardecer, a Inglaterra poderá apresentar sua proposta... Festejaremos esse acontecimento de uma forma extraordinaria, conferindo a Vossa Majestade o titulo de imperatriz...

RAINHA

Mas, Disraeli, já me basta ser rainha... Imperatriz... Imperatriz de quê?

DISRAELI

(*Prontamente*). Imperatriz das Indias! Das Indias, aonde conduz o novo caminho de Suez...

Palavras à Juventude

Pedro Calmon
(Da Academia Brasileira de Letras)

O problema mais árduo e complexo de nosso tempo é a formação do Homem. Do homem de nosso tempo. Para a luta e a escalada; sobretudo para a vida e a vitória; necessariamente para a humanidade donde tanto se tem ele distanciado!

A suprema solução da pedagogia e da política, exatamente por ser a da inteligência e do sentimento — é a compreensão.

Inutil seria discutir a nossa época. Temos de compreendê-la. E' futil repudiar o século. Entendamo-lo. Negar a atmosfera em que se vive, será como asfixiar-se... Pode-se renunciar à luz: mas fechando os olhos. Neste caso não se suprime a claridade: senão a realidade; não é o mundo exterior que se exclue, porem o mundo interno; não é o que lá fora canta, resplandece e palpita, mas o que dentro em nós estremece, agita-se e sofre; não o que existe, e que continuará, Deus louvado, a existir, arrastando consigo a debilidade humana, mas o que criamos e afirmamos como alento e força do espírito!

Educação é reajustamento. Instrução é dominação.

Reajustemo-nos à nossa epoca. Nesse comboio em marcha há lugar para todos. No segredo da direção teem de esmerar-se os mais capazes. Indispensavel é que lá se achem. Escolhem o rumo, graduam a velocidade, asseguram a viagem, abreviam as distâncias, chegam em paz... Progresso, cultura, civilização, são ímpetos iniciais. Há-os moderados, e lentos, e preguiçosos, e exaustos. São os velhos países que perderam o sentido da evolução nacional; os núcleos sociais que preservam o arcabouço na prudência de sua imobilidade; os povos "bloqueados" pela entorpecente e agônica filosofia da inação! Infelizes dos que não sabem andar! Para estes desenham-se no horizonte esteril as muralhas da China; corvejam-lhe o campo sáfaro os apetites alheios; sobre a sua inércia se projetam, em forma de faminta cobiça, dos poderosos e dos inquietos, as iras do céu; e a decomposição dos organismos inermes cedo lhes consumirá a branda fibra e a estrutura remota...

Pertencemos, ao contrário, ao cíclo e à geração das nações camineiras. Vamos de abalada pelos itinerários audazes. Nada nos detem nessa trajetória rápida e incontavel. Anima-a o "dinamismo" das jovens coletividades. São as energias ambientes que as impelem como "imponderaveis" cósmicos: por uma mecânica que lembra a dos astros no azul... Sem as cautelas em que tropeçam as sociedades históricas; sem os seus obstáculos, as suas hesitações e os seus terrores; na alegria ensolarada dos climas estimulantes; na veemência equinocial da natureza pródiga; no quadro verde das florestas monstruosas; no largo cenário das atividades livres; no semideserto que apenas se penetra, revela e fecunda; onde o espaço colabora com a iniciativa rija para a redenção do trabalho; onde a terra despe devagar o selvagem vestuário do seu longo sono agreste para embrulhar-se na fina tela das lavouras; e tudo é liricamente novo: chão, perspectivas, cidades, o rude mundo bem nosso, a história rutilante de honrosos feitos que o protege com a sua ronda de tradições, a alma e o valor da raça, mestiçada e surpreendente, própria e conquistadora, seivosa e moça...

Instrução, porem, é dominação.

Aparelha-se a criatura para aceitar o desafio das hostilidades miudas e teimosas que a investem. Aprende a utilizá-las e transformá-las em benefício do gênero humano. Entre os mistérios da criação classifica as idades, formula os conhecimentos, regula as ciências, apodera-se da técnica, abstrai e concretiza, deduz e realiza, infere e, por sua vez, inventa, elabora, imita, na indepêndencia presunçosa e magnífica da inteligência triunfante. Não é individual, a instrução. E' a memória dos tempos. E' a conciência das eras. E' o patrimônio da espécie na coerência das gerações. Em todo caso, uma síntese, tanto mais perfeita quanto mais intuitiva. Por isso é brevemente livresca. E' levemente escolar. Porque se respira com o ar que nos envolve, está nos contactos que nos afirmam esse mundo exterior, no instinto moral que, por outro lado, nos liga ao passado imenso mundo íntimo a

cujas influências jamais nos libertaremos, na experiência de cada dia...

Reparai nas vossas humanidades. Abrangem, em nótulas modestas, a vastidão do universo antigo. Foram a ponte lançada entre a vossa juventude ambiciosa de saber e o pórtico branco de Academus, o geométrico jardim de Platão, o arco de Augustus, Tebas o berço da ciência, a sombra arábica do Bazar onde a álgebra nasceu... Dir-se-ia que a essa confluência correm todos os rios de outrora: harmoniosas águas da paisagem clássica, tonitronantes borbotões da civilização barbárica, as tempestades, das grandes transições... Sem deixar os bancos liceais fostes com Alexandre a Babilonia, com Jesús a Jerusalem, com os gauleses a Roma e com Colombo aos mares "nunca dantes navegados". As noções de física que vos ministraram trouxe-vos o suspiro de Arquimedes, a angústia de Galileu. As generalidades de química que vos ensinaram teem o seu laivo da astrologia fabulosa e o seu olor de desvarios lendários. As vossas matemáticas elementares transpiram as abusões dos caldeus e os cálculos egípcios. As letras do vosso alfabeto recordam-vos a morta Fenícia de Cadmo, a página do vosso livro o alvoroto de Guttenberg, os algarismos das vossas contas a invasão sarracena, os encantos da vossa botânica dous mil anos de contemplação dos vegetais, o orgulho cívico de vossa história quatro séculos de formação nacional. Síntese de linhas nítidas, de condensações razoaveis, de densidades engenhosas: não importa. Graças a ela o período ginasial dos nossos estudos é o da boa iniciação. Conservamos o seu escolástico nome de humanidades exatamente por que no-las sugere: universalidade de conceitos, olhar d'alto que se desata sobre todo o panorama pretérito; quando nos inteiramos do nosso destino, percebemos em conjunto o que fizeram as nações e os seus heróis nos seus longes roteiros, e dessa penumbra de conquistas e lições destacamos os cimos sobranceiros. Eles nos orientam. Aí cintila o divino lume. São os marcos impereciveis. Que as catastrofes inenarraveis varressem planícies e vales: emergeriam sempre, ilhas luminosas na tranquilidade dos oceanos, as níveas cumiadas. Representam os homens uteis aos seus semelhantes por sua indústria e por suas idéias, pelos seus inventos e pelos seus poemas, pelas suas guerras e pelos seus conselhos, por suas leis e por sua justiça, pelo amor que doutrinaram ou pela ordem que estabeleceram, pela beleza que imaginaram — magos da forma — ou pela verdade que impuseram — intérpretes severos do equilíbrio espiritual... Dominaram. Prevaleceram.

Venceram primeiramente a morte.

Esta é a suprema façanha do homem possuido de sua sensibilidade social: fugir à igualdade no silêncio, para sobreviver na lembrança... Fugir à destruição nirvânica do seu nome transitório para embalar-se na esperança da continuidade, na pobre e soberba presunção da sobreexistência. À maneira das próprias tribus indígenas cujos cantores, rapsodos de monótonas Ilíadas como os gregos, repetiam de avós a netos as velhas proesas da linhagem... Ao revés da conformidade pessimista do Sr. Brotteaux, de Anatole France, que concluira: "Lignorance fait notre tranquillité; le mensonge notre felicité". Foi Frei Pedro Malón de Chaide (diz-nos Miguel de Unamuno) que sustentou a tese, algo poética, de que no céu as almas teem saudade dos corpos... Apetite super-humano de afirmação. Ideal inevitavel de perpetuação. Desenganado sentido de dominação. Sobre as forças brutas em volta e o infinito esquecimento, peculiar à voragem do tempo...

Instrução é superioridade, é hierarquia, é superposição. Integra a vida, porque a vincula às suas origens morais: daí chamar Dante à palavra "vital nutrimento..." (Parad., XVII, 132). Dá-lhe nobreza; positiva-a; define-a; habilita-a.

Dominareis. Dentro na vossa época, porque para ela vos educastes. Robustos pelo que sabeis; fortes pelo sentimento que tendes da vossa missão individual; e guiados por um espiritualismo o que é, na confusão contemporânea, o maior bem da cultura!

A crença é digna e ilustre. Bemditos os que creem. Sem os tormentos da dúvida teem direção, mestre e código de conduta. Aprenderam a servir. Não discutem as razões fundamentais. O mal da humanidade hoje é o inextricavel debate aberto em torno das razões fundamentais. A fé induz-nos a aceitá-las como o passado no-las apresenta. A religião da infância e dos pais. A Pátria que resolutamente amamos. A generosidade que faz da existência um instrumento de utilidade social, um "valor" amplamente humano, uma peça da harmonia total, uma quantidade positiva, um impulso benéfico, uma contribuição aos ideais coletivos...

(Continúa no fim do ANUARIO)

O RIO E A CANA DE AÇUCAR

Gileno Dé Carli

Nos domínios da cana de açucar o que liga o homem à paisagem é a água. Artéria por onde se escoam as produções de açucar, o rio é ainda o elemento essencial para as rodas dágua dos engenhos banguês e para as necessidades das máquinas.

No Brasil, a cana de açucar começou o seu domínio à beira-mar, refletindo-se quasi no oceano. Itamaracá, uma ilha uberrima no litoral pernambucano; Iguarassú, à margem de um braço de mar, com seus velhos templos e seus sobrados que denotam ainda um esplendor e um fausto notaveis; Olinda, a cidade dos monges e dos jesuitas; Ipojuca, um resto de cidade açucareira que não conseguiu progredir; Cabo, ao lado do Cabo de Santo Agostinho, com suas varzeas de massapê; Serinhaem, no alto de uma colina, dominando o mar, circundada de terras feracissimas e palustres; Barreiros, extremo sul dos municípios penambucanos — todas essas terras de cana se debruçam no mar e por essas terras, num primeiro movimento de irradiação se espalhou a cana de açucar.

Depois, a palmo e palmo, a cana, caminhando rio acima, ia civilizando a terra, incorporando-a definitivamente ao europeu. Foi a conquista primeira do interland brasileiro.

Em Alagoas, a cana de açucar alastra-se à margem da lagoa do Norte e âs margens do oceano cria Maceió, sede de um engenho de açucar; e às margens da lagoa Manguaba, a cidade das Alagoas, antiga Madalena, na encosta de uma colina, deixa divisar, refletida nas águas do grande lago, uma visão de antigas riquezas.

Na Baía, as cidades de Santo Amaro e São Francisco, os dois grandes municípios açucareiros do Recôncavo, miram-se nas águas da baía de Todos os Santos.

Campos não poderia, por ser um município açucareiro, plantar-se longe de um rio, e determinou-lhe o destino que o Paraíba, como um pequeno Nilo, lhe atravessasse as terras, espraiasse suas águas nas planicies infinitas, desde tempos imemoriais, construindo uma sedimentação constante a grande camada de terra aluvional, numa baixada de extensões desmedidas. Baixada, que dir-se-á numa convulsão geológica, a terra abatera ao longo da cordilheira dos Orgãos, afastando o mar para alem de S. João da Barra. Um pouco antes de Campos, em São Fidelis, o Paraíba, que atravessou impecilhos abrutos da Mantiqueira e varou altiplanos, espreme-se sinuoso entre as asperezas dos contrafortes das montanhas pertencentes à Serra do Mar, deixa o acidente e investe pela planicie, num desnivel de 1.600 metros do seu nascedouro. Aí, é um curso franco, sem apertos. Quando na serra as catadupas espadanam água, escorrendo aos borbotões pelas grotas, pelos corregos entumescidos, o rio incha, empazinando, revolto, se atritando nos desfiladeiros, se apertando nas gargantas de granito, onde a erosão milenar pouco consumiu; depois, cansado, o rio como que se fatiga e desdobra o seu leito, ganhando novas margens em busca de outros limites para as suas águas crescidas. É a inundação da baixada campista.

Conta a história que em 1833 Campos ficou submersa com a caudal. O fenômeno se repetiu em 1841, 1877, 1896, 1906, 1917 e 1932. E todas as vezes os campos ficaram hidrópicos, amolecidos de tanta água, cobertos de humus e cheio de grez ferruginoso, resultante da alteração do diorito constitucional, arrastado de terras paulistas, por onde a enxurrada vinha rolando. Assim, Campos se fez fertil, a ponto de dar a impressão de ser, no Brasil, o habitát da cana de açucar.

Mas, um dia o homem se associou a terra. O rio não era sómente um acidente geográfico. Começaram a impressionar ao homem, a relação do rio com a baixada, o beneficio da limonagem e os prejuizos das inundações, a acidificação do solo, as endemias que as águas estagnadas escondiam e as terras gordas de humus tornadas lagoas e pântanos, onde o junco, a coirana e a aninga teem o seu domínio.

O RIO CIVILIZADOR

Ampliando um justo conceito de Ratzel de que todo Estado é uma porção de solo e de humanidade, Jean Brunhes completou que todo Estado, e mesmo toda instalação humana, é o amalgama de um pouco de humanidade, de um pouco de solo e de um pouco de água. E acrescenta que, por este motivo, a hidrográfia continental ou marítima sempre exerceu uma grande influência sobre a humanidade.

Mas, alem das necessidades imediatas supridas pelas águas dos rios, essenciais, à vida, o rio torna-se elemento de ligação entre nucleos humanos, e há quem compare a história de um rio navegavel ao estudo de uma aglomeração urbana. Ainda mais, aproveitando as declividades dos leitos dos rios, nas corredeiras, nos trechos encachoeirados e nas cachoeiras, a água gera a energia que movimenta os motores elétricos, espalhando a mais barata força motriz.

O Paraíba, porem, em terras americanas, talvez tenha tido o sentido mais civilizador de todos os rios. O grande rio foi o motivo de duas culturas, que no tempo porfiaram uma posição de destaque na economia brasileira. Degladiaram-se durante anos à busca de hegemonia, cada uma procurando refinar a sua civilização, cada uma impregnando a paisagem de uma caracteristica. E enlaçando as duas civilizações, o rio civilizador — o Paraíba — as atravessava, cortando as ondas dos cafézais, e depois a baixada dos canaviais. Canaviais que datam de 1539, plantados por Pero de Góes, donatário da Capitania, que montou em terras goitacazes um engenho dágua "com 800 braças de levada de 3 palmos sós em largo e trazem na borda do rio, sobre um outeiro e dunas, uma queda que é de 60 palmos para riba... Anda-se um dia por terra... assim que pelo rio se pode acarretar o açucar".

Mas, foi cruenta a luta da terra conquistada, pois, a-pesar-de ter captado a princípio, a complacência do amerindio, para a irradiação do poder português, um dia, conta-nos ainda o infeliz donatário, estando "mui contentes com ter a terra muito pacifica e um engenho quasi todo feito com muitos canaviais, subiu da terra de Vasco Fernandes Coutinho, um homem por nome Henrique Cruz, com outros, em um caravelão; e sem eu ser sabedor, se foi a um posto desta Capitania e contra o farol de S. A., resgatou o que quis e, não contente com isto, tomou por engano um indio, o maior principal que nesta terra havia, mas amigo dos cristãos, e o prendeu no navio, pedindo por ele muito resgate".

Assim, viu o rio Paraíba, o fracasso dos primeiros canaviais, plantados no aluvião que ajudara a formar. Voltou o esquecimento à terra dos Goitacazes. Sómente nos princípios do século XVII é que chegaram as noticias da fertilidade das terras do vale do Paraíba, na zona da baixada. Apressou-se o general Correia de Sá e Benevides a provocar a divisão das extensas terras do interland fluminense, tendo ele ficado com grande parte da atual zona açucareira do Estado, erigindo um engenho de açucar, onde hoje se localiza a fazenda do Visconde, perto da Usina São José. Daí por diante, cresceram os canaviais, multiplicaram-se os engenhos, e a riqueza que os preços do açucar proporcionaram no século XVII, parte do século XVIII e no primeiro quartel do século XIX, resultou na formação de uma bela cidade, a de Campos, que viveu em fausto, em ostentação, talvez semelhante as de Olinda e Recife e do Recôncavo.

É que a cana de açucar por força do seu poder e atração, de agregação, se torna um motivo de civilização. E nos campos dos goitacazes, os engenhos e engenhocas cada vez mais se multiplicavam, ora âs margens do Paraíba, ora nas dos seus afluentes, subindo sempre o rio, chegando a São Fidelis, já montanhoso, com as elevações das serras do Sapateiro e Macapá, até que um dia a preciosa graminacea encontrou uma outra cultura que caminhava em sentido oposto, trazida tambem pelo Paraíba.

O caféeiro, no Estado do Rio, foi introduzido em 1770, no vale do Paraíba, possivelmente em Rezende. E começou a onda verde a se movimentar: Barra Mansa, Barra do Piraí, Vassouras, Paraíba do Sul, Sapucaia, acompanhando sempre a trajetoria do rio. Sómente Vassouras, então, concorria com 15% da receita provincial. Acima de São Fidelis é que as duas culturas, presas às águas do rio histórico se defrontaram. Seria o momento mais trágico da cana de açucar. O café vinha impulsionado pelas próprias águas revoltas do rio, no sentido de sua marcha, e a cana de açucar ia subindo a correnteza a passa e passo, vencendo a resistência da serra. E houve um instante irresistivel em que o caféeiro suplantou a própria resistência da cana, e investiu contra São Fidelis, subiu o afluente Muriaé, fundando em Itaperuna, talvez, o maior centro produtor de café, com cinquenta e dois milhões de caféeiros. Toda essa expansão açucareira em Campos, e caféeira, em todo o vale que a rubiacea, num trabalho de exaustão tenaz, medrou, vicejou, enriqueceu, deve-se ao rio civilizador, o único no Brasil que serviu às duas grandes formações sociais.

A TERRA EM FORMAÇÃO

Quando o homem se dispoz combater a enchente, procurando domesticar o rio Paraíba, para enquadrá-lo na sua missão de cooperador exclusivo, limitando o seu poder de destruição, chegou à conclusão de que em tempos longinquos, no período em que o rio divagava pelo terreno aluvionario, a sua foz era nas proximidades da Lagoa Feia. Até que um dia a ação de diversos fatores foi traçando o verdadeiro leito do rio que corre entre duas muralhas naturais — diques de terra — havendo uma declividade quando se caminha para o interior. De forma que, quando o rio estravaza, as águas jámais voltam ao seu antigo leito, tornando uma grande parte da baixada dos goitacazes, pantanos, brejos, charnécas, impróprias ás culturas e ao pastoreio.

Começou o trabalho de expurgo da água. Logo a lagoa de Cacumanga foi esgotada e restituiu-se à lavoura uma extensa área calculada em mais de 500 contos de réis. Construiu-se um dique no

(*Continua no fim do ANUARIO*)

Caminho de Damasco

José de Mesquita
(Da Academia Matogrossense — Autor dos livros de contos **"Espelho de Almas"** e **"Cavalhada"**).

I

Amaral e Mendonça conheceram-se no colégio onde juntos haviam feito o curso de preparatórios.

Nas férias grandes do último ano separaram-se, sem esperanças de se tornarem a ver. Mendonça, que era da capital, ficaria por alí mesmo, fazendo pela vida em algum cartório, casa de negócio ou emprego público, até que, mais tarde, reunido um pequeno pecúlio, pudesse continuar os estudos.

Amaral, do interior, largou-se, com o seu diploma de bacharel, para a fazenda, e nunca mais apareceu na cidade nem deu notícias ao seu velho colega e amigo. Há separações que são, assim, verdadeiras mortes temporárias, com probabilidades incertas de uma ressurreição longínqua e imprevista. A dos dois amigos do "Liceu S. Gonçalo" foi uma dessas.

Vinte anos depois da sua formatura, Mendonça, que, a final, abraçara de vez a carreira do comércio, teve necessidade de ir, a serviço, à antiga povoação de "Santa Luzia" — perto da propriedade do Amaral e, como o acaso tece os fios dos romances da vida, aconteceu que o dono da fazenda "Riozinho" se achasse, tambem a negócios, no lugarejo. Foi, é facil imaginar, um encontro cordial, de expansões incoerciveis. Reconheceram-se à primeira vista, pois dos 20 aos 40 anos, conquanto se dobre a idade, a fisionomia pouco difere, a não ser algumas rugas e cabelos brancos que delatam o entrar na maturidade. Amaral, sempre mais loquaz e bulhento, foi o primeiro a dar pelo outro, alí bem à porta da agência do correio, àquela hora canicular e silenciosa.

— Você por aquí? Ora, bem se diz que quem é vivo sempre aparece!

— E' verdade! Mas parecia mais natural que fosse você à cidade, que vir eu dar com os ossos neste Cafundão...

— Quero lá saber de cidade, Mendonça! Tenho tudo nesta zona: — família, haveres, interesses... E você, que feliz fortuna o trouxe até estas alturas?

— Negócios da nossa firma. Estou comerciando, como você deve saber, e vim tratar da liquidação de uns assuntos velhos e complicados. A hipoteca do Zé Nanico, sabe?

— E demora? O negócio parece mesmo "encrencado"... E' daqueles... e o Amaral, fazendo um meio ar de mistério, deu um longo assovio significativo.

— Ficarei o tempo necessário para a liquidação. Preciso voltar o mais breve possivel.

— O que não impede que você reserve ao menos uns dois ou três dias para passarmos juntos no "Riozinho"... E' perto, daquí a cinco léguas...

O outro quís, a começo, excusar-se mas tanto empenho fez o Amaral, tamanha insistência, carinhosa e assediante, que acabou cedendo, não fosse o amigo supor má vontade ou indelicadeza sua a negativa ao amavel convite. E, enquanto caminhavam, rente às paredes, para evitar a soalheira abrasadora, Amaral ia contando ao velho condiscípulo que se casara havia sete anos, era pai de seis filhos, cumprindo assim à risca o seu dever para com a Pátria de dar-lhe anualmente um novo e futuro elemento de trabalho e de progresso.

— Porque — esclarecia, sorrindo, no seu sorriso largo e bonachão a expandir-se sob a aba imensa do sombrero, — os meus filhos são todos homens, e se Deus quiser, seguirão todos a carreira paterna, a nobre carreira de lavradores e criadores, que foi a dos meus antepassados e espero venha a ser a dos meus descendentes.

— Você é um herói, *seu* Amaral! Aguentar por vinte anos esta vida de sertão bruto, com encargos como esses, de meia dúzia de pimpolhos a criar, só mesmo uma têmpera de aço como a sua! Eu, franqueza, sucumbiria...

— Você quer dizer então, com isso, que ainda não se casou?

— Não pretendo! Já estou quarentão e olho a vida, as mulheres, tudo que me cerca como espectador curioso e artista, mas sem vontade de tomar parte no espetáculo...

Amaral soltou uma das suas risadas argentinas e tão prolongadas que dariam a impressão de um retinir de campanas alegres. E atirou-lhe, à guisa de desafio:

— Pois você é um viciado pelos micróbios da "capitalite", o mal das cidades... Fique por aquí quinze dias, um mês, e verá como as suas idéias se modificam.

— Quinze dias, neste ermo, Amaral? Mas há quem viva quinze dias neste deserto? — gritou, num espanto, o negociante, como se lhe houvessem proposto nada menos que o martírio ou as galés perpétuas.

— Eu vivo há mais de quinze anos, Mendonça. E posso jurar-lhe que ainda não me aborrecí um instante.

— Mas você não é homem. Amaral. Você é um herói, um herói que está a pedir pelo menos uma estátua!

— Porque você não tenta, um dia ao menos, o heroismo? Tudo é questão de experimentar e o diabo é sempre menos feio do que pintam...

— Pois, sim! Eu, amarrado a uma saia por todo o resto da vida? E, mais, preso a este eremitério, eu que não nascí positivamente com vocação para cenobita! Deus me livre!

Tinham chegado à porta da casa onde Mendonça estava hospedado. E alí mesmo combinaram para daí a três dias, depois que o caso da hipoteca ficasse encaminhado, o passeio à fazenda do "Riozinho".

II

Numa formosa manhã de sábado, clara e alegre como o riso sadio das sertanejas, os dois amigos partiram para o sítio. Sairam com o amanhecer e, montados em duas boas alimárias, à hora do almoço davam entrada no terreiro da fazenda. De caminho, Amaral, sempre tagarela e alma aberta às expansões, contou ao amigo o que ele chamava pitorescamente o "processo de amarrar moços", que constituia o perigo mais sério da zona.

— Acautele-se... Eu, em chegando aquí, meu velho, não pensava absolutamente, em casar-me. A Nezinha, hoje minha mulher, é filha de um fazendeiro muito amigo de minha família, o major Cristiano, vizinho do sítio do velho. Encontrei-a numa festa de S. João. Pegamos um namoro de brinquedo. Você não sabe o que é um S. João da roça! Aquela história de tirar sortes, de pular a fogueira, depois o baile, a ceia... O resultado foi que, depois da festa, estávamos *fisgados*.

E pelo Natal — parece incrivel — noivos...

— E noutro S. João, casados — acrescentou, sorrindo, Mendonça.

— Você falta-lhe pouco para adivinhar. Casamo-nos em Maio. Antes de um ano de namoro...

— Irra, que o caso é mesmo de assustar! Mas, eu, você sabe, tenho minha profilaxia antimatrimonial. Já andei enleado várias vezes em cousas de sentimentalismo, sou um desiludido do amor e farto de amar, o que é peor.

— Tanto vai o pote à fonte... — exclamou Amaral, que, como se vê, era muito amigo dos adágios.

Nesse palrar, deram por si defronte da varanda da "fazenda", aberta em parapeito para o vasto pátio, onde secava, ao sol ardente, sobre couros enormes, o açucar de barro feito na vespera. Aos gritos do Amaral, assomou ao parapeito uma bela mocinha, morena, regulando aí por seus dezesete anos, uma pintura de Greuze, fresca e mimosa como as mais lindas filhas do sertão.

— Rosita, manda o Gabriel pegar os cavalos para dearrear. Onde está Nezinha?

Mendonça, que demorara os olhos, repousadamente, no perfil da moça, viu, com pouco, aparecer ao lado dela uma outra bela figura feminina, digna tambem da sua curiosa observação de artista. Era a esposa do Amaral, um tipo de mulher vistosa, alta, de traços nobres, rosto oval, de linhas macias, onde dois grandes olhos, muito expressivos em seu castanho escuro puríssimo, derramavam um languor de bondade e de doçura. Amaral fez, sem protocolo algum, as apresentações.

— Meu amigo Francisco Mendonça, que veio nos dar o prazer de uma visita... minha mulher...

E como Mendonça o interpelasse, mudamente com os olhos, ele prosseguiu:

— Minha cunhada, a Rosita.

E enquanto se cumprimentavam o recemvindo e as duas irmãs, já o dono da casa, na sua sem-cerimônia de homem chão, habituado à vida simples do campo, convidava Mendonça

a descansar numa ampla espreguiçadeira, ao canto da varanda. Dentro em pouco o bando esfuziante dos garotinhos, em número de cinco, penetrava na sala de jantar, numa algazarra enorme.

— E' a invasão dos barbaros, Mendonça — disse, sorrindo, Amaral.

Fez-se, em alguns minutos, a mais cordial familiaridade entre o viajante e a boa gente do "Riozinho".

Dona Nezinha pediu licença para ir atender aos preparativos do almoço, enquanto Rosita ficou fazendo as honras ao hóspede.

Mendonça a observava miudamente, enquanto o seu espírito se deliciava com o prazer da sua conversa espirituosa e singela. Era um tipo em tudo diferente da outra: de pequena estatura, traços muito delicados e finos porem corretos, tinha a tez trigueira, desse colorido vivo tirante à rosa, em que, sob o moreno da pele, parece refluir uma camada de sangue vivo e sadio. Uma sombra leve, menos que buço, parecia sobrelinhar-lhe o corte delicioso dos lábios, talhados no modelo das maravilhosas taças gregas. Os seus olhos negríssimos filtravam, sob o velário moreno das pálpebras, um fluido estanteante, irresistivel, em que havia tempestades de desejo e calmarias de esperança. Mas o que mais encantava nela era a leveza de sua prosa, animada e gracil, sem laivo algum de afetação. Sentara-se em frente de Mendonça, numa rede lavrada de varandas de abrolhos, que ia embalando suavemente enquanto falava. A sua voz harmoniosa não era um gorgeio de pássaro, como diria um romântico de 1830, porque pássaro algum pode gorgear assim... com as inflexões de inteligência e doçura que ela sabia imprimir a tudo que dizia. Depois do almoço, simples mas farto e saboroso, ficaram a conversar ainda um largo trato de tempo, até a hora da sesta amavel. Rosita, com pouco, punha o seu hóspede a par de toda a crônica da povoação e dos sítios vizinhos.

— Mas a senhora é um jornal, e que jornal interessante! exclamou Mendonça.

— Pois não hei de ser? — casquinou a menina, numa gargalhada. Vivo aquí faz 17 anos, nunca saí...

— Já vivia aquí antes de nascer... pois ninguem, D. Rosita, lhe daria 17 anos, e eu creio que tem essa idade porque mo diz — retrucou Mendonça, querendo ser galanteador.

— 17 a fazer no dia 30 de Agosto. Santa Rosa de Lima é minha padroeira...

Veio à balha a idiosincrasia do Mendonça pelo mato... Foi Amaral que, muito de propósito, levou a palestra para esse rumo.

— Mas o senhor precisava ficar aqui um mês, dois, para ver como isso acabava. Reconciliava-se com a natureza.

— Se a natureza for amavel e linda como a sua advogada... quem sabe: — disse sorridente, Mendonça.

— Oh! seu Mendonça! a natureza é sempre linda e amavel para os que querem compreendê-la! — exclamou D. Nezinha. E nesse teor prosseguiu a palestra, até que Amaral convidou o amigo para "cochilar" um pouco, visto dever estar cansado da "esfrega" de cinco léguas a cavalo.

— Oh! nem por isso — protestou o moço, já vejo que começo a compreender a natureza.

III

Ao cabo dos três dias do prazo para permanecer no "Riozinho", Mendonça já não ofereceu resistência ao empenho porfiado da família Amaral para que ficasse até o fim da semana. Mandou um "próprio" ao povoado prevenir que o esperassem com a escritura. E deixou-se ficar alí, naquela vida deliciosa de passeios ao campo, caçadas de pacas e tatús, pescarias no rio, sempre e sempre acompanhado da travessa e mimosa Rosita, cujo trato e conversa cada dia mais o encantava. Aqueles dias pareciam não ter as vinte e quatro horas do costume, tão rápidos fluiam, entre alegres folguedos e doces palestras, os minutos, as horas, os próprios dias.

Cedo, mal a barra da alvorada repontava no céu claro de Junho, as aves desatavam a trinar nas mangueiras velhas do oitão, Mendonça pulava da rede macia e, descendo pelo baldrame da porta dos fundos, envolto na larga toalha felpuda, se ia, num alvoroço ao banho no "Riozinho", que dava o nome à propriedade. Quando subia, lépido, já encontrava Rosita que lhe vinha ao encontro, fresca e rósea como a própria madrugada, trazendo-lhe, na salva de prata, a chícara de café. E alí mesmo no terreiro, onde umas parasitas cor de sangue abriam o sorriso matinal de suas pétalas, encetavam a palestra, sempre alegre, pontilhada de espírito, vibrante de cordialidade. Durante o dia, era um esfuziar de chistes, uma constante e despreocupada alegria de viver. No sábado, Amaral, à hora do almoço, interpelou, sorrindo maliciosamente para a esposa, o seu amigo sobre a viagem.

— Ao que parece, Mendonça, você é capaz de nos dar ainda o gosto de ficar aquí uma semana.

— Não fossem os negócios que me prendem, meu caro, eu ficaria não uma semana, mas todo o resto do mês...

Espere ao menos o S. João, *seu* Mendonça. Faltam apenas 10 dias, hoje é 14 — ponderou, suasoriamente, D. Nezinha.

— Quem sabe? Segunda-feira havemos de resolver...

O rosto mimoso de Rosita, que uma leve nuvem de tristeza toldara no começo dessa conversa, se desatou em franca e doce expressão de serenidade.

E ainda essa noite, como o tempo estivesse feio, de modo que lhes impedia sair, ficaram, na varanda, até quasi onze horas, jogando a bisca, conversando, num serão delicioso, regado a chá com pães de milho, feitos pelas mãos delicadas de Rosita.

*
* *

Na segunda, Mendonça amanheceu doente. Uma séria enxaqueca, superveniente a uma indisposição gástrica que lhe aparecera na vespera à noite. A viagem ficava tacitamente prejudicada. Um "camarada" foi até à povoação com instruções ao *seu* Zé Nanico sobre o adiamento da liquidação. Quatro dias esteve Mendonça acamado, tendo-se desvelado em cuidados a meiga Rosita, convertida agora em enfermeira carinhosa e solícita. No dia dezenove, Mendonça levantou-se ainda fraco e sem que ninguem falasse — e menos ele — em viagem. Veio o frio de S. João, forte, com geada, que durou três dias. Por fim, ficou resolvido que se telegrafasse à firma avisando que Mendonça por doente, só seguiria para a cidade depois do S. João. Era a capitulação formal e completa, o "São João da roça" que prendera o Amaral, ia prender, nas mesmas malhas, o solerte Mendonça, inimigo do mato e do casamento. No dia 24, muito cedo, — ardiam ainda as fogueiras votivas e nos ares ecoavam, como canção perdida, os doces acentos do "Deus te salve, João" — Mendonça, acompanhado do Amaral, seguia, a cavalo, não porem, para a povoação, como estava planejado, mas para o sitio vizinho, do major Cristiano, para pedir-lhe, em casamento, a mimosa Rosita. Paulo encontrara o seu caminho de Damasco.

Baía de Todos-os-Santos

Graciliano Ramos

O Sr. Jorge Amado viajou muitos países: chegou a Buenos-Aires, atravessou as montanhas, costeou o Pacífico, caíu na América do Norte e voltou pelo Atlântico, depois de ver e ouvir pessoas e coisas diferentes do que há na ladeira do Pelourinho. Alcançou a pátria carregado de sonhos e idéias, mas surgiram-lhe alguns desgostos sérios, aborreceu os homens, especialmente os literatos, e, magoado com ingratidões e malentendidos, foi esconder-se em Estância, que é uma cidade, pouco mais ou menos uma cidade, em Sergipe. Aí, conversando pachorrentamente com o farmacêutico, o delegado, o promotor e os rapazes do comércio que leem brochuras tenebrosas e espumam nas sessões do grêmio literário; estragando a vista na péssima iluminação da terra e estragando o pulmão na poeira que o nordeste espalha — entrou a escrever um romance consideravel em dois volumes, SENHOR BADARÓ.

Poucos aquí tinham notícias de Jorge Amado, e alguns pensavam que ele ainda vivia no México, olhando os quadros de Rivera e colecionando trabalhos dos índios, pastas de couro, tapeçarias e cinzeiros com a águia e a serpente, folhas de cardo e a pedra do sol.

De repente aparece nas livrarias BAHIA DE TOUS LES SAINTS, um volume de quasi trezentas páginas, edição da N. R. F., já aquí anunciada discretamente há meses e agora definitivamente esquecida. BAHIA DE TOUS LES SAINTS é o nome com que os tradutores Michel Berveiller e Pierre Hourcade batizaram JUBIABÁ em París. Muita gente ignora que esse livro foi publicado em francês, e quem vê o volume de capa branca, com o titulo mudado, desvia os olhos, sem saber que o editor Gallimard meteu numa coleção onde figuram escritores terrivelmente importantes uma história de negros e mulatos, arranjada aquí pela Baía e vizinhanças. Como foi isso? Homens práticos, entendidos, informam-se com espanto:

— Quem arrumou esse negócio para o Jorge?

Pensam numa cavação política, na influência dum embaixador, e logo afastam a idéia. Os embaixadores não teem sido muito uteis a Jorge Amado, e dificilmente JUBIABÁ seria recomendado por qualquer deles.

Há meses a sociedade Amigos do Livro Americano traduziu para o espanhol dois romances brasileiros inteiramente inofensivos, um de Graça Aranha, outro de Paulo Setubal, escritores notaveis, acadêmicos e mortos. O de Graça Aranha passou despercebido, mas o de Paulo Setubal provocou um ligeiro descontentamento em certas rodas: ia mostrar lá fora a Marquesa de Santos e isto seria inconveniente para a mulher brasileira. Como? Perfeitamente, a Marquesa de Santos não é gênero que se exporte, é uma personagem de uso interno.

Se essa pobre figura histórica nos humilha, que dirão em París vendo os pretos e os farrapos que há nos livros do Sr. Jorge Amado? Naturalmente dirão que vivemos numa terra de persevejos e moleques.

JUBIABÁ é, pois, uma espécie de contrabando literário — e está aí o maior elogio que podemos fazer-lhe: tem de impor-se por suas virtudes. Infelizmente foi publicado pela N. R. F. e custa vinte e oito francos, que, traduzidos no Brasil, significam aí uns vinte e dois mil réis. Seria melhor ter saido numa dessas brochuras de capa amarela que se vendem a três francos e meio. Melhor para o público europeu, é claro. Entre nós o livro ganha por estar em lingua estrangeira e ser caro. Pessoas finas que desprezaram o volume de José Olympio ilustrado por Santa Rosa vão achar excelente a mercadoria importada. O que será muito bom: o romance de Jorge Amado conquistará mais alguns leitores indígenas.

Nota sobre Eduardo Frieiro

Guilhermino Cesar

O Sr. Eduardo Frieiro apurou em silêncio a sua vocação literária e, ao aparecer pela primeira vez, conquistou de súbito a fama de bom escritor.

Tem sido consideravel a atividade por ele desenvolvida, quer como crítico, ensaista e autor de ficção, quer como "expert" em coisas de arte gráfica, para conseguir a melhoria do livro mineiro. Em sua discutida personalidade existe um bom trabalhador. Não corteja a popularidade, nem costuma fazer concessões á "déessechienne", tanto assim que limita voluntariamente a edição de seus livros, não os distribue pelas livrarias do país e tem desprezado mais de uma oferta de editores de fora de Minas. Gosta de orientar, na tipografia, a feitura de seus livros, que são verdadeiras amostras de bom gosto.

Será um ceptico? Um ceptico do melhor estofo, que escreve, que anima, que orienta, que fundou essa coisa meio sociedade espírita, meio clube teosofista, mas, em todo o caso, existente, que se chama "Sociedade dos Amigos do Livro", a qual podemos lançar a doce responsabilidade de ter editado duas dezenas de obras, algumas das quais realmente dignas do nosso aprêço, firmadas por João Alphonsus, Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, o próprio Frieiro, Wellington Brandão, Mário Casassanta, Helí Menegale, Labieno (Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira) Mário Matos, Orlando M. Carvalho, e alguns outros.

Quando se der um balanço honesto à nossa produção relativa aos anos que se seguiram à fase modernista, a importancia da obra de Eduardo Frieiro avultará consideravelmente de importancia. Até que se proceda a um estudo conciencioso dessa como de outras épocas literárias, será temerário avançar afirmações em carater de coisa definitiva. Entretanto, pode-se dizer que a posição daquele escritor já está fixada e ninguem lhe conseguirá modificar o "score" no "match" literário de que participou.

Eduardo Frieiro surgiu através da letra de fôrma em 1927, isto é, há 12 anos, mas surgiu maduro, com esse admiravel "O Clube dos Grafômanos", que surpreendeu os círculos intelectuais, ainda mal refeitos, certamente, das libertinagens dos que então faziamos "modernismo". E vinha seguro de si, dominando um estílo. Foi um espanto nos arraiais da clerizia literária, de sorte que aquele livro, embora não precedido de adequada publicidade, ficou sendo dos marcos significativos da reação antimodernista. Aliás, esse romance, que tinha mais de ensáio que de romance, veio mostrar justamente que já havia, naquele periodo de indecisões, um escritor plenamente seguro de si mesmo, em Minas. A parte suas deficiencias de fabulação e de esboço das personagens, a caricatura do estranho Bento Pires foi uma excelente oportunidade para que Eduardo Frieiro discreteasse sobre princípios de arte e literatura,

evidenciando sua boa formação humanística. Mas não era ainda um romance.

No "Mameluco Boaventura", que apareceu depois, o ambiente colonial de Minas está fielmente retratado, pelo menos tanto quanto nos informam velhas crônicas e códices pouco conhecidos. O mameluco e a moça Violante ja teem alma, já falam e sentem a vida, como o velho André Baracho, homem cúpido e "passarinheiro". Entretanto, máu-grado todas as suas qualidades raras, esse não é um romance em correspondência com a intensidade de emoção e observação do seu autor.

Veio, após, o "Inquietude, Melancolia", mais denso, mais humano, mais amplo. O ambiente de Belo Horizonte, suas republicas de estudantes boêmios, seus "cabarets" ordinários, seus rapazes estroinas e sua imprensa incipiente, tudo isso vem admiravelmente descrito. Materna, a doce Materna, enche de sensibilidade e impregna de bondade as páginas finais do livro, mas, ainda assim, o Sr. Frieiro não realizará inteiramente o romance que todos dele esperavamos.

Segue-se um repertório delicioso de ensáios — "A Ilusão Literária", um dos poucos livros destinados a ficar em nossa produção dos últimos dez anos, e para o qual se pede, com urgência, uma segunda edição. Antes já nos dera um ensaio despretencioso, mas tambem notavel, que muito contribuiu para colocar Eduardo Frieiro entre os nossos bons ensaistas, e que foi publicado sob o título de "O Brasileiro não é triste".

Em 1936, com a publicação de "O Cabo das Tormentas", o Sr. Frieiro abarcou o romance com uma amplitude, uma força admiraveis, de maneira a sagrar-se um dos mais completos urdidores de ficção no Brasil. Seu estilo tornou-se mais direto, sua linguagem mais saborosa, sem perder de vista aquela sobriedade que é o segredo dos escritores realizados. Narra um caso escabroso, uma intriga de alcova que seria repugnante se não fosse bem escrita. Nota-se, porem, que na história de Sezino de Souza e Belinha há movimento, mas essas páginas de vida intensa, esse conflito, melhor, esse "andante" de amoralistas vem narrado numa linguagem cerrada, nervosa, em que se nota a febre da criação. O Sr. Frieiro penetrou fundo suas personagens, dissecou-as habilmente, e escreveu com a serenidade do expositor, sem movimentos de piedade ou conivência com o mal e o bem.

Mas, escrevendo com febre, o A. conseguiu uma limpidez, uma claridade que raros dos nossos escritores terão atingido ao tratar de um assunto que ofereça tantas oportunidades de desvio. O amor carnal e temporão de Sezino, suscitado ao primeiro encontro furtivo com Belinha, não deu ao romancista ensejo para divagações descabidas ou ociosas. Um grande romance, pois, "O Cabo das Tormentas."

Eduardo Frieiro

De 1936 até hoje, Frieiro não publicou trabalho de ficção. Está, novamente, engolfado na crítica literária, a que vem prestando, quasi sem interrupção, desde 1927, o serviço de uma pena singularmente bem dotada. Resultado de tal atuação nessa especialidade tão desprestigiada em nossos dias, é o livro "Letras Mineiras", coletânea de artigos insertos no "Minas Gerais", onde Frieiro dirigiu, até há pouco, uma secção bibliográfica.

Atualmente esse espirito raro, que é uma das maiores culturas do país, faz o rodapé dominical do suplemento literário de "Folha de Minas", em substituição a Oscar Mendes, que se fixou em "O Diário". Ás quintas-feiras, tambem na "Folha de Minas", firma o seu "Boletim Literário", que a Rádio Inconfidência transmite aos domingos.

Como veem os leitores do ANUARIO, é múltipla a atividade de Eduardo Frieiro, em quem o ofício das letras encontrou uma vocação, servida por uma prosa agil, clara, marcada de perenidade.

POETISAS DO BRASIL

Alvaro Moreyra

Remy de Gourmont achava que era mau para a civilização e contrário à estética geral da Vida, tudo o que tendesse a entravar a diferença dos sexos. Ele só admitiria o feminismo, como uma ocupação aceitavel, se fosse exercido com a frivolidade, desdenhosa e prazenteira, que torna encantadores certos jogos de salão.

Ficou aí um resto do espírito do século passado. Neste século, Remy de Gourmont escreveu lindas cartas a Sixtina e a Amazona e descobriu que os homens, quando falam mal das mulheres, estão falando mal de uma mulher...

No Brasil, o feminismo nunca teve atitudes que aborrecessem. As criaturas do outro sexo, aquí, se pensam em melhorar a vida, em pôr no mesmo plano natural e social as imagens da humanidade, sempre fazem isso com jeito amavel e voz cheia de graça.

Não há muito, a presidente da "Associação pelo Progresso Feminino", numa festa de aniversário, disse e foi muito aplaudida:

"Desenvolve-se a campanha ora risonha como os alegros de Mozart, ora revoltada até o âmago, como os andantes de Beethoven; ora é majestosa como as marchas de Handel, ora exultante em excesso como os prelúdios de Wagner; ora paira mística acima das contingências diárias, como os poemas sinfônicos de Debussy, ora se avoluma, dissonante e agitada, como os bailados de Stravinsky. Nos seus melhores momentos, é serena e sublime como as polifonias de Bach, que ultrapassam e transcendem todas as inquietudes, fraquezas e paixões do espírito humano. A opinião pública, ora assiste como espectador, cheia de emoções cambiantes; intervindo mesmo ocasionalmente, como os coros do teatro grego. Nem sempre a sua atitude é equânime. Indiferente por largos períodos, aplaude certos trechos e, de vez em quando, procura interromper a marcha com notas estridentes de protesto."

Pura poesia.

E mais digna de citação do que a poesia misturada das "Nebulosas", Narcisa Amalia, que, vinte anos antes da primeira República, cantava:

"Meu anjo inspirador não tem nas faces
"As tintas coralinas da manhã...
"Traz na cabeça estema de saudades,
"Tem no lânguido olhar a morbideza;
"Veste o clâmide heril das tempestades,
"E chama-se tristeza!..."

A tristeza deu muito nelas, tanto quanto neles. Toda a poesia romântica é dolorosa. O mundo exterior não existia. Os olhos tinham um defeito estranho. Andavam voltados para dentro. Dentro, era uma desgraça. As sensações não iam da luz para a treva: Saíam da treva para a luz. Filosofia por acaso. Gente da época em que as idéias vagavam no ar, não percebidas, mas sentidas. O mundo era a sua representação...

Se Adelina Lopes Vieira via a noite descer, era nela que a noite descia:

"Cheguei tambem da vida a essa hora triste,
"Crepúsculo em que o sol já não existe..."

Sobretudo, era o Brasil que não existia. As musas moravam no exílio, tal qual Julia Cortines:

"Tudo ao longe ficou nesse amado recanto
"Da pátria, onde, através da tristeza e do [pranto,
"Vês, tranquila, se erguer o teto do teu lar..."

Auta de Souza, que morreu moça, igual a Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casemiro de Abreu, Castro Alves, era uma doente, maguada com o mal que a embalou e a carregou, mas tão boa que se fica pensando, a ouvi-la ainda: — fosse o mundo todo de mulheres assim, não haveria pessimistas no mundo. Fazia versos como vivia. A poesia na sua vida era um estado de nascença. Poesia tato. Tinha mãos. As palavras pousam na pele de quem as lê, caminham pelo corpo, com febre, carne sumida...

Enfim, o parnasianismo veio e foi um refrigerador. No parnasianismo durou Francisca Julia. O livro dos "Mármores" segue na frente desse movimento. João Ribeiro, céptico que julgava otimamente, afirmou:

"Depois da geração que costumamos simbolizar nos nomes de Raimundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, ainda não apareceu um poeta que se avantaje ou, sequer, iguale a autora dos "Mármores."

Apareceu, depois, Rosalina Coelho Lisboa. Francisca Julia era da Grécia. Rosalina Coelho Lisboa é da Índia. A bela forma irmanará as duas na posteridade, se houver, o que talvez não seja impossivel.

Entre muitas que se seguiram, diferentes, de coração batendo, constituem uma época: Maria Eugenia Celso, Laura da Fonseca e Silva, Anna Amelia, Laura Margarida, Maria Sabina, Elza Nascimento Machado, Lola de Oliveira, Arací Gusmão, Henriqueta Lisboa, Cecilia Meireles.

Carmen Cinira foi-se embora, muito bonita, muito desgraçada.

Ao surgir, Gilka Machado parecia a verdade que subiu do poço. Escandalizou tambem. Destino velho. Confessar, por exemplo, que se entregava nua à volupia do vento, quando as praias não tinham a frequência de hoje, era uma temeridade, mas acabou sendo um cartaz apenas. A poesia de Gilka Machado, arejada, luminosa, sincera, abriu caminho. Se as poetisas novas não são discípulas dela, a ela devem esse trabalho enorme de desbastadora.

Walkiria Neves Goulart e Eneida, uma do extremo norte, outra do extremo sul, mostram mais a unidade nacional do que todas as outras esperanças. Separa-as um pouco a sensibilidade da terra. Um idêntico pensamento humano junta as duas.

Yolanda Jordão Breves, de São-Paulo, chamou de "Fuga" o seu primeiro livro. Tiro dele esta

"VERDADE"

"Escuta este segredo:
"— Pela floresta a dentro
"penetrou
"aquela que não reza,
"nem canta,
"nem blasfema,
"nem espera.
"Pela floresta a dentro
"penetrou
"aquela que o poder da glória,
"o gemido de prazer
"e a vergonha
"de ser diferente
"desconhece.
"Escuta bem este segredo:
"— Mais alto que o bem da vida,
"Mais sinuoso
"que todos os destinos
"é o seu caminho,
"que nenhum ponto de vista humano
"detem."

Adalgisa Nery não quis dar nome ao punhado de poemas com que estreou. Um dos poemas de Adalgisa Nery:

"DEUS ME PEDE EMPRESTADA

"Me envolvo em nuvens
"Subo com os ventos
"Risco o céu com a luz da minha cabeleira
"Derreto-me nos mares, chego a todas as praias
"E abraço todos os povos dia e noite.
"Estico minha perna para salvar o náufrago
"Aqueço entre os meus seios o filho abandonado
"E santifico a humilhação da prostituta.
"Acomodo o prisioneiro na culpa,
"Pela morte levo os homens à vida,
"Pelo meu sexo levo-os a Deus.

"Glorifico o crente e o ateu,
"Choro vendo o recem-nascido
"E serena me alegro com a morte do cristão.
"Subo pelos raios de sol
"Aos cumes nunca pisados
"E toco a pedra que ainda não é fonte.
"Empresto meu corpo a Deus
"Para que através dos meus olhos
"O seu olhar de doçura e amor
"Se escorra pelas nuvens,
"Pelos montes, pelos prados,
"Pelas fontes, pelos rios,
"Pelos mares e pelos homens!"

"A Menina Boba", de Oneyda Alvarenga, é uma etiqueta irônica. A não ser que, na realidade, ela ache isto bobagem:

"Vontade de me diluir, de me fluidificar,
"de entrar na essência de todas as coisas,
"de me perder aos pedaços por todos os caminhos,
"pelos caminhos que vão dar a todas as vidas.
"Loucura de viver mais, de viver tudo,
"de viver completamente.
"A minha vida só não basta para mim!
"Eu quero ser o mundo!"

Antônio Nobre tem uma filha, lá em Porto Alegre. Chama-se Lila Ripoll. Fez um livro, "De mãos postas". E contou:

"QUASI SEM MUDANÇA...

"Sozinha. Sem ninguem para querer
"ou desprezar... Sozinha pelos dias,
"pelas noites... Se o sol vai-se a morrer
"ou se a sombra estendeu melancolias...

"Sozinha. Nenhum laço a me prender.
"Nem ódio. Nem amor. As mãos vasias.
"Sem gestos para o adeus. Olhos sem ver...
"— Fantasma, a suspirar por alegrias...
"Voltar à terra quasi sem mudança. —
"Corpo velhinho, alma de criança.
"— A vida, os meus brinquedos escondeu.

"Voltar à terra como vim: sozinha.
"Os cabelos iguais aos da avózinha,
"e a alma ingênua: assim como nasceu..."

Adalgisa Nery

Poetisas do Brasil...

Lembrei-me de muitas. Esquecí-me de muitas. Quero recordar Madame Zizina. Quem sabe se, sem lira, Madame Zizina não foi a maior de todas? Dizia a sorte. Não pôde seguir o conselho das "Flores do Mal": "Sois charmante et tais-toi!" Ainda muito criança, caiu de uma escada. Cresceu com a espinha deformada, o rosto comido de lágrimas: — feia. Cresceu, é um modo de dizer. Parou no tamanho de uma menina que o tempo deitou em casa, uma pobre menina, irmã de Poil de Carotte. Buscou nos livros um pouco de esquecimento. E não quis outra vida. O Rio teve então a sua primeira pitonisa naquele corpo que parecia uma noz.

Morreu. Carregou para o silêncio a palavra do engano, única sobra de mulher que lhe tocara. E carregou a esperança.

Novas descobridoras dos destinos alheios vieram. Mãos diferentes espalham baralhos diferentes. Bocas em transe continuam falando. Não adiantam. Madame Zizina assustava muito mais...

Fontes medievais de JOSEPH DE ANCHIETA

Joaquim Ribeiro

Há quem tenha visto em Anchieta o perfil de uma figura da Renascença. Parece-me, todavia, erro de definição.

Ronald de Carvalho quando assim no pincelou na sua "Pequena história da literatura brasileira" (que melhor intitular-se-ia "História da pequena literatura") não reproduziu o colorido verdadeiro do missionário.

Na mesma trilha o padre Leonel Franca, numa admiravel apologia que fez no Instituto Histórico, procura ver em Joseph de Anchieta o desabrochar de uma flor do humanismo do século XVI e avança mesmo uma afirmativa algo contestavel quando sugere haver no *Poema da Virgem,* do humilde apóstolo, reminiscências de Vergilio, Horácio, Tibulo, etc.

Ambos escritores, a meu ver, deformaram o perfil de Anchieta nos riscos essenciais.

Anchieta, na verdade, foi um espírito medieval.

A sua atitude psicológica nada demonstra que se possa aproximar dos tipos característicos da Renascença.

O que ele procura imitar é a tradição pura dos monges e ascetas do Medievo.

Ele, nesse pônto, reflete apenas a finalidade da Companhia de Jesús, que procurava restaurar a religião católica, retemperando-a nas fontes cristãs dos primeiros séculos medievais.

Tudo nele vem dessa tradição longínqua e esquecida na Renascença.

Não é tão somente a sua atitude mística de religioso.

A sua estética tambem vem de lá.

Anchieta trouxe para as plagas brasileiras a sua Idade-Média. Toda a sua inspiração revela esses liames, que o renascimento da antiguidade pagã tendia extirpar em vão.

O principal refúgio da Idade-Média foi, sem dúvida, a Companhia de Jesús. E é bem evidente que, fugindo ao atrito das cidades européias, a Idade-Média transmigrasse para as "províncias", afastadas, quasi esquecidas, das terras ultramarinas.

Cada caravela, que vinha pelo oceano afora, trazia no bojo mais tradições medievais do que cargas e bugigangas da Europa renascente.

O Brasil antes de receber o bafejo da Renascença, recebeu a luz crepuscular de um mundo em extinção...

E' sob esse influxo, que Anchieta vive, trabalha e sofre abnegadamente. E é ainda aí que ele aprimora o seu gênio artístico.

O poeta, que ele foi, não poderia fugir às reminescências medievais.

A sua poesia, cujo estudo crítico ainda não se fez, resuscita o lirismo sacro da poesia mística de antanho e há nela muitos vestígios do *simbolismo* dos poetas latinos da Idade-Média.

Imagens e metáforas vulgares na Idade-Média encontram-se iguais ou levemente modificadas nas poesias de Anchieta.

O poema latino dedicado à Virgem está cheio dessas aproximações e vestígios.

E argúmento a minha asserção com algumas comparações comprobatórias.

Leamos, por exemplo, a seguinte passagem de *De partu Virgines Mariae,* do mencionado poema:

"Nascitur humano vestitum corpore Verbum
Et tua virginitas intemerat manet
Ut viridis profert nitidum virguncula florem
Nec trusufloris loeditur ipsa fuit.

Ora, esses dois últimos versos nada mais são do que um reflexo dos célebres *Hortulus,* poemas sobre o ventre da Virgem Santíssima, que foram muito vulgares na Idade-Média.

Conrad de Haimbourg, morto em 1360, assim, por exemplo, poeta no seu *Hortulus*:

"Ave, virgo, cujus hortum
Dum descendens Dominus
Per se visitavit...
Inde tollens quam plasmavi
Vestem carnes fragilem
Clausum dereliquit."
....
....

Logo adiante no mesmo poema da Virgem, de Joseph de Anchieta vem esta comparação:

"Ut sol subtili penetrans specularia luce
Illoeso radians itque redique vitro"

Ora, essa imagem nada mais é do que uma velhíssima comparação que está em Pedro Lombardo (século XII) em prosa:

"Sol penetrat vitrum, no frangitur aut
violatur sic Virgo peperit nec maculata fuit."

Tão popular foi essa comparação medieval que ficou até petrificada no *folclore* de diversos paises, de tradição romântica, inclusive Portugal e Brasil. Eis uma das versões:

No ventre da Virgem Pura
Encarnou divina graça,
Entrou e saíu por ela
Como o sol pela vidraça...

Ainda no poema da Virgem entôa Anchieta louvores à Mãe de Jesús, seguindo a ordem alfabética e justamente o primeiro símbolo, que ele busca para louvar a Virgem é a *árvore,* chamando-a "árvore da vida eterna."

Ora, essa comparação já se encontra nas sequências *De Santa Maria,* da autoria de Santa Hildegarda, que morreu em 1179. Lá está:

O virga... quae es in clausura tua sicut lorica
Tu frondens floruisti in alta vicissitudine
quam Adam omne genus humanum produceret.

Como se vê todas essas passagens do poema da Virgem, de Anchieta, em vez de reminiscências da antiguidade clássica, são reminiscências medievais, nitidamente medievais.

Mas não é somente no poema latino que se encontram vestígios tais. Ninguem ignora as estrofes, que Anchieta escreveu dedicadas ao Santíssimo Sacramento.

Quem, por ventura, não se lembra desses versos:

Oh que pão, oh que comida
Oh que divino manjar
Se nos dá no santo altar
cada dia!

A meu ver o inspirador dessa poesia foi o grande Santo Tomaz de Aquino, que tambem foi poeta sacro, e poeta de bom quilate. Para mim Anchieta se abeberou no *Panis angelicum* do admiravel Doutor, quando escreveu o seu poema ao Santíssimo Sacramento. Eis uma passagem do poeta-filósofo:

Ecce panis angelorum
Factus cibus viatorum
Vere panis filiorum
Non mittendus canibus
....
....
....

O salutaris hostia
Quoe coeli sandis ostium
Bella premunt hostilia
Da robur, fer auxilium
....

E' essa a verdadeira fonte anchietana, buscada lá no velhíssimo poema de Santo Tomaz de Aquino.

Tudo isso demonstra apenas que Anchieta preferia os textos medievais aos tesouros literários do Renascimento greco-romano.

Ele foi, tanto na atitude mística como na atitude literária, uma singela cópia da Idade-Média.

MENDES DE OLIVEIRA

Eduardo Frieiro

Mendes de Oliveira

Na manhã do dia 29 de outubro de 1918, Belo Horizonte perdia sùbitamente o seu poeta mais festejado e o seu jornalista mais querido. Mas só no dia seguinte, pela leitura dos jornais, era conhecida na cidade a morte de Mendes de Oliveira.

Em outra ocasião, o acontecimento teria causado geral estupefacção. Naquele dia, há vinte anos, no auge mortífero da medonha "gripe espanhola", já se achava quasi esgotada, na população belorizontina, toda capacidade de espanto ou assombro. O obituário dos jornais ocupava trinta vezes mais espaço que nas épocas normais. A pandemia transformara a cidade num imenso hospital. A única preocupação e a principal ocupação de sãos e semi-sãos era tratar dos doentes e enterrar os mortos. Naqueles dias, todos poderiam repetir, sem escárneo, o verso do poeta blasfemo: "Un cadáver a más que importa al mundo!"

Um cadáver a mais não importava, ou importava pouco. A morte era então encarada como o acidente provavelmente certo, como o acontecimento terrível, mas quasi inelutável.

A notícia da morte súbita de Mendes de Oliveira, entretanto, viera aumentar o terror pânico que acometera os espíritos e agravara em quantos o conheciam o derrotismo diante da doença e da morte.

Tombara o jequitibá. De um dia para o outro a "gripe espanhola" abatera o atlético Mendes de Oliveira, belo homem, rosado, saudavel, pletórico de vigor físico e intelectual. Abatera-o num golpe único, fulminante. Não lhe dera tempo de acamar, de lutar, de reagir contra os golpes da moléstia, porque do contrário teria sido ele, com toda a probabilidade, o vencedor.

Tinha trinta e seis anos. Estava na força da inteligência e na força do homem. Dois livros de versos — "Jogos florais" e "Prélios pagãos" — classificavam-no como um dos mais perfeitos cultores da poesia parnasiana no Brasil. Seus poemas, e notadamente os sonetos que compunha com aprimorado lavor de expressão, eram lidos e recitados com um fervor e uma admiração que os poetas do dia não conhecem. Deixou inédita em volume, mas esparsa largamente em publicações periódicas, uma esplêndida coleção de alexandrinos: a série de "Parasitas".

Pelo seu físico varonil, presença agradavel, dicção irrepreensível e voz calorosa e persuasiva, era um orador nato e um conferencista cintilante, se bem que frequentasse pouco a tribuna.

Como a tantos outros escritores no Brasil, o jornalismo arrancou-o da atividade literária desinteressada. O jornal tornou-se a sua principal preocupação. Muito moço ainda, dirigiu em Belo Horizonte "O Verbo", "A Gazeta", "Vida Mineira" e "Diário Mineiro". O "Diário de Minas", que dirigiu na segunda fase, firmou-lhe os créditos de jornalista, dos mais completos de sua terra. Acabado homem de imprensa, escrevia com destreza o artigo político, o editorial, a nota do dia, o "suelto" vivo, o comentário humoristico, a alegre "bala-de-estalo" em verso.

Figurava na ala boêmia e folgazã dos letricolas da cidade. Amava a "noce", a pilhéria e o "calembour". Mas, entenda-se bem, era um boêmio elegante e bem apessoado, o bigode farto e sedoso, o topete alto e cheio rematando a cabeleira castanha, sempre aprumado no seu fraque de bom corte, grande

flor à lapela e um havano na boca, invariávelmente. Jovial nos bons momentos, era conhecido pelas risadas estentóricas. Depois, frequentemente, tornava-se soturno, mergulhava no abatimento e no "spleen".

Na tarde de 28 de outubro de 1918, traçava, na redação do "Diário de Minas", o artigo principal para a edição do dia seguinte. O assunto do momento era a terrível pandemia de "gripe espanhola". Comentando na sua coluna um artigo do doutor Plácido Barbosa sobre essa peste que assolava o mundo, Mendes de Oliveira terminava com estas palavras: "Veremos amanhã o final do artigo do doutor Plácido Barbosa, a quem enviamos parabens pelo seu trabalho."

Escrito o artigo, deixou o "Diário", na rua da Baía, e, sentindo-se um tanto abatido, entrou no antigo Café Estrêla, quasi em frente, onde bebeu uma cerveja gelada. Recolheu-se a casa, já bem mal, e no dia seguinte, à tarde, estava morto.

Cinco pessoas, entre parentes e amigos, acompanhavam na manhã do dia seguinte o féretro do poeta e jornalista.

*
* *

Mendes de Oliveira era ouvido quasi como um jovem mestre no grupo literário a que pertenciam Noraldino Lima, Da Costa e Silva, João Lúcio, José Osvaldo de Araujo, Franklin Magalhães, Silva Guimarães, Bernardo Giumarães Filho e Horácio Guimarães.

O Mendes das tertúlias boêmias, em que se dissipava o espirito, era um "dandy" aristocrático à maneira de Bernardino Lopes e outros da mesma geração apaixonada de neopaganismo, medievalismo e refinadas sensualidades cerebrais. Chamava-se a si próprio Duque d'Excelência e Cavaleiro do Luar. Isto era há trinta anos quando os moços intelectuais de Belo Horizonte se enfeitavam de títulos de fantasia, igualmente medievalescos. Um chamava-se o Cavaleiro da Rosa-Cruz, outro o de Bacelar, outros, ainda, se intitulavam Barões de Altair, de Setestrêlo e do Santo Lenho. Para eles, era como se usassem chapéus de plumas, gibões de seda, punhos de renda, espadins ao lado, e andassem fazendo curvaturas respeitosas diante de formosas damas empoadas, brancas como lírios, olhos violáceos, longas mãos diáfanas, criaturas imateriais como as virgens pre-rafaelitas de Burne Jones e Dante-Gabriel Rossetti.

Desafiando o rival que lhe arrebatara a nobre dama, de alta raça, o cavaleiro do Luar ameaçava:

"Põe-te em guarda mancebo! A minha espada
Visa sòmente o coração... Sentido!
Tu és um vil e traidor bandido
Que à minha frente atravessou na estrada.

Amas uma mulher, que é minha amada,
Ou te finges cativo de Cupido:
Mas não consinto neste amor fingido,
Que trago na alma uma paixão sagrada.

E' um duelo fatal, pois que é de morte.
Se morrer eu, abençoarás a sorte.
Se tu morreres, bendirei o fado;

Não temo: estou sereno e sossegado,
Porque não teme de uma espada o corte
Quem traz no peito o coração cortado...

Não há motivo para rir. E' isto, afinal, a literatura, a poesia: a deformação azul, ou cinzenta, ou rubra, ou negra, da realidade. O "dandysmo" cavaleiresco de Mendes de Oliveira era uma das modas literárias da época. E a história das modas literárias é a própria história dos "dandysmos". Ernesto Dimnet refere-se a uma espiritual Judia parisiense que confessava muito a sério: "Eu não seria natural se não fôsse afetada". Porque nada há mais natural, nos artistas dos últimos anos, do que o "dandysmo", a obsessão do original e diferente, a propensão ao surpreendente e ao "bluff", enfim a afetação e o esnobismo sob múltiplas formas.

*
* *

A geração literária que veio depois da de Mendes de Oliveira não o conhece. Explica-se. Cada geração nova que surge com a ambição de conquistar uma posição própria, original e diferente, volta-se contra a que lhe está mais próxima, aquela a que é preciso desalojar das posições eminentes. O velho contra o qual se revoltam, em nome do espírito de renovação, é o velho de ontem, que lhes parece mais destestavel que o de anteontem.

Ora, Mendes de Oliveira pertencia à úl-

(Continúa no fim do ANUARIO)

Romântismo e Modernismo

Wilson de A. Lousada

O estudo comparativo de duas épocas literárias que se afastam no tempo, mesmo quando não apresenta um carater de precisão e constância nas suas linhas espirituais, tende sempre a estabelecer algum equilíbrio ou desvendar conclusões originalmente curiosas. Na história literária do Brasil, onde os movimentos de rebeldia subjetiva sempre apresentaram um carater de transposição e adaptação, o romântismo, e o modernismo firmaram duas correntes que merecem um interesse mais atento e preciso.

Na evolução do nosso romântismo, ou antes, na fase pré-romântica, quando os últimos arcades rolavam pelos ásperos caminhos da decadência, a poesia de um Maciel Monteiro, por exemplo, poesia indecisa porquanto transitória entre um período que terminava e outro que ainda se ocultava no tempo, nenhum significado trazia na sua essência, e nenhuma visão profética denunciava a revolta do nacionalismo obscuro e latente. Toda ela se revelou um jogo pueril e elegante de palavras enfastiadas e sonoras; um rimário de sonetos galantes onde as sombras femininas perpassavam leves e sensuais, e um jogo delicioso de ironias aos costumes de uma sociedade fútil e sem atitudes definidas no fastio da vida. Entretanto, mesmo que a época não tivesse este carater de absoluto enfado, o poeta bocejava cheio de pessimismo e sorrisos graciosos às damas gentís e alcoviteiras. Alem disso, não era apenas a nossa pobre e inexistente sociedade colonial que vivia nas rimas cansadas do poeta-diplomata. Tambem a gente de Lisboa, a gente daquela côrte inútil e vasia de cortezãos e ministros dava o seu tom principal numa época em que tudo parecia morto e sem ânimo. Todas as vozes da escola mineira se tinham calado. Todo o sereno equilíbrio dos líricos da montanha, se fôra na poesia pedante e estranha dos que ainda teimavam em situar o mundo do paganismo grego e latino, na agitação tropical da terra americana. A lira de Gonzaga, a clássica suavidade de Claudio Manoel da Costa, a ternura ingênua e profunda de Alvarenga Peixoto, tudo desaparecera numa trágica renuncia de cinzas e heroismos, de covardia sentimental e arrebatamentos humanamente grosseiros. E foi tambem essa marca dolorosa de tragedia, de idealismo incendiário, de sentimentalidade amorosa e política transfigurada na inconfidência, na misteriosa e ingênua conspiração que se urdia no silêncio das noites e das ruas de Vila-Rica (Ouro Preto), que afogou o último suspiro dos clássicos que escreviam:

"Amada filha, é já chegado o [dia,
Em que a luz da razão, qual to-[cha acesa,
Vem conduzir a simples natu-[reza:
E' hoje que o teu mundo prin-[cipia."

ou sonetos deliciosos que um Camilo Castelo Branco exaltava com admiração.

"Estes os olhos são da minha [amada,
Que belos, que gentís e que for-[mosos;
Não são para os mortais tão [preciosos
Os doces frutos da estação dou-[rada."

Porem, ao lado dessa quietude bucólica sob o céu transparente das montanhas, surgiu o documento brutal e irremediável que destruia um grande sonho e uma grande aventura, aos dezoito dias do mês de abril de 1792. "Portanto condenam o réo Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da fôrca e n'ela morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada à Vila-Rica, aonde em o lugar mais público dela será pregada em um poste alto até que o tempo consuma..."

A tristeza soturna que acompanha estas linhas, e a corda esticada no alto da fôrca, parece que tambem cortaram o derradeiro canto dos últimos clássicos mineiros, e a mistica revoada dos campanários inspiradores que ouvia Marilia nas tardes calmas e lindas. O lado político da inconfidência mineira, movimento de apagada repercussão no grande corpo colonial do Brasil da época, si de algum modo encerrou o caminho dos nossos arcades, tambem foi o primeiro germe latente que atravessaria toda uma fase de decadência poética para se ir fundir nas primeiras ten-

tativas românticas da nova escola, e definir melhor a independência do povo de 1822 governado pelas mãos de um velho arcade medíocre e sem brilho — José Bonifacio. Todo esse período foi um instante de transição, de buscas sem fim no grande corpo abatido da poetica nacional. Os rumos eram duvidosos. O momento era de indecisão. Entretanto, quando a causa próxima se uniu ás causas remotas, quando a independência sentiu enfim as vozes longinquas que vinham do passado, a indecisão se resolveu nas primeiras tentativas concientes de uma nova poesia. Essa poesia, é verdade, talvez por ser procurada, concientemente desejada, não teve o brilho que era de se esperar. Os *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, escritos sob a influência direta do romântismo frances, nunca penetraram a conciência popular da nossa gente, e nem mesmo refletiram a memória de uma raça ou os seus estados psicológicos do passado. Até hoje, na história literária brasileira, a poesia do visconde de Araguaia tem servido, apenas, como um sinal precursor dos tempos românticos. Em 1848, quando Gonçalves Dias publicou os seus *Primeiros Cantos*, a poesia romântica teve então o seu grande, o seu mais legítimo cantor. Não vinha ela, como a do poeta dos *Suspiros e Saudades*, de uma fonte simplesmente imitativa e sem raízes no espirito da nossa gente e da nossa terra, assim como tambem não veio, mais tarde, a de Casimiro de Abreu, nos *Cantos do Exilio*, em 1854. Fundia-se no espirito da terra, na melancolia que Ronald de Carvalho afirmou ser produto de três melancolias diferentes. "A alma brasileira nasceu de três grandes melancolias. Deu-lhe a saudade portuguesa a doçura da sensibilidade ibérica e o fatalismo volutuoso da imaginação oriental; acrescentou-lhe o indio a inquietação do terror cósmico; ajuntou-lhe o africano a queixa imensa da sua humilhação, o travo do seu sofrimento resignado."

Esses estados diferentes de três raças distintas, definidos então com a independência política da terra, firmaram de uma vez o romântismo brasileiro nas suas linhas essenciais, quer na poesia da primeira geração, quer no romance de José de Alencar, Bernardo Guimarães e Joaquim Manoel de Macedo. Na definição de Victor Hugo, definição encontrada no prólogo de *Hernani*, romântismo seria o domínio do liberalismo na arte, o que, de certo modo, cabia muito bem nas idéias nacionalistas de José de Alencar sobre romance e poesia. Liberalismo implicava uma completa libertação de todos os canones do classicísmo, de todas as regras impostas pela sintaxe lusitana de um Camões ou de um Antônio Vieira. Na sua tentativa magnifica de criar um novo espirito e uma nova forma de línguagem, José de Alencar aprofundou raízes no tempo e no espaço. Seus romances essenciais, o *Guarani* e *Iracema*, ainda que trazendo a marca excessiva da paísagem natural, na expressão de Olivio Montenegro, ("em todo o caso é ao contacto da paísagem que o nosso romântismo se eleva às suas melhores expressões de lirismo, principalmente com José de Alencar"), (O Romance Brasileiro — Pag. 31), representam uma pesquisa profunda, uma volta desejada às fontes da alma popular. É verdade, porem, que essa tentativa lírica e nacionalista teve um carater preciso de unilateralidade, isto é, Alencar define-se como indianista. Veria ele no indio brasileiro, algo divorciado da estrutura americana, a noção perfeita de um símbolo criador para a nova escola? Não sabemos, mas, seja como fôr, os romances de Bernardo Guimarães, alguns de uma fantasia delirante, não abusaram desse tema centralizado e propício aos dois maiores românticos do norte — Gonçalves Dias e Alencar, para se situarem no íntimo da escola e da emoção popular. Suas paisagens e suas figuras, recortadas na serenidade azul do planalto onde tinham adormecido as Glauras e Marilias, nem por isso se afastavam daquele ambiente familiar e patriarcal que a terra de Minas ainda conserva até hoje. O retrato era fiel e nele a nossa sensibilidade mergulhava o coração alvoroçado e sentimental. E esse, a-pesar da luta magnífica de José de Alencar, parece ter sido o carater mais nítido do nosso romântismo, mesmo sabendo-se que a influência francesa foi grande e variada. Os românticos de ambas as gerações, sempre tiveram maior receptividade na alma de nossa gente, e sempre viveram mais próximos do coração que da inteligência brasileira. O reflexo nacionalista da obra de um Alencar, Gonçalves Dias, ou Bernardo Guimarães, obedecendo aos fatores próximos da independência política do Brasil, e aos fatores remotos e inconcientes da rebeldia mineira e seus poetas, cederam portanto a um determinismo moral pela realidade da terra, e a um mimetismo literário pela influência diluída de um Rousseau e, mais tarde, de um Chateaubriand, Victor Hugo, Musset ou Byron. As causas, portanto, foram de ordem moral, organica e inconciente, e de ordem estética e intelectualista, como seria de

esperar num povo ainda semi-colonial e sem grandes símbolos históricos no espirito da nacionalidade. Entretanto, si na poesia de Casimiro de Abreu, de Castro Alves, de Alvares de Azevedo e outros, a ousadia sintática da língua atingiu um grau transparente de revolta ao lusitanismo, o fato seria menos conciente e desejado que na obra de José de Alencar. Este, como afirmou Tristão de Ataide nos seus *Estudos*, (2.ª Série), legou ao movimento moderno uma tentativa inacabada e que foi o grande sonho de sua vida. Americanizando a linguagem portuguesa, regionalizando a estrutura da frase clássica, Alencar não teve, porem, o espírito de síntese. Suas audacias filológicas, seu tropicalismo verbal e paisagístico, longe de apresentarem uma tendência para coordenar a linguagem esparsa dos nossos modismos, das variantes terminológicas de influências várias que sofremos, tiveram apenas o merito de definir o impulso e a vontade dessa luta obscura que se travava na sombra. A segunda tentativa romântica de transformação que procuramos realizar, habilmente mascarada sob doutrinas exóticas e confusas, iniciou-se, talvez, por um desejo de retormar esse legado antigo e sepulto nas cintilações do parnasianismo. A geração de 1922, geração que sofrera tambem um deslocamento moral reflexo, produto imediato da revolução de todos os caractéres humanos na luta de 1914, vinha talvez de atravessar outras fases remotas de abalos espirituais. A república, na absorção sistemática dos valores positivistas de Comte, na sua deshumanização, no seu afastamento do espiritual, tanto quanto a escola de Recife concorrera para o afastamento do homem da noção divina. Esta noção divina, aqui, não significa em absoluto um carater de sectarismo religioso ou de transfusão do corpo moral da Igreja no corpo objetivo do Estado. Tambem não importa num agnosticismo grosseiro e meramente intelectualista, sem a maravilhosa sombra de um ideal de serenidade e grandeza. Todavia, nesses caminhos obscuros da nossa trajetória íntima por uma realidade triste e vasia, o modernismo veio como uma necessidade e, talvez, como uma volta inconciente ao fundo romântico da nossa índole. Sem pretendermos erguer uma tése nova, ou mesmo uma hipótese cheia de audacia, podemos situar o modernismo no plano das revoltas amargas e desesperadas que, supondo-se inúteis contra a realidade fria dos fatos consumados, começou traindo-se a si própria. Sendo uma procura nacionalista, uma pesquisa do homem americano-brasileiro, o movimento moderno tentou, em princípio, firmar uma nova mentalidade. Na tentativa de Graça Aranha, que Tristão de Ataíde batizou solenemente de *dinamismo*, começavamos por uma fuga do que era essencial numa estética nacionalista. Sendo uma reminiscencia das idéias de Tobias Barreto e Sílvio Romero, ambos naturalistas em excesso, a tentativa do criador de *Canaan* era tambem uma *adaptação brasileira* do futurismo de Marinetti e um vago reflexo da decomposição moral dos surrealistas ou dadaístas. Adaptando, Graça Aranha esboçava suas idéias na *Estética da Vida* ou na *Viagem Maravilhosa*, talvez com a apaixonada inconciência de um romântico desiludido e traido nos seus ideais. E foi esta a tendência, igualmente fracassada, dos primitivos, dos que procuravam voltar ao ponto de partida, dos que desejavam construir de novo. Entretanto, no fundo de ambas as correntes, o espetáculo do mundo sem uma lampada moral, sem um caminho para o espirito e atolado no materialismo dissolvente da guerra, fazia nascer o secreto desejo de uma outra tentativa brasiléira de romântismo *na época e da época*. Nessa procura torturada de exprimir um sentimento velho sob novas formas, de continuar o trabalho lento de cristalização da língua, o modernismo perdeu o senso das medidas e, num esbôço de sátira ou caricatura, no grupo dos primitivos, deformou o ideal de sensibilidade brasileira pelo próprio excesso da caricatura. No fundo, acreditamos que houve tambem um pessimismo dissolvente que se traduz, às vezes, no riso cínico de que não espera nem um milagre...

Seria esta, assim, a atitude paradoxal dos modernistas de 22: desejando uma renovação integral, e não acreditando na sua realidade ativa, no seu valor dentro do nosso ambiente carregado de principios e influências que destruiam a esperança.

EÇA DE QUEIROZ E O SÉCULO XIX

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UM LIVRO DE SUCESSO

Clovis Ramalhete

Eça de Queiroz

O título do último livro do Sr. Vianna Moog prometia o ensaio, o ensaio composto com aquelas exigências de finura, análise e beleza serena, que o tornam o gênero literário das elites. Depois, o livro devia ser bom — porque havia o próprio Sr. Vianna Moog na promessa, o que a fazia mais grata. Ele é agil e elegante, tem a vocação ligeira da síntese e da conclusão extraidas de fatos onde os nossos olhos vulgares apenas enxergam dispersão e caos.

Sua pena saberia por certo acomodar o irônico e amado Eça na moldura do seu grande século. Iria ajustá-lo na parte precisa que o gerou — porque o título do livro não é fiel. Eça de Queiroz apenas tem com o fim do século. O princípio é napoleônico — anárquico e subversivo. Eça nada tem a ver com essa fase; nem com a seguinte, já sem grandiosidade hugoana, antes melancólica e pálida, com Lamartine suspirando Elvira. Daí para diante, sim: seu espírito nervoso, satânico, sensível — reagiria a tudo, e deixaria, pelo tempo adiante, numa obra fulgurante de clareza e graça de estilo, de vida e rumor duma sociedade surpreendida, a trajetória do grande século, registrada como no gráfico de aparelho sensível.

O ensaio do Sr. Vianna Moog era de prever que dissecasse o que baixara da atmosfera social do século, sobre o escritor: objetivismo, universalismo, socialismo, cepticismo, análise... que sei eu? Só sei é que esperava o livro com o antegozo de quem já lera o Moog dos *"Heróis da Decadência"* e das *"Novas cartas persas"*, e com a prévia gratidão de quem ama o Eça e apenas o tem visto muito lido e muito biografado, mas virgem ainda de quanto estudo sério sugira a sua obra. Com o volume, a final, vi que o Sr. Moog não conseguiu o ensaio. Preferiu contar aquela pobre vida, desprezando inteiramente a análise que prometia no livro e na propaganda.

Como biografia, o livro é agil, jornalístico, moderno, feito com a segurança de quem já encontrou o caminho preparado por outros, que trabalharam arduamente, em Portugal, sobre fontes. Como ensaio em cujo gênero não se precisou bem — é tímido, pedindo desculpas.

O único capítulo inteiramente de ensaio

que encontrei foi o primeiro — e errado pela base, parece-me.

O Sr. Moog pretende explicar como recalques de filho natural, os traços mais típicos do Eça: o cinismo, a demolição, a irreverência, o desprezo à Pátria. Atribue tudo isso a complexos. Sob o título de *O Bastardo,* lança no capítulo a explicação de um seu suposto ódio inconciente (representado na Pátria) e seu desprezo à mãe, derivado para o acanalhamento de que acusaria a sociedade, que ele pintou como dissoluta.

O autor perdeu aí a matéria central de enriquecer o seu livro guardando coerência com o título. Em troco, aplicou a ciência da moda, erradamente, a um autor que ia ainda impunemente atravessando os nosso dias sem lhe servir de tema.

Aqueles traços tão próprios do Eça — o achincalhe a Portugal, o cepticismo, o cinismo — são marcas do tempo, são vínculos que o prendem ao seu século. Não quero eu escrever o ensaio que o Sr. Moog silenciou, mas é preciso defendê-lo de um Freud capenga. — Hoje há delírio nacionalista, nesse planeta vário e inconsequente. Mas ainda há pouco, antes da guerra, quando se era farto, quando o pensamento científico estava em plena elaboração — as mentalidades se formavam na ocupação de idéias universais, procuravam-se as leis gerais da evolução das sociedades, das raças e das espécies, proclamavam-se a estabilidade e a verdade de princípios sem fronteiras — a liberdade, a justiça social. E até mesmo nesse momento que aparecem mais dois elementos objetivos de universalismo: o imperialismo com a Inglaterra e a organização internacional dos operários.

Hoje nos arrepiamos quando nosso cérebro nacionalista recebe certos trechos de achincalhe e desprezo, de Eça, sobre sua própria Pátria. ("Sentí um ódio atroz por esta chata e vil porção de terra que um equívoco da civilização faz com que seja um país em lugar de ser uma pastagem". — Carta a Ramalho, "Correspondência"). Bastam a nossa emoção e o cinismo dele para sublinhar a diferença das duas épocas... — Todos tiveram formação universalista no tempo de Eça. Ninguem recebera a idealização de Pátria, como idéia sagrada. Era intelectual ser livre das instituições, assistí-las com frieza, dissecá-las com método científico. E as acusações a Portugal foram características dessa geração, a primeira educada sob esta atmosfera mental do fim do século. Desde Coimbra, com Antero de Quental à frente, Eça não ficou sozinho; até chegou tarde, começou em Lisboa, já doutor... Ramalho não poupou seu país, suas mulheres, seus políticos, seus hábitos, sua ignorância. Fialho d'Almeida foi um sovador incansavel. Si Eça falava da "piolheira", Quental falava do "portugalório". — Onde os complexos? Portugal da época não me parece uma confederação de filhos naturais, azedos de recalques e babujando despeito de renegados.

Naturalmente que cada um tem seu método próprio de trabalhar, faz seus livros como quer e depois os batiza à sua vontade. Mas há na obra de Eça pontos fatais de encontro de todos aqueles que pretendam escrever o ensaio *Eça de Queiroz e o Século XIX.* São indispensaveis e qualquer comentador de Eça logo os indicaria. Pondo-os em ordem: 1.° — o clima intelectual e social do fim do século XIX condicionando a conduta de uma geração portuguesa, Eça de Queiroz como seu membro; 2.° — a obra do romancista e do cronista como reflexo do fim do século XIX; 3.° — Eça de Queiroz no fim da vida, fechado sobre suas memórias, seus sentimentos pessoais e alheio às manifestações da vida ativa da sociedade portuguesa, que nos últimos momentos do século sentia os efeitos da propaganda das "idéias novas" que sua própria geração fizera.

Estes itens me parecem indispensaveis. E' possivel que eu esteja errado, é até provavel. Mas o declínio do grande século, sobrepondo-se à biografia intelectual de Eça, me sugere isso. A princípio ele foi um submetido às suas teorias, afinou com o século — e criticou Portugal. Depois, com o tempo, foi se conciliando, tornando-se indulgente, preocupando-se com fenômenos universais e com os aspectos que já lhe pareciam queridos de Portugal. Contudo em seu país a elite prosseguia, a mocidade insistia em intervir, a idéia da República penetrava os novos e se organizava — e quando por ocasião do ultimatum inglês, Eça ainda apelava para um dos monarquistas de sua geração, amparado por alguma espada prestigiada na tropa, a fim

de salvar o país, o pensamento novo de Portugal, que então ocupava o antigo lugar dos esgrimistas das *Farpas*, aproveitava a confusão para a primeira tentativa de derrubar o trono — com espanto do ironista d'*Os Maias*, fundador deste mesmo movimento que culminaria na revolução republicana.

A primeira fase é explicada pelo Sr. Vianna Moog: mas como biografia, não como análise. Tudo fica para o leitor compreender, depois da leitura da vida em Coimbra, do Cenáculo e do período das *Farpas*. Não tem a intenção do ensaio, em primeiro plano. Ocupando-se com a última fase tambem deixou-o nas entrelinhas. Mas nem como ensaista do subentendido o Sr. Moog explicou o século XIX na obra de romancista e de cronista de Eça de Queiroz.

Principalmente as crônicas, material riquíssimo para tal ensaio. Eça acompanhou a elaboração política do século XIX, o fastígio e o declínio da experiência individualista, os primeiros sinais de coletivismo e nacionalismo nascendo, o imperialismo inglês organizando-se, e a formação dos grandes e ameaçadores problemas que o século XX iria herdar. As *Cartas de Inglaterra*, os *Ecos de Paris*, as *Cartas Familiares*, os *Bilhetes de París*, as *Notas Contemporâneas*, alem das *Farpas*, bastam para um ensaio desta natureza. A invasão do Afaganistão, a ocupação do Egito, Disraeli biografado e comentado, a comuna de París e até a doutrina de Monroe, restrição ao universalismo, estudada por este legítimo filho do século XIX, lá estão contadas e interpretadas. Mas ao Eça de Queiroz cronista o Sr. Moog reserva apenas um pé de página... Interessava-se mais pela biografia.

Uma pena que a análise seja feita pelo leitor. O Sr. Moog não botou suas idéias nem nas reticências; preferiu mesmo as entrelinhas. Contudo, é um pensador fascinante e sabe nos devolver as leituras de Spengler sob a forma de brilhantes aplicações sobre a história literária. De quando em quando a preocupação dos ciclos históricos reponta ainda, e faz lembrar as páginas de *Heróis da Decadência*. Mas logo ele retoma a biografia e lá vai, caminhando sobre os que antes, em livros ainda incertos de construção, prepararam material fidedigno para um romance biografado, à maneira de Maurois e Zweig, como esse que ele nos deu.

O ESPÍRITO E O MUNDO

Bezerra de Freitas

Entre as idéias mais singulares do nosso tempo, merece comentário e exame a que se refere ao esforço comum para a formação da unidade espiritual do mundo. A humanidade se encontra sob perigos de toda ordem. Quando não ameaçassem a familia e a sociedade as forças dissolventes do pessimismo, o espectro da guerra, a angústia econômica, a insolência das paixões, bastaria assinalar a metamorfose que a técnica está destinada a operar na vida individual e coletiva.

Para explicar as razões da desordem telúrica, para definir as causas determinantes desse estado de semi-barbaria, Stefan Zweig se serviu de algumas imagens, que nos colocam em situação de poder apreciar com maior liberdade e intensidade os fenômenos sociais do momento.

Assim, entre as forças que conduzem o homem moderno à glória ou à humilhação, ao domínio ou ao sofrimento, Zweig indica a incompreensão, a vontade de dominar, o nacionalismo, a técnica exterior e o interesse excessivo pela força física. O biógrafo de Dostoiewski justifica a sua tese, elucida as suas idéias: para evitar querelas, é necessario compreender o mais possivel, e, por efeito dessa compreensão, sermos justos no mais alto grau e na mais larga medida para com todos os homens e povos; quasi toda a nova geração procura, em caminho novo, a realização do mesmo ideal e cada um sonha e espera a seu modo; tinhamos o direito de acreditar que as misérias das massas, as condições de existência das classes populares se atenuariam pouco a pouco e surgiria uma nova humanidade, mais pacifica e mais ditosa; devemos ensinar a juventude a expulsar o ódio, porque o ódio é esteril e destrói a alegria da existência, o sentido da vida; não devemos esperar da técnica uma contribuição valiosa para o progresso moral da humanidade.

Zweig é um escritor de espírito clássico. As raizes sempre tão poderosas da sua cultura proveem de um passado romântico, cheio de idealismos inuteis e entusiasmos pacifistas, de renúncias materiais e pensamentos puros, e daí a sua esperança do advento de um mundo sobre novas bases, sem arrogancias nem orgulhos doentios. Precisamos de muita paciência, acrescentou, uma vigilância não ostentosa mas constante, uma veemente, apaixonada vontade de compreender, e uma clara razão.

Generosos conceitos, sem dúvida, dignos do pórtico de uma academia, mas incompativeis com os tempos aflitivos que atravessamos. Colocando-se acima da diversidade das linguas, dos credos e das filosofias; defendendo a idéia da colaboração espiritual e da concórdia das classes úteis, os humanistas celebrados por Stefan Zweig se constituiram, em verdade, os fatores essenciais de uma socie-

dade cosmopolita, de uma sociedade onde predominavam os mais harmoniosos raciocinios e as mais nobres concepções artisticas e literárias.

Que motivos poderosos arrastariam um homem de gênio, como o autor da "Confusão dos sentimentos", a admitir, em nossos ásperos dias, a possibilidade de um renascimento social, fortalecido pela "religião do acordo mutuo"?

Os fatos que o permitiram extrair algumas conclusões ótimistas sobre o destino das novas gerações podem ser sintetizados neste singular teorema: a Europa desiludiu-se dos seus direitos à direção espiritual do mundo, porque se mostrou incapaz, nos vinte anos que se seguiram à conclusão da paz de Versalhes, de realizar uma paz verdadeira no reduzido espaço que ela ocupa.

Para se compreender, na sua estrutura, o pensamento de Stefan Zweig, será necessário estudá-lo como um fantasista milagroso, capaz de impetos e ousadias, em favor dos vencidos, que nenhum outro escritor ainda atingiu: será indispensavel observá-lo através das fórmulas goetheanas do seu espirito, da sua espantosa poesia, das gravuras delicadas e dos simbolos trágicos da sua inexcedivel galeria.

Na sua obcessão romântica, nos seus arremessos sentimentais contra a técnica, Zweig, filho da Europa, não concede à máquina senão a capacidade de elevar a sua energia à milesima potencia, considerando-a menos criadora que uma simples ação humana ou uma idéia fecunda. É assim que a máquina se lhe afigura instrumento sem eficiência, e, muitas vezes, prejudicial ao programa de renovação dos ideais do mundo moderno de que se hão de valer os espiritos, cansados de tanta miséria e mistificação, fatigados de tanto amor sem brilho e tanto gestos inuteis. Mas, de onde virá esse grito de alegria, essa onda de rejuvenescimento, esse sinal de inicio de uma era de paciência e de acordo, de reconciliação moral e politica?

Zweig acredita que a real pacificação do mundo há de ser uma conquista da mocidade americana, e essa crença inabalavel provem da diferença de mentalidade entre os dois continentes, bastando, a respeito, assinalar que, na Europa, a juventude divinisa a força, e seu idealismo e sacrificio a arrastam ao extremo de preferir morrer pela grandeza e a gloria do seu "terroir" a viver em paz com as outras nações, dentro de sentimentos de bondade e estima reciproca.

Nada mais lógico, nada mais digno de simpatia que o movimento ensaiado pelos artistas e pensadores europeus no sentido da construção de uma nova atmosfera politica, da universalidade das aspirações de cultura e de harmonia espiritual. Desses belos sonhos sorrirá, sem dúvida, o filho do continente colombiano, surprezo, todas as manhãs, ante as novas perspectivas de incompreensão e de dor, de desespero e crueldade.

Depois de haver construido as histórias delicadas ou trágicas de figuras que encheram o tempo e o espaço, como exemplares incontrastaveis da nossa precária humanidade, Stefan Zweig esboçou um dos planos mais atrevidos destes ultimos tempos, pela sua expressão politica — a paixão da liberdade — e expressão psicológica — a ânsia de extinguir o sofrimento coletivo. Toda a sua obra literária reflete, aliás, essa nobre finalidade, e, assim, ainda uma vez o escritor vienense se afirma uma inteligência cósmica, um cidadão inspirado pelas verdades eternas do Fausto, uma conciência a serviço das grandes idéias universais. Ele nos aconselha: "Não nos deixemos perturbar, no fundo da nossa alma, por qualquer insensatez ou deshumanidade do nosso tempo". É uma parábola de bondade e indulgência, e desses altos sentimentos estão impregnadas as páginas coloridas e ardentes das suas biógrafias, dos seus contos, das suas novelas, da sua critica impressionista, onde o raciocinio corrige harmoniosamente os excessos da imaginação.

A unidade espiritual do mundo não tem outra significação, no momento, senão a de uma fórmula simples e ingênua, um ponto de partida para a mocidade na desordem impressionante da nossa época. Podemos interpretá-la como a mais clara e positiva manifestação de uma vontade moral — a procura de novos entusiasmos e ideais capazes de destruir os grosseiros artificios que nos cercam.

A POESIA EM 1938

Saul de Navarro

Perguntai a um passarinho por que ele canta?
A resposta será o seu gorgeio!

Quando leio e escuto um poeta, verdadeiramente digno desse nome mágico, pouco me importa que o tenham por árcade, romântico, parnasiano, simbolista, decadente ou futurista.

Em todo poeta há uma criança escondida, uma infância que brinca, uma ingenuidade romântica, uma ternura verbal que descobre pelas imagens um sentido novo de dizer e cantar o que se vê em sonho e sonhando se faz revelação pela carícia da sensibilidade.

Poesia é lirismo. É o máximo poder do mundo. Todos somos poetas, uns em pontencialidade, à espera do instante de Infinito, e outros em plena posse do divino dom.

É assim que entendo, que sinto, que adivinho a poesia.

COSME

Num ano terrivel, em que a paz periclitou na Europa, quasi se generalizando no mundo a guerra, que vem devastando a Espanha e a China, em que a crise contemporânea atingiu ao auge, a poesia no Brasil foi uma viagem azul para o sonho tão raro nestes tempos de angústia e desespero.

É que a poesia revela o povo brasileiro, como sua melhor síntese, pela força sentimental de três raças que, ao seu influxo, se fundiram e vão dando consistência ao bloco étnico, de onde surge, se agiganta e se impõe à nacionalidade.

Somos, nem poderiamos deixar de ser, por tudo isso e tambem pelo imperativo mesológico, um país governado pelo coração.

O coração brasileiro é o ninho da mais pura bondade humana. Ninguem nos supera, em doçura cristã e dom benévolo de fraternidade.

Daí a poesia em 1938 *ser como foi a de* 1500 *e tantos, com Anchieta, como o será a de* 2.938: *enquanto o mundo for mundo, o Brasil será o mais lírico dos milagres.*

Mas que poesia, em 1938? *A de ontem, a de hoje, a de amanhã, a de sempre. Não há poesia velha ou nova, antiga, moderna ou futura. Mas poesia pura e simplesmente, como há rosas na terra e estrelas no céu...*

*
* *

Surgiram, reflorescendo a glória de um dos maiores poetas da língua, as *Rosas Negras*, de Luiz Delfino. Mais um volume do fecundo e magnífico estro desse nababo de rimas, editado pelos Irmãos Pongetti.

São uma torrente de ritmos em que as estrofes orquestram uma sinfonia da qual, entre outros, surde o primor do soneto "Jesús ao colo de Madalena", cujos quatorze versos lapidares formam, no ouro de uma síntese vernacular, um dos estados de graça da poesia de todos os tempos.

Delfino é o poeta que resume várias fases do nosso espírito: ora romântico, ora parnasiano, ora simbolista, atravessando, com a riqueza oriental e a pujança tropical de seu estro prolífico e policrômico, uma floresta encantada de imagens, símbolos e alegorias.

*
* *

Quatro livros póstumos de Martins Fontes foram editados pela Comissão Glorificadora do grande poeta, em São Paulo:

— *Indaiá.* — São vinte poesias tantas quantos os dias em que o mago das palavras passou no convívio da mulher amada, no lugar onde morava outro gigante lírico — Vicente de Carvalho, no seu retiro praiano, com aquele doce nome indígena, no litoral de Santos, berço predestinado de ambos.

São canções simples, molhadas de mar, sabendo a araçás e pitangas, cujo acre odor e colorido dão desde logo o alarde da mais brasileira das delícias.

A canção de Ariel define Martins Fontes. E tambem o resume. Sua vida, que foi poesia total, é uma festa do espírito, o domínio absoluto de Ariel, uma alegria arielesca de vôo, canto e luz.

Nesse livro o poeta, na impulsão divinatória da morte próxima, superespiritualiza-se, cantando já tocado pelo supremo instante que opera o surto da transfiguração máxima: pressente que algo está para vir breve e que tudo nele será convertido em fluido, em estado hiperestético de serenidade etérea...

CÓSMICA

A Vida! a Vida! a Vida! indefinida,
Eterna! Obedecendo à mesma norma,
A pesar da aparencia que a deforma,
Tudo é força envolvente, tudo é Vida!

A potência do todo, na reforma
Individual, opera, transfundida:
No vertiginosismo da corrida,
Nada se perde, apenas se transforma.

Morrem milhões de Vidas, num segundo,
Em ti, e a mutação não pressentiste,
Tanto se mostra o seu poder profundo.

Porque sofres não sabes; porem, triste,
Prevês que, sendo a síntese do mundo,
Cosmicamente a morte não existe.

Nos jardins de Augusto Comte. — Martins Fontes, meses antes de morrer, converteu-se ao Positivismo. Positivamente, entretanto, não se deu isso, porque ele fora antes anarquista, ateu, cristão, franciscano, mas, no fundo, boêmio, poeta e quasi santo pela sua bondade levada ao delírio e pela sua beleza, que ia até à vertigem.

Nesse livro o poeta chegou à simplicidade grega da forma única, moldura para o conceito puro e expresso no dom do ritmo claro e refulgente, tal a sua transparência, a sua sonora e meiga ciência de dizer o que lhe vinha do coração, fonte de todo os milagres da Poesia.

Em *Calendário Positivista*, sua obra derradeira e inacabada, é um fragmento do mundo. Se houvesse concluido esse trabalho colossal, seria um monumento da língua e um dos poemas da Espécie. Teve tempo apenas para escrever, num desejo de exceder-se e antecipar o prazo fatal, porque já a morte lhe sondava os passos, nada menos de cem sonetos, cada qual consagrado a um nome dos que o genial filósofo incluira em sua resenha magistral.

Nesse volume notavel o mérito de Martins Fontes se manifesta em pleno: é obra de estesia e erudição, de pesquisa e cultura, onde o poeta e o sábio se aliam, a ciência e a poesia se encontram e fraternizam.

Basta esta pérola solta:

ULISSES

— É a tua Perfeição que nos separa,
Oh, Deusa! A gloria eterna me sujeitas!
Na impecabilidade te deleitas,
E, se humana tu foras, eu te amara!

Oito anos faz que as horas satisfeitas
Sempre me correm — quando a sorte é avara!
A aspereza da terra me é tão cara,
Que eu a prefiro ao leito em que te deitas!

E a vela solta, fende a espuma clara,
Foge, buscando as ambições estreitas
Da vida incerta, da injustiça ignara.

Parte para as insídias e as suspeitas,
Para os trabalhos e as tormentas, para
A delícia das coisas imperfeitas!

A Comissão Glorificadora de Martins Fontes editou em 1938 os seguintes trabalhos, alem dos que acima se aludem: — o *In Memoriam*, *Em louvor de Martins Fontes*, e crônicas, conferências e impressões, de: Ivan Lins, Heitor de Morais, Epiteto Fontes, Osório Dutra, Salomão Jorge e Tito Marcondes. Mais de uma dezena de volumes! A memória de Martins Fontes está, assim, reflorindo o seu espírito, como se este nos desse a delícia de sua presença, no milagre de sua vida estupenda.

*
* *

Gilka Machado ressurge em *Sublimação*, um dos grandes livros do ano. Mais que um livro, um grito do sexo, um brado de beleza:

O MUNDO NECESSITA DE POESIA!

É o seu lema, a sua mensagem, a sua palavra de comando, o seu toque de clarim, o seu rebate de alvorada.

O mundo necessita de poesia,
(não importem assuadas)
cantemos alto, poetas, cantemos!
que seja nossa voz
um sino de cristal,
um sino-guia de perdidos rumos,
vibrando no nevoeiro da inconciência
do momento angustioso!

Nosso destino, poetas, é o destino
das cigarras e dos pássaros:
— cantar
para animar
o labor do Universo,
cantar
para acordar
idéias e emoções;
porque no nosso canto
há um trigo louro,
um pão estranho que impulsiona
o braço humano,
e os cérebros orienta,
uma hóstia
em que os espíritos encontram
na comunhão da beleza,
a sublimação da existência

O mundo necessita de poesia,
cantemos alto, poetas, cantemos!

Ei-la aí, em toda a sua opulência e frescura, em todo o seu amoravel poder de persuasão, apanágio tão feminino de encantar, sem que lhe falte o vigor e a coragem de cantar o que sente e dizer o que pensa.

Gilka é a poesia em estado de instinto e de espírito, em carne e alma, em luz e sangue, em terra e céu, pois que tudo se integra, se funde e se encontra nessa grande mulher.

A mulher na América explode, canta e domina em três cérebros: — Delmira Agustini, Juana de Ibarbourou e Gilka Machado. São as três graças da poesia continental. O tríptico do eterno feminino, em sua expressão máxima, em seu lirismo culminante.

Mas Gilka encarna a seiva tropical, pelo alvoroço dos sentidos, crepitando como fogueira, cujas chamas se elevassem tanto que fossem perturbar o sonho das nuvens e o sorriso das estrelas... Poesia brasileiral de energias cósmicas, de complexos e recalques da nossa tri-racialidade ainda em ebulição e tumulto, em que o branco sonha, o índio dansa e o negro batuca.

Belisca-nos a epiderme. Temos a sensação de brasas sobre a pele. Tal o frêmito da volupia que põe em sua poesia arrepios e movimentos de carne nua, pela cócega do desejo. Mas, sobre esse impetuoso arranco de irrefragavel erotismo, perpassa a asa do espírito, e tudo adquire, então, a castidade do símbolo: — a posia vence o sexo e toda se menina de candura e recato,

pura,
renascida,
sem nenhuma lembrança.

*
* *

Filinto de Almeida, poeta lapidar, joalheiro da rima, vasou a alma num livro, cujo título é o nome de sua musa na vida e no alem da morte, porque resume todo o amor imortal: *Dona Júlia*.

A saudade escreveu por ele. Em estado de graça, a sua saudade revivifica a esposa morta, restitue-lhe a presença pelo milagre da poesia.

A prosadora magistral, cuja obra se incorporou aos tesouros do nosso idioma, é para o insigne poeta a doce, a meiga, a santa companheira, que não morreu, porque lhe ficou na saudade, como única flor de sua velhice veneranda.

Não é um livro, como qualquer volume. Mas um relicário, que encerrasse um coração.

Este soneto é o primor de uma saudade estupendamente escrita pela dor da separação, ao impulso do supremo sofrimento, que só um grande amor desperta. E recorda quem lhe foi um instante do céu na Terra.

Quando vivias, se por meu dever
Eu fazia sozinho alguma viagem,
Ia sempre comigo a tua imagem
Como se eu não deixasse de te ver.

Agora, meu amor, como há de ser?
Vou sobre o mar, afasta-se a paisagem
E estou perdendo aos poucos a coragem
Já não só de viajar, mas de viver,

Porque a tua imagem já não me acompanha
Por outras terras e entre gente estranha,
Pois tu volveste ao miseravel pó...

Hoje, onde quer que eu viva, vivo ausente,
E suplicia-me, entre tanta gente!
A terrivel angústia de estar só.

*
* *

Herculano Rebordão, grande poeta luso, revelado no Brasil, com a carícia bucólica de *Graça Plena*, sob o nome literário de Souto da Casa, encanto apelativo de sua aldeia notalícia na Gardunha, obteve novo e definitivo êxito em *Caminhos do meu olhar*.

No seu livro de estréia domina-o o sentimento do mais belo e do mais puro geolirismo, na doçura aquarelada dos motivos e na surdina musicada dos efeitos. Neste de agora o poeta, na expansão do jogo verbal do estilo, sem perder, entretanto, aquele segredo aromal de suavidade, tem o surto da ascése, no remoto dos vôos mais largos.

Revoada de estrofes em sinfonia de palavras, todo o volume se alça pela levitação do estro, que transcende os limites do homem, numa fuga do espaço e do tempo, ora embebendo-se de luz mística, ora se aprofundando de ritmos e conceitos medulares, para decifrar ou entrever o Universo na sua totalização, por ânsia de espiritualidade absoluta.

Portugal é a raiz dessa alma, que tem o privilégio de cantar. Mas o Brasil é, por sua vez, a flor que lhe brota do coração.

Ouçamo-lo nesta vibrante e radiosa

COLUNA DE SOL

Ó Coluna de Sol, entre a Floresta,
Brasil aceso, crepitante lume,
Labareda de sonhos e perfume,
Terra das cores em delírio e em festa!

Joial faceta a refletir, na aresta
De uma esperança, tudo o que resume
A Glória Nova que algum Povo assume
Na Vida Plena que o Brasil atesta.

Terra onde o sangue lusitano fica,
Qual gota de água que, ao chegar à bica,
Da luz do sol toda se veste e inunda.

Terra onde sinto que a saudade é bela,
Pois anda Portugal no seio dela,
Tal como a seiva na raiz profunda.

Todo o livro é uma festa de rosas e de estrelas.

*
* *

Em *Sinfonia da Dor*, Yonne Stamato, rosa paulista, floresce e canta, na sua ânsia de amor e no seu desejo bem feminino de renúncia. Sofre, porque ama. Mas, tem, na sua dor musical, queixume de pássaro, cuja tristeza se angelizasse.

Na taça desse coração há o sabor deste

VINHO DOCE

Pensa em mim, com orgulho e com vaidade,
Procura ser feliz, ao recordares
Todas as emoções que te causei!

Descobrirás, então, que esta saudade
É um vinho doce... e, cheio de pezares
Hás de beber na taça em que eu chorei...

Na leve e suave tessitura desses versos tão belos e tão puros encerra-se o encanto da poesia integral, porque nos vem de uma sensibilidade e de um lindo segredo de mulher, de mulher, que por esse meio, nos dá o mais casto dos beijos, porque só elas e as flores sabem fazer tal milagre pelo simples efeito de sua presença ou pela sugestão de seu perfume...

Yonne Stamato tem a beleza em si, na louçania de sua vida e no sorriso de sua arte. E é tão adoravelmente feminina, que a dor se sinfoniza nesse volume, que mais parece um vergel ao sol da primavera: em cada página há uma lembrança de "sonhos desfolhados"...

*
* *

No Passeio Público, onde já estão os bustos de Castro Alves, Gonçalves Dias, Olavo Bilac e Hermes Fontes, foi inaugurado o de Olegário Mariano, príncipe dos poetas. Os seus admiradores e amigos, com o beneplácito da população carioca, prestaram-lhe em vida essa definitiva homenagem. E o cantor mágico da *Cigarras* está perpetuado no bronze, naquele retiro augusto, à sombra de árvores seculares, olhando para o mar, no esplendor cenográfico da cidade que o adora. Foi um gesto de beleza e de amor à Poesia.

*
* *

Tupan é um volume de versos, numa esplêndida edição Pongetti, que enfeixa, sob o nume do deus brasilíndio, imortalizado pela musa de Gonçalves Dias, dois poetas: os poemas franceses de Henri de Lanteuil com a versão vernácula de Modesto de Abreu. Phocion Serpa, num breve prefácio, faz o elogio desse livro adoravel, em que os idiomas de Chateaubriand e Alencar se entrelaçam.

Um volume pequeno, mas precioso, em que o espírito francês, num requinte de gentileza de poeta amavel, mundializa, pelo seu prestígio expressional, alguns dos mais sugestivos temas de brasilidade.

*
* *

Carlos Chiacchio, o vigoroso prosador de OS GRIFOS e um dos luminares da nossa crítica literária, mestre do movimento espiritual da Baía, deu-nos uma surpresa agradavel: a sua estréia de poeta em INFÂNCIA, edição de "Ala".

São versos que nos ficam brincando na memória, celebrando o poema da puberdade. Riqueza de rítmos, doçura de efeitos verbais, colorido e vivacidade de expressão, eis o que esse livro admiravel apresenta, tornando-se, no generó, uma obra prima, digna do nome de quem tão alto se coloca no panorama mental das letras contemporâneas.

Num processo moderno e plástico de ritmo, mas sabendo manter o equilíbrio das idéias e dispor de todos os matizes da elaboração estética do seu poder verbal, Chiacchio desenha, pinta, e canta, no fluxo das palavras que lhe saem da pena como crianças em alvoroço, numa festa passaral da alegria.

Basta isto aquí, para dar todo o valor da obra:

QUE É O QUE É?

Que é o que é? — Ah! Dindinha
Se eu soubesse, como então,
Adivinhar no serão
A pergunta que me vinha:

— Que, é, que é?
Alta torre,
Bonito penacho
Água na gruta
Flores no cacho?

Quem sabe? quem adivinha?
Que é o que é? Vida minha...

*
* *

A Túnica Inconsutil, de Jorge de Lima resume a sua renovação espiritual, na doçura neo-cristã de sua vida de espírito. Deixou de ser o poeta instintivo e sensual de *Negra Fuló*, com que sacudiu os sentidos do grosso público, para ser um poeta quasi simples, purificado pela sua fé e entregue ao influxo bíblico dos versículos, que são longos poemas lacônicos, com essa beleza tão cândida e albente das alegorias e das parábolas, num idílio do Eu com o Universo.

Há na sua nova fase um processo lírico de confissão ingênua. Rebatiza-se de lágrimas puras e vê o mundo como uma novidade.

É a poesia em estado de oração.

Em muitas de suas páginas, as palavras adquirem um sentido evangélico de lírios no monte como se fossem pegadas de Jesús na Transfiguração, a carícia que nos ficou de sua sombra...

Tem, contudo, ainda a preocupação do estilo. Não chegou à simplicidade, que é o clima da poesia transparente e clara como água pura, que parece luz liquida, casta e humilde...

Mas, ainda assim, chega a tecer este poema admiravel de frescura e singeleza, sem que haja uma pedra de expressão dura para lhe turvar a água profunda e tranquila do símbolo:

O NOME DA MUSA

"Não te chamo Eva,
não te dou nenhum nome de
mulher nascida,
nem de fada, nem de deusa,
nem de musa, nem de sibila,
nem de terras,
nem de astros, nem de flores.
Mas te chamo a que desceu do luar para causar as marés e influir nas coisas oscilantes.
Quando vejo os enormes campos de verbena agitando as corolas,
sei que não é o vento que bole
mas tu que passas com os cabelos soltos.
Amo contemplar-te nos cardumes das medusas que vão para os mares boreais,
ou no bando das gaivotas e dos pássaros dos polos revoando
sobre as terras geladas.
Não te chamo Eva,
não te dou nenhum nome de
mulher nascida.
O teu nome deve estar nos lábios dos meninos que nasceram mudos
nos areais movediços e silenciosos que já foram o fundo do mar,
no ar lavado que sucede às grandes borrascas,
na palavra dos anacoretas que te viram sonhando
e morreram quando despertaram,
no traço que os raios descrevem e que ninguem nunca leu.
Em todos esses movimentos há apenas sílabas do teu nome secular
que coisas primitivas escutaram e não transmitiram às gerações.
Esperemos, amigo, que searas gratuitas nasçam de novo
e os animais da criação se reconciliem sob o mesmo arco-iris:
então ouvireis o nome
da que eu não chamo Eva
nem lhe dou nenhum nome de mulher nascida".

*
* *

Uma nota original de cooperação lírica: o aparecimento do livro *"Poetas contemporâneos."* 14 poetas reuniram-se e, quotizando-se, publicaram o volume. Dentre eles, alguns de merecido renome. Ei-los aquí: Alfredo de Assunção, Ar-

naldo Damasceno Vieira, C. Paula Barros, Henrique Orciuoli, J. Ramalho, Jaques Raimundo, Lauriano de Brito, Mário Linhares, Miguel C. de Sousa Filho, Modesto de Abreu, Oton Costa, Ventureli Sobrinho e Valdomiro V. Ferreira. Um belo gesto de solidariedade.

São 14 pássaros num viveiro.

*
* *

Mário Linhares, que, no ano passado, deu em *Poesias* uma síntese antológica de sua melhor expressão literária, teve, em 1938, uma feliz e tocante lembrança: uma revolta de impressões, fazendo vir à tona *"Poetas esquecidos"*.

Não nega o autor de tão oportuna iniciativa a sua alma de poeta de grande e comunicativa sensibilidade. Merece, pois, que os leitores saibam corresponder a essa régia oferenda.

Desses poetas nem todos estavam a rigor esquecidos. Mas todos são, realmente, expressivos e alguns, de valor acima de qualquer expectativa, embora "inéditos" para o Rio, pelo menos.

Nesse pombal de rimas arrulham as estrofes de Auta de Sousa, Fiuza de Pontes, Jonas da Silva, Bonfim Sobrinho, Augusto de Oliveira, Silva Lobato, Soares Bulcão, Carlos Gondim, Álvaro Martins, Antônio Soares, Padre Antônio Tomaz, Honório Monteiro, Maranhão Sobrinho, Alfredo Castro, Deraldo Neville, Costa Monteiro, Juvenal Galeno, Lívio Barreto, Basílio Seixas, Otacílio de Azevedo, Branca Bilhar, Faria Neves Sobrinho, Antônio Lobo, Carmen Cinira, Mario da Silveira e Rodrigues de Carvalho.

*
* *

Veio a lume a "Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana", outro volume da série que se edita, sob os auspícios do Presidente Getúlio Vargas, pelo Ministerio da Educação, cujo ministro, Sr. Gustavo Capanema, secunda o notavel impulso de renovação nacional de seu governo.

Como na obra anterior, referente à fase romântica, Manuel Bandeira soube dar ao seu trabalho um critério, uma orientação e uma harmonia imprescindiveis desse gênero, revelando, a par de um senso estético apurado, a sua incontestavel autoridade no assunto e a sua cultura equilibrada.

Grande poeta de sua geração, sobra-lhe prestígio para obra de tamanho vulto. No prefacio traçou, em linhas gerais, mas com profundo conhecimento, uma síntese do parnasianismo no Brasil. Pena é que tenha adotado como ponto de partida a data de nascimento dos autores (até 1874), cujas produções foram selecionadas, com exclusão de poetas, que foram, indiscutivelmente, notaveis, tais como: Emílio de Menezes, Martins Fontes, Luiz Carlos, Goulart de Andrade e Vitor Silva, para só citar, entre mortos, nomes de projeção nacional.

A inclusão de Raul Pompéia, Coelho Neto, João Ribeiro e Artur de Azevedo, que lograram a celebridade pela sua obra em prosa, sendo meros poetas emergentes, com o sacrificio de outros, poetas exclusivos, não me parece lógica nem justa.

*
* *

Haverá, forçosamente, omissão involuntária de livros de poesias, deixando de mencionar autores, por não me ser possivel reuní-los todos.

Isso, porem, não me impede de citar aquí, a vôo de pássaro, este bando: Nelson de Carvalho. faz-me seguir comovidamente pela RUA DE EFRAIM: Dona Francisca de Bastos Cordeiro leva-me à delícia de poesias anteriores ao cristianismo, em RITMOS IMORTAIS; E W. Buschmann, em RITMO ARIANO, dá-me uma estranha sensação da poesia intelectiva; Nóbrega de Siqueira toma em ROTEIRO outro rumo. Cintila na poesia de Hélio Peixoto uma ESTRELA IMPACIENTE; Araujo Jorge proclama: AMO! Isaltino Coelho surge "Mordendo frutos verdes" e Almeida Filho, Anuar Fares e Vito Pentagna dão-nos "3 Momentos de Poesia".

E, a final, Murilo Mendes, delicioso epigramista, põe a "POESIA EM PÂNICO"!

UM CRÍTICO PORTUGUÊS

José Lins do Rêgo

João Gaspar Simões é hoje em Portugal um ensaista de primeira ordem. O que Antônio Sérgio realiza no ensaio político e social, com uma superioridade de vista que o coloca entre os melhores da Europa, Gaspar Simões faz com o ensaio literário. A crítica literária em Portugal e Brasil nem sempre foi mesmo crítica literária. Era mais um veículo para desabafos pessoais. Os críticos entre nós rarearam. Um José Veríssimo foi uma exceção. O velho Sílvio ótimo para tratar dos antigos se transformava em chefe de partido político quando estudava os seus contemporâneos. Tobias era para ele mais poeta que Castro Alves. E assim por diante. Em Portugal, Teófilo Braga fazia o mesmo. De crítica de separar o joio do trigo, de revelar valores novos, de exaltar qualidades, foram muito pobres as duas literaturas. Os historiadores literários sempre foram melhores. Mais limitados, em todo caso fazendo alguma coisa de sólido. Sílvio Romero neste sentido, como Teófilo Braga, deixou obra notavel. Em Portugal não podemos passar pela obra de Fidelino de Figuereido em silêncio. Este homem de ciência completou um trabalho de crítico e historiador com uma superioridade espantosa.

Mas a atual geração portuguesa é bem rica de críticos, de ótimos críticos. Há um Casais Monteiro, um José Régio, um Vitorino Nemésio, um João Gaspar Simões, que são ensaistas magníficos. Há pouco li um livro de João Gaspar Simões, "Novos Temas", e um homem de pensamento, um homem cheio de nervos me apareceu, tratando de poesia e românce como de temas vitais, fazendo do ensaio uma criação. A crítica aí é mais alguma coisa que uma oportunidade para exibição de leitura ou o momento do crítico botar as unhas de fora, dando evasão a ódios e invejas. A crítica de um João Gaspar Simões é boa literatura, é aguda interpretação, é um esforço constante de compreensão do que ele procura analisar. Quer trate de Camões ou de um poeta que encontra todos os dias na rua, o crítico não é ótimo sómente falando do clássico e cheio de definições tratando de contemporâneos. É ótimo em ambas as formas. O sucesso dos outros não o perturba. É clarividente. Vê muito bem de longe e de perto. Tem a vista militar das classificações dos âmbitos. Há no Brasil quem veja admiravelmente de longe, quem fale de Machado de Assis, de Raul Pompéia, de Eu-

(*Continua no fim do ANUARIO*)

O ANO LITERÁRIO DE 1938

Edison Lins

O ano de 1938 foi de relativa felicidade para as nossas letras. No terreno da poesia tivemos três grandes livros: "A Túnica Inconsutil", do Sr. Jorge de Lima, "Poesia em Pânico", do Sr. Murilo Mendes e o "Enamorado da Vida" do Sr. Olegario Mariano; no romance — "Amanhecer", de Lúcia Miguel Pereira; no gênero novela apontamos "Mãos Vasias" do Sr. Lúcio Cardoso. Entre parênteses: auguro que este adolescente há de ser o nosso maior romancista: esta novela que o editor José Olímpio acaba de editar nos dá motivo para a profecia facil que acabamos de emitir; no âmbito da biografia a obra mais notavel foi de-certo o "Retrato de Alphonsus de Guimarães", de Enrique Resende. Como *conteur* é o Sr. Gastão Cruls a nossa maior autoridade neste gênero de literatura em que foi mestre o grande Machado de Assis. Na crítica, porem, o sucesso mais notório foi a volta às colunas do "O Jornal", do Sr. Tristão de Ataíde que não se repetiu como tantos zoilos pensaram, mas reatou os seus profundos estudos literários posando a situação do modernismo, estudando os últimos livros aparecidos com uma imparcialidade e uma sobranceria que caracterizam a sua formação intelectual. Pensavam os maledicentes que o famoso crítico surgisse com preconceitos ou *parti-pris* de ordem sectária. Mera ilusão. O eminente líder católico não poupa referências justas a antagonistas de seu modo de pensar como Gilberto Freyre, Lins do Rego ou Jorge Amado. Isto causou verdadeira decepção aos que esperavam que por via de suas crenças religiosas o crítico imparcial viesse agredindo aos que não rezam pela sua cartilha.

Entretanto, a safra literária não foi sómente de frutos auspiciosos, não. Não podemos aplaudir na crítica os "documentos" do Sr. Olívio Montenegro, nem no romance um livro como "Os Brutos" do Sr. Bezerra Gomes, mas não medimos louvores para aplaudir o "Amanuense Belmiro" de Ciro dos Anjos. Quanto aos jovens Camargo Guarnieri e Araujo Jorge, só podemos incentivar o início de trajetória dos dois vates. Alguns modismos, alguns vícios de orientação poética revolucionária afeiam entretanto a obra aliás pequena (uma simples *plaquette*) do Sr. Guarnieri. E' bem de ver a habilidade com que o senhor Mário de Andrade contornou o assunto para conseguir um prefacio à *plaquette* em questão. Revelação de escritor elegante, de político erudito à feição dos Salazar e dos Mussolini, surgiu neste final de ano com alguns tomos que são verdadeiras sumas de saber e de cultura forradas do mais alto patriotismo, surgiu íamos dizendo, o Sr. Getúlio Vargas. Na galeria dos discursadores brasileiros, de Vieira até aos nossos dias, passando por Lopes Trovão, Rui Barbosa, Silva Jardim, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, o criador do Estado Novo tem sido mesmo um dos poucos que conseguiram aliar uma prestigiosa e incisiva figura política a uma não menos prestigiosa e incisiva figura literária, despida da retórica balofa dos nossos políticos literatos. Sob este ponto de vista, parece que não andou errado o Sr. João Duarte Filho encontrando nele certa afinidade com o nosso saudoso imperador Dom Pedro II e que tambem não lhe iriam más as palavras com que Benjamin Mossé justificava ao povo francês a publicação de uma biografia do nosso segundo imperador: — "E' um homem de bem, de inteligência e coração, filósofo, sábio, que justifica plenamente as célebres palavras de Platão: — "Os povos só serão felizes quando os filsósofos forem reis." Enfim, sobre o grande estadista, uma das maiores figuras de líderes do momento universal, escrevi uma monografia em que externei meu entusiasmo pelo grande brasileiro, o que não caberia nesta rápida visão panorâmica do ano literário de 1938.

Deixo de comentar algumas obras de somenos importância que só poderão figurar nos registros cronológicos dos estudiosos por serem chilras e sem valia em nada adiantando ao teor pesado de um lastro literário digno de análise.

Tendo exercido a crítica em varios jornais e revistas no decorrer do ano que findou, recorro para a fatura deste trabalho destinado ao "Anuário Brasileiro de Literatura", de algumas opiniões e juizos externados em notas criticadas por mim neste ano da graça de 1938.

Já acentuei que "A Túnica Inconsutil" abre um novo caminho nas letras poéticas do país e do mundo e que com esta inovação literária Jorge de Lima se coloca imediatamente entre os maiores poetas da atualidade mundial.

Lendo Jorge de Lima acode-me imediatamente ao espírito um trecho de Novalis (pág. 216 de seu "Journal Intime"): "Á l'origine, les poètes et les prêtres ne formaient qu'une seule caste; ils n'ont été différenciés qu'en des époques posterieures. Mais le vrai poéte est toujours restē un prêtre, et le vrai prêtre est toujours resté un poéte. L'avenir ne raménera-t-il pas l'ancien état de choses?

"Il faut au poète un sens calme, attentif, des idées et des penchants qui l'écartent des affaires terrestres et des préoccupations mesquines, une situation libre de tout souci, des voyages, la fréquentation d'hommes de toute sorte, des opinions variées, de la *légéreté d'esprit*, de la mémoire, le don de bien parler, point d'attachement qui retienne à un seul objet, pas de passion au sens complet de ce mot, mais une âme ouverte de tous côtés aux incitations". Pois bem, parece que a profecia de Novalis está se cumprin-

do: o poeta e o sacerdote formam uma só espécie de casta. A alma aberta a todas as incitações, o seu grande poder de comunicabilidade, a frequentação de homens de toda espécie, o tom bíblico e sábio de sua poesia, tudo isto existe em forte potencial na vida de Jorge de Lima. Há anos escreví uma nota no periódico "A Nação" sobre o consultório deste medico-poeta. E não sou eu sómente a testemunha pública da existência poética de Jorge de Lima. Tambem Murilo Mendes, no Boletim da Sociedade Felipe d'Oliveirá e em recente artigo publicado pela rede de publicidade I. B. R. assinala a atmosfera própria em que vive o poeta, os dons com que nasceu predestinado à eclosão da grande poesia. Jorge de Lima em plena maturidade de espírito vê chegar o momento propício da infinita germinação, seu livro é a consequência do bem que distribue e da emoção que o contacto com a humanidade lhe legaram. Uma palavra de Wordsworth revelava o milagre: "We see into the life of things". Jorge de Lima aguçou a sua visão, porque segundo confessa em seu primeiro poema, "o sangue de Cristo jorrou sobre seus olhos". Então uma comunhão misteriosa associa o seu ser profundo com a essência das coisas, e uma fusão mística se operá de sua vida com a vida ambiente. Tal como queria Pierre-Quint: "les efforts combinés de son intelligence et de son intuition lui permettent de toucher la realité dans la joie": (Leon Pierre-Quint, *Marcel Proust, sa vie, son oeuvre*, Paris, 1925, pág. 216). Deu-se portanto em Jorge de Lima, para usar a linguagem do Abade Henri Bremond, a fusão de *Animus* e *Animà* e desta interpretação a poesia do grande autor brasileiro irradiou-se pelo mundo e é uma permanência universal de consenso unânime sobre todas as cabeças, como na parábola de Claudel.

Lendo e relendo as páginas luminosas do majestoso livro de Jorge de Lima, acode-nos inquirir pela prole esquecida do patriarca Boileau, ou interrogar os memorialistas que me informem se existe reminiscência na terra de um verso de Voltaire. Ah! a vida do poeta há de ser condicionada à própria poesia. E nem o sarcasta nem o impassivel conteem os germes que dão vida ou que conteem a luz interior dos profetas e dos mágicos em que se confunde o poeta conforme o verso imortal de Wordsworth: "When the light of sense goes out, but with a flash that has reveled the invisible world".

"O Sertão e o Centro", do Sr. João Duarte Filho, é um estudo sobre as relações do Nordeste com o Brasil, nos seus aspectos políticos, econômicos e sociais. O seu autor, num agudo estudo retrospectivo, examina o ambiente político do Brasil anterior a 1930, quando a região se afirmava no conceito dos Estados apenas como um caudatário de votos para as eleições pleiteadas no cenário federal pelos grandes Estados dominantes.

Depois de fixar essa inferioridade em que sempre viveu o Nordeste dentro da República, o Sr. Duarte Filho passa a ver a região no atual momento político sem Estados grandes ou pequenos a disputar criminosamente a hegemonia brasileira numa luta política que foi o maior erro da República e o maior entrave ao progresso nacional.

Aparecem, tambem, em "O Sertão e o Centro" curiosos e originais traços da personalidade política do Sr. Getúlio Vargas, que é a moda mais recente, figura tão pouco estudada ainda pelos processos da psicologia moderna. Em pinceladas curtas porem incisivas e definitivas, o escritor João Duarte Filho estuda a atuação do Presidente brasileiro na vida política nacional e na vida administrativa do Nordeste, comparando-o ao nosso saudoso imperador Dom Pedro II. Curiosas essas comparações que se teem feito ao Presidente. Alguem já o comparou certa vez, simultaneamente, a Fouché e a Richelieu. Agora o Sr. João Duarte Filho nega tudo que se tem dito sobre o Sr. Getúlio Vargas (até mesmo essas comparações) e vê nele semelhança incontestavel com o nosso grande poeta e Imperador D. Pedro II. Isto tudo é extraordinário! Já não duvidarei mais que amanhã ou depois o comparem ao Bacho, ao Petronio, ao Aníbal, ao Júlio Cesar...

Entretanto, isso não quer dizer que o retrato feito pelo autor de "O Sertão e o Centro" se vá juntar a esse mundo de opiniões medíocres que há por aí sobre o Presidente. Isto não. Os seus traços são, como disse acima, fortes e incisivos. Sente-se que ele apanhou bem os caracteres essenciais do Presidente. E o retrato do Sr. Getúlio Vargas possue aquí mais originalidade e mais sabor, mais esforço de penetração e de perfeição. Simples, mas se afastando da vulgaridade, conseguiu nos dar um desenho bem mais próximo da realidade e sobretudo, mais pitoresco e mais profundo de quantas baboseiras superficialíssimas teem aparecido por aí feitas pelos seus pretensos biógrafos.

Em seu livro de discursos, publicado pela Editora "A Noite", o Sr. Olegario Mariano como prosador, não chegou a exceder ou sequer se nivelar ao poeta. O Sr. Olegario Mariano, como os seus colegas da Academia: Pereira da Silva, Adelmar Tavares e outros, é um poeta em essência, de nascença, se me posso exprimir melhor, e sê-lo-á sempre, quer queira quer não. Nestes discursos, agora publicados em volume, é ainda a emoção e a imaginação do poeta que nós devemos destacar e que tornam a sua prosa rica, colorida, bonita, desenvolta. Aliás, o Sr. Gustavo Barroso, que escreveu o prefácio do livro notou bem esse traço característico da prosa do nosso Príncipe da Poesia Brasileira: "Pois bem, a prosa de Olegario Mariano tambem brota do mesmo veio cristalino da alma, tambem nasce e vive do coração. Aliás, que será que esse poeta poderá fazer que não seja com o coração?" Estas palavras do Sr. Gustavo Barroso "que será que esse poeta poderá fazer que não seja com o coração?" sintetizam toda a obra maravilhosa desse formoso cantor das cigarras. Porque o Sr. Olegario Mariano é realmente um poeta que vai direto ao coração, que nos comove, que nos sensibiliza. Parece mesmo que ele põe um pouco do seu coração em tudo que faz. Por isso, a sua prosa é admiravel, cheia de encantamento, de bom gosto, de simplicidade despretensiosa e de emotividade comunicativa. Nada tendo desses poetas que procuraram saturar as suas poesias de fi-

losofia, ciência ou esteticismo, o seu feitio poético teria nascido duma sabedoria espontânea das coisas, instintivamente, como o de Casemiro de Abreu, sem afetação, sem imagens frívolas e pretensiosas. "Preferí, diz ele, invariavelmente deixar a alma, pela minha mão nervosa, dizer o que lhe aprouvesse num instante de alegria ou de tristeza. Nunca desejei mais do que isso, embora concordando com o velho Lamartine que a poesia é tambem "le souvenir et le presentiment des choses". Pedí-me tudo de minha desvalia, menos um verso com insígnia escolar que reflita um solene postulado estético ou filosófico. A minha poesia há de ser sempre lastreada de uma sabedoria espontânea que tambem não sei como obtive. As almas e as paisagens que nela aparecem, melancólicas ou alvoroçadas, surgiram sem sombra de sacrifício, que umas e outras estavam presas à minha emotividade de lírico incorrigivel".

E nada mais acrescentarei, senão que neste livro do Sr. Olegário Mariano, o prosador não desmerece de forma alguma o poeta mas que, muito ao contrário, ele continua a ser aqui o mais encantador poeta de todos os tempos. Magníficas as evocações de Guimarães Passos, de Joaquim Serra, de José do Patrocínio, de Araripe Júnior, de Mário de Alencar, Rodolfo Bernardelli, Euclides da Cunha e Bilac.

O Sr. D'Almeira Vitor, jovem de vinte e poucos anos publicou, no decorrer deste ano de 1938, um trabalho sobre Salazar, essa discutida figura de estadista, de pensador e de escritor da pátria lusa. Esse autor, que é atualmente uma das mais interessantes expressões da mocidade literária brasileira, que não precisou fazer romances pornográficos e imundos para se rotular de modernista como o Zé Bezerra Gomes, de ciclos de cana de açucar ou de versos pedregosos e fastidiosos como os de muitos poetastros de retaguarda que irromperam durante este ano, esse autor, dizíamos, estuda com extrema habilidade nas suas páginas sobre o político português, todas as circunstâncias que concorreram para a formação de seu carater, e os traços mais característicos da sua curiosa personalidade. Pela sua forma clara e precisa, pela inteligente disposição dos fatos e pela narração feita em estilo agradavel, o livro do Sr. D'Almeida Vitor ("Salazar", Norte-Editora, Rio), tornou-se uma obra indispensavel a todos que sinceramente se interessam pelas grandes figuras políticas do mundo contemporâneo.

O Sr. Mário Sette publica na Coleção "O Romance e o Conto", do Editor José Olímpio, o seu romance "Os Azevedos do Poço". O consagrado autor de "O Vigia da Casa Grande" e de tantas outras obras de real sucesso retraça aquí a história viva e interessante de uma família aristocrática do Recife, que tem por ambiente a sociedade dos fins do século passado. Muito bem fixados os tipos e costumes do meio pernambucano daquela época.

Ainda pelo editor José Olimpio foi lançado em fins deste ano o magnífico volume de reminiscências do sr. Rodrigo Otávio Filho. Neste livro, o Sr. Rodrigo Otávio Filho, que representa uma das mais preciosas aquisições da literatura brasileira de nossos dias, recorda, em páginas admiraveis, as figuras saudosas de Felipe d'Oliveira, Ronald de Carvalho, Mario Pederneiras, Gonzaga Duque e outros. Os poetas da "Lanterna Verde" e de "Luz Gloriosa" estão, sobremodo, retratados nessas reminiscências do Sr. Rodrigo Otávio com um carinho, uma delicadeza descritiva e uma fidelidade bem difíceis de se encontrar em outros que teem tentado o gênero.

No gênero biográfico, cumpre destacar a obra do Sr. Eloy Pontes — "A Vida Dramática de Euclides da Cunha" uma das coisas mais completas que já se fizeram sobre a vida e a obra do famoso autor dos "Sertões".

Não podemos igualmente deixar de aplaudir a bela iniciativa do Ministério da Educação imprimindo a "Antologia de Poetas Brasileiros da Fase Romântica", do Sr. Manuel Bandeira e as "Poesias completas" de Alphonsus de Guimarães. A antologia do Sr. Manuel Bandeira a crítica patrícia não tem poupado louvores dado o vulto e a utilidade do trabalho. E' sem favor algum uma das obras mais importantes que se publicaram no ano corrente e nós queremos estar coesos com aqueles críticos honestos e inteligentes que souberam emprestar à obra meritória do grande poeta de "Libertinagem" o seu exato valor.

O LIVRO E O RADIO

AS RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS DE P. R. A. 2, DO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

O Sr. Roberto Seidl vem realizando, todas as quintas-feiras, as resenhas bibliográficas de P. R. A. 2, do Ministério da Educação, nas quais aprecia e comenta tudo que vem saindo das oficinas gráficas das nossas grandes empresas editoras.

No ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA do ano passado, deu-nos o Sr. Roberto Seidl rápida noticia de sua atividade através do microfone daquela estação oficial, a antiga Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a decana de nossas emissoras, criada pelo espirito fecundo e empreendedor de Roquete Pinto que a ela vem ainda prestando os seus desvelados cuidados, na qualidade de seu diretor.

Interessando estas irradiações a todos que, entre nós, imprimem, leem e escrevem livros, pedimos ao Sr. Seidl que nos desse, de novo, algumas informações sobre as suas transmissões hebdomadárias referentes a atividade de nossos escritores, livreiros e editores.

Forneceu-nos, então, o Sr. Roberto Seidl as notas que se seguem:

As resenhas bibliográficas de P. R. A. 2, do Ministério da Educação, tiveram inicio a 3 de novembro de 1936. Desde esta data até 23 de novembro de 1937, sem interrupção, foram realizadas 51 palestras, em que foram noticiados, apreciados e comentados 194 livros, escritos sobre os mais variados assuntos, desde os compêndios escolares aos tratados de ciência, desde os manuais de conhecimentos uteis e práticos aos livros de ficção.

Estas publicações provieram de cerca de 30 casas editoras, daqui e de Portugal, destacando-se, como as que mais produziram: livraria do Globo, de Porto Alegre (22), livraria José Olimpio (19), Companhia Melhoramentos de S. Paulo (18), Schmidt-editor (14), Francisco Alves (12), F. Briguiet (11) e a livraria Lelo, do Porto (9).

Dezoito livros não deram indicações de editor nem de casa impressora, o que é um mau costume. Certas casas editoras, preocupadas em oferecer sempre "novidades" ao público e estar sempre, "em dia", teem o mau hábito de não declarar, na folha de rosto, nem mesmo no fim do livro, o ano da impressão, o que acarreta grandes embaraços e dificuldades aos estudos de bibliografia. E' um costume condenavel que não deve persistir.

No ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, correspondente ao ano de 1938, vem pequeno resumo das irradições bibliográficas "Através dos livros" ilustrado com as estatisticas dos assuntos tratados pelos

livros e com os nomes das casas e das empresas editoras.

Os assuntos mais tratados, em 1937, pelos 194 livros enviados a P. R. A. 2, foram: romances e novelas (32), livros sobre o Brasil (16), livros didáticos (15), medicina (13), livros para crianças (13), biografias (11) etc. Assuntos houve, como critica literária, peças de teatro, poesia que só houve apenas um livro.

De 23 de novembro de 1937 a 29 de dezembro de 1938, com pequenas soluções de continuidade, foram realizadas mais 31 palestras. Assim, de 3 de novembro de 1936, até aos últimos dias do último mês do ano que acaba de se extinguir foram transmitidas 82 palestras sobre as atividades dos nossos escritores e editores.

Nestas 31 palestras foram comentados e apreciados 197 livros assim distribuidos, por assuntos: livros para crianças — 41; livros didáticos, técnicos ou de conhecimentos gerais — 35; biografias — 20; romances — 17; livros sobre o Brasil — 16; romances policiais ou de aventuras — 14; biologia ou medicina — 14; contos e crônicas — 9; publicações periódicas — 8; poesias — 7; sociologia ou direito — 5; educação física — 4; crítica literária — 3; história da civilização — 3; viagens — 1. Total — 197 livros.

Estes 197 livros foram impressos ou editados pelas seguintes empresas gráficas: livraria do Globo, de Porto Alegre — 54; irmãos Pongetti — 27; Francisco Alves — 23; Companhia Melhoramentos de S. Paulo — 21; livraria clássica editora, Lisboa — 11; livraria José Olimpio — 21; livraria Lelo, Porto — 9; editora S. A. A Noite — 9; sem indicação de editor ou de casa impressora — 7; F. Briguiet — 6; Schmidt — editor — 4; H. Antunes — 3; Imprensa Nacional — 3; oficinas gráficas do Ministério da Educação — 2; Bedeschi — 2; Leuzinger — 1; Vecchi — 1; Getúlio Costa — 1; gráfica Olimpica — 1; J. R. de Oliveira — 1; livraria editora Guimarães, Lisboa — 1; livraria Jacinto — 1. Total — 197 livros.

Dispondo, apenas, de um quarto de hora semanal e sendo grande o número de trabalhos recebidos diariamente, muitos livros aparecidos no ano passado não puderam ser devidamente apreciados.

Destes livros, mais de trinta, vieram das seguintes livrarias; 10 da livraria José Olimpio, 6 da editora S. A. A Noite, 5 dos irmãos Pongetti, 3 da livraria do Globo, de Porto Alegre, 3 de Schmidt — editor, 2 de F. Briguiet, 2 da livraria Alves, 2 da tipografia do "Jornal do Comércio", 1 da Companhia Melhoramentos de S. Paulo. Total — 35.

Os assuntos versados por esta trintena de livros, que não puderam ser apreciados no ano que findou são os seguintes: romances e novelas — 11; livros didáticos — 7; livros sobre o Brasil — 6; poesia — 5; crônicas e contos — 4; medicina — 2. Total 35 livros.

Diante dos dados numéricos colhidos nestes últimos anos (1937 e 1938), dos livros remetidos ao autor das resenhas bibliográficas de P. R. A. 2, conclue-se que foram os romances e as novelas, os livros didáticos e os livros sobre o Brasil, os temas preferidos pelas nossas casas editoras.

Em circular enviada em 1936, aos nossos editores, ficou especificada a verdadeira finalidade destas irradiações semanais sobre as novidades aparecidas em nossas casas de livros. Aí se disse que estas irradiações não visavam fazer critica literária, nem tambem ficar circunscritas a meras noticias sobre o aparecimento do livro. Nem a critica minudenciosa e trabalhada à Silvio Roméro ou à José Verissimo, nem tampouco as linhas laudatórias rabiscadas apressadamente pelos amigos do autor que dispõem de conhecimentos nas redações dos jornais e das revistas.

Tendo o livro em mãos e debaixo dos olhos, o autor das resenhas bibliográficas estará sempre em condições de esclarecer o público ledor bordando alguns rápidos comentários sobre as obras publicadas e sobre os autores que as subscreveram e as casas editoras que as imprimiram. Sem a preocupação do elogio obrigatório ou a mania doentia do ataque sistemático procurou sempre o locutor das resenhas da P. R. A. 2, dar ao ouvinte uma idéia aproximada do nosso movimento bibliográfico.

E, decorridos dois anos, creio que o autor de "Através dos livros" vem realizando o que prometeu.

PERSONAGENS DE UM ROMANCE QUE NÃO ESCREVEREI

Dias da Costa

Conhecí-o quando ele tinha apenas quinze anos. Era meu vizinho e mentia com uma perícia como nunca mais vi ninguem mentir depois dele. A sua imaginação poderosa criava cenas realíssimas, forjava pormenores adequados, tecia a urdidura delicada dos enredos mais extravagantes do mundo. O seu senso do humor era notavel. Pegava tipos reais, nossos conhecidos e, sem perder nenhum dos seus traços ridículos, caricaturava-os grotescamente. Começava quasi sempre pelo próprio pai. A figura austera daquele velho de cabeça branca, através das caricaturas de Afonso, surgia-me sob um ângulo totalmente diverso daquele por que eu me habituara a vê-lo. O que antes enxergava era o negociante honesto, estabelecido há trinta anos na mesma casa, com um armarinho discreto e bem afreguesado. A única mudança que o velho se permitia no seu negócio era, no mês de junho, o letreiro de caracteres vermelhos anunciando fogos. Depois tudo voltava à discrição anterior. O velho Joaquim espigado atrás do balcão, enfiado nas suas calças de brim de listas, com o seu paletó preto de alpaca luzindo como azeviche e um boné preto de seda, protegendo cautelosamente a sua careca rubra, dos golpes traiçoeiros de ar. No dedo médio não lhe faltava nunca o anel de brilhante graúdo. Ao seu lado, derramando as banhas numa poltrona de vime, a mulher, gorda e quadrada, olhava através dos óculos de aro de aço que se esgarranchavam no nariz chato, os pontos interminaveis do croché, que os seus dedos grossos teciam infatigavelmente. De vez em quando um freguês conhecido interrompia aquela paz emoliente para comprar dois carretéis de linha lavavel ou um papel de agulhas sortidas, marca Imperador. O velho Joaquim, em gestos medidos, despachava impassivel, sem quebrar o seu aprumo hierático. No entanto, através da conversa de Afonso, o que eu via era o outro lado dessa vida. O velho era um sujeito sórdido e sovina, dissimulado e hipócrita. Confessava-se todos os domingos na igreja da Piedade, contava os palitos que distribuia aos sábados pelos filhos, comprava ovos no escuro e de vela acesa, para olhar através da mão fechada em óculo a transparência que lhe garantia a sua frescura. Afonso engendrava histórias cômicas, onde o velho Joaquim aparecia sempre como herói grotesco e ladrão. Via-o forjando um estratagema complicado para lesar uma companhia de seguros de vida. Via-o roubando os empregados, enganando a freguesia, torturando os filhos, explorando a mulher. Do pai, Afonso passava à madrasta, da madrasta chegava aos tios e depois, esgotada a familia, era a vez dos vizinhos. Eu ouvia fascinado o desfile de todos aqueles ridículos espécimes humanos que Afonso ia fotografando sem piedade. Sempre pensei que naquele rapaz havia uma grande promessa de romancista. Mas, com o tempo, o que saiu foi coisa diferente. Quando eu me mudei para outra cidade Afonso já tinha dezenove anos. Depois fugiu de casa e emigrou para o sul. Tive notícias dele através dos jornais, dois anos depois. Fora condenado a alguns anos de cadeia porque enganara uma legião de criaturas ingênuas. Tomou, com a maior facilidade do mundo, o dinheiro de todos os que acreditaram nas suas conversas. Parece que a policia não gostou muito dos processos que ele usava para ganhar a vida. E o resultado dessa divergência foi que Afonso teve de passar alguns anos atrás de grossos muros que o isolaram do mundo. No entanto, ainda hoje, penso que alí estava a semente de um grande romancista. Apenas ele errou o caminho. Em vez de escrever as suas histórias preferiu vivê-las. E esse negócio de viver romances, raras vezes dá certo na vida real.

Alberto morava numa cidade do recôncavo baiano e era sapateiro. De oito horas da manhã às três da tarde batia concientemente as suas solas tanadas, com uma boa vontade digna de todos os elogios. Creio que sofria do fígado. Desconfiei disso pela sua cor amarela e porque nunca o vi fazer uma extravagância gastronômica. Mas nunca conseguí confirmar a minha suspeita. O que eu desco-

brí, com o tempo, foi que Alberto era poliglota e erudito. Lia em cinco línguas estrangeiras e conhecia intimamente toda a literatura clássica. Entretanto poucos conseguiam descobrir isso. Corava à mais leve alusão à sua cultura e desconversava com embaraço. Uma vez porem resolveu conhecer a Capital. Meteu-se numa fatiota de brim pardo, guardada há anos na mala de tampa cabeluda e abaulada e tomou o vapor à meia-noite. Desceu o rio serpeante entre a folhagem verde. Viu depois o mar que se alargava diante de seus olhos ansiosos de horizontes. Passou curioso diante da ilha de Itaparica. Enjoou na meia travessia, onde as ondas são batidas e constantes. Olhou a cidade grande que ia se aproximando, com as suas casas penduradas dos morros. Fixou com interesse o velho forte de S. Marcelo, depois de ter olhado com igual interesse as muralhas ásperas do quebra-mar. Logo depois viu o navio atracar no cais barulhento com o coração aos saltos. O movimento era intenso na doca. Carregadores fardados de azul atropelavam-se disputando carretos. Mulheres de vestidos multicores esperavam tagarelando amigos e parentes que chegavam. *Chauffeurs* cheios de grosseria vozeavam palavras ininteligiveis, procurando fregueses. Agentes de hotéis suspeitos distribuiam cartões impressos, cheios de dizeres esquisitos e escritos em sintaxe extravagante. Um navio negro descarregava perto e os guindastes movimentavam-se, com as lingadas perigosamente baloiçando no ar. Alberto espiou aquilo tudo da amurada do vapor, sentindo o coração apertado. Ele que já lera muitas vezes com raro encanto a *Odisséia,* que viajara deslumbrado com Marco Polo, que nos *Lusíadas* acompanhara os grandes navegadores, que descera aos infernos com Dante, que acompanhara Gulliver ao país de Liliput, através do original inglês, tomou medo da cidade do Salvador, pequena colmeia de meio milhão de habitantes e setenta e cinco igrejas cheias de fiéis e de ouro. E ficou no navio, isolado e trêmulo, sem ânimo para desembarcar. Voltou à noite, com a volta do vapor. E, de novo em casa, como antes, continuou lendo placidamente o seu Byron, nas horas em que não estava batendo concienciosamente as suas solas tanadas que iriam proteger do contacto da terra os pés dos homens que ele desejava continuar amando. E até hoje nunca mais ele pensou em visitar a grande cidade que não chegara sequer a conhecer.

Um passeio ao redor da Questão Negra

(Introdução a um estudo sobre "Dois Poetas de sangue africano — B. LOPES e CRUZ E SOUZA"

Melo Nobrega

O negro entrou para a ordem do dia dos problemas culturais brasileiros. Etnógrafos, antropólogos, sociólogos e historiadores porfiam em rehabilitá-lo, descobrindo-lhe valores e definindo-lhe influências. Há, nessa afanosa reivindicação, forte sôpro de simpatia humana, a serviço da qual se pôs a ciência, fértil, como sempre, em pesquisas e teorias. A semente plantada por Nina Rodrigues é, hoje, árvore frondejante, de cujas ramas pendem frutos de boa polpa. Os livros especializados sobre a questão negra formam biblioteca. E, em congressos ruidosos, teses eruditas ou simplesmente esforçadas provam que o tema já desceu dos gabinetes de estudo para as conversas domesticas, dos especialistas para os curiosos. Não faltam investigadores leigos que, no desejo de bubuiar ao sabor da corrente, escalem favelas e se esgueirem nos terreiros das macumbas, de estilógrafo e canhenho em punho, a registrar impressões pessoais, para trazê-las a público, à guisa de contribuição em prol da grande causa. Daí advem, sem dúvida, aumento da confusão reinante, por isso que a colheita abundosa e desautorizada obriga os entendidos a demorado exame e expurgo cauteloso. Bem ou mal, porem, esse entusiasmo resgata o longo período de esquecimento a que votamos o africano, enquanto o assunto já era tratado com zêlo e inteligência fora de nossas fronteiras. Somos, agora, incansáveis em pôr em dia os estudos afronegristas, reconstituindo documentação perdida, comparando fontes e depoimentos, esclarecendo incoerências e inverdades. O problema dilue-se em sem-número de questões particularizadas, acendendo debates e escaramuças, em que, como de habito, entra uma ponta de vaidade e bisantinismo. Este, inventariando o linguajar brasileiro, denuncía étimos africanos em bastas expressões de uso cotidiano; aquele investiga a origem e a localização dos grupos negros traficados, estoutro analisa as sobrevivencias feiticistas de nossas populações camitas, apontando-lhes deturpações sincréticas, por força da assimilação do rito católico; aqueloutro historia as consequências econômicas e demográficas do cativeiro... Na brevidade das memorias e na profundeza dos tratados, o elemento negro é examinado, em corpo e alma, seguido pelo rastro do sangue e do psiquismo nos meandros da mestiçagem. Gabam-lhe o sentido plástico e musical; salientam-lhe a sensualidade exaltada; louvam-lhe o primitivismo ingênuo. Não faltam autores que, inclinados à generalização, tentem explicar, com tais argumentos, muita particularidade do panorama social e político do país.

Sob critério sizudamente científico, chega-se quasi aos exagêros do sentimentalismo romântico do século passado, na tentativa de superhumanização do ameríndio. O quilombóla Zambí, sublimado como herói de uma raça, precursor e mártir, deixa longe, nesse arrolamento de méritos, o guerreiro emplumado de Gonçalves Dias.

A diferença existente entre as duas campanhas é, porem, facilmente determinavel: a do indio foi puramente estética, nascida de pruridos nacionalistas; a do negro tem fundo científico e traz o sinal universalista que se imprime em todas as cogitações intelectuais do momento. E, porísso mesmo, a corrente negrófila apresenta maior alcance. No indianísmo suspiravam patrias abafadas, no afronegrismo estreme a humanidade inquieta. Aquele estacava às fronteiras ainda mal delineadas das nações americanas; este rompe as balisas políticas e naturais, atravessa o oceano e, em plena Europa, enfrenta o preconceito etnográfico da supeiroridade de certas raças, razão de lobo que ameaça o rebanho humano...

Se o indígena brasileiro concorreu para inspirar a Revolução Francesa, como pretende provar, em livro recente, certo ensaista nosso, função muito mais elevada está sendo come-

tida ao negro de todos os continentes. Encarnando as inquietações do século, o africano, pôço histórico de vilepêndios e injustiças, é armado cavaleiro e atirado à luta, em defesa da humanidade, que sempre se extremou de seu convivio. O afronegrismo de nossos dias tem raízes políticas. Pelo menos o de certo grupo bem representado no Brasil, em cuja atividade aparentemente científica se percebem intenções subterrâneas de internacionalismo esquerdista...

Daí, com segurança, os excessos a que se entregam, dizendo-se, embora, fieis cultores da investigação positiva. Tudo quanto fôra levado à conta de inferioridade de raça, é, agora, improvisado em carater. Por outro lado. o negro brasileiro, nesses estudos, fica deformado, quasi irreconhecível, porquanto as pesquisas visam, de maneira especial, à reconstituição de tipos originais já diluidos na miscigenação. Diante de nossa realidade negra surge uma entidade teórica, recomposta pacientemente, em audaciosas hipóteses psicológicas e éticas. As sobrevivências místicas, os elementos fisiológicos, os remanescentes filológicos de línguas não escritas, — tudo isso, revisto na ordem inversa do tempo, conduz a desvios, maximè se se considerar que, por várias centúrias, nosso negro despertou menor interesse que os animais domésticos, aos quais, pelo menos, se dedicavam cuidados seletivos, no sentido de melhor aparelhá-los para utilidades imediatas. Os habitantes de nossas senzalas acasalavam-se ao sabor de conveniências alheias, ao acaso das solicitações sexuais, ao capricho de oportunidades momentâneas, enquanto que, para equídeos, muares e bovinos, já havia preocupações eugênicas, no emprego de reprodutores de bom sangue... Paralelamente, o psiquísmo do escravo deformava-se na catequese. Menos imperativa do que a imposta ao bugre aldeado, prolongava-se a cristianização ao conchêgo das familias brancas, desnaturando as crenças originais na aceitação progressiva do ceremonial católico. Daí, talvez, a impossibilidade de restabelecer os tipos puros que nos vieram de África. Faltaram às peças da Guiné, cronistas e interpretes que lhe registrassem, com fidelidade, linguagem e crença, ao contrario do que se verificou com o aborígene, em seu próprio "*habitat*", por força da atuação missionária dos jesuitas. A America fôra uma sementeira de patrias e uma colheita de almas; a África, apenas, um mercado de corpos e um campo de competições internacionais.

De. tudo isso decorre, possivelmente, insegurança na apreciação das influências exercidas pelo negro na realidade social brasileira. O escravo africano, por condições especiais, só nos afetou passivamente. Não nos legou as boas qualidades objetivas que possuia na terra natal. Deixou-nos, somente, impressões sentimentais. Alforriado, recebendo sua carta de cidadania, exalçado por todas as hipérboles oratorias da campanha abolicionista, nosso pobre negro, com raras exceções, continuou, moralmente, o mesmo cativo de antes. Tradições, línguas, crenças, tudo quanto perdera, não foi integralmente substituido. Nossas populações negras e mestiças, sem a diciplina do eito, inculta, viciada e esquecida, fazem fundo destoante à beleza e ao progresso de nossas grandes cidades do norte e do centro, com os tapumes de seus mocambos, com a vadiagem do violão e da modinha, com o exibicionismo simiesco de sua sexualidade exaltada.

E esse aspecto desolador do quadro da civilização brasileira impressiona desfavoravelmente os estrangeiros que nos visitam, dando ensanchas a generalizações fáceis, que desmentem e neutralizam a propaganda oficial. Quem se der ao trabalho de respigar, nos livos e artigos escritos sobre o Brasil por cientistas e literatos que estiveram entre nós, os trechos alusivos ao negro, poderá organizar uma antologia entristecedora, através da qual nossa vaidade sofre fundos e extensos arranhões, como quem caminha entre cactus. Haverá, aí, muita leviandade e impostura, não há negá-lo. A impressão fica, porem, e o peor é que. bem no fundo, tem o seu quê de procedencia...

A mestiçagem, entre nós, inventou uma série completa de sub-tipos: do negro puro ao branco verdadeiro, há todos os matizes imagináveis... cafusos, curibócas, mulatos obrancaranas de todos os tons. O preconceito da cruza foi quebrado, há séculos, pelo exotismo amoroso do português e, até, mais tarde, por outras raças orgulhosas, que se não pejaram de colaborar em nossa confusão étnica, dando-nos o mestiço asso, de iris esverdeada e gaforina ruiva...

Nossos negros não se grupa ram, fechando-se na endogamia e procurando um sentido de reação contra o desaparecimento de suas características raciais. Nem podiam fazê-lo. A tolerância ambiente não justificava defesas. Perderam, assim, seus traços ativos essenciais. A função do mulato, de outra parte, é a de todos os mestiços: odeia o elemento inferior de que provem. Nascem

dessa atitude os defeitos que a sátira de Gregório de Matos já verberava nos cabras de seu tempo.

Bem diversa é a situação das populações negras da America do Norte. Muradas pelo prejuizo da "color line", amedrontada pelos "pogroms" e "lynchings", refugiados em bairros privativos — Harlem, South, Hill District, em Nova York, Chicago e Pittsburgh, — obrigados a frequentar templos e escolas próprias, concentrando-se afinal, sob a pressão dos brancos, mantiveram quasi inalterados, mesmo através de mestiçagem, caractéres físicos e psíquicos. E reagiram. Na musica, cultivando os rítmos tradicionais, notam-se-lhes ainda os ecos do banzo, a angústia do exílio secular: "plantation song", "revival song", "labor song", "blue"; ou o desabafo ruidoso, primitivo e ingenuo, do "jazz-band". Na dansa, expandindo a lubricidade ingénita, põem bamboleios de mamas e quadrís, tregeitos obcenos de cópula: "shimmy", "rag-time", "black-bottom", "cake-walk", "charleston"... E essa musica e essa dansa, adotadas pelos brancos e tornadas, pelo cinema e pelo rádio, gênero de exportação, foram havidas por nacionais. Na há "show" americano que se furte à apresentação de números sensacionais, sempre bem recebidos, em que haja sapateadores e cançonetistas de rosto pintado de preto, cartola, casaca e luvas brancas: "jazz-singers" e "top-dancers". Alguns atores célebres da tela fizeram carreira nessa contrafação negra, como Al Johnson e Eddie Cantor.

Na poesia, a "voz de Dixie" sobe do sul, dos algodoais do Missíssipi, repercutindo de leste a oeste, inconfudivel, chegando a ser a manifestação mais interessante da literatura americana. Poesia negra, feita por negros e para negros, corre aí um tufão de revolta, rola a melancolia dos oprimidos pelo cativeiro que era, a principio, do corpo, e continua, ainda mais insuportavel, talvez, a agrilhoar almas.

Apartados da comunidade social do país, o negro estadunidense, que já o dividiu em guerra cruenta, criou mentalidade própria, encontrou no sofrimento e na humilhação anseios inabafaveis de liberdade e forças estóicas para a luta. Os poetas lastimam-se e ameaçam. Se Corrothers, Toomer e Cullen choram a miséria de sua raça,

"Dream — singers all,
Story-tellers all,
Singers and dancers,
Dancers and laughers,
Laud-mouthed laughers in the [hands of Fate..."

Langston Hughes profetiza a redenção próxima:

"Tomorrow
I'll sit at table
When company comes.
Nobody'll dare
— Eat in the kitchen.

Then,
Besides trey'll see how beau- [tiful I am
And he ashamed.

I, too, am America."

Dez ou doze milhões de negros recitam em voz baixa essas estrofes ameaçadoras. E, em movimentos pan-negristas, fundam associações para defesa dos interesses da raça, como essa "National Association for the Advancement of Coloured People", dirigido por intelectuais de valor. Os publicistas "yankees" já admitem, em livro e jornal, expressões que, há vinte anos, seriam ofensivas à nacionalidade: "New Negro", "Negro Prestige", "Racial Revival" — como notou Scholl.

Artur Ramos, em cujos trabalhos colhemos alguns dos dados acima, põe em relêvo a particularidade de não se haverem os negros da America do Norte resguardado de influências estranhas às crenças primitivas, ao contrario de como se verificou com outras de suas características raciais. O aparente ilogismo, de vez que o sentimento religioso é, em geral o mais perduravel, explica-se justamente pelo fato de se terem mantido puros os cultos originais, o que facilitou sua disparíção.

Anda aí, pois, a população africana dos Estados Unidos reagiu, por motivos conhecidos, a ponto de constituir, em nossos dias, sério problema político-social, de difícil solução.

Nosso pobre negro, bem ao contrario, degradou-se completamente e, da raça originária, só conserva qualidades emotivas. Deixou-nos, a-par de vocabulário relativamente escasso, alguns temas folclóricos já influenciados pelos mitos indígenas, a preocupação do sonorò e do vistoso, a sensibilidade rasa das mães-pretas, o alvoroço sensual das senzalas e casas-grandes, a depressão de revoltas interiores raramente objetivadas — fontes de tantos danos morais que perturbaram e perturbam, ainda, o equilíbrio sentimental e a atividade realizadora de nosso povo.

Os negros e mestiços que chegaram, entre nós, a destacar-se pela inteligência e pela cultura, timbraram sempre em fugir às questões de sua raça. A fóra a campanha abolicionista, em que havia interesses imediatos já prometidos e em vias de realização, nenhum de nossos negros intelectualizados procurou imprimir orientação negra às suas cogitações cientí-

ficas e literárias. A extinção do cativeiro, sonhado e pregado por brancos, salvo pequenas insurreições acidentais, independeu da ação dos maiores interessados. As fugas e as rebeliões individuais eram insufladas e amparadas por brancos, que, muitas vezes, tiveram dificuldade em despertar no negro fatalista e acovardado, sentimentos de honra e liberdade.

Os capitães de mato e os feitores, o chicote, o tronco e os anjinhos falavam mais alto à alma dos "fôlegos vivos"....

Os arroubos tribunicios que precederam a promulgação da Lei Áurea, ademais, não iam alem de duelos oratórios entre monarquistas e republicanos. O negro entrava aí por conveniências políticas, quasi que apenas, para mascarar o assunto real da contenda. Apenas os imperialistas liberais eram, talvez, sinceros na defesa do escravo. Que os outros — democratas e conservadores, viam apenas uma questão a que se ligava, indissoluvelmente, a estabilidade do trono. As consequências econômicas da abolição interessavam mais que a própria situação do escravo. Aliás o cativeiro, por força de leis já vigorantes estava com os dias contados. A extinção do tráfico, a alforria dos nascituros, a liberdade dos sexagenários bastavam para que a nódoa indigna desaparecesse do corpo do império sem remedios corrosivos. Delineava-se, assim, desde aquele tempo, o recurso de elevar o negro, sempre passivo, à condição de bandeira, na luta em favor de ideais que lhe eram distantes...

O maior dos pregadores do abolicionismo e um dos expoentes da mentalidade negra de nosso país — José Patrocinio — esquecia, ás vezes, a cor de sua pele, como daquela feita em que, discursando em público, deixou escapar a célebre tirada escandalosa: "Nós, os latinos..."

Neste episodio, largamente conhecido, pode ser resumida a posição intelectual dos brasileiros de origem africana: prolongando a obra de descaracterização física e psíquica de sua raça, chegam a afetar completo esquecimento do sangue que lhes corre nas veias. Sobre o corpo tisnado pela melanina traçam o manto da cultura branca. Mas, nos gestos excessivos que lhes veem da ancestralidade expansiva, deixam entrever o abominado sinal que os humilha e tortura. Ao invés de seguir os arrancos da alma, preferem adotar sensibilidades de emprestimo, esforçando-se por serem brancos pelo espírito, uma vez que ainda não foi descoberto aquele processo maravilhoso, descorante e alisador, que Monteiro Lobato previu nas páginas proféticas de "O choque". A quem lhes estude, sob esse aspecto, a obra literária, tal particularidade ressalta à primeira vista. Nossos poetas de sangue africano, por exemplo, raramente abordaram o tema que tão de perto lhes falava. Que os brancos lamentassem em verso a amargura do escravo, cantassem suas aspirações, explorassem seus rítmos bárbaros! A musa do negro e do mestiço, entre nós, tem cabelos louros e olhos azues... O lirismo almiscarado de Maciel Monteiro, o nacionalismo sentimental de Gonçalves Dias, o cientifismo pedante de Tobias Barreto, a frieza cautelosa de Machado de Assis, o exotismo lantejoulante de Bernardino Lopes, o decadentismo extravagante de Cruz e Souza... que dizer da arte desses homens que traziam, em artérias e veias, os globulos do grande sofrimento irremediável? Haverá, aí, inspiração, técnica e bom-gosto, tudo que se pode exigir de poetas. Ninguem dirá, porem, salvante o último, que não soube aceitar o peso da fatalidade, explodindo em revoltas pessoais, ninguem dirá que atrás desses poemas estejam negros e mestiços integrados no espírito e nos anseios da raça boa de que provieram. A não ser, talvez, em pequenas notas, à margem dos motivos principais, que traem o pudor deprimido de aludir, sequer, à origem aviltante. E, muitas vezes, nem isso, tal o cuidado pôsto no disfarce.

Não faltará quem, versado nos mistérios do psiquismo negro, dê solução a esse pequeno problema de investigação literária. A questão não é nova, nem são novas as considerações que fazemos, longe de qualquer pretensão erudita. Aos entendidos que estranharem o ousio, acotovelando-nos para fora do assunto, lembraremos tranquilamente que desde 1888 o negro, no Brasil, já não pode ser propriedade privada. E mais: que a intromissão de leigos em questões especializadas é a mais legítima expressão de cultura brasileira, feita de audacioso autodidatismo...

O que pensam de "Ilustração Brasileira" os grandes nomes da cultura nacional

Prof. A. Austregesilo, presidende da Academia Brasileira de Letras.

A respeito de "ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA", mensário editado pela S. A. O Malho, que se tornou desde seu aparecimento, uma expressão da cultura nacional e um orgão da nossa elite pensante, reproduzimos nesta página a opinião de diversos membros da Academia Brasileira de Letras que se encontram enfileirados entre os maiores nomes da nossa literatura contemporanea, não apenas pela posição que ocupam no mundo das letras, mas, principalmente pela amplitude e significação da obra literária e artistica de cada um deles.

"Emitir juizo acerca da "Ilustração Brasileira" é julgar causa definitivamente julgada, e sem mais instância, pois não há quem a veja sem lhe proclamar os primores do texto, das ilustrações e da arte gráfica".

Claudio de Souza

* * *

"A civilização de um povo conhece-se pela cultura artistica e cientifica. A "Ilustração Brasileira" é vivo atestado do nosso progresso intelectual".

A. Austregesilo

* * *

"Uma ilustração enfeita um livro: a "Ilustração Brasileira" já é adorno do Brasil".

Afranio Peixoto

"Ilustração Brasileira" nasceu com uma finalidade unica: "ser brasileira". E nem um dia faltou ao seu admiravel destino".

Adelmar Tavares

* * *

"Em minha opinião, a "Ilustração Brasileira" é o mais claro indice da espiritualidade e da cultura do nosso paiz".

Mucio Leão

* * *

"A 'Ilustração" é o espirito e a imagem da arte brasileira: embora o mundo se torne cada vez mais feio, a sua beleza avulta cada vez mais, renovando o milagre do seu natal".

Celso Vieira

* * *

"A Iustração é uma ilustração".

Fernando Magalhães

* * *

"A "Ilustração Brasileira" é, sem duvida, a revista que mais nos orgulha. As artes gráficas do País tem nas suas páginas uma alta expressão de beleza e a literatura nela repousa como em sua propria casa".

Olegario Mariano

* * *

'A "Ilustração Brasileira" reflete com fidelidade o panorama da cultura brasileira".

Barbosa Lima Sobrinho

* * *

"A "Ilustração" é o melhor cartão de visita da cultura brasileira".

Gustavo Barroso

* * *

"A "Ilustração Brasileira" destruiu o mito da incompatibilidade entre o povo e as elites. Servindo á causa da intelligência, fez-se um instrumento da educação do povo, da cultura das massas. Todos os mêses, um raio de luz e de beleza percorre oito milhões de quilometros quadrados".

Osvaldo Orico

* * *

"Com respeito á ilustração do Brasil, já muito significa haver nela uma "Ilustração Brasileira". E' um indice".

Filinto de Almeida

* * *

"Ilustração Brasileira" realizou um belo programa de cultura. E' uma revista de esplendor literário e sonora brasilidade. E é um florão heraldico das nossas artes gráficas".

Pedro Calmon

IMAGENS DA FINLÂNDIA

Jayme Adour da Camara

Foi em 1928 que tive a revelação do Kalevala, o espírito, a própria tradição da Finlândia. Devo esse conhecimento a um acaso. Estava eu em Itatiaia quando conhecí os primeiros habitantes daquela região nórdica.

Em Itatiaia há uma estação de repouso, frequentada, naquela época, quasi que exclusivamente por estrangeiros. E não indaguei como chegaram até lá os finlandeses a que me referí. Recordo-me do espanto da gente que se achava na montanha diante dos novos forasteiros que apareceram inesperadamente. Ninguem pôde identificá-los logo. Até os velhos alemães, que lá se achavam, não sabiam que espécie de país era a Finlândia. Diziam que era uma região que ficava muito ao norte e nada mais. Mas aqueles homens silenciosos, tranquilos, imediatamente me interessaram. Conviví no meio deles algum tempo, fazendo-me entender um pouco por palavras e mímica. Quando não havia entendimento possivel, eles cantavam. E através da musica tive a revelação da Finlândia.

O meu primeiro artigo sobre os fínicos foi escrito por adivinhação. E posteriormente, quando já me achava lá, pude testemunhar que tudo estava certo. Sentí e compreendí a Finlândia à distancia. O meu iniciador em assuntos finlandeses foi o sr. Toivo Uuskalio, um dos tais fínicos conhecidos na montanha, fundador do núcleo colonial de Resende, no Estado do Rio, e homem de grande cultura e de renome científico em seu país. E' autor de numerosos livros de filosofia, economia e história natural.

Estabelecido esse primeiro contacto procurei saber mais tarde o que era realmente a Finlândia. E li tudo quanto me poderia interessar sobre o meu assunto: geografia, história, relatos de velhos viajantes. Andei às voltas com Regnard, que estivera na Lapônia no século XVII, e com Bernardin de Saint-Pierre, para citar somente os primeiros escritores que se ocuparam com aquela longínqua região boreal.

E desse modo havia encontrado um filão precioso: a Finlândia. Era qualquer coisa de inédito para mim e quiçá para o Brasil. E só assim estaria justificada a minha campanha de revelar, de trazer para nosso conhecimento a vida de um povo, cuja civilização não nos poderia deixar de interessar.

Da Finlândia apenas conhecíamos o conde e ministro Steinbroken, personagem de "Os Maias". Mas o representante diplomático da Finlândia, na ficção do Eça, não tem nada de finlandês. A começar pelo nome e pela genealogia apresentada pelo romancista. Steinbroken é mais sueco do que finlandês. No entanto não deixou de fazer referências exatas a certas peculiaridades do finlandês com respeito à musica e ao gosto do povo pelo canto. E mais nada. Steinbroken, no entanto, vive na memória de todos nós.

Estabelecido esse meu interesse pela Finlândia, nada mais me restava senão partir. Se no Brasil houve quem estranhasse o meu entusiasmo por país tão exótico, de clima excessivo e quasi no Ártico, na Finlândia tambem me fizeram insistentes perguntas porque

escolhí tal região para objeto de minha curiosidade de reporter. Eu argumentava que a terra de Sibelius possue uma civilização bem caracterizada, cujas conquistas bem que poderiam interessar a outros paises desde que fossem reveladas. Fui à Finlândia para conhecer a sua cultura e identificar-me com alguma coisa de diferente e estranho.

Aproveitando a minha estada na Finlândia, de mais de um ano, não esquecí que era tambem brasileiro, sobretudo quando pude testemunhar que o Brasil ainda era muito pouco conhecido nos paises escandinavos. E desde esse momento sentí que deveria fazer uma explicação pormenorizada do Brasil através da imprensa finlandesa. E durante meses seguidos escreví longos artigos sobre nossas coisas, para as quais encontrei a mais confortadora simpatia. A minha viagem revestiu-se de uma dupla significação: revelar o Brasil aos finlandeses e mostrar a Finlândia aos brasileiros.

* * *

Não obstante ser uma das regiões mais ásperas do Grande Norte, a Finlândia não deixou de ser cobiçada. Daí o episódio, na sua história política, de sete séculos de anexação por parte da poderosa Suécia e de cem anos por parte da Rússia tzarista. Com a convulsão da Grande Guerra, libertou-se do jugo, reintegrando-se no seu ritmo de nação independente. E hoje é um dos paises mais dianteiros daqueles lados. Enquanto seus vizinhos da península se conservaram coroados, a Finlândia, desprezando o oferecimento suspeito de uma coroa da casa Hohenzollern, constituiu-se em república unitária e democrática. E nestes últimos vinte anos realizou o milagre de poder mostrar ao mundo uma das mais harmoniosas organizações sociais do presente. Basta olhar a sua legislação social e agrária, a assistência ao trabalhador e à criança para se ter tal impressão O cooperativismo logrou no ambiente finlandês um desenvolvimento apreciavel. Tudo lá, nesse sentido, é feito de molde a atender aos interesses da coletividade. No tempo em que lá viví pude testemunhar o *élan* com que o povo se entregava à obra de reconstrução da economia nacional. A Finlândia se desenvolvia num ambiente de confiança. Todos trabalhavam com a única finalidade de cooperar para o engrandecimento do país.

O autor deste artigo sentado sobre os gelos do golfo da Finlandia.

Interpretação de Gallen-Kallela do poema "Kallevala".

Helsinki ressurgiu a meus olhos como a pequena cidade modelo. Há conforto e luxo discreto. As habitações coletivas são os arranha-céus de lá, no máximo de 8 andares, subdivididos em apartamentos privados.

Ainda é obra do cooperativismo. Raríssimos são os prédios, desse feitio, de um só proprietário. Todo o mundo possue habitação própria nos grandes prédios, que se sucedem por toda parte, formando ruas de uma irrepreensivel linha arquitetônica. E a capital finlandesa é apenas uma cidade de pouco menos de 300 mil habitantes.

Os seus habitantes, no entanto, teem os mesmos hábitos e requintes peculiares aos filhos das grandes metrópoles tentaculares. A vida social oferece aspectos magníficos: há

gosto pela cultura de toda a sorte e grande apreço pelas coisas do espírito. Não há um só estrangeiro que se não admire em deparar nessa cidade nórdica uma das mais completas livrarias da Europa, a "Akademiska Bokhandeln", ao meu tempo, com cerca de 19 mil metros de prateleiras. A Finlândia é uma nação de quasi 4 milhões de habitantes sem um só iletrado. A instrução é rigorosamente obrigatória. A difusão do ensino, com os seus modernos apparelhamentos pedagógicos, não é uma abstração burocrática, mas uma realidade que logo se testemunha. O mais modesto operário teve no mínimo seis anos de aprendizado nas Escolas do Povo. Os cursos superiores nas várias Universidades do Estado não são proibitivos, como se pode ver noutras partes.

A Finlândia vive numa perpétua festa de espírito. E poucos paises, da mesma significação, podem apresentar um conjunto de nomes como o pode fazer o longínquo país do norte. O mundo já não ignora a existência de um Aleksis Kivi, de um Runenberg, de um Linnankoski e de um Edelfelt e de inúmeros outros. No presente, a Finlândia deve orgulhar-se de ser a pátria de Jean Sibelius, um dos maiores compositores contemporâneos; de Vaino Aaltonen, o criador da moderna escultura e finalmente de Eliel Saarinen, o arquiteto prodigioso, ciclópico, que obteve, em concurso famoso, o primeiro prêmio da "Chicago Tribune" por ter encontrado a solução estética do problema dos arranha-céus norte-americanos. E ultimamente perdeu a Finlândia a Galen-Kallela, o máximo pintor e intérprete da epopéia popular finlandesa, o "Kallevala".

Cena da epopéia popular finlandesa.

Não seria necessário citar todos os nomes que enobrecem o país. Raça de homens fortes e tranquilos, a Finlândia é ainda o berço de Paavo Nurmi, o homem dos passos de sete léguas, campeão do mundo, corredor invencivel.

E' esta a imagem, já diluida pelos anos, que posso apresentar neste momento da Finlândia, que continua a crescer e a se afirmar depois que a deixei para nunca mais voltar.

VARNHAGEN E JOÃO DO RIO
(OS DOIS NOVOS BUSTOS DA CIDADE)

Roberto Seidl

No mês de Outubro do ano que vem de findar, no breve espaço de sete dias, foram inaugurados, na cidade do Rio de Janeiro, mais dois pequenos monumentos públicos: os hermes de Varnhagen e de João do Rio, o cronista do Brasil e o cronista do Rio de Janeiro...

Varnhagen e João do Rio, o sorocabano e o carioca, fizeram, ambos, crônicas.

Aquele, baseado em manuscritos vetustos e documentos seculares, encafuou-se no ambiente silencioso e fecundo dos arquivos, dos museus e das bibliotecas, afim de apurar datas e esclarecer acontecimentos para escrever a monumental História antiga e moderna do Brasil; este, embarafustou-se na esfera barulhenta e dispersiva das ruas, dos cafés, dos restaurantes, dos teatros, das livrarias e dos jornais afim de colher informes e obter impressões para traçar a história contemporânea da cidade.

Um, estudou o Brasil, o outro, o Rio de Janeiro. Tanto aquele que, decifrando papeis velhos, apurou cronologias incertas ou desconhecidas e narrou episódios duvidosos e mal sabidos, como aquele que, entrevistando feiticeiros e curandeiros, observando vendedores ambulantes, mendigos e namorados, delineiou a história das "religiões do Rio" e descreveu a "alma encantadora das ruas", tanto esse, como aquele, foram, simplesmente, cronistas...

Crônicas, tanto fez aquele que nos relatou a chegada das caravelas lusas em terras de Santa Cruz, as usanças dos selvícolas, a batalha de Uruçú-mirin, as depredações dos piratas Britânicos, a invasão dos bátavos e a jornada teatral do Ipiranga como aquele que nos falou dos "livres acampamentos da miséria", do "amor carioca", do "guardanapo do "garçon carioca" e de "como se organiza uma festa de caridade"...

Um e outro se mantiveram toda vida fieis à sua vocação, sem deserção nem desfalecimento, um dentro da ciência histórica, outro dentro da arte literária. Ambos, teem plenissimo direito ao culto em que se tranforma sempre o reconhecimento dos povos pelos grandes homens que os servem com o seu talento e com o seu trabalho.

O monumento a Francisco Adolfo de Varnhagen foi de iniciativa do Instituto Histórico e

Varnhagen

Geográfico Brasileiro que, no dia 21 de outubro de 1938, comemorando o centenário de sua existencia, entre missas de gala e sessões solenes, inaugurou, na Praça Paris, a formosa obra de arte da autoria do escultor Correia Lima.

A quinhentos passos do monumento de Varnhagen, foi inaugurado a 29 de outubro de 1938, numa tarde chuvosa de sábado, o busto de Paulo Barreto, (João do Rio) promovido e realizado pela Academia Carioca de Letras e trabalho primoroso de Modestino Kanto, o artista que acaba de nos dar o magestoso grupo escultural dedicado ao Proclamador da República.

A Academia Carioca de Letras inspirada sempre pelo amor idolátrico aos numes da casa não podia deixar de render este merecidíssimo preito a um escritor que nasceu, viveu, escreveu e mor-

reu na capital e que, ao seu apelido literário, juntou o nome da cidade.

Nas páginas do ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA, sempre tão preocupadas com as letras e os homens de letras, certamente, não ficarão deslocados alguns dados resumidos sobre a vida e a obra destas duas individualidades das nossas letras que acabam de receber a glorificação imortalizadora do bronze.

VARNHAGEN — Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, denominado, com acerto, "o pai de nossa história", era filho de um alemão, coronel de engenheiros, que veio, em 1816, para o Brasil afim de administrar uma usina de ferro em S. João de Ipanema, em S. Pauto. Nasceu perto de Sorocaba, no morro de Aros saioba, onde estava localizada a fabrica metalúrgica, a 17 de fevereiro de 1816.

Neste logar existe monumento dedicado ao historiador onde se lê a seguinte inscrição: "Á memoria de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nascido na terra fecunda descoberta por Colombo, iniciado por seu pai, nas coisas grandes e uteis. Estremeceu sua pátria e escreveu-lhe a história. Sua alma imortal reune aquí todas as suas recordações".

Depois de passar a infância no Brasil, acompanhando a côrte de D. João VI, voltou a Portugal.

Seguindo a carreira paterna, formou-se em engenharia militar. Mas em breve trocaria a farda de soldado pela farda de diplomata.

Representou o Brasil em várias capitais da Europa e da América do Sul. Esteve em Lisboa, Madri, Assunção, Caracas, Quito, Santiago e, finalmente, Viena, onde morreu, a 29 de junho de 1878.

Sem prejuizo das suas funções diplomáticas, aproveitava a estada nestas cidades para frequentar arquívos, museus e bibliotécas afim de coligir dados e informações sobre a História do Brasil. Conseguiu, assim, reunir precioso acêrvo de informes e documentos de que se serviu para elaborar numerosas monografias e ensaios e principalmente para a redação do seu volumoso tratado da "História Geral do Brasil", cuja terceira edição integral consta de 5 volumes.

Dificil enumerar todas as contribuições feitas por Varnhagen relativas à história pátria. O Dr. Rodolfo Garcia, diretor da Bibliotéca Nacional e comentador da terceira edição integral da "História Geral", num ensaio bio-bibliográfico, citou mais de cem...

Foi Varnhagem que vulgarizou a carta de Caminha, que popularizou o nome de Caramurú, que descobriu os restos mortuários de Cabral, que agitou a questão da mudança da capital e que desvendou e decifrou numerosos segredos e enigmas da história brasileira.

Publicou e anotou obras antigas: o "Livro da náo Bretôa", o "Diário" de Pero Lopes, o "Tratado descritivo" de Gabriel Soares, a "Narrativa epistolar" de Fernão Cardim, o "Peregrino da América" de Nuno Marques Pereira.

Escreveu o "primeiro ensaio sobre as letras no Brasil", selecionando trechos dos nossos grandes poetas que floresceram nos primeiros anos da nossa existência. Traçou a biografia de muitos brasileiros ilustres. Elaborou monografias sobre assuntos economicos nas quais estudou a questão do fumo, do trigo, da mandioca, do milho, do arroz, do café, da vinha e da herva-mate.

Reeditou os velhos cancioneiros e os livros de cavalaria, explicando-os, analisando-os.

Escreveu substancioso estudo sobre os "Holandeses no Brasil" e procedeu a frutuosas pesquisas em tôrno da vida e dos feitos de Colombo e de Vespucio.

Deixando inédita a "História da Independência" foram os seus manuscritos coordenados e anotados pelo Barão do Rio Branco e, finalmente, publicada na "Revista do Instituto Histórico" graças a orientação do Sr. Basilio de Magalhães.

Em vida de Varnhagen sairam duas edições de sua "História Geral do Brasil", a sua obra prima. A primeira veio à luz em Madri, saindo o primeiro tomo em 1854, e o segundo em 1857. A segunda edição apareceu em Viena, em 1877, um ano antes d esua morte. Esta edição tambem consistia em dois volumes, num total de 1.220 páginas, in 8.° grande. Para não aumentar o preço de venda da obra cedeu a edição, sem pedir retribuição alguma aos editores Laemmert.

Em 1906, Capistrano de Abreu, que conhecia a fundo toda a obra varnhageana, aditando notas e comentários, fez a reimpressão do primeiro tomo da "História Geral do Brasil".

Achavam-se os manuscritos do 2.° tomo, assim como quasi todos os exemplares impressos do 1.°, nas oficinas da casa Laemmert, quando aí ocorreu um incendio destruindo todo o material, erudita e pacientemente coligido.

Capistrano, com paciência beneditina, resolve reiniciar as pesquisas e refazer todo o trabalho destruido pelo fogo. Nesta tarefa, teve a fortuna de encontrar colaborador dedicado e prestimoso, o Dr. Rodolfo Garcia.

A "Companhia Melhoramentos de S. Paulo",

que editára a "História do Brasil" de frei Vicente do Salvador, anotada por Capistrano, resolve reeditar tambem, a grande obra de Varnhagen. Capistrano prontifica-se a fornecer os dados que recolhera.

Inicia-se, assim, a reimpressão da "História Geral do Brasil", constituindo uma terceira edição. Apenas saido o 1.º volume, em 1927, em agosto deste ano morre Capistrano. E o seu colaborador, sòzinho, teve que prosseguir no trabalho exaustivo de rever e retocar o texto de Varnhagen.

Esta terceira edição da "História Geral do Brasil" consta de 5 volumes tendo o quinto aparecido em 1936.

De Varnhagem diz o Dr. Rodolfo Garcia: "foi um trabalhador formidável, de operosidade ainda não excedida por nenhum brasileiro. Não foi um compilador. Servindo-se em geral de materiais novos e inéditos, fez sua obra própria e original. Sua "História" nada tem de Rocha Pita, nada tem de Southey, seus predecessores. A "História" de Southey será sempre louvavel como forma, como concepção, como intuição; mas Varnhagen, vindo depois, melhor aparelhado por suas pesquisas, mais senhor do terreno no sentido geográfico, deu mais amplitude aos seus estudos e mais segurança às suas afirmações".

A copiosa obra de Varnhagen, historiador grave, austéro e mesurado, tem despertado o entusiasmo dos nossos grandes historiadores. Vimos o carinhoso cuidado com que Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia comentaram, anotaram e reimprimiram a "História Geral do Brasil". Aos nomes destes dois preclaros cultores da História pátria, no afan de realçar a obra varnhageana, devemos acrescentar outros: José Carlos Rodrigues, Barão do Rio Branco, Oliveira Lima, Pedro Lessa, Basilio de Magalhães, Max Fleuiss e Afonso de E. Taunay.

José Carlos Rodrigues foi um dos primeiros a escrever a biografia de Varnhagen que veio publicada na revista "Novo Mundo".

O barão do Rio Branco foi o coordenador e anotador da "História da Independência" que o Autor deixara inédita.

Oliveira Lima, entrando para a Academia Brasileira, foi ocupar a cadeira, cujo patrono é o Visconde de Porto Seguro e o seu discurso de recepção é um dos mais calorosos elogios feitos ao autor da "História Geral do Brasil".

Em 1916 comemorou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o centenário do nascimento de Varnhagen. Por esta ocasião pronunciou Pedro Lessa conferência substanciosa sobre a personalidade do grande historiador.

Em 1928, ao ser comemorado o cincoentenário da morte de Varnhagen, em nome do Instituto Histórico, realizou o Sr. Basilio de Magalhães minucioso estudo sobre Varnhagen tendo, antes, coordenado e revisto os originais da "História da Independência" publicada pela Revista do Instituto.

Encontra-se em "Páginas de História" do Sr. Max Fleuiss ótimo estudo-biobibliográfico sobre Varanhagen.

Finalmente, o Sr. Afonso de E. Taunay, escreveu, a pedido dos Irmãos Weiszflog, a introdução ao quinto e último volume da "História Geral do Brasil" que foi editado pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo.

Assim, a cotação de Francisco Adolfo de Varnhagem tem estado sempre em alça entre os nossos grandes historiadores e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, numa uniformidade de sentir e de pensar, escolhendo-o para figurar num monumento público em que se apresenta a figura simbólica de Clio, quis sintetizar nele todos os nossos historiadores.

JOÃO DO RIO — João Paulo Emilio Cristovão dos Santos Coelho Barreto, mais conhecido pelo pseudonimo de João do Rio, nasceu no Rio de Janeiro a 5 de julho de 1881 e faleceu, nesta mesma cidade, a 23 de junho de 1921.

Seu pai, o Dr. Coelho Barreto, positivista ortodoxo, filiado à Igreja Brasileira, deu ao filho, parece que intencionalmente, o nome do grande Apóstolo. Além disto, levou o filho, com dois ano de idade, ao templo dos positivistas afim de receber o sacramento da apresentação que lhe foi conferido por Miguel Lemos, oficiando, neste dia, Lagarrigue.

Mas o filho do Dr. Coelho Barreto mostrou-se logo avêsso às árduas controvérsias filosóficas e assim que pôde mudou de nome, adotando pseudonimo feliz e nunca mais voltou ao templo de Augusto Comte, salvo para lá fazer as suas reportagens que lhe forneceram matéria para o seu livro de estréia: "As religiões no Rio".

Entregou-se, desde moço, às canseiras absorventes da imprensa, trabalhando na "Cidade do Rio" dirigido por José do Patrocinio que, então, acolhia, carinhosamente, a todos que começavam a vida das letras.

Depois trabalhou na "Gazeta de Noticias", em "O País", e, ao morrer, dirigia a "Pátria", que ele fundára.

Quasi tudo que escreveu, conto, crônica, inquéritos sociais, políticos e literários e até dis-

João do Rio

cursos e conferências era destinado às páginas transitórias dos jornais.

Constancio Alves que o substituiu na Academia Brasileira assim se exprime: "A obra que deixou, com exceção de poucos livros, foi feita para o jornal que não espera e para um leitor que se não demora: o do banco de bonde, diferente do de poltrona de bibliotéca. E' obra de cronísta, não o que no silêncio de um convento redigia para a posteridade, e por isto tinha lazeres, mas o que improvisa no rumor de uma tipografia, para daquí a algumas horas, e por isto tem pressa".

"Para o seu gênero de literatura, ele possuiu as qualidades necessarias: a sobriedade do traço, a elegância airosa e fácil; o dom da simpatia comunicativa, a leveza, o colorido, o movimento, a rapidez, a fantasia que empresta ao bom senso, pesado e rotundo, asas de borboleta e guizos de loucura e apresenta a verdade em *travesti* de paradoxo. A sua prosa trai a redação imediata que a paciência não retocou".

Paulo Barreto fôra eleito para a vaga de Guimarães Passos tomando posse solene a 10 de agosto de 1910 sendo recebido por Coelho Neto.

Depois do sensacional livro de reportagens, que foi a sua estréia: "As religiões no Rio" (1906) publicou outro livro bastante original: "A alma encantadora das ruas" (1908).

A obra de João do Rio é das mais vastas e abundantes das letras brasileiras: contos, novelas, crônicas, inquéritos sociais e literários, conferências, teatro, viagens...

Vamos enumerá-la: "As religiões no Rio", "A alma encantadora das ruas", "Vida vertiginosa". "Frivola City", "Cinematógrafo", "Os dias passam", "Jornal de verão", "Psicologia urbana", "Crônica e frases de Godofredo de Alencar", "Pall Mall Rio", de José Antonio José, "No tempo de Wencesláu", "Correspondência de uma estação de cura", "Dentro da Noite", "A mulher e os espelhos", "Rosario da ilusão", "Sézamo", "O momento literário".

Grande amigo de Portugal, dirigiu, com João de Barros grande mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil: "Atlantida" e escreveu: "Fado e canções de Portugal" e "Portugal d'agora".

Em colaboração com Viriato Correia elaborou um livrinho para as crianças: "Era uma vez...".

Para o teatro deixou, alem de muitas peças em 1 ato, como "Ultima noite" e "Que pena ser só ladrão" as cómedias dramáticas, representadas com grande agrado do público: "A bela Mmme. Vargas" e "Eva".

Durante a guerra européia manifestou-se adepto das nações aliadas contra os Impérios centráis e por esta ocasião escreveu variados artigos e comentários que, reunidos deram três volumes que foram denominados "Na conferência da paz" e subdivididos: "Do armistício de Foch à paz de guerra", "Aspectos de alguns países" e "Algumas figuras do momento".

Muitas obras de Oscar Wilde foram por êle traduzidas: "Salomé", "Intenções", "O retrato de Dorian Gray", "O leque de lady Windermare".

Deixou muitas obras inéditas e em preparo: "Juca de São Jorge e outros tipos", contos; "Horror, tristeza e riso", peça em 1 ato, "Sensações de viagens" e dois romances: "Desejo" e "Profissão de Jacques Pedreira".

As obras de Paulo Barreto foram publicadas pelas melhores casas editoras do Brasil e de Portugal: Livrarias Garnier, Briguiet, Alves, Vilas-Boas e Livraria Chardron, de Porto e Portugal Brasil limitada. de Lisboa.

Paulo Barreto morreu, inesperadamente, aos quarenta anos de idade, numa tarde de sábado, dentro de um automóvel que o deveria levar à redação do jornal onde trabalhava. O seu enterro, graças a grande popularidade que tinha, assumiu as proporções de uma apoteose.

E agora, dezesete anos depois de sua morte, erguem-lhe o busto no Jardim da Gloria, bem em frente da rua Benjamin Constant, aquela mesma rua, que a 8 de Setembro de 1883, viu-o nos braços carinhosos e cheios de esperanças do pai, que o levava ao templo dos positivistas afim de receber das mãos de Miguel Lemos o sacramento da apresentação num dia em que oficiava Lagarrigue...

D. QUIXOTE DOS MARES

Théo Filho

Salvador Gonçalves Zarco, depois de fugir de certa cidade pouco hospitaleira da Itália, passou a chamar-se Christobal Colon. Barba ruiva ignorante da rigorosa ciência da navegação marítima, paranóico, incuravel ruminador de novelas de cavalaria, discípulo facecioso, muitas vezes ambíguo, de Marco Polo, antes de devorar "Imago mundi," do cardial d'Ailly, o seu livro de cabeceira era "As maravilhas do mundo," de Jean de Mendeville.

Obcecado pela grandiosa idéia que o acorrenta a um furioso paradoxo, a Antilha torna-se-lhe fascinação meramente cerebral, o ouro do Grão-Cã o seu eterno "leit-motiv". Conseguindo a aliança dos irmãos Pinzon — marinheiros de verdade e do melhor quilate — promete as tripulações dos seus barcos levá-las às terras do Cipango, "onde as casas tinham telhas de ouro". As caravelas "Santa Maria," "Pinta" e "Nina" pertencem a Martin Alonso, Vicente Yanez e Francisco Martinez.

Os seus defeitos de chefe e de nauta revelam-se desde a primeira viagem de descobrimento. Os matalotes obedecem facilmente aos irmãos Pinzon e repelem o seu comando violento. Na "Santa Maria", onde tremulava o pavilhão do almirante, explodem motins sangrentos. Colombo divaga noite e dia, sonhando côrtes de serafins alados e minas inexauriveis. Quando, por fim, consegue abordar a terra, delira em divagações geográficas ora julgando-se no Cipango, ora no Catai, ora nas terras auríferas do Grão-Cã. Procura tenazmente certa região misteriosa onde os habitantes andam pela noite a dentro de candeia em punho, a catar ouro em pó. Acredita na existência de uma ilha empanturrada de ouro, faiscante como um topázio. Quando regressa à Espanha, depois de perder a melhor caravela, tudo reluz aos seus olhos de visionário. Natividade, aldeola de pagãos pacíficos, torna-se, para a sua imaginação de lunático, cidade pródiga e poderosa.

Regressa de mãos vasias, mas afirma que Cuba é a Índia. Os reis católicos, muito crédulos, começam a adotar, nos seus documentos, aquela vaga e dúbia "en la parte de las Indias..."

Irrequieto, lisonjeador, imprudente, Colombo quer arrastar Isabel, a "Católica," na torpe aventura da escravidão dos íncolas.

— Se ordenar Vossa Alteza, trá-los-ei docilmente até Castela... A Espanha terá os escravos que quiser...

A virtuosa Isabel enche-se de sensata indignação. Repele o plano, enauseada. Colombo recua, porque lhe convem ser o chefe da segunda expedição em perspectiva, com dezessete navios e cerca de mil e quinhentos homens. Faz-se de vela em setembro de 1493. Descobre, entre outras, a ilha das Amazonas, que diz habitada por mulheres de bronze e visitada, uma vez por año, pelos canibais amorosos. Tem constantes encontros com antropófagos menos inofensivos, do que os proclamara. E prossegue na tarefa de pesquisar,

sempre às tontas e às cegas, zonas fabulosas de minas auríferas. Haití é Ofir, onde Salomão fazia imensas provisões de ouro.

A segunda expedição não logra os fins mercantís visados. Doze navios regressam à Espanha abarrotados de enfermos, à cata de mantimentos, reforços militares e remédios. Não conduzem riquezas especiais, mas levam, por intermédio de Antonio Torre, a proposta indecorosa do comércio de escravos: a troca dos mesmos por víveres e gados. Humboldt acha a consulta de uma ferocidade execravel. "Nunca se tratou do tráfico da carne humana com tamanho cinismo", escreve Marius André.

O primeiro leilão de cativos, em Sevilha, revolta a sensibilidade religiosa da rainha. Horrivel, o espetáculo de homens, mulheres, crianças, amontoados numa feira para venda de animais domesticos, num clima áspero de inverno, nus, tiritantes, esquálidos, estertorando sobre montes de feno ("Quinientos animas de Indios e Indias, desde doce años hasta treinta y cinco... e vinieron ansi como andabam en su tierra, como nacieron...")

"Não! decide Isabel. Jamais consentirei nessa ignomínia". E depois de ouvir teólogos e canonistas, ordena o regresso dos pagãos às suas moradas.

A-pesar-de tanta candidez, o tráfico continua a desenvolver-se, indefectivelmente, à sua revelia.

A terceira e última viagem de Colombo assinala-se pelas inuteis carnificinas e pela agravação do mal quixotesco que sempre o caracterizou. E' no trancurso desse "raid" que ele aborda o continente, descobrindo a Venezuela e a foz do Orenoco. Sempre preocupado com Mendeville, jura estar na presença de um dos quatro grandes rios do globo. Qual deles? O Nilo, o Eufrates, o Ganges, o Tigre? Ignora-o, mas persiste no erro inicial. Nesse, noutros erros e em novos crimes. "Sua crueldade e desobediência às ordens da rainha seriam suficientes para justificar-lhe a prisão!" — afirma um cronista imparcial. Desembarca em Cadiz acorrentado, como um criminoso vulgar, no mês de Novembro de 1500, e desde então os seus dias formam um rosário de queixumes e imprecações.

Alucinam-no querubins diáfanos, montanhas de metal luzente e aparições celestes. Diz-se embaixador de Deus e morre miseravelmente, em Valladolid, em 21 de Maio de 1506, esquecido, abandonado, caduco.

Místico? Dissimulado? Era o "D. Quixote dos mares," diz Jacob Wassermann, que, entretanto, se sente atrapalhado para justificar-lhe as maldades e encontrar-lhe um Sancho Pança.

A sua ou a crueldade que permite às equipagens lembra a de Nero atirando os fiéis aos carnívoros. A falta de leões famintos possue cães que caçam os índios aterrorizados e matam-nos a dentadas, dilacerando-lhes os membros. Solta matilhas inteiras ao encalço dos autóctones. Manda buscar na Espanha centenas de mastins ferozes. Alguns desses, conta Wassermann, como o cão Bercerrico, tornaram-se célebres pelo enorme número de vítimas que chegaram a despedaçar e pela imensa prole que deixaram. Os filhotes de Bercerrico "vendiam-se por preços muito altos."

E' esse Colombo aquele devoto e leviano fanfarrão que prometia libertar o Santo Sepulcro sete anos depois de descoberto o Novo Mundo, com um exército de cinquenta mil soldados e cinco mil cavaleiros de elmo, manopla e lança?...

A História, conforme se verifica, vai cobrindo de manchas ingratas o velho aventureiro sem pátria que a lenda quinhentista encheu de fulgor e piedade. Dele só resta o fantasma de um D. Quixote "que não sabe para onde se dirige nem a quem combate."

Homens da América, não poderemos examinar com simpatia o despotismo despudorado com que tratou os aborígenes do continente que perdeu por inépcia, ignorância e vaidade.

Descendentes bíblicos de Jobal, ou do Adão n. 2 de Paracelso, ou simplesmente dos judeus execrandos, segundo discreteia, severo, Gregorio Garcia, jamais esqueceremos, nós deste lado da Atlântida, que Christobal Colon, aliás Salvador Gonçalves Zarco, arremessava matilhas de perros indômitos nas peugadas dos gentios derrotados nos paraisos das Antilhas e da Venezuela. E que as virgens morenas das tribus de Xarague, irmãs da voluptuosa Anacaona e da púdica Higuenanota, eram acorrentadas e vendidas de maneira vil, nos mercados de Sevilha, de Cadiz, de Madrí, ou mortas de fraqueza, de inanição, de frio, fustigadas pelo azorrague inexoravel do branco.

JESÚS CRISTO E OS FILÓSOFOS

Decio Pacheco Silveira

Escrever hoje sobre Jesús Cristo é, paradoxalmente, tarefa quasi sobrehumana, e ao mesmo tempo facílima. Dificílima, porque Dele já se ocuparam os maiores luminares, os Renans, os Strauss, os Mauriacs, os Chateaubriands, os Grandmaisons, e tantos outros, que esgotaram os cântaros da beleza, e da espiritualidade mais pura para a interpretação desse vulto eminentíssimo, que cada vez mais se agiganta e domina o pensamento da humanidade.

Será, porem, facil, àquele que quiser, em linguagem simples e repassada de sinceridade, dizer algo sobre o sublime Redentor, mergulhando o espírito nos Evangelhos para daí recolher as pérolas incontaveis que se escondem no pélago profundo desse manancial inexhaurivel de sabedoria e ensinamentos.

A linguagem doce e harmoniosa do "Livro da Vida", sejam os versículos de S. Mateus, sejam os de S. João, ou as parábolas de São Marcos e de S. Lucas, não encontra similar em trabalho nenhum produzido no campo das atividades intelectuais.

Obra de revelação, e por isso mesmo de cunho divino, esse livro cada vez mais resplende, e à proporção que os homens criam novas dificuldades de compreensão entre os povos, mais e mais o Evangelho se impõe como um código de verdades incontrastaveis e único, capaz de orientar o destino das nações e conduzi-las à bem aventurança da Paz e da Fraternidade universal.

Conta-se que a Águia de Austerlitz, Napoleão Bonaparte, em Santa-Helena, em seus nostálgicos devaneios e durante as suas grandes desconsolações, certa vez, abismado no tédio imenso que o vitimou, fizera desfilar em pensamento as figuras máximas da humanidade para contemplar os seus feitos e as suas glórias, e se extasiava diante dos vultos que surgiam, em atitude de respeitoso encantamento, empolgado pela projeção que cada um deles tivera através da História. Porem, quando apareceu diante de seus olhos espirituais a figura luminosa do suave Nazareno, o grande Imperador levantou-se e, com espanto dos seus guardas, bradou: "Este foi o único que incorporou a si a Humanidade inteira."

Nos dias agitados que correm, em que os homens se veem a braços com as mais tristes incompreensões e deploraveis desatinos, do mais avassalador egoismo, nada mais doce, nada mais reconfortante do que voltar o cérebro e o coração para Cristo, o divino Rabí da Galiléia.

Quando o materialismo impera na ciência, o naturalismo triunfa na arte, o ateismo se impõe na política e a anarquia ameaça convulsionar a ordem social, sentimos uma necessidade incoercivel de relembrar os sublimes exemplos do grande iluminado, que apontou ao mundo a estrada larga e amoravel do perdão, da fraternidade e da renúncia, nesta síntese maravilhosa: "Amai-vos uns aos outros como Eu vos hei amado."

Jesús teve a glória singular de ser o fundador de uma nova era. As festas com que em todo o universo se comemora o seu humilde nascimento na estrebaria de Belem, são as mais lindas e cordiais do calendário. O dia de Natal é o dia do coração, da esperança, da saudade, do lar, da familia, da troca de carinhos dos que se querem bem. Ele veio ao mundo há mais de dezenove séculos, e no entanto o tempo, esse terrivel destruidor, jamais conseguiu e nunca conseguirá baní-lo do altar dos nossos corações, porque ninguem mais do que Ele, pregando a lei do amor, e exemplificando-a, soube tocar tão fundamente às nossas almas e falar com tanta eloquência ao sentimento humano. Idéias, doutrinas, filosofias, escolas, civilizações e raças já foram e continuarão a ser absorvidas pela voragem insaciavel dos anos, mas Cristo permanece e permanecerá sempre sendo a Luz verdadeira que ilumina a alma dos homens, cheio de graça e de misericórdia. E se os martires de todos os tempos, ao caminharem para o supremo sacrifício, aureolaram-se do prestígio da fé, da tolerância e da caridade, foi porque beberam nas palavras do Mestre Divino os ensinamentos da imortalidade, ouvindo-o naquela sentença de eterna beleza: "Eu sou o

caminho, a verdade e a vida, ninguem vem ao Pai senão por mim."

Sobre a adoravel vida do glorioso e humilde filho do carpinteiro de Nazaré já foram escritos, em todas as línguas, um sem número de livros, cujos títulos reunidos, diz Schweiter, dariam para encher um grande volume. Adeptos de todos os credos, de todas as ciências, de todas as doutrinas sociais e filosóficas procuram afanosamente criar ou interpretar o seu Cristo, "como se fora uma projeção da própria mentalidade". E' uma prova de que Ele reina soberanamente em todas as almas, dominando-lhes as vibrações com o encanto de sua espiritualidade. E Jesús vai atravessando vitoriosamente os séculos, sempre guindado aos píncaros da História, atraindo para Si a humanidade inteira e vencendo com galhardia todos os seus detratores e opositores e as guerras que Lhe são movidas pela impiedade de uns e pelo interesse inconfessavel de outros.

Em língua portuguesa mais um volume acaba de ser publicado sobre essa vida tão deslumbrante. E desta vez — louvado seja Deus! — um volume admiravel, em que se funde um duplo conjunto de obras primas: a inspiração genial de um autor e a concienciosa e dedicada interpretação de um tradutor erudito.

O livro intitula-se "JESÚS CRISTO E OS FILOSOFOS", o autor é o emérito Padre Agostiniano Eugenio Cantera, e o seu tradutor e intérprete fidelíssimo foi o ilustrado pregador evangélico Padre Antônio d'Almeida Júnior, da Diocese de Taubaté.

Sempre ouví com verdadeiro deleite espiritual a palavra facil, emotiva, quente, elegante e sincera do jovem e já consagrado tribuno sacro paulista. Só lamento terem sido tão poucas essas ocasiões de puro enlevo para a minha alma. E' a primeira vez, porem, que tenho sob os olhos um trabalho de sua pena fulgurante. E agradeço à Companhia Melhoramentos de São Paulo o prazer intelectual que me proporcionou, pois a tradução que o Padre Morais fez da maravilhosa obra de Cantera, é realmente magistral. A elegância do estilo, a vernaculidade da frase, a impecavel disposição dos períodos conservam, na magnitude de sua beleza original, toda a erudição e a mais fina sensibilidade com que o notavel Agostiniano traça o perfil lindo e sagrado do Messias, herdeiro e consumador do Reino de Daví.

O virtuoso e ilustre sacerdote brasileiro, apresentando o livro que tanto impressionou o seu coração amantíssimo, inteiramente votado a Jesús, com um prefácio que é valiosa jóia literária, tem palavras como estas, que refletem e sintetizam admiravelmente a figura dulcíssima do Salvador:

"Jesús surgiu contrariando todas as tendências do seu século e da humanidade. Ao ímpeto louco pela aquisição da riqueza Ele opõe o espírito maravilhoso da pobreza; às ambições da glória e do mundo Ele apresenta a delicadeza incompreensivel da humildade; às demasiadas concentrações do egoismo individual e social Ele ensina o prodigio da abnegação e do desprezo de si mesmo; em lugar da liberdade ilimitada e absurda Ele doutrina o senso da ordem, do respeito e da obediência; às usurpações do alheio Ele impõe a realeza do direito humano e divino; às deturpações da moral Ele apresenta a beleza imortal da honra, da pureza, da virtude; e como se não bastasse esse prodígio da contradição do século, Ele opõe a mais forte, a mais encantadora, mas tambem a mais vigorosa virtude aos loucos desvairios e doidas incursões voluptuosas da história humana — a castidade!

E contrariando assim a tudo que a humanidade do seu século e de todos os séculos afora, a doutrina de Cristo alcançou o mais deslumbrante triunfo!

Essa vitoria, nos ensina Cantera, ergue a mais alta magnificência da divindade do Mestre. Pois aquele que vence todas as oposições humanas, e sem nenhum dos métodos aplicados pelos homens, é porque conhece os métodos sobrehumanos e traz como força suprema a divindade."

E o jovem mas já ilustre pregador de Taubaté finaliza o seu magnífico e substancioso prefácio com este apelo veemente que aquí repito como um preito de homenagem e de solidariedade ao insigne prelado patrício:

"Oh! Pai! Oh! Mestre! Oh! Amigo! Oh! Jesús! abençoai este trabalho que só tem um objetivo: que vós sejais conhecido, amado, adorado, meu Senhor e meu Deus!"

Realmente, a obra merece a benção implorada. E embora me faleçam autoridade e competência, recomendo a sua leitura a todos que se interessam pelas cousas do espírito e do coração e teem fome e sede desse incomparavel tesouro que é a crença, buscando compreender o princípio da vida imortal, que vem de Deus!

A Lenda de Estremoz

D. José Pereira Alves

(Bispo de Niterói e membro da "Academia Pernambucana de Letras")

Estremoz é antiguidade brasileira. Já houve quem lhe assinalasse uma pré-história portuguesa. A lagoa de Estremoz teria sido o porto seguro em que se abrigavam as frotas fenícias, barcos de argonautas famosos, entrados pelo canal da Redinha outrora navegavel. Assim, Estremoz fora a estação inicial de extraordinárias explorações pelo coração selvagem e opulento de nosso país. Lembro-me ter lido tais cousas mirabolantes em uma das revistas do Instituto Histórico da Baía, segundo notas do Dr. Afrot.

Os franceses que traficavam pela costa do norte, tratavam com o gentio e deixaram talvez sua lembrança na tradição popular que chama ponta francesa a língua de terra, curiosa lâmina quasi a bipartir a lagoa.

O que ninguem ignora é que Estremoz foi a antiga aldeia de Guajirú com a igreja típica do missionário jesuita, o professor da nacionalidade na sincera e eloquente afirmação de um dos nossos fúlgidos espíritos. Era uma missão. Alí o índio aprendia estas três cousas necessárias ao homem: rezar, ler e trabalhar.

Os rapazes se exerciam em vários oficios e as donzelas fiavam, teciam e cosiam no aldeamento.

Era numa vida simples, num bucolismo sadio e cristão, num ambiente de fé, de ideal e de trabalho que se ensaiavam os primeiros surtos do espírito nacional católico, do espírito brasileiro.

A grande obra civilizadora do jesuita benemérito foi destruida pelo ódio pombalino. As missões morreram. Vieram os diretores dos indígenas.

Não tinham a abnegação dos missionários. Os índios abandonaram os aldeamentos e voltaram ao nomadismo e à vida das selvas, expondo-se a repetidas perseguições e à escravidão.

Pois bem, nessas paragens silentes e antiquíssimas se crê geralmente que há um tesouro escondido em subterrâneos lendários.

As alucinações e sonhos bizarramente históricos que no Estado e fora do Estado teem encontrado terra fecunda no *substractum* lendário de Estremoz, são fenômenos psicopatológicos, como vários casos de assombração ruidosa, excetuados aqueles que teem desfecho trágico nas mãos da justiça ou desabrocham nos sorrisos do noivado.

Assim Estremoz enriquece o folclore norte-rio-grandense.

Ha quem sonhe com minas de moedas enterradas e diga que as tenha descoberto. Em Arez quasi juraram que um dos vigários arrancou uma riqueza.

De distante propriedade, um pobre e esfarrapado homem veio agitado procurar-me já de noite. Um segredo profundo, quasi um se-

gredo de confissão. Os segredos de confissão são profundos. A alma do padre há de ser, disse grande escritor, "como esses poços imensos que se encontram algumas vezes nas montanhas. Atira-se uma pedra, mas nenhum rumor retorna jamais desta profundeza ao ouvido que se inclina para escutar."

Num valado a enxada percutira alguma cousa: um legítimo caixote de lindas louras moedas de oiro.

Respondí-lhe o que me perguntava sobre a face moral do caso estranho e dei os tostões que me pedia o afortunado para matar a fome. E não mais voltou e talvez o pão da esmola fosse o seu único tesouro.

Eu tambem fui a Estremoz. Atraido pela miragem do ouro ou pelo doce ócio? Não.

Fui missionar,continuar a obra colonial do jesuita civilizador.

Saudei aquelas ruinas de tantas inspirações religiosas e patrióticas.

Entrei com o respeito que todo o mundo tem pelas cousas da Religião e da Pátria. Ao povo faminto de verdade preguei: "Não busqueis tesouros encantados em subterrâneos desconhecidos. O vosso tesouro está nesta terra feraz onde abundam as fruteiras, onde frondeja o *eucalyptus*, onde cresce e frutifica o café de grãos de púrpura e de ouro, nesta lagoa maternal que fertiliza os vossos campos. Trabalhai, trabalhai, meus irmãos". E pela hora do crepúsculo saudoso, como em profética visão, eu vi Estremoz renascer como a fenix, das suas cinzas, transformada no pomar festivo da cidade, no celeiro farto do povo, em estância preferida do verão.

Pelas águas mansas da Lagoa deslizavam gôndolas enfeitadas de rosas, barcos alegres de trovadores deslizavam.

Eu vi descer de uma nuvem rosa e ouro, ruflando as asas, simbolico avião para desposar a Lagoa misteriosa.

Na velha Igreja de S. Miguel restaurada pela piedade católica, pelo patrocínio do Instituto, repicavam os sinos abençoando as bodas do progresso.

No fundo das aguas um rumor estranho. Era o despertar da serpente adormecida.

Há no segundo livro da Eneida vergiliana um episódio empolgante, o episódio da Lacoonte.

De Tenedos duas serpentes, horrendos monstros de olhos injetados de fogo e sangue atravessam sibilantes as ondas, procuram a praia, atirando-se impiedosas devorando os filhinhos do sacerdote e enlaçam Lacoonte em brados, aterrado.

As serpentes em espiral alcançam a estátua da cruel Minerva, enroscando-se aos pés da Deusa Protetora.

Há num crucifixo de Estremoz tosco relevo de duas cobras, recordando talvez doce lenda, das missões.

Uma tardinha o missionário apostrofou as serpentes da Lagoa que devoravam as creanças descuidosas. Uma delas amaldiçoando ganhou a floresta lá morrendo rebelde, insubmissa. A outra saindo das águas subiu amorosamente abraçando em enorme círculo a igreja toda, recebeu a benção missionária e voltou para o abismo onde jaz humilde, não mais cruel.

Mas dispersada pelo clarim do trabalho e do progresso ela virá à tona d'água não mais para devorar mas para ver Estremoz rediviva e morrer no cemitério florido da legenda.

GALICISMANIA

Antonio Sales

Os gramáticos modernos devem ser todos germanófilos, visto o horror que teem ao galicismo, ao "espectro do galicismo", como diz ironicamente o grande mestre Said-Ali.

A palavra pode ser inglesa, alemã, italiana, castelhana ou arabe, e eles a acolhem de boa vontade e consideram-na incorporada ao vocabulário vernáculo, onde realmente, às vezes, são indispensaveis. Mas se veem de terras de França, alto lá! Os homenzinhos irritam-se, batem o pé e fecham a porta para as não deixar entrar, ainda quando são necessárias e já de uso geral. Ou então dão para fazer espírito — um espírito muito choco, coitados! E infligem aos praticantes do galicismo os apelidos de francelhos, galiciparlas, etc., convencidos de que estão dizendo coisas muito engraçadas.

Um gramático já não teve a incrivel idéia de condenar as palavras — hotel, bagagem, gravata e várias outras que estão profundamente enraizadas na língua e são de uso geral em todas as camadas sociais?

Julgam ou afirmam os gramáticos que o galicismo é um mal moderno trazido nas malas dos viajantes com as novidades de París.

Ou os gramáticos não são sinceros ou não sabem o seu ofício, que é o de conhecer os escritores antigos, de cujos escritos foram deduzidas as regras que nos impõem, porque não se concebe que haja regras gramaticais *a priori*.

Eu, que não sou gramático e não tenho fanatismo pelos clássicos, sei, contudo, que antigamente os galicismos eram bem mais abundantes do que agora e mais escandalosos.

A-pesar-de não me empanturrar de leituras antigas, tenho verificado que os galicismos eram moeda corrente na linguagem dos escritores que os gramáticos invocam a todo o instante como modelos de correção.

E senão vejam a pequena lista a seguir, tirada de alguns autores da maior reputação como mestres da língua:

Mensonha, mentira, francês — *mensonge.*
Garção, rapaz, criado — *garçon.*
Enlevado, arrebatado, *enlevé,* (sentido positivo.)
Merchante, mercador — *marchant.*
Desenho, desígnio — *dessein.*
Rango, ordem — *rang.*
Reveria, devaneio — *rêverie.*
Ensembre, conjunto, — *ensemble.*
Sujeito, assunto — *sujet.*
Regardar, olhar — *regarder.*
Bona chira, bons pitéus — *bonne chére.*
Canjante, mutavel — *changeant.*

O mal gaulês — *s' il y en a,* vem, pois, de longe. Os de hoje são mais de construção do que vocabulares, e são os peores, porque esses, sim, atacam a estrutura da língua, viciando-nos com fraseados, que, realmente, não são portugueses.

Os peregrinismos que invadem o português veem mais de termos novos criados para as industrias, as ciências e os desportos (vejam como evitei a palavra — *sport,* e que realmente não existiam nesta língua portuguesa, que pode ser bela mas continua inculta relativamente às outras línguas européias e permanece clandestina ,sem intercâmbio com as letras e as ciências dos outros países do velho continente

Pode-se impedir toda imigração, menos a de palavras.

E se palavras nossas não emigram tambem é porque nada temos a oferecer ao estrangeiro que ele não tenha de sobra em casa.

Há longos anos, um filólogo nosso, se é que o nome não é muito transcendente para ele, publicou um trabalho intitulado "Galicismos dispensaveis e neologismos indispensaveis."

Ora, pode-se provar ou que os galicismos não eram todos realmente dispensaveis ou que os neologismos não eram todos realmente indispensaveis.

Alguns dos neologismos criados por — digamos o nome — Castro Lopes, pegaram, contudo, mais ou menos, e ainda há quem chame — *cardápio* a *carta* de uma refeição de hotel para não dizer *menu*, e *concião* a um *comício*, para não dizer *meeting*. Mas já enunciamos os nomes portugueses dessas duas coisas, que dispensam os galicismos e os neologismos correspondentes.

Para que dizer *convescote* em vez *de pic-nic* quando temos *ágape*, já adotado do grego? Para que dizer *nasóculos*, em vez de *pince-nez*, quando temos o excelente termo português — *lunetas*. Para que substituir *avalanche* por *runimol*, quando temos — *alude?*

E em vez de *lucivelo* de Castro Lopes, devemos dizer *quebra-luz* ou, numa palavra só e muito portuguesa — *pantalha*. Porque preferir *rocló* a *robe de chambre*, quando temos *roupão?*

Outro filólogo — o finado e saudoso Carlos Góis, condenou palavras de origem francesa já extremamente vulgarizadas no português, e, por sua vez criou neologismos perfeitamente intoleraveis. Sem respeitar a lei do menor esforço, tão irresistivel na linguagem, como em tudo mais, lembra para substituir *berceuse* nada menos de tres palavras — *cantiga de nina* — quando temos a formosa e expressiva palavra — *acalento*.

Para substituir *omelette* ele propõe uma criação sua — *mistovela!* Eu não comeria uma *omelette* que me oferecessem com o nome de *mistovela* nem com três dias de fome!

Carlos Gois, de mãos dadas com Laudelino Freire, elaborou cada um, com o nome de "Dicionário de Galicismos" verdadeiros códigos de tortura para castigar os que ousem empregar termos que a nossa língua não tinha.

Mas porque hão de esses cavalheiros gramaticantes ser mais realistas do que o rei? O rei aquí é o glorioso escritor português Camilo Castelo Branco, tão admirado dos gramáticos, tão citado por eles e especialmente pelo ilustre Mário Barreto, que tinha por esse classico moderno uma marcada predileção.

Ora, Camilo escreveu isto:

"Compreendeu cabalmente o dicionarista que toda a velha legislação da linguística extramemente lusa dos Sousas e Bernardes e Filintos *foi derrogada a* par e passo que as idéias de coisas novas multiplicadas se sentiam cativas e inexpressiveis no agorentado círculo da velha ciência, da velha arte, dos acanhados panoramas da vida antiga. Tudo já agora nos move a indulgenciar a contextura afrancesada da frase indígena, porque insensivelmente e contra a vontade os surpreendeu a pensar em francês, pelo reflexo dos livros elementares da nossa educação literária e recreativa com os franceses. O termo galicismo, esse monstro, está a ser fechado no arquivo das caturreiras arqueológicas de alguns castiços veteranos, adidos ao paládio dos quinhentistas. Não são esses, todavia, os que hão de aligar ao puro ouro da dicção portuguesa a contribuição de vocábulos que a opulentem e equiparem ás linguagens de que de dia em dia auferimos a nomenclatura das artes, das ciências, dos ofícios. Afora isso, a literatura propriamente dita, como o drama, a novela contemporânea, para que sejam do seu tempo, carecem de ferir a nota moderna, a palavra peregrina, de sabor estranho, picante, onomatópica, para que se faça bem exprimir o nosso cosmopolitismo psicológico."

E depois disto nada tenho a acrescentar, senão que nesta época do avião, é inutil cercar a lingua portuguesa com a muralha chinesa dos preconceitos gramaticais, porque as palavras estrangeiras, mesmo sendo indesejaveis, saltam por cima dela e instalam-se na linguagem comum e adquirem com o tempo carta de naturalização, apesar da oposição dos gramáticos.

O intercâmbio vocabular existe em todas as línguas, e o português não está no caso de se manter no esplêndido isolamento com que sonham os fanáticos atacados da triste enfermidade, que é a galicismania..

A Bibliotéca da Academia Brasileira de Letras

SEU PRIMEIRO VOLUME -- (NOTA BIBLIOGRÁFICA)

Osvaldo Melo Braga de Oliveira
(Do Instituto Histórico de Sergipe)

A primeira notícia sôbre a fundação da Academia foi publicada pelo "Jornal do Comércio", a 11 de Novembro de 1896. A Academia compor-se-ia de 40 membros, sendo 30 efetivos e 10 correspondentes. Esta idéia, de iniciativa de Lúcio de Mendonça, foi bem acolhida por Alberto Torres, então Ministro do Interior. Para que ela vivesse seria preciso a proteção oficial, daí a nomeação dos 10 primeiros membros efetivos pelo Governo, e os 20 restantes eleitos pelos primeiros, o que quer dizer que todos seriam eleitos pelo Governo. A proteção oficial falhou, entretanto, e as sessões preparatórias se realizaram em carater particular ficando a Academia definitivamente constituida em 28 de Janeiro de 1897, inaugurando os seus trabalhos em 20 de Julho do mesmo ano.

No dia 4 de Janeiro de 1897 "realiza a Academia a sua 4.ª sessão preparatória, — diz José Vicente, nas suas "Efemérides" — sendo aprovada a redação dos estatutos, lida pelo sr. Rodrigo Otávio. Procede-se à eleição da mesa para o primeiro ano academico, sendo eleitos Machado de Assiz, Joaquim Nabuco e Inglês de Sousa para os cargos de presidente, secretário geral e tesoureiro, e ficando para outra sessão as eleições de 1.º e 2.º secretários. São nomeados Lúcio, Taunay, Bilac, Pedro Rabelo e o sr. Rodrigo Otávio para formularem o regimento interno. Valentim Magalhães, que se ausentara do Rio, remete à Academia um exemplar do seu romance "Flor de Sangue".

Os caractéres bibliográficos de "Flor de Sangue" são os seguintes: VALENTIM MAGALHÃES / ÷ —— / FLOR DE SANGUE / (vinheta) / LAEMMERT & C., Editores / Rio de Janeiro — S. Paulo — Recife / — / 1897.

No falso título: FLOR DE SANGUE. No verso, uma bibliografia do Autor.

No verso do frontispício, dois pensamentos de Alfred de Musset e Paul Bourget.

Na capa amarelada há uns tons avermelhados, representando sangue donde emerge uma figura de mulher: VALENTIM MAGALHÃES / FLOR / DE/ SANGUE / LAEMMERT & C., EDITORES / Rio de Janeiro — S. Paulo — Recife / 1896 / 1.º milheiro.

E' um volume in-8.º (129 / 74), de XV — (falso título, frontispício, dedicatória e prefácio) — 384 páginas e I, não numerada, de Errata. Com vinhetas no texto. No verso da folha de dedicatória: Impresso na Companhia Typographica do Brasil — Rua dos Invalidos, 93.

Este romance provocou uma celeuma tremenda. A crítica foi-lhe impiedosa, e não sem razão. As declarações do Autor, no prefácio, seriam bastantes para merecer a mais severa das críticas.

Senão, vejamos. De início, declara: "julguei conveniente, a bem da retidão de julgamento desta obra, precedê-la de algumas sinceras e curtas explicações." As explicações são um autoelogio. Fez contos, fez crítica, biografias, teatro, versos, etc., etc. A crítica, até então, lhe fora sempre munificente, reconhecendo-o como "espírito vivaz, variavel,

curioso". Vai daí, sente um pendor para o romance e resolve fazer o primeiro. "Ora, aconteceu — diz ele — que nos últimos dias do ano de 1895, conversando com um editor, propús-lhe escrever para ele o meu primeiro romance. Aceitou a idéia e ofereceu-me direitos autorais que me pareceram satisfatórios, razoaveis. Como deles tinha alguma urgência, atirei-me ao trabalho: no dia primeiro de Janeiro do corrente ano escreví o primeiro capítulo; no dia 2 o segundo, no dia 5 o terceiro, no dia 6 o quarto; enfim, em dois meses, tinha escrito mais da metade do livro, apesar das muitas interrupções que outros misteres impunham", e mais adiante: "— Os originais não foram recopiados por mim, quer dizer, não fiz rescunho ou borrão. Escreví sempre de uma assentada, capítulo a capítulo, e, acabado, relia-o, corrigia-o, mandava copiá-lo por um secretário, conferia a cópia e remetia-a aos tipógrafos... O capítulo que primeiro escreví, com a intenção de fazê-lo o primeiro do livro, foi o quinto da segunda parte — um dos últimos: eu havia principiado pelo fim!" E o próprio autor se admira de haver escrito o romance pelo fim, em plena dramatização.... A sua feitura foi elétrica e, naturalmente, se ressente da força de construção que se nota nos verdadeiros romancistas que tratam os seus assuntos a fundo, e com uma maestria que lhe assegura durabilidade e sucesso. Para isso não basta que o Autor tenha um longo tirocínio nas letras. E' preciso mais, muito mais. E' preciso que ele sinta o sagrado fogo da inspiração — uma fecundação da memória hereditária, "que nous ont léguée nos ancêtres, par la mémoire ou l'émotion individuelle" — no dizer de Léon Daudet.

E Valentim aparece nesse seu trabalho como romancista de pouca imaginação e de meios rudimentares. Nada de novo ele revela no seu livro. Tudo quanto alí se acha já se encontra na imensa literatura do adultério e, nela, às vezes, aparece alguma contribuição nova, o que se não pode dizer da sua "Flor de Sangue". Os principais personagens desse romance são contraditórios — diz José Veríssimo, em longo estudo sobre o romance de Valentim — mas a arte exige que na própria contradição haja lógica, como, a pesar das aparências superficiais contrárias, há na vida.

E a maior das contradições de "Flor de Sangue" está no suicídio de Paulino, o homem que se mata porque traira o seu melhor amigo, tornando-se amante de sua mulher, Corina. O capítulo dedicado ao suicídio é o 18.º, e intitula-se "A Execução." Paulino pensa na melhor forma de suicídio. Tinha a escolher entre o veneno, o revolver e o punhal. O veneno era bom mas... provavelmente não encontraria boticário que lho vendesse. Arredou logo o veneno... Escolheria o revolver... "Mas o revolver lhe era antipático — uma arma brutal, deselegante, indiscreta..." Condenou tambem a arma de fogo. Restava-lhe a escolher uma arma branca: o punhal, a navalha, ah!... o bisturí... O bisturí sim; delicado, discreto, silencioso e, no entanto, implacável, levando a morte, branca e fria na lâmina.

Escolhida a arma, volta Paulino ao hotel para executar-se. Sim... matar-se-ia à meia-noite "à hora legendária dos mistérios, dos crimes e... dos amores". "Momentos antes sacou do bolso o estojo cirurgico, escolheu dentre os ferros um bisturí de cabo de tartaruga, abriu-lhe a lâmina espelhenta, fixou-a, puxando um pequenino botão, e examinou-a atentamente..." Meia-noite! Uma... Duas... Três... Quatro... Cinco... O seu cérebro trabalha, revê num rápido perpassar de quadros, a sua vida, desde criança... Dez!... "Ergueu o braço direito com o bisturí pronto, com a mão esquerda apalpou e marcou a carótida para o golpe... Onze..., o braço fez o movimento, a lâmina assentou no ponto que o polegar esquerdo marcava... Doze! Um jorro de sangue, em repuxo impetuoso e alto, esguichou, cobriu o espelho, salpicou tudo em volta do lavatório; os braços do suicida ergueram-se no ar, num gesto vago de quem se afoga, o bisturí tombou sobre o mármore..."

Essa descrição do suicídio vem às páginas 274-275 do fim da primeira parte , às páginas 285, portanto, dez páginas depois, no primeiro capítulo da segunda parte, Valentim que, conforme a sua declaração no prefácio do seu malfadado livro, não revia os capítulos escritos, talvez ainda trazendo na mente a hesitação de Paulino na escolha da arma, da forma de suicídio, esquece-se que fizera Paulino matar-se com um bisturí e... fá-lo estourar os miolos!... Eis o delicioso pedacinho: "Se ele a amasse de veras" — é Corina, a adúltera, que está refletindo sobre o suicídio de Paulino — "como lhe dissera e jurara tantas vezes, em vez de deixá-la e *estourar os miolos* (o grifo é nosso), teria ficado junto dela, para vê-la, ouví-la, beijá-la, tê-la sempre perto do coração..."

Que as crianças escrevam as suas historias

Danilo Bastos

Ainda sobre literatura infantil, produção amavel que já vai tendo o seu lugar na tarefa dos nossos escritores, é curioso assinalar a permanência quási que obrigatoria dos animais cómo figuras das narrativas. Antes eram as fadas, os gnomos, os gênios perversos e benfazejos que os livros de Charles Barbin, Andersen, Perrault fizeram trnasitar pelo mundo das crianças. Depois veio o interesse pelos animais, que hoje perdura insistentemente e sem renovação.

No entanto é inexplicavel essa predileção. Se se acredita que para a fantasia infantil, imensa, viva, inquieta, o fabuloso é o recreio preferido, facil será provar o contrário. A literatura infantil escrita pela gente adulta esbarra de princípio com esta dificuldade terrivel: a impossibilidade de tratar os temas infantís. Não podemos decididamente falar às crianças com a linguagem do adulto. A maturidade por mais que, na sua insatisfação, procure chegar até à infancia distante e viver a ingenuidade dos primeiros dias nunca poderá compreender, nos seus impulsos e nas suas delicadezas, a alma de sete janeiros que o tempo transformou. Daí ser sempre artificial, desproporcionada, a arte da gurizada trabalhada pelo intelectual em plena posse de uma complexa inteligência de trinta anos.

E' reconhecendo essa impossibilidade de sentir as idéias e as sensações infantís que ele se refugia nas historias fantásticas, na cômoda certeza de que só o lado irreal da vida interessa e diverte os leitores meninos. As aventuras de animais, as lendas miraculosas de árvores que falam e riachos que cantam, o reino encantado das princesas, dos anões e das bruxas, tudo o que de extravagante ocorre à imaginação, é ouro moedado para a alegria do povão de calças curtas. Todas as histórias que não se referem a essa humanidade de legenda são assuntos postos à parte, cuja aproveitação escapa ao engano das criaturas mais velhas.

Assim é que se cria uma infantilidade toda convencional para os volumes que as crianças irão ler, volumes que sem duvida as trarão em constante regozijo, pelas gravuras, pelo emaranhado da história, mas que precisamente foge á sua finalidade. Um livro para crianças deve ser um livro que traga nas suas linhas gerais um esclarecimento e uma disciplina; esclarecimento que se realiza na explicação do mundo em que elas vivem, tão desnorteante, tão confúso e variado; disciplina que deve se dirigir para a série de suas idealizações, tão formosas, tão líricas, mas tão perigosas. Um livro infantil não pode deixar de ser um caminho aberto à madureza.

Mas esse trabalho, de revelar aos poucos à alma das crianças as verdadeiras imagens da realidade que as rodeia, não será nunca bem feito se empreendido por um adulto. Este nunca se fará compreender. Antes, porque não sabe insinuar as suas intenções, decaindo num pedagogismo soporífico, e depois porque lhe será dificílimo atrair a atenção da criança utilizando as visões mesmas da sua espontaneidade de ação e reação.

Daí a necessidade de uma literatura feita pelas crianças, das histórias contadas pelas suas próprias personagens. Só elas seriam capazes de atingir, pela confusão, pela imperfeição, pelo imprevisto e desordenado, aquela saborosa atmosfera em que se deleita o mundo

infantil. Só elas teriam força de sugestão suficiente para movimentar na propria despreocupação e indisciplina aquela simetria de gestos e de ações imprecindivel à lenta formação e desenvolvimento dos sentimentos infantís. Só a história desarrumada e desajeitada de uma criança ensinará às outras crianças o que há de bem e de mau nas cousas do mundo. Veladamente, entre duas frases deliciosas de pitoresco, melhor se desprenderá a imagem moralizadora, porque, mesmo sem apelar para o velho dogma kantiano, a moral é uma presença intangivel na nossa paisagem interior e bem cedo, na nossa primeira cômica interpretação do mundo, ela já se revela com a força instintiva de uma condição psicológica.

Dirão que a criança nem sempre tem inteligência bastante para arquitetar uma história. Nem que tenha imaginação e um senso aproveitavel de observação. Pois saibam que é na sua imensa ignorância onde repousa o valor da sua narrativa. Porque traz nas suas linhas deformadas o mundo fielmente descrito tal qual ela o vê. Quanto à observação e imaginação não há quem as possua em maior potencialidade. Tem-nas até em excesso. Vivem toda uma vida de sentidos, todo um romance de espantos e de surpresas. E se não existir essa espontaneidade, essa encantadora ignorância de cousas profundas, muito pouco teremos então conseguido, pois a literatura de meninos prodígios é mais inexpressiva que a dos adultos, distribuindo-se entre temas que nem são da infância nem da maturidade.

Aqueles temas infantís, que jamais serão a aventura e o fantástico, encontrarão afinal na propria eloquência fragil das crianças a sua verdadeira interpretação. Não há noticia de uma história escrita por uma criança onde entrem, humanizados, porquinhos, ursos. lobos e outros bichos celebrados. A verdadeira literatura infantil é aquela que reflete as preocupações, as idéias, as incompreensões da alma infantil. Focalizadas por um adulto, por um homem que do seu gabinete volta os olhos para um passado do qual só tem lembrança e saudade, essas impressões perderão todos os seus aspectos de sinceridade e espontaneidade primitiva. Reveladas por uma criança todo o seu encanto novo florescerá, acordando na humanidade adolescente as melhores alegrias da sua existência lírica e maravilhada...

A CONCEPÇÃO HEREDITÁRIA NO "DOM CASMURRO"

Otavio Domingues

De todo o sofrimento de suas criaturas, ele extraíu um problema de psicologia — e talvez mesmo de hereditariedade. — Lúcia Miguel Pereira, in "Machado de Assis" (pag. 274).

1.

Só agora começamos a descobrir Machado de Assis. Não importa que ele tenha feito tudo para apagar o rasto individual, que todos nós humanos vamos largando pela vida. Deixou seus livros, e estudando-os, mastigando suas páginas linha por linha, chegaremos a ressuscitá-lo para nossa veneração.

Já uma vez me aventurei a apontar uma particularidade de sua formação, que vem sendo esquecida, justamente porque seus biógrafos teem se descuidado de utilizar o conhecimento biológico, na busca de sua personalidade. Foi quando escreví um pequeno ensaio de ensaio sobre "Machado de Assis e a hereditariedade" (in "*Aspectos*" n.° 4, Dezembro 1937).

De sua obra e de sua atitude como esposo — membro de um casal, é possivel tirar-se a conclusão de que grande e profunda era sua crença na "força" da hereditariedade. Por mera intuição, certamente, porque não podemos aceitar a hipótese de ter ido adquirí-la no manuscio dos tratados de biologia.

Machado foi, inegavelmente, um "crente" fervoroso nesse extraordinário poder da herança biológica. Isto pressentimos na sua abstenção de prolongar-se em outra geração; isto parece claro nas páginas de seus livros.

No "Dom Casmurro", por exemplo, a hereditariedade ressalta como um elemento de êxito para o romance. É tudo nele, ou quasi tudo.

Mas com que habilidade, com que arte não foi tratada alí, de tal jeito a não se tornar intrusa. Ninguem a sente, como e quando vem. Entretanto, aquí e alí, a cada passo ela aflora, a começo sutilmente, até mostrar-se final e definitivamente quando Escobar, repetindo-se biologicamente na outra geração, ressuscita em Ezequiel...

Há nessa sua obra prima uma imensa tragedia, mas o seu motivo está todo na fatalidade dessa repetição das formas vivas, através das gerações. Foi a continuidade biológica de Escobar em Ezequiel, que permitiu penetrar-se no mistério psicológico de Capitú. Naquela Capitú de olhos de cigana oblíqua e dissimulada.

2.

O meu leitor já conhece, por certo, o "Dom Casmurro", e então lembrar-se-á do "jogo de siso", que vem no capítulo XV. Se não se lembra, vou avivar-lhe a memória.

Estavam os dois (Bentinho e Capitú) embebidos um no outro, mãos nas mãos, olhos nos olhos, quando chega o pai e diz-lhes: "Vocês estão jogando o siso?"

Atrapalhados, soltaram-se as mãos, e ela afastou-se logo para apagar do muro o nome deles, que havia escrito, e disfarçou fazendo uma ca-

ricatura do pai. Este, vendo, riu-se. Porem insistiu.

Foi ela que respondeu, com a maior naturalidade deste mundo: "Estávamos, sim senhor, mas Bentinho ri logo, não aguenta". Mas o pai não parecia querer enganar-se: "Quando eu cheguei à porta, não ria".

Não se desarmou Capitú: "Já tinha rido das outras vezes; não pode. Papai quer ver?"

E tentaram jogar o sério, a olhar um nos olhos do outro. Bentinho não riu, e ela desculpou dizendo ser devido á presença dele, do pai, alí.

Bentinho não riu. Não soube dissimular. Não sabia. E o romancista aproveita, e faz, uma frase de duas linhas, a análise mais profunda dos dois, apontando as origens de diferenciação do carater deles: "Há coisas que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo". E acrescenta: "E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde".

Assim está definida a característica diferencial mais importante entre um e outro. Entre Capitú e Bentinho. Ela nasceu com a dissimulação. Ele só a aprendeu tarde.

Expressa e clara é a convicção do autor de que as criaturas nascem dissimuladas ou não. É o berço que dá a feição dos seres.

Mas, (e aquí cresce a intuição de Machado no sentir a natureza humana e o valor do meio no modelá-la), mas em o berço não nos dando, é sempre possivel, ou quasi sempre "adquirí-la" pela educação, por efeito das forças modeladoras, que constituem o ambiente social. É possivel aos que não trouxeram, inatamente, a dissimulação, aprendê-la "artificialmente".

Outra diferença ainda: quando inata, a característica se mostra cedo; quando adquirida, só mais tarde é que se torna possivel sua expressão. Isto está, por inteiro, na sabedoria do rifão: "Espinho que tem de picar, de pequenino traz a ponta".

3.

Firmada deste modo a fisionomia psicológica dé um e de outro — fisionomia que é um elemento essencial no desenrolar de todo o drama — o romance se desenvolve serenamente, sem destino, sem se prever nada, tão plácidas e felízes viviam as criaturas.

E no capítulo LXVIII reponta de novo a rocha básica de todo o chão da história — a hereditariedade. É quando Santiago (Bentinho, quando menino) previne ao leitor que nada impedirá de ser verdadeiro na sua narrativa autobiográfica, mesmo se tiver de ser contra ele mesmo: "há só um modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem e o mal".

Acha que "não só as belas ações são belas em qualquer ocasião, como são tambem possiveis e provaveis". Isto porque tem uma teoria dos pecados e das virtudes. Teoria "simples e clara", que se reduz ao seguinte: "cada pessoa nasce com certo número deles e delas, aliados por matrimônio para se compensarem na vida".

E explica: "Quando um de tais cônjuges é mais forte que o outro, ele só guia o indivíduo, sem que este, por não haver praticado tal virtude ou cometido tal pecado, se possa dizer isento de um ou de outro; mas a regra á dar-se a prática simultânea dos dois, com vantagem do portador de ambos, e alguma vez com resplendor maior da terra e do céu".

Não pode haver maior síntese, no descrever-se a alma humana. Ela é feita de pecados e de virtudes. Não há uma criatura só virtudes, nem tambem só pecados, como imaginavam os novelistas do romantismo.

E mais ainda. Estudando-se o fundamento biológico do ser verifica-se que não seria possivel reunir um só indivíduo todos os fatores germinais para as boas qualidades, nem imaginar a existência de outro, oposto, portador de todos os gens que comandam a expressão só dos pecados.

A alma humana é versatil, não porque viva sujeita a influências desencontradas do meio social. É um mixto de virtudes e de pecados, porque biologicamente sua formação tem de ser assim, uma mistura de virtualidades inatas para o bem e para o mal (maximé se considerarmos o bem e o mal como arbitrárias criações antropomórficas).

A feição utópica da Eugenia está justamente nisso: em imaginar a possibilidade de se poder reunir num mesmo indivíduo todas as boas heranças biológicas, o que garantiria a formação de tipos impecaveis, perfeitos da espécie (mas irreais).

O multisecular encontro e desencontro das formas humanas, gerações e gerações, desde a origem dos séculos, faz-nos compreender como estão mestiçadas e remestiçadas, já em sua origem genética, todas as qualidades humanas — sejam as boas, sejam as más. Uma seleção dos humanos nunca se operou, nem nunca poderá ser operada nesse sentido exclusivista, de eliminar total e definitivamente da espécie todas, absolutamente todas as características de Caim, e a colheita e conservação, pela geração, de todos os atributos que tornavam Abel um espírito eleito de Deus (Caim e Abel são aquí tomados como meros símbolos dos pecados e das virtudes).

Geneticamente, pois, o Homem é um complexo de gens para as mais variadas combinações de defeitos e virtudes, de Caim e Abel. Daí a feição versatil com que ele se apresenta na sociedade.

A tese de Machado, anunciada através da autobiografia de Santiago (o Dom Casmurro) tem, pois, um fundamento biológico indiscutivel.

E como documento de tese, temos as dez linhas finais do capítulo, que não fujo ao prazer de aquí transladar:

"Pela que me toca, é certo que nascí com alguns daqueles casais, e naturalmente ainda os possuo. Já me sucedeu aquí no Engenho-Novo, por estar uma noite com muita dor de cabeça desejar que o trem da Central estourasse longe dos meus ouvidos e interrompesse a linha por muitas horas, ainda que morresse alguem; e no dia seguinte perdí o trem da mesma estrada, por ter ido dar a minha bengala a um cego, que não trazia bordão. *Voilá mes gestes, voilá mon essence*".

4.

Chegamos ao capítulo CX. Ezequiel, o filho de Capitú já nasceu. E então começam a repontar, na narrativa, os indícios de que o drama se teceu em torno de um adultério, denunciado pela hereditariedade que, no caso, foi extremamente preciosa. Ou talvez perversa...

Se pretendesse usar linguagem técnico-científica diria tratar-se de um caso de "dominância dos caracteres paternos", tendo Escobar, o amante, se revelado como um excelente "raceur". É o que os antigos chamavam "hereditariedade paterna e direta". Essa nomenclatura mostra o fato observavel, mas não o explica.

Entretanto não foi totalmente absorvente o papel biológico do pai. Há, no mesmo capítulo referido, uma indicação disso. É quando se conta que Ezequiel "metia-se às vezes consigo, e muito fazia lembrar a mãe"... E adiante, ao verificar o espirito indagador do menino, o autobiografista não se contem, e remata: "as curiosidades de Capitú, em suma".

5.

Ainda no capítulo CX, e no seguinte, é possivel colher-se precioso elemento para a compreensão do livro, em análise. É quando Santiago descreve a cena de um gato caçando um rato. Cena banal; porem, Machado tira dela um efeito não imaginavel.

O rato a espernear nas garras do gato foi, para o menino, um espetáculo delicioso. Mas o gato, vendo gente, parou em seu trabalho e dispôs-se a fugir. Ezequiel, argutamente pediu silêncio ao pai e á mãe. Queria ver bem, até o fim, o sacrifício do morganho. Santiago, porem, "um tanto aborrecido" espantou o gato. O filho decepcionado, reclama.

No capítulo seguinte vem então outro caso onde se revela a indole pacífica e sentimental de Santiago. Incomodado por três cães vadios, que ladram a noite inteira, enquanto sua esposa sofre, de cama, lembrou-se de envenená-los. Mas o ânimo lhe faltou, ao ver a atitude amiga e mansamente humilde do animal, que atendera ao seu falso chamado.

Logo que acabei de ler esta passagem, anotei ao lado do capítulo: "Note-se a diferença de atitudes entre ele e o suposto filho, em emergências semelhantes". Sim. Um deliciando-se com o sofrimento de um pobre rato, indefeso nas unhas de eterno inimigo de sua espécie. O outro, sem coragem para sacrificar um cão à tôa, que o incomodava, perturbando o repouso da mulher doente.

Ele acena assim, com a divergência de carater entre o filho e o pai (que devia ser). E adiante, acentuando os fatos, para o desfecho, vai apontando a convergência entre Ezequiel e Escobar (o pai que não devia sê-lo...)

Aliás, no capítulo que se segue (CXII) está a afirmação: "Tal não faria Ezequiel. Não comporia bolas envenenadas, suponho, mas não as recusaria tambem. O que faria com certeza era ir atrás dos cães, a pedrada, até onde dessem as pernas. E se tivesse um pau, iria a pau..."

Tal filho não era de tal pai...

6.

Nesse capítulo CXII, que é o das "Imitações de Ezequiel", começam a ser apontadas, agora, as semelhanças físicas. Foi quando Santiago descobriu no filho "um defeitozinho — gosta de imitar os outros".

— "Imitar como?

— "Imitar os gestos, os modos, as atitudes; imita prima Justina, imita José Dias; já lhe achei até um geito dos pés de Escobar e dos olhos"...

Este diálogo deve ser marcado como o primeiro despertar da conciencia de Capitú, que "se deixou estar pensando e olhando para mim. e disse a final que era preciso emendá-lo".

Este é um capítulo culminante. Entra tornando evidente certa diferença de temperamentos, entre pai e filho, e começa a levantar o véu das aproximações físicas do menino, com o outro. E, romance por diante, o autor vai mostrando, entremostrando será dizer melhor, — essa semelhança, que é a denúncia, a única prova material de toda a infidelidade.

Assim, no capítulo CXVI, já o sestro imitador da criança se fizera notado por todos, e um dia em casa da mãe de Santiago, serviu de assunto a comentários inocentes. Todos achavam graça da facilidade com que o diabo do pequeno imitava o andar de um, o gesto de outro...

Isso não era do agrado de Capitú que procurava combater essa inclinação do filho. Porem alguns gestos, que antes pareciam imitados, "iam ficando mais repetidos, como o das mãos e pés de Escobar; ultimamente, até apanhava o modo de voltar da cabeça deste, quando falava, e o de deixá-la cair, quando ria".

O desagrado de Capitú vinha da reflexão. Sentia que seu grande erro estava sendo, assim, exposto, aos poucos, aos olhos de todos. Tudo por causa daquela fatalidade hereditária, que sua fina intuição presentia. Mesmo porque essa presciência, pertence ao rol daqueles conhecimentos, que o Homem não aprendeu de outro homem: gerar é reproduzir-se, é continuar-se em outra geração; e então os filhos teem forçosamente de se parecer com os pais...

A imitação de Ezequiel dos pés e mãos de Escobar, etc. passou a ser, para ela, um motivo de inquietamento. Porque (ela o sentia intuitivamente) não era bem imitação, mas a "reprodução" do outro. Era a fatalidade biológica que, indiferente aos homens e às coisas (inclusive à vergonha das esposas adúlteras) ia cegamente sendo cumprida, cada dia, com o crescimento do pequeno e sua aproximação vexatória ao adulto.

7.

Agora vejamos um aceno que o autor faz, na sua narrativa, a fim de que o leitor menos avisado demore sua atenção, e vá embebendo-se no

enredo, que se oculta e escorrega por entre os capítulos, breves, e construidos com aquela arte, inimitavel de Machado.

E a impressão que se tem, é a de que o grande segredo anda a pular de trapézio, equilibrando-se e fugindo à queda, que seria, no caso, descobrir-se á percepção do leitor.

Refiro-me àquelas nove palavras finais de certa sentença, do capítulo CXVII, quando se faz alusão à similitude de Ezequiel com a filha de Escobar: "e Sancha acrescentou que até já se iam parecendo" (sua filha, e Ezequiel, companheiros de folguedo e mais ou menos da mesma idade).

Mas Santiago explica logo: "Não; é porque Ezequiel imita o gesto dos outros..."

Como se vê, muito imperceptivel foi o aceno: nove vocábulos atirados assim, como quem não quer nada. Mais se tornou impreciso e vago com as duas negações: a de que a parecença devia ser atribuida ao sestro de imitar, do menino; e a de que, o viverem juntos, favorecia tornarem-se parecidos.

3.

Chegamos a uma passagem que embaraça a análise, por oferecer margem à contradição. Escobar já morreu, Capitú já lançou, ao cadaver dele, aquele olhar de ressaca, e isso foi como que a ponta de uma revelação. Um dia depois do jantar, Capitú pergunta:

— "Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar. Olha Ezequiel, olha firme, assim, vira para o lado de papai, não precisa revirar os olhos, assim, assim..."

Santiago achou que era mesmo, "eram os olhos de Escobar, mas não lhe pareceram esquisitos por isso. A final não haveria mais que meia dúzia de expressões no mundo, e muitas semelhanças se dariam naturalmente".

Até então sua suspeita não se voltara ainda para essa aproximação física de Ezequiel com Escobar. A desconfiança viera do "olhar de ressaca lançado ao morto, por ela. Explica-se, pois, que embora concordando em que a criança repetia o olhar de Escobar, justificava essa semelhança com o fato de não haver, no mundo, senão meia dúzia de expressões e portanto "muitas semelhança se dariam"...

A atitude de Capitú é, porem, embaraçosa para ser analisada. Ela não queria, nem por nada, que o filho imitasse os outros, certamente para não imitar Escobar.

No capítulo CXVI ficou isso bem claro. O pequeno, contrariando-a, entrou a fazer como José Dias andava. Todos riram e Santiago "mais do que ninguem". Capitú, porem fechou a cara e repreendeu-o: "Não quero isso, ouviu?"

Como explicar que passados tempos, Escobar morto, e o marido sob o peso de dúvidas que não sabia esconder, — fosse ela a primeira a

chamar a atenção dele, um dia, para a semelhança fatal?

O embaraço talvez seja só aparente. Vou repetir as palavras dela: "Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar"...

Entenderam a semente lançada de modo tão sutil, para esbater suspeitas? Um amigo do pai dela tambem tinha aquele olhar esquisito. Igual ao de Escobar e ao de Ezequiel.

Excelente argumento para invalidar a hipótese de uma colaboração biológica de Escobar, na concepção de Ezequiel. Seu olhar não era único. Era de outros tambem. Poderia ser tambem o do menino, sem a necessidade de se admitir uma ligação de sangue entre eles...

Na verdade, o embaraço era só na aparência. Machado tem aquí uma das expressões de seu gênio. Um gênio de subtileza. Bastará lê-lo com os olhos da malícia, entre as linhas, sem estranhar suas afirmações que muitas vezes negam, e suas negativas, quantas vezes prenhes de afirmação.

9.

O diabo foi, porem, que a semelhança não parou no olhar: "Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo, que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos"... (Cap. CXXXII).

Assim Ezequiel, de esboço, com suas linhas indecisas, passou a fixar todos seus traços, e deixando a imprecisão fisionômica da primeira idade, não era menos que Escobar "surgindo da sepultura, do seminário, e do Flamengo para se sentar com Santiago à mesa, recebê-los na escada, beijá-lo no gabinete de manhã, ou pedir-lhe à noite a benção do costume..." E "até a voz, dentro de pouco, já lhe parecia a mesma".

Assim, todas as dúvidas e suspeitas desapareceram do espírito de Santiago, dando lugar a uma amarga certeza, que tornava desgraçadamente repulsivo o convívio dele com o menino. Mas tolerava tudo "para se não descobrir a si mesmo e ao mundo".

A situação tornou-se, contudo, insustentavel, e ele tomou uma dessas resoluções supremas e definitivas, e próprias dos alucinados e dos loucos, ou dos indivíduos que teem um exagerado sentimento da dignidade (o que poderá ser tambem uma fuga do normal). A frieza e calma, com que estes obram, diferentemente daqueles, fazem duvidar-se de que não estejam agindo concientemente, sob o domínio da razão.

Santiago resolveu suicidar-se. Fugir à sua imensa dor, em face da maior das decepções, que possa ter uma criatura.

Mas não o fez, por motivos que o leitor deve conhecer. (Se não, vá ao livro, que deverá ser lido antes desta tentativa de um ensaio).

A presença de Ezequiel evitou o suicídio. A de Capitú, o envenenamento de Ezequiel.

Mas houve o inevitavel. Uma explicação entre ambos. Capitú, jogando sua última cartada, chamou em auxílio todos os seus grandes recursos de dissimulação, e teve uma expressão que quasi lhe dá a vitória: "Sei a razão disto; *é a casualidade da semelhança* (vamos grifar...) A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural; a pesar do seminário, não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisto; não nos fica bem dizer mais nada" (Cap. .... CXXXVIII).

Simplesmente desnorteadora. O leitor pouco avisado não sabe mais no que pensar: é ela culpada ou não é? Se o próprio Santiago sentiu fugir sua convicção tão dolorosamente construida... "Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma fantasmagoria de alucinado; mas a entrada repentina de Ezequiel, restituiu-me à conciencia da realidade" (Cap. CXXXIX). Foi a confusão dela, ao olhar, involuntariamente, para o retrato de Escobar, no mesmo instante que Santiago — que forneceu o derradeiro argumento e definitivo, provando seu grande erro. Cristalizou-se em Santiago a convicção de que ela era culpada, ao vê-la perturbar-se com o retrato do morto, em face da parecença da criança, cuja fisionomia gritava acusando-a.

Este é o momento decisivo do drama. É o reconhecimento de que o erro de um não podia mais ser oculto a ambos. E este momento só existiu por força de uma lei biológica (essa repetição fatal das formas vivas através das gerações) que Capitú, até a última hora, tentava invalidar, defendendo-se com a semelhança comum, entre humanos de sangues os mais diversos e afastados.

Rendeu-se á evidencia de sua grande culpa. porque era "vivo" o único argumento contra ela. Único e o maior.

10.

Fim de vida solitária passou a levar Santiago, daí a alcunha que lhe puseram de Dom Casmurro... Só no mundo. Todos morreram. Sobra-lhe apenas, de sua passada existência, o onus de sustentar e educar Ezequiel, no estrangeiro.

Um dia, batem-lhe à porta. É ele que chega formado. Não. Não é bem ele. É o outro. O antigo e jovem companheiro do seminário de S. José, "um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores que eram mais vivas, o mesmo rosto do amigo" (Cap. CXLV).

A voz era a mesma de Escobar. E sentado à sua mesa, falando e rindo, não era Ezequiel, mas sim o seu "colega do seminário que ia ressurgindo cada vez mais do cemitério".

E houve uma hora (hora bem triste) quando ele "se doeu de que Ezequiel não fosse realmen-

te seu filho, que o não completasse e continuasse".

E se a expressão da hereditariedade tivesse sido outra. Se em vez da "dominância" dos caracteres paternos, houvessem se manifestado os de Capitú... É a reflexão do próprio Santiago, dita por outras palavras: "Se o rapaz tem saído à mãe, eu acabava crendo tudo, tanto mais facilmente quanto que ele parecia haver-me deixado na véspera, evocava a meninice, cenas e palavras, a ida para o colégio..."

Infelizmente não. Ezequiel comia com a cara metida no prato como Escobar. Tinha a sua "cabeça aritmética". "Falava e ria, e o defunto falava e ria por ele."

11.

Chegamos ao "resto" (Cap. CXLVIII) que é o fim. Neste capítulo está expressa, de modo admiravel, aquela preocupação Machadeana em afirmar o predomínio da herança biológica. Justamente o que venho querendo demonstrar.

Ele pergunta, através de Santiago, de Dom Casmurro, aliás, "se a Capitú da praia da Gloria já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de um caso incidente".

Para responder a esta indagação profunda, que é o remate precioso do romance, lembra a palavra de Jesús, filho de Sirac: "Não tenhas ciume de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti".

Machado não se dobra a essa conjetura. Para ser maliciosa a mulher não precisa de o aprender com os ciumes de seu marido. Por isso sua convicção é bem outra. O que ele afirma, mandando Santiago dizer, na sua autobiografia: "Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitú menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca".

As condições, o meio, o clima social onde vive, certo, poderão determinar que a malícia apareça na mulher. Porem o comum, o normal e já nascer com ela. É maliciosa a mulher que vem de uma criança naturalmente maliciosa.

Se não o vier, as vicissitudes e as solicitações exteriores, serão capazes de criar nela uma malícia de natureza artificial, e por isso, de carreira afêmera. Se chegar a criar...

Capitú nasceu maliciosa. E, favorecida pela contingência e pelas circunstâncias, serviu-se de sua malícia e defendeu-a com seu grande poder de dissimulação, tambem inato. Eis tudo.

A Capitú da praia da Glória já estava bem dentro da menina de Matacavalos. Esta só pediu tempo e circunstâncias para se transformar naquela, segundo seu destino biológico, pre-esboçado, com certa segurança, no dia em que D. Fortunata a concebeu.

E todo o formoso romance não passa de um desenvolvimento dessa tese sedutora. Tese que o biólogo de hoje defenderá com argumentos de toda a espécie, mas que em Machado foi como uma antecipação admiravel, seja pela época na qual foi concebida, seja pela intuição genial com que a construiu.

Edição uniforme das obras de STEFAN ZWEIG

A Editora Guanabara resolveu apresentar ao público brasileiro a obra de STEFAN ZWEIG, toda uniformizada, conforme o original alemão, em sua última edição. Assim, todas as novelas serão reunidas em 2 tomos, obedecendo ao plano preestabelecido pelo próprio autor: **A Corrente**, que reunirá "três êlos": "Amok", "Segredos de Amor" e "Confusão dos Sentimentos"; **Kaleidoscópio**, que reunirá algumas novelas: "As Legendas" e "Os momentos decisivos da Humanidade"; **Os Construtores do Mundo** (Balzac, Dickens, Dostoyewsky, Holderlin, Kleist, Nietsche); **Três Poetas de sua Vida** (Casanova, Stendhal, Tolstoi); **A Cura pelo Espírito** (Mesmer, M. Baker Eddy, Freud). **Maria Antonieta, Fouché, Maria Stuart, Uma Conciência contra a Violência; Encontros com Homens, Livros e Países; Fernão de Magalhães.**

I — TRÊS POETAS DE SUA VIDA
II — OS CONSTRUTORES DO MUNDO
III — A CORRENTE
IV — A CURA PELO ESPÍRITO
V — FOUCHÉ
VI — KALEIDOSCÓPIO
VII — MARIA ANTONIETA
VIII — MARIA STUART
IX — UMA CONCIÊNCIA CONTRA A VIOLÊNCIA
X — ENCONTROS COM HOMENS, LIVROS E PAÍSES
XI — FERNÃO DE MAGALHÃES

ESTES VOLUMES TEEM O FORMATO DE 22 × 14, TODOS EM ENCADERNAÇÃO LUXUOSA DE PERCALINE — PREÇO 25$000 O VOLUME

EDITORA GUANABARA

WAISSMAN, KOOGAN LTD.

OUVIDOR, 132 RIO DE JANEIRO

ATENDE-SE A PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

FAZENDA

Luiz Martins

A voz fanhosa cantava:

Tenho pena e saudade
Do luá do meu sertão
Festejando a mocidade
Com meu santo São João

Ô morena, por você eu vou chorá
Ô morena, o nosso amô vai se acabá.

O filho mais velho de Nhô Bento era famoso no violão. Nos sábados o pessoal deixava o serviço ao meio dia e a parte da tarde era a hora da música. Ele pegava no pinho, engulia meio copo de pinga pra dar vontade e principiava a se queixar:

Vou largá da cidade
Vou morá lá no sertão
Para vê quela morena
Que guardou recordação.

Ô morena, por você eu vou chorá
Ô morena, o nosso amô vai se acabá.

Numa voz mole, mole. E fanhosa. A tarde era uma preguiça desanimada. O filho de Nhô Bento caprichava bem na moda triste:

Vou largá da cidade
Vou morá no Bom-Jardim
Para vê quela morena
Que falava má de mim.

Ô morena, por você eu vou chorá
Ô morena, o nosso amô vai se acabá.

João Paulo, na varanda, irritava-se, ia lá dentro, engulia um cálice de *cognac*. Voltava mais sereno. A moda triste flutuava indecisa no ar, como a tarde parada. João Paulo voltava, mais *cognac*. Uma dose avantajada. Agora pegava um começozinho bom de embriaguez, uma entrega largada, uma confusão esquisita na quietude da tarde.

Parecia que ele tambem era paisagem. Se deixava embalar sonolento na música monotona da moda do filho de Nhô Bento.

Nas casas da colônia, o pessoal tambem entrava na pinga. Que fazer? Tudo era um silêncio cinzento e estúpido. A vida custava a passar naquelas horas longas de descanso.

Durante essas tardes, até o vento, visitante noturno, parava. As árvores quietíssimas, duras, hieráticas, pareciam cochilar na modorra crepuscular. Maria Clara parava a leitura distraida de um romance, o livro tombava, ela pegava a sentir sono...

João Paulo bebia mais *cognac*. Quando não tinha, entrava mesmo na pinga. Sentia-se desgraçado naquela degradação, naquela embriaguez sem vontade, sem alegria, antes cheia de amargor e de tédio. Estava ficando igualzinho á gente do lugar. Todos os fazendeiros bebiam. Era capaz de acabar como o Pedro. Ou como Tomaz.

Todo mundo bebia. Até as mulheres. Até as crianças. Era o peso daquele silêncio, daquela moleza, aquela imensidade. As vozes eram moles, longas, sem pressa. Tudo morno e fatigado. A vida em cámera lenta.

No céu os corvos voavam molengos, quasi parados, dando curvas preguiçosas e imensas. As vacas pastavam numa quietude de quadro a óleo. A fumaça do cachimbo de João Paulo subia, parava, indecisa, lenta, pesada, espalhava-se vagarosamente na tarde cinzenta e imobilizada.

Agora o filho de Nhô Bento cantava ao violão uma história lancinante:

CHICO

Ezio Pinto Monteiro

Quando, ao descer do trem, lhe entreguei a maleta para que êle a conduzisse, Chico devia ter sentido que alguém surgia afinal na sua pequenina existência que não o trataria como um negrinho apenas: havia no olhar, que não se desviava de mim, uma expressão definida de confiança.

Na modesta pensão que eu escolhera para passar as férias — uma casa baixa e antiga na estrada que, partindo da estação, conduz á montanha coroada pelas Agulhas Negras — poucos eram os hospedes nessa quadra do ano: uma senhora com o filho de 11 anos, duas velhotas e eu. Chico, filho da cozinheira, dispunha assim de tempo para nos servir de companheiro nos passeios matinais pelos caminhos cheios de sol. Companheiro apenas, porque, como cicerone, êle dava invariavelmente informações erradas.

— Chico, a que horas passa o trem leiteiro?

— Eu acho que êle passa ás 4 horas.

O trem passava ás 11.

— Aonde vai dar êste caminh[illegible]

Na oficina onde trabalhava
A moça Maria
De cabeça baixa
Com a mão na cara
No quedar do dia
O mestre dizia:

Oh! meu Deus, o que será
Essa moça morre
Ou ela fica louca
De tanto pensá?

Vem contar querida
Que findou sua vida
Com essa ingratidão
Que moço marvado
Matou a Maria
De tanta paixão.

Umas voltas dolentes no violão. E o romance continuava, tristíssimo:

No outro dia bem cedo
Sua amiga chegou
Para consolar
Respondeu Maria:
Tudo se arretira
E' hora de deitá.

Maria não queria conversa. Mas a amiga insiste, cacete como quasi todas as amigas:

No outro dia bem cedo
Sua amiga chegou
Para distrair.
Respondeu Maria:
Tudo se arretira
E' hora de dormir.

Maria gostava de dormir de manhãzinha cedo. Mas a mãe agora se mete no meio da cantiga, porque já era hora de ir para o serviço:

No outro dia bem cedo
Sua mãe levanta
Para o trabalho
— Óia, minha filha,
Vamo trabalhá.
Respondeu Maria
Coa a voz munto baixinho:
Senhora mamãe
Já levanto já.

Agora sim, era triste mesmo. E a voz gênua tinha soluços desconsolados. Maria morrer.

Chega na oficina
Com a mão na cara
Começa a chorar
Que moço marvado
Que vai me matar.

No outro dia bem cedo
O mensageiro vai avisar
Que na oficina
A moça Maria
Já se deu finá.

A moça Maria liquidada, o cantor passava a sacrificar outro sujeito qualquer. Modas tristíssimas, o amor não correspondido, dor de corno — a universalidade das expressões sentimentais! A morena não quer saber, a morena traiu, a morena enganou... A morena é pérfida.

A tarde parada. A morena flutua no ar, no som fugidio da viola. Para esquecer a morena, é preciso beber pinga. Para lembrar a morena, é preciso beber pinga. Pinga, quando faz frio, para esquentar. Pinga, quando faz calor, para esfriar. Pinga para remédio, para dar alegria, para ajudar a ser triste... Pinga para a voz cantar bem dolente a traição eterna da morena.

A morena é negra, é mulata, é loura sardenta filha de italiano. Ás vezes é morena mesmo. A morena é pérfida. A voz na tar-

E N D A

Luiz Martins

no ar, como a tarde parada. João Paulo voltava, mais *cognac*. Uma dose avantajada. Agora pegava um começozinho bom de embriaguez, uma entrega largada, uma confusão esquisita na quietude da tarde.

Parecia que ele tambem era paisagem. Se deixava embalar sonolento na música monotona da moda do filho de Nhô Bento.

Nas casas da colônia, o pessoal tambem entrava na pinga. Que fazer? Tudo era um silêncio cinzento e estúpido. A vida custava a passar naquelas horas longas de descanso.

Durante essas tardes, até o vento, visitante noturno, parava. As árvores quietíssimas, duras, hieráticas, pareciam cochilar na modorra crepuscular. Maria Clara parava a leitura distraida de um romance, o livro tombava, ela pegava a sentir sono...
de João Paulo bebia mais *cognac*. Quando não
tudo seu [illegible] mesmo na pinga. Sentia-se des-

Ô morena, por você eu vou chorá.
Ô morena, o nosso amor vai se acabá...

A morena é mais bela do que luar. A morena não existe.

(Trecho do romance "Fazenda", em preparo)

CHICO

Ezio Pinto Monteiro

Quando, ao descer do trem, lhe entreguei a maleta para que êle a conduzisse, Chico devia ter sentido que alguém surgia afinal na sua pequenina existência que não o trataria como um negrinho apenas: havia no olhar, que não se desviava de mim, uma expressão definida de confiança.

Na modesta pensão que eu escolhera para passar as férias — uma casa baixa e antiga na estrada que, partindo da estação, conduz á montanha coroada pelas Agulhas Negras — poucos eram os hospedes nessa quadra do ano: uma senhora com o filho de 11 anos, duas velhotas e eu. Chico, filho da cozinheira, dispunha assim de tempo para nos servir de companheiro nos passeios matinais pelos caminhos cheios de sol. Companheiro apenas, porque, como cicerone, êle dava invariavelmente informações erradas.

— Chico, a que horas passa o trem leiteiro?

— Eu acho que êle passa ás 4 horas...

O trem passava ás 11.

— Aonde vai dar êste caminho?

— Não sei, não, senhor...

— Não vai para Rezende?

— Ah, vai, sim, senhor.

A estrada ia dar em Itatiaia, exatamente no lado oposto.

— Como é o nome dessa flor, Chico?

— Isso é flor do mato; não tem nome, não, senhor...

Alguém do grupo exclamava:

Que pretinho burro!

— Chico olhava, rápido, para mim e percebia no meu sorriso que eu não o considerava como tal.

Desde pequenino, quando, com as perninhas curtas e trópegas, se esforçava por acompanhar os passos ligeiros da mãe, que Chico se ouvia chamado de uma porção de nomes: Anda, peste! Caminha, molenga! Ô diabo mole...

Empregada a mãe como cozinheira da pensão, começou Chico, aos 7 anos, a trabalhar também; não eram diferentes os apelidos que lhe punham a dona da casa, os hospedes, os filhos dos hospedes: burro, bocó, palerma, negrinho...

Acabado o jantar — o que geralmente acontecia ás 6 e meia — ficavamos ainda algum tempo sentados á mesa, conversando sôbre as mesmas coisas sem importância de sempre. Jorge, ao lado da mãe, ouvia desinteressado a conversa. Chico tirava a mesa com rapidez incrivel, ia jantar na cozinha ás carreiras e voltava logo para a sala, ansioso... Encostava-se á porta do corredor, os olhinhos vivos fixos em mim. Depois de algum tempo desviava-os para Jorge. Êste aproveitava a primeira pausa e me dizia, quasi implorando:

— Vamos, seu Antônio?

— Deixa seu Antônio conversar, menino.

Eu tirava mais uma fumarada do cigarro e, fingindo que interrompia a conversa com pezar, levantava-me. Já o Jorge estava ao meu lado e Chico se despregava da porta, pulando de prazer. Iamos então para o meu quarto. Enquanto que os dois ficavam sentados na minha mala, de onde logo após desciam para o chão, eu acomodava-me na cadeira de palha.

A coisa começava geralmente por uma história contada por mim, de bichos ou aven-

turas. Cabia depois a vez ao Jorge: era invariavelmente qualquer coisa de valentia, com brigas terriveis, metralhadoras, aviões e bandidos... Chico ouvia-o com visivel inveja, mas amimava-se na hora dos tiros e dava gritos e pulos de alegria. Chegava, afinal, a vez dele... Havia sempre antes protestos envergonhados de que não sabia história alguma, que eu contasse outra por êle; mas nós resistiamos e a história acabava vindo. Chico só sabia coisas muito simples de bichos, que contava atrapalhadamente e se cansando muito. Quasi sempre eu tinha de acabar por ajudá-lo a livrar-se das dificuldades a que a narração o conduzia.

Terminada a primeira parte da sessão, eu levantava-me, acendia um cigarro, que ia fumar na janela, tudo isso sob os olhares admirados de ambos. Passavamos, então, ao saráu cantante, iniciado por Jorge, com modinhas carnavalescas, sambas conhecidos e outras barulhadas. Embora cantar não seja o meu forte, eu o acompanhava, animando assim Chico a perder a vergonha e cantar também. Êle nunca sabia modinha alguma completa, mas enchia as interrupções com boa dose de barulho, fazendo a minha mala de caixa de música. Quando a coisa chegava ao auge, aparecia D. Augusta para censurar os meninos pelo barulho que faziam no meu quarto, "incomodando o moço"...

— Seu Jorge, já são 8 horas, vamos dormir!

Jorge não relutava; despedia-se de mim e de Chico, que já aí estava de cara triste, e invariavelmente me dizia:

— Amanhã vamos brincar de novo, sim, seu Antônio?

Eu prometia e, levantando-me para apanhar um livro, mandava Chico ir dormir tambem.

A janela fechada, eu deixava a porta do quarto aberta para a saleta, que á noite se transformava em "quarto" do Chico. Enquanto iniciava a leitura, êle preparava a esteira em baixo da mesa do café e, com a mesma roupa de sempre (calça curta e camisa de algodão), deitava-se com o rosto virado para a minha porta. Ao virar a fôlha do livro, eu olhava disfarçadamente para a saleta: lá estavam os olhinhos vivos fixos em mim...

— Que é isso, Chico? Você não dorme ainda?

— Eu tô dormindo... E havia um sorriso angelical no rostinho preto.

Afinal, as pequeninas palpebras pesavam demais e Chico ferrava no somno.

———

Chegou, depressa, o dia da partida. O trem passava ás 2, na hora do sol intenso. O dono da pensão viajara na véspera para o Rio e as senhoras cederam facilmente ás minhas ponderações sôbre a inconveniência de uma caminhada até á estação em hora tão imprópria. Jorge ficou na porta da casa, dandome adeus com o chapéu. Chico insistiu em acompanhar-me, mas fez todo o trajeto calado e de cabeça baixa. Ao chegarmos á estação, criou coragem e indagou:

— O senhor volta, seu Antônio?

— Naturalmente que volto. No ano que vem...

— Falta muito?

— Não; passa depressa. Você vai ficar admirado quando eu saltar de novo aqui: Tão depressa!

Chico sorriu um sorriso cheio de tristeza e começou a balbuciar qualquer coisa, quando o trem surgiu na reta da estação e se aproximou majestosamente.

— Deixa eu ir com o senhor, seu Antônio? Ah deixa!...

Abraçando-o, disse-lhe que não, que não poderia ser... Mas tive de acrescentar:

— Chico, um homem não chora! Até breve! Não me esquecerei de você.

Enquanto eu penetrava no carro que havia escolhido, Chico atravessou rapidamente entre os vagões e parou na descida para a casa, bem no meio da estrada, segurando com as duas mãos na altura do peito o retrato que eu lhe dera.

O trem se poz em movimento. Contra o fundo imenso da montanha distante, Chico era uma coizinha de nada, um ponto quasi imperceptivel; mas quanta angustia no peitinho frágil!...

SONHO

(do romance a aparecer brevemente "TRINTA ANOS SEM PAISAGEM")

Guilherme Figueiredo

Marcelino Junior tambem digressionava. E' que a voz do escrivão amolecia-o devagar, e o obrigava a fugir da posição erecta que assumira. As palavras com o mesmo tom e o mesmo timbre, lembrando monotonamente uma goteira, levaram-no a procurar o braço da poltrona, apoiar-se nele com mais abandono, e deitar a cabeça para trás. "Que se abraçavam e se beijavam frequentemente; que ela depoente achava isso muito natural, uma vez que..."

Marcelino Junior havia almoçado. Almoçado bem. Sabe-se lá quando termina a sessão?... Nesses dias D. Arminda acrescentava ao menú um pombinho ensopado. Feito por suas próprias mãos. De mestre, deviam ser, porque o marido, ao empurrar a cadeira, deixava no prato um punhado de ossos, arrumadinhos, chupadinhos e secos. Havia algo de elogios a D. Arminda, no olhar macio de Marcelino para o pombo. E como não lhe bastasse o madrigal de roer cuidadosamente a carcassa, tomava a benção da esposa, demoradamente, e exclamava: "Mãos de fada..."

A voz do escrivão amortecia os sentidos... E a alma ressurecta do pombo abraçava-se à do meritíssimo, e galgavam ambas as alturas do sonho... "que se abraçavam e se..." O rosto austero alisava-se, e isto era numa estrada, no Estado do Rio, na sua terra natal. Tambem rolavam-lhe os óculos no chão, e o pé impávido de Marcelino, então lépido e facil, pisava-o, soberano, desprezando-o — como os presidentes aos ministros de que não mais precisam. O velho carro de bois da fazenda de Ipiabas passara cantando, e cavara no barro o trilho das rodas. E a água enchera os regozinhos, que reluziam na manhã, como se o sol se quebrasse em cacos dentro deles. Tufos de capim espinhoso ornavam os barrancos, como enormes aranhas verdes numa parede vermelha. Os cavalinhos marchadores tambem marcavam os cascos na lama. E, de quando em quando, um punhado de borboletas amarelas se amontoava no chão, como outros tantos retalhos de sol. Mas a passagem de um João-de-barro célere e estrepitoso dispersava tudo outra vez.

Os moirões da cerca pareciam um bando de prisioneiros mutilados. Na mangueira, sobre o morro, o perfil encarnado do "Laranja" destacava-se como uma água-forte. Uma brisa adocicada, cheirando a capim-gordura e terra molhada envolvia Marcelino que corria, corria... E pensava que talvez fosse aquela a oportunidade para o que premeditava no silêncio do seu quarto, no casarão da fazenda, nas noites de vento lancinante, enquanto os outros se reuniam na velha sala de jantar patriarcal... Corria e pensava, corria e pensava, corria... Mas para correr assim, não o atrapalhava a toga... Não a tinha mesmo, nem sonhava tê-la... e na mão direita não trazia os volumes do avô, nem algum ensebado processo forense... Não. Marcelino aos vinte anos não adivinhara que a sua árvore genealógica era frutífera. E que os frutos eram brocardos do *Corpus Juris*... Terna, muito terna, quase úmida, a mãozinha de Laura é que estava na sua. Os cabelos amarrados para trás, com uma fita azul, a outra mão tomando a ponta da saia comprida,

ela lembrava uma graciosa figura de masurca... Os olhos moveis, como bolhas de um nivel... E o riso da priminha excitava-o, dilatava-lhe o coração no peito, com uma quentura de embriaguez... Ouvia-lhe o bater dumas medalhinhas de encontro ao seio... E as suas sensações se transmitiam ao chapéu de palha rija, ao bigode córneo, como então usava o estudante, ao colarinho solene, ao terno branco de jaquetão de oito botões... Marcelino inteiro era um só apetite. Laura possuia um talhe longo e sinuoso de "s" alemão...

— Por favor, por favor, não corre tanto, Lino!

E o rapaz entusiasmava-se arrastava-a com mais força, bigodes ao vento... E os seus dedos comprimiam a mão morena da menina.

Ela parou, subitamente, puxando-o:

— Não posso mais... Estou sem fôlego... Para, um pouquinho só...

Ficara para trás a estrada barrenta, onde as borboletas assustadas voltavam a pousar, e arfavam como corações de ouro à flor da terra. Tambem parecia mais longínquo o mugido lerdo do "Laranja". Longe tambem o apito e a fumacinha do trem, na estação de tijolo... Um silêncio fresco e claro, salpicado de pios de aves escondidas. Ela retirou a mão, e suas narinas pulsavam, como asas duma borboleta pousada. O primo esqueceu-se um pouco para trás. Sentia-se impelido por uma voz interior: "Vamos! A oportunidade..." E disse então, como que perseguindo a menina com as palavras, tremulamente:

— Laura... Escuta...

Começara, começara... Agora tinha que acabar...

— Eu fiz uma poesia para você...

Dizia, mas sabia que isto era somente um prólogo. A menina olhou espantada. Depois riu. O seu riso tinha o tinido das medalhas que trazia no pescoço e cantavam. Marcelino, esbraseado, não viu se ela zombava ou estava alegre... Alegre, devia ser isso, alegre, com os olhos iluminados e interrogativos... Ele puxou do bolso do colete um papelinho e principiou:

— *Eu vos quero dizer a palavra mais bela...*

Ela ria, ria, ria... O esforço da corrida embaraçou-a um pouco, e tambem a chave de ouro, bastante gazua. Marcelino chegou-se bem perto, e rapidamente, inesperadamente, tomou a prima pelos ombros, apertou-a abraçou-a... Sentiu que ela ia protestar, que se debatia como um ave num alçapão, e decerto se desvencelharia... A boca do primo comprimiu-lhe os lábios abertos e ofegantes, com fúria... O bigode de Marcelino esfregava-se no rosto pálido de Laura. Era uma revelação? Era só o espanto? Sentiu um relaxamento nos músculos dela, um abandono, uma moleza, e por isso apertou com mais vigor. O protesto enfraquecia, dentro mesmo do beijo. Ao tentar uma palavra, Laura sentia os fios do bigode passando-lhe nos dentes, entrando-lhe na boca... Os dedos do rapaz correram por cima do vestido, pelo busto, pela anca... Ela se ruborizou mais, com a aragem fresca a lhe bater na perna nua...

— Não, não— Isso, não!

Marcelino não ouvia. Fremia, a boca seca, os olhos vítreos.

— Não, não!

E o rosto da menina era uma tristeza, uma súplica... A mão lhe afagava a perna, em cima, muito em cima...

— Lino...

Estava surdo. Com a outra mão enlaçava-a com força, espremendo-a de encontro ao seu corpo... Uma sineta trotou na curva do caminho, com um som nítido, igual. Marcelino repeliu a prima, rubro.

Nos cantos dos olhos tristes brotaram duas lágrimas redondas. E um breve soluço sacudiu-a toda, num remorso, num pudor, um ódio silencioso...

— Boa tarde, moços...

O tropeiro passou sacolejante, no dorso da mula, tangendo o "Laranja". Os primos continuaram a andar, agora vagarosamente e afastados, sem se encarar. E Marcelino pensava que no dia seguinte terminavam as férias. Laura soluçava baixinho, e o colo sacudia-se, como o de uma pomba cansada... "Que não deu ao fato maior atenção, que..." O pombinho ensopado, de volta da viagem, depositou dentro da toga a alma de Marcelino Junior. Depois, muito à vontade, se aninhou nas mãos de D. Arminda. E então o juiz teve um frêmito de dignidade, afastando a lembrança. Contornou, e, para justificar-se, encontrou uma palavra remota, cheia de escusas: mocidade... Meditou com vigor jurídico na odiosidade do incesto. Abriu os olhos lentamente, e viu que os senhores jurados tambem estavam concentrados... "que muitas vezes, à noite, ia conversar com ela, no supracitado leito..." Mirou os cabelos crescidos de Gabriel, com horror.

Um idílio em dois capitulos

Marques Rebelo

Aurora se mostrava mais alegre que o sol, e o sol era radioso, sol que lhe dourava a pele clara, sol vivificante e puro que sazonava os frutos nos ramos, que caía igual sobre o campo que o regato corta, sobre os montes verdes que se perdiam azues no fundo harmonioso do horizonte.

— Aquí é o cercado dos carneiros.

Eles vieram, encaracolados, para ela que chegava. Puseram-se de pé, mansinhos, fincando as patas dianteiras na grade de arame, farejando, balindo.

— Estão doentes, Aurora?

— Doentes?!...

— Sim. Parecem tão magros...

— Magros?!... Você está brincando, não, meu filho?

— Olhe as pernas, Aurora.

— Boa! Eles teem as pernas finas assim mesmo. Você nunca viu um carneiro?

— Parece incrivel, mas é verdade.

— Tudo é possivel neste mundo.

Riram. Sultão pulava a volta deles. O porquinho passou, rabinho torcido, redondo, rebolante, fungando.

— E' de raça, Toníco.

— Buldogue ou foxeter?

— Raça do seu nariz.

Na sombra da jaqueira, o ventinho era fresco. As parasitas, penduradas no tronco, floriam.

— Que linda vista, Aurora, daquí.

Que linda! olharam. Uma paz de idílio protege o campo e a serra longínqua, que uma névoa azulada coroava os cimos. A nuvem ia manchando de escuro o capim que tremia ao vento na baixada de cupins salientes. Fugia a água correndo, ocultando-se numa volta flexuosa por detrás do bambual. Bois imobilizados na encosta do morro, onde um casebre fumegava e o homem é um ponto branco que sobe. Veio no ar um barulho de sinos, um ruflar de asas. Havia um perfume de flor.

— E' lindo! repetiu ele.

— Eu não disse?

— Você está gostando daquí, não está?

— Estou. E' natural. Gozamos saude, papai sente-se feliz... Alem do mais, isso aquí é bonito mesmo, Tonico, como você está vendo. De noite é um pouco triste, é, mas a gente se acostuma. Ás vezes o silêncio é tão completo que faz medo. Os sapos é que não param.

Andaram. Iam de mãos dadas. A abelha zumbia na cerca da madrezilva, aroma assucarado que embalsamava o ar. Houve a debandada dos marrecos.

— Aquí nesta vala, domingo passado, papai matou uma bruta jararacussú. Está ouvindo?

— Estou, estou... e olhou-a com tristeza. Você não tem saudades, Aurora?

— Suas? Tolinho... Vem cá, vem ver uma coisa.

— O que?

— Vem ver, homenzinho, não amole.

Apontou a laranjeira:

— Veja!

— O que, Aurora?

— Bote uns óculos. Aquí! e apontou com o dedo.

Ele viu — era o seu apelido, Tonico, aberto a canivete no tronco.

— Foi você?

— Não. Nasceu assim.

Tudo é treva agora que as sanfonas pararam, só os sapos persistem na noite frígida de julho. Como era diferente das noites da cidade! O coração oprimia-se ante o silêncio misterioso e desconhecido (só o bater dos sapos!) em que os campos se afundavam.

Aurora percebeu:

— A noite aquí é isso que você está vendo, Tonico. Acha pau?

— Não. Acho triste. Triste demais, talvez, mas a gente se acostuma e acaba gostando, não é?

— Eu, pelo menos.

O cheiro do mato noturno pertubava-o estranhamente. Chegou-se para ela como para um abrigo conhecido. Aurora fugiu, convidando:

— Vamos jogar? E' o que fazemos para matar o tempo. Diverte.

— Vamos.

Saíram da janela. O grilo começava.

— Sabe jogar casino?

— Pode ser que saiba, mas assim de nome...

— Se não souber, aprende. E' muito facil.

Sentaram-se á mesa sob a luz flebil que tremia. Aurora espalhou as cartas gastas, gordas, manchadas.

— Preste bem atenção. Olhe: o casinão é o dez de ouro; o casininho é o dois de ouro. Guarde bem. Cada ás vale um ponto. Está ouvindo, lambão?

— Estou.

— Bem. São quatro cartas na mesa. A gente tem de casar — valete com valete, dama com dama, oito com oito, assim por diante, comprendeu?

Aurora embaralhava:

—Já sabe tudo. Agora é jogar.

As mãos distribuiam, morenas, uma, duas, três...

— Comece você.

— Sou eu?!

— Distraído antes do tempo, Tonico?

Pacheco se chegou:

— Quero entrar nesta dansa tambem. Vocês não convidam?

— Depois, papai. Ainda estou ensinando.

— Seu Tonico então não sabe?

— Nem estou vendo muito jeito de aprender.

— Vai-se com calma.

A luz pisca. Dona Rita cochila na espreguiçadeira. Tonico se atrapalha nos golpes. Aurora queixa-se:

— Você em jogo é uma negação!

Pai ri. Os sapos na treva, lá fora, continuam. O grilo cansa.

— Deixe os cobertores, dorminhoco! Aquí não se emenda o dia com a noite, não.

— Já vou. E' um minutinho. Só falta me pentear.

—Eu te conheço, saracura.

Entrava pelos vidros o sol lúcido de inverno.

— Está chovendo?

Aurora riu:

— Como cabelo de sapo.

Veio o café com leite na sala fresca, defronte de Aurora, diligente, Aurora que está mais forte, mais cheia de corpo, uma moça já.

— Ande daí logo, seu Zé Preguiça. Tenho que ir dar milho às galinhas, colher os ovos, soltar os carneiros... (Eles berravam no fundo do quintal.) Ou você está pensando que isso aquí é camara dos deputados, onde ninguem faz nada?

— Você assim acaba tuberculosa.

— E você paralítico!

Patos, perús, galinhas, marrecos, os rodearam ávidos, pinicando o chão, que ela cobria de grãos.

As goiabeiras carregavam. A vala, limpa, tinha nas beiras o tapete espesso de agriões.

Um rego novo levava a agua aos canteiros viçosos das alfaces, das selvas, das couves. As bananeiras cresciam da terra preta.

— Aurora...

— Que foi?

— Quer ir até lá?

— Lá, onde?!...

— Na laranjeira...

— Não, Tonico. Nada de laranjeiras. Vamos colher os ovos. Tome, faça alguma coisa util — segure o cesto. Está com a mão mole?

O cabazinho ficou até as bordas. Ela catava-os, agachada, revolvendo a palha, entrando no galinheiro fechado (por causa das gambás) passando-os pelos vãos de tabuado.

— Ainda não acabou?

— Tem mais este.

— Grande, hein!

Saiu cansada, vermelha, o cabelo correndo para a testa, mais bela, infinitamente mais bela:

— Porque é de pata.

— E os carneiros, não põem?

— Ainda não está no tempo. Lá para setembro... Ande, grande humorista, vamos para a sala contar e separar isto.

— Para que tanta pressa?

— Isto é dinheiro, Tonico! Nós vendemos. Vai já para a cidade.

— Não sabia.

— Você acha que aquí vivemos de brisa?

Aurora separava-os:

— Vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco... Este é de pata. Este tambem. Vinte e seis... Este é de perú.

— Perú ou perua?

— Não seja engraçado. Vinte e sete, vinte e oito... Outro de perua — está ouvindo? Vinte e nove... Este é de...

— Meu não é que eu sei.

Ela gostou:

— A final teve uma que se aproveitasse. E trinta!

Estava acabado.

— Vicente! Ó, Vicente! Mamãe, onde está o Vicente? Os ovos já estão contados para levar.

Dona Rita respondeu da cozinha:

— Ele já vai. Foi buscar lenha.

— Que moleque! Ontem de noite eu mandei ele por, mamãe.

— Pôs verde, verde.

Aurora abriu o armário:

— A sobra é aquí para nós. Ande, Zé das Dúzias, sai dessa leseira, me ajude um pouco.

De cócoras ia guardando os ovos, que ele lhe passava. O pintassilgo cantava. Tonico escutava-o embevecido. A saudade de toda uma época da sua vida acudiu-lhe de súbito. Saudade da casa no Andaraí, a mãe tão áspera e tão boa, as brigas de crianças com o irmão (estou de mal pra toda vida-toque!), os canários trinando na varanda...

Aurora, como adivinhando, despertou-o:

— E os teus canários, Tonico? Você não me falou ou me esqueci de perguntar.

— Morreram, Aurora. Com a balbúrdia da morte de mamãe, eu me descudei... Morreram, coitados. Tudo morre, Aurora, tudo morre. De vez em quando...

(Continúa no fim do ANUARIO)

TRECHO DE ROMANCE

Lúcio Várzea

Luiz Mendes olhou o cromo da parede: um cavalo bebendo água. E, folhinha do cromo — *Junho* 11 — *domingo*.

Chuviscou toda a noite passada. E' a despedida do inverno. Não faz mal às plantas. As vezes atrasa é o gado. Costuma aparecer o klan no fim do inverno. E uma vacca amanheceu mancando. Agora se é? — Gosta de dar como diacho, no fim do inverno — informou Floriano Piancó. Eu já fui com ela à água quente com sal. Amanhã boto criolina.

Diz o morador que é o único perigo dessa chuvinha de fins d'água. Ás plantas não faz mal. E apenas molha o "espelho da terra", sem estragar a maçã do algodão.

E' assim mesmo. Daquí por diante, só alguma chuva pesada, um pé d'água destampado poderá ofender. Mas o inverno generoso deste trinta e sete vai se afastando do sertão entre neblinas leves, e nuvens lá longe — lembrando Baturité. Os últimos aguaceiros do ano foram em junho, de 23 para 24, porém a terra enxugou logo, como favorecendo as fogueiras do Santo.

Agora, em julho, o inverno bom nos diz adeus. Todos temos saudades. Quem não quer ver o mato nascer, a babugem saindo do chão, ao tamborinar das primeiras chuvas na telha? Quem não gosta da escaramuça dos bezerros nos pátios, ao cheiro da terra molhada? A gente leva um tempão bebendo de cacimba e tomando banho de cuia. Que falta nos fazem a água de chuva e o banho de rio! Todos temos saudades, mas pedimos ao inverno que se vá, para voltar em tempo. Rogamos que venha cedo. E, como foi bom, este ano, temos assim a impressão de que o inverno nos entende, e se despede, em neblinas, prometendo abundância aos que plantaram, aos que ficam esperando as colheitas.

O inverno se despede até para o ano... Quem sabe? Demétrio Fortunato jura como trinta e oito é seco. Ás vezes, erra o ajuizado e o maluco acerta. O Ceará tambem é doido.

*
* *

Luiz Mendes é madrugador. Quando o sol, pelas frinchas da janela do seu quarto, põe moedas de ouro novo na parede caiada e na rede de Alfeu — há muito está ele no pobre gabinete, de onde ouve a teima dos pequenos sobre a posse daquele tesouro de instantes.

— As moedas da parede são todas minhas — diz Helenita. As suas, Feu, são as que estão na sua rede. Na minha rede não tem nem uma.

— Olhe aquí, papai, Heli quer as moedas da parede, todinhas!

E Helena, sorrindo:

— Luiz, venha logo repartir essas moedas de ouro, se não Alfeu e Helenita brigam. Você quer tambem?

Agora, com a estadia da mâi em Baturité, os pequenos discutiam à vontade.

Era só abrir a janela, e foi uma vez o tesouro.

*
* *

Belo domingo de julho. Enquanto o sol das seis e meia, através das gretas da janela, espalha moedas de ouro lá dentro — vem, de fora, mugidos de vacas, tatalar de asas, arrulhos de pombos, cacarejar de galinhas e o estou-fraco, estou-fraco dos capotes.

A

godo

conse

Canta tudo de uma vez. E, naquela matinada, Luiz Mendes só distingue o cabeça-vermelha e o corrupião.

A neblina da noite passada enfeitou os algodoeiros. Ao sol das seis e meia, por entre o ouro amarelo das flores, o ouro branco dos primeiros capulhos e a esmeralda das folhas, refulge a prata dos pingentes, que a neblina fez — para enfeitar os algodoeiros.

Luiz Mendes olha a filhinha do cromo e medita. — Já estamos a 11 de julho. Fim de inverno. Julho... Agosto... Quando chegarmos aos meses de b-r-o, o corcel do tempo desembesta até o ano novo, no mês de r-o: fevereiro, o mês do Carnaval, o mês dos excessos, da quebradeira, dos arrependimentos. De março em diante, parece que o tempo não corre tanto.

A idéia do corcel talvez fosse sugerida pelo cromo: a casa rústica, o cavalo bebendo água num tanque, e a flor da casa lhe passando as

do como D. Marta lhe chamou cavalo e o promoveu a burro. Aquela flor do campo, entretanto, dessedentando um cavalo autêntico, ainda lhe acaricia as crinas. Disso, passou Luiz Mendes a pensar em Irene — debil flor de espiritualidade, que resistia ao mais rude materialismo.

Para ele, o conceito de Deus sempre fora um absurdo. Mas, ouvindo Irene, bem que tinha vontade de acreditar, como Irene, num "criador do céu e da terra, soberano senhor de todas as coisas".

*

* *

Certa vez, ao terminar alta noite o juri, numa vila do interior, sendo o réu absolvido, foram levar-lhe a boa nova. E, enquanto felicitavam o homem, que ia amanhacer em casa;

que ia para a rua, gozar novamente a liberdade, Luiz Mendes viu, a carvão, na esfumaçada parede da cadeia — Saudade. Até na cadeia, naquele lugar desgraçado, ela penetrara.

— Gumercindo, alumia aquí. O carcereiro encostou na parede a lamparina, e Luiz Mendes ficou olhando e lendo, mentalmente: — Saudade. Nunca mais se esqueceu.

Muito antes, na praia de Iracema, sentado numa jangada, ele escrevera — Saudade — há quantos anos! — com a ponteira da bengala. — Saudade — já escrevera, com um talo de flor, nas areias do Aracoiaba — Saudade, ele já vira, na vareta de um leque, pelas festas de Santa Luzia, em Baturité. — Saudade, no peitoril de uma janela, em Guixeramobim, por Santo Antônio. Mas na parede de uma cadeia?!.. E ficou olhando, olhando.

O carcereiro, ao lado, com a lamparina de querozene. O pessoal conduzindo o homem, que ia assistir ao romper do dia em casa. A filha agarrada com o pai. A mulher chorando e rindo.

— O que é que seu doutor espia tanto nessa parede?

— Nada, Gumercindo. Vamo-nos tambem. E nunca mais se esqueceu.

*

* *

O coração de Luiz Mendes, carregado de tristeza, embaraçado pela descrença, era uma espécie de parede de cadeia, onde, muito de leve, se refletiam as idéias, de Irene. Iam-se gravando alí, não em carvão: iam-se gravando em luz, essa imperceptivel luz, que irradia da bondade, da paciência e da tolerância.

Era assim Irene, uma flor de espiritualidade.

E este boneco, como tantos outros que andam aí pela existência, tem a sua história, uma destas histórias curtas, simples, singelas, que a gente volta a contar para novamente sofrer!

Há cicatrizes que renovamos por um destes egoismos inexplicaveis; o egoismo de querer muito e, por isso mesmo, relembrar sempre.

A história de Fritz é dessas histórias suaves, que a gente devia só dizer no côncavo da orelha dos poucos que a podem entender...

A dona de Fritz chamava-se Rute. Nome curto como a existência da própria pessoa que o trazia. Rute era minha irmã, minha amiga, uma camélia; branca e bela, pura e jovem. Sua vida, feita toda da tranquilidade dos seus lindos dezoito anos e do encanto do único amor que tivera na vida, era, por bem dizer, "o mesmo manso lago azul", de que nos fala o poeta. E Fritz a acompanhava desde o dia que Rute começou a amar. Viu tecer fio por fio, peça por peça, carinhosamente, com reflexos de entusiasmo no olhar vadio, o lindo enxoval de sua dona.

No dia em que a [illegible] vi, cruzou flores de laranjeira sobre a fronte alva e altiva, no mesmo quarto onde caíam os presentes ricos dos parentes, no dia justamente, em que Rute se demonstrava mais alegre, FRITZ alí se achava, olhando a tudo e a todos, com a mesma languidez no olhar, com as mesmas mãos caídas ao longo do corpo, com o mesmo "cachecol" batido, enrolado ao pescoço, mas, em tudo, impassivelmente, "alemão".

Rute, doce e suave, na sua alegria infantil, o abraçava, às vezes, com frenesí, com essa alegria espontânea e natural de menina que deixara de ser madrinha de bonecas, para se casar!

Mui pouco durou essa alegria que estonteava FRITZ, hoje orfão de tanto carinho, de tanto amor. Rute adoece. FRITZ atirado sobre uma cadeira, como uma coisa inutil, vê sua amiguinha seguir na ambulância... Ia para um hospital. Operada. Morre.

E depois?...

Depois, Fritz passou a viver no quarto de

um viuvo. O que teria sido a sua vida alí? Insípida? Alegre? Interessante? Talvez.

Mas... não valia a pena viver senão em local que ela fosse lembrada, chorada, sempre.

Porque Fritz era sentimental, apesar de ser saxônio...

E Rute morrera levando um outro bonequinho de carne, que talvez fosse o melhor amiguinho dele...

Pobre e triste sina a deste boneco. Hoje entra ele pela minha casa a dentro. Uma irmã carinhosa vela, porem, pela integridade física de Fritz, porque os meus garotos o desejam para seus brincos...

Se alí, naquelas mãos juvenís, ficasse o Fritz, em breve, teríamos que vê-lo orfão e... aleijado.

Qual a criança que se preza que não estraça-lha logo um boneco? Poucas. Raras. Apontadas a dedo.

Acabemos. Tenho-te diante dos meus olhos, amigo Fritz. E' noite. Contemplas, impassivel e fleugmaticamente, as páginas brancas que vou enchendo de "garatujas" negras... Essas páginas falam de ti e não compreendes.

Entraste, porem, com o pé direito na casa da irmã de Rute. Mas, mesmo assim, a sorte teima em te ser adversa. Orfão de afagos, outros encontrarás, mas vieste, ai de ti!, para a casa de um Sonhador e os teus olhos tristes mais entristecem as páginas que eu escrevo, os livros que eu leio!

Mas... vieste assim mesmo da Alemanha, como todo Fritz...

Quem há que possa modificar a melancolia desses olhos azues, se, nem a passada alacridade de Rute (flor entre as flores), mimo que Deus arrebatou da terra, pôde, com a sua suavidade, modificar a eterna nostalgia que mora em teus olhos?

PINHEIRO MACHADO

Walter Spalding

A figura empolgante, enérgica, destemida do dr. José Gomes Pinheiro Machado, — ou simplesmente senador Pinheiro Machado, ou ainda, general Pinheiro Machado, — "a mais robusta coluna do poder constituido", na frase do dr. Manuel Duarte (1), é dessas que obrigam meditado estudo para perfeita compreensão do mais ingrato e do mais apaixonado período político do Brasil.

Pinheiro Machado foi, nesse período que a história regista com o nome de "campanha civilista", e, depois, durante o govêrno do marechal Hermes da Fonseca, figura central.

Foi o homem que teve o poder em suas mãos, que teve em suas mãos o destino da Pátria, embora não interferisse quer direta, quer indiretamente, nos atos do então presidente, marechal Hermes. (2)

Inegável, porem, manifestou-se sua influência política em todo o país, e, por isso, contava com apoios incondicionais de amigos e correligionários, como tambem contava com a oposição sistemática de inimigos fidagais, reconhecidos, sob cujo manto se ocultavam os oportunistas maquinando, solertes, — peores do que os inimigos confessos, — a desmoralização de um govêrno e a destruição de um homem que era, por eles, julgado inimigo numero um, como hoje diriamos, da Nação.

Estudando-se, porem, com serenidade, a época e os homens que nela se movimentaram, conclue-se, máu grado as diatríbes de todo feitio, — que aquele período de 1909 a 1915 representou, na história do Brasil, um período de ressurgimento político infelizmente mal compreendido então, porque maligna sombra sobre ele se projetou obscurecendo vultos e fatos, jogando os partidos políticos num verdadeiro cáos de paixões desordenadas, do qual três personalidades, apenas, emergiam, mais ou menos serenas e sempre superiores: Rui Barbosa, Pinheiro Machado e Hermes da Fonseca, a maior vitima da sátira e da maledicência em nossa terra.

Pinheiro Machado nunca foi um impulsivo. Si o tivesse sido bem outro teria sido o rumo da política de seu tempo, e talvez a "campanha civilista" se teria transformado em guerra civil.

Calmo e meditado, sereno nas suas atitudes, mas sempre enérgico e sempre destemido, Pinheiro Machado não olhava perigos;

---

(1) — PINHEIRO MACHADO — Discurso pronunciado na sessão cívica de 8 de setembro de 1924 no Instituto Nacional de Música em homenagem á sua memória pelo *Deputado Manuel Duarte.* — Rio de Janeiro. 1924.

(2) — Sobre PINHEIRO MACHADO, esternando estes mesmos conceitos, — publicou o sr. *Hermes da Fonseca Filho* (Irmãos Pongetti, editores, Rio de Janeiro, 1938) interessante obra em que estuda a personalidade política de Pinheiro Machado e a época agitada que viveu. O livro do sr. Hermes da Fonseca filho é obra que ficará, máu grado a linguagem não raro violenta que emprega, para dizer duras verdades. Nele há, ainda, infelizmente, resquicios da paixão política da época estudada.

não via, em sua frente, homens, mas sim, e unicamente, a Pátria, a União, a Federação.

Por ela se entregou á luta, em 1893. Por ela abandonou a tranquilidade de seu lar e de sua estância para organizar o partido nacional — o Partido Republicano Conservador —, ao qual estavam filiados todos os partidos republicanos estaduais, os chamados "pêérres".

A vida toda consagrou-a Pinheiro Machado, pode-se dizer, ao serviço da Pátria.

Nascido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul (3), em 1851, de pais abastados e fazendeiros em São Luis Gonzaga (ou São Luis de Missões), aí viveu grande parte de sua vida e quasi toda sua infância e mocidade.

Seu pai, o dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado (4), natural de Sorocaba, filho do capitão José Gomes Pinheiro, mostrando, desde criança, grandes aptidões para os estudos, foi enviado para S. Paulo, matriculando-se na famosa Faculdade de Direito de São Paulo, onde se bacharelou em ciências jurídicas e sociais, em 1839, com apenas 20 anos de idade. (5)

Terminados os estudos, foi logo procurado pelo Juiz da Comarca de Sorocaba para exercer, interinamente, o cargo de promotor público, sendo, em 1840, nomeado Juiz Municipal do têrmo de Itapetininga.

Com a reforma judiciária de 1842, cessaram as atividades dos juizes municipais, o que provocou grande celeuma e princípio de rebelião á qual tambem se integrou o dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado que, segundo Hemeterio Veloso da Silveira, chegou a pegar em armas marchando "para o feliz ou infelizmente malogrado combate de Sorocaba", fim da efêmera revolução paulista chefiada por Feijó e Tobias de Aguiar.

Desgostoso com o insucesso da jornada, o dr. Antonio Gomes retirou-se à vida privada, exercendo, apenas, a advocacia nos fôros de Fachina e Itapetininga onde contraíra nupcias com dona Maria Manuela Aires, filha do alferes Salvador de Oliveira Aires, fazendeiro e influente político itapetiningano. Este possuia, tambem, uma fazenda em Santo Angelo e São Luis Gonzaga e, por isso, terminada a guerra civil (revolução farroupilha) no Rio Grande do Sul, para ela se transferiu o dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado fixando, porem, residência em Cruz Alta, então vila, dez léguas mais ou menos, distantes da fazenda. (6)

Em 1846 foi nomeado primeiro Juiz Municipal letrado da Cruz Alta o dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado. E foi aí que nasceu, a 8 de maio de 1851, seu filho JOSÉ que levaria e honraria, durante toda sua vida, o nome do avô paterno, capitão José Gomes Pinheiro. (7)

Estudou José Gomes Pinheiro Machado as primeiras letras na sua terra natal. Mais tarde sentou praça de cadete e, em seguida, terminados os preparatórios, partiu para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito, onde se bacharelou em ciências jurídicas e sociais, 1878.

Seu curso foi brilhantíssimo. Terminados os estudos, dedicou-se à advocacia e, em seguida, à política obtendo, após a revolução

---

(3) — Veja-se: Rev. do Inst. Hist. e Geograf. do Rio Grande do Sul, I semestre de 1933, a nota de J. Santos Lima, a pág. 189, e á pág. 194 o registo de batismo, que diz: "No dia treze de maio de mil oitocentos e cincoenta e um batizei solenemente e pus os Santos Oleos a José, nascido a 8 deste mês, filho legítimo do Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado e D. Maria Manoela Aires Pinheiro: neto paterno do Capitão José Gomes Pinheiro e de D. Ana Florisbela Machado de Oliveira: neto materno do Alferes Salvador de Oliveira Aires e D. Ana Vieira Aires. Foram padrinhos Higino José Rolin de Oliveira e Maria do Rosario Aires de Oliveira. E para constar diz este assento que assino. Vigário Antônio R. da Costa".

(4) — Veja-se a cit. Revista, pág. 194, artigo do dr. Hemeterio José Veloso da Silveira.

(5) — Na Lista Geral dos Bachareis e Doutorandos formados pela Faculdade de Direito de S. Paulo até 1900, organizada pêlo bacharel Julio Joaquim Gonçalves Maia, figura o nome de Antonio Gomes Pinheiro Machado, natural de S. Paulo, e dos filhos deste com a nota: Naturalidade: Rio Grande do Sul, exceto José Gomes Pinheiro Machado, o futuro senador da República que figura como sendo natural de São Paulo.

(6) — O dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado faleceu em sua residência, em Santo Angelo, a 12 de dezembro de 1875. — Para estes apontamentos nos guiamos, exclusivamente, no cit. artigo do dr. Hemeterio José Veloso da Silveira que foi amigo e o conheceu de perto.

(7) — Foram os seguintes os filhos do dr. Antonio Pinheiro Machado: dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado filho; Salvador Aires Pinheiro Machado; dr. José Gomes Pinheiro Machado; dr. Angelo Pinheiro; tenente-coronel Alfredo Pinheiro, e uma filha que foi casada com o dr. Venancio Aires, paulista, grande propagandista da Republica.

Pinheiro Machado

de 1893 (revolução federalista), o título de general honorário do exercito brasileiro.

Amigo íntimo e querido de Julio de Castilhos, Pinheiro Machado dedicou-se de corpo e alma no combate às facções federalistas. Esteve, pessoalmente, comandando fôrças mas foi, sobretudo, o orientador das fôrças republicanas.

Meticuloso em extremo, não poupava esforços para o bom êxito das fôrças que se destinavam ao campo da luta, cuidando dos minimos detalhes, como o prova o expressivo cartão dirigido ao general Quinca Teles:

"Amigo Quinca. — Não deve permitir o embarque de mulheres. — São o diabo. Prejudicam enormemente as operações. — Teu am. Pinh°. Max°."

No laconismo dessas palavras, existe todo um mundo de considerações, e a própria voz da História rememorando, por exemplo, os acontecimentos da jornada de 20 de fevereiro, no Passo do Rosario, onde

"Muitas chinas percorriam
pelas margens dos banhados,
levando cada uma delas
dos dez aos doze soldados"

acontecimento que fez ainda o poeta exclamar:

"Oh! augusto imperador,
dái-lhes, senhor, o castigo!
pois que devem ser julgados
muito peor que o inimigo." (8)

Tambem, no laconismo daquele cartão, fala, alto, a voz da experiência, pois José Gomes Pinheiro Machado conhecia muito bem o fraco do gaúcho pela mulher porque, para ele, segundo a trova popular,

"Cavalo bom e mulher
foi pelo que fui perdido:
Cavalo bom sempre tive
com a mulher fui muito unido",

ou ainda:

"Estou velho, tive bom gôsto,
morro quando Deus quiser;
duas penas levo comigo:
cavalo bom e mulher".

Sabia muito bem Pinheiro Machado que gaúcho algum seria capaz de julgar a mulher como os trovadores antioqueños, por exemplo, para os quais "Las mujeres son el diablo, — parientas de los diablitos"... como ele próprio, Pinheiro, as considerava no referido recado. Mas unicamente nisso...

José Gomes Pinheiro Machado

Autógrafo do General Pinheiro Machado

(8) — Poesia intitulada BARBACENA, escrita pelo então alféres David Francisco Pereira em 20-2-1827, poucas horas depois do combate que vem, nela, inteiramente descrito e com ataques violentos a Barbacena. Termina a longa poesia com estes dois versos: "Não dai heróis combatentes — a cargo de um Barbacena".

Chegada dos restos mortais do senádor Pinheiro Machado em Porto Alegre, a 18 de Setembro de 1915.

E nessa meticulosidade administrativa transcorreu toda sua vida pública. Fazia questão da ordem e da justiça.

Não foi, nunca, um impulsivo, embora tivesse sido um voluntarioso, traço que o sr. Hermes da Fonseca Filho, na citada obra, explica da seguinte forma:

"Emancipára-se cedo do jugo paterno, como todo varão daquelas plagas. A liberdade precóce dá meritoriamente ao homem justo orgulho pessoal. Essa notável caracteristica de orgulho pessoal, que é bem a conformação moral do homem dos Pampas, provenha-lhe da alta e edificante nobreza de espírito, provenha-lhe da amplitude ambiente, cuja vastidão de horizontes inebria a tal ponto o homem na doce impressão das grandes conquistas, que anula a dura realidade de sua pequenez, — essa notável caracteristica de orgulho pessoal foi-lhe por isso mesmo, plasmado com um cunho de perene tristeza — tristeza, que, como o maior florão de gloria da raça, aflora da insaciedade do dominio, do pavor às derrotas e que lembra o fundo atávico do nomadismo, a misantropía elegante do árabe."

Criado num ambiente franco e leal, em meio à vida campeira, ouvindo relatos e relatos de heroismos, de façanhas de tempos idos, educado, depois, na dura disciplina militar, como cadete que foi, e mais tarde ainda, formado já, entreverando-se ele próprio nos combates quasi corpo a corpo da revolução federalista em defêsa de seu ideal republicano, — brasileiro e rio-grandense, — acostumou-se Pinheiro Machado a olhar tudo de frente, sem temor, como a aguia que fixa seus olhos, sem pestanejar, na violência da luz solar.

Tinha conciência de seu valor e por isso dizia que queria conviver com os homens para dominá-los únicamente.

Sabia muito bem que seu fim seria trágico. Mas não recuava.

Meteu-se na política meditadamente. Traçou-se uma rota — a da grandeza da Pátria e da República, — e dela, portanto, não mais se afastaria, custasse o que custasse.

São do tambem já citado dr. Manuel Duarte, estas palavras sobre Pinheiro Machado:

"Era de fato uma dessas raríssimas individualidades políticas capazes de afrontar o desfavor demagógico, de defender, ardorosa e decisivamente, uma causa eventual e momentaneamente impopular, porque ele enten-

dia que para um homem público nem sempre a questão é saber o que seja popular, mas sim o que seja razoável, conveniente e justo, e que o seu dever há de ser muita vez combater as ilusões populares mesmo à custa das posições."

Dessa norma jamais se afastou e foi seguindo essa trilha que o punhal assassino o encontrou, — para matá-lo? — Não. Para gravar seu nome nos Anais da História do Brasil.

Um dia, meses antes de tombar vitimado pela sanha de um pobre louco, em memorável discurso pronunciado a 17 de julho de 1915, no Centro Acadêmico Republicano do Rio de Janeiro, profetizára seu trágico fim, nestas palavras:

"E' possivel que, durante a convulsão que nesta hora sacode a República em seus fundamentos, possamos submergir. E' possivel. E' possivel mesmo que o braço assassino, impelido pela eloquência delirante das ruas nos possa atingir. Afirmamos, porem, aos nossos correligionários que se esse momento chegar, saberemos ser dignos da vossa confiânça. Tombaremos na arena, olhando para a grandeza de nossa Patria, serenamente, sem maldições nem desprêzo, sentindo tão sómente compaixão para com aquelle que assim avilta a nobreza imácula do brasileiro."

Adivinhava? — Não. Tinha certeza. Em cartas anônimas tivéra já notícia do que, contra ele, se tramava. Contudo não fugia. Continuava, como o jequitibá altivo das florestas, a afrontar a tempestade.

Nas vésperas do fatídico dia 8 de setembro de 1915 novo aviso recebeu, mas não se abalou.

— Que já sabia de tudo, — era a resposta.

Pensaria, acaso, que todos aqueles avisos eram, apenas, para amedrontá-lo, afugentá-lo do Rio de Janeiro? Quem sabe?...

Fôsse como fôsse: Até o último momento o senador José Gomes Pinheiro Machado mostrou ser o voluntarioso de sempre, o indómavel redomão das coxilhas gaúchas que nada teme, e a quem nada impede a marcha iniciada espontâneamente.

E Pinheiro Machado, assim, marchou, serenamente, impavidamente, para o panteão da imortalidade, para as páginas brilhantes de nossa magnificente História...

Revistas Brasileiras de Cultura

A multiplicidade dos orgãos de divulgação cultural representa, sem duvida, um indice de desenvolvimento da inteligencia nacional. E' o que se verifica ultimamente, em nosso país. Maximé, em 1938, quando cresceram as revistas e jornais de cultura, pelos diversos recantos da Nação, com a imposição de varios periodicos, com o ressurgimento de alguns, e a aparição de novos veiculos de propagação do pensamento contemporâneo. Tais foram as revistas e jornais, que circularam durante 1938:

DOM CASMURRO, o hebdomadario brasileiro de cultura, que tem como diretor, Bricio de Abreu; Redator Chefe, Marques Rebelo; e d. Edit Magarino Torres, Manuel Bandeira, Anibal Machado, Josué Montelo e D'Almeida Vitor, como redatores; Augusto Rodrigues, Santa Rosa e Jacques Bertrand, como desenhistas; e Joel Silveira e Danilo Bastos, como Secretarios, completou em maio o seu 1.º aniversario.

PAN, o explendido semanario de recortes internacionais, que obedece à orientação de Dias da Costa, completou em dezembro, o seu 3.º aniversario.

REVISTA ACADEMICA, que é dirigida por Murilo Miranda e Moacir Werneck de Castro, completou em junho o seu 4.º aniversario.

VAMOS LER!, edição da "Editôra S/A A Noite", revista ilustrada de informações e cultura, dirigida por Raimundo Magalhães Junior, completou em setembro, o seu 2.º aniversario.

BOLETIM DE ARIEL, que é orientado por Gastão Cruls e Agripino Griecco, completou em outubro, o seu 7.º aniversario.

PROBLEMAS, que se edita em S. Paulo, sob a orientação de Alfredo Tomé, Osvaldo Moles, Pericles do Amaral, Rubem Braga e Sangirandi, Junior, completou em dezembro, o 2.º aniversario.

REVISTA DO BRASIL, ressurgiu, numa terceira fase sob a orientação de Otavio Tarquinio de Souza, em julho.

PARA TODOS, ressurgiu, sob a direção de Alvaro Moreyra, em dezembro, (24).

BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO, dirigido por Antônio de Souza Amorim, Carlos Cesar dos Santos e Francisco das Dores Gonçalves, completou em maio o seu 4.º aniversario.

Surgiram durante o ano, os seguintes periódicos:

ESFERA, revista mensal de artes, letras e cinema, sob a direção de Maria Jacinta, com a colaboração imediata de Silvia, apareceu em maio.

MOÇOS, revista mensal de cultura, surgiu em dezembro, no Paraná, sob a direção de Oliveira Franco Sobrinho; tendo Moacir Arcoverde como Redator Chefe, e Alberto Cruz, como Secretario, sendo seus colaboradores permanentes, Marques Rebelo, Tasso da Silveira, Edmundo Moniz, D'Almeida Vitor, Joel Silveira, Joaquim Ribeiro, De Placido e Silva, Alirio Wanderlei, Walfrido Piloto, Fernando Segismundo, Ilná Secundino, Davi Carneiro, Alfredo Tomé, Paulo Sampaio, Herculano Torres Cruz, e Antônio de Paula Filho.

VALOR, foi o mensario lançado por "Edesio Editor", no Ceará, sob a direção de Antônio Martins Filho.

ESTUDOS BRASILEIROS, surgiu em agosto, como orgão oficial do Instituto de Estudos Brasileiros, sob a orientação de Afonso Arinos, Alvaro Alberto, Anibal Machado, Castro Barreto, Eugenio de Castro, Firmo Dutra, Helio Viana, M. Paulo Filho, Roberto Seidl, Santiago Dantas e Tristão de Ataíde.

TABA, foi o nome que um grupo de intelectuais fluminenses deram a um jornal literario, aparecido em Niterói, em setembro.

TODA A AMERICA, revista semestral de aproximação intelectual continental, sob a orientação de Silvio Julio, apareceu em julho.

BOLETIM BRASILEIRO, apareceu em Minas Gerais, como orgão oficial do Centro de Estudos Brasileiros, em maio, organizado por um grupo de intelectuais mineiros.

MENSAGEM, revista contemporânea, de cultura, obedecendo a uma orientação catolica, que lhe deu o seu diretor, Francisco A. Magalhães Gomes, apareceu, em Minas Gerais, em Março.

LETRAS, boletim de informação cultural, apareceu na Baía, em 7 de maio, sob a orientação de um grupo de intelectuais baianos.

PERNAMBUCO, um quinzenario ilustrado, do Recife, completou o seu 2.º aniversario em novembro, tendo a dirigi-lo, Barros Lima.

UNIDADE, revista brasileira de economia, como orgão do Conselho Cooperativo e de propriedade da Cooperativa Intelectual Guanabara, apareceu em maio, sob a orientação de João Franco da Silva.

SEIVA, uma mensagem aos intelectuais da America, dirigida por João da Costa, Virgildal Sena, Eduardo Guimarães e Emo Duarte, apareceu na Baía, em novembro.

REVISTA SUL AMERICANA, de carater sul-americanista, apareceu em outubro, sob a orientação de Paulo Peixoto, Mario Brasini e Paulo Hervé.

REVISTA DA ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS, completou em setembro, o seu 4.º aniversario.

Surgiram ainda no decorrer do ano, desaparecendo a seguir, **EXPRESSÃO** e **RENOVAÇÃO**.

CULTURA, apareceu em novembro, em S. Paulo, sob a orientação de um grupo de moços, em defeza da Democracia.

HOJE, revista paulista de recortes mundiais.

DIRECTRIZES e **NOVAS DIRECTRIZES**, sob a orientação de Azevedo Amaral, surgidas respectivamente em abril e outubro, no Rio.

TEMOS NECESSIDADE DE UMA LINGUA INTERNACIONAL?

Ismael Gomes Braga

"Pela sua ingenuidade, esta pergunta provocará riso nas gerações futuras, como hoje riríamos de quem nos perguntasse se temos necessidade do correio," diz Zamenhof.

No entanto só o progresso dos meios de comunicações nos últimos tempos, tornando mais premente a necessidade, tem levado um número maior de pessoas a pensar no problema de língua internacional. Durante séculos somente grandes filósofos como Descartes, Leibnitz, Comenius cogitaram do assunto.

No século vindouro ninguem poderá crer que a humanidade tenha passado milênios nas trevas de Babel; que o cientista de uma região da terra não entendia os de outras regiões e limitava-se a ler o pouco que se escrevia em duas ou três línguas que ele conseguira aprender; que se roubava precioso tempo à juventude forçando-a a estudar muitas línguas diferentes para entender um pouquinho apenas do que pensava a humanidade, e que tudo isso se dava quando existiam muitas línguas excelentes no mundo e bastaria somente uma convenção internacional, um simples acordo, para que em vez de estudar muitas línguas, estudassem só uma, mas a mesma em toda a parte. Bastaria isso e o problema estaria para sempre resolvido em benefício de todos.

Como não lhes ocorria a idéia de combinar todos entre si e adotarem nas escolas do planeta todo uma segunda língua ao lado do idioma nacional? Seriam idiotas as gerações do passado? Não perceberiam as imensas vantagens de um acordo tão facil de fazer e utilíssimo para todos? Consumiam energias preciósas no estudo de línguas, gastavam somas fabulosas em traduções e reimpressões de um mesmo escrito em várias línguas e não *descobriam* que com a escolha de uma só língua — qualquer que ela fosse — desde que a ensinassem no planeta todo, resolveriam o problema da compreensão universal?

Essas e muitas outras perguntas semelhantes serão feitas pelos pensadores do século que vem ao lerem que no ano de 1938, na cidade de Munique, os quatro Chefes de Governo dos países mais cultos da Europa reuniram-se para tratar de assuntos importantíssimos, mas não se puderam entender por falta de uma língua internacional. E o pasmo desses futuros pensadores crescerá ainda ao saberem que nesse ano de 1938 já existia com 51 anos de uso uma língua internacional completa, clara, facílima, na qual se entendiam maravilhosamente mil e tantos homens de todas as partes do mundo, reunidos em Londres para o 30º Congresso Universal de Esperanto; que nesse mesmo 1938 um Conselho de Autoridades em matéria de educação popular, em um país do Novo Mundo, dava parecer favoravel ao ensino obrigatório dessa mesma língua internacional nas escolas públicas, demonstrando nitidamente que já não existiam dúvidas sobre a eficiência prática do dito idioma internacional.

L. L. Zamenhof

Ainda há quem suponha que aprendendo duas, três ou várias línguas nacionais importantes, não sentirá necessidade de uma língua internacional, que poderá substituir o Esperanto pelo francês, inglês, alemão, etc.

E' absolutamente falsa essa suposição.

Mesmo admitindo-se um superpoliglota que fosse capaz de aprender todas as duas mil e tantas línguas que existem no planeta, e as aprendesse ao ponto de usá-las com segurança como seu próprio idioma nativo, ainda esse ser imaginário não teria resolvido seu problema pessoal de língua internacional e, como qualquer de nós, simples mortais, se tivesse conciência da necessidade deveria bater-se pela adoção de uma língua internacional, porque lhe seria impossivel fazer seus discursos de rádio simultaneamente em todas as línguas, não poderia escrever e imprimir seus livros em todos os idiomas, e, portanto, para se fazer compreender, tinha ele necessidade deste simples acordo universal: uma segunda língua, uma única, no planeta todo.

Felizmente a peleja de meio século dos esperantistas, ajudada pelo progresso nos transportes — e mais notadamente o transporte da palavra pelo rádio — vai despertando a conciência da necessidade de uma língua internacional pelo menos nas pessoas mais inteligentes e mais cultas.

Algumas revistas e jornais já nos pedem artigos e estudos sobre o Esperanto; instituições culturais já nos pedem cursos; editores já nos pedem livros; Ministros já aconselham o ensino; Universidades já estabelecem o ensino oficial; o rádio já transmite diariamente programas; e, mais do que tudo isso, o Conselho Nacional de Educação, do Brasil, em 11 de Novembro de 1938, aprovou um parecer favoravel ao ensino oficial e obrigatório do Esperanto nas escolas públicas.

Realiza-se a profecia de Zamenhof, proferida há quarenta anos nestes termos:

"Primeiramente concluimos que os Esperantistas não são fantasistas, como parecem a muita gente que se intitula "sensata". e "prática", que tudo julga superficialmente, sem reflexão lógica, tudo medindo pelo calibre da moda. Os Esperantistas lutam por uma causa que não somente tem grandíssima importância para a humanidade, como nada tem de fantástica, e que mais cedo ou mais tarde "tem de" efetuar-se e "infalivelmente" se efetuará, por maiores os ataques dos inertes, por mais zombarias dos "ajuizados". Tão indubitavelmente quanto a chegada da manhã após a noite é a introdução do Esperanto no uso comum para as comunicações internacionais, mais cedo ou mais tarde, depois de mais ou menos longo trabalho. Afirmamos isso corajosamente, não por assim querer, não por ter nisso esperança, mas porque as conclusões da simples lógica nos dizem que "deve" ser assim e que "não poderá ser de outro modo." (1)

A lógica de Zamenhof, a lógica a serviço de um gênio, chega à previsão exata do futuro. Foi essa lógica que venceu a indiferença das massas, a zombaria dos pseudo-sabios, a arrogância dos vaidosos, e hoje se impõe a governantes e governados de grandes paises.

Pessoalmente não temos necessidade de uma língua internacional, porque já a possuimos desde a infância. Aprendemos Esperanto na infância e o temos empregado a vida inteira como língua intrenacional. Quem não saiba o Esperanto, porem, responda à nossa epígrafe como lhe aprouver.

O Brasil tem necessidade urgente de uma língua internacional.

Nossos cientistas precisam ser melhor conhecidos no mundo, nossa literatura merece a máxima expansão, nosso comércio carece de um idioma internacional neutro para que os nossos patrícios fiquem em pé de igualdade com os povos de línguas estrangeiras.

A adoção de um idioma neutro internacional será a emancipação linguística de todos os povos que — como nós — dependem de línguas estrangeiras para se fazerem compreender no mundo. O ensino obrigatório de línguas estrangeiras é mal inevitavel, enquanto não for adotado um idioma neutro internacional, porque nos isolaríamos da vida universal. O único modo de evitar as consequencias funestas da obrigatoriedade das línguas estrangeiras é o ensino obrigatório do Esperanto. Merece, pois, todo o respeito o parecer N. 299 do Conselho Nacional de Educação, decidindo corajosamente pela obrigatoriedade do ensino do Esperanto nas escolas brasileiras.

(1) — L. L. Zamenhof — Esperanto, pg. 101.

ALMÁQUIO DINIZ

Helio Sodré

Quando, há um ano, no cemitério São João Batista descia à sepultura o corpo de Almáquio Diniz, eu desejei dizer tambem, sinceramente, algumas palavras. Não pude, porem. A dor que eu sentia, a imensurável angústia que me torturava por ver alí, diante dos meus olhos nublados de lágrimas, o caixão negro que guardava o coração parado e o cérebro sem movimento daquela figura inegualável das nossas letras — impedia-me, realmente, de dizer qualquer palavra de admiração e de saudade. E' que, desaparecendo do meio dos vivos Almáquio Diniz, foi como se desaparecesse, para mim, um parente próximo. Com efeito, poucas pessoas, tão intimamente se uniram a mim. Grande espírito, de há muito tinha aprendido a admirá-lo como um mestre. De algum tempo para cá, entretanto, principiei a querê-lo como o meu mais sincero e dedicado amigo.

Prof. Almáquio Diniz

O CORAÇÃO

Almáquio Diniz tinha uma fisionomia severa. Por demais severa. A impressão que se tinha, ao vê-lo de longe, é que era um espírito fechado, um temperamento áspero, enfim, uma creatura reservada e fria — refractária aos excessos do sentimentalismo. Mas, que impressão errônea! Poucas pessoas terão sido, neste mundo, maiores, mais ricas em sentimento do que Almáquio Diniz. Espírito essencialmente combativo — e haja visto o conceito que de Sílvio Romero ele mereceu de "polígrafo revolucionário" — não se contesta que, nos embates intelectuais ele era, sem dúvida, severo, irredutível e implacável com seus adversários. Lutou muito. Viveu lutando. E teve, não raro, gloriosas vitórias. Mas, o espírito combativo de Almáquio não poderá jámais ser um fundamento para as afirmações dos que inescrupulosamente, desejaram tantas vêzes, apresentá-lo como um homem fechado aos excessos do sentimentalismo. Repito: poucos homens, neste mundo mau, terão sido mais ricos de sentimento do que ele. Ao lado da fisionomia severa e da sua obra revolucionária — o que todos percebiam, ao aproximar-se, mais de perto, de sua pessoa, é que o seu coração era puro e imenso. Espírito emotivo, contemplou sempre, com lágrimas nos olhos, o sofrimento humano. Caridoso, bom e meigo na

intimidade — convem notar este fato curioso, que vale como o melhor índice da grandeza do seu sentimento: Almáquio nunca jantou fora de casa. Ás 7 horas da noite, ele já estava de pé, nas esquinas das ruas, esperando o ônibus que o devia levar à sua residência humilde. E por que isso? Disse-me uma vez:

— Não! Não me posso demorar mais. Não quero chegar em casa depois das 8 horas. Preciso ver meus netinhos ainda acordados. Quero beijá-los, sinto necessidade de abraçá-los... E, se me demorar, já os encontro dormindo!

E' preciso mais?

De certo que não.

Todavia, quero, ainda, nestas linhas, revelar que foi precisamente no momento mais doloroso da minha vida (quando eu chorava, aniquilado, física e moralmente, a morte trágica do meu inesquecível irmão Osmar — barbaramente assassinado por um bandido) foi neste transe doloroso da minha vida que Almáquio Diniz me apareceu para se tornar, como se tornou, o meu mais sincero e dedicado amigo. Já conhecia, pessoalmente, Almáquio. Era um mestre cujo valor sempre admirei. E, na ânsia de aprender, não foram poucas as vêzes que o procurei para receber lições inesquecíveis. Quando, porem, fui abatido pelo sofrimento que quasi me levou às raias da loucura — foi ele quem me procurou. Chorando, comovido tambem ante a cena trágica, foi na sua ternura, nas suas palavras de afeto, na sua dedicação que eu percebi quão grande era, de fato, o seu coração. Foi de uma dedicação extrema. E advogado desinteressado dos meus pais contra os bárbaros assassinos — ele, Almáquio Diniz, o grande "o notável polígrafo nacional" — na frase de Sílvio Romero e de Afonso Celso, o trabalhador intelectual infatigável que vivia, na serenidade do seu gabinete, inteiramente voltado para os estudos, aprofundados de todos os assuntos — não se esquivou a fazer várias viagens penosas a Comarca de Itaguaí para acompanhar o desenvolvimento do processo. Ás 5 horas da manhã — lá estava ele, na Estação Pedro II, esperando o trem que o devia levar, durante três horas, a uma aldeia atrazada e incômoda, afim de lutar, desassombradamente, contra o crime e contra os criminosos. Ameaçado de morte pelos que desejavam furtar-se â justiça pública — não recuou um passo. Redobraram-se, ao contrário, suas energias.

E, com o desprendimento de um velho cheio de mocidade, continuou até o fim — propugnando, com veemência, pela condenação dos culpados.

Grande coração o de Almáquio!

Imenso.

Implacável para com os máus e abnegado para com os bons — foi, precisamente, no momento mais doloroso da minha vida que eu vim conhecer que era o saudoso amigo, na realidade, uma das pessoas melhores desta vida, um dos maiores corações deste mundo cansativo e mau.

O CÉREBRO

Se grande era o coração de Almáquio, imenso era o seu cérebro; e se poucos terão sido, dentro da vida, mais ricos em sentimento — nenhuma personalidade, entre nós, foi, como Almáquio, mais enriquecido pela inteligência.

Um cérebro.

Uma inteligência portentosa!

E para fundamentar a justiça deste julgamento, aí está a sua obra. É preciso notar: não é uma obra vulgar. Muito ao contrário, é uma obra verdadeiramente pasmosa. Pasmosa pela qualidade. Pasmosa pela quantidade. Com efeito, os 185 volumes que Almáquio Diniz deixou para a posteridade não são, como poderão pensar aqueles que não tiveram, ainda, a ventura de conhecê-los — simples volumes de pouco fôlego e destinados para, dentro em pouco, se hospedarem nas catacumbas escuras do esquecimento.

São volumes fortes.

São obras que hão de ficar. É certo que, durante a sua dinâmica vida intelectual, Almáquio Diniz foi, por vêzes, rudemente agredido pelos seus adversários. E seu valor, seu soberbo valor negado, restringido, contestado. João Ribeiro, certa vez, chamou seus livros de "pachuchadas folhetinescas". E não foram poucos os que aplaudiram, calorosamente, a asserção do conhecido autor de "Páginas de Estética". Acharia, porem, João Ribeiro que os livros de Almáquio eram, realmente, simples "pachuchadas folhetinescas"? É positivo que não. João Ribeiro, grande espírito, sòmente se referiu, assim, aos livros do grande baiano. pelo fato de ter brigado com este por questões de literatura mesmo. O próprio Almáquio Diniz, respondendo, depois, com a violência que era a sua nota característica quando combatia — saiu-se, admiravelmente, mostrando que, antes de ter João Ribeiro denominado os seus livros de "pachuchadas folhetinescas", já havia escrito a seu respeito, proclamando-o um "autor recomendável por muitos títulos."

Assim, falou João Ribeiro

num momento de serenidade, sem paixões...

Mas...

Se aquela frase com referência aos livros de Almáquio não correspondia à realidade e se foi o produto duma talvez justificada exaltação apaixonada — por que a aplaudiram — e aplaudem — alguns outros espíritos?

Tudo se explica.

Almáquio Diniz, como já se disse, a princípio, era um espírito essencialmente combativo. Muito franco, muito sincero e sempre veêmente na sustentação dos seus pontos de vista — ele desagradou, com as suas opiniões, desabusadamente escritas, muitos escritores, inùmeros publicistas. Note-se, porem, o seguinte: o grande polígrafo nacional jamais procurou agredir e combater os moços ou aqueles que se iniciavam na vida intelectual. Nunca! Em páginas vigorosas de combate ele sòmente alvejou, em toda a sua existência, os que já tinham um nome firmado nas letras ou na ciência. Foi José Veríssimo, foi Oliveira Viana, foi Humberto de Campos, já no seu período de invejável triunfo, foi João Ribeiro, os que Almáquio Diniz atacou com severidade. Para com os novos ele teve sempre palavras de incentivo e de entusiasmo. Como não foram, porem, poucos os escritores conhecidos que Almáquio censurou e combateu — a reação surgiu, como era natural. Do grande baiano não se podia dizer que era um autor de duas ou três brochuras que passaram desapercebidas. A sua obra era grande, sua capacidade de trabalho inegualável, sua pena das mais ferteis que já tivemos. A reação tomou, pois, o único rumo fácil: não negar a fertilidade do escritor, mas negar, sistematicamente, o valor literário ou científico de suas produções. Alem disso, convem assinalar que, entre nós, sempre se pretendeu diminuir o valor dos que produzem muito. Coelho Neto é um exemplo. Escritor tambem fecundo, não foram poucos os seus detratores. É que os escritores fracos ou preguiçosos raciociñam assim: é preciso ridicularizar os que produzem muito; é necessário depreciar a produtividade assombrosa dos escritores ferteis, pois, do contrário, que valor terão, junto a esses escritores, os que produzem, apenas, poucos volumes?

A campanha contra Almáquio Diniz se explica, por dois motivos: pelo seu espírito combativo e desabusado e pela sua fertilidade.

E quiçá pela sua fertilidade, principalmente.

Capacidade portentosa de trabalho, cultura variada e profunda, inteligência sempre irradiante — ele, produzindo, continuadamente, interessantes livros, ia ofuscando, com o seu grande valor, os valores pequenos.

Era preciso gritar.

E gritavam.

Chegaram a chamá-lo, bizarramente, de Almanaque Diniz.

Mas, a obra enciclopédica e ciclópica do grande espírito, já desaparecido, aí está.

É pasmosa.

Verdadeiramente pasmosa.

E se é verdade que Coelho Neto, com a sua fertilidade, igualmente notável, foi um grande escritor — é forçoso reconhecer que Almáquio ainda foi maior. Não é só o estilo que valorisa o escritor. E a obra de Coelho Neto impressionou — e ainda hoje impressiona — quasi que, exclusivamente, pela riqueza da forma aprimorada e bela. Ela brilha tanto quanto o ouro, mas vale menos que o ouro. A de Almáquio, não. É grandiosa pelos dois prismas. É uma obra que tem forma. E que tem fundo. Seu estilo é incisivo e sedutor. E, neste estilo sedutor soube analisar, discutir e criticar todos os assuntos, todos os problemas, todas as questões. É verdade que de um estudo minucioso da obra de Almáquio, há de se chegar à conclusão de que teve razão quem o chamou de "publicista eminentemente contraditório". É um fato. Almáquio Diniz jámais foi um espírito coerente. E sua obra grandiosa tem este caraterístico: não é uniforme. Escrevendo sobre todos os assuntos, focalizando, entre nós, na maioria das vêzes em primeiro lugar, os mais sérios problemas e as mais palpitantes questões, Almáquio Diniz — romancista, contista, cronista, filósofo, crítico, jurista — desposou idéias múltiplas, atacou personalidades que, ao depois, veio admirar e, por fim, pode-se dizer, não ter ficado fiel a um só princípio ou a um só pensamento por ele defendido ou enunciado. Êste fato, entretanto, muito ao contrário de ser um índice de fragilidade ou superficialidade cultural — revela, apenas, um curioso temperamento de artista. Sim. Almáquio era, como intelectual, um voluvel. Mas, o era concientemente. Mesmo porque ele estava convicto de que o lema da humanidade é renovar-se sempre.

Certa vez ele escreveu textualmente:

"A constância é um entrave às fôrças propulsoras da alma humana para o novo. O homem de espírito não pode ser atual se, aparecido na vigência da filosofia de Spencer, decorridos anos, quando o pensamento filosófico tenha atingido as mi-

ragens do bergsonismo, permanecer spencerista... O tipo mais completo do homem moderno que conheço foi Robert Peel que não se ateve a nenhuma opinião e passou por todas elas como um sôpro das auras sobre as ondas do mar.

.. ..

Toda a ciência reconhece que o universo é obra da evolução, passagem do homogêneo indistinto para o heterogêneo distinto. Toda a gente repete o gracioso aforismo francês: *le monde marche!* Que será esta marcha sinão a inconstância das formas, a mudança dos modos, o progresso enfim?"

Almáquio Diniz marchava...

Não!

Não são precisos outros comentários. Neste trecho está, sem dúvida, a sua melhor defêsa.

Quero, entretanto, acentuar o seguinte: se é certo que, á primeira vista, a incoerência e a contradição da obra de Almáquio não impressiona bem — o fato é que, observando bem, é, principalmente nas contradições de sua obra que vamos ter uma demonstração brilhantíssima de sua inteligência e de sua erudição. Combateu muitos princípios que, ao depois, veio admirar e defendeu muitas doutrinas que, mais tarde, veio combater. Mas, defendendo, ou combatendo princípios, problemas, questões e personalidades — Almaquio Diniz foi sempre e sempre atraente, forte, gigantesco, hercúleo. Sua cultura cada dia se tornava mais ampla. Sua inteligência, cada dia mais ágil. E com a agilidade de sua inteligência e a amplitude de sua cultura — jamais teve dificuldade em elogiar, hoje, um princípio que ontem reprovou ou de reprovar, amanhã, uma doutrina que hoje aceitou. Sempre curioso. Focalizava outros aspectos da mesma questão. Sempre rutilante. E — o que é mais interessante — muito sincero sempre, sempre muito apaixonado...

Numa pequena mas admirável plaquete que a respeito de Almáquio Diniz escreveu, há tempos, Américo de Oliveira — pode-se ver quão grande era o conceito que dele faziam grandes figuras das letras e da ciência mundial. Nesta plaquete, Américo de Oliveira, em páginas límpidas, lança, realmente, um maravilhoso golpe de vista sobre a vida de Almáquio Diniz — trazendo, ao nosso conhecimento, inúmeras opiniões dos homens mais notáveis das letras e da ciência européia a respeito da sua obra. Não foram só Ruí Barbosa, Farias de Brito, Coelho Neto, Afonso Celso, Jackson de Figueredo, Sílvio Romero, — tantos outros! — que exaltaram suas virtudes de inteligência e cultura. Max Nordau, Gustav Le Bon, Teofilo Braga, Leon Duiguit, Edmond Picard, Le Dantec, Anatole France souberam respeitar e admirar o fulgurante espírito de Almáquio Diniz. Sobre Anatole escreveu ele, certa vez, interessante artigo. Após lê-lo, assim se manifestou. o grande homem de letras:

"O artigo do Sr. Almáquio Diniz, que acabo de ler, me lisongeia e me toca profundamente".

E' expressivo.

E o que não é expressivo, mas, lamentável, é que procurassem alguns brasileiros depreciar a obra realizada pelo grande morto — obra esplêndida que passará, sem dúvida, à posteridade, como uma das maiores e mais brilhantes já produzidas em terras do Brasil.

FABIO LUZ

Peres Junior

O que é o amigo?

Segundo Platão, o amigo, é um tesouro preciosissimo, e sua coadjuvação é eficaz, em todos os transes da vida.

Imaginem, pois, o que deve sentir quem teve a infelicidade de ver desaparecer, perdendo de todo, esse preciosissimo tesouro? A morte de Fabio Luz, ocorrida após longos padecimentos, nesta capital a 9 de Abril de 1938, foi para mim de um efeito bem mais doloroso do que a perda de preciosissimo tesouro.

Fabio Luz, honrou-me em extremo com a sua grande e sincera amizade. Fomos sempre muito unidos. Ele afetuoso e resignado, aturando as minhas esquisitices de gênio, como dizia, e eu muito aprendendo com o seu sólido saber.

Raro era o dia em que não estivéssemos juntos, e começou isto na livraria *Garnier*, há uns trinta anos passados.

A roda alí então brilhantíssima, compunha-se de Rocha Pombo, Alberto de Oliveira, Ferreira Viana, Melo Morais Filho, Farias Brito e Fabio Luz, que a presidiam, e outros como Nestor Victor, Almaquio Diniz e Nazareth Menezes, valores intelectuais verdadeiros, levados todos já pela morte.

Devido ao inesperado e lastimavel *caso das cadeiras*, como ficou conhecido, desfez-se essa roda literária famosa, não mais voltando á reunião diaria a maior parte dos que a ela nunca faltavam.

Como acredito que muitos dos nossos novos literatos desconheçam o que foi esse *caso*, transcrevo aquí o que publicou, nessa occasião, em 1923 o *Rio-Jornal*:

"AS CADEIRAS DA GARNIER: FOI ONTEM O ASSUNTO DO DIA EM TODAS AS RODAS INTELECTUAIS"

O gerente da *Garnier* mandou retirar as

Fabio Luz

três cadeiras que existiam sempre na loja e em que se sentaram muitas gerações de literatos.

O fato que parece destituido de importância repercutiu de uma maneira vibrante e encontrou éco na imprensa. E não é para menos, porque aquelas tão modestas cadeiras representavam uma tradição da cidade. Em todas as crônicas meramente literárias de três décadas a esta parte, as cadeiras da velha livraria aparecem num destaque honroso.

A elas fizeram referências Machado de Assis, Coelho Netto, Paulo Barreto, Sylvio Romero, Olavo Bilac e muitos outros comentadores de talento. Lá de longe, do Recife distante, Tobias Barreto, o formidavel construtor intelectual, num momento exaltado de polêmica irreverente e desabrida com Taunay, falou da "roda de imbecís da livraria *Gar-*

nier, que eram broncos como as cadeiras em que se sentavam..."

As cadeiras da *Garnier,* a-pesar-de estarem modestas no seu serviço de muitos anos, tornaram-se assim imortalizadas... Por isso foi mal recebido, por toda a intelectualidade da capital o gesto violento que as mandou retirar.

A musa galhofeira e risonha de Telles de Meirelles, um dos nossos mais queridos ironistas, comenta neste soneto sadio o fato do dia:

"Não sabendo como havia
De se tornar afamado,
Ficando, imortalizado
Sem entrar na Academia,

Espalhou na Livraria
O gerente em forte brado
Que literato sentado
Nenhum mais lá não queria.

E fez logo que as cadeiras
Deles velhas companheiras
Se sumissem de repente.

Foram, pois, descadeirados
Os literatos — coitados!
Pelo furor do gerente."

* * *

Telles de Meirelles, muito meu conhecido, tambem pela excelente revista humorística de Bastos Tigre: *D. Quixote,* mais ainda glosou, eu sei, em verso o caso que muito deu que falar.

Desde aí, Fabio Luz e eu não mais voltámos à *Garnier*. Mudámos de ponto. Fizemos uma nova roda, na Freitas Bastos, que nos recebeu com satisfação, tendo a acrescentar outros escritores e poetas como Generino dos Santos e Silva Lobato e onde Mucio Teixeira o admiravel e inspirado poeta gaucho dos *Novos Ideais* e *Brasas e Cinzas,* tão soberanamente imperava. Mas, infelizmente, Fabio Luz adoecera e de alegre que era muito se modificara; entristecendo.

Fisicamente combalido, não deixava, entanto, de trabalhar. A sua pena privilegiada não parava, escrevendo assiduamente para os jornais com raríssimo fulgor, não só como crônista como ainda mais tambem como críticoliterário competente, pois que a sua critica era feita com discernimento e principalmente com justiça. Um verdadeiro mestre na arte de escrever. Cérebro perfeitamente organizado, na sua crítica não descia nunca, a menosprezar o que realmente tinha valor ou a elogiar, elevando, o que nada merecia, impelido apenas por afeições pessoais. Rigorosamente honesto e imparcial portanto.

Fabio Luz deixara de ser médico de merecida nomeada e estimado pelo seu proceder humanitário com a pobreza, para se fazer pedagogo distinto e respeitado, ingressando na literatura que muito amava e onde produziu com talento diversos romances, novelas e ensaios alem de valorosas obras didáticas, francamente aceitas em todas as escolas públicas.

Modesto e simples, desconhecia inteiramente a vaidade e o orgulho.

A comoção que sentí com a notícia de seu falecimento, foi tal que nem pude ir vêlo morto, eu que não pódia deixar de vê-lo vivo.

Em sentidíssimo e belo artigo de saudade dedicado a Fabio Luz, publicado na *A Nação* e devido á pena primorosa do grande poeta Leoncio Correia, incansavel em sua gloriosa velhice, li com desvanecimento que "alí estava Peres Junior, como último abencerragem, que mais do que nenhum outro qualquer sentia o vasio de sua ausência".

E é a pura verdade. De toda a roda antiga, eramos nós dois os únicos que restavam.

A morte a todos os outros arrebatara, implacavel.

Mais por isso se identificou a nossa amizade; a amizade que os mitólogos pintavam com o peito aberto até o coração.

O Jornal de BADARÓ

(Do livro inédito "Heróis e Mártires do Jornalismo")

Bulcão Junior

Rápida mas vibratil como a faisca do fogo dos seus ideais foi a vida de Libero Badaró, herói e mártir aos vinte e oito anos, porque sonhou e quis ver realizada a Emancipação Política da nossa pátria que ele tanto amava como se fosse o seu berço natal.

Italiano de nascimento, Badaró muito amou ao Brasil, dando todo o fulgor de sua mocidade e todo o valor do seu talento à causa sacrossanta da pátria que ele queria ver liberta dos grilhões despóticos da política do Império.

A sua vida agitada de político independente e de jornalista desassombrado teve por teatro o ambiente paulista.

Alí frequentava ele o curso jurídico. Por falta de professor da cátedra de Geometria assume Badaró essa cadeira e assim estudante e mestre consegue da mocidade de São-Paulo a simpatia dos seus corações que aumenta e se avoluma mais, com os constantes rasgos de patriotismo e de liberalismo que as vibrações do lutador faziam agitar aquele ambiente carregado de tirania.

Naquela época o absolutismo de José Clemente Pereira, ministro de D. Pedro I, dominava. E em São-Paulo não se respirava outro ar a não ser o ar abafado da compressão.

Um bispo — D. Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade e um ouvidor geral — Dr. Cândido Ladislau Japiassú — representantes autênticos do absolutismo reinante, ainda mais acentuava a tirania que alí existia.

Nesse estado de coisas surge um herói: Libero Badaró, cuja epopéia sublime foi rápida mas deixou rastros luminosos na história liberal de São-Paulo.

Ele funda um jornal que vai ser o seu túmulo. Um jornal que era uma bandeira de reivindicações; um facho de fogo que queimava e fazia arder em febre de delírio os déspotas.

Esse jornal chamou-se "O Observador Constitucional."

A todos os tiranos Libero Badaró feria com o filete causticante da verdade e do liberalismo. Daí ser alvo de prevenções, de ódios e de ameaças.

Ele formara em São-Paulo um ambiente eletrizante de rebeldia. As suas idéias se espalhavam por toda a parte, repercutindo fortemente na Metropole do país. Os seus gritos liberais incendiavam o espírito da mocidade que louca por liberdade seguia cegamente o seu agitador.

Os tiranos se atemorizavam! Daí nascer a idéia sinistra de assassinatos: o plano diabólico do extermínio do herói e bravo Badaró.

Osvaldo Orico, brilhante e festejado historiador, escreveu, em seu livro "Evaristo da Veiga e sua época", uma bela página, acerca do assassinato de Badaró. Eis como o ilustre historiador relata esse episódio impressionante:

"Na noite de 20 de novembro de 1830, ele (Badaró) jogava tranquilamente em casa de um amigo. Em sua residência, como sempre acontecia, os rapazes brincavam, cantavam, discutiam. Havia luar e havia tambem violões e cavaquinhos.

Às dez horas, mais ou menos, ele se despede e segue para a casa. Numa esquina próxima dois vultos embuçados o aguardavam. Um deles aproxima-se como amigo.

— "Doutor..."

O jornalista volta-se e pergunta-lhe o que quer.

— "Era um artigo que eu desejava publicar no seu jornal."

Contrafeito com aquela abordagem fora de horas, Badaró observa:

— "E' tarde para tratarmos disso. Apareça amanhã".

O homem insiste:

— "O artigo é contra o Dr. Japiassú.."

— "Está bem. Leve-o amanhã."

Nisto o outro vulto caminha. O jornalista mal tem tempo de dar um passo, ouve apenas uma frase:

— "O artigo é este..."

(Conclue no fim do ANUARIO)

HELIODORO renunciou

Joel Silveira

Quando o pai fez aquela pergunta — resumindo num momento toda uma vida de trabalho intenso — ele teve um gesto decidido. Tomaria conta do armazem. A mãe arregalou os olhos, o velho sorriu bondosamente e Vicente teve um risinho de mofa. Só ele continuou imperturbavel. Olhava somente para o pai, olhos abertos, sem pestanejar. Sim, tomaria conta do armazem.

Depois da decisão levantou-se, altivo e superior, e subiu a escada circular degrau por degrau. Trancou-se no quarto e os primeiros gestos foram quasi que maquinais, tanto já os executara no cerebro e em sonhos. Abriu todas as gavetas e inundou o soalho mal encerado com uma avalanche de papeis de todos os tamanhos e de todas as cores. Fez um monte daquilo tudo e acendeu o fosforo, sem tremer. Mas quando as labaredas cresceram e o cheiro de papel queimado lhe chegou às narinas, teve um gesto de arrependimento: instintivamente baixou a mão até a chama, como que querendo apagá-la. Mas foi por um instante. Sentia que estava cometendo um crime, destruindo uma parte, talvez a mais bela, de sua própria vida. Mas era necessário. Fez uma cara de odio e aumentou o fogo com um livro de poemas ineditos, sua última esperança de vitória. Sentou-se na cadeira, as mãos escondendo a cabeça, ficou olhando as chamas inexoraveis devorarem o album.

Quando a última labareda morreu, o quarto ficou cheio de uma fumaça escura que asfixiava. Heliodoro escancarou a unica janela, que dava para um retalho da paisagem natural, por detrás do quintal vizinho. Um sol de aço alumiava lá fora. O verde dos morros, humedecido pela chuva da noite, rebrilhava em vidrilhos, fazendo de cada folha um pequeno raio inquieto. E foi olhando o sol que ele quis botar a culpa em alguem. De-certo que alguem tinha culpa daquilo tudo, estava certo que não era ele o único culpado. Voltou os olhos para trás, para os dias que cada vez mais se distanciavam. Quem primeiro apareceu foi o professor Marcondes, barbicha de judeu caindo do queixo de ponta, óculos de aros enrolados em linha preta, com um tiquezinho no olho esquerdo e um riso sem vontade querendo disfarçar uma coleção desfalcada de dentes amarelos e estragados. Fôra numa prova de português, durante uma dissertação, ele tinha dez anos de idade. Estava com a cabeça não sei como e se danara a escrever, a escrever. No fim saira aquilo. Umas comparações ousadas, abstratas, achando, no fim de um periodo oco, que "a voz do rouxinol era, todas as manhãs, como um clarim maravilhoso acordando a Natureza para a faina eterna". O professor Marcondes leu a prova para os outros alunos. Leu alto, com a voz cortada pela emoção da descoberta. Sim, porque ele havia descoberto um poeta em sua classe. Já podia espalhar pela cidade inteira. Sua escola possuia um poeta. Um poeta de dez anos de idade, o que era mais. Lá no fim, numa das últimas carteiras, ele tremia. Ouvia tudo pasmado, sem compreender nada. Parecia que aquilo que o professor Marcondes recitava, com a barbicha acompanhando as pausas das vírgulas e as paradas dos pontos, não era de ninguem alí da classe.

— Sr. Heliodoro Amor Divino dos Santos!

Heliodoro Amor Divino dos Santos era ele. Levantou-se, confuso, torcendo um botão do paletó, a cara fazendo esforço à procura de uma expressão.

— Foi o senhor quem escreveu mesmo isso?

E o professor Marcondes, sinistro, sacudia a prova no ar. Teve vontade de dizer que não, que havia copiado de um livro qualquer. Mas reagiu e afirmou. Tinha sido ele, sim. Ele, Heliodoro Amor Divino dos Santos. A fisionomia inundada de gozo, o professor Marcondes, então, gritou para a classe, em voz de comando:

— De pé!

E Heliodoro passou, feliz, entre duas fileiras de alunos que batiam palmas. O professor Marcondes havia dito, num longo discurso com que enchera as primeiras horas do expediente daquele dia, que aquilo era um preito à inteligencia. E como uma homenagem mais positiva,

o senhor Heliodoro passaria a ocupar dali em diante, o primeiro lugar na sala, uma carteira defronte da sua mesa de comando.

E assim nasceu o poeta Heliodoro. Deixou crescer a cabeleira ensebada de brilhantina, passou a dormir pouco, o que lhe trazia varios transtornos e um cochilo diário na sala de aula. Na escola, de olhos macilentos e mortos, com duas olheiras fictícias, avivadas a custa de carvão, andava devagar, silencioso e curvado. Começou a se orgulhar em ser o peor aluno de matemática. E sorria, superior, quando o professor Marcondes dizia, batendo-lhe no ombro:

— Você não tem cabeça para isso. Os poetas odeiam os números.

E se aparecesse alguem dizendo que Omar Khayyam entendia tanto de poesia quanto de matemática, Heliodoro, na certa, retrucaria indignado:

— Poeta de terceira ordem!

Os cadernos de apontamentos foram perdendo sua verdadeira utilidade. Heliodoro, com o olhar perdido num pedaço de céu que a janela deixava ver, arquitetava poemas. E ia enchendo as folhas dos cadernos e o branco dos livros, com aquela letra burilada, desenhada, arrumando-a em quartetos e tercetos geometricamente certos. Quando fundaram a "Sociedade Lítero-Recreativa 15 de Novembro", idéia e realização do cura, foi eleito orador. Na sessão inaugural, com muitas bandeiras de papel disfarçando a cumieira, um discurso que, ainda na opinião do professor Marcondes, foi "simplesmente fantástico!". E terminou com esta quadra, largamente distribuida, no outro dia, pelo Silogeu Brasileiro, em bem cuidadas cópias datilografadas:

O pão alimenta o corpo
A Instrução dá o SABER
O mais INFELIZ dos homens
É aquele que não sabe Ler.

Mais tarde, lendo um livro de Augusto dos Anjos, o poeta de sua predileção, seu "companheiro de amargura", como dizia sempre, achou que devia fumar. Sem o cigarro seria um poeta incompleto. Na primeira carteira sofreu horrivelmente. A fumaça lhe sufocava, provocando na garganta mal acostumada uma tosse seca e contínua. Isso foi o suficiente para se julgar num começo de tuberculose, inevitavel num poeta amargurado como ele. Deu para sentir imaginarias dores nas costas e irritava-se quando, depois de um sono calmo durante toda a noite, acordava corado como um tomate. Nesses dias assim, nada fazia — como que a inspiração lhe fugia com a palidez. Heliodoro sentia-se mais triste ainda, olhando irritado o espelho denunciador: de que vale um poeta de sangue nas bochechas? Debalde caiava o rosto de pó de arroz. O vermelho era teimoso, mais teimoso do que ele.

O primeiro amor surgiu aos quatorze anos. Miracema era raquítica, com dois olhos enormes e negros diminuindo o rosto oval. Ria pouco e conversava menos. Tinha uma coleção de sinais pelos braços e pernas que dava dor de cabeça contar. E no ginásio do professor Marcondes era assim uma espécie de lider das hostes femininas. Heliodoro fez uma declaração em versos, onde, num tom de quem pede esmola, narrava todas as suas desventuras, "suas batalhas perdidas com o deus do Amor". Esperou três dias e a resposta não chegou. Esperou mais três, mas foi debalde. Não suportando por mais tempo a "chama abrasadora que lhe queimava o coração" — como ele contou num poema publicado na "Voz de Guajarú" — acercou-se uma tarde da pálida Miracema e despejou sobre ela todos os seus sentimentos recalcados. Mas foi cortado por uma frase ríspida, amolada como navalha:

— Procure seu lugar!

Desse dia em diante, Heliodoro sentiu que a tosse voltava, acompanhada de dores cruciantes que lhe apunhalavam as costas. Seus versos tornaram-se mais tristes e só falavam de cemitérios, veneno, suicídios, Bórgias, Abelardo, Julieta e outros temas semelhantes. E Miracema, com todos os seus encantos e virtudes, os primeiros muito reduzidos, encheram a vida do poeta. Altas horas da noite percorria Heliodoro as ruas mortas da cidade adormecida e embrulhada numa escuridão que as luzes baças e minguadas não conseguiam minorar, assoviando vaisas nostálgicas. Quasi não mais dormia, e, quando entrava no quarto, de paredes cobertas com retratos de mulheres de "maillots", faxina que fazia semanalmente nas revistas da Capital e que chegavam a Guajarú depois de dois mezes de atrazo, passava o resto das horas noturnas fumando, com os olhos abertos acompanhando as curvas dificeis da fumaça que ia se perder no forro branco.

Um dia, após uma aula cacete cheia de números e de pigarros do velho Marcondes, descobriu no estudo uma grande inutilidade. Os livros eram

efêmeros como a própria vida e como o próprio homem. Falou com o pai e deixou o ginásio. O professor Marcondes reuniu todo o colégio numa magnífica sessão solene, onde os oradores dos mais variados timbres enalteceram e exaltaram a inteligência e valor de Heliodoro. O nosso poeta agradeceu com um poema de légua e meia, lido numa voz arrastada de quem se despede deste mundo imbecil.

Os dias, agora, passava-os na porta da redação da "Voz de Guajarú", ouvindo anedotas picantes contadas por Zeca Cajueiro, o sujeito mais obceno do Brasil inteiro, senão do mundo. E tudo corria ás mil maravilhas: os dias claros éram ótimos temas poéticos e as noites escuras fontes inesgotaveis de poesia. Tudo corria às mil maravilhas até acontecer aquilo, o grande imprevisto: a chegada abrupta do novo promotor.

O jovem Dr. Edmundo havia feito uma bela figura como estudante. Na Capital era conhecido como bom poeta e ótimo orador — o que ele provava mostrando, com modéstia, o album de capa vermelha atulhado de sonetos e referências. Era moço, rigorosamente aprumado nos ternos bem passados, vasta cabeleira aluminado no cosmético caro, óculos de tartaruga sem grau dando ao rosto uma expressão convincente. E tudo isso influiu terrivelmente no temperamento romântico das beldades guajurenses que logo descobriram na figura apetitosa do promotor o príncipe encantado tão ansiosamente esperado. Heliodoro tremeu no seu trono. Já se via desbancado do seu prestígio como o único talento do lugar. E seu desespero chegou ao auge quando, na noite fatídica de 7 de setembro, o Dr. Edmundo entusiasmou a pacata cidadezinha com um retumbante discurso sobre a data magna da nossa História, "dia em que o Brasil tomou pleno conhecimento da sua grandeza e do seu poder e começou a figurar no rol das nações de punhos libertos".

O Dr. Edmundo, depois do discurso, encheu o comentário diário da cidade. Era Dr. Edmundo praquí, Dr. Edmundo pralí. Heliodoro fazia o possivel para que a figura do simpático promotor fosse diminuida na admiração de Guajarú. Mas tudo era inutil. Ninguem prestava mais atenção ao que ele escrevia. Era homem morto — conclusão que chegou quando se viu preterido na "Sociedade Lítero-Recreativa 15 de Novembro": o Dr. Edmundo fora eleito orador, em seu lugar.

A mãe, vendo sua tristeza e seu desconsolo profundo, lhe feria ainda mais:

— Está vendo no que deu sua falta de gosto? Pra que não estudou, como o Dr. Edmundo, para ser gente, conhecer a Capital, vestir bem e falar bonito? Pelo menos arranje um emprego. Vá trabalhar com o seu pai no armazem...

O armazem! O armazem era o tormento de Heliodoro. Ninguem o podia ameaçar com um castigo maior, que lhe ferisse tanto. Quando sua mãe falava no armazem, um pacato armazem de secos e molhados onde o pai passara trinta anos de uma vida sem progressos, ficava acabrunhado, vencido para o resto do dia. O armazem crescia diante dos seus olhos, monstruoso na sua simplicidade. Era uma casa baixa, de paredes encharcadas e engrossadas por não sei quantas mãos de tinta e cal. Da praça, que começava no fim da rua principal, podia se ler a taboleta, grande demais para o prédio acachapado:

ARMAZEM AURORA
Fundado em 1906
Secos e Molhados.
Estivas em geral.

Era daquele armazem que ele vinha fugindo durante toda a vida. Não queria, absolutamente, ter a sorte de Vicente. Sentia-se muito superior a um simples caixeirinho, eternamente mal cheiroso, dia e noite com o odor acre das cebolas e linguiças debaixo do nariz. Entrar para alí, cruzar aquelas portas seria renunciar à gloria, derrubar com todos os sonhos, pôr abaixo os castelos pacientemente erguidos em horas de êxtase e inspiração. Debalde sua mãe, mais prática e senhora da situação, com uma calma que só servia para lhe exasperar mais ainda, mostrava os benefícios que podiam vir com a entrada dele para o armazem. Teria um ordenado regular, roupa asseada, mais de um terno, e poderia mesmo, se quisesse, continuar com seus estudos. Ninguem estava pedindo que ele abandonasse seu ideal, não. Apenas era necessário que ele procurasse um caminho certo na vida. Poesia era muito bonito mas não enchia barriga. Por enquanto ele tinha a casa e a bóia certas, podia viver despreocupado. Mas depois? Quem podia saber do futuro?

Heliodoro cismava, cismava, olhando uma lua redonda que rolava no céu azul. Espalhava os vastos cabelos com os dedos em forma do pente — mas era inflexivel. Não seria um caixeiro reles, isso não!

Um dia, como fazia todas as quintas-feiras, entrou, imponente, na redação da "Voz de Guajarú" e jogou, com negligência, um poema sobre a mesa do secretário. E já se ia retirar quando D'Almeida Silva, diretor da "Voz" e Presidente Efetivo do Guajarú F. C., lhe fez voltar:

— Você vai me desculpar, Heliodoro. Mas colaboração sua não pode sair nem neste nem nos outros números seguintes. Você compreende bem o que é vida de jornal... Pois não é que o Dr. Edmundo mandou a conferência para ser publicada. Uma monstra, rapaz! Bem escrita está, ninguem pode dizer que não. Mas o jornal que se aguente...

Ele saiu devagar. A cabeça pegando fogo. Um ódio terrivel, sem medidas, comprimindo o peito, sofocando a garganta.

De noite, olhando o forro amarelo, voltou aos felizes dias de glória, no ginásio do professor Marcondes. Com o coração amarrotado, via-se novamente passando entre alas de meninos que batiam palmas, ardentes palmas de entusiasmo pela sua vitória. "Isto é um modesto preito à inteligência". Via-se na tribuna da "15 de Novem-

(Conclue no fim do ANUARIO)

AS PEQUENINAS

Godofredo Rangel

Passavam pela rua.

Um grupinho microscópico de pequenitas de quatro a seis anos de idade.

Eram três. Estavam sós e tinham o ar assustado de quem saiu de casa sem licença.

Não pretendiam andar tanto; porem, um quarteirão, outro quarteirão, ao darem tento já estavam longe, e agora não viam maior mal em ir para diante.

As três, de chinelinhas de couro, estalidavam na calçada os passinhos miudos.

A do meio, vestida de azul, carregava uma cousa abraçada contra o peito; e as outras a escoltavam, cuidadosas com a preciosíssima carga.

Chegaram à minha porta.

— Quer uma cachorrinha? perguntou a do meio.

E mostrou-me um animalzinho de alguns dias.

— Chama-se Princesa, disse uma da escolta.

— É acomodada, quietinha, informou a outra.

— Ela já anda, insistiu a portadora, ante o meu gesto de recusa.

Pôs o animal na soleira.

De olhos fechados, ventre roçando o chão, pernas trôpegas, pequenitas, choramingou, tateando dos lados com o focinho.

— Quando chora, a gente dá o dedinho e ela fica quieta.

— Já come biscoito molhado no leite, não é, Ziza?

A companheira confirmou-o, sem a menor restrição.

E continuaram a apologia: visse a pinta da testa, o pelo macio, o rabinho inquieto...

— Já sabe latir, mas não morde!

Eu continuava a acenar que não.

Teimaram.

Os outros argumentos encontraram-me ainda inflexivel.

Então entreolharam-se desapontadas.

A do vestido azul retomou a Princesa.

— Vamos?

Seguiram.

Adiante pararam em outra casa.

Outra vez começaram a falar.

Eu não ouvia as palavras, mas, pelos gestos, entendia que era ainda a apologia da cachorrinha oferecida.

Mostravam-na, punham-na no chão, apontavam a pinta...

A pessoa da casa cabeceava que não.

E as três desapontaram ainda.

E seguiu o grupinho.

Repetiu-se a mesma cena em outras casas e cada recusa nova aumentava-lhes o desalento.

Pareceu-me adivinhar o pequenino romance:

A cachorra, em casa, dera cria.

Como de outras vezes, os filhos ficavam com a mãe, e, as fêmeas, iam afogá-las no ribeirão.

E em seu amor igualitário pelos cãezitos, as três pequeninas não se conformavam com a crueldade sem par. Matar uma gracinha daquelas, uma boneca viva, boa companheirinha para os seus brinquedos!

Mas o preto velho já a levava num embornal.

— Pelo amor de Deus, tio Zefirino! não mate!

— Que remédio! A patroa mandou... Peçam a ela.

Era inutil, sabiam.

Suplicaram ainda ao preto:

— Não mate! Dê para alguem criar.

— Ninguem aceita, patroinhas. Cachorra ninguem aceita.

— Aceita, aceita, sim...

— Pois se acharem quem queira, não mato.

Achariam, oh! se achariam! afirmaram.

Foi quando, de posse do animalzinho, saíram, esperançadas, pelas ruas.

Que pena, darem a Princesa! Mas antes isso, que o ribeirão.

E, casa a casa, as três pequeninas piedades ofereciam, instavam.

E implacavelmente as cabeças acenavam que não, que não.

Então arrependi-me. Pobre piedade malograda, a daqueles coraçõezinhos em botão!

Eu aceitaria o animal.

Voltei à porta, apressado.

Não as vi mais. Os três vestidinhos curtos haviam desaparecido.

Pedí notícias aos passantes — não sabiam o rumo que tomaram.

Mandei-as embalde procurar.

E em imaginação vi o resto, o drama horrivel.

Tornaram a casa desalentadas.

Inutil a última tentativa junto à mãe. Tomaram pitos. "Sairem sozinhas por essas ruas!"

Tio Zefirino, o carrasco, tomava de novo a carga em suas mãos calejadas; e, arreganhando as gengivas sangrentas num horrendo riso de triunfo, exclamava:

— Eu não disse, que cachorra ninguem quer?

E, enfiando a vítima na sacola, afastava-se, rua abaixo, em demanda do córrego, onde ia afogar a Princesa, tão engraçadinha, de olhos ainda fechados, que parava de chorar se lhe davam a chuchar a pontinha do dedo, e que, tão nova ainda, já sabia latir e lamber sopinha de leite com biscoito.

Tempestade sobre um destino

Barros Vidal

Deixando o largo portão que fora o abismo intransponivel que o separara do mundo, durante longos e penosos vinte anos, Lúcio Eduardo se deteve, um instante, olhando em redor. Forte emoção o sacudia. Essa emoção cresceu quando se aproximou o bonde, trepidando nos trilhos. Teve a impressão de que todos o fixavam, como se soubessem do seu drama, não do que o levara até aquele túmulo, do qual nem ele se lembrava mais, mas do drama daqueles quatro lustros amargados no cárcere. Mas o bonde seguiu o seu destino e ele, reanimando-se, atravessou a rua mais próxima e avançou pela rua Salvador de Sá. Tudo lhe parecia diferente. As casas, as árvores, e, até a rua lhe pareceu mais larga. Andando, uma grande interrogação nos olhos, ele passeava o olhar pelos automoveis que se cruzavam, admirando-se da elegância de suas linhas, pelas mulheres que passavam e pelos ônibus, que eram, para ele, uma grande novidade. Mas o seu pensamento estava, já agora, voltado para aquela casinha cinzenta em que nascera, lá no morro do Castelo, e cuja imagem as sombras do cárcere não chegaram a empalidecer. Sabia, muito vagamente, que aquela colina pitoresca da cidade fora arrazada, mas, animava, dentro do cérebro, a esperança de que, ao menos, a sua casa-berço sobrevivesse... E, vencendo, agora, a Avenida Mem de Sá se lhe deparava em cada canto uma surpresa e em cada edifício uma visão diferente. Ansioso por ver tudo que já não via há tantos anos, apertou o passo, chegou à Cinelandia, onde sentiu, então, o maior deslumbramento de sua vida. Aquele conjunto de arranha-céus o impressionou fortemente, na manhã cheia de sol. Uma longa hora se deteve alí, o olhar estupefacto galgando os prédios gigantescos, atônito com o movimento intenso de veículos. E foi a imagem da casinha cinzenta que o arrancou daquela contemplação silenciosa. Como quem tem que chegar, à hora certa, ao lugar combinado, Lúcio Eduardo atravessou, rapidamente, a Avenida e penetrou na esplanada do Castelo. Tonto de emoção, ele avançou pela praça imensa, quasi correndo, num mixto de pavor e de surpresa, olhando para todos os lados, os nervos sem controle. E no seu ponto central parou, sacudindo a cabeça e dizendo:

— A minha casa cinzenta! A casa onde nascí!— O meu lar... tudo se sepultou, comigo, na Passado!

*

* *

Vinte anos de cárcere fizeram daquele homem um desgraçado. Quando a Fatalidade o envolveu no turbilhão daquele crime, ele se considerava o mais feliz dos homens, na tranquilidade do lar povoado dos sorrisos de duas

lindas garotas e do José João, o primogênito, seu ídolo. Trabalhador e bom, ele sonhava oferecer um futuro risonho aos filhos, educando-os com esmero. Era só essa a sua preocupação. Aquelas três crianças e a esposa formavam o seu mundo. Mal acabava o serviço, na porta onde tinha o seu negócio de flores, corria para casa, antegozando a alegria de rever as crianças. E, depois do jantar, entretinha-se a brincar com os filhos e a contar-lhes histórias.

E era essa a sua grande felicidade...

*
* *

Foi em 1918 que tudo aconteceu. Lúcio Eduardo chegara para o almoço quando um grito de José João o alarmara. Emocionado, correu a soleira da porta e, ainda, chegou a tempo para ver o filho cair, ensanguentado, sob os punhos deshumanos de um vizinho. Como um louco, aquele homem, cujas mãos viviam mergulhadas em flores, tocado no que de mais delicado poderia existir para ele, precipitou-se sobre o malvado, agredindo-o, para acabar estrangulando-o. Todo o drama viveu em poucos minutos. Ele que era um santo — transformou-se num assassino. Foi aos tribunais, sentou no banco dos réus e, atordoado, viu-se acusado friamente e alvo de toda uma tempestade de impropérios. Em vão procurou explicar-se, e a sinceridade de sua confissão, pela lealdade com que foi feita, mais o comprometeu. O advogado, que a esposa contratou com o dinheiro apurado pela venda do negócio das flores, apelou, por duas vezes, inultimente. Lúcio Eduardo teve a sua sentença confirmada. E pelo que o promotor disse a seu respeito e os jornais repetiram com títulos berrantes — ele era um estrangulador, um monstro. E como tal ficou sendo aos olhos da sociedade. A insensatez de um homem modificara o curso do seu destino. E o destino lhe destruiu o lar, enviuvando-o, arrancando-o dos braços carinhosos dos filhos...

*
* *

Os cinco primeiros anos de cárcere foram para ele dias de revolta e indignação. De pacífico por natureza, tornou-se agressivo e rebelde, tanto o indignava aquela infâmia das leis. Ele não podia compreender aquilo tudo. A conciência sem mácula, a alma sem pecado, Lúcio Eduardo blasfemava contra a fatalidade que o sepultava entre aquelas grades. Não era a liberdade perdida, e o direito de ver o sol, e o direito de viver, enfim, que mais o torturavam — era, sim, a ausência dos filhos que mais o afligia. Para o seu coração de pai figurava como um absurdo aquela separação inclemente. E vibrava de indignação vendo esboroados todos os seus sonhos. Queria — e para isto tanto lutara na vida — as filhas educadas e instruidas, preparadas para enfrentar o Destino com uma formação mental que as defendesse do Mal e do Erro, e o filho habilitado a construir, pelas próprias

mãos, o mais sólido futuro. E tudo isso não mais podia ser. Dalí de dentro, esbravejando como um possesso e debatendo-se como uma fera, assistira ao desmoronamento de sua felicidade. A esposa não resistira a embates tão tempestuosos e morrera. As duas filhas acolhidas por favor em casa de uma tia lá no interior de São-Paulo, não mais o visitaram. E o filho, esse, nunca mais apareceu...

Espectro que vivia voltado para o Passado, compreendendo que quanto mais reagisse e quanto mais insubordinado se mostrasse, mais sofreria naquela imensa jaula onde a camisa de zuarte igualava todos os homens, passou a silenciar, acomodando-se àquela existência monótona. E, depois, que ambicionar, agora, que a esposa partira para a viagem tenebrosa, que os filhos perderam o seu contacto e que o seu lar desabara na tempestade em que só a sua alma sobrevivera?

*

* *

Com dez anos de cárcere, Lúcio Eduardo já agora era um conformado. Desintegrara-se, inteiramente, de si mesmo. E quando o pensamento voltava para o Passado que se ia distanciando, ele, num esforço inaudito, apagava as imagens que surgiam... Depois que recebera a última catra da irmã, dando-lhe notícia de que as filhas tinham partido, para o Rio em busca de emprego, na ànsia de uma vida melhor, sentiu esvair-se-lhe da alma a última esperança. E lhe doia muito, no recesso do coração, a ingratidão dessas criaturas que nunca o visitaram. Em vão esperou, nos dias de visita, a presença de uma delas. Todos, ali, tinham, nessa hora, um momento de glória. Era o prêmio maior que podia aspirar. Mas nunca alguem apareceu, para ele... Era demais. Mas era o seu destino...

*

* *

Precisamente quando Lúcio Eduardo completou quinze anos de Correção, já considerado pelo seu procedimento, que se tornara impecavel, foi transferido para a enfermaria, onde passou a servir. E aí, ele que quasi não falava e que quasi não sorria, começou a sentir-se melhor e a reanimar-se. Era com carinho que tratava dos doentes, mostrando-se infatigavel e dedicado. Assim, o detento construiu sólidas amizades entre os encarcerados, vendo-se distinguido por todos os que passavam por aquela sala de sofrimento. Eram ladrões e assassinos, vindos da sargeta ou de um berço de ouro a lhe prodigalizar o mesmo afeto. E compadecia-se igualmente do velho Malaquias e do "Chico Valente", aquele um criminoso inveterado e este um ladrão temivel, embora os seus vinte e um anos. Lúcio Eduardo, nas suas longas vigílias ao lado do velho, aconselhava-o, como fazia tambem ao jovem ladrão, animando-o a regenerar-se e a

procurar viver dentro da lei. E o rapaz contava-lhe o seu destino, enternecendo-o... *Chico Valente* ao cabo de oito meses foi solto. O velho Malaquias, curado, voltou para a cela e Lúcio Eduardo continuou na enfermaria, desdobrando-se em desvelos com os novos doentes e conhecendo novos dramas...

*
* *

Foi naquela tarde de chuva que teve a notícia que quasi não o alegrou, tão tarde ela chegava: seu livramento condicional! De trinta anos a sua pena fôra reduzida a vinte e antes mesmo ele teria volvido a liberdade se, no princípio, não se mostrasse tão rebelde e indisciplinado.. E naquela manhã deixou a "Correção" sem um rumo certo, sem braços amorosos que o esperassem, sem um coração a bater pelo seu!

*
* *

Em liberdade, Lúcio Eduardo só tinha, agora, um plano: saber notícias dos seus. Mas quem lhas poderia dar? Lembrava-se do José Gomes, um velho negociante de papéis velhos que morava na rua da Misericórdia e para lá seguiu na esperança de encontrá-lo. E encontrou-o, paralítico, jogado sobre a cama, uma sombra do que era, tão desfigurado lhe pareceu. O velho, vendo-o, teve forte emoção, que a expressão do seu olhar traduziu.

— Gomes, o que você sabe dos meus filhos? Que notícias tem deles?

O velho, a voz embargada pela emoção, sacudindo a cabeça, fugindo com o olhar dos seus olhos, respondeu.

— Lúcio, conforma-te com o teu destino. Foste um homem bom e, para mim, a Fatalidade te santificou. Estou preso a este leito vai para seis anos. Sempre pensava em ti, e recordava os bons tempos, aqueles domingos em que almoçava em tua casa... Tudo o que era teu, ruiu. O morro onde nasceste, a tua felicidade, o teu lar...

— Meus filhos! Diga-me, Gomes, o que sabes dos meus filhos?

— Sei muito pouco, mas o bastante para aumentar o teu desespero. Das tuas filhas, uma, a mais velha, se desgraçou e vive a mais dificel das vidas, lá no Sul... E a outra está aqui, na mesma perdição...

Lúcio cerrou as pálpebras e a voz trêmula ainda teve forças para indagar:

— E o meu pequeno?

E o velho, quasi chorando:

— A desgraça desse foi peor... E depois de uma pausa:

— Fez-se desordeiro e ladrão. Hoje é uma figura que inspira pavor. Imagina que até nome ele não tem mais. E' conhecido como... Lúcio, atordoado, querendo arrancar as palavras da boca do velho doente:

— Como? Diga! Diga!

O velho Gomes, deixando a cabeça cair sobre as mãos:

— "Chico Valente"!.

O MENINO DOS NIQUEIS SERÁ UM EMOTIVO?

(DO LIVRO DE CONTOS A SAIR JOANINHA VINTEM)

Lobivar Matos

1.

Princípio de mês.

Dona Júlia Barata, lapis na mão, controla as despesas da casa. Separa o dinheiro do aluguel do casarão, o da água, o da luz, o da padaria e o do bolicheiro; depois, noutra coluna, enfileira as contas do farmacêutico, do leiteiro, do carniceiro. Soma tudo. Suspira. — Que dinheirão! — Vê, depois, quanto sobra. Sobra pouco, mas ainda não recebeu todo o dinheiro que tem na rua. E não é bom contar certo com dinheiro esparramado. As pessoas que lhe faltam pagar são trapalhonas. — Torna a suspirar. — Que horror! Não há dinheiro que chegue. Imagina só se não fizesse economia. Onde é que iria parar?

Levanta-se. Vai ao quarto. Abre o nicho, afasta o Cristo de marfim, puxa o latão, de dentro do latão retira o ordenado do marido, uma ninharia, e o dinheiro que ganhou costurando. Procura uma nota de cincoenta mil réis, a mais velha de todas. Depois torna a guardar o latão, a colocar o Cristo no meio do nicho, com carinho. Sai. Chega no pátio. Olha para o quintal. Grita para o filho que está trepado na cerca.

— Vem cá, Haroldo.

Numa corrida o filho atende:

— O que é que a senhora quer comigo, mamãe?

Dona Júlia deixa o filho chegar mais perto, põe a mão no seu ombro e com voz morna:

— Toma, Haroldo. Leva esse dinheiro para os presos.

Haroldo arregalando os olhos:

— Mas... só isso, mamãe?

A voz de Dona Júlia explica:

— Só cinquenta, meu filho. Este mês as coisas estão pretas.

Haroldo mete a nota no bolso e sorri.

2.

Depois de trocar a nota em pratinhas, Haroldo entra no "largo da Cadeia" contando, mentalmente, o número de presos e quanto deve dar para cada um deles. De repente tropeça num buraco. Faz uma careta de dor. Para, resmungando.

O sol começa a se zangar. Haroldo senta-se numa lasca de pedra e tira a espinha do pé. Depois sai andando outra vez.

Lá em cima, no meio do largo, duas pandorgas lutam desesperadamente para não cair. Uma é grande, é pandorgão; a outra é pequena, uma pipazinha fragil feita em papel de embrulho. Tem no rabo um caco de vidro brilhando ao sol. A pipa não tem armas e por isso procura fugir, humilhada. Que fazer? Evitar um choque é melhor. Dá cabeçadas perigosas, faz mil reviravoltas, fugindo sempre. Haroldo aprecia nervoso, a luta desigual. — E' agora! Hií... — pensa, torcendo pela sorte da pipa.

— Não deixa cair, Vicente. Corre pra lá, seu bobo. Dá uma descaida ligeira — grita para o dono da pipa.

Desembestado, Vicente corre de um lado para outro, inutilmente. O pandorgão desce numa reta inesperada. Sobe depois, sobe sempre e fica lá no alto sorrindo, vitorioso, abanando o rabo, roncando cheio de vento. Inutilizada, a pipa perereca no ar, enrola-se no fio da luz elétrica, onde fica presa nas mãos brincalhonas do vento, que a empurra de lá pra cá, brincando de barata-voa.

— Malvado!

Haroldo abaixa a cabeça, chuta um osso com raiva e procura consolar o dono da pipa.

— Deixa estar, Vicente...

Caminha, pensando. Alguns passos mais, bate no ombro do preto Crespim, soldado de

polícia que está de sentinela no portão da Cadeia.

— Pode entrar, Menino dos Niqueis.

Haroldo empurra a portinhola. Entra. No pátio os faxineiros trabalham, cantarolando. Uma vez por mês, naquela missão especial, com os bolsos cheios de pratinhas, corre Haroldo todas as salas infectas e escuras da Cadeia, deixando cair nas mãos pálidas dos presos aquele dinheiro que Dona Júlia Barata recusa distribuir entre os padres da cidade. E todas as vezes que Haroldo entra no casarão amarelo do "largo da Cadeia" arranja desculpas e alega pressa para os presos que querem conversar com ele. Faz isso sem saber porque o faz. Naturalmente, só a presença daqueles homens feios, sujos e doentes, dá ao filho da costureira da rua 13 um mal estar íntimo, misterioso. Haroldo não tem medo dos presos, que o tratam bem. Mas não sabe porque sente dentro de si mesmo aquela coisa esquisita, aquele nó na garganta, aquela vontade de não voltar mais a falar com semelhantes criaturas.

— Taí o Menino dos Niqueis, Muchiba!

A' aproximação de Haroldo as grades se enchem de mãos buliçosas e de fisionomias tristes. Uns o recebem com festas; outros, indiferentemente.

— Algum preso novo, Muchiba? — indaga Haroldo.

Muchiba diz que não, que a "república" está cheia. Haroldo não compreende bem aquela história de "república" e estende as mãos. Três mil réis para cada um. O mulato de nariz arrebitado, que gosta de brincar com Haroldo, reclama logo:

— Uê, Menino dos Niqueis, que aconteceu? Noutros meses a "coisa" é mais e vancê vem mais cedo...

Haroldo pisca um olho e repete o que a mãe lhe falou:

— As coisas andam pretas, seu Zé...

Gargalhada. Haroldo passa adiante, na outra sala.

— Mas, quem é que manda esses "cobres" pra gente?

Pausa. Embaraço. A voz de Haroldo è indecisa:

— Minha mãe...

— Mas, como é o nome dela, menino?

Agora, a voz de Haroldo é decidida:

— Dona Júlia Barata.

— Pois, diz prela que quando ela morrer vai direitinho pro céu, ouviu?

Todos riem. Haroldo fica sério. Não gostou da brincadeira. Seus olhos indagadores varam a escuridão da sala. Suspende o dedo numa pergunta.

— E aquele?

O sapateiro vira-se:

— Aquele frouxo? E' o filho do Pedro Aribú. Já tá para esticar as canelas...

Os olhos de Haroldo ficam mais azues.

— Dê isso para ele, seu Marinho.

Entrega o dinheiro e sai. Atravessa o pátio. Distribue a mesma quantia para os três presos da última sala e, quando vai saindo, ouve alguem lhe chamar.

— Menino dos Niqueis! Menino dos Niqueis!

Faz meia volta. Aproxima-se das grades:

— O que é, seu Joaquim?

A voz do negro velho é lamurienta:

— Pode fazer um favorzinho pro negro?

Haroldo diz que pode, que faz mais de um. Diante disso. Joaquim pede:

— Queria que o sinhozinho me levasse esses niqueis lá pra Jacinta, no Sarobá.

Haroldo recebe o dinheiro e corre.

— Menino dos Niqueis! Menino dos Niqueis!

Confusão de vozes. Todos os presos gritam se despedindo do menino.

No portão, a sentinela pega Haroldo pelo braço. E com a cara e a voz lambidas:

— Como é, eu não ganho nada, não? Nem um mata-bicho? Será o benedito?

Haroldo consulta os bolsos, sacudindo-os. Dá, sim. Ri. Estende a mão. A sentinela tambem estende a mão e ri.

Do meio do largo, quando Haroldo voltou a olhar para o portão da Cadeia, ainda viu o negro Crespim, agradecido, abanar-lhe a mão.

3.

Agora Haroldo caminha satisfeito. Tem nas mãos sete mil e quinhentos: três mil são da mulher do preso; o restante é seu. Vai mandar o Alfredinho fazer um pandorgão e com ele desafiar o Romeu. Olha para o poste fronteiro. Na linha da luz elétrica a pipa do Vicente ainda vai e vem balançada pelo vento. Os pensamentos de Haroldo se atropelam. — Comprará tambem uma gilete para o rabo do pandorgão e se ainda sobrarem alguns niqueis comprará bolitas e dois carretéis de linha 44.

Assobiando músicas sem ritmo, Haroldo entra no boliche da esquina.

— Cem réis de mariquita, Mansur.

Com as duas bananas no bolso Haroldo ganha a rua, bolando: — Vai pra casa ou leva o dinheiro da mulher do preso? Á tarde vai jogar bola, no "largo da igreja", meter um "goal", assim e suspende a perna esquerda, chutando o vento. Não. O melhor é ir logo ao Sarobá. Boa idéia. Apressa os passos e à porta do açougue diminue a marcha. Na carrocinha que está parada alí um baita porco amarrado esperneia, grunhindo. O açougueiro em pé, com as mãos nos bolsos, olha para ele. Pe-pi-no! Se em vez daquele porco amarrassem o Pepino, hein, a cara do italiano ficaria igual à cara do porco. Se a gente comesse gente, taí um cabra que paparia com gosto. Italiano bruto, Pepino puxa a orelha dele toda a vez que entra no açougue para comprar carne. Comeria Pepino com farofa, mas comeria tanto, que a tia rabugenta, acabava ralhando: "Eta, menino guloso!"

Agora o professor Jeremias toma o lugar do açougueiro no pensamento de Haroldo. Sujeito mulherengo, o professor Jeremias. Só fala em *rr* e *ss*. Mas o professor Jeremias tambem foge do pensamento de Haroldo, que torna a contar o dinheiro. — E se "matasse" um mil réis da mulher do preso, alguem ficaria sabendo? Ficaria? Não? Só assim poderá comprar mais bolitas... E'. Vai fazer isso. Chuta uma pedra que perereca longe. Um dia ainda será bicho na bola, jogará melhor do que o "Pé de Anjo", do Corumbaense.

Nisso Haroldo vê uma porção de gente saindo do portão do Sarobá. E não vacila. Corre, tambem.

No portão sempre escancarado alí na rua 13, negras assustadas gritam pelos filhos que não sabem por onde se meteram. Há confusão. Falam que mataram um homem doutro lado, quem é ninguem sabe ao certo. Soldados de polícia chegam afobados, empurrando. Haroldo, curioso, voa atrás deles para o portão da rua Delamare.

4.

No meio da roda um negro geme no chão. Tem a cabeça mergulhada num charco de sangue. A uma pergunta do cabo de polícia, a negra que soluça, responde, com voz de choro:

— Assistí, sim seu cabo...

E apontando a vítima:

— Mané, esse que taí tava lá em casa conversando comigo, quando chegou meu home...

— E o que foi que houve despois?

Os soluços se atropelam:

— Discutiram, seu cabo. Mané virou e deu uma munhecada no Justino e correu. Pra que êle correu? Justino pegou do facão e saiu atrás. Despois... despois... não vi mais... não vi mais, seu cabo.

A mulher do criminoso escora o corpo no braço da companheira, que fala:

— Vambora, Leonor. Deixa de choro, minha nega...

O cabo, gritando, bancando autoridade:

— Não, não vão saindo assim de esguela, não. Vamo pra delegacia que é, contar isso pro doutor delegado.

E, segurando nos braços das duas mulheres, chama os soldados:

— Vamo, Pinguela E você, tomem, seu Aparício.

A onda de curiosos vai e vem. Todos querem ver o negro que geme no chão.

— Taí o que dá avançá em muié alheia — diz Mané Só, fungando. E cuspindo para o lado:

— Esse cabra era metido a valentão....

Haroldo sai da roda, abatido. Vai andando, andando, espiando tudo.

A porta das casinhas de lata, negras barrigudas e negras magricelas, assistem, espantadas, o movimento anormal do Sarobá. Negrinhos nus, grudados na saia das mães, ora chupam os dedos, ora seguram os "pixitinhos" empinados; alguns choram, outros choramingam; os mais taludos batem bombo nas latas velhas, nos penicos aposentados ou brincam de cavalo brabo; outros, ainda, rodam arcos de barril com as mãos ou atiram pelotas pra cima das árvores.

Ao defrontar-se com uma casinha de lata, Haroldo para. Tira as mãos dos bolsos. Corre os olhos na janela esburacada, na porta de lata, nas pedras que servem de degrau. E' alí mesmo. Bate. Nada. Torna a bater. Ninguem. Será que é alí ou ele comeu mosca e se enganou com a porta? Experimenta outra vez. Bate palmas.

— Laura... um gole d'água... Laura...

Haroldo fica imovel, esperando. Nada. Bate mais uma vez.

— Entre, Laura...

Haroldo empurra a porta. A um canto do chão duro, socado, a mulher do Joaquim, estirada numa esteira, pele em cima de osso, tossindo, tossindo, nem pode falar direito.

Haroldo chega mais perto. Pergunta:

— A senhora quer água, dona?

O fio de voz esfarelada:

— A'gua... água... filho...

Haroldo procura com os olhos o pote. Onde está? E o caneco?

Abaixa. De posse do caneco, enche-o no pote.

E esticando o braço:

— Toma.

A tísica levanta a cabeça um pouco, tremendo. Bebe um gole, derramando o resto no pescoço.

Compadecido, Haroldo não tira os olhos da tísica.

— Senta nesse banquinho, seu moço.

Haroldo fala:

— Obrigado... Vim trazer esse dinheiro que o Joaquim mandou...

Outra vez o fio de voz esfarelada:

— E como vai ele, meu filho?

Haroldo sorrí, tristemente:

— Tá bom. Pausa. Fala depois:

— Mandou lembrança pra senhora...

Os olhos da tísica esticam-se até os olhos de Haroldo. Depois a tísica abaixa a cabeça e silencia.

Haroldo mete a mão no bolso. Põe todas as pratinhas em cima do banco, dizendo:

— Bem, já vou chegando, dona... até outro dia... a senhora quer alguma coisa? Estimo as melhoras...

— Que Deus te ouça, filho!

5.

Sentado na ponta da calçada Haroldo risca o chão com um pedaço de pau, distraido, pensativo, Engraçado este mundo! Ainda agora mesmo pensou em mandar o Alfredinho fazer um pandorgão pra desafiar o Romeu. Pensou que compraria carretéis de linha, gilete para o rabo do pandorgão. Pensou em "matar" um mil réis da tísica... Entretanto, não comprará mais nada. Não ficou com cem réis da tísica e deixou ainda todo o dinheiro em cima do banco que a mulher do preso lhe ofereceu para descansar um pouco. E o preto estendido na roda? E o preso que falou que a mãe dele, quando morresse, iria direitinho pro céu? E a pandorguinha do Vicente escangalhada no fio de arame, lá no largo?

Os pensamentos de Haroldo acompanham as nuvens no céu.

Onze horas.

Haroldo atira o pedaço de pau na sargeta e entra em casa assobiando. Na cozinha, a tia ranzinza discute com a cozinheira, e na área, o preto velho Marechal soca pilão.

— Pum-pum! Pum-pum! Pum-pum!

Há Cidades nascendo na Cidade... crescendo em sentido vertical...

Omer Mont'Alegre

Há uma febre de ascensão pelo mundo. Arranha-céus, como protestos à planície, se atiram para o espaço na voragem dos andares. Grandes cubos sem contornos. Onde está a harmonia das curvas? Onde está?

Nova-York é a grande metrópole estranha, eriçada de edificios. Lá em cima há gente que não vê a planície. Por que nuvens ficam pelo meio. Em cada edifício, formiga um mundo.

Hamburgo, o porto cosmopolita da foz do Reno, vai abrigar em sua *urbs* o edifício mais alto do mundo. Uma torre de quatrocentos metros. (A torre de Babel foi subindo, subindo, subindo; ela deveria alcançar o céu. Quando estava perto, já, Deus confundiu os homens pelas línguas que falavam...)

As novas cidades, aquelas que são fundadas agora, sintetizam o território nos edifícios muito altos. Resolvem o problema dos transportes horizontais. Desaparecem os bairros, os subúrbios. Nascem os edifícios. O "lar, doce lar", perde a poesia bucólica das casinhas alegres, recuadas, diante das paredes lisas dos apartamentos.

Na Abissínia, os novos colonizadores fizeram arranha-céus como marcos da conquista. Jafa, a cidade dos judeus na Palestina, troca as suas velhas casas por edifícios cubistas de muitos pavimentos. No sertão do Brasil, constrói-se uma capital de pequenos arranha-céus: Goiânia.

Há cidades nascendo na cidade... Crescendo em sentido vertical...

Nas ruas estreitas, coloniais, a picareta põe abaixo velhos sobradões de pedra e cal e, no claro, fundado na terra, planta as vigas de um edifício. Cimento e aço crescem no espaço como cactos contorcidos. Pelo milagre do fio a prumo. O maciço se alevanta acima das outras construções e vai subindo, subindo. Cinco, dez, quinze, vinte andares. Meses e meses, operários e operários sobem e descem. Descem e sobem. Grandes máquinas trituram pedra para o concreto. E, pouco a pouco a construção vai se definindo nos seus contornos.

Sobem os operários na arrumação das vigas, dos vergalhões, do enchimento, dos lastros. Descem depois no reboco, na pintura, na aposição das janelas, das portas, dos ladrilhos. Um dia saem pela grande porta que abriram, vitoriosos. Fizeram tudo aquilo. O conjunto que eles são, é a integral do artífice. Antes daquele fizeram muitos outros, já. Vão fazer mais ainda. E moram, quasi sempre, numa choupana. No "lar, doce lar"...

Naquela batalha contínua muitos deram a vida em holocausto ao conforto de outros, dos

que vão morar alí, nos apartamentos. Cairam lá dos altos andaimes. Dos décimos andares. Cairam por cima de cabos de alta tensão e foram fulminados. Chegaram sãos, alegres, para adquirir o pão e sairam conduzidos num carro da morgue, montão informe de carne e sangue. Outros se invalidaram. Perderam um braço. Uma perna. Uma vista. E receberam uma indenização de uma companhia de seguros contra acidente no trabalho...

Há cidades nascendo na cidade... Crescendo em sentido vertical... Grandes formigueiros. Onde se misturam gentes na grande tragédia anônima de grandes e pequenos...

Um homem que se atira de um quinto andar. Uma jovem que é encontrada no banheiro asfixiada pelo gás. Gritos sufocados que ninguem sabe quem deu na noite passada. Nem porque. Maridos bêbados. Mulheres infiéis. Filhos maus. Lar sem discrição. Vizinhos sem cortezia.

De dia, mil olhos de mil janelas, com as pálpebras dos *stores* descidas por causa do sol. Morenas de Copacabana, domingos de manhã. De noite, mil olhos abertos de mil janelas alumiadas pela luz vermelha das lâmpadas. Olhos pisados. Olheiras de mulheres que não dormiram. Esperando ele que não veio. Esperando todos os que vieram menos o que ela queria. Esperando o filho estroína. Ou o que trabalha à noite. Vendo a voragem dos números na tempestade do pano verde.

Há cidades nascendo na cidade... Crescendo em sentido vertical...

Copacabana, Leme, Cinelândia, Esplanada, Centro. Arranha-céus, *cock-tails* de vida. De vidas de todas as vidas.

"Lar, doce lar" de encantos bucólicos... Um jardim, um quintal para as crianças, umas leiras com verduras. "Lar, doce lar"... Harmonia de uma voz de mulher cantando uma canção... Harmonia de linhas curvas, de cores alegres... Um jardinzinho na frente à sombra de um caramanchão... Onde estás? No centro? No subúrbio? Há cidades nascendo na cidade... Crescendo em sentido vertical... Para o céu...

AMERICA

Vencendo os maroiços, talando as florestas, transpondo as montanhas,
Três raças se fundem no amplexo fecundo da mesma ansiedade:
— Todo um continente desponta, soberbo, das vastas entranhas
Dos mares e selvas, afim de abrigar a nova humanidade.

America! — Berço das grandes conquistas, das nobres façanhas
Dos navegadores, dos grandes heróes e da gentilidade!
Quem há que não sinta que trazes, no seio, as sementes estranhas
Dessa árvore forte, frondosa, altaneira e eterna, — a liberdade?!

Teus rios são livres, quais boas serpeando nas selvas imensas.
As tuas cascatas semelham cigarras enormes suspensas
No abismo das águas, cantando as cantigas dos povos libertos...

As tuas entranhas ocultam tesoiros jámais pressentidos.
E as tuas florestas apontam aos astros, com os braços erguidos,
O heroico destino traçado aos teus filhos, nos céos descobertos. . .

FAUSTINO NASCIMENTO

Sinfonía Brasileira

Grave

Tristeza! Solidão! E uma mudez que aterra!
O ar é pesado e escuro como chumbo!
A mata é um cemitério!
Os pássaros não cantam
nem revoam!
Sucumbo!...

Andante

Um mormaço escaldante
estatela de tédio a alma das cousas!
E há por tudo um silêncio de agonía,
uma pausa dorida,
como se a própria vida
florestal da terra
fosse tocada de paralizia!

Presto

O vento fino e rápido acicala,
salta, assobia, rebenqueia, estala,
retorcendo as jussaras desgrenhadas,
desgrimpando os esgalhos das paineiras,
transindo de pavor as asas retardadas
e atarantando as feras traiçoeiras.
E tudo roda num requebro rudo,
ribomba, ruge, reboleia, arranha...
E o vento passa vergastando tudo
e vai morrer aos pés de pedra da montanha!...

Adagio

E a mata, aniquilada,
vergastada,
chora as gotas de lágrima das chuvas,
soluçando no uivar das sussuaranas,
nos harpejos corais das guaricanas,
nas trompas angustiadas das taquaras,
nos óboes das cabriuvas
e na voz lancinante das iaras...

Scherzo

Fina, fina,
pequenina,
a gota rola das palmas dos indaiás.
E os flautins dos bambús,
os borés dos jacùs
e o adufe dos pica-paus,
zinem, rezinem, zabumbam na festa dos tangarás.
A maitaca
é uma matraca!
A gralha, num diz-que-diz-que,
diz que o tuím não belisque
os renovos da taquara...
E os riachos transbordantes,
rindo risadas rascantes,
caminham ébrios e ondeantes
pela alagada coivara.
E enquanto a mata admira
e aplaude tudo o que vê
a mamangava delira,
a irara freme e suspira,
assobia o curupíra,
a jurití tange a líra
e dansa o caxínguelê...

Andantino

Alegria!
A floresta cançada aos poucos se refaz.
Tudo canta e saltita!
Tudo grita!
E o sol morre na ponta da espada do ananaz!
O noitibó da tarde
começa a soluçar...
A luz desmaia, já não arde...
As sombras cobrem de pavor a selva inteira!
E na floresta brasileira
um coro de urutaus principia a chorar...

Misterioso

A noite negra vem surgindo de roldão.
E a terra, amedrontada,
vê nascer no espinhaço da quebrada
o risco branco da primeira assombração!

O D I L O N   N E G R Ã O

O PANORAMA NATAL

A Luiz Vergara

Poeta do Sul! Vem ver minha terra do norte,
Pobre terra sem nome, obscura e comburida.
Quanto mais minha gente é brava e é forte,
Mais dura e áspera é a luta pela vida.

Olha as águas lentas e fatigadas
Dos rios que passam nos sertões bravios.
Amanhã pisarás a areia das estradas
Que a seca transplantou para o leito dos rios.

Contempla o sol, o grande sol da minha terra!
É um dilúvio de luz numa carícia longa.
E escuta no "pau-d'arco" o grito da araponga
Alertando o horizonte ao seu grito de guerra.

Olha este homem vencido, humilde e pequenino
Maltrapilho, a bater a enxada na labuta.
Vem apertar-lhe a mão: é o caboclo nordestino,
Um cordeiro na paz, um centauro na luta.

Verás como ele vai, como anda, como ginga...
Salta no pêlo nu de um cavalo. Repara:
É uma seta que parte alucinada e vara
Num só golpe o cipoal imenso da caatinga.

Acompanha-lhe os gestos calmos e prudentes,
Sonda-lhe os olhos. Vês? Há chispas de arrebol.
Tenho a impressão de que nas suas veias quentes
Em vez de sangue corre o ouro líquido do sol.

Verás seu pulso de gigante a terra abrindo...
Em pouco é a antevisão das surpresas humanas:
Perdendo-se à distancia, o panorama é lindo
Com os cocáres guerreiros nas hastes das canas.

Vem ver nascer o sol enfeitado de penas
Sobre o Capibaribe emperolado e frio.
Não se sabe se o sol vem das nuvens serenas
Ou se nasce do seio encantado do rio.

Olha o Engenho "Monjope" a aflorar do passado.
Bebe um gole de "Monjopina" se tens sêde
E deita o teu corpo de gaucho fatigado
No que tenho de mais pernambucano — a minha rêde.

Aquela é a Casa-Grande, a Nobreza, a Lealdade.
Casa de telha-vã de amplas salas desertas.
Alí amaram meus avós... Hoje a Saudade
Chora nos olhos das janelas sempre abertas.

Escuta o canto metálico e selvagem
Do "galo-de-campina" perdido na várzea imensa.
Passarás a porteira que baterá à tua passagem
Agradecendo a Deus a graça da tua presença.

Dá-me o teu braço, poeta e vem caminhando comigo
Ver a Festa rústica do "Pôço-da-Panela":
Nossa Senhora da Saude, meu amigo,
Foi meu primeiro amor e inda hoje eu penso nela.

Vem ver o "Pastoril"! Repara como te espia
O "Velho"! Já notou que és de longe, que és do Sul.
Dá-lhe um pouco da tua simpatia:
Compra um cravo da "Mestra do Cordão Azul".

Ouando for mais cruel e mais rude a soalheira,
Gozaremos a paz idílica e serena,
Da sombra maternal de uma velha mangueira,
Num dos velhos quintais pinturescos da Madalena.

Vamos a "Martinica" chupar cana-caiana.
Verás os carros de bois gemendo pelos oiteiros...
Ouvirás a canção da terra na voz de Maria Joana
E o mágico violão de Alfredo de Medeiros.

Em Beberibe tomaremos nosso banho.
Banho do "Passarinho". A água parece mel.
E verás como brilha, aumentada de tamanho
No fundo da água, a pedra de sangue do teu anel.

Vamos a Olinda à luz comovida do poente
Ver de volta da pesca as jangadas andejas...
Sentirás a canção dos sinos pausadamente
Acordar o silêncio das almas das igrejas.

É assim a minha terra. Um sonho insatisfeito.
Ouro no sol, prata no rio, azul no céu de anil.
Vendo-a no que ela tem de mais nobre e perfeito,
Sentirás, meu amigo, a escaldar o teu peito,
Como eu sinto, esse amor grande pelo Brasil.

OLEGARIO MARIANO

MARIA MUNIZ

Ah! se eu visse você há vinte anos,
Naquela escola ingênua do sertão,
Quando não aprendera ainda a taboada
Dos sofrimentos e dos desenganos,
Nem o "abc" do coração...
Ah! Maria Muniz...
Hoje havia de ser, na caatinga isolada,
Um caboclo feliz!

Ah! se eu visse você naquele dia
Em que a mestra mandou que falasse da terra
Prodigiosa do povo azteca e de você...
Na parede de cal, de onde um mapa pendia,
Num rasgo de talento e amor eu deixaria
Para lição de todas as idades,
O seu nome a luzir... Deixaria porque
Nessa ultima lição de geografia,
Meu olhar andaria serra a serra,
Meu dedo apontaria todas as cidades
Da sua terra,
Mas meu coração só veria você!

E cavalgando o olhar pela "tierra caliente",
Era como se visse o seu corpo, desnudo
E quente,
Quente como o país onde o amor vive em tudo...

Nas cidades de Vera e Santa Cruz,
As meninas dos olhos do país,
Eu havia de ver, oh! Maria Muniz,
Seus olhos a brilhar como esferas de luz!

Na cidade do México, a cidade
Sonho e glória perenes de Cortez,
Eu havia de ver seu coração pulsando,
sofrendo,
vibrando,
batendo,
Numa louca vontade
De ser livre e cantar e esplender de uma vez!

Na Corrente do Golfo — essa eterna corrente
Oceanica e infernal —,
Eu havia de ver, como nas suas veias,
O seu sangue correr, vermelho e quente,
Tentador como o canto das sereias,
Imortalizador como um canto imortal!

Na planicie ondulada e no vale profundo,
Onde a floresta imensa ergue aos céus infinitos
Os cantos verdes da fecundação,
Eu havia de ver o seu ventre fecundo!
E por sobre a toalha abrupta dos granitos,
O ouro velho da fascinação!

E lá, no alto, no azul, para alem das colinas,
Lá onde a terra é um sonho e o céu não se descreve,
Lá onde o céu começa e onde a terra se acaba,
Vulcanicas e hostis,
Coroadas de rosas, cobertas de neve,
Ah! Maria Muniz,
Eu havia de ver as fogueiras divinas
Do Popocatepel e do Orizaba!

Ah! se eu visse você, há vinte anos,
Nessa última lição de geografia...
Ao invés de aprovado, aquele dia,
Da escola bôa e simples do sertão,
Para bem da moral, expulso, sairia...
Mas, aos olhares timidos de todos,
Naquele ambiente de desilusão,
Face erguida ao exame dos apôdos,
Para o campo, feliz,
Levaria você no coração!

Levaria porque, cheio do encantamento
Dessa visão do azul arrebatada,
O sangue a borbulhar nas veias nordestinas,
Pisando as ordens do regulamento,
Diante da classe arrebatada,
Dos garotos, da mestra e das meninas,
Eu, Maria Muniz, todo fora de mim,
Nesse instante em que a gente está olhando e não vê,
Num grande beijo lhe diria assim:
— Maria Muniz, o México é você!

JUDAS ISGOROGOTA

DOIS POEMAS

A PEDRA BRANCA

Diante de Ti nem mesmo a lua e as estrelas são puras,
Que serei eu então, filho do homem,
Concebido na iniquidade e herdeiro da morte?

Até hoje encontrei apenas o pesadelo.
(Eu preciso desmascarar o demônio!)
Quando encontrarei a realidade?
Quando serei vestido de mim mesmo, quando me darão meu nome,
Quando virá sobre mim como um raio a força da consolação
Para que eu ajude a diminuir o mal do mundo?

TÉDIO NA VARANDA

Hesito entre as ancas da morena
Deslocando a rua
E o mistério do fim do homem por exemplo.

As camélias lambem
O sexo de teus lábios,
Os pássaros da vertigem
Bicam as estátuas de pano.

O mar fala a lingua de p
Enquanto eu não tenho
Pés de vento
Mãos de metal.

As botas de sete pedras
Comem léguas de aborrecimento.

MURÍLO MENDES

FORMA E IGUALDADE

Senhor
Atiraste a Tua mão sobre o meu lado esquerdo
Sem reparar que o desequilibrio
Iria perturbar meus passos
Com tal peso.
Se, neste lado, com a Tua luz
As minhas carnes se tornaram castas,
Vê, Senhor, o lado irmão
Que tambem criaste,
Continuou fétida e lodosa pasta.
Com tal ajuda metade do meu ser
Andou ligeiro e avançou no Tempo
Mas o outro lado que ficou miséria
Me impede de chegar a Ti
A todos os instantes, a qualquer momento.
Senhor!
Coloca a Tua mão bem no meu meio,
Projeta a Tua luz bem no meu centro,
Destrói com a Tua Suprema verdade
A indecisão do meu espírito com a minha carne
Para que eu Senhor
Em perfeita beleza de fórma e de igualdade
Glorifique em Ti
A minha alma e a minha Humanidade.

ADALGISA NERY

O FERREIRO

OSVALDO ORICO
da Academia Brasileira

Nunca pude esquecê-lo. Forte e belo,
aos olhos da saudade ele retorna,
desferindo com o baque do martelo
as sonoras pancadas na bigorna.

E quando, levantando as mãos, trabalha,
vejo no seu trabalho matutino,
o aço corar de medo, na fornalha,
e o ferro obedecer como um menino.

E, na forja, o carvão áspero e bruto,
animado por músculo possante,
trocar a negra túnica de luto
por fugitivas chispas de diamante.

Junto â bigorna, olhando-te altaneiro,
uma pequena testemunha havia,
que te ajudava, ó velho e bom ferreiro,
a ganhar o teu pão de cada dia.

Hoje a bigorna é muda (eu nada valho!)
o ferro não tem sôpro nem tem brilho,
mas a vontade santa do trabalho
canta na alma e no sangue do teu filho.

Pura como o ar e leve como a essência,
vindo com ela, eu vou para onde vai;
é uma chama, que é força e resistência,
e que eu trago da forja de meu pai.

Rio, 1939.

DUPLO DE MIM-MESMA

Tu, que não és meu irmão
e que não serás meu esposo,
tu, que não me deste a vida
e que não serás gerado por mim,
ó tu, que não participaste das minhas angústias
e que não colherás nas tuas mãos
o meu corpo palpitante pesado de volúpia,
tu, cujos pensamentos o meu espírito não afagou,
tu, cujas dores eu não acalmarei com a minha ternura,
cujas torturas eu desconheço,
ó tu, cujo sangue corre no mais secreto do meu sangue,
cuja vida lateja no substracto da minha vida,
tu, meu igual, meu duplo,
sombra envolvente de mim-mesma,
eu me projeto sobre ti com toda a minha força,
e, com a violência inevitavel do meu destino,
sobre ti me rojarei,
como tu, sobre mim, te rojaste,
até que se rompam os esteios subterrâneos,
que se arrebentem os diques das cavernas,
que se partam os elos do Tempo e as curvas do Espaço,
que os segredos das almas se desfaçam e se refaçam,
e juntos rolemos perdidos,
fundidos
na mesma harmonia dos silêncios finais.

LAURA AUSTREGÉSILO

«A POESIA QUE RESIDE NAS COISAS»

Há muito os objetos criaram um som macio de existência,
e a vida mudou-se sufocada para a face inerte das coisas.
O mundo vestiu a capa grosseira dos fatos cotidianos
e chamou para a sombra tudo o que pudesse perturbar na luz a vista enfraquecida
[nas longas meditações.
Por isso, ninguem viu nada...
Os lenhos continuaram ignorados,
encalhando sem rumo ao capricho das marés, flutuantes ou enxutos - corpos des-
[maiados desbotando na epiderme das areias...
E o rítmo das noites de calada, acelerado em cardumes, conservou na sombra da
[água a flor profunda do sono.
Nada perdurou, que pudesse espantar a respiração controlada do espaço,
ou desviar a crina gotejante dos limos, descansando nas vazantes...
Apenas o tato escapou —
Pois quem tocasse nos tocos apodrecidos,
pressentindo a ruina, não saberia sentir a volúpia entregue dos cernes esfarinhados
E os corpos dos madeiros encalhados,
nenhum dedo descobriria a epiderme entontecida onde dez luas pernoitaram ao
[longo das virilhas desmembradas.
Ah! forças! Porque não torna tudo ao primitivo jeito —
porque não velar o confronto das faces e isolar os contágios —
para que eu não seja a artéria da onda!?...
Para que eu aprenda a odiar os recôncavos sombrios, na lascívia constante das
[conchas abertas e entregues...
Os pulmões carcomidos das velhas quilhas abalroadas espanejadas nas algas,
e onde há mares verdes e prados...
E nos mormaços longínquos,
a mancha sonolenta de nuvens embolando-se, encimando as restingas...
As marés trovejadas, que "torram", flutuando o busto afogado dos rochedos, onde
[ainda respira a saia do mar...
A proa sem fito das canoas "encostadas", vendidas ao tempo;
e a gangrena dos cipós, no bojo enganado dos samburás que ainda espreitam a
[tarioba...
O desvão das costeiras, ao longo dos silêncios, e o reboo contínuo da maré, como
[um eco de trem distanciado...
Procuro o ermo — procuro o vácuo, onde justamente os sons se entroncam e a
[caúcia dos movimentos foi se ondular em êxtase —
Dá-me a força de não entrefechar as pálpebras, receando o incêndio das areias
e conserva-me frio, como o desejo que deslisa no topo da vaga e que no curso do
[avanço ainda não encostou-se à praia!...
Dá-me o senso, como a entranha limosa das taças, que expulsa nos gorgulhos das
[enchentes!...
Tudo se desnuda como torsos, na espera eletrizante do afago...
Porque a poesia que reside nas coisas tomou conta de mim, me subjuga, no cruel
[desperdício da manhã respirada.
...E dizer-se ainda, que nem descerro os olhos... e que deixo trens passarem nas
[gargantas molhadas, estremecendo o barro novo dos aterros;
areias quentes abrirem-se em mil poros, como lábios, à saciedade de sal da água
[sugada...
Porque vencido, estirado no cômodo trançado da cadeira,
aspiro a poesia viva, a desperdiçar-se em tudo como em bocas,
na suavidade macia de uma descida de espuma...

MÁRIO PEIXOTO

O pedido do Cego a Papá-Noel

Até as casas teem olhos
P'ra ver a gente que passa...
Seus olhos são as janelas
Com as cortinas de traça,
Onde as meninas dos olhos
São os rostos das donzelas
Que guardam toda a beleza
Das "sinhazinhas" de raça.

Eu porem nascí sem olhos,
Como a casa sem janelas...

Papá-Noel das crianças,
Tambem quero o meu presente,
Quero dois olhos que vejam
Até Deus que vive ausente.

Porem, acima de tudo,
A minha Mãe quero ver:
— A Mulher que se fez Santa
E morreu para eu viver.

Papá-Noel de esperanças,
Dê-me casas com janelas,
Traga os meus olhos de festa,
Para a festa dos meus olhos,
Para a festa das crianças.

Assim, pois, Papá-Noel,
Não se esqueça de mim, não,
Do cego que tendo olhos
Vê só com o seu coração.

Papá-Noel das crianças,
Traga os meus olhos na mão,
Papá-Noel das crianças,
Não se esqueça de mim, não!

A m o r a M A C I E L

A R O S A

Para dizer do meu amor busquei a branca estrela
Que no alto floria.
Era, por certo, a paz que ao céu me conduzia...

Eu era como a vela aos ventos, silenciosa.
O vento me dizia
Que a paz, a grande paz palpitava na estrela...

E a pálpebra da estrela fechava-se medrosa.

Como quem dá o amor esperando a tormenta
Entreguei, a sorrir, meu coração, à fria,
Á imutavel estrela.

Bem sabia, a final, que a vida é uma agonia,
Que o vento nos lacera e a noite, como a estrela,
E' fria, é vaga e fria.

Mas como quem espera a pávida tormenta,
Entreguei, a sangrar, meu coração à estrela,
Que abriu a grande pálpebra medrosa.

Eu não sei por que em mim sinos loucos clamavam !
Sei que o olhar da estrela feriu meu ser e o sangue
Do meu ser se fez luar sobre a terra saudosa.

A branca estrela ergueu meu coração aos ventos
E desfolhou-o, a sonhar, como uma rubra rosa...

Alphonsus de Guimaraens Filho

(Do livro "Lume de Estrelas", a sair).

O SOLENE CANTO

Sei que esperavas desde o Início
que eu Te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que eu possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar.
Sei que a amplidão guarda o seu orvalho
para regar meus lábios.
Sei que és uma Paixão mais funda que a sede
e mais funda que o sexo.
Digo que Teu Espírito desce sobre todas as águas
e que há charcos redimidos no meu canto de hoje.
Digo que a Vida é uma dansa de bugres
mas que me deste um barco para eu fugir de mim.
Creio que um ovo de formiga
tem mistérios como um ovo de sol.
Peço que as estrelas se afastem
para eu Te ver a Face.

O' Deus
passeia Teus amados pés
sobre a minha face morta!
As aves que vão sair de meu canto eram lírios outrora.
Hoje são potros de ferro que retinem no ar.
Todos os moldes são outros.
Aqui está uma janela aberta para o primeiro dia
e aquela rampa deserta tem escadas ocultas.
Alta noite surge a Fé ao fim da praça imensa
como uma catedral envolvida de velas:
as ogivas retomam o meu canto que Abel entoava apascentando ovelhas.
Cada pedra possua o seu pêlo de musgo
e que o mundo seja um único abraço centrífugo
e que a humanidade seja uma imensa esfera inconsutil.

Em contacto com os ventos ela soará meu canto
que subirá a Ti como setas vermelhas que saissem do peito
de um São Sebastião vivo.
Sei que sou Teu humo em que semeaste o trigo para Tuas ceias:
mas cresço e amaduro sobre Tua mão aberta,
e Teu hálito ao descer sobre mim, — é o meu canto solene.

Digo que sou um candelabro que se queima até a morte.
Vejo os que se apagaram e se reacenderam a Teus pés,
e os que cobrirão os espaços ainda desertos entre os polos da Terra.

O' Deus
passeia Teus amados pés
sobre minha face morta!

JORGE DE LIMA

MÃOS

Só ontem, eu descobrí que minhas mãos são uteis,
na hora em que acariciei meu sobrinho doente.
O menino sorriu bondosa e ingenuamente...
Um sorriso feliz de quem se sente amado...

No meu quarto, escutei o badalar das horas,
e, abstrato e feliz, deixei que elas corressem...
A manhã me pegou debruçado no leito
de meu sobrinho ingênuo, angelical e doente.

Pela primiera vez, eu fui anjo da guarda,
desses de asas azues que descem das alturas
para tirar a dor das criancinhas doentes,
para o sono zelar das criaturas puras.

Só ontem, eu descobrí que minhas mãos são uteis!
Eu as posso estender para salvar um náufrago,
posso dar de comer àqueles que teem fome,
posso dar de beber àqueles que teem sede...

Posso lavar as chagas vivas dos leprosos,
posso servir de guia aos míseros ceguinhos,
posso tornar melhor do viajor a rota,
ajudando-o a arredar as pedras dos caminhos...

Ó! que pena que eu tenha as mãos assim pequenas!
Porque não tenho mãos como as teem os gigantes,
para que eu as estenda aos países distantes,
indo espalhar o bem em todos os quadrantes?

Ó! minhas pobres mãos pequenas e impotentes!
Sois duas... Não podeis curar todos os doentes!

NÓBREGA DE SIQUEIRA

O Ciclo da Mulher Perfeita

Quando deixei de brincar com as bonecas,
tu já eras uma sombra nos meus caminhos.

Estavas oculto nos meus desejos,
nas minhas inquietações, nos meus anseios,
no indecifravel do meu destino,
no desenrolar da vida, nos acontecimentos dos outros,
no que soava agradavelmente aos meus ouvidos,
no que caía aos meus olhos:
— a montanha, o mar, o mato, o rio,
o brinquedo de reprodução dos animais.

Tu eras a minha obsessão
e eu não te conhecia.
Tu nasceste de dentro de mim, de meus sonhos. Eu te criei.
Eu sou a tua amada e tua mãe.

Semideus, super-homem, príncipe encantado,
tu me apareceste sob a modéstia do disfarce de ser homem,
mas logo te reconhecí.

Tu entraste do domínio de todas as minhas posses,
juntando no mesmo rumo os nossos bens e os nossos passos,
e me ensinaste o prazer de meus olhos nos teus olhos,
de minha boca em tua boca,
de minhas mãos em tuas formas,
dos combates dos desejos impossiveis...
Oscilaste comigo nas curvas do prazer
e me ensinaste as dores do parto.

E me ensinaste a ternura de ser mãe
dando de mamar ao meu filhinho.

Tu me ensinaste a sofrer porque aprendí a te amar,
a te amar na continuidade de meus filhos,
com o risco de te esquecer
e o receio de te perder com as mulheres sem filhos...
Tu me ensinaste a sofrer o sofrimento das mães
porque me trouxeste os sustos e as preocupações
pelos filhos que me deste.

Tu me ensinaste o desencanto da saciedade
e o desejo de me evadir,
as crises de indiferença, ciumes, decepções e desprezos,
com a reconciliação gostosa do amor,
as alternativas de te odiar e te querer,
o gosto e o desgosto de viver.

E tu que és simplesmente homem,
o homem, o super-homem de meus sentidos,
que ainda ás vezes eu fantasio de semi-deus e príncipe encantado,
quando voltarás a ser uma sombra no meu caminho?

NEWTON BELEZA

A HERANÇA

Harmônicos de W. BUSCHMANN.

(RITMO ARIANO)

(Aos que vivem sós)

I

Da esquálida lucerna o morto olhar do inverno,
Acordando na sala a penumbra do sonho,
Esculpia na sombra um fantasma tristonho,
Dava a cada moldura um lampejo do inferno.
No gélido sorriso da tela, os avós
Pareciam zombar, impávidos, do averno.

Sem lhes tocar sequer na poeira, homem bisonho,
Do cenáculo o herdeiro, alí sonhava a sós,
A cerrar contra o peito "Hipócrates" eterno,
Com o olhar, o pobre olhar de tímido enfadonho,
Oscilando entre a sábia oração do coserno
E o mórbido acenar do fantasma tristonho.

Era na sombra, em torno, o espírito do Mal
Decompondo-lhe o rosto em sarcasmo e vingança...
E que lhe quer Satã? Da galeria real
Não lhe acena tambem, mesmo pintada a óleo,
Toda uma nobre herança?

E eis que da tela, rindo, o primeiro ancestral:
"Para não me queimar, queimei o teu in-fólio..."
Diz. E outro: "Vendi Deus para comprar bonança."
E outro: "Barro amassei com os meus no lamaçal."
E a galeria, cínica, as mãos dadas, dansa
Exímio carnaval!

II

Pronto um grito feroz lhe despedaça o peito,
Acordando o profundo soluço da nave,
E embora o hereditário fél nos olhos grave,
Descabelado sai, trêmulo de despeito
E de asco, porta a fora, o sorridente aspeito
Dos avós, a fugir !

Segue-o na rua e fala um fantasma suspeito:
— "Amam-te aqueles só que te podem ferir,
E a amizade é o pretexto de um líbido grave
— Oprimir! Sê feroz como os teus!" E mais suave:
— "Eis o vosso destino, e o sorriso é o preceito."
Mas o herdeiro bisonho não sabe sorrir !

Trôpego, palmilhando a eterna solidão
Cujo estigma a franqueza, a primeira reação
Contra o mal, nessa boca tinha de esculpir,
Lá vai de sombra em sombra e maldade em maldade
O homem sem coração.

Maldizendo na sombra os rebates que ouvir
Assinalando os grandes gelos da verdade,
Lá vai — crucificado ao nefando brasão
Que o faz sorrir ao mal sem que saiba sorrir —
O carrasco sem pão !

III

Raia a nortada enfim na inexpugnavel rota.
Fatalidade solta, aniquila a pegada
Inutil, estraçalha a astuta mascarada
Das árvores senís de galharia rôta
E erguendo-se, espectral, num sudário de neve,
Impõe à tarde exausta o símbolo do Nada.

Ruge, esfacela, ri-se... e súbito, remota,
— Inexoravel juiz que a dor filial conteve —
E' plangente sussurro o canon da nortada,
Quando, levada a erguer o véu de escusa grota,
Vai cobrindo de neve a exuberância imota
E os cabelos sem sol de uma vida ignorada...

E' o frio, ó coração do espontâneo degrêdo!
Teus cabelos de neve, ao caminho dos mais
Arrastarás, enfim deixando o álgido abrigo,
A tecer fio a fio a mortalha do medo:
— Uma esmola! Um amigo! Uma esmola! Um amigo !

Mas da nortada atroz — o fantasma inimigo
Que te chibata agora o sorriso mendigo
Com os teus próprios cabelos brancos e venais, —
O estribilho hás de ouvir do trágico segrêdo:
— Tarde, tarde demais !

POEMAS

Ausência

A tarde morna sugere o teu corpo livre
sob os meus dedos excitados.
A música ao longe (que romance estava alguem vivendo?)
recorda-me as tuas lágrimas — sinal único da ventura pressentida.

A tua ausência — renúncia de minha vontade — é a ausência de tudo,
da vida interior que ordena e pode,
de meus sonhos e realizações
é a fuga de mim-mesmo,
a falta de rumo e conciência.

Não me encontrarás jamais:
fui um fantasma,
uma alucinação lírica que tu criaste.

GON.

Tristeza

Tristeza de assistir ã tua vida sem proveito
em sua maior finalidade — o amor!
E de notar o poente de teus olhos
e a palidez de teus lábios
na solidão tristonha de um quarto,
no labor diário de tantos anos,
nas horas passadas vulgarmente.

Tristeza de ver a tua existência morrendo,
dia a dia, inutilmente,
sem ninguem que a estime e remoce,
e de ver pratearem-se os teus cabelos
nunca embaraçados por paixão.

Tristeza de ver os teus seios murchando,
lentamente,
sem beijos ou afagos,
sem alguem que os sugue p'ra viver!

GON.

Poemas trágicos

Repousa as tuas mãos frágeis,
da cor das açucenas, . .
nas minhas mãos másculas e longas.

Repousa. . .

As tuas mãos são dois trágicos poemas!

A última palavra

A última palavra não há de ser de extrema renúncia
ou de impiedosa amargura,
ciciada a sorrir e co'a alma em pranto.

Não há de ser murmurada entre estranha gente,
ao nascer do crepúsculo,
nesse instante impreciso
em que tudo é morto e espectral. . .

A última palavra há de ser a primeira,
vibrante e imortal: amo-te!
gritada na imensidão da praia deserta
num dia de céu azul e sol ardente
— igual ás nossas mais ocultas ânsias. . .

FERNANDO SEGISMUNDO

APOTEOSE DA SEIVA

Mau grado
As rudes inconstâncias e a voragem
Do tempo, que consome e que aniquila,
O velho tronco, empertigado,
Tem na ramagem
O mesmo aroma e a mesma clorofila...

Sobre os seus curvos e nervosos ramos
Tangidos pelo vento,
Inda hoje cantam psalmos de alegria,
Ébrios de sol e de contentamento,
Em plena luz do dia,
Os novos gaturamos...

Entre as folhas, guardados
E escondidos,
Como raros tesouros de carinhos,
Oscilam, pendurados,
Nos galhos retorcidos,
Os palpitantes ninhos...

Ah! quanto amor,
Ah! quantas esperanças
Sob o fulgor
Daquelas verdes franças!
Ao sopé da montanha,
— O seu berço e calvário —
Numa atitude estranha,
Altivo e solitário,
Assim visto de longe,
Ele faz recordar
A figura de um monge
A rezar... a rezar...

Pela estrada poeirenta
E desabrida,
A sua enorme sombra protetora
É a mais hospitalar guarida,
Que acolhe e muitas vezes acalenta
Os romeiros, que pisam sobre a areia
Incandescente, na hora
Em que o sol mais se eleva e se incendeia...

Da floresta triunfal,
Que cobre toda a terra e vai galgando
O vale alcatifado
E a colina superna,
O velho tronco, ali plantado,
Parece estar simbolisando
A vida eterna...

Tão soberba e garbosa,
E que tenha a esbelteza
Desta árvore fidalga e majestosa
Não existe outra igual
Em toda a redondeza...
Se a vemos sempre altiva, engalanada e linda,
E sempre em festa,
Sob a verde roupagem natural,
Que a matiza
E não finda
E' que ela sintetiza
A perpétua beleza da floresta
E a suprema expressão da força vegetal!

E se a vemos florir constantemente,
Sempre cheia de vida e de fulgor,
É que ela, intimamente,
Acaricia,
Em cada fruto e em cada flor
A saudade feliz de longas eras
E a poesia
De muitas primaveras!

MELO BARRETO FILHO

Dois inéditos de Paulo Bentes

(Da Academia Acreana de Letras)

CHEGADA DA NOITE

Noite úmida cai...
Grilos impertinentes
Se escondem
Pelos pastos molhados
Brincando de telegrafia.
Um grita
Outro responde.
Um grita
Outro responde.
E' um desafio teimoso
Que não acaba mais.

Da torre da capelinha
Do Padre Miguel
Saem morcegos farristas
De asas moles
Batendo...

O caminho do povoado
Encharcado
E os moleques alegres
Batem com força
Os pés
Pelas poças de lama.

Os muçambês bonitos
Florando...

Noite úmida cai...
E os grilos brincam
De telegrafia.

Nas casinhas caiadas
Dos colonos
Onde a noite vai entrando
Sem pedir licença,
Começam a piscar
As lamparinas fumacentas.

Lá em cima
No céu
Uma ou outra estrelinha
Azulada
Piscando tambem...

O gado está recolhido...
E a noite
Toda silêncio
Vem caindo úmida
Umidamente triste
E pesada
Embrulhando tudo...

Os moleques alegres
Já não brincam
Pelas poças de lama.
Já não passam mais
Os caminhantes
Enterrando os pés
No tijuco viscoso
Do caminho.

Só os grilos impertinentes
Riscam o silêncio frio
Brincando de telegrafia...

CANARANA DA BEIRA DO RIO

Canarana bonita
Que na beira do rio
Cantas
No teu chiado alegre
Quando passa o vento...

És a alegria
Das jaçanãs ligeiras
Que procuram
À sombra amena
Das tuas moitas
Um abrigo feliz
Aos seus amores...

Tú és tão boa
Canarana bonita...

Vives fazendo o bem
E os barrancos
Te querem como quê...

Mas um dia vem o rio
Brutal
Numa carreira louca
Procurando o mar...
E sem ver o que faz
Vai arrastando tudo...

Indiferente e forte
Passa
Quebrando
E levando consigo
O barranco partido...

O rio leva tudo.
O rio come tudo.
Nunca está satisfeito...

E assim
Canarana
A cidade tão verde
Que tu fazes
Bonita
Na beira do rio,
Lá se vai
Na corrente...

Lá se vai... na corrente...

MELANCOLIA

... Ah me! sad hours seem long.

SHAKESPEARE.

São dez horas da noite, e está chovendo.
Não a chuva violenta que apavora,
Porem a chuva fina que estou vendo,
Lenta, a molhar as arvores lá fora.

A minh'alma tristonha esta doendo.
Não sinto a dor que ora blasfema e que ora
Ruge incontida num furor horrendo.
E' a dor que punge a sós no peito, e chora.

Eu preferia os grandes sofrimentos,
Que passam rápidos quais grandes ventos,
Que rasgam no ar o denso nevoeiro,

Mostrando enfim o firmamento inteiro,
Ã dor calada, ã tímida agonia
Silenciosa da melancolia.

ARY DE MESQUITA

A Poesia a serviço da História

Não é cousa nova. Ao contrário, remonta à mais remota antiguidade. Aliás, os mais antigos e memorais fatos da história da humanidade anterior à nossa Era Cristã, chegaram até nós em verso. O Velho Testamento... Ilíada... Odisséia...

Depois, surgiram os verdadeiros historiadores e a poesia ficou relegada a um plano puramente artístico, estético, fictício. E poeta chegou a ser sinonimo de — sonhador.

Mas, a pesar disso, "sonhadores" houve, e há, que nos legaram documentos preciosos, históricos, verdadeiros depoimentos bases para certos acontecimentos.

A História do Brasil, por exemplo, pode, muito bem, basear regular numero de episódios sociais, políticos e militares ou guerreiros, em poesias.

Para exemplificar citaremos o caso da batalha do Passo-do-Rosário, ocorrido a 20 de fevereiro de 1827.

Foram, e são ainda, os acontecimentos desse dia, grandemente discutidos, e infinidade de obras, a respeito foram já escritas, podendo, nós, de memória, mencionar os trabalhos do general Tasso Fragoso, do cap. H. O. Wiederspahn, dr. Olinto Sanmartin (in "Bento Manuel Ribeiro"), F. de Paula Cidade, J. S. Torres Homem, general João de Deus Martins, Pandiá Calogeras, Souza Docca (em vários artigos), o marechal Brown, em sua "Defesa e Relatório", alem de muitos mais.

Nas obras que conhecemos, sobre esse acontecimento de nossa história militar não encontramos sequer citados dois depoimentos que, a nosso ver, são valiosos, embora em verso: um — anônimo (1) e o outro escrito pelo então alferes David Francisco Pereira (2).

Barbacena, — Marquês de Barbacena, — Felisberto Caldeira Brant Pontes, natural da Baía, ao qual fora entregue o comando das forças brasileiras contra as forças republicanas platinas, na famosa campanha do Uruguai, de 1826-1828, não nasceu, a pesar de ter sido militar, para a vida militar. Como diplomata, era inegualavel e como financista, notavel. Era homem de salão, afeito às boas maneiras, delicado e maneiroso mas... com as damas. Não sabia lidar com homens rudes e violentos. E daí o mau êxito daquele combate que erradamente denominam "de Ituzaingó".

E é, justamente, essa inaptidão para a vida guerreira, que esses dois depoimentos, o primeiro cheio de veneno, mordaz, ferino e o segundo cheio de indignação, deixam claramente entrever.

Por serem pouco conhecidos, aqui os transcrevemos, "ipsis litteris":

Diz o autor anônimo:

Agora eu vou contar
o ataque dos guerreiros,
lá no Passo do Rosario,
dia 20 de fevereiro.

Os bombeiros confirmarão
de quatro a cinco mil homens.
Ai Jezus! Meo Deos do céo,
isso he o que nos consome!

O inimigo aproximou-se
até uma certa altura,
— onde se deo o ataque:
Campos do Boaventura.

Os *patrias* nos perseguiram
com guerrilhas pelos flancos;
para mais nos consumirem,
botarão fogo nos campos.

Os fogos nos começaram
na esquerda muito primeiro.
Na direita nos faltou
quem commandasse os guerreiros.

E o nosso Barbacena
depois que fez a borrada,
fez montar a gente toda
e se poz em retirada.

---

(1) — Veja-se, a respeito: Walter Spalding — POESIA DO POVO, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio-Grande-do-Sul, IV trimestre de 1933, pag. 195.

(2) — Esta poesia, segundo afirmação do descendente do alferes David Francisco Pereira, o sr. Laureano C. Pereira, foi escrito horas após o ataque, — David Francisco Pereira foi um dos mais brilhantes oficiais do Império contra os farroupilhas. Morreu heroicamente no combate do Seival (10-9-1836), no posto de major. (Veja-se: Walter Spalding — FARRAPOS! 2.ª série, Porto-Alegre, 1935).

Marchamos para Cacequy,
todos pra morrer de somno;
quando foi no outro dia
tanto cavallo sem dono...

Como mordaz, o poeta nada deixa a desejar....

Agora, David Francisco Pereira:

BARBACENA

A desgraça do governo
nos levou a tal estado
que deu valor ao inimigo,
fez o exercito desgraçado.

Bravos heroes se perderão
faz pasmar a triste scena,
devido á rude villeza
do general Barbacena.

Como condutor de negros
que trouxesse do Valongo,
conduziu a nossa gente
muito peor que o Rei Congo.

Deu principio ao ataque
sem juncção de uma Brigada...
Nem mandou juntar bagagens,
carretas, bois, cavalhada.

E assim acommetteu
sem nada determinar,
e só entrou nessa lucta
aquelle que quis entrar.

Fazendo carga no centro
sem dar protecção aos flancos,
lá deixou bastante mortos,
muytos feridos e mancos.

Ganha á força o inimigo
a cavallaria do Rio
e por ser pequena força
logo rompida se vio.

Um grande Abreu em soccorro
a cavallaria entrevella,
e ahi, um Batalhão nosso
o matou juncto com ella.

Já então o vil canalha
que ficou fóra de forma,
vae a correr pelos altos
sem disciplina e sem norma.

Lá se forão os cobardes
que na lucta não entrarão,
creio que alguns trez mil homens
a ella desampararão.

Muitas chinas percorrião
pelas margens dos banhados,
levando cada uma dellas
dos dez aos doze soldados.

Nesse numero de cobardes
ião muytos officiaes,
que se esquecião das ordens
e vozes dos generaes.

Oh! Augusto Imperador,
dae-lhes, Senhor, o castigo!
pois que devem ser julgados
muyto peor que o inimigo.

Por esse motivo enorme
nossa acção foi malfadada,
por haver nas nossas tropas
officiaes feitos do nada.

Quando devem ser exemplo
exercitão a fugida,
por isso, Augusto Senhor,
foi nossa gente perdida.

Rege a Ordem Militar
dar o soldo, mas tão bem
castigar o delinquente.
premiar quem serve bem.

Tendo-nos sido visivel
quasi inteira a perdição ,
o heroe Bento Gonçalves
foi a nossa salvação.

Vou apontar, si quizerdes,
uma somma não pequena,
que ignoravão as praças
como atacou Barbacena.

Zelou muyto a retirada,
deixou aos centros cançados;
assim perde um general
a vida de seos soldados.

E como fraco, de certo
de cada rio fez muro,
muyto allem de Sam Lourenço
não se julga estar seguro.

(Conclue no fim do ANUARIO)

LAGÔA RODRIGO DE FREITAS — 1926

(Téla de MANOEL FARIA)

O MUNDO LITERÁRIO NO RECIFE DE OUTRORA

Málrio Setlte

Quando eu amanhecia na plánície, onde me fiquei, já Olímpio Galvão, andava em pleno meio-dia, pelo alto da montanha.

E eu o via, cá de baixo, com a fascinação dos principiantes nas letras diante daqueles que triunfaram. Era o seu nome um dos que me caíam sob os olhos quasi todos os dias nas páginas dos jornais e das revistas da época, na sede implacavel da leitura que me assediava o espírito. Os bicos de gás e as velas de estearina, na sua luz precária e vacilante, me acompanhavam até ás madrugadas, testemunhando-me a ânsia de adolescente em saborear os livros, no labirinto dos seus entrechos ou na musicalidade dos seus estilos, até a última página. A minha curiosidade ledora e a minha exigência estética já se iam transferindo naturalmente das aventuras dos descobridores de terras geladas, dos navegadores pelos caminhos da lua, dos habitantes excêntricos de ilhas solitárias, que a imaginação sem par de Julio Verne criou para a juventude do mundo inteiro, ou dos romances salpicados de surpresas e de heroismos das penas de Escrich, de Dumas pai, de Montepin, para as brochuras da livraria Garnier onde apareciam Alencar, Aluizio, Coelho Neto, Castro Alves, e, sobretudo Bilac, o Bilac da *Via-láctea* cujo sentido de ternura e de sensualidade tão bem se harmonizava com as preocupações peculiares aos nossos 17 anos...

> *Longe de ti si escuto porventura*
> *Teu nome que uma boca indiferente,*
> *Entre outros nomes de mulher murmura,*
> *Sobe-me o pranto aos olhos de repente.*

O panorama social do Recife era bem limitado para que o literário se projetasse intensamente no nosso interesse de incipientes plumitivos. Estávamos naquela cidade provinciana, na dupla significação do adjetivo, em que se almoçava ás 9 horas, jantava-se ás 4 e dormia-se pacatamente ás 8. Porque fazê-lo ás 9 ou ás 10 já constituia uma "estroinice". Dava-se mesmo um significado malicioso á expressão "depois das 9" servindo de tema ás cançonetas brejeiras do tempo que eram as predecessoras dos sambas de hoje... Apenas quebravam a monotonia dessa vida as temporadas teatrais, no "Santa Isabel", exigindo os papelotes de véspera a fim dos cachos ficarem impecáveis nas cabeças das damas ao aplaudirem a romanza do soprano na Traviata ou a ária do baixo no Fausto, ou, então, nos saraus familiares em que, nos intervalos, das polcas e das quadrilhas, havia sempre um "poeta", geralmente estudante de di-

reito de cabeleira simbólica, a recitar as estrofes sentimentais de Casimiro de Abreu, enquanto uma moça á surdina ia desfiando as frases musicais da "Dalila".

Dentro desse ambiente moviam-se os homens de letras de então. Os dois grupos do costume. Os da velha guarda que procedia dos tempos da ode, do madrigal, da fantasia, da balada, do artigo de fundo, e a ala moça que, irreverente e revolucionária, se apegava às novas formas da arte escrita, tardiamente embora, uns filiados ao parnasianismo, no verso, outros á escola realista na prosa. Aqueles vinham das conversas sobre literatura nas boticas ou nos banquinhos da antiga ponte de Boa-Vista, quando as livrarias da cidade anunciavam, de mistura, como *"vient de paraître"*, as Meditations, de Lamartine; o "Falenas" de Machado de Assis; o Chernoviz; a Pata de Gazela, de Alencar; o Manual do Fogueteiro e a Pacotilha Poética por cinco tostões... Tobias Barreto prometia ensinar filosofia num sobradinho da praça Conde d'Eu e imprimia-se em París o "Espumas Flutuantes" de Castro Alves. Essa geração havia saído dos austeros e carunchosos colégios onde a palmatória, a cafua, as orelhas de burros eram elementos de disciplina e de estímulo aos estudos, como aquele "São Pedro de Alcantara", da rua da Cadeia, para onde os internos, que pagavam 40$000 por mez, deviam levar um baú, uma cama, um lavatório com bacia, jarro, fatos, tesoura e pente... Estes dois últimos utensílios para evitar que os alunos se transformassem naquele horrivel "João Felpudo" que os meninos conheciam pelas colunas de um livro infantil.

Foram, mais ou menos, dessa origem os homens de letras que eu conhecí, na minha adolescência, já senhores graves e conceituados, frequentando a livraria do Nogueira, á rua Nova, ou a do Silveira, na rua do Crespo. Carlos Porto Carreiro, Teotonio Freire, Baltazar Pereira, Artur Muniz, Paulo de Arruda, Manuel Arão, Faelante da Camara, Julio Pires, Faria Neves Sobrinho, Gervasio Fioravanti, França Pereira, para somente citar alguns dos que mais realçavam pelos seus legítimos méritos.

Mas a ala dos jovens, educados nos colégios de Candido Duarte e de Aires Gama, sob outros moldes, competia com os veteranos e, como quasi sempre acontece, procurava ou julgava sobrepor-se-lhes inteiramente, na ingênua ilusão por parte de alguns, de que o passado nada valesse diante do que eles estavam a oferecer no presente. Presumiam-se os verdadeiros e únicos criadores da literatura. Mário Rodrigues, Olímpio Fernandes, Gilberto Amado, Mateus de Albuquerque, Mário Melo, Eugenio de Sá Pereira, Ernesto de Paula Santos, Laiete Lemos, Mendes Martins. Era a mocidade que usava fraque de asas de gafanhoto, chapéu de palhinha de abas curtas, colarinhos altos a Santos Dumont, sapatões amarelos, um grande escàndalo em face das botinas pretas e de elástico dos homens sérios. E havia os mais afoitos que se metiam em ternos de brim e sapatos brancos para sair á rua. Dessas penas afloravam os sonetos de amor bem torturados nas rimas e nas cesuras e as crônicas dominicais num requinte de ourivesaria verbal. Quando já fossem as novelas de temas audazes como aquela "Renegada" de Carlos Dias Fernandes. Foi o tempo em que apareceram livros de sucesso nas letras contemporâneas: *Apoteoses,* de Hermes Fontes; *Visionário, de* Mateus de Albuquerque; *Sertões,* de Euclides da Cunha; *Memorial de Aires,* de Machado de Assis; *Sangue,* de Da Costa e Silva; *Canaã,* de Graça Aranha; *Calvário,* de Mendes Martins.

Houve até uma revista feminina, dirigida por senhoras que já não se receavam do distante epigrama do padre Lopes da Gama, no Carapuceiro, quando dava estes conselhos educacionais ás moças do seu tempo:

Finalmente proscrevei
De vossa casa as novelas.
São danosas esparrelas
Que se armam ás paixões.
— Veneno dos corações.

Lede alguma boa História.
Estudai a Geografia.
Não vos atireis á poesia.
Que a mulher dada a poeta
Põe o marido pateta.

Os novíssimos espreitavam a "deixa" para se projetarem na ribalta das letras. Com a ânsia que todos nós conhecemos bem. Uns, para tomar os lugares de primeiro ator; outros para serem meros figurantes das peças; muitos para abandonarem a carreira por incapacidade ou por decepções. Olegario Mariano e Adelmar Tavares prometiam-se pelos jornais. Olegario, deixando o Recife, pelo Rio, em breve lançava alí com ruido o seu "Ultimas Cigarras". Adelmar apegou-se por mais tempo á terra natal, cantando nos seus versos os coqueirais dos Milagres, tecendo as trovas do "Descantes" com Manuel Monteiro, Silveira de Carvalho, Estevão de Oliveira, quando, como cronista mundano, não fazia madrigais ás moças de tranças e saias compridas que frequentavam as retretas na praça da República:

Vermelho! Olhar agudo como a seta,
Passa em triunfo esta visão de glória.
Talvez o trajo rubro da retreta
Seja a bandeira rubra da vitória.

Ele aludia a um concurso da "mais bonita" que entusiasmava, como hoje, a cidade daquele tempo. A *Heliópolis,* bem feita revista literária, lançava os nomes de um outro grupo que seria a "igrejinha" desse "1900", semelhante a outros "templos" intolerantes e vaidosos dos dias que correm já meando o século. Mário Linhares, Raul Monteiro, Araújo Filho, Silva Lobato, Agripino Silva, Paulino de Andrade, Costa Rego Junior, Mariano Lemos, espiritos que, na maturidade, sorrirão consigo próprios dos arrebatamentos, das convicções, das rebeldias daquela época distante que eram como o clássico "sarampo" da idade, elevando a temperatura, borbulhando o corpo, perturbando o organismo, mas por fim, passando sem ressaibos mórbidos e consentindo à saude voltar integralmente. E, mais tolerantes, ficaram nas nossas letras como prosadores e poetas de valor, os dominadores do castelo da *Heliópolis,* onde por fim outros foram tambem se acastelar, fraternalmente.

Olímpio Galvão formava num grupo equidistante dos mais antigos e dos mais novos. E soube manter essa equidistância até que, espírito inteligente e bebido nas modernas literaturas da França e da Itália, cujos idiomas conhecia bastante, evolveu tanto quanto lho consentiram os anos em que ainda viveu, para os moldes da época em que transitava pelo mundo. Sem extremismos de escolas foi se alforriando dos princípios a que se ligara, ainda muito eivados da retórica do classicismo, fugindo aos floreios, à mitologia, à frase bonita pela frase bonita, ao convencional na forma e nos temas, para adotar na composição de seus novos trabalhos a leveza, a simplicidade, o realismo aconselhados pelos que iam aparecendo na arte escrita. Nota-se, sem dúvida, grande diferença entre as suas páginas que vinham dos derradeiros anos do século XIX e as que escreveu já no começo do XX. *Miscelâneas Literárias,* de 1892, por exemplo, recua extraordinariamente diante do "Contos sem Desconto" de 1900 e do "Crônicas e Missivas" de 1910. O estilo do primeiro contrasta pelos enfeites desnecessários com a humanidade dos tipos, a paisagem menos de cromo, o fato comentado mais incisivo, o diálogo mais natural, dos capítulos que constituem os dois ultimos livros citados. Há nestes a crônica viva da atualidade, o traço irônico das cenas e dos costumes, a nota sentimental, o colorido da fantasia. Os Cabulosos, os Serras, os Engrossadores, os Tesouras, alternam com os perfís femininos, com a sinfonia das cores e com os tipos do Lorota, do Bernardo, do Guilherme, muito do seu tempo.

Na propria poesia, porque Olímpio Galvão, como tantos outros, principiou pela rota

dos versos, percebe-se tambem a modificação dos processos de compor: — em *Páginas Soltas* oferecem-se composições de várias épocas e as de 1900 envolvem-se numa simplicidade de expressão que não diminue o mérito do poeta, antes o exalta. Os versos de *Flor ditosa* ligeiramente citados dão uma amostra:

Não te sonhara um ninho tão ditoso
A minha louca e errante fantasia.
Pobre flor, que a sorrir, ébria de gozo,
Ao perfume de um seio fenecia.

Como te invejo! E como o venturoso
Fim que tiveste, a mim mesmo inebria.
Fenecer como tu ao setinoso
Aconchego de um seio, que poesia!

....

Olimpio Galvão ia evidentemente, como já lhe vaticinara Carlos Porto Carreiro num prefácio escrito para um dos seus livros, clarificando o estilo e apreendendo melhor o sentido literário e social da época em que penetrava sem mais as ilusões dos 20 annos. A morte colheu-o de chofre bem moço. Não pôde, por isso, deixar-nos a obra mais sólida e mais perfeita que ele poderia ter feito e que de certo pensava fazer. Mesmo assim, ocupou no seu tempo um nivel de realce e se mais não subiu terá para isso concorrido a falta de "um pai alcaide" ou de um "posto de relevo", circunstâncias que tanto ajudam o mérito e o êxito, quando por si sós não os explicam...

* * *

Há, para mim, alem da surpresa pela generosidade do acolhimento que o Centro de Cultura Olimpio Galvão me faz, neste momento, a emoção indisfarçavel pela coincidência entre esse gesto bondoso e o nome do patrono desta casa. Porque ele, esse nome, não é apenas o de um intelectual, de um confrade, mas tambem, o de um velho companheiro. Eu não deveria estar sendo aceito, aquí, com o titulo imerecido de "sócio ilustre", porem com o de "sócio amigo", mais cabivel.

Eu e Olimpio Galvão não atuamos num plano literário, já o disse. Quando meus primeiros sonetos, meus sonetos de amor, é claro, surdiram nos jornais da terra, rompendo, depois de mil investidas, a "linha Maginot" de Baltazar Pereira, na *Província,* e de Laiéte Lemos, no *Jornal de Recife,* já Olimpio Galvão era figura de vencedor na literatura e na imprensa. Mais tarde o destino me impeliu ás portas do Correio para, num concurso, pedirlhe um emprego. Eu fugia do comércio onde nunca o meu espírito povoado de imaginação pudera se conciliar com os assuntos práticos dos "lucros e perdas". O cargo público era o meu sonho, como é ainda hoje de tantos outros. O pontozinho camarada, o ordenado certo, e até o papel para se rabiscar as poesias nas horas vagas. Olimpio foi o meu examinador de francês e em justiça não precisou de escandalizar ninguem para me dar nota boa na tradução do "Beautés" de Chateaubriand. As frases do autor do *Attala* serviram de elo para nossa aproximação e para essa amizade que durou bastante e nunca se perturbou. Quando fui nomeado, passamos a trabalhar juntos na secretaria. Eu tinha jeito para contar histórias, mesmo daquelas em estilo oficial, cheirando a "tenho a honra de levar ao vosso alto conhecimento" ou de "Comunico-vos para os devidos fins", terminadas com um amavel "Saude e Fraternidade", embora se tratasse de uma comunicação de multa de 10$000 ou de suspensão por 15 dias... Foi viva e constante nossa camaradagem. Os moços de hoje, que se iniciam nas letras, poderão avaliar desse contacto espiritual entre um escritor já feito, com várias obras publicadas, e um tímido estreante que rabiscava chochas cronicas no *Jornal Pequeno,* uma vez ou outra. De certo a hierarquia tinha seus relaxamentos: — o oficial superior e o praticante abusavam um tanto das horas do expediente para numa banca ou numa varanda trocar idéias sobre um romance de Eça ou as poesias de Alberto de Oliveira. Quando não estívessemos a proporcionar um ao outro, em primeira mão, a leitura de uma crônica ou de

um conto que, dactilografados nas máquinas da repartição, iam para os jornais...

Depois de haver conhecido bem a Olimpio Galvão pelo espírito, vim a conhecê-lo ainda melhor pelo coração. Ele o possuiu dos mais bondosos. Toda a sua obra está impregnada dele. No próprio convívio postal sempre se revelou o companheiro pronto para proteger e para auxiliar. Nunca se valeu do cargo e do prestígio para ferir, para molestar. Soube, ao contrário, ter a superioridade da inteligência, superioridade que os cargos e os galardões não conferem, antes, por vezes, contradizem. Esquecia e perdoava, com uma ternura e uma boa fé inatingidas nunca pelas decepções e injustiças das coletividades onde a ambição, a inveja, a maledicência fervem para apoio das escaladas imerecidas.

Olimpio era bom ao ponto de comungar com as dores alheias. Eu o vi, de olhos molhados, quando perdí o meu primeiro filho, uma criança de 3 annos de idade que ele sabia ser, para mim, um encanto de todos os instantes. E a morte mo arrancava para tortura de todos os momentos. O seu abraço e o seu conforto me afiançavam toda a sua bondade.

A homenagem deste Centro é bem o reflexo da alma do seu patrono. Eu o sinto aquí presente na generosidade de vocês todos ao julgar o meu valor literário. Mais tarde, sem malícia, nem incoerência, vocês reconhecerão que foi exagerada a prova de apreço que me estão conferindo. O senso crítico, com a idade, se apura, se aguça. E os juizes se equilibram.

Eu, porem, de qualquer modo, estarei agradecido aos minutos de deliciosa espiritualidade que estou desfrutando, aquí, num contato com a juventude de vocês todos, com as esperanças de saber que os iluminam e os guiarão aos destinos almejados, e, tambem, porque, em face desse retrato de Olimpio Galvão, que me foi dado a comovedora incumbência de inaugurar, tenho a impressão de novamente juntar as nossas mãos de amigos e os nossos pensamentos de contemporâneos.

Uma fase de transição na imprensa baíana

Alexandre Passos

O Rio de Janeiro iniciou a sua febre de progresso no governo do Conselheiro Rodriguse Alves, que foi encontrar no prefeito Pereira Passos o auxiliar propício ao momento. Aliás, Passos só aceitou a investidura depois de aprovadas pelo presidente da República as sugestões que lhe apresentara, sendo uma delas não se incomodar com a política nem por ela ser tambem incomodado. Que o Conselho Municipal, os intendentes e os cabos eleitorais do Distrito Federal não perturbassem a sua vontade de trabalhar. O ilustre engenheiro vinha do Império e, antes de aceitar o cargo, apresentara um programa, que deveria ser executado em paralelo com a Saude Pública, o que foi conseguido graças aos esforços de Oswaldo Cruz, secundado por jovens e abnegados colaboradores brasileiros.

O câmbio não estava mau e o ministro da Fazenda, Leopoldo de Bulhões, tudo facilitava, confiado na boa herança do ministro Joaquim Murtinho.

Houve uma revolução, a da vacina obrigatória; mas o Rio se transformou com a obra de saneamento oriunda de duas fontes, conforme lembrara, menos de dois lustros antes, a comissão nomeada para esse fim e cujo relatório foi escrito por Manuel Vitorino. Casarões anti-higiênicos, ninhos de ratazanas (infelizmente ainda existem muitos deles, inclusive repartições e hospitais), focos de peste bubônica e campo aberto à febre amarela. Por isso, a posse do prefeito Passos só se deu em Janeiro de 1903, dois meses depois da investidura do governo a que ia auxiliar.

Os Estados procuraram imitar o progresso do Rio, na altura de suas possibilidades, ou mesmo, sem medir sacrifícios.

São-Paulo foi o primeiro a arrojar-se em melhoramentos de grande monta e quasi fantásticos. Rasgaram-se avenidas e melhoraram-se ruas, e serviços de assistência social foram criados. A Força Pública armava-se em pequeno exército, instruida pela missão Francesa, comandada pelo coronel Balagny. Belo-Horizonte ia surgindo toda nova. Manaus e Belem já haviam dado o exemplo antes do Rio e de São-Paulo. A alta da borracha até desperdícios permitia. Meninos ricos viajavam ao estrangeiro, afim de gozar as férias num meio mais adiantado. Outros, ali iam estudar. Surgiam teatros, avenidas largas, entre mangueirais, e até um museu científico. Os prefeitos Jorge de Morais e Antonio Lemos foram apontados, no resto do Brasil e no exterior, como nababos. Intriga política, que o tempo desmentiu. Manaus e Belem atraíam jornalistas perseguidos, intelectuais de valor e filhos de outros paises, de toda a casta, ilustres e aventureiros, inclusive mulheres, já experimentadas dos homens, mas que dependiam do dinheiro deles...

O progresso material da cidade do Salvador nasceu com o canhoneio político de 12

de Janeiro de 1912. E' realmente paradoxal, embora se reconheça que alguns melhoramentos vinham sendo realizados, mas sem plano preestabelecido. De 1912, portanto, manda a verdade histórica se aponte como o ano em que tiveram lugar os grandes empreendimentos na velha capital, a qual já estava muito necessitada deles.

As demolições dos prédios antigos, necessários á passagem da avenida Sete de Setembro, que começa na praça Castro Alves e vai terminar no largo do farol da Barra, onde vai encontrar a avenida Oceânica, que é caminho para o Rio-Vermelho, pelo litoral, sem, contudo, prejudicar as belezas naturais, e o alargamento das ruas da parte denominada cidade baixa, encontraram reação da parte de alguns elementos retrógrados.

A remodelação abriu novos horizontes aos serviços públicos. Assim, foi criada a guarda-civil e ampliada a atividade de quasi todas as repartições. Começa aí o desenvolvimento da imprensa, na Baía. Apareceram não só os jornais feitos ou adaptados, segundo os dos grandes centros, dando lugar a fato mais importante: o noticiário elaborado de acordo com o sistema inaugurado no Rio e em São-Paulo, há seis ou sete anos decorridos, isto é, o reporter ser ao mesmo tempo redator. Faço esta observação porque a Baía sempre possuiu grandes e importantes jornais, desde *O Prospecto*, que precedeu de um dia á *Idade d'Ouro do Brasil.* Ademais, o *Jornal de Noticias* desde 1910 modernizara o seu formato material, aparecendo em suas colunas artigos assinados por colaboradores indígenas e de outros Estados, e correspondentes no estrangeiro, sobressaindo o seu serviço telegráfico completo, ao tempo superado apenas pelo *Jornal do Comércio*, do Rio, e *Estado de São-Paulo.* O *Diario de Notícias*, antes mesmo de 1912, já havia atingido duas ou três fases, sendo uma folha conservadora, respeitada em todo o Norte, alheia que era ao partidarismo político. Os seus artigos de fundo faziam meditar. Eram, ao tempo, escritos por Americo Barreira, Virgilio de Lemos, Heraclio de Matos, Galdino de Castro e Alexandre Porphyrio. Altamirando Requião, alem da crônica diária *Penumbra*, combatia a impunidade de certos vícios, que, à proporção que Salvador se modernizava, invadiam a cidade. O *Diário da Baía*, decano da imprensa baíana e um dos mais antigos jornais do país, orgão de partido, continuava a tradição: bem escrito, trazendo o seu artigo doutrinário inserto nas duas primeiras colunas, mantendo o formato do último quartel do século passado, inclusive as oito colunas amplas. Foi o primeiro jornal que adotou as máquinas linotipos, na Baía, e o segundo do norte, pois a *Província do Pará* já as utilizava, segundo me informaram, muito antes dos jornais do Sul do país.

O bombardeio teve suas consequências nefastas. Ele durou um dia, mas os distúrbios continuaram por mais de um mês, dando lugar a deposições, saques, incêndios e ao empastelamento de vários jornais, entre os quais dois oficiosos, que não mais voltaram a circular. Mas outros jornais deveriam aparecer. *A Tarde, Jornal Moderno, A Notícia*, bem feito diário, mas de vida efêmera, e mais *O Estado, O Correio*, a *Gazeta de Notícias, A Cidade, Correio da Tarde, O Tempo, Estado da Baía, A Hora, O Democrata, Gazeta do Povo, O Imparcial*, o antigo, e talvez outros que não me ocorrem no momento, contribuiram para o progresso da Baía, incentivando os processos jornalísticos mais recentes, sem deixar no olvido os periódicos ilustrados e literários, que substituiram a *Revista do Grêmio Literário. O Pantheon, Revista do Brasil, Revista da Nova Cruzada, O Papão*, humorístico e político, *O Fafazinho*, de crianças, *A Renascença, A Seara de Ruth, A Tesoura, A Luva, o O Social* e *Unica*, estes ainda em circulação, como um atestado da inteligência e do esforço de abnegados. A opulenta *Revista do Instituto Geografico e Histórico da Baía* vai se aproximando do cinquentenário, e a da *Academia de Letras*, mais nova, tem sido editada com regularidade.

Antigamente, a maneira de colher reportagem diferia da atual. Um reporter era considerado quasi um espia, no mínimo um abelhudo. Não havia estímulo; e os proprietários e redatores principais, dos diários, dificilmente lhes davam uma oportunidade de atingirem a postos mais elevados, mesmo o de aparecer os seus nomes subscrevendo um artigo, uma crônica ou uma produção literária. E' verdade que apareciam nas redações moços bem vestidos e possuidores de boas roupas, que pediam para *representar* o jornal numa solenidade, mas em geral não sabiam descrever o ambiente em que passaram "horas agradaveis"... Parentes de políticos e do diretor do jornal, esses rapazes não queriam dinheiro, mas simplesmente frequentar a melhor sociedade e fazer jús a sinecuras nas repartições públicas. A imprensa brasileira

ainda possue, talvez em menor escala, semelhante espécie de "abnegados jornalistas"...

No limiar da adolescência, ouví casos dos quais participaram os antigos noticiaristas. Tambem, raros eram os que escreviam as próprias notícias, desenvolvendo-as. E' verdade que muitos deles chegaram a redatores principais e a co-proprietários de jornais, outros continuaram a antiga profissão, e outros ainda voltaram à reportagem ou se fizeram revisores, depois de terem sido redatores de valor, como Napoleão Müller. Mais felizes, não foram poucos os que lograram empregos públicos ,notadamente quando governador Antonio Moniz, jornalista até a morte, que, numa reforma nas repartições, não esqueceu de colocar, num gesto de solidariedade humana, antigos e pobres companheiros da *Gazeta do Povo*, d'*O Norte* e d'*O Democrata*. Naquele tempo não me eram estranhos os nomes de Miguel Chaves, João Freire, figura respeitavel do jornalista completo, Cosme de Farias, filantropo, que, deputado estadual em cinco legislaturas, distribuia o subsídio com os mais necessitados, sendo ele tambem pobre; Braz Moscoso, Appolinario dos Anjos, Israel Ribeiro, Costa e Silva, Praxedes Silva, Osorio Melo, Vicente Chagas e Luiz De Sales, tambem poeta da escola de Verlaine. Este e o primeiro citado vieram a ser meus amigos, sendo que Luiz De Sales foi quem me iniciou no jornalismo. E' um dos renovadores do jornal, tendo trabalhado durante alguns meses n'*A Imprensa* de Alcindo Guanabara. Foi ele quem inaugurou, na Baía, as grandes entrevistas assinadas. Escrevia dentro das regras da boa linguagem e com certa originalidade. Viveu e morreu pelo grande jornal, sacrificando a arte e seu curso na Faculdade de Medicina.

No novo jornal, isto é, de 1912 a 1920, vamos encontrar como reporteres ou auxiliares de redação, entre outros, ainda Luiz De Sales, redator d'*O Estado*, quando se finou, Pedro Teixeira, Leal de Mascarenhas, Laudelino de Menezes, Thadeu Santos, Amaro de Amorim, jornalista completo, falecido quando secretariava o antigo *Imparcial*, Francisco de Mattos, Adroaldo Junqueira Ayres, Aureo Contreiras, Souza Gallo, Ranulpho de Oliveira Dias, Heitor de Gusmão, Roberto Cruz, João Freire e Miguel Chaves, que, a pesar de redator do *Diario Oficial*, trabalhava em mais de um jornal, falecendo em 1931, vítima da lealdade aos amigos da véspera. Henrique Cancio, jornalista e homem de negócios, a todos estimulava.

O reporter moderno é o próprio redator do seu noticiário, reservando-se os artigos de maior responsabilidade e mesmo os tópicos para os redatores especializados, que, por sua vez, aprenderam, na reportagem. Não se pode ser bom jornalista sem ter sido reporter, sob pena de, em caso de parede promovida por alguns elementos da redação, ou num caso de falta coletiva acidental, perigar a saida da folha. O jornalista moderno deve ser completo, embora se dedique a uma especialidade. Um bom reporter dá sempre bom secretário de redação.

Antigos profissionais da imprensa baiana deixaram de galgar, voluntariamente, boas posições em diversos jornais, preferindo a vida de "simples reporter", tal a confiança do público no seu trabalho, identificando o seu autor através de uma reportagem sincera e bem feita. O velho Freire era desses. Os seus "constas" se transformavam em realidades. Honesto, seria incapaz de dar "palpites", cousa do feitio de muita gente sem escrúpulo. Lembro-me de ter ouvido o comentário de um episódio, só ele capaz de pôr em prova o carater de um homem, e eu aquí não me furtarei em repetí-lo. O pai de um bacharel recem-formado desejava que seu filho fosse incluido na lista dos candidatos do governo à Câmara do Estado. Parece-me que o governador Seabra, a pesar dos pedidos, não estava disposto a satisfazê-lo, não só porque para os poucos lugares vagos deveriam ser aproveitados amigos dedicados, como tambem porque o jovem, no seu delírio, já estava comprometendo a situação. Antes de saber do resultado dos *entendimentos*, afirmava nos cafés e à porta do Luso, ter o governador insistido para que ele aceitasse um "reles" mandato de deputado estadual, mas estava inclinado a optar pela rejeição.

O governador "queimou-o", e os jornais da oposição não tomaram a sério o "caso" do candidato. João Freire foi, então, procurado pelo pai do inexperiente moço, que ao experimentado Seabra acabava de se revelar mau político e leviano, e propôs a seu amigo dar um "furo", o qual consistiria num "consta que o Dr. Fulano, recem-diplomado pela nossa Faculdade de Direito, após um curso brilhante, será incluido na chapa oficial para representar o primeiro distrito na Câmara Estadual". João Freire, lágrima nos olhos, como se tivesse cometido um crime, pediu ao

pai do ex-futuro candidato e outras cousas mais, que ao menos respeitasse mais de três décadas de bons serviços à imprensa, uma vez que não se respeitava nem a seu rebento. Suas reportagens nunca foram calcadas na mentira e, quando falhavam na essência, a procedência era digna de fé.

Nos últimos anos, o jornalismo baiano muito tem progredido. Jornais antigos continuam a servir o público. Infelizmente, não mais circula o *Jornal de Notícias*, estando o seu antigo proprietário e redator Aloysio de Carvalho, *Lulú Parola*, um dos mais antigos jornalistas do Norte, vivendo sempre de sua profissão, em plena atividade em *A Tarde*, uma das mais ricas empresas jornalisticas do Brasil. E' de Aloysio de Carvalho esta verdade: "No fundo, a Imprensa foi sempre uma escada e um precipício".

Mas os jornais do interior devem, outrosim, ser lembrados, porque representam sacrifícios e muito idealismo. Na capital mesmo, Lourenço de Castro, sozinho, redigia as quatro páginas do seu semanário *A Lanterna*, distribuindo-o aos assinantes.

A imprensa diária ou periódica do interior merece ser mencionada. Servem-na habeis jornalistas e homens de letras. E quantos deles não se tornaram nomes nacionais? Bem escritos ou demonstrando vontade de acertar, são, em sua grande maioria, hebdomadários. Entre os mais antigos, podem ser apontados: *O Regenerador*, de Nazaré (1861); *A Ordem*, de Cachoeira (1870); *O Aratuípe*, da cidade do mesmo nome (1881); a *Folha do Norte*, da Feira-de Sant'Ana, e *O Popular*, de Alagoinhas. Não sei se ainda circula a *Tribuna de Valença*, do municipio do Sul do Estado. Esse jornal muito se recomendava pelos seus artigos, crônicas e tópicos escritos com apuro de linguagem.

A imprensa de Ilheus, cidade rica e segundo porto do Estado, émoderna, servida por luzido corpo de jornalistas, entre os quais se encontra Ruy Penalva de Faria, filólogo e culto polemista.

Tendo sido berço do segundo jornal publicado no Brasil, e em 1866, do primeiro jornal científico, a *Gazeta Medica da Baía*, que até há bem pouco circulava, não é motivo de admiração cedo a Baía procurasse acompanhar a fase de transformação material da cidade do Salvador, para a qual ela mesmo concorrera com sugestões e estímulo.

CULTURA NEGRA

Jacy Rêgo Barros

O simples título desta crônica, — Cultura negra — em periodo não muito distante do de nossos dias, seria motivo de escândalo ou afirmação tacita e formal da ignorancia do articulista. Seria, então, portador de cultura para os meios luzos aquêle negro vindo para essas plagas em porões escuros de Navios Negreiros?

Mas que cultura era essa, e onde estão as universidades africanas, ou melhor seus filósofos seus artistas etc., aos moldes de Aristoteles, Platão, Rafael e Miguel Angelo? Se evocássemos o moralismo como referencia de possivel encontro de traços de cultura, ainda seria mais acentuado o disparate, senão mesmo insultuosa a afirmativa, desde que a conduta cristã não se encontrava no Continente Negro.

Se a primeira alusão poderia levar o articulista ao ridículo, a segunda seria muito mais grave para ele, pois talvez pusesse em perigo a sua própria vida ou liberdade, desde que afirmava possiveis sistematizações morais em grupos humanos ainda não visitados pelo Cristianismo.

Não censuramos todavia, tal veredicto lavrado pelos vultos mais eminentes dos meios pensantes, de outrora, porque é de nossos dias a idéia de que cultura é; — o conjunto complexo que inclue conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e qualquer outra capacidade ou habito adquirido pelo homem como membro da sociedade. Sendo assim no trato com a sua flora e fauna, nas suas relações de grupo a grupo e de individuo a individuo, na sua sistematização de trabalho e finalmente na forma de compreender o que não viam, os africanos formaram, a mercê do tempo vário uma cultura, que não seria apenas uma nova condição social, como a de escravo de grupos etnicamente diversos um fator intempestivamente forte e capaz de a anular de um jato, logo em seguida ao batismo, como forma emblemática de sua nova vida na Senzala.

A condição servil poderia modificar a conduta social do negro mas o homem interior lá estava com as suas crenças e os seus temores orientados pelas quigilas e não pelo Diabo que o Cristianismo por sua vez havia tambem sacado de crenças outras.

As gerações legitimamente africanas vão desaparecendo mas o mulatismo que as sucede não afirmaria a mestiçagem apenas numa questão de pigmento, mas num plano mais

importante que o daquele, que é precisamente o da cultura.

Dois passados se encontram na encruzilhada do destino, o europeu e o africano, e seria ingenuo o imaginar-se que não se mesclassem para concerto mais eficiente de uma caminhada comum, e assim se deu, realmente, revelando-nos esse consorcio magnifico o folclore brasileiro, onde religiosamente, por exemplo, ora é Jesus quem está presente ora é olorum, ora é o Diabo, ora é exu, ora a cuica, ora a guitarra e assim por diante, para não nos referirmos ao sublastro que lá está em toda a sedimentação amerindia.

Por largo tempo, mesmo depois das admiraveis pesquisas de Nina Rodrigues, não foi interessante nem mesmo abonador o aludir-se a essas questões, receando cada qual que o seu interesse pudesse afirmar um mulatismo pessoal.

Com a mencipação juridica do negro, tudo estaria resolvido, assim se pensava, por ter sido caritativamente feito de cima para baixo; mas, a questão psico-social não deixaria de existir, por causa de situações juridicas, e as mesmas pressões sincréticas continuavam a se fazer sentir, urgindo atenções especiais para o problema, não tardando aparecer aqui e ali os estudiosos desses mesmos problemas a cuja frente, em nossos dias, apresento sem receio, como o maior, o vulto modesto e notavel de Artur Ramos.

Nós proprios, pigmeus, diante desses grandes vultos, nos interessamos pelo problema, e de Norte a Sul do país o temos estudado carinhosamente em conferencias e cursos, entregando mesmo a publicidade uma sintese desse nosso esforço, em nosso ultimo trabalho "Senzala e MACUMBA".

O ETERNO ESPELHO

INÉDITO

Nihil autem operatum est,
quod non reveletur...

Luc., XII, 2.

Dizem que toda a vibração perdura
indefinidamente ao eter presa,
seja um grito de guerra ou de loucura,
um murmúrio de amor ou de tristeza...

Quando se passa pela noite escura,
quanto ao sol à claridade acesa,
permanece gravado na textura
desse registrador da Natureza.

Muitas vezes feliz o que na vida
não teve nunca um gesto de maldade,
uma frase ferina ou desabrida,

e, no orgulho da própria humanidade,
sempre foi uma voz serena, erguida
em proveito do Bem e da Verdade.

Alfredo de Assis Castro

(da Academia Maranhense)

O SIMBOLISMO E A MÍSTICA

Poesia - Alma e carater de um povo - Cruz e Souza - Alphonsus de Guimaraens

Arnaldo Damasceno Vieira

Seria sem dúvida interessante um estudo relativo ao modo pelo qual as diversas escolas literárias atuaram no meio, no ambiente racial em que nasceram, viveram e morreram.

Conhecer o relativo lapso de tempo em que essa influência perdurara. Avaliar o valor intrínseco, a estatura, a maior ou menor projeção no terreno intelectual dos escritores que as cultivaram e enobreceram.

Focalizar a atenção sobre o modo particular de agir desses grandes movimentos no setor da Arte poética — não só no estreito âmbito de uma mesma nacionalidade ou de uma coletividade étnica, mas ainda alargar o campo visual de modo a abranger a ação de tais movimentos culturais, no conjunto, na totalidade dos povos e raças, dentro de certo e determinado período histórico.

Analisar em suma no tempo e no espaço a vida e a atuação, os pontos capitais do grande movimento literário realizado nas transcendentes esferas da Poesia.

Constitue a Poesia no seio de cada coletividade humana, o mais seguro estalão para medir-lhe a capacidade e o valor.

Modificando o brocardo ser-nos-ia lícito afirmar:

— Dizei-me qual a poesia característica de um povo, di-vos-ei qual a alma e qual o carater desse mesmo povo.

ESCOLA POÉTICA

A escola clássica, a romântica, a parnasiana, a simbolista e a futurista, representam os principais movimentos efetuados no campo da Arte poética.

O primeiro, o classicismo, prolonga-se desde o século de Péricles ao século XVII, refletindo, em suas obras primas, a cultura greco-romana, produzindo os motivo da beleza antiga.

Segue-se a ação revolucionária do Romantismo em que os tradicionais modelos cedem logar a outras formas de expressão na qual tumultuam os sentimentos, as paixões, os entusiasmos do mundo moderno, arrebatados no vôo ardente da imaginação...

A impassibilidade da Escola parnasiana busca refrear os ímpetos emotivos, reduzindo o ideal de beleza à rigidez escultural da Forma, retomando de preferência aos eternos modelos clássicos.

Com o simbolismo, a inspiração artística perde-se nos enlevados arroubos do misticismo, ou no exotismo de certos temas extravagantes, tocados de certo ar doentio; ou ainda no vago, no infinito, no incompreensivel da percepção vulgar...

Partindo e desprezando todos os passados moldes, o Futurismo reflete o tumulto resultante do mundo moral e intelectual que se decompõe e se desagrega... a anunciar o advento de uma nova era, no limiar de uma nova Civilização!

O SIMBOLISMO

Teve início grande movimento simbolista no meio intelectual da França. Obedecendo à lei cósmica, a eterna lei de ação e reação, constitue este um movimento realista do "Parnaso".

Seus principais representantes, Verlaine e Arthur Rimbaud; o estranho e maldito Baudelaire, o obscuro Mallarmé assinalam as modalidades mais características formadas no seio de nosso credo literário.

A poesia de Mallarmé é a expressão do vago e o sonho, a envolver de névoas quasi impenetraveis a luminosidade de Simbolo.

A inspiração baudelaireana inclina-se para as alucinantes formas do satanismo e do exotismo, enquanto que o primeiro daqueles grandes iluminados, o paradoxal esteta de *Sagesse*, imprime a feição mística predominante em toda essa tendência artística, propagada em breve pelas demais escolas literárias.

PREPONDERANCIA DO SIMBOLO

A Escola simbolista, com os Novos, os Decadentes, os Nefelibatas constituiu no Brasil um dos mais intensos e fecundos movimentos literários.

Sua poderosa influência até hoje se faz sentir na feição superada (em momentânea intensidade apenas) pelo extraordinário surto da corrente condoreira iniciada por Tobias Barreto e de que o gênio de Castro Alves representou a mais vigorosa expressão: E' a

que a arrebatadora eloquência, a grandiosidade dos temas abordados — pelos seus principais corifeus — temas em que palpitavam as mais nobres aspirações nacionais — emprestavam à Escola do "Condor" os ímpetos que na época inflamavam a imaginação de todas as classes sociais, desde às menos letradas às mais cultas.

Uma vez cessados os motivos determinantes da corrente literária: — terminados os entusiasmos patrióticos suscitados pelas nossas lutas no Prata; lavada a mancha negra da Escravidão — assuntos palpitantes na época; cessados os motivos preponderantes, cessaram de igual modo os acentos épicos do movimento, extinguindo-se lentamente a Escola condoreira à falta de seus elementos vivificadores.

Fenômeno contrário se verifica em relação ao Símbolo. Ele não morre, apenas se transforma apresentando-se sob outras modalidades mais condizentes com o gosto literário, com a índole sentimental da Raça.

Sua ação foi muito mais duradoura que a do Parnasianismo. Raros cultores entre nós se apontam no estrito campo do "Parnaso" — Martins Junior, com *Versos de Hoje;* Francisca Julia, com os *Mármores;* Damasceno Vieira, com a *Musa Moderna;* Alberto de Oliveira, com as *Meridionais* — são os únicos representantes dessa tendência artística que se propõe banir do campo da Poesia os motivos de amor, o sentimento, a emoção, o mundo objetivo; contentando-se apenas com as representações objetivas da natureza exterior, com o brilho e a perfeição da Forma, expressa em toda sua impassibilidade e frieza.

O SIMBOLISMO EM NOSSO MEIO CULTURAL

A corrente simbolista em nossa Poética se fez sentir não só na Capital do país, mas tambem nos centros das províncias.

Brilhante e numerosa plêiade de jovens aedos filia-se às novas tendências literárias de que a marcante individualidade de Cruz e Souza (1863-98) se tornaria o poderoso centro de gravitação.

Poderíamos dentre aqueles vates lembrar: Silveira Neto, em *Luar de Inverno* (1885), Emiliano Pernetta, *em Músicas,* (1888). Mereciam ainda especial destaque Felix Pacheco, Saturnino de Meireles, Gustavo Santiago, Mario Pederneiras e esse original e bizarro Gonçalo Jacome. Seria de recordar nos Estados: o nome de alguns novos que pertenceram às grandes Associações Literárias do Norte: a Padaria Espiritual do Ceará, a Nova Cruzada da Baía; recordar os poetas filiados à Escola no extremo Sul: Zeferino Brasil, Souza Lobo... e tantos e tantos nas demais unidades da Federação merecedores de igual referência.

Apresenta cada um desses artistas sua feição própria, sua nuança individual, obedecendo embora ao escrito geral da Escola.

Foi "Nestor Vitor o grande, ou melhor, o único crítico do movimento simbolista entre nós — afirma Jackson de Figueiredo — o único que o soube filiar na história das nossas letras, mostrar o que ele tinha de natural à nossa sensibilidade e analisar-lhe a fisionomia interior."

Para o esteta dos *Signos* era Cruz e Souza um "Cruzado cuja formosa Jerusalem representava apenas uma miragem".

Confirmando o juizo do eminente panegirista do Poeta Negro, Jackson conclue ter sido "uma grande alma religiosa a quem faltara contudo a verdade religiosa."

Este espírito de religiosidade, a acentuada tendência mística, própria da Escola, deveria atingir sua máxima intensidade na elevada beatitude cristã de Alfonsus de Guimaraens, cuja obra é toda um longo cántico de Amor e de Fé como esse litúrgico *Septenário das Dores de Nossa Senhora* de que destacamos estas suaves estrofes, antífonas repassadas de intensa espiritualidade bíblica de candura e renúncia:

Em teu louvor Senhora, estes meus versos,
E a minha Alma aos teus pés cantar-te.
E os meus olhos mortais, em dor imersos,
Para seguir-te o vulto em toda a parte.

Tu que habitas os brancos universos,
Envolve-me de luz para adorar-te,
Pois evitando os Corações perversos
Todo o meu ser para o teu seio parte.

Que é necessário para que eu resuma
As Sete Dores dos teus olhos calmos?
Fé, Esperança, Caridade, em suma.

Que chegue em breve o passo derradeiro.
Oh! dá-me para o corpo os Sete Palmos,
Para a Alma, que não morre, o Céu inteiro.

O Simbolismo no Brasil constituiu nossa mais alta expressão mistica reveladora de particular estado de sensibilidade e de apurado gosto artístico.

POESIA

Ivan Ribeiro

Haverá outro rumo para a Poesia? Sem percorrer caminhos já trilhados, sem abrir novas picadas que apenas nos conduzirão a uma mina abandonada, já despojada de todos os minérios poéticos, não é provavel que alguem possa abandonar a estrada atual da Poesia. Os profetas duma nova ordem poética, não baseada nos sentimentos humanos, mas nas "exterioridades" humanas, cedo se convencerão de que a Poesia não é parenta do manifesto nem do panfleto. Passada a crise hão de ver que o sucesso de poemas "dirigidos" era coisa circunstancial, de moda, e então acreditarão que as possibilidades de permanência duma Poesia apenas de "acontecimentos" são reduzidíssimas. A Poesia toma contato com a alma humana através de seus próprios meios de expressão e de repercussão poéticas, vivendo por sí, falando a sua linguagem especial. E' preciso que um fato toque fundamente a sensibilidade do poeta, e que aí fermente longamente, para que o poema resultante da ação do acontecimento sobre o poeta não seja de categoria puramente visual. O poeta não deve "ver" apenas, deve "sofrer" o fato em toda a sua plenitude. Haverá quem imponha à Poesia uma tarefa de registar ocorrências, analizar a importância de acontecimentos do mundo, e propor soluções. Mas a este grupo que acha na Poesia apenas a obrigação de focalizar uma "anedota" hão de se opor os que conheceram que a missão do poeta é "destilar" os fenômenos humanos até que eles atinjam o máximo de expressão poética. Dum lado, os que reconhecem a Poesia. Doutro, os que apenas identificam como verdadeira uma "poesia de partido."

A verdadeira poesia nunca é neutra. Não nos atinge sem desencadear uma série de dúvidas, de inquietações e de angústias, sem favorecer, enfim, um clima de ardente especulação que se renova à medida que problemas antes ignorados vão surgindo e sendo debatidos. A leitura de um livro de poesia é um estímulo, e a maneira de reagir vai identificar a categoria poética a que pertence o leitor. Diante do último livro de Jorge de Lima a primeira impressão é de deslumbramento. Deslumbramento diante da imensa quantidade de material humano que A TÚNICA INCONSUTIL encerra. Trata-se de um livro denso. Belo e concentrado, alegre mas não sorridente. Dentro dele se agitam figuras imensas e criaturas de porte mesquinho; dentro dele esboçam-se todos os gestos humanos — os de ódio e os de amor, os de pecado e os de pureza.

Jorge de Lima

A TÚNICA INCONSUTIL tem os caracteres duma súmula. Não houve uma censura orientada no sentido de policiar os temas poéticos, de reuní-los em uma sequência lógica. A Poesia é arbitrária e contraditória. A de Jorge de Lima não é a poesia de um homem e de uma determinada época — é a poesia do homem e de todas as épocas.

Viver em Poesia não quer dizer viver em

santidade. O santo foi tocado pela Graça e encontra nela uma força extraordinária de resistência ao pecado; tem a visão constante da Eternidade e por isso *vive* a Poesia. O poeta é um homem — é a experiência de Deus —, não pode exilar de sua vida a atração do mal, não tem forças para afastar de seu cotidiano a tragédia do pecador que penetra no mal com uma alegria momentânea que logo vai transformar-se numa vergonha funda, dolorosa, dilacerante. Alem disso, o poeta apenas em dadas circunstâncias tem a noção da Eternidade, e para fixar estes momentos ele *escreve* a Poesia. O que a Poesia não pode fazer sem se ferir de morte é viver apenas da alegria animal de pecar.

O mal pode aparecer como atração temporária, mas não como constante de um livro de Poesia. A Poesia é um depoimento da luta contra o demônio, e nunca a afirmação do triunfo do pecado.

Um grande livro de poesia pode estar fortemente impregnado do pecado da carne, ("E' um tirano o meu Mago: põe obstáculos para eu atravessar, pedras para eu tropeçar, cortinas de fogo para eu me queimar, carnes lascivas para eu me sujar"), mas nunca será um livro de santidade.

Alguns acham que a Poesia deva ser a grande pacificadora. Entendo, pelo contrário, que ela precisa ser a grande inquietadora. Não nego que esta inquietação provocada pela Poesia possa ser suave e balsâmica: a poesia de um Emilio Moura, por exemplo. Mas tambem não posso ignorar que a Grande Paz e a Grande Consolação possam surgir do seio das mais convulsas maldições e das mais dolorosas tragédias humanas — a Grande Paz e a Grande Consolação que se entrevê quando, em meio das fraquezas e das dores humanas, tem-se um sinal iniludivel da Eternidade. A irrupção da Eternidade no tempo se faz, por vezes, nas mais angustiosas ocasiões, e feliz do Poeta que fixa este momento!

Jorge de Lima nos traz aquela Grande Paz e aquela Grande Consolação!

MUCAMBOS

Téla de **D. Ismailovitch**

AS ARTES PLÁSTICAS EM 38

CENTROS DE ATIVIDADE ARTÍSTICA

Celso Kelly

A atividade artística, no Rio-de-Janeiro, com projeção pelo país, se processa em vários centros de cultura, oferecendo um contraste com o que ocorria, há anos, quando apenas existia e pontificava, nos domínios das artes plásticas, a secular Escola Nacional de Belas Artes. No ano de 1938, várias instituições trabalharam seriamente pela divulgação das artes em nosso país: O Museu de Belas Artes, a Associação dos Artistas Brasileiros, a Sociedade Brasileira de Belas Artes, o Instituto de Arquitetos do Brasil e o Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, alem da velha Academia Imperial.

a) O Museu Nacional de Belas Artes, criado com esse carater o ano findo, resultando das coleções que compunham a antiga Pinacoteca, começa a organizar-se em 1938, melhorando as condições de sua sede, restaurando, adquirindo e classificando telas e ampliando seu raio de ação sobre o pùblico. Dirige-o o pintor Osvaldo Teixeira. Alem da cooperação que prestou na organização do Salão Oficial, a direção do Museu ofereceu ao público a sua primeira exposição especializada, denominada "A mulher brasileira na pintura universal"; constitue, ao lado do interesse artístico, curioso repositório de algumas das figuras de maior evidência dos meios sociais e artísticos, com a indumentária de cada época, revelando a variedade de tipos étnicos, comum nos povos de caldeamento. A Condessa de Iguassù, a Viscondessa de Cavalcanti, sua filha Stela, a Sra. Teixeira Leite Haritoff, a Baronesa de São Joaquim, a Sra. Sidon (modelo do quadro "Más Notícias"), a escultora Nicolina Pinto do Couto, a Sra. Pedro Américo (modelo do quadro "D. Catarina de Ataide), as Sras. Chambeland, Sílvia Meyer, Maria Portinari e Haydée Santiago aparecem na Exposição, através de telas assinadas respectivamente por Ferdinand Krumbholtz (austríaco), Bonnat (francês), Amoedo, Visconti, Pedro Américo, Chambeland, Artur Timóteo, Portinari, Santiago, alem de retratos femininos, firmados por Teruz e Galvão. Nesse gênero de exposições, muito poderá fazer o Museu, não só com o que possue, como com o que pode solicitar dos colecionadores: assim servirão provavelmento de temas *a proximas exposições a paisagem brasileira, o episódio histórico na pintura, o motivo bélico, as cenas típicas do povo, alem de outros. Tais exposições servirão de elementos subsidiários a estudos relativos ao país, à sua gente, a seu espírito religioso.*

b) A Associação dos Artistas Brasileiros, fundada em 1929, por Navarro da Costa, é sem favor, a mais dinâmica das instituições no gênero. Em sua sede, no Palace Hotel, as exposições se sucedem, de quinze em quinze dias, desde o primeiro até o ùltimo dia do ano. De pinturas, de esculturas, de cerâmicas, de arquitetura, de urbanismo, de fotografias, de gravuras, de desenhos — tanto de artistas consagrados como de estreantes ou novos, tanto de modernos e revolucionários como de acadêmicos e clássicos. Aquella Associação adotou, ao fundar-se, o lema que até hoje cumpre: "deve ser assegurada a liberdade de criação artística". Equivale dizer: não conhece escolas artísticas mas apenas a qualidade da produção; repete o perigo das deliberações facciosas de juri; não transfere a comissões julgadoras a responsabilidade de uma obra de arte, responsabilidade que deve residir, exclusivamente, no seu autor; só reconhece como legítimo o debate franco dos comentários da im-

prensa, de visitantes, de críticos, de estudiosos, a-pesar-de suas controvérsias e divergências, uteis ao esclarecimento da opinião pública. Graças a essa mentalidade, muitos artistas novos e muitos frequentadores teem alcançado alí uma orientação mais feliz, sem qualquer forma de imposição; teem encontrado naquele ambiente oportunidades de estímulo, de progresso, de revisão. Assim prossegue a Associação dos Artistas Brasileiros suas atividades em artes plásticas, ao lado do que realiza em letras, música, teatro e cinema, procurando congregar todas as artes e os seus intérpretes ou criadores, num convívio reciprocamente vantajoso. Em outubro de 1938, o Sr. Fernando Guerra Duval me sucedeu na presidência da Associação, a qual ocupei durante cinco anos. O ano registrou, nas galerias do Palace Hotel, as seguintes exposições individuais: de pinturas — Vicente Leite, Manuel Faria, Euclides Fonseca, Manuel Constantino, Sara Vilela de Figueiredo, Olga Mary Pedrosa, Raul Pedrosa, Gilberto Trompowsky, Dimitry Ismailovitch, Maria Margarida de Lima Soutelo, Helena Teodora Karpowska, Renée Lefrevre, Eduardo Malta, Percy Lau e Julio Sena; de arquitetura — Fernando Valentim do Nascimento; de urbanismo, plano da cidade de Goiânia; de fotografia— Fernando Guerra Duval, Luiz Paulino Soares de Souza, Moacir Alves, Nicolau Barbeito Corredera, Euclides Borba, Djalma Gáudio, Flávio Goulart de Andrade, M. Dias da Cruz e Gustavo Rheingantz; houve, ainda, a exposição de arte moderna francesa (originais e estampas), a de arte japonesa e a de Mesas Floridas, três acontecimentos de marcada repercussão.

c) A Sociedade Brasileira de Belas Artes, é atualmente dirigida pelo Professor Castro Filho e continua como sociedade de classe na defesa dos interesses dos artistas, tendo promovido algumas interessantes excursões entre pintores, com o objectivo de fixarem, num ambiente de boa camaradagem, aspectos naturais.

d) O Instituto de Arquitetos do Brasil, está sob a presidência do Professor Nestor de Figueiredo. Exerce rigorosa vigilância na defesa dos interesses da classe que representa e, neste ano de 1938, interveio, com êxito, na organização e julgamento de vários concursos públicos, imprimindo-lhes normas que asseguram aos arquitetos predomínio nas decisões. Essa atitude contribue para valorizar a missão do arquiteto, e, em consequência, para desenvolver a arquitetura em nosso país, onde as construções eram habitualmente entregues a mestres de obras.

e) o ensino das artes se processa simultaneamente na Escola Nacional de Belas Artes e no Instituto de Artes, aquela da Universidade do Brasil, este da Universidade do Distrito Federal. A Escola conserva sua organização clássica e se orienta dentro de um sentido acadêmico. O Instituto, ao contrário, apresenta uma organização bem mais flexivel, com cursos de arte de maior oportunidade: a pintura mural, a escultura monumental, o urbanismo, as artes industriais, constituindo objeto de cursos, em diferentes planos e niveis. A Escola é atualmente dirigida pelo Professor Augusto Bracet e o Instituto pelo Professor Mário de Andrade.

OS SALÕES DO ANO:

O primeiro Salão do ano foi o "10° Salão dos Artistas Brasileiros", transcorrido no Palace Hotel e promovido pela Associação dos Artistas Brasileiros. Desde o primeiro da série, que teve lugar na Biblioteca Nacional, há dez anos, esse salão anual nunca sofreu qualquer interrupção. Presidiu a sua organização o critério adotado em todas as realizações da Associação dos Artistas Brasileiros, a que nos referimos linhas acima. O Salão Paulista já é bastante conhecido dos artistas do Rio. Vários enviam obras para aquele certamen, constituindo mais oportunidade de expansão das obras de arte e melhor conhecimento dos artistas do país.

Com a Feira Internacional de Amostras, do Rio-de-Janeiro, realizou a Municipalidade o Salão Carioca. Nele expuzeram artistas de di-

Olga Mary — "Ponte do Rio d'Ouro"

Ismailovitch — "Procopio"

Maria Margarida — "Greve"

Salão Nacional de Belas Artes — Duas de suas galerias

ferentes tendências, havendo vários trabalhos de temas da cidade e de sua história. Foi seu organizador o pintor, escultor e ceramista Euclides Fonseca.

Nos últimos meses do ano, teve lugar o Salão Oficial, com o título de "XLIV Salão Nacional de Belas Artes", nas Galerias do Museu, organizado por uma comissão composta dos professores Osvaldo Teixeira, Correia Lima, Marques Júnior e Carlos Leão. As obras expostas se dividiram pelas seções de pintura, escultura, gravura, desenhos e artes gráficas, arte decorativa e arquitetura, sendo que a principal pelo número e qualidades dos trabalhos é a de pintura, sempre a mais concorrida. Uma feliz iniciativa dos organizado-

1) "Papoulas", de Gilberto Trompowski; 2) "Tamandaré" e o escultor Leão Veloso; 3) "Painel", de Euclides Fonseca.

res foi a de dar às salas que compõem a galeria os nomes de alguns artistas consagrados, dentre eles, Almeida Júnior, sem dúvida o maior pintor brasileiro dentre os falecidos. Figuram, com o interesse de sempre, na exposição, Lucílio de Albuquerque e Georgina de Albuquerque; com aquarelas muito simples, Moacir Alves; com uma natureza morta e umas magnólias, de rara finura pictórica, Aluízio Bittencourt, que se incorpora aos mo-

dernos; com bem estudada paisagem de Santa-Teresa, tambem dentro de equilibrado espírito moderno, Rui Campelo; revelando grande finura de contornos a lembrar um certo japonismo, Franco Cenni, italiano; com uma cabeça de moça, orientada com segurança, Inez Costa; com uma paisagem arquitetural, o argentino Couce; com um aspecto da praça da República, bem entonado, embora sombrio, Milton da Costa; com lindas flores, alem dos velhos Arcos, Euclides Fonseca, que se repete na arte decorativa com as suas conhecidas ceramicas marajoaras, e se estréia na escultura, com o busto do Professor Portocarreiro; com um forte retrato, Ismailovitch; com uma curiosa tela historica, em que se veem vários grandes intelectuais brasileiros, componentes da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, Marques Júnior; com um bem entonado Luiz Edmundo, com um sério Sr. Américo Lacombe e com um alegre aspecto urbano do Rio, Jordão de Oliveira; dentro de seu sentido analítico, bem compostas, umas flores silvestres de Paulo Rossi; com uma paisagem e umas flores, Olga Mary, uma das mais bem orientadas pintoras da atualidade; com uma composição simbolista, Raul Pedrosa, que faz estilo no gênero; com três arrojadas paisagens, de vigoroso colorido, Maria Retschek, uma das revelações do ano, estrangeira que interpreta com rara felicidade a natureza do Brasil; com uma curiosa e fina cabeça, Cleo Romero; dentro de um estilo próprio, Santiago; em três aspectos harmoniosos, Haydéa; com uma de suas marcadas naturezas-mortas, Margarida de Lima Soutelo; com arrojado auto-retrato e duas paisagens, Takaoka, japonês, outra revelação do ano; no sentido da modernizada pintura antiga, Teruz; com um curioso retrato, Hilda Campofiorito; com esculturas, Bertazzon, bizarro em suas composições; Figueira, autor de uma bela cabeça de Mario de Andrade; o alemão Grossmann; Honório Peçanha, com uma moderna composição em granito da Tijuca; Leão Veloso, com um vigoroso Ramon Cárcano; Virgílio Silva, com "Samba", uma movimentada cerâmica; em artes decorativas, alem de Euclides, três bem trabalhados marajoaras de Maria Francelina; outros e outros, cujos nomes não nos é possivel registrar aquí já conhecidos com velha bagagem artística, a começar pelo ilustre diretor do Museu. O prêmio de viagem ao estrangeiro foi concedido ao Sr. Manoel Constantino, com um quadro de composição, intitulado "Tentação"; Bustamante Sá conquistou o de viagem pelo país. A grande medalha de ouro, em pintura, coube a Jordão de Oliveira; em arquitetura, a Atilio Correia Lima; e em artes decorativas a Euclides Fonseca. Houve outras premiações.

Embora dominantemente conservador, o Salão agasalhou tambem algumas expressões *modernas. E dentro dele já se verificam tendências? Eis uma pergunta dificil de responder-se. Ha várias diretivas bem marcadas, outras apenas delineadas. Há uma corrente que procura assuntos brasileiros. Há afinidades de técnicas que, no fundo, traduzem escolas, ou preferências. Há um grupo a Portinari, há outro a Santiago, há outro a núcleo Bernardelli, há outro a Cavaleiro... Sente-se, enfim, que os pintores contemporâneos estão influindo nos novos. Sente-se, ainda, que os que começam procuram bons caminhos na construção de suas técnicas. Isso tudo mostra como o meio pictórico se vai enriquecendo e tomando rumos mais definidos.*

O último Salão do ano foi o de Natal. Organiza-o há três anos, a Associação dos Artistas Brasileiros, em sua sede no Palace Hotel. Foi instituido a fim de oferecer uma sugestão de arte aos que procuram um presente de fim de ano, ao mesmo tempo que reune diversas criações artísticas tendo por temas os motivos de Natal. Quadros, estatuetas, cerâmicas, brinquedos, livros infantís, instrumentos de música, discos e inúmeros outros objetos compuseram o lindo Salão. Ano a ano, essa iniciativa da Associação vem sendo recebida com mais interesse pelo público intelectual do Rio.

O futuro palacio do Ministerio da Educação, em construção na Esplanada do Castelo

Edifícios e monumentos

Duas grandes contruções, ainda em andamento, marcam, para o ano de 1938, um sentido bem mais alto na arquitetura moderna no Rio-de-Janeiro: o Edifício da Associação Brasileira de Imprensa e o do Ministério da Educação, ambos na Esplanada do Castelo. O primeiro é da autoria de Marcelo e Milton Roberto, arquitetos vitoriosos no concurso de ante-projetos. O segundo é de autoria de um grupo de profisionais, contratados pelo Ministério da Educação, de que fazem parte Lúcio Costa, Carlos de Azevedo Leão, Oscar Niemayer, Afonso Reidy e outros. A futura sede da A. B. I. consubstancia a aplicação dos mais rigorosos princípios arquitetônicos em função do clima e da destinação, resultando do sistema de brise-soleil *empregado, uma apresentação curiosa para as fachadas do predio, cujas proporções constituem um modelo de equilíbrio clássico. Destinando-se a uma associação, que é, ao mesmo tempo, um clube, com vários serviços anexos, o prédio oferece singular riqueza de soluções, de andar para andar, em obediência ao espírito racional que lhe presidiu. Á sua semelhança, o edifício destinado ao Ministério da Educação tambem adotou os processos de defesa da insolação, usando de um sistema diverso de* brise-soleil. *A nota de particular interesse artístico nessa grande construção é a cooperação das demais artes plásticas, principalmente da pintura mural, no salão do Ministério. Èsse genero de pintura, quasi não praticado no Brasil, pela primeira vez está sendo feito com a pureza dos processos técnicos que o mesmo requer. Entregue a Cândido Portinari, pode-se dizer desde já que a obra que vem realizando é sem favor notavel. Os paineis, concluidos ainda este ano, realizados na própria parede, nela entranhados, com a ausência das perspectivas de quadros de cavalete, num jogo de cores valorizadas, no mais equilibrado espírito de composição, inscrevem na pequena história da pintura no Brasil, um capítulo de alta signi-*

ficação, senão mesmo o seu mais alto capítulo.

Entre as obras realizadas no anno de 1938, há igualmente duas que merecem menção: a da Policlínica, na Esplanada do Castelo, dentro da pureza arquitetônica em grandes massas, simples e harmoniosas — obra projetada pelos arquitetos Alcides da Rocha Miranda e Lélio Landucci — e a estação de passageiros no Aeroporto, uma das mais belas soluções da arte moderna, cujas paredes de vidro, oportunas e adequadas — fazem integrar o prédio na linda paisagem que o envolve. Essa obra, cuja simplicidade é a mais absoluta, demonstra um desinteresse, total pelo adorno aplicado, e nela tudo é por si mesmo uma agradavel festa para os olhos. Quanto a monumentos, o anno de 1938 foi pobre. Começou sob os écos da inauguração do belo monumento ao Almirante Tamandaré, trabalho de Leão Veloso, e se encerrou com a do monumento da "Retirada da Laguna", obra de um escultor que desapareceu tambem no último mês do ano, Antonio Matos, deixando uma obra expressiva. Há umas hermas novas no Passeio Público, sempre propenso a aumentar sua abundante população de bronzes. A mais nova figura daquele parque é o busto de Olegário Mariano, feito por Humberto Cozzo. A este se deve uma maquete, de rara beleza, com que concorreu a um concurso internacional. Outros trabalhos estão em execução, inclusive a estátua que Adriana Janacopulos realiza para a futura sede do Ministerio da Educação.

Urbanizações

O curso de urbanismo do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, primeira organização neste gênero no Brasil, deu, neste ano, a sua primeira turma. Isso constitue um grande acontecimento: dotar o país de técnicos devidamente formados, para uma atividade tão necessária. Foi professor chefe do curso o sr. Nestor de Figueiredo, cujo nome ficará ligado a esse movimento.

Na capital da República, alguns melhoramentos de urbanização marcam o ano de 1938: a demolição da Escola da Praça Onze e consequente ajardinamento do terreno, pequenas alterações em algumas ruas de maior movimento, como a Uruguaiana e a Treze de Maio, o alargamento da Estrada da Tijuca, alem de outras obras, que vieram contribuir para melhorar o tráfico e as perspectivas urbanas do Rio. Alem de Goiânia, a cidade nova do sertão brasileiro, a cuja obra se liga o nome dos engenheiros Coimbra-Bueno, outras estão passando por planos de remodelação, e vários planos de urbanismo foram estudados no correr do anno.

Arte e tradição

A tradição continua a ser cultivada no setor das artes. Essa reverência com o passado se processa de dois modos: ou descobrindo, arrolando, restaurando e divulgando os monumentos históricos, de valor artístico, ou procurando construir uma arte contemporânea dentro de motivos primitivos. Este é o caso de aplicação à ceramica dos temas marajoaras, o que vai em larga escala. Trabalharam nesse sentido com real interesse, os artistas Euclides Fonseca e Maria Francelina Falcão, alem do que a indústria em maior escala vai fazendo.

Dentro do primeiro sentido, é o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dirigido pelo Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, que vem realizando uma obra séria de pesquisa, documentação e classificação de monumentos. Alem desse trabalho contínuo, que hoje já se estende por muitos Estados do Brasil, e alem de restaurações levadas a efeito em vários monumentos; o Serviço mantem, em sua galeria da avenida Nilo Peçanha, uma exposição permanente, onde, por meio de fotografias e com outros recursos, vai mostrando ao público os primores e as curiosidades de nossa arte tradicional. Da segunda dessas exposições, aliás a última do ano, fez o Serviço imprimir um catálogo, com algumas indicações a respeito das obras expostas, muito es-

clarecendo, por essa forma, os frequentadores de exposição, sabido que é restrita a literatura a respeito. As igrejas tradicionais da Paraíba, do Piauí, do Pará, do E. do Rio, do Paraná, de Pernambuco, de São-Paulo, do Espírito-Santo e de Minas-Gerais, ao lado do Engenho-d'Agua, de Jacarepaguá, da Fortaleza de Paranaguá, da Fonte do Ribeirão, de São-Luiz, e da Fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo, constituem o material arquitetônico da última exposição e relacionam a arquitetura da época ao movimento religioso e às necessidades militares. São particularmente interessantes nessa exposição os documentos relativos à obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, da qual há três moldagens diretas, feitas por iniciativa do S. P. H. A. N.: a de Jeremias, uma das doze estatuas do Profeta esculpidas em pedra sabão e existentes no adro do Santuário de N. S. Bom Jesús de Matozinhos, em Congonhas-do-Campo; a de dois painéis dos púlpitos da igreja de São Francisco de Assiz, em Ouro-Preto, esculturas, tambem, em pedra sabão, executadas em 1771. Ao lado da moldagem de um dos painéis, figuram fotografias de vários aspectos dos dois púlpitos, a-fim-de dar uma impressão de conjunto da obra e dos pormenores das esculturas a que pertencem as partes moldadas. Essa iniciativa — a das moldagens dirétas — permite que o público do Rio tenha uma visão perfeita da obra notavel de Mestre Aleijadinho. Outros aspectos são revelados através de quadros de Ismailovitch e da Sra. Francisca de Azevedo Leão, dando, assim, a nota de cor, indispensavel ao conhecimento das cidades tradicionais do Brasil. Há objetos em prata, moveis, artefactos trançados, documentos da arte indígena, sendo de notar, a respeito dos moveis, o cuidado com que foram apresentados originais e fotografias, permitindo, a um simples confronto, distinguir os dois estilos expostos — o da época de D. João V. e o do período de D. José. Merece, tambem, uma menção especial, a documentação fotográfica relativa aos painéis que ornavam, antigamente, o Santuario de N. S. dos Prazeres, erigidos no local onde se feriram os combates contra os holandeses e representativos da batalha de Guararapes. São de autor desconhecido, mas foram feitos em 1801. Representam um interessantíssimo documento para a história da pintura no Brasil: o processo usado denota conhecimento de pintura mural. Merecem tambem referência algumas fotografias de construções civís, na zona urbana e rural, de pura expressão popular, colhidas em Livramento, Campo-Maior e Oeiras, no Estado do Piauí

Conclusões

O anno caracterizou um movimento mais sério em matéria de arte. Os artistas se vão orientando em melhor caminho. Elevou-se o número dos Salões. Inúmeras foram as exposições individuais. Realizou-se a mais grandiosa decoração mural feito no Brasil. Construiram-se alguns exemplares magníficos de arquitetura moderna. Revelaram-se grandes documentos da arquitetura tradicional. Cultuou-se a figura de um grande artista colonial. A própria cidade retificou sua urbanização em alguns lugares. Enfim, em todos os setores da artes plástica houve uma produção viva e animadora.

"TENTAÇÃO" — **M. Constantino** — Premio de Viagem de 1938

"PAI JOÃO" — Orozio Belém

O SALÃO DE BELAS-ARTES DE 1938

O êxito alcançado o ano passado pelo Salão Nacional de Belas Artes foi excepcionalmente notavel, mas a pesar disso não constituiu surpreza, pois não só a enorme concorrencia como a visivel emulação entre os artistas patricios tinham que ser consequencia natural dos estímulos que o Estado Novo vem oferecendo a todas as manifestações sadias de nossa cultura.

Por outro lado, um público numeroso como até então não havia afluido à velha e tradicional Escola de Belas Artes com-

Candida Menezes — "PRAIA VERMELHA"

pareceu, interessado, para admirar os trabalhos ali expostos, o que mostra que está havendo no seio da massa popular, melhor compreensão das obras e dos méritos dos artistas nacionais.

O Juri foi equanime e honesto, na concessão dos premios deste Salão, galardoando obras de reconhecido valor artístico e satisfazendo não só aos próprios concorrentes como ao publico que visitou aquela mostra de arte anual.

As telas que aqui reproduzimos são algumas das mais sugestivas e interessantes que compareceram ao Salão de Belas Artes de 1938, e entre elas estão algumas

Vicente Leite — "SERTÃO"

das que mereceram o galardão dos premios. A distribuição das principais laureas foi a seguinte: Premio de Viagem ao estrangeiro — pintor Manoel Constantino, autor de "**Tentação**"; Premio de Viagem pelo Brasil — pintor Bustamante de Sá, que apresentou **"Paisagens"**; Medalha de Ouro de Arquitetura — Atilio Corrêa Lima; e Medalha de Ouro de Artes Decorativas — Euclides da Fonseca.

Por votação entre os expositores, Osvaldo Teixeira conquistou a "Medalha de Honra" do Salão de 1938, distinção que ainda não fôra conferida pela nossa mostra máxima.

"CLARA" — Hernani de Irajá

O grande mensário ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA instituiu premios especiais de assinaturas anuais para as diversas secções, e estes couberam: Pintura — Heitor de Pinho; Escultura — Celista Vaccani; Gravura — Francisco Gomes Marinho;

"CABECEIRAS DO SANTA MARIA" — Levino Fanzeres

"PIABANHA" — Manuel Faria

Arquitetura — Atilio Corrêa Lima; Arte Decorativa — Candida Menezes; e Desenho — Gerson Pinheiro.

CASA DO POBRE
— Fernando Martins

"TRAPICHEIROS"
José Menezes

JESUS EM CAPHARNAUM

Téla de Rodolpho Amoedo

OS GRANDES PINTORES DO BRASIL

OS GRANDES ESCULTORES DO BRASIL

ÊXTASE

Trabalho de **I. B. Ferri,** medalha de ouro do Salão Paulista de 1935.

AS BELAS ARTES NO RIO GRANDE DO SUL

As belas artes no Rio-Grande-do-Sul vão, dia a dia, sendo enriquecidas com novos elementos, artistas modernos e vigorosos que, aos poucos, substituem os que se vão indo...

O ano de 1935 foi fecundo em revelações, graças a grande mostra de cultura da arte, reunida no Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário Farroupilha.

Surgiram, alí, nomes quasi desconhecidos e novos artistas, ao lado dos grandes mestres da pintura, da escultura, da arquitetura e da música.

VIVENDA COLONIAL (Porto-Alegre)
Oscar Boeira

A Escola de Belas Artes, hoje incorporada à Universidade do Rio-Grande-do-Sul, e em boa hora entregue a direção do prof. Tasso Correa — sem favor um dos maiores talentos artísticos da nova geração sul-rio-grandense, — é, presentemente, uma instituição vitoriosa, subtraida à decadência em que se ia lançando, com a criação de novos cursos e escolha concienciosa de professores quer de música, quer de teoria, quer de história da arte, de desenho, de pintura, de plástica em geral, e arquitetura.

Á MARGEM DO RIO NEGRO (Manáus) Oleo de Angelo Guido.

Prenuncia-se, dessa forma, ao Rio-Grande-do-Sul uma nova geração de artistas de verdade.

Atualmente, — tirando os que morreram, mas que ainda vivem pela arte que deixaram e pelos discípulos que fizeram, como Francis Pelichek, o grande Pedro Weingaertner, — pontificam, na pintura sul-rio-grandense, os nomes brilhantes de OSCAR BOEIRA, sem favor o maior dos nossos pintores, infelizmente um tanto... preguiçoso; ANGELO GUIDO, artista vigoroso, professor provecto, esteta e crítico de arte dos maiores do Brasil (1); NELSON BOEIRA FAEDRICH, moço inegualavel na arte decorativa, aquarelista dos mais primorosos; GUSTAVO EPSTEIN, aquarelista inconfundivel e retratista notavel; LIBINDO FERRAZ, o velho mestre de tantas gerações, de colorido vivo, paisagista delicado e fiel; LUIS MARISTANI, mestre notavel e AMALIA PASTRO MARISTANI, emérita pintora de flores; FRANCISCO e ARGENTINA BELLANCA, casal de artistas, como os Maristani, de incontestavel mérito, o primeiro no desenho, no retrato e na paisagem, a segunda, no retrato e natureza morta (flores especialmente); JOSE' LUTZENBERGER, caricaturista inconfundivel e delicioso, e animalista excelente; JULIO SCHMISCHKE, da escola alemã moderna; AFONSO SILVA; JOÃO FAHRION, moderno e vigoroso; ARMANDO NASTI, desenhista e iluminador; TRUDI BREDENDICK; REINALDO BLAUTH, ultra-moderno; EROS (Ernesto Bos), aquarelista amador de notaveis qualidades; LEOPOLDO GOTUZZO, o grande mestre; GUILHERME TESCHMEIER, retratista de valor; SOTERO COSME, o suave estilista, atualmente em París; o moço e vigoroso EDGAR KOETZ; JOSE' RASGADO, notavel figurista que, infelizmente, abandonou a arte mas é ainda, a pesar disso, relembrado com saudade e cari-

PREPARANDO A SAIDA
Aquarela de G. Epstein

"CABEÇA DE S. JOÃO BATISTA" — Aquarela de Nelson Boeira Faedrich.

nho; J. FARIA VIANNA, desenhista cujos retratos a nanquim e a lapis são primorosos e não menos bem trabalhados e inspirados seus quadros a óleo; FERNANDO CORONA, desenhista, escultor e arquiteto de qualidades invulgares, especialmente na iluminura; ADAIL COSTA, moço inteligente, com traços vigorosos e modernos, alem de muitos outros.

Na escultura, poucos nomes poderemos apresentar: FERNANDO CORONA, autor de grande número de peças notaveis, como "Máscara de Beethoven", a magnífica cabeça de "Carlos Gomes", bustos particulares como o do Dr. Fernando Osorio e "Meu amigo Santana", alem de outros trabalhos em fachadas de obras arquitetônicas, — pois Fernando Corona é tambem arquiteto dos melhores que temos, — entre estes merece menção especial o grande grupo que figura no

FLAMBOYANT
Libindo Ferraz

NO CAPÃO
Oleo de Oscar Boeira

imponente prédio do "Clube Comercial", de São-Gabriel. Não só o baixo relevo que foi executado por Fernando Corona em pessoa, como todo o edifício (este entre muitos outros) foi projetado por ele.

Alem de Corona, podemos mencionar mais

majestosa estátua equestre do general Bento Gonçalves da Silva, erguida em Porto Alegre.

NO BAR
João Fahrion (Desenho)

o sr. MARCOS BASTOS autor de obras de grande merito mas, a pesar disso, ainda pouco conhecido, pois nada, até hoje, executou.

Cumpre, porem, não esquecer o maior de todos: ANTONIO CARINGI atualmente na

HOMEM COM GALO
Julio Schmischke

FIGUEIRA ABATIDA

Oleo do Prof. Francisco Bellanca.

Europa (Alemanha), autor de várias obras de inconfundivel mérito existentes em parques e salões da Europa, como da grande e

Há, ainda, escultores que tiveram nome e muito fizeram, estando, porém, hoje, na mais triste decadência.

Outros, como Vitorio Livi, o vigoroso Arjonas, Walter Drechsler, Sanguin, e mais uns poucos, dedicaram-se, por completo, á "arte comercial"...

CARLOS GOMES

Fernando Corona (Auditório Araujo Viana — Porto Alegre)

Na música tambem, infelizmente, pequeno é o numero de artistas que possuimos, destacando-se entre eles: CÔRTE REAL (Antonio), violinista profundo; SOTERO COSME que, ao que parece, abandonou, pelo lapis, seu mágico violino, em París; ROBERTO EGGERS, maestro e compositor, autor da ópera regional OS FARRAPOS; VITOR NEVES, maestro e compositor, autor da ópera lírica, de motivos indígenas, em um ato, PONAIM; Maestros LAHOZ e JOSE' CORSI, regentes de grande capacidade; ANDRADE NEVES, compositor e flautista de mérito; LUIS COSME, compositor notavel, autor de "Mãe d'água canta" e "Salamanca do Jarau"; ASSUERO GARRITANO, de grande sensibilidade; maestro MAX BRUCKNER, regente; Prof. Schwarz, prof. Fest, e mais alguns poucos.

Deixamos, justamente, para o fim, os nomes inconfundiveis de MURILO FURTADO, compositor vitorioso, atualmente no Rio-de-Janeiro, autor de várias óperas, sinfonias e estudos executados com aplausos gerais, e J. OTAVIANO cujo nome é um padrão de glória da arte musical brasileira.

Entre os mortos, e como maior de todos, cremos, ARAUJO VIANA que é, na música, um nome nacional.

BENTO GONÇALVES

Estatua equestre. Obra do escultor Antonio Caringi

No canto, poderiamos alinhar uma série de nomes que se fizeram conhecidos e estimados no Estado. Fora do Rio-Grande, e no estrangeiro, conquistaram glórias Dona AMALIA

ESTUDO DE CABEÇA

Oleo de Argentina Pasquali Bellanca

IRACEMA, ZOLA AMARO, OLGA PEREIRA, BAPTISTA PEREIRA, e IRACEMA FOLADOR.

Poderíamos mencionar mais: Elsa Tschoepke, Branca Baggoro, Emilio Baldino, Hartlieb Lima, Meconi, e mais alguns poucos, que formaram o conjunto das "Noites líricas" sob a regência do maestro Roberto Eggers.

Esta, em poucas palavras e, certamente, com muitas falhas que declaramos involuntárias, a situação das Belas Artes no Rio-Grande-do-Sul, que, como dissemos, dia a dia se vão enriquecendo com novos artistas, modernos e vigorosos que bem alto, com os novos incentivos que a Arte vai tendo, poderão elevar o nome do "pagus" e da Pátria.

---

(1) Angelo Guido é, igualmente, etnólogo profundo e, no gênero, publicou O REINO DAS MULHERES SEM LEI (Mitos amazônicos), P. Alegre, 1937.

OSVALDO TEIXEIRA

Herculano Rebordão

Arte não é uma habilidade.

Habilidade é um manejo, todo externo, de *fazer*.

Entra nela tão somente um movimento quasi mecânico, como as engrenagens duma máquina, que *faz*, sem saber porque.

O verbo fazer é o estupido verbo da nossa época, porque é, d'entre todos, o mais materialista, o mais usurario, o menos iluminado verbo da vida.

Criar é o grande verbo.

E' o verbo da maternidade. E' o verbo de Deus.

Tudo o que é *feito* sem ser *criado* perece.

Sem a elaboração das seivas, não há flor.

No ventre das raizes é que está o gosto e o perfume dos frutos.

Faz-se uma flor de papel com a *habilidade* dos dedos. Mas é sempre áspera. Range ao nosso tacto. Não tem a graça misteriosa das mil pequenas *nuances*, em que o olhar repousa docemente, numa atmosfera macia de aromas e de côres.

A flor de papel não resiste ao tempo. Desbota.

Surge, com o triste destino das coisas votadas ao lixo.

A flor *criada* é a essencia que distingue e se guarda em redomas de cristal precioso; é o fruto que alimenta; é a semente que conserva a especie.

Em arte, há coisas *criadas* e coisas *feitas*.

Estas são puros *atos* manuais com um minimo de vibração psíquica, para não serem totalmente mecanicas; aquelas, movimentos íntimos de alma, partos duma génese tanto mais perfeita quanto mais participar da grande génese da criação universal.

O artista deve ser um reflexo de Deus, nos sete dias da criação, fixando, na vibratilidade dum momento, horas tão longas como a lonjura da vida, através dos séculos, em que o mundo viver.

Muitos habilidosos teem havido ao longo dos tempos.

Poucos os artistas que o tempo respeitou.

Estes são os que participaram do mistério divino da criação; os que ouviram o segredo etéreo do *fiat* que vibra, para certas almas eleitas, no acto transcendental da vocação.

Há, pois, arte de vocação — a verdadeira, a única arte.

Pouco importa que a mão se eduque pelo esfôrço da vontade e pelos ensinamentos catedráticos.

Insuficiente será o golpe de vista, adestrado e rápido, se o não iluminar o olhar de dentro, a visão de imponderavel.

Por isso é que, na grande massa humana, há tão poucos artistas, como há pouquíssimos iluminados.

A vocação é a claridade que define os contornos imateriais da própria alma, o *élan* psíquico que impulsiona as atividades criadoras, o desejo, em movimento, para a consecução inteligente de certos fins.

Eu sei que a vontade, bem conduzida e educada, pode às vezes levar o homem a realizar atos que não eram primitivamente apetecidos pelo sujeito, que não eram da sua *vocação*.

Pode mesmo executá-los, com destreza, sobretudo no ponto de vista das realizações puramente materiais.

Está aí um movimento todo externo: aí está a *habilidade*.

Mas, onde a vocação existir, aí existe tambem uma alegria absorvente, um delírio íntimo que é, em última análise, a estesia ou a paisagem de Beleza dentro de nós.

Por isso é que há sapateiros *artistas* e artistas *sapateiros*.

No dominio da Beleza não basta querer.

A vontade pode, nele, alguma coisa, mas é fraquíssima a sua atuação, se não o definir o indefinido, isto é, se o não agitar totalmente uma febre de visões e delirios.

Em arte, a vontade deve ser uma necessidade de realizar, um desejo de produzir.

Mas como força psíquica, no artista, ela é elemento de segunda ordem, no jogo das forças da alma.

Que importa a vontade de desenhar, se o motivo não tiver feito vibrar, primeiramente, a emoção, a sensibilidade?

Auto-retrato aos 18 anos de idade

Esse estado de temperatura psíquica, que obriga a desejar, antes de querer, é inato. Pertence ao influxo misterioso da concepção, ao sôpro divino da vida, ao Pentecostes sobre a cabeça dos escolhidos.

E' a vocação.

Osvaldo Teixeira é um caso de vocação.

Se o não fosse, a vida não o teria deixado ser o grande pintor que é hoje.

A vida foi-lhe madrasta e ele acarinhou seus maus tratos, quasi sem os sentir, no começo dos seus dias, quando os olhos se lhe batizaram numa outra luz, vedada aos olhos dos profanos.

Pisou as arestas lanceantes da sua primeira existencia, com o ritmo suave de quem passasse sobre tufos de lírios.

Não era a carne sangrenta dos seus pés que lhe doia: Era o perfume de rosais ignotos que o chamava. Mais poderosa do que a sua pobreza foi a mão da Arte que lhe acenava com bençãos e carícias, lá do fundo dos seus olhos de vidente.

Nesses êxtases precoces, farturaram-se-lhe as fomes e apagaram-se-lhes as sêdes da sua orfandade de pai e de pão.

O corpo é, em tais casos, um esquecido, um abandonado, quando, dentro dele, existe a chama duma forte pessoa espiritual.

O que havia, nessa meia duzia de anos de Osvaldo Teixeira, era o estigma duma vocação, mais dominadora que a fome da sua boca, quando a sua boca — algumas vezes — teve fome.

Banhado de sonho, coberto dos ouropeis magníficos da sua estesia cedo revelada, ele percorreu a via-crucis da sua meninice com a alegria de quem caminhasse para um Tabor de sagradas transfigurações.

Havia uma estrela, no fundo do seu horizonte espiritual. Para ela caminhou de olhos encantados, como um Apolo infante que procurasse, estesiado, a luz do seu próprio corpo nos espaços, onde ela se irradia. Em tais casos, a tristeza do corpo é a alegria da alma. As contingencias materiais da vida, nas pessoas estigmatizadas pela Beleza, tornam-se laudes ao sobrenatural, que desce à carne pela necessidade misteriosa de dar luz à noite tristíssima da vida.

A alegria do Pobre de Assis foi feita do trapo de burel, onde enrodilhou o corpo.

Tinha fome e cantava com os rouxinois das florestas.

Doente e mirrado, pedia, cantando, as chagas de Cristo, para iluminar o Alverne do seu físico combalido.

Por isso, São Francisco foi o mais esteta dos santos e o mais santo dos artistas.

Não há nada mais sublime do que a Cruz e quem nela se crucifica por amor da verdade.

A arte é uma verdade. A cruz é que a projeta da terra para o céu.

E' na dor que se elabora a alegria.

Foi na Dor do Calvário que se fez o Dia Magnífico da Ascenção, nesse cenário que Deus pintou, em maravilha, com todas as luzes de todos os tons.

Sem um Calvario era impossivel um Tabor.

Osvaldo Teixeira teve o seu calvario, antes de ter, como tem hoje, a já merecida fama do seu nome.

Quando veio do ventre à terra, era a casa de seus pais um lar remediado.

Não faltava pão, nem alegria de viver.

O necessario na arca, o bastante na dispensa e a graça de Deus no sorriso com que

"ULTIMOS RETOQUES" (GRANDE MEDALHA DE HONRA NO SALÃO OFICIAL DE 1938).

O seu último auto-retrato — 1937

seus progenitores bemdiziam, dia a dia; a saúde do corpo e a benção do trabalho.

Se não houve rendas de Bruges no seu berço de menino, tambem não houve o desaconchego dos desgraçados maltrapilhos.

Para o primeiro gesto da sua mão, teve um brinquedo.

Para a primeira compreensão do seu olhar, uma infinita caricia que lhe vinha do sol, nos mil sortilégios dourados em que a Natureza lhe brincava nos olhos.

Saiu do berço com um lápis na mão.

Aos três anos de idade, não brincava como as demais crianças.

Rabiscava, sobre bocados de papel, adrede arranjados, as mil garatujas imprecisas, ao sabor duma força ultra-menina que se fez criança, para crescer no corpo de Osvaldo Teixeira.

Contou-me sua Mãi que, naquela idade, todas as suas pequenas impertinencias eram facilmente resolvidas: Um lápis e bocados de papel entretinham-no, horas inteiras.

"Ao lado — contou-me ela — punhamos-lhe um pequeno açafate de verga, para ir depositando a *Obra* produzida."

"A sua maior alegria — continua — era, cheio o açafate, lançar, duma janela, toda aquela papelada multicolor e vê-la desaparecer, levada pelo vento, por sobre os telhados visinhos, ou no cotovelo das esquinas, para, depois, voltar à azáfama da sua febril *produção.*"

Inconciencia de três anos de idade?

Sem dúvida.

Mas quanta predestinação não se desenha, às vezes, no gesto inconciente duma criança!

E que é inconciência senão uma ciência adormecida, sonâmbula ou então, pequenina, do tamanho, neste caso, duma criança de três anos de idade?

O que é certo é que simbólica foi, sem dúvida, a forma de brincar do Pintor Osvaldo Teixeira.

Aquela pré-estesia havia de ser, poucos anos mais tarde, revelada pujantemente nas primeiras obras do artista.

Ganhando as luzes da sua razão, ela se

transformou na unica e absorvente preocupação da sua vida, numa volupia espiritual de planos, luzes, sombras e perspectivas, em que o mundo e todas as suas coisas se plasmaram nos seus olhos, para que as suas mãos as plasmem, na tela, na ordem vibratil da criação

"Ao Principio era o Verbo e o Verbo se fez Carne"...

Ao princípio era a Inconciência e a Inconciência se fez Arte, plena de força e de glória, quando a sua vocação incarnou na inteligência do Artista...

E assim como outrora, o vento levava os farrapos de papel, onde a mão frágil dum menino riscou seus entreténs pueris, hoje tambem a sua pintura, que se conta por centenas de trabalhos, é levada pela fama e pelo mérito, espalhando-se pelos roteiros do mundo.

Com a morte do Pai, Osvaldo Teixeira, menino ainda, conheceu todas as dificuldades que a vida pode reservar a alguem.

Teve fome e rotos sapatos que iludiam a sua elegancia natural.

Mas venceu.

Aos onze anos já trabalhava como ilustrador de revistas e jornais.

Foi sua a mais consagradora exposição que uma criança já fez em qualquer tempo.

Seus foram tambem todos os premios do salão oficial, numa idade em que os outros se iniciam.

Da pintura tem feito a sua vida, exclusivamente.

Osvaldo Teixeira, esse descendente de Velasquez, pelos Rodrigues da Silva, tem casa e pão, filhos e Arte pela vocação total e absorvente da sua vida.

Um recanto do "Studio" do pintor Osvaldo Teixeira

O ANO MUSICAL

Paulo Silva
(Catedrático da E. N. M. da Universidade do Brasil)

A falta de ambiente musical está nos dificultando a educação e pode desestimular os artistas, sobretudo, os compositores. Temos escolas e departamentos de música, com programas suntuosos, títulos pomposos e muita teoria espalhada em artigos e conferências, mas em matéria de realizações práticas longe estamos de possuir o mínimo exigido pelas nossas necessidades culturais.

A inexistência de orquestras sinfônicas nos confirma o asserto. A orquestra do Municipal, que, graças à vigilância do regente Spedini, se tem mantido digna do conceito em que é tida, ocupa-se quasi que exclusivamente com o repertório de óperas.

Compositores como Francisco Braga, Assis Republicano, Leopoldo Miguez, Henrique Oswaldo, Alberto Nepomuceno e muitos outros, cuja produção já prestigia sobremodo nossa literatura musical, estão a pique de serem olvidados, porque não se realizam concertos sinfônicos em que suas obras sejam executadas.

E' certo que de longe em longe nos ocorre a oportunidade duma audição sinfônica. Mas quasi sempre sem objetívo educativo; nem ao menos obedece à orientação de contemplar todos os nossos valores, dando-lhes azo a que possam, pela observação do feito, empenhar-se em acometimentos outros, aperfeiçoando a técnica e aprimorando a sensibilidade. E isso é grande obstáculo ao enriquecimento de nosso patrimônio artístico.

A Sociedade de Concertos Sinfônicos, que sob a douta direção do maestro Francisco Braga, faz tempo, nos proporcionava boas e instrutivas audições, assim como os concertos educativos que nos ofereciam a Filarmônica e a própria orquestra do Municipal, infelizmente já não existem mais.

Uma das tristes consequências dessa situação já se vem observando nas audições sinfônicas. Ao primeiro concerto realizado no Municipal em homenagem a O. Respighi o povo, desabituado dessas manifestações artísticas, recusava-se a assistir, mesmo de graça. Até mesmo os estudantes de música, párece não morrerem de amores pelos concertos sinfônicos. No concerto oferecido aos membros do Congresso Pan-Americano pelo Sr. Ministro da Educação e Saude, por intermédio da Escola Nacional de Música, foi tão impressionante a ausência do Corpo Discente que o atual Diretor julgou de seu dever dirigir um bem fundamentado apêlo aos alunos para que tal fato não se reproduzisse.

O primeiro desses concertos constou de músicas exclusivamente do homenageado, entre as quais figurava o admiravel poema sinfônico *I Pini di Roma*. Regeu-o o maestro Guarnieri. A orquestra esteve boa.

No 2.º concerto apresentou-se o seguinte programa que obedeceu à regência do maestro F. Mignone:

"Variações sobre um tema brasileiro" — Francisco Braga; "Lenda de Caboclo" — V. Lobos; Protofonia do "Guarani" — C. Gomes; "1.ª Fantasia" para piano e orquestra — F. Mignone; (Solista A. Estrela); "Prelúdio" — S. Lima; "Toada à moda paulista" — C. Guarnieri; "Dansa do Chico Rei" do Maracatú de F. Mignone. Teve boa execução.

A S. A. Teatro Brasileiro, tambem sob a segura batuta do maestro Guarnieri, realizou um concerto em cujo programa se viam entre outras obras, a 5.ª *sinfonia* de Dvorak, *Prelúdio e Morte de Isolda* de Wagner e a *Sinfonia Inacabada* de Schubert.

A ópera continuou a ter as preferências dos melômanos. Não se registrou novidade alguma. Representaram-se, com artistas nacionais: *Lo Schiavo, Cavalaria Rusticana, Pagliacci e Rigoletto*. O poeta Paula Barros deu-nos versões para o português de trechos da *Jupira* de Francisco Braga e do *Escravo* de C. Gomes, das quais se fez uma audição no Salão Leopoldo Miguez.

A música de câmera teve movimento regular e bastante auspicioso.

O professor Chiaffitelli proporcionou-nos um belíssimo recital de violino, a Academia Brasileira de Música e o Centro Artistico Musical realizaram bons concertos. Dentre os

Prof. maestro José Siqueira, Catedrático de Harmonia elementar e noções de contraponto e instrumentação na Escola Nacional de Música.

daquela cumpre destacar, pelo valor da composição, o em que se ouviu o concerto de Bach para dois pianos e instrumentos de arco. Os Srs. A. Rebelo e M. de Azevedo foram os pianistas.

O professor Chiaffitelli regeu-o.

A Cultura Artistica apresentou o pianista José Iturbi; o maravilhoso *virtuose* do violino Lino Francescatti e o abalizado mestre do teclado T. Teran que sempre encanta pela excelência da técnica e delicadeza da interpretação. Marian Anderson, com sua voz privilegiada e sutilíssima arte, empolgou e cativou o público do Municipal em magníficos recitais. Nossa inegualavel Guiomar Novais confirmou a justa e merecida fama de artista de escól apresentando em finissima interpretação, obras dos mais eminentes compositores.

Fato a todos os títulos relevante verificou-se com a apresentação do jovem compositor José Siqueira — catedrático de harmonia da Escola Nacional de Musica, por concurso de títulos e de provas. Para quem lhe assistiu a toda série dos tres concertos nos quais figuravam varios gêneros de composição, não foi difícil, notar-lhe o extraordinário progresso, especialmente nas músicas para piano cuja escritura é reveladora de excelente técnica. José Siqueira é bastante inspirado; suas idéias são claramente expostas e submetidas a um desenvolvimento lógico, interessante e sempre muito atraente. Desse artista muito nos é dado esperar; não é felizmente um curioso que compõe, mas um compositor que, alem de pronunciada tendência para o compor, possue fartamente todos os recursos de seu *métier*. Pena é que o Governo não o mande à Europa.

O maestro Antonio Silva laureado com medalha de ouro pela Escola Nacional de Música, organista titulado da igreja de São Francisco de Paula acaba de prestar importantíssimo serviço à nossa educação musical com os Concertos Populares de Música Sacra que vem realizando na referida igreja. Estudantes e público da boa música terão assim ocasião de conhecer as grandes obras da música sacra através da sadia interpretação dum músico culto e competente.

Prof. Antonio Leopardi, Catedrático de contrabaixo da Escola Nacional de Música.

Corbiniano Vilaça, desenho do grande A. S. Forrest, a bordo do "Araguaya", em 1911.

O primeiro desses concertos realizou-se no dia 21 de julho com o seguinte programa:

Frescobaldi — Tocata e fuga em lá; Bach — Tocata e fuga em ré; Lemmes — Fanfarra; Francisco Braga — Improviso; Vierne — a) Scherzeto b) Elègie c) Carrillon de Westminster. A' excelência do programa é digna do mestre que o organizou. E' o caso de dizer-se *dido gigans*.

O 1.º semestre encerrou-se com chave de ouro. Antônio Leopardi catedratico de Contrabaixo na Escola Nacional de Música, por concurso de títulos e de provas, com o elevado objetivo de evidenciar os recursos do instrumento que toca com invulgar maestria, ideou e realizou com êxito extraordinário, no Salão Leopoldo Miguez um recital de dificílima execução. Basta dizer que do programa faziam parte as 3 "Variações sobre o tema de Paisiello *Nel cor piú non mi sento*", o grande "Duo Concertante" para violino e contrabaixo com acompanhamento de piano de G. Bottesini e o Concerto de D. Dragonetti — Nanny. Só mesmo um *virtuose* de sua estirpe poderia ousar empreendimento de tanta monta.

A todas as dificuldades vencia o recitalista com admirável segurança.

Nas peças em que o fraseado expressivo se impunha, o contrabaixo, qual violoncelo apaixonado, emitia as sucessões de notas que, dirigidas por uma interpretação discréta, deliciavam e faziam delirar os muitos auditores que enchiam o Salão de Concertos da Escola Nacional de Música. Muito seria de desejar que o gesto do abalisado professor fosse imitado pelos colegas. Talvez certos instrumentos tidos como desprovidos de meios para expressar a música nos seus mais delicados aspéctos fossem rehabilitados e a eles recorressem os nossos compositores, felizmente já em número bastante significativo.

Notavel pela beleza e magna significação social, foi a expressiva manifestação que em boa hora se fez ao ilustre maestro Francisco Braga por ocasião de seu aniversário. Instituições musicais oficiais ou particulares, colegas, discípulos, amigos e admiradores do preclaro mestre — todos levados pelo mesmo sentimento de gratidão — contribuiram para tão eloquente expressão cordial. Na Prefeitura inaugurou-se-lhe o retrato numa das sa-

Maestro Francisco Braga, orgulho de nossa cultura musical.

Hilda Maria Saraiva

las da S. E. M. A., discursando por ocasião o Dr. Cassanta.

O Orfeão dos professores, em ofício religioso que mandou se lhe fizesse em ação de graças, cantou-lhe a Missa em Sib, finíssima obra de arte religiosa.

A Sociedade Propagadora da Música, de que é fundador e orientador, dedicou-lhe um concerto unicamente de composições suas.

A Congregação da Escola Nacional de Música, por unanimidade enviou-lhe felicitações; vários amigos tomaram o encargo de promover a impressão dalgumas de suas composições e o artista Corbiniano Villaça encomendou ao ilustre escultor, Mazzuchelli uma herma que breve será colocada em lugar digno do patrício que de maneira tão intima tem seu nome ligado à cultura musical de nosso País.

Foi bastante intenso o movimento do segundo semestre de 38. Infelizmente não nos foi possivel, como era de nosso desejo, dar notícias de todos os fatos ocorridos em nossa vida musical. Contudo mencionaremos os seguintes: — A notavel pianista Vitalina Brasil realizou com extraordinario êxito vários concertos em Buenos-Aires. Parabens à artista patricia que desse modo nos prestou relevantes serviços, prestigiando-nos como país de boa cultura.

Liege Aurora extreou como concertista, apresentando um belo e bem organizado programa que lhe valeu muitos aplausos. Os acompanhamentos ficaram a cargo da jovem professora Francisca Araujo que se houve com maestria.

Em recital realizado na Escola Nacional de Música, a senhorita Hilda Maria Saraiva, com excelente técnica e muita expressão interpretou, entre outros autores, Mendelssohn, Vitali e Wienniawsky. A violinista foi entusiasticamente aplaudida pela assistência.

A professora Marieta Barroso, catedrática de canto da Escola Nacional de Música, em

Rafael Batista, Maestro-regente diplomado pela Escola Nacional de Música.

recital dado no Salão Leopoldo Miguez, reafirmou sua justa fama de cantora emérita.

———

Maria Regina, na Escola de Música, Helen:nha Cunha, na Associação de Artistas Brasileiros e Rosina Rimini, no Teatro Municipal, aquela tocando piano e estas cantando, maravilharam o público não só pela perfeição no desempenho dos difíceis programas que apresentaram, como também por tratar-se de artistas de 9 e 10 anos de idade.

Wilma Graça é outra grande artistazinha que num recital de piano em benefício da Matriz de Santa Terezinha, mostrou qualidades raras de pianista.

———

Zuleika Margarida celebrou as bodas de prata de seu pais, na igreja de São Francisco de Páula, executando uma missa, para orquestra, orgão e côro, por ela composta especialmente para o ato. E' um bom trabalho; tudo nele revela talento e estudo bem orientado, cujos frutos, virão, em futuro bem próximo.

———

Rafael Batista, compositor diplomado pela Escola Nacional de Música, discipulo do grande mestre Francisco Braga, apresentou sob sua regência, na S. P. M. O. várias de suas composições, todas muito inspiradas e bem feitas.

———

Os artistas Iolanda França Moreaux, M. Kroyt, pianistas, e H. Koelireuter, flautista, levaram a efeito na Escola Nacional de Música, um concerto de sonatas no qual tiveram judiciosa interpretação Chopin, Bach e Hindernith.

———

A Sociedade de Intercâmbio Musical não poupou esforços na organização de seus concertos. Entre outros mestres deu-nos Lerosi, Cesar Franck, Brukner, Beethoven, Lalo, Bach e Cesar Cui.

———

O Centro Artístico Musical também apresentou bons concertos.

———

O professor Hans Joaquim Koelireuter realizou, com a colaboração do violinista Clodomir Miranda, do pianista Egídio de Castro e Silva e do acompanhador Krogt, um ciclo de obras primas de J. S. Bach e seus filhos.

———

A Cultura Musical continuou a oferecer a seus associados excelentes concertos. Em dois desses, o Mestre Bachkaus executou, com muita arte, algumas das sonatas de Beethoven.

———

A Associação de Artistas Brasileiros realizou um concurso de piano no qual sairam, vitoriosos: Honorina Silva, Ana Cândida de Morais e Mario de Azevedo, respectivamente com 1.º, 2.º e 3.º prêmios. A peleja foi interessante e, sobretudo, proveitosa; pois deu azo a que o publico conhecesse a muitos dos nossos pianistas de indiscutível valor.

———

A professora Carlinda Filgueiras Lima Costa, docente livre da Escola Nacional de Música, deu, no Salão Leopoldo Miguez, várias audições de canto, declamação e de canto coral.

———

A Sociedade Propagadora de Música Sinfônica e de Câmera apresentou-nos a violinista Iolanda Peixoto com o concerto em ré m. de Wiemnawsky; Ivy Improta com o concerto em ré para piano, de Mozart, Haydn, Schumann, Borodini e Rossini; cantada pelo soprano Lais Wallace a musica brasileira estava representada pelo professor J. Vieira Brandão, de quem se ouviram *À sombra verde dos coqueiros, Prequeté* e *Uiaras,* composições que foram delirantemente aplaudidas.

———

Grande acontecimento, pelos efeitos produzidos, foi indiscutivelmente a missão do pro-

Hilda Reis

fessor O. Lorenzo Fernandez junto às nações sul-americanas, como foi a da pianista Vitalina Brasil, a dos regentes Burle Marx e Francisco Mignone.

O Brasil tornou-se melhor conhecido e recebeu na pessoa de seu digno representante excepcionais homenagens. Ao conhecido professor, cabe, pois, pelos feliz êxito do empreendimento, os mais ardorosos elogios. Só lamentamos — e sinceramente — que o senhor Fernandez não houvesse divulgado muitos de nossos melhores compositores, como sejam: Assis Republicano. Otaviano Gonçalves, Paulino Chaves, A. Franca, Glauco Velasques, José Siqueira, Araujo Viana, Hostilio Soares, Vale, Deolindo Fróes, Carlos de Mesquita e muitos outros.

Francisco Manuel tem no Sr. Agostinho de Almeida um zeloso procurador. Onde quer que se observe a menor deturpação na obra e até mesmo na história do venerado maestro patrício, aí estará o Sr. Agostinho, munido de documentos, a argumentar, forte, com a vantagem do perfeito conhecedor do assunto, para que tudo fique perfeitamente esclarecido e absolutamente em seus justos lugares. Nesse afan, digno de encômios sob todos os aspéctos, acaba o Sr. Agostinho de promover às suas expensas, a gravação do Hino Brasileiro em conformidade com o que determina a legislação vigente, e a os hinos da coroação e da guerra. E' sem dúvida, um prestimoso serviço, pelo que lhe ficarão gratos todos quantos se interessam pelo prestígio da música brasileira.

A professora Zila Brito de Moura, deunos, na Escola Nacional de Música, uma audição de seus alunos, na qual se lhe evidenciaram a excelência do método e a dedicação com que exerce o magistério.

Lucienne Tragin, a exímia soprano que tão proficientemente interpretou *Melisande* de Debussy, na última temporada lírica, num con-

Santino Parpenelli

1º Premio de Violino na Escola Nacional de Música. Classe da professora Paulina d'Ambrosio.

Odete Corrêa de Azevedo

1º Prêmio Medalha de Ouro por unanimidade, de 1938. Classe da professora Alcina Navarro de Andrade.

certo de obras de Mozart e de Ravel, patenteou sua finíssima arte, onde a correção pelo apuro e a graça pela distinção, num justo equilibrio, dominaram, maravilhando e seduzindo. A notavel cantora teve o concurso do maestro F. Mignone no piano, professor A. Gomes no violoncelo e do professor Moacir Zizerra na flauta.

O orfeão dos Apiacás, constituido de cerca de 50 meninos, sob a direção da professora Lucília V. Lobo deu algumas audições no Salão Leopoldo Miguez. Todas muito apreciadas e realizadas com muito carinho e boa compreensão.

Enio de Freitas e Castro, pianista compositor e professor de harmonia, contraponto e fuga no Instituto de Belas Artes da Universidade de Porto-Alegre, é um animador pertinaz de nossa cultura musical. Dirige, com grande eficiência a Associação Rio-Grandense de Música, compõe, faz comentários das músicas a serem executadas e colabora em várias revistas musicais. E' tão raro desses valores!

Coisa de bastante vantagem para apurar o gosto artístico do povo, foram, certamente, os concertos promovidos pelas Bandas de Música militares na Feira de Amostras. Os mestres tenentes Adelgício Corrêa e Antônio Francisco dos Santos destacaram-se nesses certames pela organização dos programas nos quais se dedicou grande parte à música brasileira.

Tambem de boas consequências educativas foi o concurso de Bandas realizado em Petrópolis, em 15 de Novembro. Apresentaram-se três bandas: Clube Euterpe, sob a regência do Sr. Altivo Barbosa; 1.º de Setembro, sob a regência do Sr. Martiniano Morais; e, finalmente, a Comercial, sob a re-

Gilta H. de Medeiros

Marina Ribeiro de Medeiros

gência do Sr. Gabriel Castelo. Obteve o 1.º prêmio a Banda Comercial, e em 2.º lugar ficou a Banda 1.º de Setembro.

Sob o patrocínio da Escola Nacional de Música realizaram-se, no Salão Leopoldo Miguez, audições de grande proveito para o ensino, porque ensejaram a que alunos e recem-diplomados se habituassem a apresentar em público. Sobre isso, são, em muitos casos, valorosos estímulos para um estudo cada vez mais acurado. As audições constaram de exercícios práticos, recitais de alunos e ex-alunos e de concertos. Merece realce especial pelas consequências frutuosas, a apresentação da compositora Hilda Reis, dos Regentes Cleofe Person de Matos, Florencio de Almeida, Otavio Maul e dos ex-laureados Edith Reis e Santino Parpinelli, violinistas; Odete Corrêa de Azevedo, Gilta Henault de Medeiros e Maria Antonia Vieira, pianista; e a das cantoras Marina Ribeiro de Medeiros e Liberato Navarro. Todos revelaram ótimas qualidades artísticas. Hilda Reis apresentou o 1.º tempo dum quarteto de cordas, uma sonata para violino e piano, um trio e músicas para canto e para piano. São obras interessantes e inspiradas; nunca lhes falta a fantasia, mas carecem de técnica melhor cuidada. A autora deve, por isso, dedicar-se mais à prática de fugas e à observação inteligente de obras de mestres consagrados.

Marina Ribeiro de Medeiros, dotada de excelente voz, cantou com elegância e muita correção.

O abalisado professor Guilherme Fontainha teve em Maria Antonia Vieira mais uma esplendida confirmação da excelência de seu seguro método de ensino de piano.

Gilta Henault de Medeiros, discípula do provecto mestre Rossini de Freitas, interpretou com brilhantismo um programa de peças dificílimas.

Outro fato de maior relevância, pelas altas finalidades educativas, foi a realização de concertos sinfônicos que, graças a grandes esforços do regente H. Spedini, a Secretaria de Instrução, franqueou ao público. Apesar de iniciados sob os melhores auspícios, a série

Elisa Naiberger

1º Premio de piano na Escola Nacional de Música. Classe do professor J. Otaviano.

Ruth Reis

que era de 8 concertos ficou, infelizmente, reduzida aos 2 primeiros. Isso porque, segundo se afirmou, a Sra. Bezansoni pediu a orquestra para dar espetáculos líricos ao ar livre. Lamentável providência, porque alem de não corresponderem tais espetáculos às exigências da arte, por causa da deficiência de acústica, repetem coisas, belas na verdade, mas demasiadamente conhecidas de nosso público. Quem não ouve todos os anos, senão em teatro ao menos pelo rádio, *Aida, Trovador, Traviata, Cavalaria Rusticana* e caterva? Ao passo que os concertos sinfônicos são necessidades que se impõem de manifesto em prol do desenvolvimento e aperfeiçoamento de nosso gosto artístico. Ademais, são tão raros! Nos dois concertos aludidos só figuraram compositores brasileiros. Tivemos o sumo prazer de ouvir sob a direção discreta, mas segura, de H. Spedini, trabalhos de J. Mauricio, V. Lobo, J. Siqueira, P. Barroso, L. Miguez, H. Oswaldo, F. Braga, C. Gomes, e A. Nepomuceno. Em primeira audição executou-se a Alvorada Brasileira de J. Siqueira, nome que já se destaca notavelmente em nossos centros musicais, como professor, crítico e compositor. E' um trabalho em que o autor mostra grande progresso. Elegante, homogênio, de excelente instrumentação, desenvolvido com muita naturalidade e boa técnica, é, sobretudo, uma obra inspirada e marcadamente bela.

A soprano Alice Ribeiro colaborou cantando trecho da Jupira, de Francisco Braga. Mostrou-se uma artista de grande valor no interpretar as joias de inspiração delicada que a pena do mestre pôs em formas tão perfeitamente cuidadas.

Tiveram o seguinte resultado os concursos aos prêmios de canto e instrumentos realizados na Escola Nacional de Música, no ano de 1938.

Canto — 1.º Prêmio — por unanimidade — *Maria José Póvoa;* por maioria — *Nonelli Barbastefano.*

2.º prêmio — por unanimidade — Laura Fernandes Cal

Piano — 1.º prêmio — por unanimidade — *Celia Martins da Silva* e *Odete Correia de Azevedo;* por maioria — *Ruth Reis, Silvia da Vasconcelos* e *Teresa Rodrigues;* por desempate: *Alice Hauser, Cecilia de Assis Castro, Déa de Souza Nogueira, Elisa Naiberger, Ema de Freitas Zagari, Fani Cohen* e *Vera Bertucci.*

Teresa Rodrigues

Cecilia Assis de Castro

1º Prêmio de piano na Escola Nacional de Música. Classe da professora Dulce de Saules.

2.º prêmio — por unanimidade — *Guiomar Abud* e *Roseta do Amaral* por maioria — *Angelica Santos Teixeira, Neide Carvalho Coutinho;* por desempate: *Helena de Almeida Matos* e *Maria Lucilia Pires Fernandes.*

3.º prêmio — por unanimidade — IDALINA REIS; por maioria — ALMERINDA DA SILVA.

Trompa — 1.º prêmio — por unanimidade — *Jaci Gomes.*

Clarineta — 1.º prêmio — por unanimidade — *Jaioleno dos Santos.*

Violino 1.º prêmio — por unanimidade — *Santino Parpinelli.*

O governo atual interessa-se, cada vez mais, por que os atos cívicos se revistam de condigna e brilhante comemoração. Nesse sentido o Exército teve, na festa da Bandeira, papel de grande destaque; pois entre muitas das homenagens atribuidas ao nosso símbolo avulta a visita que o Sr. Ministro da Guerra mandou fazer ao nosso querido maestro Francisco Braga, festejado autor da música do Hino da Bandeira.

Alice Isnard Tavora, poetisa, escritora e compositora, com perfeito conhecimento da harmonia, do contraponto e da fuga — disciplinas que cursou com distinção em nossa Escola Nacional de Música — acaba de valorizar nossa literatura musical, vertendo para o francês, com escrupuloso critério, o Manual de Fuga de nossa autoria. O trabalho tem a chancela da competência e da justa compreensão. Honra-nos sobremodo. Por isso aos nossos mais profundos agradecimentos juntamos os fervorosos aplausos a que tão insigne cultora das letras musicais soube fazer jus.

Uma turma de novos compositores, composta em sua maioria de músicos militares, experimenta seus primeiros voos. Nisso são menos desajudados que os civis, porque ao menos dispõem de Bandas de Música em que podem, pela experiência, assenhorar-se dos conhecimentos práticos da instrumentação e adquirir critério convinhável para o uso do que aprenderam nas academias. Em várias audições de Bandas Militares ja teem figurado os nomes de João Batista Siqueira, Florêncio Lima e Franklin de Carvalho.

Que cheguem a bom resultado são os votos que sinceramente fazemos.

Encerrando esta resenha, tocados por um sentimento de solidariedade intelectual, rogamos aos poderes públicos e especialmente aos zelosos do que é nosso que voltem suas atenções para o maestro Carlos de Mesquita, patrício de valor indiscutivel, ex-professor de harmonia da nossa Escola Nacional de Música, ao qual devemos o salutar hábito dos concertos sinfônicos. Compositor de escol, portador de vários prêmios do Conservatorio de París, vê-se, longe da pátria, apoucado de recursos e sem meios de fazer conhecida aquí sua excelente bagagem musical. Não seria o caso do governo intervir, no sentido de que,, na próxima temporada lírica, se representasse a "Esmeralda", uma das óperas do referido artista?

A audição das alunas de canto da Professora Matilde Bailly no Conservatorio Nacional de Musica

Sra. Edla de Ipanema Moreira

A professora Matilde de Andrade Bailly, nome amplamente conhecido nos meios artisticos e musicais da Capital Federal, fez realizar, no dia 19 de dezembro do ano recem findo, no Casino Copacabana, uma notavel e inteligente audição de canto, que teve o concurso das alunas mais destacadas do seu curso. Foram interpretadas as mais famosas árias de óperas, bem como sinfonias e cantatas dos vultos mais proeminentes do cenario musical de todo o mundo. Nesta audição, que mereceu de toda a imprensa carioca os mais fervorosos aplausos, tomaram parte os seguintes alunos: Lêda Vasconcelos, Herculano Marcos, Gilda Pena, Wanda Ribeiro, Maria da Gloria, Vally Morais Leal, Maria Heloisa Milanez, Maria da Penha Nogueira, Germana R. de Lamare, Maria da Gloria Santos, Ester P. Serrano, Helena Duarte, Neida Arêa Leão, Jorge Bailly, Liberdade Nery Costa, Alice Lobo, Edla Ipanema Moreira, Beatriz de Otero, Leticia Figuereido e Blanca Antony, que intepretaram com maestria trechos de Massenet, Brahms, Puccini, Debussy, Glück, Offembach, etc. Os acompanhamentos ao piano foram feitos magistralmente pelo conhecido maestro professor Mário de Azevedo, que mais uma vez teve oportunidade de mostrar em público os seus apreciaveis dotes de eximio virtuose.

Na referida audição teremos de destacar, por força de como se portaram perante o público exigente, os nomes das senhoras Edla Ipanema Moreira e Leticia Figueiredo. A primeira, intepretando "Ombra leggiera", de Meyerbeer, foi verdadeiramente um sucesso, não só pela sua voz apreciavel de soprano ligeiro, como tambem pela beleza irradiada pelo seu porte fidalgo e pela doçura dos seus gestos em nada afetados. Não exagerariamos se assegurassemos aqui um futuro radiante e promissor para a senhora Edla de Ipanema Moreira na arte imortal do canto. Quando á senhora Leticia Figueiredo, sua interpretação foi a melhor possivel. Cantando, em dueto com o senhor Jorge Bailly, uma ária da "Thais" de Massenet, agradou a contento tendo recebido aplausos demorados e merecidos.

A audição dos alunos da professora Matilde de Andrade Bailly foi uma verdadeira exposição de talentos os mais prometedores e uma tarde de encantamento e arte, que desejamos repetida constantemente.

BARROSO NETO

Tapajós Gomes

Há uma pergunta da qual os artistas quasi nunca se livram, quando ouvidos pelos jornalistas indiscretos:

— Como se revelou em você o gôsto pela arte?

Barroso Neto, acudindo à minha curiosidade, respondeu-me:

Eu tinha menos de oito anos, quando ganhei uma gaita de foles. Não acredita que fôsse dela que saissem as minhas primeiras "composições", reveladoras do meu gôsto pela música? Tambem os meus não acreditavam, e, tanto assim que, quando manifestei desejo de estudar, todos zombaram impiedosamente: — "Como pode você querer ser músico, numa familia em que cada um é uma negação musical maior do que o outro"?

Recordando-me esse episódio, confessou Barroso Neto que não desanimara. Proseguia, improvisando melodias na gaita de foles. De vez em quando, um estranho dizia: — "Esse menino tem jeito!" — Mas os de casa não acreditavam. Até que, um dia, criou coragem e enfrentou a descrença paterna. Queria estudar, fazer-se músico! A gaita não lhe bastava!

Evidentemente, a insistência do filho amoleceu a resistência do pai. Quem sabe lá? Muitas vezes, de onde não se espera, quasi sempre é que sai. Mas a boa vontade paterna teve uma decepção: Barroso Neto não sabia que instrumento queria estudar! Poderia haver maior prova da "negação musical" do menino? O primoroso e consagrado artista de hoje não me contou o efeito dessa sua segunda tentativa falha. Contou-me apenas que, da terceira investida, quasi morreu de alegria: o pai concordara. E arranjou-lhe um professor... de violino — um tal Paganini, que aqui vivia do seu instrumento e que morreu anonimamente, sem glorias. A ironia dos nomes!...

Três meses depois de iniciados os estudos, nova catástrofe estava reservada a Barroso Neto: o velho Paganini tivera uma conversa confidencial com os pais do menino e descarregara honestamente a conciência:

— Não posso continuar as lições. Este menino não tem o menor jeito para o violino. E' a mais completa negação musical que tenho conhecido.

Desta vez, pois, o problema revestia um aspecto mais sério. O pai de Barroso Neto poderia, então desabafar:

— Eu não dizia? Negação musical! Opinião de um professor!

Barroso Neto, em 1907

Mas não há pai que seja capaz de vangloriar-se com os fracassos do filho. E um belo dia a casa foi alegrada com a entrada de um piano, com o qual o improvisador da gaita de foles, e a "negação" do violino, haveriam de desmentir opiniões errôneas formadas a seu respeito, e revelar, em Barroso Neto, o pianista, o compositor e o professor, que, num meio ingrato como o nosso conseguiu ser grande, ser útil, respeitado, aplaudido e vitorioso.

O primeiro piano exigiu o primeiro mestre — Frederico Mallio — e não tinha ainda o menino nove anos completos, quando a antiga Casa Vieira Machado editava a sua composição número um — a Primeira Gavotta.— E temo-lo, então, pouco depois, tentando entrar para o antigo Instituto Nacional de Música — fato que não o preocupava, em absoluto, pois que o seu professor proclamava aos quatro ventos, que nada mais tinha que lhe ensinar:

— E' um "maestro" como eu! — dizia.

Barroso Neto, portanto, enfrentou sorrindo a banca que o examinou. Imagine-se, por isso, qual não foi a sua surpresa, quando terminadas as provas, o professor Alfredo Bevilacqua lhe disse:

— Tem grande habilidade, mas não sabe nada! Precisa começar de novo!

Essas palavras não cairam no chão. Estimulado por elas, o menino que Frederico Mallio chamava "maestro", penetrou no Instituto, decidido a trabalhar. E ei-lo que cursa as aulas de teoria e solfejo, com Henrique Braga e Porto Alegre; as de acústica e harmonia, com Frederico Nascimento; as de contraponto, fuga, composição e órgão, com Alberto Nepomuceno, e as de piano com Alfredo Bevilacqua. E, fato curioso: Barroso Neto foi o aluno do Instituto que mais diplomas e medalhas conquistou e que, entretanto, nenhuma medalha nem diploma possue, porque nunca fez questão de possuí-los.

Vem a propósito recordar o concurso final de piano, em que teve de competir com dois candidatos fortes como ele e cujo curso havia sido igualmente brilhante. Diante das provas realizadas, teria ficado a banca sem saber como distinguir entre si os três candidatos, si o glorioso e inesquecivel Artur Napoleão, membro do juri, não tivesse propôsto a classificação da forma seguinte: para o primeiro candidato, o primeiro prêmio (medalha de ouro); para o segundo, o primeiro prêmio com distinção: e para o terceiro, que era Barroso Neto, o primeiro prêmio, com grande distinção. Dessa maneira, os anais do Instituto registam, pela primeira e única vez, uma medalha de ouro, com grande distinção, concedida a um aluno.

Estava, pois, laureado aquele que chegou a ser considerado uma "negação musical", quando menino. E desde esse dia, inteligência lúcida e vivaz, espírito perspicaz e agudo, temperamento impressionável, inspirado pelo verso e pela música, a sua atuação no Rio de Janeiro não foi apenas constante, porque foi brilhante e eficiente para a nossa evolução musical.

Acentuaram-se, então, em Barroso Neto, as três expressões marcantes da sua individualidade artística, mercê das quais tem atravessado a vida como um sacerdote fascinado pela sua crença, ou como um iludido dominado pelo seu sonho. Eu não teria mãos a medir, si fôsse recordar o nome dos principais alunos da classe de Barroso Neto, laureados nestes mais ou menos trinta anos de

(Conclue no fim do ANUARIO)

TEATRO, 1938

Bandeira Duarte

Incontestavelmente, o ano de 1938 foi, para o teatro brasileiro e para o teatro no Brasil, um dos mais brilhantes e movimentados. A propalada e eterna crise de que se queixam os descontentes e pessimistas, foi mais uma vez desmentida pela animação que caracterizou o ano teatral, em todos setores. E as causas desse surpreendente surto foi, sem a menor dúvida, o decreto-lei n. 92 de 21 de dezembro de 1937, publicado a 22, criando o Serviço Nacional de Teatro, com a extinção da Comissão Permanente de fúnebre memória.

O que se verificou logo após esse ato do Sr. Getulio Vargas, já evidenciava os seus efeitos futuros do nosso organismo cênico. E para evitar que, ainda uma vez, os "improvisados" tomassem posição, as classes teatrais, pelos seus orgãos mais autorizados, se colocaram no centro da iniciativa governamental.

A Associação Brasileira de Criticos Teatrais convocou, a 27 de dezembro, representantes de todas as outras sociedades de classes, lançando, pelo "Globo", nesse mesmo dia, o nome da Abbadie Faria Rosa para o cargo de Diretor do Serviço Nacional de Teatro. Essa atitude da A. B. C. T., ou por incompreensão ou motivos menos desculpaveis, não foi apoiada como devia pelos demais grupos. Contudo, foi a que venceu porque a 11 de agosto de 1938, quasi oito meses depois, o Ministro da Educação assinava a nomeação de Abbadie para o cargo. E no momento em que este ANUARIO estiver em circulação, o Serviço Nacional de Teatro deve estar caminhando para uma fase de brilhantes realizações, impulsionado pela competencia e pelos esforços do conhecido autor, critico e jornalista que é uma das mais notaveis expressões do Teatro Brasileiro.

*
* *

TEATRO NACIONAL — Abriu-se o ano de 1938 com duas companhias de comedia e duas de revista.

As primeiras foram a Companhia Elza-Cazarré, uma das mais bonitas organizações que já tivemos no gênero, atuando no Regina; a Companhia Palmerim Silva, no Rival. As outras duas eram: Companhia Iglesias-Freire Junior, no Recreio, e Companhia Popular, no Olimpia que, meses mais tarde, seria destruido por um incendio. Alem dessas tivemos: Alda Garrido, no Carlos Gomes, de 7 de Janeiro a fins de fevereiro, e de 10 de maio a setembro; Jaime Costa, no Gloria, a 18 de março; Procopio, no Carlos Gomes, a 4 do mesmo mês, estreando com uma comedia de grande êxito, "As três Helenas", em que fazia o *Rigoverto,* de maneira inconfundivel; Dulcina-Odilon, no Rival, a 30 de março, dando "Marquesa de Santos", de Viriato Correia; Irmãos Celestino, no João Caetano, a 2 de abril; Raul Roulien, no Gloria, a 19 de setembro; Delorges Caminha, inaugurando o Teatro Ginástico, a 4 de novembro; Pedro Gonçalves, a 8 de dezembro, no João

Dulcina

Caetano, com uma adaptação de "Branca de Neve."

*
* *

Os acontecimentos mais notaveis do ano, foram: a volta de Ítala Ferreira e de Raul Roullien ao teatro de comedia, e as peças:

Henrique Pongetti

Malibú de Henrique Pongetti, *Marquesa de Santos*, de Viriato Correia, e *Iaiá Boneca*, de Ernani Fornari, sendo de notar que Pongetti ocupou por duas vezes o cartaz do Gloria, pois antes de *Malibú*, dera com Luiz Martins, na Companhia Jaime Costa, *Baile de Máscaras*.

*
* *

Teatro estrangeiro — No setor de "importação", tivemos em 1938, ao lado de dois autenticos fracassos — a Companhia des Quatre Saisons, que estreou a 4 de maio e daqui saiu para falar mal de nós, na França, e a Companhia Francesa de Opera Comica e Opereta, um conjunto fraco para o Municipal —, quatro magnificas temporadas. A primeira foi realizada pela Companhia Cecile Sorel, que estreou a 5 de agosto, no Teatro Casino de Copacabana. A seguir, a 26 do mesmo mês, e no mesmo teatro, estreou a Companhia Jean Marchat-Rachel Berendt. Em setembro, Ermette Zacconi, o grande trágico italiano, ocupou o Municipal, para uma série de 4 espetaculos que se transformaram em 4 apoteóses ao genial interprete. E a 8 de novembro, a Companhia Paola Borboni — Luigi Cimara encerrou o ciclo de declamação estrangeira, com uma temporada tambem curta, no Copacabana. E' preciso acentuar aqui, que no toque todos os quatros conjuntos acima citados, foram trazidos ao Brasil pelo empresario N. Viggiani, sempre incansavel em melhorar cada vez mais o nível dos programas que oferece ao nosso público.

No teatro ligeiro, tivemos apenas a Companhia Portuguesa de Variedades de Lisboa, que começou muito bem no Recreio e caíu no Alhambra, de volta de S. Paulo, e a Companhia Léa Candine, no Gloria, tambem sem grande repercussão.

O acontecimento mais notavel nesse setor, para nós, — a fora as visitas de Cecile Sorel e Ernesto Zacconi, é claro —, foi o espetaculo popular de *Le Cid*, a imortal obra de Corneille, oferecido em *première* para o

Cecile Sorel (Caricatura de Pierre Payen)

N. Viggiani

Rio, pelos empresarios Viggiani e Clair Jois, no Municipal, sob o patrocinio do "Globo" e interpretado pelo conjunto Jean Marchat, — Rachel Berendt. O professor Roberto Garric proferiu uma interessante conferencia antes de subir o pano e no momento em que este abriu para o começo da peça, não havia um só logar vago na platéa. Raramente no Rio um espetaculo do gênero poderá obter êxito artístico semelhante. Infelizmente a direção do teatro, seus concessionarios e o Secretario da Educação da Prefeitura opuzeram toda onda de injustificavel má vontade quando se pensou em dar "Berenice" de Racine gratuitamente, no mesmo local e pelo mesmo conjunto.

Jean Marchat

*
* *

Não é justo terminar este registro sem uma calorosa referência ao Teatro de Estudantes, obra de Pascoal Carlos Magno, que apresentou a 29 de outubro, no João Caetano, uma apreciavel edição de *Romeu e Julieta* sob a direção de Itala Fausta, e interpretada apenas por estudantes. E' de crer que os louros colhidos pelos nossos acadêmicos, nessa noite, tenham uma significação respeitavel, animando-os a trabalhos futuros e esforços eficientes no programa que se traçaram. E possa o resumo teatral de 1939 conter um ativo maior para o teatro do estudante e para os seus construtores.

Ermete Zacconi

A AÇÃO DO MINISTERIO DA AGRICULTURA NO ESTADO NOVO

Um dos aspectos mais interessantes da política econômica do Estado Novo, dirigida pelos conhecimentos técnicos do Ministro Fernando Costa, é o cunho especial de popularidade de que se revestiu. Realmente, não se trata de um programa adstrito às esferas administrativas. Todo brasileiro está inteiramente ao par do seu andamento, e acompanha com interesse o desenrolar de sua aplicação, na certeza de sua eficiência.

O programa de ação do Sr. Fernando Costa é o que se pode chamar um programa integral. Todos os setôres da economia brasileira estão sendo racionalmente atacados, ampliando-se o quadro das culturas já nacionalizadas, promovendo-se a adaptação de novas espécies, fomentando-se a exploração de vegetais de utilização industrial.

A execução eficiênte de um plano agrário implica, entretanto, a solução de vários outros problemas que lhe são correlatos. E de todos eles ressalta como o mais importante, requerendo solução imediata, o problema do combustivel. Como garantir o acionamento barato e possivel, em todas as circunstancias, do sistema de máquinas que devem servir à agricultura, desde o preparo do solo até o transporte dos produtos aos centros consumidores? O combustivel é para nós uma questão de vida e de morte porque estamos na dependencia do que nos vem do estrangeiro, por preço alto, entorpecendo-nos o surto de mecanização da vida rural.

Resolver, por conseguinte, a questão do combustivel, é o passo inicial para o progresso e consolidação da nossa agricultura. Eis aí um dos pontos essenciais do programa de ação do Sr. Fernando Costa, onde melhor se percebe a sua alta visão de técnico e administrador, acostumado a descer, a penetrar o âmago

O Chefe da Nação, dr. Getulio Vargas, acompanhado do sr. Fernando Costa assiste ás vitoriosas demonstrações do gazogênio

A AÇÃO DO MINISTERIO DA AGRICULTURA NO ESTADO NOVO

Um dos aspectos mais interessantes da política econômica do Estado Novo, dirigida pelos conhecimentos técnicos do Ministro Fernando Costa, é o cunho especial de popularidade de que se revestiu. Realmente, não se trata de um programa adstrito às esferas administrativas. Todo brasileiro está inteiramente ao par do seu andamento, e acompanha com interesse o desenrolar de sua aplicação, na certeza de sua eficiência.

O programa de ação do Sr. Fernando Cosé o que se pode chamar um programa integral. Todos os setôres da economia brasileira estão sendo racionalmente atacados, ampliandose o quadro das culturas já nacionalizadas, promovendo-se a adaptação de novas espécies, fomentando-se a exploração de vegetais de utilização industrial.

A execução eficiênte de um plano agrário implica, entretanto, a solução de vários outros problemas que lhe são correlatos. E de todos eles ressalta como o mais importante, requerendo solução imediata, o problema do combustivel. Como garantir o acionamento barato e possivel, em todas as circunstancias, do sistema de máquinas que devem servir à agricultura, desde o preparo do solo até o transporte dos produtos aos centros consumidores? O combustivel é para nós uma questão de vida e de morte porque estamos na dependencia do que nos vem do estrangeiro, por preço alto, entorpecendo-nos o surto de mecanização da vida rural.

Resolver, por conseguinte, a questão do combustivel, é o passo inicial para o progresso e consolidação da nossa agricultura. Eis aí um dos pontos essenciais do programa de ação do Sr. Fernando Costa, onde melhor se percebe a sua alta visão de técnico e administrador, acostumado a descer, a penetrar o âmago

O Chefe da Nação, dr. Getulio Vargas, acompanhado do sr. Fernando Costa assiste ás vitoriosas demonstrações do gazogênio

efetuada, ora de sua reimplantação em logares onde jaziam latentes as possibilidades de sua realização.

Alem das variedades cultivadas nos climas amenos dos Estados do sul, há uma história muito curiosa em torno do que se pode chamar o trigo genuinamente brasileiro, *sertanejo*. Há cerca de um século, os agricultores da Chapada dos Veadeiros em Goiaz, assim como os do municipio de Montes-Claros, em Minas Gerais, conservam a tradição da cultura de um trigo que alí foi há muito introduzido e se deu muito bem, adaptando-se perfeitamente às condições de meio local. A semente desse trigo sertanejo está sendo estudada para o fim de seu melhor aproveitamento próprio ou como base para o cruzamento com outras variedades, de modo a se obter um produto que se adapte às regiões brasileiras mais rústicas.

O público acompanha, com um interesse que até há bem pouco tempo não era notado, todos esses planos da ação governamental no sentido de se assegurar uma situação de estabilidade à vida econômica brasileira. Os problemas do gazogênio, do petroleo e do trigo são discutidos por todos, em todos os logares, e os jornais não se cansam de traçar comentários a seu respeito porque sabem que desse modo estão servindo ao paladar de seus leitores.

Menos populares, embora tambem de real importancia, são as medidas que estão sendo tomadas no Ministerio da Agricultura para que ganhe em eficiência o ensino agrícola, em seus diferentes graus e modalidades, ministrado nas escolas existentes no país. É, por exemplo, uma obra monumental o plano de instalação da Escola Nacional de Agronomia, que está sendo efetuada em terras de grande extensão situadas à margem do quilometro 100, na estrada Rio-São Paulo. O ensino superior de agricultura, nela ministrado, para a formação de engenheiros agronomos, com exigências de matricula do mesmo nivel dos estabelecimentos sob regimen universitario, oferecerá todas as garantias para sua eficiencia, realizando-se num meio rural, dotado de todas as instalações e aparelhamentos necessarios. Depois de executado esse plano grandioso, a Escola Nacional de Agronomia só encontrará termos de comparação em institutos congeneres dos Estados-Unidos da America do Norte.

A Escola Agrícola de Barbacena, que oferece o padrão do ensino médio da agricultura, tem recebido melhoramentos que a põem à altura de seus verdadeiros fins, e os aprendizados agrícolas, localizados em diversos pontos do país, como sejam Acre, Pará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Baía, Estado do Rio, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, destinados à preparação de operarios rurais recrutados entre filhos de agricultores, estão tambem sofrendo todas as adaptações que garantam a execução de um ensino prático de agricultura nas especialidades de exigência mais imediata dentro da vida agrícola brasileira.

Trigo "Veadeiros", especie apropriada ao cultivo em regiões menos favorecidas do Brasil

O Dominio da União no Estado Novo

Aclamado em outubro de 1930 supremo magistrado do Brasil, o presidente Getulio Vargas realizou, dessa data aos dias presentes, a maior e mais perfeita renovação de nossos quadros político-administrativos.

Estadista de larga visão, profundo conhecedor das necessidades brasileiras e sempre se orientando no sentido construtivo e nacionalista, o chefe do governo tem sido incansavel em providências visando integrar o Estado dentro da Nação, corporificando-os num todo uno e indivisivel.

Até então essa dualidade prejudicial e injustificavel nada havia construido e muito contribuira para desperdício de energias. Assumindo a curul presidencial, o eminente cidadão que dirige nossos destinos, gradativamente, está realizando obra de real patriotismo, cabalmente justificada pelos excelentes resultados colhidos em todos os setores.

A racionalização da administração pública, que interessa grandemente a toda coletividade, mereceu-lhe sempre cuidados especiais. Com efeito, quanto maior fôr sua eficiência, mais acertada e proveitosa será a orientação do Estado.

Essa a razão de ser das várias reformas promovidas pelo governo do grande presidente. E, um exemplo que perfeitamente ilustra essas nossas palavras, encontrámos na reorganização ultimamente efetuada na Diretoria do Domínio da União. Essa repartição, uma das mais importantes da administração nacional, pois basta ressaltar que tem a seu cargo a guarda e administração de todos os bens federais, avaliados em mais de 10 milhões de contos, desde muito se limitava a informar processos, cumprindo meras disposições burocráticas, quasi mumificada. Nem mesmo apresentava relatório dos trabalhos de que estava incumbida.

Certa vez, sua excia. o sr. dr. Getulio Vargas a ela se referindo, o fez nestes termos: "Repartição administrativa e arrecada-

O engenheiro Ulpiano de Barros em seu gabinete de trabalho

"Stand" do Domínio da União na Exposição do Estado Novo

dora de notório valor funcional vinha até hoje vegetando sem programa e direção, a-pesar da extraordinária importância que tem, para o país, o conhecimento da sua riqueza patrimonial. Nesse sentido, nada sabemos. Tudo que há feito se reduz a uma coleção, sem método, de títulos de vastas propriedades que, lentamente, vão fugindo ao domínio da União, visto como ainda não se executou nem mesmo o tombamento dos imoveis federais, na capital da República".

Urgia, portanto, medida que a transformasse completamente aparelhando-a para melhor defender os interesses da Nação.

Em maio de 1937, convidado pelo presidente Getulio Vargas, assumiu a direção do Domínio da União o engenheiro Ulpiano de Barros, que já se havia distinguido como administrador capacissimo em diversas repartições, no norte e sul do país. Dedicado à causa pública e perfeitamente identificado com os problemas brasileiros, o brilhante engenheiro em pouco tempo teve ensejo de mais uma vez demonstrar suas inegaveis qualidades de administrador, apresentando ao presidente da República relatório completo das necessidades da Diretoria sob sua direção, indicando o melhor caminho a ser tomado.

Submetido à apreciação do antigo Departamento de Serviço Público Civil foi o mesmo aprovado e finalmente, em setembro último, convertido em decreto-lei.

Foi essa mais uma reforma plenamente justificada ante os inúmeros serviços que, de pronto, prestou ao país.

Repartição arrecadadora, desempenhando notavel função econômico-financeira e tendo como precípua finalidade o registro e cadastro dos próprios nacionais, a Diretoria do Domínio da União não poderia permanecer estática, sem meios que lhe possibilitassem o cumprimento de seus objetivos.

A administração do engenheiro Ulpiano de Barros, superiormente orientada, veio colocar essa repartição à altura de sua importância na administração do país.

A PRONÚNCIA DA LÍNGUA NACIONAL

Carlos Domingues

O Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São-Paulo publicou em 1938 os "Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada," de que consta a resolução tomada por essa assembléia de considerar a pronúncia carioca a mais perfeita do país e propô-la como língua-padrão a ser usada no teatro, na declamação e no canto eruditos no Brasil.

A decisão, contra a qual nada se pode objetar, está precedida de considerandos que recomendam a pronúncia carioca como a mais rápida e consequentemente a mais incisiva de todas, a que apresenta tonalidades próprias de bastante relevo, a mais elegante e a mais essencialmente urbana dentre as nossas pronúncias regionais.

Não é menos importante assinalar que ela, por ser a da capital, é a mais facil de ser ouvida e propagada e a que mais probabilidades tem de se generalizar.

Possuimos unidade linguística no país, unidade que, por motivos óbvios, não corre perigo de ser quebrada, até porque as causas da dispersão das línguas vão desaparecendo, e os idiomas se reaproximam graças aos meios mais rápidos de comunicação entre os homens.

Há, entretanto, toda conveniência em estabelecer-se o padrão da língua literária, ensinada artificialmente nas escolas. Podem, é claro, coexistir os falares regionais, alguns bem pitorescos, mas não se vai à escola para aprendê-los. O que nela se estudará será a língua geral que, conhecida em todos os pontos do país, não cause estranheza em nenhum lugar onde se fale.

Já passou certamente o tempo em que para os linguístas a linguagem era um produto espontâneo da natureza, submetido a leis fatais, sobre que a vontade humana não tinha ação. Quando a biologia ministrava a todas as ciências teorias fundadas em metáforas, o homem era considerado impotente para dirigir a evolução da linguagem.

Um linguísta contemporâneo, Sapir, formula até a seguinte definição: "A linguagem é um método puramente humano e não-instintivo de comunicar idéias, emoções e desejós por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos."

A língua, diz Guarnieri, é um fenômeno individual, mas é tambem eminentemente um fenômeno social. E acrescenta: "As línguas vivem nos indivíduos e são tantas quantos são eles."

Mas a necessidade de compreender e fazer-se compreender obriga o indivíduo a adaptar-se a uma norma comumente aceita.

A esse propósito é curiosa a informação dada pela obra "A Guide to the Study of Foreign Languages" de que o rádio revolucionou ou está revolucionando a língua vulgar do Japão. Os locutores estabeleceram uma espécie de denominador comum dos vários tipos de língua, e os Japoneses vão rapidamente adaptando a sua fala à transformação.

Alguns locutores nossos, que empregam uma pronúncia demasiadamente individual, preferirão talvez aderir ao denominador comum linguístico, quando estiver achado.

A difusão da língua literária padrão deve fazer-se sobretudo por intermédio das escolas de formação de professores. A ação da escola é consideravel, basta apenas sistematizá-la.

Tem importância, sem dúvida, procurar nos falares regionais a influência do tupí ou de línguas africanas, mas é de supor que na língua literária falada haja influido preponderantemente a língua escrita.

O fenômeno, aliás, é generalizado, e Darmsteter em 1887 profetizava para o francês: "O século XX terá verdadeiramente uma bela língua em que todas as palavras se pronunciarão como se escrevem hoje."

A fixação da língua-padrão contrabalançará essa tendência e servirá ainda para outros fins.

De fato, a nossa língua está sendo ensinada em escolas de vários paises, e deve existir para isso um padrão literário aceito.

Conquanto haja nações bilingues, trilingues e até de maior número de idiomas, é convicção dos Brasileiros que a nossa língua, única, deve ser usada por todos os residentes no país. Ainda para tal efeito interno, isto é, a absorção do elemento imigrado, convem que a este se apresente a norma geral da linguagem que lhe cumpre assimilar.

Não só, por conseguinte, é possivel fixar uma pronúncia normal, mas há grande proveito nessa fixação. Para realizá-la é aconselhavel a elaboração de uma exposição da pronúncia carioca, devendo-se, entretanto, expurgá-la das peculiaridades que não se estendam a outra região.

Se a pronúncia, como quer Palmer, é uma moda, a moda pegará como outras que vão do Rio-de-Janeiro.

A AÇÃO DO MINISTÉRIO DA GUERRA NA DIFUSÃO DA LITERATURA MILITAR

Participando do movimento que hoje se observa nos meios intelectuais brasileiros pela difusão da literatura, tambem o Ministério da Guerra criou a Biblioteca, para o desenvolvimento da literatura militar.

O seu programa, delineado em grandes linhas, é bem um plano de trabalho destinado a uma bela e proveitosa mésse. E' cultura geral e profissional no seu sentido mais amplo; cultura orientada para os objetivos culturais que o militar deve visar pelos imperativos que a moderna concepção da nação em armas lhe impõem; é educação e é civismo.

À frente da iniciativa colocou-se o General VALENTIM BENÍCIO DA SILVA. E a idéia nasceu vitoriosa.

Menos de dois anos de existência não impedem o vulto dos serviços prestados e o crédito conquistado pela execução fiel do seu programa.

O oficial brasileiro, pela própria legislação que regula as condições de seu rodízio no território, carecia de uma instituição como a Biblioteca Militar, porque quanto mais remota seja a guarnição em que sirva, tanto mais ele precisa do livro: para não interromper a sua cultura, para acompanhar a evolução das ciências e das artes militares e ainda para cumprir a sua elevada missão social de educador de homens.

Em nosso país, o oficial não pode e nem deve abrir mão um só minuto dessa elevada missão que na paz lhe cabe, missão aliás altamente edificante e que ele tem sabido cumprir, o que lhe granjeou, desde as priscas eras um conceito lisongeiro e destacado em todos os rincões da Pátria.

A organização da Biblioteca Militar é semelhante a de outras congéneres estrangeiras, com adaptações indispensaveis ao nosso caso particular.

E' dirigida por uma Comissão Diretora constituida por nomes da mais alta representação nos nossos meios intelectuais, civis e militares, todos devotados ao êxito crescente do empreendimento.

Em essência, a Biblioteca é constituida de duas partes que definem duas preocupações:

General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra

— A Biblioteca propriamente dita, com cerca de uma dezena de milhar de volumes, sala de leitura, etc., e a Secção de Publicações, cujos livros levam seus efeitos benéficos até os extremos das nossas fronteiras territoriais: Tabatinga, Bela Vista, Coimbra, etc.

Em 1938, ela iniciava o seu ano social com 400 subscritores. Em Junho, esse número subia a 1.300 e em Dezembro a 2.700. Em Março de 1939, a Biblioteca Militar possue 3.000 assinantes.

Que mais seria preciso dizer para demonstrar o êxito deste admiravel empreendimento em pról do livro?

O programa de publicações de 1938, foi inteiramente realizado e de alguns livros foi necessário tirar segunda edição.

São esses os livros editados pela Biblioteca Militar:

General Valentim Benicio da Silva

Volume I — "EM GUARDA" — coletânea de estudos relativos ao comunismo, excelente reservatório de material para a preparação das secções de educação moral e cívica dos instrutores da tropa, cooperadores da formação da mentalidade necessária à defesa social da nação.

Volume II — Fevereiro — "EPISÓDIOS MILITARES" — reedição do antigo mas primoroso livro do General JOAQUIM SILVÉRIO DE AZEVEDO PIMENTEL, repositório cheio de ensinamentos para desenvolver as virtudes cívicas do soldado.

Volume III — Março — "OS MESTRES DA GUERRA" — nova edição da preciosa obra de L. Rousset, traduzida pelo então Capitão TASSO FRAGOSO, fonte copiosa de interesse para a instrução dos oficiais.

Volume IV — Abril — "A ARTE DE COMANDAR" — tradução do Tenente EDUARDO MARTINS TRINDADE, da notavel obra premiada na França e já traduzida em várias linguas.

Volume V — Maio — "REFLEXÕES SOBRE O GENERALATO DO CONDE DE CAXIAS" — reedição de livro raríssimo de autor desconhecido. Estudo da personalidade do grande chefe militar brasileiro e subsídio para apreciação da Revolução dos Farrapos.

Volume VI — Junho — "ANTÔNIO JOÃO" — ensaio biográfico, de autoria do general VALENTIM BENÍCIO DA SILVA, sobre o herói de Dourados. Trabalho de documentação e de patriotismo, focaliza arrojado exemplo e constitue estímulo para a produção de outras biografias militares.

Volumes VII e VIII — Julho-Agosto — "CAXIAS"' — a vida do Patrono do Exército é estudada de fórma sugestiva e segura pelo Major AFONSO DE CARVALHO. Obra de história e de educação patriótica e que deve figurar na Biblioteca de todo oficial.

Volume IX — Setembro — "BOSQUEJO HISTÓRICO E DOCUMENTADO DAS OPERAÇÕES MILITARES NA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL" — reedição da obra raríssima do antigo Presidente do Rio Grande do Sul, Dr. SATURNINO DE SOUZA E OLIVEIRA. Documento de primeira ordem para o estudo da campanha farroupilha e de grande interesse para os estudiosos da história pátria.

Volumes X e XI — Outubro e Novembro — "USKUB" — operações de cavalaria realizadas pelo General JOUINOT GAMBETA, durante a Grande Guerra, na peninsula dos Balkans. Precioso ensinamento para oficiais de todas as armas, que neles encontram exemplos eloquentes do quanto pode a iniciativa de um chefe arrojado em terrenos de dificuldades aparentemente insuperaveis.

Estudo interessantíssimo de iniciativa audaciosa coroada por um êxito brilhante, graças à surpreza bem concebida e explorada. Tradução do Capitão SALM DE MIRANDA.

Volume XII — Dezembro — "TIBÚRCIO" por Euzebio de Souza — biografia do grande General, cuja bravura heroica e cujos exemplos e atitudes civis fazem parte integrante do patrimônio glorioso do Exército.

O programa de publicações traçado para 1939 e que vem sendo cumprido à risca, pois já estão distribuidos os livros referentes a Janeiro e Fevereiro, é o seguinte:

Volume XIII — Janeiro — "FACUNDO" —

tradução brasileira de CARLOS MAUL, da grande obra da literatura sul-americana e mais de uma vez comparada aos "Sertões", de EUCLIDES DA CUNHA.

Volume XIV — Fevereiro — "EDUCAÇÃO MORAL DO SOLDADO" — CARLOS CORSI, Major do Exército italiano. Obra clássica no assunto sobre a educação moral do soldado.

Volume XV — Março — "GRANDES SOLDADOS DO BRASIL" — Major LIMA FIGUEIREDO — utilíssimo estudo sobre alguns dos maiores soldados do Brasil, feito pela pena do jovem brilhante escritor militar, já bastante conhecido por uma série de interessantes estudos. Utilíssimo, porque o seu carater de livro leve, é um trabalho de divulgação da vida e dos feitos dos nomes mais notaveis da nossa história militar, pelo que será precioso auxiliar aos instrutores de tropa, prestando-se até a livro de leitura nas escolas regimentais.

Gráfico dos subscritores da Biblioteca Militar em 1938

Volumes XVI e XVII — Abril-Maio — "A REVOLUÇÃO FARROUPILHA" — General TASSO FRAGOSO — publicando esta importante obra, a Biblioteca Militar tem a satisfação de brindar os seus subscritores com o primeiro estudo que sob o aspecto militar se fez até hoje da Revolução que por dez anos agitou e ensanguentou as terras do sul.

Há, é bem verdade, vários estudos, si bem que pouco documentados, sobre os Farrapos, uns acentuando o aspecto político, outros ensaiando penetrar o seu lado social, outros focalizando aspectos parciais; nenhum, porem, como o que acaba de ser escrito pela pena abalisada do grande escritor militar e profundo conhecedor da nossa história que é o General TASSO FRAGOSO, nome consagrado por volumosa bibliografia e sobre o qual são desnecessários comentários.

Volume XVIII — Junho — "A POESIA DO DEVER" — WALTER PRESTES — um pouco de sentimentalismo, uma nota do nosso temperamento emotivo, colhido através do desempenho das próprias atribuições profissionais, eis o que é, em síntese, o trabalho do Capitão WALTER PRESTES, nome já conhecido na nossa literatura militar.

Nesta breve notícia, vê-se clara e objetiva a ação empreendida pela alta direção do Ministério da Guerra, para prestigiar e difundir o livro, estimulando o gosto pelas letras militares, obra a admirar e a imitar, num país como o nosso em que se torna indispensavel a contribuição de todos em proveito da necessidade comum de instrução e de cultura.

AS REALIZAÇÕES DO GOVERNO FEDERAL NO DOMÍNIO DA PROFILAXIA DA LEPRA

Vista geral de um grupo de habitações geminadas do Leprosário de Bomfim, no Estado do Maranhão

Segundo os dados estatisticos mais recentes, o Brasil figura entre os países que possuem mais altas percentagens de leprosos.

Os doentes do mal de Hansen, existentes em todo o País, são calculados em 30.309, assim discriminados pelos Estados: Territorio do Acre — 400; Amazonas — 1.250; Pará — 4.000; Maranhão — 1.130; Piauí — 200; Ceará — 764; Rio Grande do Norte — 150; Paraíba — 200; Pernambuco — 1.000; Alagoas — 100; Sergipe — 89; Baía — 300; Espirito Santo — 461; Estado do Rio — 295, Distrito Federal — 1.030; Minas Gerais — 8.700; São Paulo — 7.023; Paraná — 1.063; Sta. Catarina — 654; Rio Grande do Sul — 800; Mato Grosso — 500; Goiaz — 200.

A campanha da lepra é problema sanitário de grande importancia no Brasil. Dezenas de leprosarios estão construidos e em vias de construção. Cuida-se de preventorios para recolher filhos não contaminados de leprosos; e de dispensarios para descobrir, acompanhar, policiar e tratar leprosos não contagiantes.

Até 1930, os poucos leprosarios existentes, vinham sendo mantidos, uns por associações particulares e outros pelos governos locais.

A ação do Governo Central, nesse terreno de saúde pública, limitava-se então, a auxilios financeiros, geralmente de pouca monta, os quais deixavam de produzir o efeito desejado, porque sua distribuição vinha sendo praticada com a ausencia completa de um plano oficial de realizações, que se destinasse à debelação desse terri-

Vista geral do Leprosário de Bomfim, no Maranhão, vendo-se o moderno arruamento adotado

vel mal que de há muitos decenios, vem sacrificando milhares de vidas em todo o territorio nacional.

Assim, quando adveiu a revolução, entre os inumeros problemas com que o Governo Provisorio teve que defrontar-se, figurava tambem o da lepra.

Já em 1931, por determinação do Sr. Presidente Getulio Vargas, foi iniciado, em todo o país, um movimento decisivo contra o grande mal, e que não tardou a concretizar-se com uma série de importantes realizações, não só no dominio federal, como ainda no de vários Estados da União, todas elas tendentes a dar solução ao importante problema.

E daquele ano a esta parte, a luta empreendida pelo Governo, contra a terrivel endemia, tem sido ininterrupta e praticada com intensidade e energia progressivas a par de cada vez mais método e maior segurança.

Antes de 1931, a União dispendeu com a aquisição de terrenos, compra e construção de edificios para leprosarios cerca de 3.500 contos, sendo 300:000$000 no Pará, 1.500:000$000 em Minas, 1.100:000$000 no Maranhão e 524:000$000 no Distrito Federal.

De 1931 a 1933, a União dispendeu a quantia de 1.000 contos, com a construção de leprosarios em 3 Estados: Maranhão, Espirito Santo e Minas Gerais.

Em 1934, o Governo passou a atuar

Pavilhão Central da Administração do novo Leprosário de Bomfim, no Estado do Maranhão

Vista geral das modernas habitações construidas pelo Governo Federal no Leprosário de Curupaití, no Distrito Federal

em 7 Estados, gastando a importancia de 2.045 contos. As unidades beneficiadas foram os Estados acima referidos e mais os seguintes: Pará, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Em 1935, a verba dispendida foi de 1.658 contos, atuando o Governo em 8 Estados: Pará, Maranhão, Pernambuco, Espirito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

Em 1936, foi empregada em construções, instalações e medicamentos, a verba de 4.631:887$500, passando a ser 14 o numero dos Estados contemplados: Paraíba, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Amazonas, Piauí, Mato Grosso e mais os 8 Estados anteriormente mencionados.

Em 1937, estendendo sua atividade a 18 Estados, a União investiu na luta contra a lepra, a cifra de 10.000 contos.

Finalmente, em 1938, o Governo Federal gastou a soma de 11.568:210$, realizando obras, melhoramentos e promovendo assistencia em todo o territorio nacional.

Dos leprosarios atualmente em construção, deverão ser inaugurados no primeiro semestre do ano corrente os de Santa Catarina, Pernambuco e Paraíba.

Fica, assim, averiguado que o Governo, prosseguindo, como está, nessa campanha patriótica e humanitária, caminha a passos largos para a solução de um dos mais importantes problemas sanitários do país.

GOIÂNIA, Síntese das Aspirações Construtivas do ESTADO NOVO

O progresso de ordem geral que se verifica no Brasil é, sem dúvida, um índice promissor da sua marcha vitoriosa para o futuro. Em cada canto do nosso imenso territorio divisamos o esforço do homem, orientado na construção de um Brasil maior, de uma Patria cada vez mais digna da admiração nacional. Goiaz é um caso típico.

Relegada ao abandono pela imprevidência dos que só tinham as vistas voltadas para o litoral, seu desenvolvimento era lento, retardatário e quasi imperceptivel.

A cidade de Goiaz, que a bandeira anhanguera de Bartolomeu Bueno da Silva fundara nas fraldas da Serra Dourada, teve com a exploração diamantina o seu período de desenvolvimento momentâneo, logo a seguir truncado por um descaso contristador e pela sua evidente impropriedade de localização.

Afastada da zona agrícola e dos vales ferteis do sul, distante da zona demográfica necessaria ao seu crescimento material e econômico, via-se na contingência de contar apenas com seus escassos recursos naturais e sem que a mão do homem pudesse emprestar-lhe maior ajuda construtiva.

Fazia-se mistér a transplantação da capital do grande Estado central para um sítio geograficamente adequado à sua rápida evolução, digna do valor econômico do Estado.

Após estudos técnicos rigorosos foi escolhido o planalto central de Campinas, situado a 700 metros de altitude, com um clima saudabilíssimo, em que se observa uma temperatura de 21° no inverno e 25° no verão. Assim, a 16°,40,4 de latitude e a 49°, 15, 9 de longitude do meridiano de Greenwich está surgindo Goiânia, a nova capital idealizada por uma comissão de técnicos competentes, e a mais moderna cidade da America do Sul.

Governador Pedro Ludovico

Coube ao Governador Pedro Ludovico a realização dessa extraordinaria obra, prestigiado pela ação construtiva do Estado Novo, de maneira a tornar possivel em pouco tempo a edificação desse marco grandioso de brasilidade, desse monumento insofismavel de patriotismo, que dignifica não apenas o Governo do Presidente

Engenheiro Jerônimo Coimbra Bueno

Vargas, mas tambem a administração Pedro Ludovico Teixeira.

Filho da antiga capital goiâna onde nasceu em 1891, o atual governador de Goiaz ao ser designado para o cargo de interventor federal do seu Estado em 1930, já possuia um passado social e político à altura do cargo que ia ocupar.

Eexrcendo como médico uma clínica humanitaria e superior, soube criar entre seus conterrâneos uma atmosfera de simpatia e de admiração, prestigio que mais tarde deveria forçosamente lançar o político à conquista das posições em que pudesse continuar a bem servir seu Estado e sua gente.

Eleito Governador Constitucional em 1935, era justo o prêmio que lhe conferiam seus correligionarios pelo muito que já havia feito em prol da grandeza de Goiaz. E sentindo nesse espírito uma vontade orientada, um idealismo sadio a serviço de uma conciência íntegra, não trepidou o Presidente Getulio Vargas em escolher para a nova Interventoria criada pelo Estado Novo, o mesmo homem que desde a revolução de 30 vinha conduzindo com superioridade os destinos de seu Estado.

Entre as muitas realizações devidas à operosidade dinâmica do governador Pedro Ludovico, destaca-se a construção da nova capital, necessidade imperiosa que o administrador soube realizar oportunamente.

Para a realização desse plano gigantesco, porem, teria o Governador Pedro Ludovico que buscar uma colaboração à altura do seu empreendimento. E foi no regionalismo patriotico de dois jovens técnicos goiânos, reunidos numa grande empresa comercial, Coimbra Bueno & Cia. Ltda., buscar o apoio decisivo, que bem lhe valeria para a objetivação da obra planejada.

Os engenheiros Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno, com a fôrça construtiva da sua mocidade, entregar-se-iam à grande tarefa, chefiando a Empresa, traçando a cidade, dirigindo os trabalhos de adaptação territorial, dividindo a área destinada a *urbs*, orientando a sua dotação de todos os requisitos técnicos impostos pelo nivel da vida moderna e sobretudo zelando pela caracteristica da arquitetura, da época, de maneira a tornar Goiâna a mais bela cidade do continente.

Goiânia é a cidade que nasceu para o futuro. A sua disposição geográfica e a sua localização física destinam-lhe o mais brilhante dos futuros. Acercada de todos os meios de desenvolvimento econômico, accessivel e já contando com todos os recursos de transporte facil e rápido para o litoral, por onde escoará a sua produção, não é dificil preverse, para um futuro bem próximo, um dos maiores centros agrícolas e comerciais e talvez mesmo industriais do país. E esse foi o objectivo que orientou os seus construtores.

A confiança do povo nesse futuro grandioso que se apresenta para a nova cidade, está flagrante na inversão de vultuosos capitais, na aquisição continuada de grandes áreas territoriais no centro destinado à capital, com a finalidade de construções residenciais e comerciais, assim como nas suas proximidades, destinadas às multiplas culturas agrícolas a que se presta a região, e sem dúvida, ainda pecuária, que tem nessa zona possibilidades enormes. E foi ainda à empresa Coimbra Buenos & Cia. Ltda. a quem o Governo do Estado de Goiaz confiou a distribuição e venda dos terrenos citadinos.

A maneira inteligente e honesta por que a firma concessionaria da construcção da nova capital do Estado de Goiaz vem realizando o grande empreendimento que lhe foi confiado, constituirá, por certo, um marco imperecivel de esforço, de dedicação e de patriotismo fecundo.

Engenheiro Abelardo Coimbra Bueno

A MODERNA GOIÂNIA

Séde do Automovel Club de Goiânia

Perspectiva do Centro Cívico de Goiânia

A MODERNA ARQUITETURA EM GOIÂNIA

2

COIMBRA BUENO & C. L.

5

CORREIOS E TELEGRAPHOS

COIMBRA BUENO & C. L.

Damos nesta página uma demonstração fotográfica da intensa atividade construtora que se observa na nova capital de Goiáz. E' interessante notar que todas as construções já terminadas obedecem a um plano arquitetônico moderno, estabelecido de acordo com as condições climatericas locais, sem que, por esse motivo, sejam desprezados os rigores da estética e a beleza dos projetos. O grupo de edificios que ilustra a nossa página, representa uma pequena parte do vasto plano em execução e pode ser detalhado na seguinte ordem: 1) Palacio do Governo. 2) Uma construção residencial. 3) Ginásio do Estado. 4) Grande Hotel. 5) Edificio dos Correios e Telegrafos.

AS GRANDES REALIZAÇÕES DO GOVERNO MINEIRO

Dr. Benedito Valadares, a quem Minas Gerais muito deve do seu desenvolvimento atual.

O Governo de Minas-Gerais conseguiu após grandes esforços elevar o nivel econômico do Estado, graças às profundas modificações introduzidas pelo Dr. Ovídio de Abreu nos sistemas tributário e arrecadador, vasados agora em moldes atuais e capazes de atender às necessidades do momento.

O Código Tributário, criação do Dr. Ovídio de Abreu, é o produto de longos estudos sobre as possibilidades das classes produtoras, ao mesmo tempo que permite controlar a rigor a verdadeira capacidade econômica estadual.

Na sua elaboração, foram ouvidos os contribuintes, que muito auxiliaram o Governo nessa louvavel iniciativa de padronizar, dentro de uma cordialidade absoluta, o sistema de arrecadação das rendas estaduais.

Verificando ainda o Dr. Ovídio de Abreu a deficiência do Serviço de Contabilidade, incapaz de preencher a finalidade para que fôra criado, tratou de reformá-lo. Foram, então, operadas radicais transformações nesse departamento e completamente remodelados seus serviços.

Hoje, o Serviço de Contabilidade de Minas-Gerais é uma organização perfeita, podendo com rigor matemático apresentar a situação real dessa ou daquela verba, sem a fantasia dos saldos duvidosos tão frequentes nos serviços anarquizados da velha contabilidade política.

Viver dentro da realidade, é a palavra de ordem em Minas-Gerais. O governo do Dr. Benedito Valadares se caracteriza pela vontade de trabalhar pelo bem-estar do povo mineiro, auscultando-lhe as necessidades e prestigiando suas classes produtoras.

Na árdua campanha do restabelecimento financeiro do Estado, cuja situação era nesse particular das mais sombrias, uma figura avultou no cenário administrativo, realizando esplêndida campanha construtiva: o Dr. Ovídio de Abreu.

Como consequência lógica do esforço e da capacidade desse administrador, já se fazem sentir em todos os setores da economia estadual os resultados benéficos das ótimas medidas por ele tomadas. O funcionalismo está rigorosamente em dia com seus vencimentos, constituindo esse fato demonstração exata de quanto o jovem Secretario de Finanças considera inaceitavel qualquer atrazo ou restrição nessa verba.

A dívida flutuante do Estado vai sendo gradativamente absorvida dentro das previsões do plano Ovídio de Abreu, e, confrontando as oscilações com os períodos anteriores, verifica-se uma grande melhoria no momento presente. Cumpre assinalar que não existe um único título vencido e sem resgate em qualquer carteira bancária. Com os pagamentos de juros e amortizações das dívidas

Dr. Ovídio de Abreu, o restaurador das finanças mineiras.

interna e externa perfeitamente em dia e normalizados, fica patente o empenho demonstrado pelo Dr. Benedito Valadares de valorizar os títulos mineiros, dando a seus portadores a certeza de um emprego seguro de capital.

Do que acima ficou exposto, conclue-se que Minas-Gerais caminha para uma completa redenção econômica, operada sem desfalecimento por um governo esclarecido, que soube colocar à testa de seus destinos financeiros um verdadeiro técnico em economia pública e administração.

Essa segura orientação em matéria financeira no Estado de Minas, é exemplo a ser imitado pelas demais unidades federativas que ainda vivem no regime de incertezas e vacilações no que diz respeito a Economia do Estado.

O Dr. Ovídio de Abreu é a garantia de que o objetivo mais importante do governo de Minas-Gerais será atingido com toda a segurança. No momento em que se procura trabalhar para a restauração econômica nacional, o exemplo do jovem Secretário das Finanças de Minas-Gerais deve ser assinalado como uma auspiciosa realidade. Ele é bem um dos valores altos do Estado Novo.

Edifício da Secretaria da Justiça do Estado de Minas Gerais

ACADEMIA «JUVENAL GALENO»

Ninguem ignora a influência que os "salões" exerceram sobre a cultura francesa no século XVIII.

Há nomes de mulheres ilustres — Mme. Geoffrin, Mme. Du Deffande, Mlle. de Lespinasse e outras — que se imortalizaram na história literária da França, com as famosas reuniões em que os escritores e artistas se congregavam em torno das mais belas e espirituosas mulheres da côrte, contribuindo, com aquelas festas de elegancia e espiritualidade, para o notavel desenvolvimento literário por que passava então a França.

Mas a moda dos "salões" ainda não passou. Há três anos, a poetisa Julia Galeno, filha do insigne poeta cearense Juvenal Galeno, fundou, em sua pitoresca residência do Leme, a Academia "Juvenal Galeno". Aí se reunem, periodicamente, escritores e artistas, notadamente os poetas, num convivio amavel, que já se vai tornando famoso nos dominios literários desta capital.

Sob o patrocinio do suave poeta cearense e animada pelo entusiasmo de Julia Galeno, a "Cabana Azul" vai adquirindo um prestigio que só poderá ser desconhecido por aqueles que a não frequentam e não conhecem, portanto, o ambiente encantador de fraternal espiritualidade reinante no admirável "salão" das margens da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Os aspectos fotográficos que aquí publicamos, podem muito bem ilustrar o que acabamos de afirmar com relação ao brilho das reuniões efetuadas, periodicamente, na Academia "Juvenal Galeno".

Sirva-se!

"Acceito com prazer. São realmente deliciosos os biscoitos AYMORÉ! Tão rico é o seu sortimento, que não se sabe qual escolher".

NA HORA DO CHÁ.
PARA O COCKTAIL.
NO CAFÉ • ÁS CRIANÇAS
SIRVA SEMPRE

AYMORÉ

BISCOITOS RICOS DE FACIL DIGESTÃO

MARCA REGISTRADA

EU VI

Arnon de Melo

Veio o prefeito Pereira Passos e resolveu que do Cais do Porto ao Flamengo deveria correr uma rua muito larga que se tornasse a grande rua do Rio. Tomou o nome de Avenida Rio Branco, mas cresceu tanto que dispensou a brilhante designação e ficou sendo apenas Avenida.

E' o nosso ponto de reunião, o desaguadoro de todos os rios, o nosso São Francisco. A ela chegam afluentes do Amazonas como de São Paulo, de Minas-Gerais como do Paraná. Os sapatos que trazem o barro dos morros e dos subúrbios da cidade deixam a poeira nas suas calçadas, limpam-se antes de voltar. Copacabana e Penha alí se acotovelam. Esbarra o alto político com o cidadão Pingô. O elegante, o "fino" anda lado a lado com o maltrapilho. Todos mostrando-lhe fisionomias alegres e tristes, preocupadas e distraidas. Tódos gozando, sentindo a Avenida para sentirem o Rio. E a Avenida acolhendo-os indistintamente, dando ao suburbano e ao *chic* os mesmos objetos para comprar e o mesmo espetáculo de vida. Ela tem todos os climas e todas as idades para interessar a todos.

Que esplêndida lição de democracia brasileira você é, Avenida! Que grande, que extraordinária personalidade você tem! O Rio, na sua beleza, na sua afabilidade e na sua rebeldia, está em você, com essa inquietação, com essa variedade de cores, sem essa alma, com esse sentimento que você possue. Mais em você do que na própria natureza, que tanto encanta o estrangeiro.

E há verdadeiros habitantes da Avenida, seus apaixonados, cheios de beguin. O escritor José Lins do Rego parece que não a deixa. Carlos Pontes, que em breve nos dará um grande livro sobre Tavares Bastos, a ama com devoção. E' quase um culto religioso à Avenida.

Vê-se de tudo por lá, ela é palco para tudo. A paisagem humana é rica. O movimento é intenso. A vida se apresenta em seus aspectos mais diversos. Há os que a buscam para matar o tempo. Há os que a frequentam para tirar o tempo dos outros. Há os que a atravessam por imposição do trabalho. Há de tudo.

Mas esta semana a Avenida fugiu um pouco do dia a dia para dar-nos uma nota mais forte de sensação. Não se tratava de *meetings* políticos nem da chegada de algum herói nacional, acontecimentos que a maltratam demais porque a asfixiam, lhe cerceiam os movimentos, impedem que se afirme sua fidalguia.

Em frente ao Teatro Municipal, no passeio da Escola Nacional de Belas Artes, um grande número de pessoas. Que seria? Os olhares se dirigiam para uma das janelas do último pavimento do Teatro. Lá estava um gavião. Aos seus pés, bem presa às suas garras, uma pobre pombinha, que não conseguira escapar à sua fúria conquistadora, A ave de rapina refastelava-se com o bom prato. Bicava aquí, bicava alí, espalhando penas por todos os lados e não se incomodando com a curiosidade cá de baixo. O local se prestava à grande exibição de força.

(Conclue no fim do ANUARIO)

ANTÔNIO SALES

E O SEU LIVRO "RETRATOS E LEMBRANÇAS"

Faustino Nascimento

O livro que Antônio Sales publicou, últimamente, em Fortaleza, e no qual registra as suas enternecedoras reminiscencias literárias, é uma dessas obras marcantes destinadas a assinalar um momento de emoção duradoira na história de nossa literatura.

Não se trata, evidentemente, de um trabalho escrito sob encomenda de editor interessado em explorar o mercado dos livros de memórias, tão do gosto ainda dos leitores, nos dias que passam. Não é uma tese cientifica, um estudo de escôpo pre-determinado, uma dissertação erudita em torno de um movimento ou através de uma dada época da atividade literária do nosso país. Não é, tãopouco, um livro de biografia, uma obra bibliográfica ou uma exegese de textos. É, tão-sómente, o espelho sincero de uma nobre vida, que se reflete no desenrolar dos relatos singelos de episódios importantes de várias vidas. É o registro intelectual e, frequentemente, emotivo das impressões cotidianas que uma grande alma afetiva, sentimental e vibrátil a todas as manifestações da inteligência, recolheu, com enternecido carinho e absoluta probilidade, através das mais diversas e contrastantes fases de sua vida, em contacto com as figuras mais pre-eminentes do pensamento, da cultura e da sociedade brasileiras do seu tempo.

Antônio Sales

Antônio Sales, aliás desde muito moço, vem dedicando às letras nacionais um amor constante e um esforço sem desfalecimento. Para referir apenas as obras já publicadas, lembraremos "Versos Diversos" ..... (1890), "Trovas do Norte" ... (1895), "Poesias" (902), "Aves de Arribação" (1914), "Minha Terra" (1919), "O Mata Pau" (1931) e, finalmente, em 1938, o livro de que nos estamos ocupando e que se denomina "Retratos e Lembranças".

Antônio Sales, que vive atualmente no Ceará, espontâneamente afastado da evidencia literária do resto do país, bem que ainda no pleno vigor de

sua privilegiada inteligência, revela, em "Retratos e Lembranças", aspectos interessantissimos e, muitas vezes inéditos, da vida dos maiores vultos da nossa literatura, com os quais esteve em trato quasi diuturno, durante longos anos. São verdadeiras reportagens intelectuais e afetivas, em que o poeta e romancista cearense nos descreve, em páginas de comovente delicadeza, os ambientes literários em que tem desenvolvido a sua atividade beletristica, — o Ceará e o Rio de Janeiro, de fins do século passado, aos três primeiros decênios do presente.

São trabalhos escritos em épocas diferentes, conseguintemente descontínuos, como sóe acontecer, geralmente, com os diários elaborados com intervalos mais ou menos longos de tempo, e destinados ao registro de fatos não intimamente ligados entre si, ou cuja continuidade tenha que forçosamente apresentar interrupções.

Há, porem, em todos os capitulos do livro, como um elo único a ligar ideologicamente o todo, a mesma corrente de bondade e simpatia, de sinceridade e coerencia, de probidade e afeição pelo que existe de bom, de belo, de nobre e de elevado na vida.

Não se trata, propriamente, de um trabalho autobiográfico, como já o dissemos. E' verdade que, lendo as duzentas e oitenta e duas páginas de que se compõe o livro, ficamos a conhecer os principais fatos ligados à vida literária do autor contados por ele próprio, — o que constitue, em essência, uma quasi autobiografia. Mas Nietzsche já o asseverou, não sem suficiente razão: "Por mais que penetre nas cousas da vida, o homem não pode reter delas senão um pedaço da sua própria biografia"...

Quem conhece de perto Antônio Sales, descobre, com efeito, na leitura desse pequeno tesouro de reminiscencias que é o livro "Retratos e Lembranças", através do estilo, através dos episodios narrados e através das amizades referidas, o homem e o artista.

Por que Antônio Sales entrelaçou de tal maneira a sua vida e a sua arte, o seu carater e a sua pena, a sua atividade de cidadão e a sua sensibilidade de poeta, a sua atuação na sociedade e a sua tarefa de escritor, que não podemos analisar o artista sem deixar de ter sempre em vista o homem. Não será esta uma das caracteristicas mais marcantes do verdadeiro artista? — Afirmou-o, algures, Vargas Vila: "Para el Artista verdadero, no hay más mundo que su mundo interior". E Antônio Sales sempre colocou o imenso patrimonio moral e estético do seu mundo interior acima das cogitações da vida burguesa. Abandonou as posições por tantos outros cobiçadas da política, na situação de Secretário de Estado do Governo de sua terra natal, quando verificou que as solicitações egoísticas dos políticos feriam os seus escrúpulos de patriota e de homem de bem; recusou entrar para a Academia Brasileira de Letras, por ocasião de sua fundação, porque, na sua modestia excessiva, achava que outros dos seus companheiros e confrades de rodas literárias possuiam melhores titulos; deixou de aceitar o honroso convite de Joaquim Nabuco para ingressar na carreira diplomatica, porque não se sentia talvez com coragem para se separar dos seus parentes e amigos e viver longe do seu extremecido Ceará. Não buscou a riqueza material, fugiu das posições elevadas, preferiu sempre os encantos de uma vida modesta, mas nobre e digna, como a que mais o possa ser. E tem sabido, como ninguem, viver para sua familia, para sua terra e para os seus amigos.

Depois de cerca de vinte anos de residencia na Capital de República, depois de haver colaborado nos principais jornais e revistas da metrópole, depois de conviver fraternalmente nas grandes rodas literárias do Rio de Janeiro, como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa , Graça Aranha, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Vicente Piragibe, Adelmar Tavares e tantos outros vultos eminentes das nossas letras, voltou a fixar residencia no seu Estado natal, para viver ao lado de sua familia e para estar sempre a sentir mais intimamente a alma sofredora e heroica do seu nunca esquecido Ceará.

O seu lar é um templo de amor, de bondade, de afeição e de entendimento recíproco. E o poeta pôde e soube, assim, fazer desse tríplice fundamento: a familia, a patria e os amigos a razão de ser de sua vida. Nunca, porem, esqueceu a sua arte propriamente dita, como uma expansão de seu mundo interior, uma manifestação incoersivel de sua tendencia para o ideal. E tem escrito em prosa e verso obras de acurado lavor, refletindo, em todas elas, o amor e a dedicação que vota à terra do seu berço. Basta dizer, como prova dessa asserção, que os seus dois livros mais notaveis, que são, aliás, duas grandes obras da literatura nacional, "Aves de Arribação" (romance) e "Minha Terra" (poesias) são consagrados ao

Ceará, versam exclusivamente assuntos cearenses.

Em "Retratos e Lembranças" está estereotipada a brilhante atuação do autor através das letras nacionais. Com a sua maneira simples mas graciosa e sempre elegante de dizer, conta-nos a história da "Padaria Espiritual', desde sua fundação, em maio de 1892, até o encerrar de suas atividades. E mostra-nos alí, sem falsa ou fingida modestia, o que foi a sua ação prodigiosa naquele cenáculo de letras que deu ao Ceará um relevo literário tão notavel que nunca mais foi atingido, no curso de sua história; e ele foi o seu idealizador, o seu fundador, o seu orientador e o seu mais autorizado historiador.

Em a crônica "Uma roda ilustre", relata-nos Antônio Sales, como foi fundada, no escritório da "Revista Brasileira", dirigida por José Verissimo, e da qual o autor era assíduo colaborador, a Academia Brasileira de Letras, de cujos membos fundadores foi ele o primeiro crítico, em estudos concienciosos publicados naquela mesma revista, — trabalhos que o revelaram então ao mundo das letras como "um escritor de pulso e muita ponderação", no dizer autorizado do Visconde de Taunay.

Um dos traços predominantes da atividade literária de Antônio Sales foi sempre a sua vocação ao amor do Ceará. No Rio, em ambiente tão propicio à maior e melhor expansão das manifestações do pensamento artístico e literário, ele jamais esqueceu o Ceará distante e sofredor. E, embora distanciado do seu Estado pelo espaço, procurou estar sempre próximo pelo pensamento, ora cantando as belezas da terra natal em "Minha Terra", ora defendendo as suas tradições cívicas e culturais, pela imprensa da metrópole, ora verrinando, em sátiras tremendas e candentes libelos acusatórios, os políticos que, ao seu vêr, infelicitavam a gleba querida.

Ainda em 1901, escreveu Antônio Sales um dos melhores estudos sobre o grande poeta cearense Juvenal Galeno que vivia, então, quasi esquecido da crítica nacional, confinado nos limites acanhados da provincia do seu berço. Esse estudo constitue a terceira crônica do livro, e ali o autor revela tal segurança de conceitos, tal acuidade de penetração psicológica, que se pode dizer poder ser aquela página subscrita ainda hoje, passados quasi quatro decênios, por quantos falaram e escreveram a respeito do extraordinario aêdo nordestino, criador da poesia popular no Brasil, cujo centenario de nascimento foi brilhantemente comemorado pela nação inteira, há pouco mais de dois anos.

Em "Retratos e Lembranças" há páginas de uma comovente delicadeza, que nos mostram tambem o embevecimento do poeta recem-chegado do Norte, diante do cenário maravilhoso e único da Guanabara. É disto uma prova a crônica "Em Petropolis", na qual se fotografa a alma sincera, sentimental e franca do "provinciano bizonho e timido" no esplendor de uma tarde de primavera, em meio àquele "sonho feito cidade", que é a terra das hortênsias.

Homem feito por seu próprio esforço, possuidor de uma admiravel cultura humanistica, sem jamais haver cursado os colegios e academias, Antônio Sales tem-se mantido inalteravelmente, com uma coerência euritmica, que faz de sua vida uma obra de arte, na mesma modestia, na mesma simplicidade natural do inicio de sua carreira literária.

Não deixa, porem, de manifestar, nos momentos oportunos, o poder de sua crítica, por vezes mordaz e veemente, aos homens e às cousas do seu tempo.

Dotado de um extraordinario poder de observação, possuidor de uma grande faculdade humoristica à Carlos Dickens, conseguiu fazer época nas campanhas que empreendeu, na imprensa do Rio, na crítica a certos figurões das letras, da politica, e da administração pública de então.

Como peça notavel de ironia mordaz, e, ao mesmo tempo, graciosa e leve, sem deixar de ser profunda, basta citar aquela "Carta Aberta a Mário Neto", que se encontra no capitulo denominado "A Panelinha" na qual ridicularizou completamente aquele que tentou menoscabar a famosa roda literária, precursora da Academia fundada pelo autor de Quincas Borba.

E aquelas quadrinhas felizes e ferinas dos "Pingos e Respinhos" do "Correio da Manhã", ainda hoje guardadas em memória pelos contemporâneos do poeta e por muitos de seus leitores daquele tempo, dizem da vivacidade da inteligência e da pugnacidade do carater do bravo nordestino.

Há flagrantes tão pinturescos no livro de Antônio Sales, que justificam plenamente o titulo feliz da obra. Não nos podemos furtar ao desejo de reproduzir aqui aquele tópico em que o autor descreve o seu primeiro encontro com Raimundo Corrêa, quando este chegou ao Ceará em 1894, afim de convalescer de grave enfermidade de que foi acometido pouco depois de sua formatura: "Olhei e vi

um homem barbado e pálido, de olhos um tanto estranhos... Pedi-lhe que entrasse. Depois de perguntar meu nome, sem mais outra palavra, ele tirou do bolso um papel que me apresentou. Li e vi que era uma carta de João Lopes, escrita a pedido de Ferreira de Araújo, e que me apresentava Raimundo Corrêa... Fiquei um instante interdicto, a olhar o singular visitante. — Raimundo Corrêa, disse eu surpreso, — Raimundo Corrêa... o poeta..., o poeta das... — O poetas das *Pombas*, diga logo, respondeu o recem-chegado, com uma certa impaciencia. — Sou eu mesmo". Para quem sabe do visivel constrangimento em que se sentia Raimundo Corrêa, quando era apontado apenas como o poeta das *Pombas*, de par com a sua clássica timidez, aquele flagrante é de uma expressão admiravel! E' um retrato psicológico!

Através dessas páginas de estilo simples, destinadas e fixar instantâneos de episódios vividos ou testemunhados pelo autor, não raro se descobre em Antônio Sales um pensador à Anatole France, saturado de amargo cepticismo filosófico diante das injustiças do destino.

Filosofia e pessimismo que, de resto, não chegam de modo algum, a atingir a vida de bondade, de probidade e de simpatia humana de que sempre se revestiu a alma do cantor de "Minha Terra", o espírito do criador de "Aves de Arribação". Leiam-se aquelas crônicas comovidas, em que o escritor cearense relata as perdas prematuras de dois grandes amigos seus, que foram, aliás, duas grandes esperanças do Ceará: Valdemiro Cavalcanti e Antonele Bezerra. Daquele, diz Antônio Sales: "morreu crente aquele, cujo triste destino mais parecia concorrer para me tornar descrente na justiça providencial do mundo, para acreditar somente que o homem, ainda o mais altamente munido de inteligência e vontade é apenas um pobre sêr abandonado no seio da natureza inconciênte, só tendo a ampará-lo a inteligência e o instinto de conservaçção (pág. 208). De Antonele Bezerra, afirma, com desolado enternecimento:... "sua morte foi uma dor que me tem pungido profundamente e veio carregar ainda mais a tinta negra do meu pessimismo perante as injustiças dos destinos humanos". (pág. 165).

Há, talvez, cinco ou seis anos, Medeiros e Albuquerque, escrevendo uma crônica sobre Antônio Sales, afirmou, com aquele pessimismo amargo, com que, por vezes, sublinhava as revoltas do seu patriotismo, que, no Brasil, só o Rio de Janeiro oferecia ambiênte propício para o trabalhador intelectual. Fazia apenas alguma concessão, neste particular e até certo ponto, quanto á cidade de São Paulo. O resto do país, — dizia ele, — do ponto de vista da vida intelectual, deveria ser assinalado no nosso atlas literário, com aquelas palavras caracteristicas com que os antigos cartógrafos costumavam designar, nos mapas geográficos, as regiões despovoadas e selgavens: *"Hic sunt leones..."*

Estranhava, então, o saudoso escritor e acadêmico o fato de se habituar de novo a residir em um meio em que a atividade literária se mostrava ainda tão precária, num espontâneo ostracismo, quem possuia tantos e tão bons títulos nas letras, tantos e tão elevados méritos culturais, como Antônio Sales. E' essa opinião de Medeiros e Albuquerque que, como os demais escritores sulistas, julgava erradamente o Ceará uma terra algo selvagem, no que tange á atividade mental, mostra como era considerado, entre os seus grandes companheiros de rodas literárias, no Rio, o poeta de "Minha Terra", o artista de "Aves de Arribação".

É verdade que, tendo deixado a metrópole brasileira, há cerca de vinte anos, já agora Antônio Sales não encontraria, aqui no Sul, senão um número muito reduzido de companheiros e confrades dos bons tempos de antanho. O cenário já é outro. Os personagens mudaram. Os velhos batalhadores, em sua maioria, já ensarilharam ou depuseram as suas armas para sempre, ante o ultimatum irremovivel da parca inevitavel...

E quê de desolação não sentiria o grande e sensivel coração que sabe, acima de tudo, ser amigo, se lhe fosse dado, palmilhar ágora quasi sózinho, as velhas sendas desertas dos antigos companheiros de jornadas espirituais: Machado de Assis, Nabuco, Taunay, Graça Aranha, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Angusto de Lima, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Afonso Celso e, finalmente Belmiro Braga, — a sua maior afeição na confraria das musas, o poeta que ele próprio descobriu a alma irmã da sua alma, o amigo com cuja perda precoce ainda se não conforma, pouco importa o tempo que vá decorrendo do deplorado desaparecimento do João de Deus brasileiro! Dest'arte, talvez já se não sentisse à vontade nesta cidade que ele tanto quer e apaixonadamente admira, e da

qual nos dá neste livro, páginas de magnificas memórias, lembrando, por vezes, a pena brilhante e autorizada de Luiz Edmundo, como aquela em que reconstitue o antigo e tradicional recanto da rua Primeiro de Março, — o "Carceler", denominação há muito desaparecida e que sómente ainda vive nas crônicas animadas dos poucos historiadores da nossa grande metrópole.

———

A literatura regional do Nordeste, de certo tempo a esta parte, tem tido como *leit motiv* este triptico acabrunhador: as secas, o fanatismo e o cangaço. Os escritores chamados regionalistas, sobretudo os das novas gerações, não teem explorado outro aspecto daquela valorosa região da patria, que passa, assim, aos olhos dos que a não conhecem senão através dos romances e novelas, como uma terra indesejavel. Há apenas honrosas exceções. Antônio Sales está incluido nestas. Os seus livros versam assuntos locais e se revestem de absoluto interesse humano, sem explorar, porem, unilateralmente, qualquer desses aspectos degradantes da terra nordestina. Aspectos, de resto, não permanentes nem exclusivamente caracteristicos do Nordeste brasileiro, onde teem encontrado excelente aclimatação todos os grandes postulados da pujante civilização que se está desenvolvendo nesta parte do Novo Continente e de onde brotam as maiores reservas da inteligência, do patriotismo, da bravura, da tenacidade e do espírito de civismo do Brasil.

———

O insulamento voluntário do poeta e romancista cearense muito tem concorrido para que não seja convenientemente lembrado o seu nome nos meios literários do Sul do país, onde outrora tanto e tão brilhantemente exerceu a sua assinalada atuação. Mas, se o poeta se afastou, assim, do bolicio retumbante da metrópole, em compensação muito tem feito e está ainda fazendo pelas letras do seu Estado natal.

Com efeito, a partir da fundação da "Padaria Espiritual", notavel associação literária cearense, que se tornou conhecida, em pouco tempo, no Brasil inteiro e na qual ainda hoje se fala, a-pesar-de ter deixado de existir há uns bons quarenta anos, até as agremiações atuais, como a Academia Cearense de Letras e a Academia de Letras do Ceará das quais é presidente honorário, vem Antônio Sales prestando os mais assinalados serviços ao Ceará mental.

Não se funda uma sociedade de letras, não se publica uma revista literária, não se edita uma obra de literatura, enfim, na terra de José de Alencar, sem que apareça uma palavra de estímulo, uma expressão de encorajamento, um voto de bom êxito desse cultor infatigavel do belo, desse animador desinteressado das letras, desse cearense da velha têmpera.

Sou evidentemente suspeito para formular qualquer juizo crítico acerca do valor da obra de Antônio Sales; mas não estou aqui, nesta rápida e singela apreciação, em torno do seu último livro, senão para render a minha despretenciosa homenagem de amigo, de cearense e de admirador.

Não posso aliás, pessoalmente, pronunciar-me como juiz, sinão depôr como testemunha e de ciência própria, porque fui um dos aquinhoados com a benevolencia do mestre, quando, ao iniciar a minha carreira literária, em Fortaleza, encontrei na bondade e na experiencia de Antônio Sales o melhor estímulo para a dificil escalada do Parnaso.

Foi ele o prefaciador do meu primeiro livro de versos, há pouco mais de um decênio.

E ainda hoje, mesmo de longe, continuo a acompanhar a trajetória intelectual do romancista de "Aves de Arribação", que nos promete, para breve, "Fabulas Brasileiras", "Pensando, Rindo e Cantando", "A Estrada de Damasco" e mais alguns outros volumes, com que virá acrescer a sua seleta bagagem literária, enriquecendo, dest'arte, o patrimonio mental da Terra da luz, de que é sem favor algum, um dos maiores expoentes intelectuais.

RECORDAÇÃO MILENÁRIA

Eduardo Malta

No meio da vida atual, agreste, de lutas sociais desapiedadas, apraz-me desandar milhares de anos, e colocar-me agora no amanhecer do mundo, em pleno Paraíso. Deus tirara do nada a natureza inteira. Céu iluminado pela luz virgem do sol era jà riscado de curvas pelas aves tontas de novidade. O mar balbuciava apenas a sua constante canção milenária. As árvores, os arbustos e as ervas, cresciam a olhos vistos, numa pujança de alegria casta. Os animais nascidos havia pouco, corriam, saltavam, e de vez em vez, paravam espantados em meio da natureza resplandecente, majestosa. Os peixes frescos, iriados e luminosos, resvalavam contentes entre as águas cristalinas, dum profundo verde-salsa. Deus, esparso na atmosfera inteira, deleitava-se, como o maior dos artistas, sentindo a sua obra. Depois, para maior recreamento, afastou a cândida paisagem refletida nas águas paradas e olhou-se bem na quieta e líquida planície... Então, com terra argilosa, modelou um ser à sua semelhança.

Oh! se Deus não fosse Deus teria ficado cheio de vaidade! Era belíssimo o ser que tinha, pequenino, buliçoso, na palma da mão direita... — "Serás o Rei do Mundo..." disse Deus a Adão; e estendeu-o cuidadosamente sobre a relva tenra. Adão, cansado ainda de ter nascido, adormeceu; pôs-se logo a sonhar com uma criatura que se lhe adaptasse bem, "osso dos seus ossos, carne de sua carne", embora mais pequena e doce do que ele, e de falas mais mansas... O criador, a escutar-lhe os sentidos, e simpático como um pai amigo, realizou-lhe o sonho. E quando Adão acordou tinha Eva na frente, atenta ao seu despertar.

Era linda! Parecia feita dum pedaço de sol, os olhos tinham a limpidez das flores silvestres, os movimentos eram brandos e a fala tão harmoniosa como a voz do éco, assim como projeção diluida da própria voz de Adão.

E disse Deus ao homem: — "De todos os frutos das árvores do Paraíso comerás, apenas nos daquela, alem, no meio do jordim, não deverás tocar... Aquela é a árvore da ciência, a que roubada nos seus frutos logo se vingará!..." E Adão prometeu não desvendar este mistério e levava então os dias com a sua companheira em brincos e correrias; ora atrás dos ágeis animais, ora fugindo deles... Às vezes, quando o sol nascia ou a noite tombava, ficavam os dois num enleio, de braços circundando os corpos, em saborosa contemplação, enquanto as aves cantavam luminosamente, fazendo o silêncio avolumar-se mais.

Não se pode imaginar o Paraíso. Tudo era nele perfeito e casto. Nem uma aragem perpassava, os troncos das árvores erguiam-se a direito, as folhas dos arbustos e as pétalas das flores eram todas simétricas, perfeitas, e os frutos de formas puras. Se às vezes no céu aparecia alguma nuvem branca ou cor de rosa era somente como enfeite...

Certo dia, a serpente, bicha de tão más intenções que até parece inacreditavel ter existido no Paraíso, convenceu sabiamente a ingênua Eva a colher um fruto da árvore proibida. Que sabor teria esse fruto delicioso, amarelo, raiado de vermelho?... Que mistérios desvendaria?... E Eva, com ternura, convenceu Adão e convenceu-se a comerem juntos do fruto. E o fruto era bom, mas ácido.

Imediatamente nuvens espessas lhes toldaram a vista, a terra tremeu tremendamente em suas entranhas, a atmosfera negra foi cortada por golpes de luz desesperada, e um ruido pavoroso encheu os céus e repercutiu pelos vales e nas penedias côncavas...

Adão e Eva olharam-se a tremer, tiveram vergonha de si mesmos, correram em sentido contrário, cobriram-se nervosamente de folhas; e depois, como animais bravios, quasi receosos um do outro, foram-se então aproximando a pouco e pouco... A presença esmaltada das suas caras e corpos foi emurchecendo... Os olhos perderam o antigo brilho sidéreo, os sorrisos diluiram-se em amargura, e os gestos tornaram-se toscos, como que inacabados. Pelos luzidios e uma certa humidade febril nasceu nos seus corpos macerados...

Os animais, antes tão amigos e mansos, tinham já movimentos felinos de revolta; as árvores, erguidas a direito, retorceram-se e

(Continúa no fim do ANUARIO)

Um Espirito contra o seu Meio

D'Almeida Vitor

O epigrama, entre as diversas modalidades da poesia, constitue-se, sem dúvida, de uma atualidade flagrante; de um interêsse merecido, e, sobretudo, admiravel, pela expressão de revolta que encerra.

Nenhuma outra face da poesia, tem fixado melhor, um ambiente social, qual a ironia de um verso. E' a sensibilidade em conflito com o meio; é o espírito rebelado contra o amórfo da sociedade. E' o riso, o pavoroso riso do espírito; riso de piedade revoltada; riso de superioridade, riso torturante, comprimente, demolidor, de uma conciência dentro de uma época. E' o riso demoníaco que asfixia o atingido, que o humilha e o preme, quando não chega a anulá-lo. Um riso de uma perversidade tão sutil, impossível de poder ser sentido por muitos; senão, por alguns eleitos, alguns espíritos, surgidos, inopinadamente, numa geração, e criados num clima próprio para a expansão dessa Arte de requintes de maldade.

No Brasil, sem embargo da grande quantidade de cavalheiros que teem tentado essa grandiosa e perversa feição da poesia, pouquíssimos, são os nomes, que, com justeza, merecem a legenda de epigramistas. Apenas, três se destacam, podendo, ademais, e, curiosamente, ser citado, alem do seu satirismo, um grande sentimento lírico.

A maioria, nada mais tem feito, do que quadrinhas inofensivas, sem expressão a ser notada, e, quasi sempre, sentimentais, A ironia, de que Voltaire ou um Eça, é simbolo, é privilégio. O epigrama é uma tendência inata. E em nosso país, alem de Gregório de Matos, Emílio de Menezes e Pinheiro Viegas, não me ocorre alguem, entre os nossos poetas, a quem se possa citar. Na prosa, houve Antònio Torres e há esse extraordinário Agripino Griecco.

Sobre Gregório de Matos e Emílio de Menezes, mesmo sem a devida consideração intelectual, algo se tem dito. De Emílio principalmente, devido, talvez, pela proximidade da sua morte, lhe teem referido ao nome, continuadamente, chegando-se às vezes ao cúmulo de lhe atribuir inúmeras expressões ferinas, passagens picantes, que ele jamais imaginou. Sobre Pinheiro Viegas, no entanto, alem das referências de Agripino Griecco, (1) mesmo com a sua morte, muito pouco se disse da sua individualidade.

ESBOÇO INTELECTUAL

A maldade fez morada na sua alma. Nunca, dos seus labios se ouviu o louvor a alguem. Foi só a sátira aquilhoante, peçonhenta, venenosa, e, por vezes infamante, que jorrou da sua boca.

A vida, por certo, lhe estragou o sentimento afetivo, e só soube odiar. A sua ve-

(1) — "Evolução da Poesia Brasileira".

lhice decorreu entre cóleras interiores, estravasadas em furia contra os outros. O seu fracasso econômico, teria transtornado a sua emotividade, que se espraiou num prazer sadista, maldizendo de tudo e de todos.

Pinheiro Viegas, com seu perfil de Dante, — estragado pela ação do tempo, magro, alto, recurvo, vestindo sempre um terno preto, cuidadosamente posto, e recorrendo à ajuda de um monóculo, quando necessitava ler alguma coisa, era um tipo extravagante, demoníaco, mas, indubitàvelmente, uma das mais significativas expressões intelectuais da Baía, e porque não dizê-lo? — do Brasil, que transpondo o século XIX, veio viver nos nossos dias.

Conhecí-o por voltas de 1929. Cercavam-no varios moços, encantados com o seu espírito rebelde. Jorge Amado, Dias da Costa, Alves Ribeiro, João Cordeiro, Clovis Amorim, de quando em quando Sosigenes Costa e alguns outros, reuniamo-nos quasi todas as tardes pelos cafés do centro da capital baiana, buscando sentir a sua inteligência revoltada. Dessas reuniões, nasceria no ano seguinte, (1930); a "Academia dos Rebeldes", da qual foi aclamado presidente de honra.

A sua pena era um instrumento envenenado, com que feria a reputação alheia, com uma displicência inaudita. E esta sua rebeldia mórbida, foi a cêrca que ergueu entre a sua personalidade e o meio onde vivia, e de que resultaria a sua derrota na vida; porque ele, a despeito de ter tido uma longa existência, jamais logrou a estabilidade e o conforto, de que era credor o seu valor intelectual.

Os seus sentimentos dispares como seu ambiente social, isolaram-no da possibilidade de qualquer vitória material. Sómente, no último trecho da sua vida, se lhe acercaram aqueles moços, que, atraidos pela sua inteligência rebelada, e tentando compreendê-lo, passaram a lhe admirar, como contrapeso ao ódio que lhe emoldurou o nome.

Depois, já cego, como Homero, sem uma perna, atirado num leito de hospital, condenado à decomposição lenta, foi, que ele, certamente, compreendeu o vasio da sua vida; se sómente, de longe em longe, um olhar, ainda desconfiado, se debruçava sobre a sua solidão. Nunca, porem, u'a mão amiga se lhe aproximou afetuosamente, como um bálsamo para as suas dores. E', que, mesmo naquele leito de hospital, onde aguardava a visita da morte, (2) ainda o epigrama terrível, lhe enchia as horas de isolamento.

O SATIRISTA

E' curioso, sentirmos a pujança do talento de Pinheiro Viegas, através da sua maledicência. As suas caricaturas feitas em versos, são verdadeiras joias de Arte, onde a verve facil, o humor diabólico, a sutileza das deformações, assinaladas por uma espontaneidade desconcertante, no seu conteúdo, enfim, elevam-no até o poder satírico de Gregório de Matos, sem dúvida, seu antepassado intelectual.

Ele encontrou sempre, em tudo, a expressão do ridículo, o motivo do grotesco, que fixou com pinceladas fortes e admiraveis. E no âmbito da sociedade pequeno-burguesa da nossa Cidade do Salvador, poucos foram os vultos, que, em se salientando, não tiveram a seguir, a individualidade deformada pela maldade de Pinheiro Viegas.

Exemplificando, lembrarei algumas das suas sátiras. (3) Carlos Chiacchio, que assinava às terças feiras, no diario, "A Tarde", um rodapé de crítica literária, sob a epígrafe de "Homens & Obras", no qual, à falta de livros costumava tecer ditirambos aos amigos que lhe sustentavam o vicio do café, aparece-nos perfilado nesta quadra:

Terço as terças, lusco-fusco,
muitos homens poucas obras...
roda-mão, caso patusco,
C. C., largartos e cobras...

Um dia, enchendo as paredes da velha cidade, grandes cartazes anunciavam a reaparição de um antigo orgão da imprensa local, "O Imparcial", sob a direção de Mário Simões e Mário Monteiro, o que deu motivo a esta perfídia:

Mário Simões, bis Monteiro,
remontaram "O Imparcial":
são quatro mãos no dinheiro,
são quatro pés num jornal.

---

(2) — Viegas faleceu num arrabalde praieiro da capital baiana, — Itacaranha —, a 28 de novembro de 1937.

(3) — A documentação de que me servi, devo-a a Alves Ribeiro, um dos mais belos espiritos e cultura da mocidade baiana, que foi dos mais intimos de Viegas, sendo depositario da sua obra inédita.

"Imagens que dansam nuas"
o samba carnavalesco...
vejo em croniquetas suas,
assinado: F., o fresco...

Tendo a revolução de 30 colocado à frente dos altos cargos administrativos da Baía, inumeros forasteiros, não lhes valeu as posições que ocuparam, como impedimento para o extravasamento de biliosidade de Viegas; e entre outros, o Governador Jurací Magalhães, o Chefe de Polícia João Facó e o Delegado Auxiliar Hannequin Dantas, foram mimoseados com este epigrama:

Baía os viu bem "ruim",
magros, feios, amarelos;
três flagelados, flagelos,
Jurací, Facó e Hannequin.

Inumeros outros, — entre estes eu, — serviram de alvo à verve diabólica de Viegas. Sobretudo eu, sobre quem ele depois que cortamos relações, — (devido o ter ele vendido a um só tempo, a mim e a João Cordeiro, *Les fleurs du mal,* de Baudelaire, e eu me tivesse recusado a entregar ao outro comprador, um livro que de fato já era meu,) — desde então, nunca mais me poupou, dedicando-me uma série de epigramas, que tanto teem de ofensivos, quanto de admiraveis pela sua concepção; cheios dessa perversidade que é flagrante na sua produção, atingindo por vezes o limite do ultraje, como no dedicado a Florencio Santos, onde se sente que um ódio inferior a tal o moveu.

E' a obra do escorpião, mas em que se divisa um soberbo talento, uma sutileza de espírito, que se não pode classificar precisamente; um humor bilioso e explendido.

O LIRICO E O PROSADOR

Pinheiro Viegas, não foi porem, apenas o grande satirista. A par deste prisma da sua poesia, encontraremos na sua obra um delicado lirismo, com arroubos milagrosos, ou versos sociais, de profundo pensamento, que o denunciam um socialista, em 1891, com o seu poema, "A República", publicado em folheto.

Existem versos seus, tão cheios de Beleza, tão suaves, tão delicados, que chegamos a estranhar a diversidade da sua emoção. E por isso, talvez, que eles são poucos, como os que foram reunidos em "Poemas da Carne", (1894), ou tais como a sua "Tebaida" (6):

A paisagem vernal de sonho e de aquarela.
O monte, o vale, o rio, o céu, são meus vizinhos.
Da janela eu contemplo o dia quasi a termo,
E' a cabêça de um Deus a sangrar sob espinhos.

Triste e só por não vê-la, eu vou ficando enfermo,
Creio vê-la outra vez, meu coração me bate,
Os meus olhos azues nos verdes do meu ermo.

O palor de alabastro, a coma de ouro-mate.
Penso vê-la outra vez, antes eu nunca a visse!
Lêda, a boca a sorrir, é uma rosa escarlate.

E' a caricia nupcial e sororal meiguice,
Elançada, sutil, deslumbradora e bela,
Na música do céu das coisas que me disse.

A paisagem vernal de sonho e de aquarela.

*
* *

A sua prosa, de grande espontaneidade, facil e expressiva, reveste-se de uma tonalidade panfletária, mordaz, virulenta, sendo sempre o epígrama, cujo exemplo nos dão o seu folheto "Vogais & Consoantes", de crítica ao *Christus Imperat* de Otávio Mangabeira, ou os artigos depois reunidos em volume sob o titulo de "Brasil — prosa e verso". Ainda neles predomina o sarcasmo.

O nome de Pinheiro Viegas, entretanto, está gravado na história das letras nacionais como uma das maiores afirmações de valor intelectual. Ele há-de ser sempre lembrado como um maledicente, peçonhento, mas proprietário de umas das mais vigorosas organizações intelectivas que temos tido.

(6) — "Brasil — prosa e verso", publicado sob o pseudônimo de Solphos de Arnaud, com prefacio de Pinheiro Viegas, em edição da "Academia dos Rebeldes", Baía, 1931.

ARARIPE JUNIOR

J. A. Pinto do Carmo

Constitue objeto da crítica tudo o que possa ser analisado ou observado. Vastíssimo é, pois, o campo onde atuará o crítico, ainda mesmo que se movimente delimitando sua atividade, como por exemplo, o crítico literário.

Efetivamente, em literatura não é facil situar horizontes. E isso é mais uma razão dificultando sua missão que, criadora de idéias, como a quer Remy de Gourmont ou de esteta, afinando com Brunitière, implica na posse de qualidades tais como: vocação especial, cultura generalizada, bons conhecimentos filosóficos, e, ainda, ausência de personalismo.

Iniciando-se com os *Contos Brasileiros*, Araripe Junior talvez jamais premeditasse fazer-se crítico literário, não cuidando que viesse a ser um analista, embora com *otimismo sistemático*, do pensamento alheio. Os seus trabalhos posteriores: *O ninho do beija-flôr*, romance; *Jacina, a Marabá*, crônica dos tempos coloniais; e *Luizinha*, romance, entretanto, já revelam mais que o fino observador de costumes e fatos históricos.

E' que o futuro crítico já se encaminhava. Ele próprio não escondia a sedução pelos novos princípios que penetravam nos meios culturais do país e prometera demonstrar que os brasileiros não ficariam indiferentes diante do movimento literário dos centros civilizados.

O século XIX consagrara a excelência de novas idéias, principalmente em economia, filosofia e literatura, revolucionando o empirismo reinante. Tudo seria examinado novamente, à luz da ciência do século. Araripe Junior, atento à realidade, observara: "Tenho dito, por várias vezes, que nada tanto influiu até hoje sobre a direção das correntes estéticas como o movimento das transformações político-sociais".

Comte e Spencer, predominavam na filosofia. Taine, em literatura, dava-nos um método para sua investigação. O predomínio da filosofia positiva era evidente. O evolucionismo de Spencer diminuira o delírio positivo; porem, esse, coeso pela disciplina dos adeptos criara boas raizes e, encimado pela religião da humanidade, tinha a ajudá-lo o misticismo do meio bárbaro e sentimental.

Araripe Junior formara ao lado dos que propugnavam por essas idéias. No Ceará, sua terra natal, fizera parte de uma sociedade intelectual cujo principal objetivo era propagá-las. Entusiasmado, cerrou fileira e apresentou-se em público realizando sua primeira conferência, — *O papado* — onde causticou de acordo com a teoria positiva, a pseudo infalibilidade do chefe da igreja. Fôra essa uma ocasião para externar suas idéias filosóficas. Não tardaria que, em literatura, tambem se chegasse às novas conclusões que nos mandava o velho mundo, aceitando-as a seu modo.

Taine não fizera de suas aplicações as únicas capazes de serem seguidas. Porem, em que pese boas razões em contrário, criara um método, o primeiro que abandonara o empirismo procurando apoiar-se nas investigações da ciência. Estamos que não fôsse perfeito; porem, ainda hoje, desconhecemos outro que assim possa ser considerado. Não admira, dessa forma, que Araripe Junior o julgasse o melhor dos conhecidos atē então, ou o mais consentâneo com sua formação espiritual. Contudo, antes de utilizá-lo pesou-lhe os prós e contras e dicidiu que, à parte

os exageros de uma perfectibilidade impossivel, não eram de todo incabiveis as deduções apresentadas. Experimenta-lo-ia, porem com as restrições julgadas imprescindiveis. Recaiu a escolha, para estudo experimental, sobre Gregorio de Matos. Em verdade foi feliz na experiência. Procurando focalizar o incomparável satírico à luz dos ensinamentos taineanos o fez sem se escravizar às regras do brilhante professor gaulês. Já era, por esse tempo, um espírito formado, capaz de perfeitamente compreender o mestre. E' o que nos diz no prefácio desse trabalho: "Orientado no evolucionismo spenceriano e adextrado nas aplicações de Taine, procurei depois fortalecer-me no estudo comparado dos críticos vigentes. Todos os pontos de vista da exegese moderna tem sido objeto de minhas preocupações. Toda idéia, boa ou má, exequivel ou inexequivel, é sempre humana. Assim, pois, acostumei-me a nada desprezar. O próprio pessimismo e os seus variadíssimos dialetos literários, ocultismo, decadismo, pre-rafaelismo, wagnerismo, tem-me ensinado a discernir melhor as coisas humanas e dirigir o espírito pondo de lado o que fortúito. Devo declarar tambem que muito continuo a aprender relendo Aristóteles, Longino, Horácio e principalmente o bom Quintiliano. *O Lacoonte* de Lessing fez época na minha carreira de crítico a-pesar de havê-lo conhecido quando já estava muito familiarizado com a estética de Taine. Lessing, pelo menos, convenceu-me de que os princípios da arte, os elementos simples, já eram conhecidos da antiguidade grega, e que a crítica moderna apenas desenrolou, equilibrando-os, e agora trata de adaptá-los à vida complexa do espírito secular".

Evidentemente, quem estava escudado por tão fortes conhecimentos, gerais e filosóficos, jamais seria um estático diante de regras fixas. Um método não o escravizaria, qualquer que ele fôsse. Aceitava sugestões, porem as subordinava ao seu espírito independente. Foi como orientou seu trabalho sobre Gregorio de Matos.

José Verissimo que estudou essa sua obra não a desmereceu. Conquanto fosse inimigo do método de Taine, o qual julgava *artificioso*, declarou: "Não queremos, entretanto, insistir sobre o método em que principalmente se inspirou. Como quer que seja a ele deve o escritor ter dotado nossa literatura com um livro que nada tem de banal". O vigoroso crítico desprezou o método, aceitando as conclusões do autor que lhe pareceram acertadas. Araripe, no entanto, já declarára não existir razão para, em literatura, tudo se explicar à maneira de Taine. Dessa forma, agastou-se com Verissimo, a despeito mesmo de outras ressalvas que lhe fez o crítico. A resposta, assim redigida, não tardaria, sendo talvez a mais forte que lhe saiu da pena: "O sr. J. Verissimo assinalou a influência de Taine como decisiva nos meus processos de crítica. Não o nego; e declaro até que si não existissem os trabalhos do autor da *História da literatura inglesa*, é bem provavel que ainda hoje estivesse jungido ao sistema das causas fortúitas. Essa influência que me foi extremamente benéfica, porque corrigiu algo de místico, que havia no meu temperamento de escritor, não me avassalou; todavia, por mais entusiasmos que gerassem no meu espírito, as leis de estética, analisadas pelo mestre, encontraram em mim um sóbrio e cuidadoso aplicador. O método fortaleceu-me e ensinou-me, primeiro que tudo, a estudar. Pois bem, esse método habilitou o discípulo a compreender os próprios defeitos daquele insigne professor.

"Para que o método do mestre, dizia a mim mesmo, não se torne inutil e banal é indispensavel que haja sinceridade; que se não abuse do instrumento de demonstração; que finalmente à aplicação desse instrumento, que é tão exato como pode ser o teodolito, proceda um critério filosófico, como quem afirma uma ontologia positiva e uma ética clara e de utilidade prática. Ora, sob esses dois pontos de vista, o autor da *História da literatura inglesa* estava muito longe de interessar-me. As suas conhecidas tendências pessimistas, o seu determinismo sêco e a sua falta de lirismo, sem equivalentes de ordem moral e prática na vida humana, contrariavam a cada instante as tendências opostas, que constituem o fundo de minha natureza. Daí originou-se para mim um combate contínuo no sentido de descobrir outro ponto de apoio, sem contudo perder a riqueza dos processos taeneanos".

Não foi isso motivo para polêmica. Ambos viam a crítica sobre aspectos diferentes, porem, como verdadeiros intelectuais, respeitavam-se. Para Verissimo a crítica era "tão incapaz de favorecer uma literatura, quanto é incapaz de a prejudicar com o vitupério.

Araripe, céptico, ou não, a praticava de maneira suave, ou melhor procurando encorajar, animar, auxiliar os que lhe solicitassem e com isso não se deu mal. Teve a virtude de apresentar extreantes que não desmereceram a confiança depositada.

"Eu não creio — dizia — que a crítica seja

Os romances de MÁRIO SETTE

Brito Bróca

O Sr. Mário Sette deve com muita razão ser considerado um precursor do romance nordestino, principalmente desse ciclo da cana de açucar a que se refere Lins do Rego e a que se filiaram vários romancistas. Embora já tivesse publicado antes outros livros secundários, como "Ao Clarão dos Obuses", contos da guerra, escritos de imaginação, pois o autor não chegou a presenciar os horrores que nos relata com exuberância de tintas, seu nome começou a ser verdadeiramente focalizado na literatura brasileira com o "Senhora de Engenho", aparecido por volta de 1921.

Era pela primeira vez um quadro da vida rural pernambucana à sombra dos canaviais. O autor, entretanto, não pensava, nem de longe, em realizar um documentário. Nessa época ninguem pretendia ressurgir os velhos processos de Zola no Brasil. O "Senhora de Engenho" não passa de um livro romântico, desses que podem ser postos em todas as mãos. Trata-se de comover o leitor com uma história sentimental, de amores errados, mas o ambiente é real, sem nenhum artifício, nenhum arrebique — o verdadeiro ambiente dos engenhos nordestinos. A nossa literatura acabava de ganhar assim um novo cenário. Em "O Vigia da Casa Grande", "João Inácio" o cenário se acentua com perpectivas mais ricas e variadas.

O Sr. Mário Sette não perde jamais de vista o meio. Através da intriga romanesca à Júlio Diniz (que é o Senhor de Engenho senão uma Morgadinha dos Canaviais brasileira?) Pernambuco aparece com seus usos e costumes, sua aristocracia rural, numa evocação viva e colorida. Saindo do romance para a crônica, pura revivescência histórica, ele nos deu, em 1935, um belo livro sobre o Recife antigo "Maxambombas e Maracatús".

Mas a sua paisagem pernambucana continua ainda no romance, com "Os Azevedos do Poço" ultimamente aparecido — crônica de uma família da aristocracia recifense entre os derradeiros dias do império e os primeiros anos da república. Será essa certamente a obra de maior fôlego do autor de "Senhora de Engenho", livro em que pretendeu traçar um friso completo de uma sociedade, numa época de transição como foi o ocaso do Império. A intriga é complicada, abrangendo grande número de personagens, episódios subsidiários que valem geralmente pelo pitoresco dos flagrantes e pela documentação retrospectiva. O tema principal é o casamento de uma filha dos Azevedos com um rapaz rico, de excelente família, casamento imposto pelas conveniências dos pais, contra os desejos da noiva apaixonada por um moço pobre. O moço desespera-se, convencido de que a criatura o traira, e que nunca o amara, pois do contrário não se submeteria às injunções da família. Passam-se os anos e a filha dos Azevedos, não se conformando com o marido que lhe haviam impingido, acaba por cair nos braços do seu namorado de antanho. Fogem os dois com grande escândalo da sociedade do Recife e a maior revolta dos Azevedos, feridos na sua nobreza e no seu orgulho. O romance prossegue até a derrocada econômica dos Azevedos, contrastando com a felicidade reinante no lar da filha errada.

Nesse livro o Sr. Mário Sette deu certamente o melhor de sua arte de romancista, pondo em movimento grande número de personagens com uma mestria própria dos que estão habituados a encenar o espetáculo da vida.

Ele reafirma assim a sua posição na literatura brasileira — a de um bom pintor de costumes, sentimental e lírico.

---

uma ciência fundada. Não lhe conheço os princípios abstratos. A crítica, portanto, arvorada em magistratura, é um escândalo tão digno de ser profligado como as antigas justiças consulares".

A vista disso mais se interessava pela conclusão do estudo do que pela forma empregada na investigação. Sobretudo, procurava descobrir referências que viessem realçar o acerto do pensamento do escritor.

Ainda são de Verissimo estas palavras, que bem traduzem essa sua particularidade: "Quando o sr. Araripe Junior publicava na *Semana* os artigos sobre a nossa literatura em 1893, tive eu ocasião de notar que toda a sua boa vontade, todo o seu talento, não chegaram para darnos senão uma impressão de vasio, contrária justamente aos seus intentos. Relendo-os agora após tres anos, mais se confirma o meu conceito e mais admiro, que o sr. Araripe Junior sem cair na banalidade — mesmo quando avança juizos que ninguem lhe aceitará — com tão pobres elementos tenha feito um livro interessante".

Era bem essa a verdade. Enquanto a crítica intransigente de hoje se diverte caçando pequenos senões para aumentá-los inquisitorialmente, Araripe Junior, amante do belo, procurava sempre encontrá-lo, realçando-o, por mais pobres que fossem os elementos de que dispusesse.

A INDÚSTRIA DO LIVRO NO BRASIL

MAIS de uma vez temos posto em evidência o desenvolvimento da nossa indústria editora. O livro nacional tem se aperfeiçoado e desenvolvido de maneira apreciavel. As grandes edições foram tentadas há já algum tempo, com relativo êxito. É exato que algumas iniciativas, nesse particular, por último, por uma explicavel falta de cautela de alguns editores, teem tido resultado precário. E daí o recurso final à "queima" dos livros, como meio prático ao descongestionamento dos **stocks** de algumas livrarias.

E quanto ao aperfeiçoamento do nosso livro, como obra gráfica, não resta dúvida que o nosso progresso, nesse campo, é flagrante.

Quanto aos livros didáticos é notavel o desenvolvimento. Efetivamente, de uns anos para cá, os professores brasileiros vivem assediados pelos propagandistas das casas editoras que distribuem milhares de exemplares de livros a título de amostra, pedindo a preferência do magistério. Editoras há que teem 4 ou 5 séries diversas de livros de leitura; 7, 8 e mais cartilhas; 2 ou 3 séries para o ensino de inglês, francês, matemática, história da civilização, etc.

Quanto aos preços dessas obras, basta consultar os catálogos das editoras para vêr como as cartilhas são vendidas a $700, $800 e 1$000; livros para o ensino de linguas, tendo junto o respectivo dicionário, são vendidos por 5$000.

Demonstram os fatos que nada entrava o desenvolvimento da indústria livresca. Muito pelo contrário, essa indústria tem-se desenvolvido extraordinariamente nestes últimos anos, oferecendo em abundancia ao comprador livros a preços accessiveis.

O QUE É O PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

De Prudhomme a Pearl Buck

Eugenio O'Neil havia sido vagabundo e Knut Hamsun passara fome na Finlândia

110 contos e a fama

Pearl Buck

Hamsun

O'Neil

Bernard Shaw

No dia 27 de novembro de 1895 Alfredo Nobel, o descobridor da dinamite, instituia no seu testamento um prêmio em dinheiro a ser concedido aos sábios, literatos e beneméritos da humanidade, e que, mais tarde, ficaria famoso e conhecido no mundo inteiro sob a denominação de "Prêmio Nobel". Distribuido anualmente, o Prêmio Nobel tem trazido para a admiração geral de todo o universo os nomes mais representativos das letras e das ciências e fazendo com que suas obras, de um dia para outro, corram mundo e fiquem para sempre na lembrança dos homens. A-pesar-de todo o seu renome, o Prêmio Nobel não é lá grande coisa em dinheiro, mesmo se lhe comparando com outros congêneres, como o "Goncourt", o "Internacional de Romance", etc. São 300.000 francos que cabem a cada contemplado, ou sejam mais ou menos 110 contos de réis em nossa moeda. Mas, em compensação, o escritor se torna momentaneamente solicitado por todos os editores do mundo e seus livros, após o laurel conquistado, rendem verdadeiras fortunas. E' o caso de Eugene O'Neil, de Knut Hamsun e agora o de Pearl Buck. Interessante seria saber o que fazem os escritores com a centena de contos que embolsam. Alguns aproveitam os 300.000 francos em viagens, outros em reformar suas bibliotecas e alguns outros, como Hamsun, em construir uma simples e cômoda casa de campo, perdida entre altíssimos e protetores pinheiros.

EUGENE O'NEIL e KNUT HAMSUN — DOIS QUE CONHECERAM TODOS OS LADOS DA VIDA

Se há dois nomes que merecem ser citados em toda a crônica de indivíduos que bastante aprenderam da vida, vivendo-a em todas as sua facetas e sentindo-a em todas as suas angústias, esses são sem dúvida os de Eugene O'Neil e o de Knut Hamsun. O primeiro iniciou sua vida nas mais baixas camadas sociais, sendo vagabundo em Nova-York, toxicômano em Buenos-Aires, marinheiro de um cargueiro durante vários anos, protetor de mulheres, novamente vagabundo no Rio-de-Janeiro, um nômade eterno. Foi num hospital dos Estados-Unidos, para onde fôra obrigado a internar-se em virtude de moléstia pulmonar contraida numa das suas peregrinações, que o futuro grande teatrólogo resolveu escrever. O seu primeiro drama, editado por uma livraria modesta, fez um sucesso enorme e o escritor estava descoberto. Daí por diante Eugene O'Neil não mais descansou. E toda a sua obra é uma longa linha de ascendência, até 1936, quando conquistou o Prêmio Nobel.

Knut Hamsun tambem teve uma vida cheia de aventuras e sofrimentos. Na Finlândia passou fome, quando ainda nem completara os vinte anos. Ele mesmo, no seu livro mais importante e mais humano — "Fome" — nos conta de como corria os jornais de Cristiânia, morto de fome e de cansaço, insistindo junto aos redatores e diretores das folhas para que lhe comprassem os artigos que escrevia nos bancos dos logradouros públicos. Nos Estados-Unidos, em

Chicago, foi condutor de bonde. E, poucos anos depois, era o escritor consagrado pelo mundo inteiro, levando, contudo, para seus livros, este sabor amargo e profundamente humano com que a vida definiu toda a sua obra. Knut Hamsun foi laureado com o Prêmio Nobel em 1920 pelo seu livro "Mar Rens Grode".

Sinclair Lewis

DE SULLY PRUDHOMME A PEARL BUCK — MULHERES LAUREADAS

Sully Prudhomme foi o primeiro escritor que recebeu o famoso laurel, em 1901, pela sua monumental obra poética. E a última a ser laureada, em 1938, foi Pearl Buck, autora do famoso "The Good Earth". A obra principal de Pearl S. Buck, a que lhe valeu o Prêmio Puliter e a maior soma de aplausos em todo o mundo civilizado, é, entretanto, a sua "Trilogia da Terra Chinesa" — iniciada em 1931, com o volume "A Boa Terra" (The Good Earth), que o público brasileiro apreciou na impressionante versão cinematográfica a cargo de Paulo Muni e Louise Rainer, intitulada "Terra dos Deuses".

"The Good Earth" (que foi traduzida para o português pelo sr. Oscar Mendes e editada pela Livraria do Globo, sob o titulo de "China, velha China") é um soberano e magnífico poema da terra da China, terra imemorial e prodigiosa, sofredora, dominadora e humaníssima.

Thomas Mann

O segundo volume da "Trilogia" denomina-se "Filhos". O primeiro descrevera a vida de Wang-Lung e de sua esposa O-Lang. "Filhos" conta a história de Wang, "o tigre", o herói da guerra.

"A Família Dispersa", terceiro volume dessa série formidavel, narra o drama de Yuan, o homem novo da China. Yuan, voltando das peripécias da guerra para o contacto com o campo, convence-se de que a China jamais poderá assimilar as conquistas das civilizações ocidentais — e que só o amor à terra e o estímulo dos corações femininos poderão fazer com que a China reviva de todas as derrotas e de todas as quedas.

Pearl S. Buck escreveu tambem, sobre seu país, os volumes "O anjo combatente" e "A Exilada". Outros livros seus sobre a China: "A Mãe", "A Primeira Mulher" e outras histórias e "Casa da Terra". Traduziu tambem o volume "Todos os homens são irmãos" do escritor clássico chinêz Shui-Hu-Chuan.

Selma Lagerlof

Esta americana que escreve um livro sensacional sobre a China e, com ele, sobretudo, ganha o Prêmio Nobel de Literatura, nasceu na Virginia. Seu pai, que era missionário, levou-a, desde muito criança, para a China. Todos os seus irmãos, ela era a mais jovem, exceto um que regressou aos Estados-Unidos para estudar, morreram nos dias dificeis que seus pais tiveram de suportar, no cumprimento do dever, em pleno interior da China.

Pearl Buck cresceu, pois, na China. Aí desabrochou-se a inteligência. Aí ouviu, de amas chinesas, as primeiras histórias. Aprendeu a amar a China, sentindo e vivendo como uma chinesinha.

Depois, quando a época dos estudos se aproximou, fez a primeira viagem à Europa, de onde embarcou para os Estados-Unidos. Terminado o curso, regressou à China, onde permaneceu sempre, com al-

Gerhart Hauptmann

Pirandello

gumas rápidas viagens à América, até seis anos passados. Hoje fixou-se definitivamente nos Estados-Unidos, esperando, certamente, voltar qualquer dia ao Oriente.

Alem de Pearl S. Buck outras mulheres tambem foram laureadas com o maior prêmio literário do mundo. A primeira foi a escritora sueca Selma Lagerlof, pela sua obra poética e seus romances. Em 1926 o Prêmio Nobel foi concedido à teatróloga italiana Grazia Deledda e, em 1928, à novelista norueguesa Sigrid Undset. Outra mulher, a baronesa austriaca Bertha von Suttner, ganhou o Prêmio Nobel da Paz de 1905, com o célebre romance "Abaixo as armas", de enorme repercussão na época.

LISTA COMPLETA DOS ESCRITORES CONTEMPLADOS COM O PRÊMIO NOBEL

1901 — **Sully Prudhomme** — Pelo seu grande mérito de escritor e particularmente de poeta. (Francês).

1902 — **Teodoro Mommsen** — Pela sua monumental "História Romana". (Alemão).

1903 — **Bjornson Bjornstjerne** — Pela sua obra poética. (Norueguês).

1904 — **Frederico Mistral** — Pela sua original composição poética e sua importância como filólogo provençal. (Francês).

— **José Echegaray** — Pela sua brilhante e importante obra literária na qual revelou a grande tradição do drama espanhol sob uma forma original e independente. (Espanhol).

1905 — **Henrique Sienkiewicz** — Pelos seus romances históricos. (Polaco).

1906 — **José Carducci** — Pela sua obra poética e de crítica literária. (Italiano).

1907 — **Rudyard Kipling** — Pela sua obra literária de grande força descritiva. (Inglêz).

1908 — **Rodolfo Eucken** — Pela sua grande obra literária. (Alemão).

1909 — **Selma Lagerlof** — Pela sua obra poética e seus romances. (Sueca).

1910 — **Paulo Heise** — Pelo lirismo das suas novelas e dos seus dramas. (Alemão).

1911 — **Mauricio Maeterlinck** — Pela sua atividade como crítico literário e pela sua obra dramatica. (Belga).

1912 — **G. Hauptmann** — Por toda sua obra de criação. (Alemão).

1913 — **Rabindranath Tagore** — Pela sua profunda obra literária, poética e encantadora. (Indiano).

1915 — **Romain Rolland** — Pelo alto idealismo da sua obra literária. (Francês).

1916 — **Verner von Heidenstam** — Por trazer para a literatura sueca uma nova era. (Sueco).

1917 — **Carlos Gjellerup e Pontoppidan** — Pela fiel descrição da vida finlandesa. (Finlandeses).

1919 — **C. Spitteler** — Pela sua obra épica "Primavera Olímpica". (Alemão).

1920 — **Knut Hamsun** — Por sua monumental obra "Mens Rens Grode". (Finlandês).

1921 — **Anatole France** — Pela sua vasta obra de admiravel escritor. (Francês).

1922 — **Jacinto Benavente** — Pelas suas extraordinárias peças teatrais. (Espanhol).

1923 — **W. Buttler Yeats** — Pela sua obra poética. (Inglês).

1924 — **Reymont** — Pela sua obra poética. (Polaco).

1925 — **G. B. Shaw** — Pela sua obra literária, principalmente pelas suas comédias. (Inglês).

1926 — **Grazia Deledda** — Pela sua obra literária, principalmente no que tange à descrição dos costumes da Sardenha. (Italiana).

1927 — **Henri Bergson** — Pela sua idéia sempre viva e pela arte com que soube apresentá-la. (Francês).

1928 — **Sigrid Undset** — Pela sua formidavel descrição da vida dos povos do norte. (Sueca).

1929 — **Thomaz Mann** — Principalmente pela sua grande novela "Buddenbroocks". (Alemão).

1930 — **Sinclair Lewis** — Pela sua grande arte descritiva da vida e pelo seu talento de criador de tipos. (Norte-americano).

1931 — **Erik Axel Karfeldt** — Pela sua obra poética. (Sueco).

1932 — **Galsworthy** — Pela sua obra de romancista. (Inglês).

1933 — **Ivan Bunin** — Pela forma artística com que continuou a tradição da grande literatura russa. (Russo).

1934 — **Luigi Pirandello** — Por sua genial renovação da arte dramática e cênica. (Italiano).

1936 — **Eugene O'Neil** — Por suas peças teatrais. (Norte-americano).

1937 — **R. Martin du Gard** — Pela sua grande obra literária. (Francês).

1938 — **Pearl S. Buck** — (Ver o nosso tópico acima sobre esta escritora norte-americana).

Que desejaria ser se não fosse escritor?

OS LIVROS QUE ELES ESCREVERIAM. ALVARO MOREYRA AMBICIONA O LUGAR DE DIRETOR DA LIGHT. O "ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" OUVE VÁRIOS INTELECTUAIS. CONFISSÕES QUE ESPANTARÃO OS LEITORES DISTANTES...

Graciliano Ramos

Marques Rebelo

Joel Silveira

Os depoimentos dados pelos escritores, numa hora longe da literatura e dos livros, são sempre interessantes. Eles revelam coisas que os livros não dizem, pensamentos e desejos que nunca vemos nas páginas escritas e nos artigos assinados. Para a gente de longe, a gente simples do interior, então, esses depoimentos, em forma de conversa, tomam uma grande importância porque, alem de trazerem à superfície todo o pensamento escondido do literato, servem para uma comprovação: a de que o escritor é um ser humano como outro qualquer, dono das mesmas angústias e das mesmas ambições. O que mais surpreende é que quasi nenhum está satisfeito com a literatura. Muitos acham que ela é estreita demais. Outros, ingrata, sem futuro. Na verdade, poucos são os literatos que vivem, no Brasil, do que escrevem. Aquele que não corre para o jornalismo, sacrificando o melhor da sua arte, vê-se obrigado a procurar outro "gancho" qualquer. Houve mesmo por aquí um sujeito de posição que definiu, há muitos anos, a literatura como sendo "uma vaidade de espíritos sem preocupações". Felizmente, hoje em dia já se conhece perfeitamente em nossa terra o papel de relevo que ela ocupa em todos os problemas humanos. Quer dizer: a literatura no Brasil já está sendo levada em conta. Falta somente que sejam tambem levados em conta os escritores.

FALA ALVARO MOREYRA. "Queria ser diretor da Light". O homem de todas as gerações.

Alvaro Moreyra é o homem de todas as gerações. Sempre moço, é um milagre com que ele se revestiu para atravessar os anos e as gentes que surgem com eles. Umas quarenta pessoas já o definiram. Simbolista, parnasiano, saudosista, modernista, futurista — Alvaro Moreyra foi tudo para os críticos. Divergindo na maneira de situá-lo na literatura, todos eles chegaram, no entanto, a um só ponto de vista quanto a seu espírito: Este homem não envelhece! E é com esta mocidade, que faz o dano de muito moço encanecido, que Alvaro Moreyra vai atravessando a literatura e a vida. Nele, as duas coisas se misturam. E' um grande humano. Viveu e conta o que viu. Sua moral reside na moral cotidiana da gente que anda pelas ruas e toma sol e chuva. O que há nele é uma vontade inesgotavel de explicar, mas de explicar de um modo diferente — como um poeta que estivesse ensinando a alunos ignorantes os primeiros rudimen-

tos de uma grande matemática. E esta vontade ele vem realizando como há muito ninguem consegue fazer entre nós.

Ao imaginarmos esta "enquête", de carater puramente informativo, lembramo-nos logo de Alvaro Moreyra. Fomos encontrá-lo, depois de um aviso prévio pelo telefone, na redação de "Diretrizes", cercado de literatos e jornalistas. Explicamos nossa intenção. Queríamos fazer duas perguntas, simples e importunas.

— Faça lá!

— Primeiro é essa: Que livro desejaria escrever se acaso pudesse?

Alvaro pensa um momento, alisa os cabelos, tira outra baforada do charuto fino. E responde com um sorriso:

— Justamente esse...

À nossa segunda pergunta — "O que desejaria ser se não fosse escritor?" — ele foi rapido. Parecia já ter na cabeça um plano antigo, um desejo alimentado de há muito:

— Queria ser diretor da Light!

Enfim, eram respostas à Alvaro Moreyra! Ficamos satisfeitos e corremos para a "José Olímpio". Eram quatro horas da tarde e a livraria da rua do Ouvidor devia estar regorgitando de 'celebridades"..

Dante Costa

Danilo Bastos

FALA JOSÉ LINS DO REGO. Já escreveu todos os livros que desejou escrever. Se Deus ajudar, escreverá outros.

O autor de "Banguê", estava rodeado de uma turma do barulho: Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Santa Rosa, Peregrino Junior, etc. Aproximamo-nos:

— Dá licença, José Lins?

— Toda, rapaz. Pode dizer.

José Lins do Rego é muito amavel. Gosta de conversar, para o que tem um jeito todo especial. Na Livraria José Olímpio atrai sempre uma roda em que ele pontifica com as anedotas e os fatos lá do Norte.

— Nós estamos fazendo uma "enquête" para o **Anuario Brasileiro de Literatura** e queríamos duas respostas suas.

— Faça as perguntas.

— Que livro desejaria escrever se pudesse?

José Lins pensa, se afasta um pouco da roda:

— Bom rapaz, isto só escrevendo. Arranje papel.

Em poucos segundos o escritor de "Moleque Ricardo" rabiscou, naquela sua letra nervosa, algumas linhas que nos entregou. Lemos:

— "Os livros que escreví foram justamente os livros que desejei escrever. Outros ainda escreverei com a mesma vontade, se Deus me ajudar e José Olímpio estiver disposto a editar".

Anibal Machado

Bricio de Abreu

— Qual é a outra?

— Que é que você queria ser se não fosse escritor?

— Bom, esta não precisa escrever. Respondo logo. Nos meus tempos de menino a minha grande ambição era ser maquinista de estrada de ferro: quando ouvia de minha cama o apito do trem, era a figura do maquinista que me surgia na memória. E agora, depois de grande, não sinto por essa minha profissão o mesmo entusiasmo...

Pela fisionomia séria de José Lins sentimos que ele estava sendo sincero. No fundo, era o mesmo poeta daquelas páginas admiraveis de Maria Alice e dos canaviais verdes. 4

GRACILIANO RAMOS é rápido. Queria ser editor.

Graciliano Ramos, o grande escritor de "Angústia", foi rápido nas suas respostas. Respondeu logo:

— Se eu não fosse escritor queria ser editor.

Á segunda pergunta, teve esta resposta clara e definidora:

— Gostaria de escrever o livro que imagino e que não sou capaz de realizar...

MARQUES REBELO — uma multidão em pessoa. O autor de "Oscarina", como sempre, faz "blague". "Pensar é facil..." O clube das "Vitórias Régias" vai ficar em polvorosa...

Marques Rebelo é a inquietação em pessoa. Parece uma multidão. Fala, movimenta-se, tira e bota os óculos, não fica parado um instante. Grande escritor, os seus contos hoje são popularíssimos e, num inquérito recente que uma revista carioca está fazendo, é ele um dos mais votados. O autor de "Oscarina" e "Marafa" tem fama de maldoso. Mas, no fundo, é um sujeito ótimo, camarada, delicado e incapaz de um gesto cabotino. Na "Nestlé", onde trabalha, Marques Rebelo nos recebeu. Sabendo do nosso intento, foi logo soltando as respostas:

— O livro que desejaria escrever?

Pensou dois minutos. Respondeu, por fim:

— Pensar é facil. Escrever é que é o diabo!

— E que desejaria ser se não fosse escritor?

Marques teve um riso fino, fez um gesto de maldade:

— Queria ser "lago" no clube das Vitórias Régias...

FALA O CRONISTA NÚMERO 1. — RUBEM BRAGA quer ser diretor de um grande jornal. Se pudesse escrever a Constituição da República...

Rubem Braga é hoje um dos escritores brasileiros que mais público possuem. Ainda muito moço, já é um grande nome na literatura contemporânea do Brasil. Suas crônicas inauguraram uma fase diferente e original no assunto. Alem de tudo, é um jornalista de primeira. E foi como jornalista que o fomos encontrar, na sua mesa de trabalho, na redacção do "Imparcial", onde ele, todos os dias, dá ao público a graça e inteligência da sua seção "Grifo 7".

— Que livro você desejaria escrever, Rubem?

Rubem Braga empurra o papel, descansa a pena, responde sério:

— A Constituição da República.

— E se você não fosse escritor, que desejaria ser?

— Essa palavra — escritor — aplicada ao meu caso é um pouco forte. Sou um cronista. Chamar um cronista do meu tipo de escritor é mais ou menos como chamar de "sportman" um jogador de "ping-pong". Mas vamos à resposta: eu queria ser diretor de um jornal grande e livre, onde pudesse dizer com toda a clareza tudo o que me desse na telha.

E olhando de um modo estranho para o reporter:

— Garanto que diria belas coisas! Belas coisas feias!

A RESPOSTA DA GERAÇÃO NOVA. JOEL SILVEIRA ainda tem esperanças de ser Presidente da República.

Fomos encontrar Joel Silveira na redação do "Dom Casmurro", do qual ele é um dos secretários. Interrogado, respondeu:

— Não sei bem se já sou um escritor. Parece que não. Mas se não fosse o que sou, bem que queria ser Presidente da Re-

pública. E' um cargo que aceito com a melor boa vontade... Quanto ao que desejaria escrever, é facil. Quasi que desejo o mínimo. Apenas queria ser o autor do melhor livro de contos do mundo, um troço que desse para eu avançar no Prêmio Nobel...

AS RESPOSTAS DE PEREGRINO JÚNIOR.

Peregrino Júnior tambem respondeu à nossa "enquête", dando-nos as seguintes respostas:

— Qual o livro que eu desejaria escrever? Um romance — o romance da Amazônia. Mas o que estou escrevendo é um livro de medicina: "Alimentação e Constituição". E, quanto a outra pergunta, se eu não fosse escritor, desejaria ser... escritor.

DANTE COSTA — autor teatral. "Seria uma peça terrivel..."

Dante Costa é um nome vitorioso. Vitorioso como cronista e como autor de livros de medicina. Um espírito sempre novo. E um camarada ótimo. Para o nosso inquérito Dante Costa escreveu essas duas respostas:

— "Não sei se acontece com os outros. Comigo acontece. Há sempre um livro que a gente desejaria escrever, mas que está alem das nossas possibilidades, alem das nossas habituais cogitações e até alem do nosso desejo conciente. E' uma coisa que vem do instinto. Vem lá de dentro, e nos surpreende. Eu, por exemplo, que faço a minha atividade intelectual em campo tão diferente, gostaria de ser autor de uma peça teatral de grande intensidade dramática, dramática em excesso até. Quasi uma tragédia. Não sei porque me veio esta idéia, que sei irrealizavel. Nunca escreví e sei perfeitamente que nunca escreverei coisa alguma de teatro. Não tenho jeito, nem gosto nem técnica. O teatro está justamente do outro lado de qualquer tendência do meu espírito. E' pensamento e palavras. E eu não gosto de palavras. Sou silencioso. Mas essa peça que nunca escreverei, essa peça que jamais sairá da minha mais intima gaveta da imaginação é um dos meus raros motivos de melancolia... Mas lamento muito. Lamento horrivelmente... Seria uma peça terrivel e bela..."

Para a segunda pergunta, Dante Costa teve esta resposta:

— "Se não fosse escritor gostaria de ser... um navegador solitário..."

DANILO BASTOS — um futuro Stokowsky. Conversa na rua.

Danilo Bastos, da nova geração de escritores e outro secretário do "Dom Casmurro", vinha muito apressado pela Cinelândia. Fizemo-lo parar:

— Venha cá, rapaz. Que queria você ser se não fosse o que é?

Danilo endireita os óculos, responde:

— Vocês me afobaram. Deixe eu pensar. O que queria ser? Ah! sim... Queria ser um maestro. Um grande maestro, maior do que Stokowsky!

— E qual o livro que escreveria se pudesse?

— Esse que vivo anunciando há uma porção de meses: "Três Andares". Não há jeito de sair...

FALA ANÍBAL MACHADO. Um "Curso de Vida". Só interessa o que fôr humano.

Aníbal Machado é um escritor de primeira. "Conteur" primoroso, sua literatura é todo um repertório de gestos humanos, tragédias e dramas que acontecem na vida. Para a nossa "enquête" Aníbal Machado escreveu as respostas abaixo:

— "Basta considerar a situação atual do mundo para a gente sentir que este conhecido planeta está ultimamente girando sob o signo da Estupidez. Situação que se reflete até mesmo nos espíritos que se julgam os mais preservados do perigo, pela distância ou pela inconciência. Mesmo assim, é tão poderoso no homem a vontade de abandonar-se ao próprio jogo da vida e sonhar, que ele se deixa exagerar-se a si mesmo e, dentro de um sistema de ameaças e brutalidades organizadas, chega a poder gozar alguns momentos de descuido feliz. Em geral, porem, é numa atmosfera de medo, de mistificações e alarmas sinistras a anunciar-lhe o extermínio ou a transformação fundamental, que a humanidade vem vivendo.

O livro que eu escreveria, "se pudesse', seria o que ajudasse a sair dessa fase de estupidez grandiosa que está atravessando, e contribuisse a aproximá-la da idade da verdade e da poesia, que ela não pode dei-

xar de atingir num futuro de vinte anos ou de dois mil, pouco importa. Contribuir para renovar esse pesadelo com um livro é mesmo um sonho... Nem mesmo um Dom Quichote."

E respondendo à nossa segunda pergunta:

— "Não sou propriamente um escritor; apenas alguem que vive atento ás coisas do espírito desde que estas sejam expressão da vida. Quer dizer: tanto da vida manifestada pelo conjunto das forças e seres na sua agitação interminavel e nos seus movimentos visiveis, como da vida interior do homem — mundo secreto de ardor e lirismo, cada vez mais cheio de desespero pelos conflitos com as formas sociais e políticas que alguns paises veem inaugurando para devorar os outros. Em todo caso, se eu fosse um escritor, um produtor de idéias e formas, só o deixaria de ser para abrir um Curso de Vida para Crianças (deixem passar a tirada um tanto tolstoiana); ou então para misturar-se como vagabundo na platéia, com direito de aplaudir e vaiar, e, sobretudo, de exigir que se dê liberdade ao escritor, porque a obra do verdadeiro artista não pode ser negativa e destruidora senão para abrir caminho à verdade. A verdade está no fundo dela e, mesmo dilacerando e fazendo mal a princípio, acaba produzindo o bem, alargando a conciência do homem, destruindo-lhe os resíduos obscurantistas, possibilitando o entendimento real dos espíritos e a dignidade das criaturas. Escrevo raramente, quando mo permitem as condições de saude, as circunstâncias da vida. E, principalmente, quando me parece que vale a pena. Prefiro viver. Considero a literatura como uma escola da vida e um instrumento da verdade. O que não fôr humano tambem a mim não interessa."

NA REDAÇÃO DE "ESFERA". Dois poetas e um "conteur".

Fomos encontrar na redação de "Esfera" dois poetas e um "conteur". Os poetas eram Rossine Camargo Guarnieri e Abelardo Roméro. O "conteur": Dias da Costa. Abordamos os três logo de uma vez, que nos atenderam solicitos. Rossine foi muito sintético, mas muito sincero: Disse:

— Si não fosse escritor gostaria de ser aquilo que as contingencias da minha vida determinassem.

E com um riso amargo:

— Mesmo porque sou produto dessas contingencias...

— E sobre o livro?

— Desejaria escrever um livro que conduzisse a humanidade a um destino mais digno, a uma vida melhor e mais perfeita.

Era uma resposta cheia de um grande idealismo humano, caracteristica, aliás, da poesia deste jovem poeta de São Paulo.

Abelardo Roméro foi mais extenso. É o tipo do sergipano que gosta de conversar cheio de uma lógica de ferro. Foi falando:

— E' muito conhecida aquela história de um rei que andava à procura de um homem feliz e que depois de muito trabalho foi ter com um pobre pastor de cabras que não tinha uma camisa no corpo e que entretanto se dizia feliz. Esta pequena história deve servir de exemplo.

Ajeitou os oculos, endireitou o nó da gravata, continuou:

— Um homem feliz é aquele que está conformado consigo mesmo e com a sua profissão (que às vezes não é nenhuma). Com certeza aquele rei que andava à procura de um homem feliz não era feliz. Queria ser outra coisa. Aquí mesmo entre nós houve um rei cujo maior desejo era ser professor — um simples professor de aldeia. Ora, eu sou professor e sou tambem escritor, mas confesso com sinceridade que não estou satisfeito. Meu maior desejo seria viver com a maior intensidade possivel porque, como Tolstoi, só acredito na felicidade dos sentidos. Eu quizera viver extensa e intensamente, numa constante fruição de todos os bens da terra. E como intelectual que sou, isso é impossivel. O intelectual, com raras exceções, limita-se a ver a vida dos outros... Eu estaria mais conformado com a vida se em lugar de escritor fosse, por exemplo, um bom center-forward.

— E que livro você escreveria?

— Não tenho vontade de escrever outro livro. A-pesar disso, porem, terei que escrever. Mas agora não acho um livro que eu desejasse escrever...

Depois falou o "conteur". Dias da Costa tem uma maneira irônica e amarga de entender e olhar a vida. E foi com este

amargor que ele definiu suas respostas às nossas perguntas:

— Se eu não fosse escritor desejaria ser turista americano, para poder achar interessante o Carnaval carioca, mesmo no tempo de hoje em que o Carnaval parece um pouco deslocado no tempo e no espaço.

E à segunda pergunta:

— Exatamente o livro que não escrevo hoje porque não posso e que não posso por motivos que tambem não posso dizer...

FALA O DIRETOR DO "DOM CASMURRO". Gostaria de ter escrito a Bíblia...

Falamos com Bricio de Abreu pelo telefone. E ele nos prometeu deixar as respostas por escrito, em forma de uma carta. No outro dia fomos encontrar o prometido, na redação do "Dom Casmurro". Bricio de Abreu havia escrito:

"Meu caro Reporter:

V. envia-me duas perguntas para o **Anuario Brasileiro de Literatura**, exigindo rápidas respostas. Hum!... Esse "rápido" é que atrapalha tudo... Nada pode ser perfeito quando é realizado às carreiras. Em todo caso vou procurar satisfazer a sua curiosidade e a desse incorrigivel Pongetti. O que eu desejaria ser se não fosse escritor? Primeiramente, não sou escritor, mas jornalista. Escritor eu chamo a alguns cavalheiros que não fazem outra coisa senão escrever, escrever, escrever a vida inteira, para o tormento da gente o gaudio dos vendedores de papel velho e inutilizado, como, por exemplo, o inefavel senhor Carlos Maul, de saudosa memória. Isso é que é um escritor no Brasil. Em outro qualquer país o escritor é o que vive da pena. No Brasil ninguem vive dela. O diletante burro é que é um escritor — os que teem talento são diletantes tambem mas chamam-se "romancistas", "poetas", "contistas", etc. — nunca escritor! O escritor entre nós, como o que citei, ainda é "um remanescente do tempo em que os animais falavam", como diz o nosso Alvaro Moreyra. Como cometi algumas peças de teatro, chamaram-me tambem de teatrólogo. Com esse jeitinho, talvez possa responder... Logo, se não fosse aquilo que você perguntou, quereria ser o sr. Viriato Corrêa, porque deve ser muito bom e reposante...

V. vai mais longe e deseja saber qual o livro que eu gostaria de escrever. Nenhum, meu caro, "gostaria", nenhum... "Gostava" de ter escrito a Bíblia. V. se dá conta dos direitos autorais que me teria dado a Bíblia? Mas, em todo o caso, ainda não me seria desagradavel ter sido o autor do "Almanaque das Senhoras" ou da "Folhinha do Elixir de Nogueira", obras primas da nossa literatura... Aí fica, pois, meu caro, as minhas respostas. V. pode ficar chocado com elas. Mas juro que são sinceras. — Bricio".

PARA TERMINAR, FALA JOSUÉ MONTELO.

Josué Montelo estava no Café Amarelinho quando nós chegamos. E' um sujeito alegre e inteligente, que venceu cedo. Fizemos as perguntas de praxe e Josué procurou saber das outras respostas. Não queria repetir... Foi respondendo:

— Se eu não fosse escritor queria ser Presidente da República... depois de Joel Silveira para concertar a administração...

A "bola" estava boa. Mas queríamos resposta para a segunda pergunta. Ela veio:

— Escreveria um romance. O romance da cidade de São-Luiz. E depois um guia de ruas da capital maranhense, bem massudo, para dar impressão aos turistas de uma grande cidade.

E aquí termina a nossa "enquête" que, como dissemos acima, tem puramente um carater informativo. Não pudemos entrevistar mais gente. Foram encontros ocasionais que nos permitiram coligir os depoimentos de alguns. Mas, tambem, são tantos os escritores... E o **Anuario** tem seu tamanhozinho certo.

CINEMA BRASILEIRO em 1938

Edmundo Lys

E, quanto ao cinema brasileiro, sejamos otimistas!

Mesmo sem patriotada, é o que podemos concluir da produção nacional em mil novecentos e trinta e oito: sejamos otimistas, porque o que temos feito, em cinema, ao desamparo de tudo, constitue obra apreciavel e que faz honra à nossa civilização.

Veja-se, por exemplo, o cinema brasileiro comparado ao teatro: o teatro tem muitos anos de existencia; é de produção relativamente barata; conta com o bafejo do governo traduzido em mil réis e, pelo menos representado por uma casa oficial (os teatros municipais) em cada capital; pois, em comparação com o cinema, recentíssimo, o nosso teatro é quasi uma vergonha, podendo contar-se pelos dedos seus autores, atores e diretores realmente apreciaveis, suas apresentações de fato significativas.

*
* *

Contra tudo isso, o incipiente cineminha nacional, exposto a todos os riscos e a uma concorrencia a domicilio que o teatro indigena nunca teve, nem nunca terá, se faz valer heroicamente. Até bem pouco tempo, a própria produção de "curtos" era uma aventura, diletantismo. A obrigatoriedade do "complemento" — que, aliás, está sendo muito burlada — serviu de incentivo ao gênero e, ao par de muito pathe-bebismo insignificante, temos tido verdadeiras revelações de "shorts" de todos os gêneros, educativos, reportagens, documentarios. O jornal semanal da Cinédia tem realizado reportagens sensacionalissimas, dando "furos" até na própria imprensa do Rio, que é uma das mais ageis do mundo.

*
* *

A parte o **short**, 1938 nos deu uma média de um filme longo em cada dois mezes, num total de seis peliculas, o que é um numero grandemente apreciavel. E, apreciavel, mesmo sem olhar a qualidade média destas cintas longas, todas realizadas pela Cinédia, o que representa, tambem, um "record": toda a produção longa, realizada por um único studio.

*
* *

O ano começou com um tiro carnavalesco,

"Tereré não resolve" que serviu de pretexto a uma apresentação de cenas do carnaval e que teve o mérito da atualidade e de um bom enquadramento de aspectos da grande festa popular.

O filme seguinte foi "Aruanã". Este constituiu um sucesso. O Sr. Libero Luxardo que o realizou, dirigindo-o em pleno sertão do Araguaia contribuiu com uma obra de merecimento pelo melhor nivel do nosso celuloide dramatico. "Aruanã", filme de tema brasileiro, tirado quasi todo na própria paisagem sertaneja, com um elenco bem dirigido — foi um belo cartaz, em muitos pontos superior a obras estrangeiras correntemente elogiadas entre nós.

Depois, tivemos "Maridinho de luxo", servido num original de teatro e guardando estreitas relações com a cena fixa. Isso, entretanto, a parte ainda alguns senões técnicos — não eliminou o filme do agrado das platéas, principalmente porque os mais prestigiosos cinemas alienigenas nos servem "abacaxis" muito mais graves...

Tivemos ainda "Alma e corpo de uma raça", o film Flamengo-Cinédia, de escopo sportivo — eugênico, veiculando amadores, dirigido por um estreante que foi uma revelação — Milton Rodrigues. Foi o filme mais prestigiado, tanto pelo seu carater patriotico, como pelo nivel técnico-artistico nele atingido, como pela numerosa popularidade do Flamengo.

Foram estes os filmes produzidos e estreados em 1938.

*

* *

Alem deles, entretanto, a Cinédia realizou mais duas peliculas longas: "Diamantes Negros", um filme de aventuras e de "mocinho", em que figuram artistas norte-americanos, como essa perturbadora Marie Abott que voltará breve para os studios de Ademar Gonzaga; e "Onde estás felicidade?" o reputado celuloide que Mesquitinha dirigiu para encabeçar os lançamentos da Cinédia em 1939, no qual utilisou recursos até aqui inexplorados, estreando tambem uma estrela promissora — Alma Flora, vedeta do teatro e do radio, com temperamento e aprimorados dotes de artista.

*

* *

São estes os fatos principais do cinema brasileiro em 1938.

E, mais: Lulú de Barros dirigiu três filmes longos; "Tereré", "Maridinho de Luxo" e "Diamantes negros", todos relativamente bons.

Libero Luxardo e Milton Rodrigues impuzeram-se como diretores, estreando ambos com mão de mestre, guiados, de resto, pelos ensinamentos e pela competencia de Ademar Gonzaga.

Mesquitinha tambem mantem uma situação de vanguarda, dirigindo "Onde estás felicidade?.

Das "estrelas", três, principalmente, se destacaram: Maria Amaro, Alma Flora, Nilza Magrassi, sem contarmos Lígia e Neuza Cordovil que, como simples amadoras, figuraram no filme do Flamengo. Entre os astros devemos consagrar aqui os nomes de Roberto Lupo, o galã de "Alma e corpo de uma raça", e o de Paulo Gracindo, que obteve destaque ao lado de Rodolpho Meyer em "Onde estás felicidade?"

No dominio do complemento, assinalamos a realização dos jornais da Cinédia, os notaveis documentarios de Wulfs e, alem de outros "shorts", os da Rossi-Rex, de São Paulo. O Instituto de Cinema Educativo, dirigido pelo insigne Roquete Pinto, produziu um repertorio de primeira ordem.

E, em materia de projetos: a filmagem, a terminar-se, de "Eterna esperança", o drama com "background" nordestino, que Leo Martin iniciou no Ceará e está concluindo na Cinédia, com Silvinha Melo e Sonia Veiga nos principais papéis; e o plano de produção da Cinédia, em que Ademar Gonzaga intervirá como diretor de uma ou duas peliculas, as outras (num total de seis) a cargo de Mesquitinha e Milton Rodrigues; entre os filmes prometidos pela Cinédia, "Vida de Carlos Gomes", biografia empática do gênio campineiro feita em super-produção; e numa adaptação do famoso romance de J. Manoel de Macedo — "A Moreninha", uma joia literária que será tratada com extremos de técnica e de cenarização.

O COLONIAL EM MINAS

Barros,
O MULATO

O ineditismo é a nota predominante no panorama que Minas colonial oferece aos nossos olhos e embevecidos guardamos para sempre a recordação de todas as suas relíquias que a história rememorará pelos séculos a fora. Nada do que vimos pelo Brasil é relembrado no cenário novo da arquitetura avoenga, da escultura em pedra verde, que lembram, aquela mais que esta, o espírito da época dos audazes singradores de oceanos. Plantada numa região acidentada onde a montanha se contorce no rítmo amoroso de terra fecunda, a arte, tem o sabor voluptuoso das coisas que emocionam e o complicado do barroco, parece ter tido, alí, o seu berço, tão

identificado ele se tornou no acúmulo feminil daquela natureza.

Naquelas cidades que as cintilações do sonho bandeirante criou, que nasceram das águas como Venus, mas águas cujas margens preciosas, de sinuosidades caprichosas, guardassem em seus seios de virgens de então, o coração de ouro que vale mais que as almas humanas; o silêncio natural paira como o azul atmosférico que não é tingido de cinza pelo fumo das cidades modernas que levam novos sonhos ao precipício fatal das gerações.

Naquelas cidades, as formas geométricas da pedra empilhada que são casas e que são templos, o passado vem nos dizer através da expressão senil que o tempo emprestou, tristemente, da inutilidade do esforço e interrogando-nos, com lágrimas, se não nos achamos cansados da repetição fatigante que a vida nos obriga, de acharmos bela o amontoado inerte das coisas inferiores da natureza, de nos estraçalhar nas lutas de competição.

Mas a arte deixou alí, mais uma vez, exteriotipado o que o homem pode fazer de mais superior. Arte cuja imperfeição de vida é uma qualidade. Momentos de emoção que são plasmados. E' a imortalidade sublimada do homem em sua sede de perpetuação. Na fuga de tudo que nos cerca e que é uma humilhação constante, a arte é uma das modalidades do pensamento que mais satisfazem. De tudo o que resta de todos os povos a arte é a síntese e a expressão máxima do que conseguiram, seus espíritos eleitos, para mostrar através do tempo o pensamento da época. A arte partiu da adaptação da primeira caverna para a habitação do homem. Evoluindo estendeu o seu âmbito da residencia dos vivos à moradia dos mortos, num preito de temor, religião, ou veneração. — Desde os tempos pre-históricos até a sucessão quasi incontavel das civilizações a arte tem sido a verdadeira documentação da elevação intelectual. Atualmente a estandartização dos conhecimentos tem feito com que as gerações virís, mas, incipientes, dos novos sectores da terra recem-cultivada, caiam na imitação das formas agonizantes de povos cansados. Esta civilização que morre, não tem o leito pregui-

çoso da terra virgem, não desaparece no isolamento e no anonimato dos valores desconhecidos de si mesmos, que criaram para a nossa admiração no interior mineiro. Não, ela morre com espasmos furiosos daqueles que foram vencidos na vida pela loucura. O preconceito e a incapacidade criadora da grande maioria dificultam os passos do ressurgimento. O conservadorismo, inimigo de toda a tendência evolutiva agarra-se ao existente, como parasitas a arvores sem seiva prestes a cair depois de secular florescência. Mas vence a idéia, culmina o que brota com o impulso de uma vida nova e sadia.

Minas antiga é ambiente propício às divagações. O próprio passado, vivido por duas gerações que nos antecederam, espelhado na serenidade estática do que foi elevado do solo, são os primeiros passos estéticos de adaptação, incitando a caminhada liberta do nosso Eu.

As cidades tradicionais de Minas oferecem um vastíssimo campo de estudos. Inesgotavel, mesmo, pois somente Ouro-Preto é capaz de nos prender com seus templos, trechos de ruas e ângulos de casas velhas, durante meses e anos. Diversas outras cidades, espalhadas pelo grande estado, possuem uma interminavel sequência de motivos do mais puro estilo colonial entre as quais contam-se São-João-dElrei, Mariana, Sabará, Congonhas-do-Campo e Diamantina.

Ouro-Preto, a cidade monumento, é um museu localizado e espalhado em todas as suas casas e igrejas seculares, vividas pelos que começaram a escrever as primeiras páginas de nossa história. Ela permanecerá a mesma com tudo o que lá existe, desde a pedra que dorme na rua e que diz viver quando a ferradura de um animal lhe tira um ruido, até ao chafariz que não dá mais água; para rememorar liricamente Marílias inspiradoras, profetas como Francisco Xavier, gênio como Aleijadinho. Na memória, vagueiam torres de igrejas, cruzes de ferro no cume dos montes, carantonhas de chafarizes, arabescos de desenhos coloniais nos edifícios.

O Aleijadinho é a figura mais impressionante que a tradição mineira nos legou. Sua personalidade marcante de torturado é de tão alta expressão, que José Francisco Lisboa, observado dentro de sua época e de seu ambiente excede a todos os da Europa venerados no primitivismo de sua arte. A escultura de Lisboa acha-se espalhada em diversas cidades, onde parceladamente a vamos admirando. Mas, onde sua arte está melhor representada é sem duvida em Congonhas-do-Campo. O Santuário daquela cidade de romarias, é a maior coleção do mestiço genial. Os "Profetas" irradiam até nosso sentimento a emoção plasmada. Sente-se a vibração interior de cada bloco de pedra. Gente que medita, pensa, que ora tem os olhos esbugalhados na comunicação do terror das cousas sacras, ora a visão calma para o infinito com a placidez dos bem-aventurados. Nos "Passos" está a sua interpretação da "Paixão" que tem a feição inédita das cousas sentidas de modo diferente. "A Ceia", "O Horto", "A Prisão", "O Calvário", "A Crucificação", não sugerem nada já visto no gênero. Cristo é o ideal humano da plástica de Aleijadinho. Proporção, anatomia, modelado e expressão, estão fixados na bíblica figura com o apuro de que era capaz. Seu Jesus está duma maneira soberba identificada com o Homem-deus, que tudo sofre com superior resignação. Belo no sofrimento e apenas, às vezes, uma leve elevação de sobrancelhas, o lábio inferior pendente, são sinais fisionômicos de dor daquele que é supliciado tenndo sempre a mesma bondade e a mesma compaixão no olhar. Contrastando com essa figura sobre-humana, estão os soldados que são tratados com asco pelo artista, neles estão estampados verdadeiros monstros, que maltratam, que batem, ferindo sem piedade até a morte aquele que só praticou e pregou o bem. Seus soldados são verdadeiras caricaturas, só assim os concebia Aleijadinho: — Judas repugnantes, como tantos outros, quem em criança havia, na Aleluia, queimado e esquartejado como castigo de um crime irreparavel. Se Aleijadinho, não possue a doçura ingênua de um Fra Angélico, tem a virilidade dum Ghilardajo e mais a originalidade de um grande torturado que na ânsia transbordante de expressão, realizou sozinho o primeiro e monumental acervo artístico do Brasil.

As cidades antigas de Minas, são o relicário de tudo o que de mais poético, entre nós, possa existir. Para lá deveriam convergir os olhares dos pintores que quisessem dar a sua arte um sabor documentário das cousas que relembram a fase mais interessante do primitivismo de nossa arte.

LITERATURA BRASILEIRA

APANHADO GERAL

por Samuel Putnam

Os livros brasileiros estão despertando interesse no estrangeiro. Talvez mais mesmo do que entre nós... Por isso, abrimos tambem um espaço neste Anuário *para a transcrição das opiniões que lá fora emitirem sobre eles os críticos de autoridade, como Samuel Putnam, um dos maiores conhecedores nos Estados-Unidos da literatura latino-americana.*

Alem de uma crítica feita particularmente aos últimos poemas de Newton Belleza, Ivan Ribeiro e Xavier de Azevedo, aqui transcrevemos (traduzidos ambos para o português) um comentário geral sobre a literatura brasileira em 1937, publicado no "Handbook of Latin American Studies" relativo àquele ano dirigido por Samuel Putnam.

Esse "Handbook" representa algo de importante não só na divulgação como na coordenade todo o movimento intelectual dos paises latino-americanos. É um guia seleto de tudo quanto se publica sobre antropologia, belas artes, economia, educação, folclore, geografia, administração, história, relações internacionais, leis, filologia e literatura.

Força é convir que aqui entre nós não possuimos nenhuma publicação que apresente uma resenha crítica e bibliográfica tão boa e quasi completa, de maneira a se ter de pronto uma impressão do nosso movimento editorial, fora da conveniência dos grupos.

Com o exemplo que nos vem de fora, estamos animados a fazer trabalho semelhante para as letras nacionais em os números do Anuário *do ano vindouro em diante. Para isso, entretanto, ser-nos-á indispensavel a colaboração de todos os editores e intelectuais do país, para quem apelamos desde agora.*

Do "Livro de Estudos Latino-Americanos" de 1937 publicado pela Universidade de Harvard, e expensas da Fundação Rockefeller".

O cenário literário do Brasil em 1937 não foi muito diferente do do ano passado. Não houve senão uma acentuação, o que aliás era de se esperar, das tendencias e dos impulsos que já se haviam esboçado em 1936. Como já ficou dito, no número desta publicação referente a 1936, esses impulsos foram, em grande parte, de natureza social econômica e política, e esperamos que o estudo da bibliografia que se segue mostrará a predominância do carater extraliterário no panorama atual do Brasil; tanto quantitativa como qualitativamente, os anos de 1936 e 1937 se equivalem.

Ainda este ano deve-se destacar uma meia dúzia de romances ou novelas de primeira ordem: "Pureza" do conhecido José Lins do Rego, "Capitães de areia" de Jorge Amado, "A rua do Sirirí" de Amando Fontes, "Subúrbio" de Nelio Reis (seu primeiro livro), "O amanuense Belmiro" de Cyro dos Anjos, "Gado humano" de Nestor Duarte, "Ponta de rua" de Fran Martins, "Morro do moinho" de Martins d'Alvarez. Segundo Peregrino Junior, crítico nacional, e tambem contista, os 5 primeiros livros da lista acima são os mais típicos do romance moderno brasileiro, com todas as suas boas e más qualidades, e com todas as suas incessantes preocupações.

Como quer que seja, esta resenha parece ser o contingente mais selecionado da produção literária deste ano. Dos autores que encabeçaram a lista da produção de 1936, apenas Lins do Rego e Amado aí estão de novo este ano. Erico Verissimo contribuiu apenas com um livro de aventuras para crianças, sendo para notar-se a ausência de Lucio Cardoso, Luiz Martins e Graciliano Ramos — ocupados provavelmente na preparação de novos trabalhos a serem publicados em 1938. Uma estréia interessante é a do autor de "Subúrbio" que tem apenas 20 anos de idade.

Já nos referimos acima à "preocupação" dos romancistas. De quais sejam estas preocupações poderemos ter uma idéia lançando uma vista d'olhos aos principais livros produzidos. Antes de mais nada, nota-se uma espécie de predileção pelo estudo do meio baixo, meretrício, e da vida esteril da pobreza e dos desamparados da sorte. Isto importa quasi na criação de uma nota de humanidade (*humanness*), nota essa que bem se percebe por exemplo entre os poetas: Newton Belleza e João Accioli. Martins d'Alvarez e Fran Martins ocupam-se tambem da vida trágica dos humildes com um espírito de honesto realismo. Nestor Duarte pinta o "Gado humano" na Baía. Em "Pureza" o magistral Lins do Rego faz todo um drama de um frangalho de humanidade constituido por uma família sufocada pela vida numa estaçãozinha de estrada de ferro de província.

Ao lado de um livro como a "Rua do Sirirí, tendo como cenário as zonas da prostituição, pode se colocar "Lapa" de Luiz Martins de 1936.

Entretanto a nota de manifestação primitiva de sexualidade (*Sexual primitivism*), de que os críticos de espírito mais conservador tanto acu-

savam Freud e Dr. H. Lawrence e que sobressai tanto em livros como "A luz no Subsolo" de Lins Martins Cardoso, e em "Um lugar ao sol" de Verissimo — parece ter diminuido, ou melhor, parece ter-se elevado a um tema de melhor resonância. Em "Subúrbio" o jovem Nelio Reis mostra-nos que um meio literário ou pseudo — literário, pode ser tão sórdido como qualquer outro e não precisa recorrer a Freud para explicá-lo. Um sintoma auspicioso disso pode-se perceber tambem nos escritores de assuntos proletários reunidos em antologia pelo poeta modernista Tasso da Silveira.

Naturalmente as tendências não são apenas as indicadas. Por exemplo, Amado realizou plenamente o prognóstico que esta publicação fez em relação a ele em 1936. Com um livro de aventuras emocionantes tal como "Capitães de areia" ele — que foi em tempo o expoente do tema "proletariado" — está se tornando um escritor muito popular, felizmente possuido da salvadora graça da poesia. Em compensação Cyro dos Anjos, por exemplo, está evidentemente regressando às frageis e pouco humanizadas esquisitices de um Machado de Assis. Em conjunto a figura de José Lins do Rego é que melhor começa a fulgir no horizonte das letras do Brasil. O autor de "Usina", "O moleque Ricardo" e "Banguê" apresenta uma solida realização e — o que é o principal — uma capacidade tal de progresso que o levará em devido tempo a ser um escritor de projeção internacional.

O "regionalismo", que tem sido constante na literatura brasileira, acentuou-se em 1937, como se vê em "Gado humano", em "Sem rumo" de Cyro Martins, em "Sangue sertanejo" de P. Ribeiro, em "Amores do Capitão Paulo" de Contreiras Rodrigues (que tende para o picaresco) e em "Safra" de Abguar Bastos. Em "Coivara", coleção de contos de Gastão Cruls agora em segunda edição, esse mesmo tema é de toda evidência. Em compensação, J. Mesquita de Carvalho no seu volume de contos "Brasilidade" lança um grito de revolta contro o regionalismo, em favor de um assunto mais nitidamente nacional quanto aos seus objetivos.

Bastante se tem falado desde alguns anos em um Brasil *totalitário*, mas na verdade o "particular" parece mais é estar ganhando terreno do que perdendo. Isto se observa tanto nos livros de ficção como nos de outra natureza. A *invasão* do Nordeste continua, e livros como "Nordeste" de Gilberto Freyre e "Visão do Nordeste" de Idalina Tavora leem-se e comentam-se nos meios literários. O Amazonas, Belo-Horizonte, Ouro-Preto, — todos teem as suas grandes individualidades e estas, por sua vez, os seus historiadores.

Não obstante, parece haver certo empenho em abranger todo o cenário brasileiro, histórica e geograficamente, como por exemplo em "No rolar do tempo" de Alberto Rangel e no "Retrato vertical do Brasil" de Raul Polillo. Murilo Mendes, que é um jovem poeta, tentou fazer com "Humorismo" e "Filosofia" próprios uma História do Brasil. E do outro lado do Atlântico, em Lisboa, João de Barros que é o lider dos comentadores dos assuntos brasileiros, falando na Sociedade de Geografia, produziu um trabalho verdadeiramente iluminado sob o título "Visão do Brasil Contemporâneo". É certo que neste momento o mundo tem os olhos no Brasil.

Se o mundo está interessado no Brasil, o Brasil está profundamente interessado nos seus problemas; e os seus escritores participam de todas as questões ligadas a sua vida e a sua literatura. Este interesse revela-se em "Grupo e espírito" de Alvaro Penafiel, em "Cristo e Cesar" de Ocávio de Faria, no sombrio discurso de Miguel Osorio na Academia Brasileira sob o tema: "O futuro próximo das letras", e finalmente no "Nacionalismo e Universalismo" de Xavier de Nascimento, publicado na Revista da Academia Brasileira.

Há um escritor Vianna Moog que nas "Novas cartas persas" se refugia em uma sátira ferina, ao mesmo tempo que em outros setores se nota uma revolta contra o "intelectualismo", o que não deixa de ter certas ligações com a atitude nacional-socialista da Alemanha moderna. Tambem no terreno filosófico são inevitaveis idéias que se degladiam, como por exemplo na controversia entre Tristão de Ataíde e Ivan Monteiro de Barros sobre a questão: "Positivismo e Catolicismo". De vez em quando tambem surge em debate a moderna e aguda questão social da influência semitica sobre a economia nacional.

É interessante ver-se no Boletim de Ariel de 1937 o aumento crescente de artigos que se ocupam mais de assuntos econômicos do que literários. Em 1936, os escritores preferiam ocupar-se de suas passadas realizações, ao passo que agora parece terem honestamente abandonado as fascinações de semelhante tema. Nota-se que há uma tendência à volta a um passado mais distante, vestindo-se com indumentária mais adequada ao espírito contemporâneo figuras como as de Machado de Assis, Humberto de Campos (de quem Macario de Lemos Picancio nos deu pela primeira vez um retrato perfeito), José Verissimo, Castro Alves, Gonçalves Dias e Joaquim Nabuco. Isto às vezes, como no caso de Lucia Miguel Pereira com Machado de Assis, dá margem a críticas vivas, quasi polêmicas. As "Memórias" de Oliveira Lima estão à venda dentro de um mês, e de "Geografia sentimental" de Plinio Salgado continua-se tirando novas edições.

Possivelmente a fase mais interessante desse histórico é a que diz respeito ao renascimento do período romântico brasileiro, e isso porque é *sem dúvida* graças ao romantismo que remontaremos ao século XIX. A esse respeito, o volume inicial da "História do romantismo no Brasil" de Haroldo Paranhos, e bem assim a antologia romântica de Manoel Bandeira assumem excepcional importância.

A controvertida "língua brasileira" (como a nossa própria "língua americana") e o seu cabedal de tradições e folclore oferece um novo e rico filão que, como mostra a bibliografia, está sendo cada vez mais intensamente explorado.

O escritor brasileiro de hoje, em resumo, tende para ser verdadeiramente brasileiro. Agripino Grieco e outros não fazem muito bom conceito dos norte-americanos; e há até quem dê mostras às vezes de tentar uma revisão de va-

T O R T U R A

Fizeram o meu corpo de barro
Sem cuidado nenhum.

Jogaram mil almas dentro da minha
Mil perspectivas diante dos meus passos
E me impingiram duas asas enormes.

Mas se esqueceram dos meus pés pregados no chão.

C A R M I N H A S . G O U T H I E R

---

lores da linteratura inglesa. A tradição do cosmopolitismo na crítica não arrefece em homens como Grieco, Eugenio Gomes e outros. A despeito do quasi inexpugnavel de sua língua, o Brasil, queira ou não queira, é sempre uma parte do vasto mundo da cultura e das idéias.

(Tradução de Stella Pimentel Brandão)

LIVROS ESTRANGEIROS

Newton Belleza — *Ondulações* — Rio de Janeiro — Irmãos Pongetti — 1937 — 143 páginas — 6$000. Ivan Ribeiro — *Aleluia* — Prefácio de Jorge de Lima. (Sem bibliografia que interesse). Carlos Xavier de Azevedo — *Clareiras encantadas*. Rio-de-Janeiro. A. Coelho Branco Filho. — 1937 — 157 páginas. — Se fosse nosso propósito fazer uma seleção, escolheríamos como os mais importantes livros de poesia publicados no Brasil em 1937 os dois primeiros volumes acima mencionados e o *Olho d'Água*, de João Accioli. Belleza e Accioli oferecem particular interesse pela razão de não somente serem bons poetas, mas estarem vinculados a "la condition humaine", incorporando-se assim à última geração de novelistas brasileiros empenhados na pesquisa do "humano". Ivan Ribeiro, por outro lado, representa uma tendência oposta, que se pode dizer tenha começado com a publicação, em 1935, de *Tempo e eternidade*, de Jorge de Lima e Murilo Mendes, e que se resumem nas palavras que Lima e Mendes adotaram como lema: "Restauremos a poesia em Cristo". Em outras palavras, que são estas as duas correntes contemporâneas: a contemplação objetiva e a introspecção mística — O prefácio de Lima do trabalho de Ribeiro é uma espécie de manifesto da última escola. (Foi reproduzido no Boletim de Ariel).

O nome de Newton Belleza não é novo. Vem publicando livros de versos desde 1929, é autor de um livro de contos premiado, *A mulher que virou homem* em 1932, e faz parte do grupo que colabora no *Boletim de Ariel*. Discípulo de Graça Aranha, é geralmente considerado "modernista", palavra que cada vez mais se destitue de significação. Moderno decididamente o é Belleza, mas em *Ondulações* pouco há do que geralmente associamos ao outro termo; os poemas são belamente claros de mais para isso, quasi cristalinos em sua qualidade. O poeta sente o sofrimento com a sensibilidade de uma criança. De fato, muitos leitores diriam que ele sofre de um "complexo infantil" ou "materno". Ele o explica pela circunstância de sua mãe não o ter podido nutrir com o leite materno, declaração que ecoa como que encerrando perigos freudianos! O sofrimento está aí; o derivativo, com Freud e seus adeptos, é talvez um tanto facil.

A poesia de Ribeiro, pelo contrário, na expressão de Lima, é dessa espécie de elevação e pureza que tende a diluir-se em prece. Quem se dedica à poesia que tem sua ideologia em Marintain com um traço de Bergson gostará disso e do prefácio de Lima. De outro modo não agradará, eis aí. A não ser o leitor que, não aceitando as idéias, nem por isso deixa de admirar o fim do trabalho artístico.

A obra do Sr. Xavier de Azevedo é diferente ainda. Ele acredita que a imagem é o coração ,o âmago de toda a poesia. Para ele, um poema é "a forma plástica de um sentimento individual expresso em símbolo", o reflexo de um estado emocional de atitude espiritual "sem a idéia fixa de forma", dependendo da sensibilidade artística e inspiração no exprimir "fugitivos aspectos do drama universal". Os poemas, contudo, falharam na expressão e o resultado foi narrações em prosa de linhas irregulares.

a) **SAMUEL PUTNAM — Philadelphia. Da "University of Oklahoma, U. S. A., Out. 1938.** (Tradução de Mota Lima Filho).

UM GRANDE LIVRO

J. M. de Carvalho Junior

O problema ortográfico da lingua portuguesa, que tantas discussões estereis suscitou em terras de aquem e de alem mar, deu origem em Portugal, em começos deste século, a um livro admiravel, de cunho eminentemente científico e refeito dos mais sábios ensinamentos no setor lusitano da filologia romântica. Referimo-nos, já se vê, à obra de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, *A Ortografia Nacional,* aparecida em Lisboa em 1904, notavel movimento de saber linguístico, em cuja construção se elevou o seu grande edificador às mais altas culminâncias do pensamento contemporâneo em assuntos glóticos.

De então para cá, recrudesceram, orientadas pelos princípios estabelecidos pelo mestre, as tendências simplificadoras em matéria ortográfica, do que resultou a reforma oficial decretada pelo governo português em 1911, alterada em 1931 em virtude de acordo entre a nossa Academia de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa.

A aceitação da reforma pelo governo brasileiro, que a "admitiu" nas repartições públicas e estabelecimentos de ensino e a "adotou" nas publicações oficiais (decreto de 15 de Junho de 1931), fez brotar de todos os quadrantes prontuários e *vade mecum,* guias e formulários, na maior parte dos quais nenhum outro valor se encontra alem do que os respectivos autores tinham em vista, o mercantil.

Surge, porem, agora, editorado por Irmãos Pongetti, um grande livro, *Fundamentação da Grafia Simplificada,* cujo autor, o professor Daltro Santos, nele nos dá um primor de análise e de síntese, em que a exposição, clara, metódica e de cunho acentuadamente didático, corre parelha com a erudição filológica, que não se ostenta em aparatos importunos, mas de cuja substância dimana a vigorosa seiva que lhe percorre e vivifica as páginas.

Pormenor digno de reparo: o autor da obra cujo aparecimento registamos é um excelente escritor.

Sans la langue, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant
[écrivain.

Boileau referia-se aos que, descurando o idioma, o deturpam e corrompem. Mas parece que aquele cânone da arte de escrever, enunciado em verso e visando à poesia, levava tambem um endereço irônico...

Com efeito, quantos gramáticos existem por aí que não "sabem" escrever!

Sai-lhes arrevezada a frase, imprópria a expressão, forçado o dizer, artificiosa a contextura do período, sem estética, sem graça e sem ritmo as associações vocabulares com que vestem o pensamento.

No estilo do professor Daltro Santos, entretanto, é debalde que se procura qualquer desses defeitos, bem como o lugar comum ou a frase feita, a assimetria ou a dissonância.

Obra de ciência, meditada pela sabedoria de um mestre e realizada com a alta elegância de consumado artista da palavra escrita, a *Fundamentação* está destinada a ficar como um marco definitivo no campo dos estudos linguísticos. A abundância de exemplificação, os vocabulários específicos e o índice remissivo que se encontram no trabalho do eminente filólogo e prosador, — tudo isso organizado com rigoroso critério científico —, fazem acrescer à obra inestimaveis vantagens de ordem prática pela facilidade que proporciona, não só aos estudiosos para a compreensão dos fatos, senão tambem aos consulentes, em geral, na procura do que lhes interessa.

Estão, pois, de parabens as letras filológicas nacionais, pela publicação do formoso livro que o professor Daltro Santos escreveu e Irmãos Pongetti editaram.

O Rio de Janeiro durante o periodo regencial

(Da obra inédita HISTÓRIA DA POLICIA DO RIO DE JANEIRO — a ser publicada brevemente)

Melo Barreto Filho

Instabilidade social — Frias de Vasconcelos lê o decreto de Abdicação — Panorama politico — Relatório do Ministério da Justiça — A imprensa usa linguagem violentíssima — Alguns empreendimentos no cenário da vida nacional — Os intendentes gerais da Policia.

O chamado período regencial, que vai de 7 de Abril de 1831 a 23 de Julho de 1840, foi o mais sombrio na vida do país. Como disse João Ribeiro, "nunca o Brasil atravessou período tão difícil e calamitoso e, se o coração do país, São Paulo, Minas e Rio, não lhe desse o nutriente alimento da paz, como na guerra da independência, é certo que naufragaria".

Na primeira daquelas datas, perante o povo e a tropa reunidos no campo da Aclamação, Miguel de Frias Vasconcelos leu o decreto firmado por D. Pedro I, abdicando em seu filho o trono do Brasil.

Uma das primeiras tentativas dos patriotas mais exaltados foi obter a mudança do nome daquele logradouro público pelo de campo da Honra.

Embora sem choque e sem violências, o ato da Abdicação foi assinalado pela morte de um cidadão brasileiro, Manuel de Aguiar Brandão, vitimado por uma bala, na ocasião em que ouvia a leitura do decreto.

Quanto ao panorama político do momento, assim se manifesta Manuel Alves Branco, em seu relatório do ministério da Justiça:

"Eu concluirei, finalmente, senhores, repetindo-vos o que já uma vez inculquei e é que agora mais do que nunca aparece a urgente necessidade de um poder inacessível às intrigas locais, imparcial e forte, contra quem nada possam os chefes irregulares de minorias turbulentas. Desenganai-vos! Não é a fôrça da razão, não é a do progresso que mina as entranhas de um govêrno de tiranos. Não. Ao povo do Brasil não é negado algum direito. As nossas revoluções atuais não teem nada de idealismo ou de filantropismo; o seu caráter é sómente o de paixões ferozes, de vícios infames, de bruta estupidez e de bárbara insolência. Decidi, pois, se a pretexto de despotismos presumidos do govêrno, devem nossos concidadãos continuar a sofrer efetivos despotismos de turbulentos cegos e ferozes."

Conselheiro Euzébio de Queiroz Matoso Câmara, 1º Chefe de Policia que teve o Rio de Jeneiro.

Em memorável conferência realizada há vinte e cinco anos no Instituto Histórico, com aquela maestria incomparável até agora não superada, conta o inolvidável Vieira Fazenda: "A primeira fase desses nove anos foi, principalmente, o tempo das rusgas, dos fecha-fechas, da guerra aos papeletas. Não havia sossêgo nem tranquilidade. Ao som das matracas acudiam os guardas nacionais para fazer frente a distúrbios de toda a ordem. Boatos alarmantes circulavam sem cessar, compelindo as famílias ao abandono dos centros povoados para se refugiarem longe do bulício dos amotinadores. Por sua vez os capoeiras, cedendo aos máus instintos, assassinavam a tôrto e a direito, visando, com especialidade, os portugueses natos e até os adotivos, que haviam abraçado a nossa Independência. Pululavam os crimes e, para reprimí-los, os governan-

tes não encontravam nas leis os indispensáveis meios coercitivos. Muitos discursos, muitos pareceres, mas nada de prático para pôr um dique á gangrena moral que avassalava o Brasil. Quem se não recorda, por exemplo, das proezas do famigerado *Pedro Espanhol* e da horda de canibais autores da célebre tragédia da ilha da Caqueirada e os da escuna *Santa Clara*? Para escarmento de tanta maldade a força permanecia armada no largo do Capim, hoje praça General Osório, só se estragando com o tempo, até que Aureliano Coutinho a mandou retirar dali, por servir apenas de brinquedo aos desocupados.

Os govêrnos regenciais, como já disse, não dispunham de meios para opor-se a tantos e tão multiplicados desatinos. Ante ás exigências dos representantes do poder executivo, o legislativo cruzava os braços, empenhando-se em discussões, indo ao ponto de negar as providências reclamadas pelo ministro da Justiça!

Excluam-se do período regencial as três figuras magnas de Evaristo, Feijó e Vasconcelos, secundados por mais alguns patriotas sinceros, e quem sabe se esses nove anos de govêrno democrático não seriam de esterilidade numa quadra aflitiva!

Os homens políticos, absorvidos pelo jôgo de interêsses partidários, apresentavam-se divididos, procurando corromper e dando em resultado a maior desorganização. Amigos da véspera tornavam-se inimigos irreconciliaveis. Sectários de idéas inteiramente opostas, ligavam-se no dia seguinte, constituindo uma reunião instavel e, por isso mesmo, híbrida."

Noutra passagem acrescenta: "A nova fase política em que entrou o Brasil depois de 7 de Abril, caracterizada por verdadeira ebulição, devia trazer grandes embaraços aos novos governantes. Ficou abalado, como era de esperar, o crédito público; tendo à vista os *deficits* dos exercícios anteriores; houve logo decrescimento das rendas e depreciação do crédito público. A Alfândega do Rio teve em 31 a diminuição de quási quatro milhões de suas rendas. As apólices foram cotadas a quarenta e cinco. Já no ano antecedente não havia sido paga à Inglaterra a anuidade do empréstimo brasileiro. Desde 1828 fôra suspenso o pagamento da dívida portugueza, havendo-se acumulado em quatro anos a soma de 400 mil libras esterlinas. Na brilhante e erudita conferência sobre os *Financistas Brasileiros*, lida na Biblioteca Nacional em 22 de Dezembro de 1913, o Sr. senador Leopoldo de Bulhões fez um admirável resumo das medidas financeiras postas em prática pelo govêrno da Regência para dominar as crises. São do ilustre parlamentar e por duas vezes ministro da Fazenda, as seguintes palavras: "Encerra-se em 1840 o ciclo do govêrno regencial, que, embora atormentado pelas dissenções políticas e sedições militares, pôde legar o restabelecimento da ordem, a proibição do tráfico dos negros, a carta de alforria das provincias com o ato adicional e a eliminação do cobre. O movimento do comércio internacional que nos primeiros anos da Regência foi de sessenta e nove mil contos, em 1840 elevava-se a noventa e cinco mil, e as rendas, de dez mil contos tinham subido a quinze mil contos, contribuindo para elas a importação com cêrca de nove mil contos e a exportação com quási quatro mil." Tanto basta para justificar o procedimento patriótico dos governantes regenciais, patriotismo que, na frase de Joaquim Nabuco, era inspirado por alguma coisa do sôpro puritano. "Os homens tinham nêsse tempo outro caráter, acrescenta Nabuco, outra solidez, outra têmpera; os princípios conservavam-se em toda a sua fé e pureza; os ligamentos morais que seguram e apertam a comunhão, estavam ainda mais fortes e intactos, e por isso, apesar do desgovêrno, mesmo por causa do desgovêrno, a Regência aparece como uma grande época nacional animada."

Durante o período regencial a imprensa agitou fortemente a opinião pública, sendo empregada linguagem violentíssima, principalmente nos jornais da oposição, no número dos quáis havia os seguintes pasquins: *Tôrre de Babel*, *A Nova Luz*, *O Escalado*, *Jurujuba*, *Filho da Terra*, *Verdadeiro Caramurú*, *Pai José*, *O Caôlho*, *Lafuente*, *Lima Surda*, *A Babosa*, *O Permanente*, *O Adotivo*, *Papeleta*, *Matraca*, *O Pardo*, *Brasil Aflito* — êste último dirigido pelo panfletário Clemente de Oliveira, que pagou com a vida a audácia de ultrajar os lares mais dignos e honrados.

De dois desses temíveis pasquineiros, deu-nos os seus retratos Evaristo Ferreira da Veiga: "Tiradas poucas exceções, o jornalismo caramuruano do Rio de Janeiro, cuja variedade de títulos pode ao longe fazer algum ruido, divide-se em jornais "Queiroz" e em jornais "David"; são os srs. João Batista de Queiroz, ex-redator da *Matraca* e do *Jurujuba dos Farropilhas*, e David da Fonseca Pinto, ex-redator do *Poraquê* e do *Verdadeiro Patriota*, os quáis inundam a cidade com periódicos, que de ordinário não passam do quarto número. Estes dois paladinos da retrogradação, ambos empregados por D. Pedro I e demitidos depois da revolução, ambos igualmente notáveis pela imoralidade de sua conduta, pelas ações vergonhosas com que se teem feito conhecidos na sociedade, são, comtudo, distintos um do outro como escritores, por qualidades que denunciam à

primeira vista as suas produções e que as diferenciam: *A Lima Surda*, o *Pai José*, *A Babosa*, o *Restaurador*, o *Tamoio Constitucional* e parte do *O Caôlho* e do *Permanente* são o lote do sr. Queiroz; pezam sobre os ombros do Sr. David: o *Adotivo*, o *Papeleta*, o *Brasileiro*, o *Pardo*, o *O Andradista*, o *Lafuente* e parte do *Bemtevi*. O primeiro afeta a finura, profundidade e estilo misterioso, procura com desvêlo analogias recônditas e falsas e quer parecer filósofo e pensador á maneira dos cínicos mais depravados. O segundo tem fumos de literato, pilha Felinto Elísio e alguns quinhentistas para ter o ar de purista em linguagem, e é sempre declamador e pedante. O primeiro, não contente com a imundície que encontra na superfície da terra, vai cavá-la no fundo e com esfôrço. O segundo contenta-se com o que acha à superfície para enfeitar os seus imundos escritos. O primeiro, prégando a restauração e facilitando-lhe os caminhos, a cada passo manifesta que zomba com papelões aristocratas, a quem a está fazendo e cujos interêsses defende por um cálculo de perversidade. O segundo aspira a ser popular e adular a multidão e não pode disfarçar a aversão, o antigo ódio que vota aos brasileiros e a sua simpatia exclusiva por tudo que é do outro mundo. O primeiro encara a restauração como um meio de chegar à anarquia ensanguentada, ao regime do terror, á dominação dos demagogos ferozes. O segundo olha a anarquia como o caminho que vai ter à restauração e à tirania imperial. O primeiro anela o prazer bárbaro de decapitar vítimas no tribunal revolucionário e de sacrificar à sua inveja e raiva negra todas as notabilidades sociais, adulando para êsse fim as paixões da populaça. O segundo conta enviar à forca e às galés os amigos da liberdade brasileira, gozando o favor do príncipe, em cujo serviço se tem arrastado tanto".

No decurso do govêrno regencial tiveram execução alguns empreendimentos de vulto: a criação do Colégio de Pedro II; a reforma da Academia de Belas Artes; a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; o estabelecimento da Companhia Niterói-Inhomirim; etc.

Foram, entre outras, figuras de alto relêvo no cenário da vida nacional, nessa "época tumultuária, em que as paixões políticas tanto se acenderam, deixando o germe da democracia que havia de proliferar, dando-nos o reinado de D. Pedro II e evoluindo depois para a República: Diogo Antônio Feijó, Evaristo da Veiga, Bernardo Pereira de Vasconcelos, José Bonifácio de Andrada e Silva, Francisco de Lima e Silva, Antônio Paulino Limpo de Abreu, José Clemente Pereira, Miguel de Frias Vasconcelos, Honório Hermeto, Aureliano Coutinho, Silva Lisboa, Fernandes Pinheiro, Vilela Barbosa, José da Costa Carvalho, João Braulio Muniz, Antônio Pinto Chichorro da Gama, Caldeira Brandt, Alves Branco, Paula e Souza, Vergueiro, Alvares Machado, Magalhães Porto Alegre, Torres Homem, Mont' Alverne, José Maria do Amaral, Justiniano da Rocha, Januário, Francisco Manuel, João Caetano, Calmon, Odorico, Martim Francisco, Antônio Carlos, Alves Carneiro, Japiassú, Aguilar Pantoja e Euzebio de Queiroz Matoso Cámara.

Durante a Regência o cargo de intendente geral da Polícia foi ocupado pelos seguintes cidadãos: desembargador Antônio Pereira Barreto Pedroso, dr. Francisco José Alves Carneiro, desembargador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, dr. Agostinho Moreira Guerra, e dr. Euzebio de Queiroz Coutinho Matoso Cámara — este, em ordem cronológica, o nosso primeiro chefe de Polícia, desde 1832, quando, com a promulgação do Código do Processo Criminal, a 29 de Novembro, passou a Intendência Geral da Polícia a ter a denominação, que ainda hoje conserva, de Chefatura da Polícia.

LUX-JORNAL

UM ESPELHO-MÁGICO QUE REFLETE A FASE DE TRABALHO INTENSO E FECUNDO DO BRASIL-NOVO

Economia, legislação social e educação, os problemas palpitantes da atualidade, classificados como assuntos "leaders" e de maior procura nessa modelar organização de recortes de jornais.

Não se poderá negar que ao Estado Novo coube revelar, em toda a sua evidência, o excepcional espírito de luta do povo brasileiro, que permanecera latente e desaproveitado durante largos anos.

Em todos os rincões do país, nos dias que correm, das terras verdes da Amazônia às coxilhas gauchas, nas modernas capitais litorâneas como nos sertões distantes de Goiás ou Mato-Grosso, observa-se uma verdadeira febre contagiante de atividade, de trabalho intenso e fecundo de construção nacional.

A essa conclusão elementar chegará, com facilidade, qualquer observador do momento brasileiro, pelo estudo meticuloso de dados e estatísticas do último exercício financeiro, ou mesmo o simples espectador, que embora desavisado pode dar testemunho da multiplicação de iniciativas e realizações do Brasil-Novo.

O reporter do ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA, entretanto, foi levado a essa conclusão por um caminho diferente. Não teve na cabeça nenhuma dansa de algarismos, nem precisou deter-se ante esse panorama magnífico de progresso.

Ele fez apenas uma visita ao LUX-JORNAL, em sua sede à Rua Buenos-Aires, 176.

Dito isto assim, sem maiores explicações, parecerá absurdo e pouca gente acreditará.

Entretanto, no LUX-JORNAL, a vitoriosa organização de recortes de jornais fundada e dirigida pelos nossos confrades Mario Domingues e Vicente Lima, encontra-se o melhor índice da agitação que vai por todo o país em torno das questões de interesse da nacionalidade.

LUX-JORNAL lê e recorta todos os jornais diários que circulam no Brasil, do Amazonas ao Rio-Grande-do-Sul, pesquisando, nesses jornais, para fornecer aos seus milhares de assinantes, em recortes que levam, cada um, o nome, a data e a localidade de publicação de cada jornal, tudo o que neles se escreve referente aos assuntos pelos assinantes determinados como de seu particular interesse..

Assim, por intermédio do serviço de recortes do LUX-JORNAL, qualquer pessoa, o escritor, o poeta, o professor, o banqueiro, o comerciante, o industrial, o engenheiro, o médico, o advogado, o fazendeiro, o agricultor, etc., podem saber, diariamente, com presteza e pontualidade, o que se publica na imprensa diária de todo o país sobre os mais variados assuntos, como literatura, ensino, finanças, comércio, indústrias, impostos, café, algodão, agricultura, direito, medicina, engenharia, etc.

Secção de recortes

Organização das mais perfeitas que existem no mundo jornalístico, em todos os detalhes da sua técnica originalíssima, LUX-JORNAL dispõe de duzentos e trinta (230) empregados, tendo uma Sucursal em São-Paulo, instalada no Edifício Martinelli, e correspondentes nos demais Estados da Federação. O seu trabalho, pela distribuição meticulosa com que é feito e pela movimentação rápida com que é executado, tornou-se indispensavel a todos os homens públicos e de negócios, pela soma apreciavel de informações utilíssimas que oferece.

O jornalismo brasileiro, pela expressão de cultura dos seus homens, pela fé e patriotismo de suas campanhas, em todos os tempos, tem norteado os destinos do país, fixando, com o valor dos seus debates ou a grandeza das suas idéias, os aspectos da nossa vida econômica e financeira, e a força mental do nosso povo.

LUX-JORNAL, levando a todas as distâncias, no Brasil e no estrangeiro, o que pensam e escrevem os jornalistas brasileiros, concorre grandemente para a maior divulgação e esclarecimento das suas idéias. Entre os 20 mil recortes de jornais que o LUX-JORNAL distribue diariamente aos seus assinantes e correspondentes, figuram sempre em grande numero artigos, tópicos, comentários e notícias sobre economia, legislação social e educação, os problemas palpitantes da atualidade, como assuntos de maior procura, alem do noticiário geral sobre o movimento literário, social, esportivo e recreativo de todo o país.

Por tudo isso o reporter do ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA viu o LUX-JORNAL, como um espelho-mágico que reflete a fase de trabalho intenso e fecundo do Brasil-Novo.

Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro

EMBAIXADOR DR. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

Presidente do Conselho Patrimonial e professor catedrático de Direito Internacional e Diplomacia.

Atendendo á necessidade, cada vez mais imperiosa, de ser entregue a solução dos grandes problemas econômicos e administrativos que se desenham no panorama da nova ordem instituida pelo regimen de 10 de Novembro de 1937, a técnicos especializados em administração e finanças, um grupo de professores e intelectuais, com a larga experiência da cátedra e o conhecimento imediato das realidades nacionais, resolveu instituir a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro.

Com efeito, dia a dia, crescem de importância os problemas sociais correlacionados com a atividade pública e os Estados modernos organizam-se tendo em vista a defeza da economia nacional contra os fatores dissolventes que possam ameaçá-la.

A Faculdade, ora organizada, é uma fundação instituida na forma do art. 24 do Código Civil Brasileiro, com os seus Estatutos aprovados pelo M. M. Dr. Procurador. Geral do Distrito Federal e devidamente registrados conforme publicação feita á pag. 1.379 do "Diário Oficial" de 16 de Janeiro último e desempenhará, por certo, missão da mais alta relevância na vida política, social e administrativa do país, com a preparação técnica e cientifica de suas élites, para o grande serviço de reconstrução econômica da Nação.

E' administrada, economicamente, por um Conselho Patrimonial — constituido pelos presidentes das principais entidades financeiras e culturais da capital da República — e, didáticamente, pelo diretor, pelo Conselho Técnico e Administrativo e pela Congregação de seus professores.

Além do Curso Superior de Administração e Finanças, reconhecido e fiscalizado pelo Governo Federal, a Faculdade publicará uma Revista de Ciências Econômicas e ministrará Cursos Especiais de Extensão cultural, em conferências.

O seu corpo docente ficou, definitivamente, assim constituido:

I — Curso Superior de Administração e Finanças

1º ANO — **Matemática financeira** — dr. Otacílio Novais da Silva; **Contabilidade de transportes** — dr. Ubaldo Lobo; **Geografia econômica** — dr. Altamirano Nunes Pereira; **Direito constitucional** — dr. Ildefonso Mascarenhas da Silva; **Direito civil** — dr. Francisco Clementino de Santiago Dantas: **Economia política** — dr. Luiz Nogueira de Paula.

2º ANO — **Contabilidade pública** — dr. Manoel Marques de Oliveira; **Finanças** — dr. Eduardo Lopes Rodrigues; **Economia bancária** — dr. Eugênio Gudin; **Direito internacional comercial** — dr. Daniel de Carvalho; **Ciência da administração** — dr. Jaime de Castro Barbosa; **Legislação consular** — dr. Luiz Pedro Baster Pilar; **Psicologia, Lógica e Ética** — dr. Nílton Campos.

3º ANO — **Direito administrativo** — dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues; **História econômica da América e fontes da riqueza nacional** — dr. Afonso Arinos de Meló Franco; **Direito industrial e operário** — dr. Helvécio Xavier Lopes; **Direito internacional, Diplomacia e História dos tratados** — embaixador dr. José Carlos de Macedo Soares; **Sociologia** — dr. Luiz Dodsworth Martins; **Política comercial e regime aduaneiro comparado** — dr. Álvaro Porto Moitinho.

II — Curso de Extensão cultural, em conferências

Estatística — dr. Antônio Garcia de Miranda Neto; **Organização racional do trabalho** — dr. João Carlos Vital; **História das doutrinas econômicas** — dr. Jorge Felipe Kafuri; **Urbanismo e administração municipal** — dr. Aldo Feijó Sampaio; **Publicidade e técnica jornalística** — dr. Olímpio Guilherme.

Acha-se, luxuosa e confortavelmente instalada no 10º andar do "Sky scraper" á Avenida Rio Branco, n. 114, nesta Capital, e suas aulas funcionarão, diariamente, das 19 ás 22 horas.

Um inédito de MANUEL ARÃO

O professor Manuel Arão de Oliveira Campos, nascido em Afogados-de-Ingazeira — alto sertão pernambucano —, aos 11 de Janeiro de 1876, e falecido na cidade do Recife, aos 13 de Janeiro de 1930, — foi uma das cerebrações mais pujantes e uma pena das mais honestas e eruditas da sua pátria.

Estreando com "ÍNTIMAS" — versos — 1893; publicou "NOTAS PESSIMISTAS" — crítica — 1894; "ADÚLTERA" — romance — 1897; "MAGDÁ" — romance — 1898; "DRAMA DO ÓDIO" — teatro — 1900; "UMA RESPOSTA DEVIDA" — polêmica — 1900; "TRANSFIGURAÇÃO" — romance — 1908; "A LEGENDA E A HISTÓRIA DA MAÇONARIA" — história e filosofia crítica — 1914; "O PROBLEMA DO ENSINO" — tese — 1915; "VISÃO ESTÉTICA" — crítica — 1917; "O CLAUSTRO" — romance — 1919; "OS QUILOMBOS DE PALMARES" — história — 1922, etc.

Alem dessas obras, publicou, em folhetos e na imprensa do Recife e desta Capital, inúmeros ensaios e conferências.

Deixou, ainda, inéditos: "CLÉPSIDRA" — contos — "FLAGRANTES DE VIAGEM"; DISCURSOS LITERÁRIOS"; "ESCRITOS DE FILOSOFIA"; "PROBLEMAS PSÍQUICOS"; alem de — "VIDA SERTANEJA"; "IMPERIO DO SILÊNCIO"; e "CIDADE DA MORTE" — romances —.

Assim, à sua sensibilidade, à sua imaginação e à sua cultura devem as nossas letras numerosas e brilhantes páginas.

Iniciando-se no jornalismo, como redator da "A PROVÍNCIA" e do "DIÁRIO DE PERNAMBUCO", alcançou, graças à polpa do seu talento, à substância da sua cultura e à honestidade dos seus processos, os postos mais culminantes nos círculos literários do seu Estado natal.

Membro, dos de maior prestígio, do "INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTORICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO", secretário perpétuo e, em seguida, presidente da "ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS" — o seu nome se acha vinculado a todos os comentimentos que, no domínio intelectual, se suscitaram na capital de Pernambuco entre os anos de 1893 — data de sua estréia — e de 1930, em que ele cerrou os olhos para sempre, ainda em plena exuberância das suas faculdades criadoras.

Entre os trabalhos inéditos deixados por esse ilustre e saudoso polígrafo, figura o seguinte discurso pronunciado aos 15 de Dezembro de 1923, na "ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS", e no qual se evidenciam a acuidade e a ilustração do seu espírito.

Recebendo a Academia Pernambucana, hoje, um poeta, desejaria definir, numa síntese, esta casta de pensadores. Mas, os poetas serão realmente os intelectuais que pensam? Preferiria dizer que, antes de ser pensadores, eles fazem pensar, — que é o mister, por excelência, dos que escrevem. Melhor: — eles comunicam um novo dom ao pensamento. Donde, o esteta do "Misticismo moderno" afirmar que a "poesia é a flor da paixão como a música é o aroma". Mas, eu pediria vênia para inverter os termos: — a poesia é uma música que produz a ascenção da alma pelo aroma do pensamento.

Na vida, realizamos uma viagem que tem algo de semelhante ao fenômeno fisiológico da circulação: quando o sangue se precipita para a sua viagem arterial, conduz em si, no seu brilho e no seu tom de rubí, todos os elementos vitais; e quando regressa, pelo caminho venoso, traz consigo todas as impurezas e toda a vasa orgânica. Identicamente, vamos para a vida com a alma cheia de ímpetos e de sonhos, e chegamos à velhice como o andrajoso que, num caminho áspero, após longa jornada, tivesse em retalhos as mãos e os pés. Como naquele fenômeno, é, de uma parte, a corrente límpida que o sol decompõe em mil facetas que sorriem ao céo; e, de outra parte, a vasa escusa que arrasta as impurezas da terra vil.

Ponde o poeta no transcurso: com o seu mister de fazer pensar, achareis um modo de não transformar essa corrente pura em coisa abjeta. Ponde-o diante da vida: ele sorrirá, ora compassivo, ora amargamente, mas os horizontes limitados de nossa contingência material, se hão de alongar em imprevistas claridades. E a dor, a seu turno, que é o único fenômeno positivo da vida, ele a transformará em semente fecunda. Lembramo-nos, então, da tocante parábola evangélica: — a ave que no seu vôo incerto, espalha as sementes e os germes. Abençoados aqueles que cairam nos vales umbrosos! Abençoadas as palavras que caem nos corações que esperam a hora presaga da fecundação espiritual!

Quando li os vossos versos, Sr. Raul Monteiro, vieram-me estes pensamentos. E a Academia não vos elegeu senão certamente porque reconheceu na vossa obra esse sinal edificador. Os que julgam que os poetas se fizeram para uma função ociosa do espírito, nunca souberam aquilatar verdadeiramente o seu papel nas correntes éticas. Eles são algo de mais: são, devem ser. Representam as minorias privilegiadas que absorvem os resíduos das sociedades mortas para transformá-las em fermento abençoado, alma germinal que impele para o futuro as massas conservadoras. O seu mal-entendido com os preconceitos reinantes, é porque estes se alimentam do passado e enchem o seu horizonte visual de paisagem retrospectiva. A sua luz não é a do sol do seu sistema: é um fogo fátuo de sóis extintos. Assim, o conflito que se trava entre essas duas correntes opostas, em que os poetas são a luz premonitória, é com essa de que a natureza nos dá o perpétuo exemplo. Não há nenhuma transformação sem dor. Nada se cria, nada chega à vida e ao progresso, sem a dor. Nem a flor que rebenta da haste e o fruto que lhe sucede, deixam de produzir uma repercussão nas raizes mais profundas da árvore.

Compreendestes bem este contraste e o pusestes nos paradoxos do vosso soneto Amor:

É a velha história, sempre referida
em sorrisos e lágrimas (ventura
desespero...) de há muito repetida,
que sempre nova se nos afigura.

Sonho (que alma existiu, de embrutecida,
que o não sonhasse?) cheio de amargura
ou de deleite, para toda a vida
esquecê-lo debalde se procura.

Lascivia e encanto: favos e cicutas:
— bestas que fremem, pombos entre ramos...
— beijos de noivas e de prostitutas...

Dores fecundas, tórpidos prazeres,
em virtude dos quais nos integramos
na harmonia sinérgica dos seres.

Quando pensamos fundamente nas emoções que se sucedem em torno dessa polarização da vida, somos arrastados insensivelmente ao conceito dessa abstração que é o tempo. As antigas clépsidras eram admiraveis de concisão quando definiam as horas: "todas ferem, a derradeira mata". Quer dizer: tudo na vida é um encadeamento de dores para a dor final. Nesta, reside o grande mistério sôbre que a humanidade se inclina interrogativa há tantos séculos. O poeta que se senta ao nosso lado, hoje, nos diz — vós o ouvistes — que esta seriação de contrastes nos conduz à "harmonia sinérgica dos seres."

Podeis saudar nele tambem as asas nascentes do filósofo. A filosofia não é a final senão o conhecimento em elaboração. "O amor à sabedoria" — dizem dela os que se reportam à estrita função etimológica. Mas poderíamos dizer — a ânsia de quebrar o grilhão que prende o homem, nas próprias contingências de sua limitação e de sua relatividade em face à natureza. No poeta que nos preocupa, vereis que sua poesia, que não é um simples jogo malabarista de rimas, nem esconde, como algures vemos, a própria vacuidade, na sonoridade dos neologismos. Vemo-lo sempre mais alto, dirigindo-se a todos os corações e inteligências, em acordes que, para ser elevados, não perdem de sobriedade. São acordes esses que, como em certas harmonias musicais, completam-se em nosso pensamento, sem que sejam expressos. São caminhos esses de investigação espiritual, que, mesmo na sua condição contemplativa, abrem um caminho à ciência de amanhã, mas em que nunca se pode jamais cessar de inquirir. No domínio das cogitações humanas, isto é um símile do infinito de que somos uma projeção.

Lia eu, há pouco, que uma obra de arte, qualquer que fosse, uma vez atingida a perfeição, deveria ser destruida para que sua grandeza ideal permanecesse intacta no pensamento, livre da ação do tempo que tudo atinge e devora. E', como vedes, um audacioso paradoxo. Mas não essa a perpétua imagem de que, no universo, não há mais

que uma força que é o pensamento, e que o próprio universo nada é mais que um pensamento projetado fora de nós? Essa "harmonia sinérgica" a que se referia o poeta, não é somente uma ação simultânea entre os seres que pensam; é sobretudo a grande lei de afinidade, regendo as coisas, pondo a harmonia, na aparente flagrância dos contrastes, que estão no cosmos. O que ele diz do *amor,* como tema poético, poderíamos nós dizer, das múltiplas ambições e aspirações que formam a trama inconsutil da vida.

Mas se ouvistes o poeta falar do amor, não seria demais conhecer o seu conceito sobre a mulher, donde essa mesma fonte promana constantemente.

Tomemos o seu soneto *Púbere*:

"Fez-se mulher e viu-se logo presa
de receios! Maria, na verdade,
nada sabia dentro da pureza
na clausura de sua virgindade...

"Chegou, enfim, à idade da incerteza,
do mistério: chegou àquela idade
da transição, e cheia de surpreza,,
passou da infância para a mocidade...

É Maria uma flor modesta e linda:
outra de mais feitiço e mais frescura,
nestes logares, ninguem viu ainda...

"É ingênua e simples. Fulge, quando passa
não, por assim dizer, a Formosura,
não a Beleza propriamente: a Graça".

Numa outra passagem de suas estâncias, ele se refere ternamente

... às moçoilas, sem modas esquisitas
que não se pintam, como as da cidade."

De outro tipo feminino, nos diz:

"A graça feminina — que é ternura
que é pudor — teus caprichos contumazes
tiram-ta: lês "Naná" e essa leitura
é um mal de certo que a ti própria fazes".

Êste finalmente:

"Fica-te bem esse vestido e é raro
o trazeres. Que pena!
porque, de certo, filha, a cor morena
mais resplandece num vestido claro.

"Supões, bem sei, que venha a singeleza
desmerecer-te o encanto...
Como te iludes! Saibas entretanto
que onde há mais simplicidade, há mais beleza.

"Hás de lembrar-te que a mulher primeira
— tu que és devota e crente —
como adorno trazia unicamente
uma modesta folha de parreira."

Aquí, o poeta faz doutrina, sem esquecer a ironia. Ele bem sabe que Eva não trazia a folha de parreira por adorno, e sim para fazer birra a Adão.

Até por paradoxo, agora, as modas femininas, vindo do mais complexo, estão chegando a essa mais que modesta folha de parreira... Esperemos como apraza à escola futurista, de saudá-la...

Mas deixando de lado a espontânea exuberância de rima e a flexuosidade do metro, para encarar a obra exclusivamente no seu pensamento orientador, é prceiso classificar estas composições no número daquelas em que o poeta antes de revelar-se-nos um emocional, é um observador que torna objetivos os próprios sentimentos. O seu estro transmuta-se assim em cooperador do "perpetuum mobile" da vida. Diante do amor, ele esquece as causas imediatas, para perquirir as coisas atávicas que estão no fundo de nossas ações. Diante da mulher, nele se calam os impulsos genésicos. Nem a vibração do desejo, nem o estremecimento da posse insatisfeita. A mulher é um símbolo, é uma estátua graciosa, sorrindo compassiva no seu pérpetuo sorriso gravado no mármore impecavel. Não obstante, esse símbolo, essa estátua, transmutam a impassibilidade em alguma coisa de tão vibratil e ingênuo, que nelas aprendemos a amar melhor o sexo que nos é metade na vida.

Os seus tipos femininos, onde os viu o poeta? Certamente, menos os observou de que os teria recomposto, tornando-os trama participante de uma visão e ao mesmo tempo, de um estado de conciência. Da realidade de sua observação, ele os tomou, desarticulou e reconstituiu segundo as exigências de seu ideal. São coisas realmente objetivas em que o sentimento entra como uma relatividade. São idealidades que tomam à virtual realidade apenas o "quantum satis" de verdade sem o que não há arte possivel. Seu processo é assim, aquí, uma espécie de espelho mágico que refletisse os seres e os aspetos, tomando-lhes apenas as linhas gerais e identificando-os em seguida com a alma do inspirador. Há uma passagem no "Fogo" de D'Annunzio, em que

seu personagem Stelio vê no semblante de Foscarina, ao mesmo tempo, como num singular pesadelo em vigília, as mil máscaras que a artista tinha vivido em cena, com todas as suas paixões, furores, desenganos e anseios. Mas através dessas múltiplas fisionomias, perdurava a expressão imutavel e serena de uma só alma. E' essa alma única — segundo uma concepção de felicidade particularizada — que vós, Sr. Raul Monteiro, procurais surpreender no rosto de todas as mulheres que oferecem motivo à vossa inspiração.

A frase de Protágoras, segundo que o homem é a medida de todas as coisas, poderia ter aquí este variante: todos estes tipos femininos são a medida exata de um modo de sentir consoante um temperamento. Cada mulher destas é uma imagem humana de Palas, cujo mágico facho de luz iluminasse e desse a conhecer os recônditos de uma alma exterior e uniforme.

E como acima se fala em "concepção de felicidade", vem a propósito saber como a encara este poeta, generalizando-a às múltiplas ambições e aspirações da vida. Talvez o título de seu próprio livro condense tal pensamento integral. Vede que ele o denomina "Vida bucólica". Na evocação que este batismo representa, podereis compreender de logo um apelo ao homem, extenuado da civilização e das seduções enervantes do urbanismo, contra as abjeções que o cercam e o contaminam.

Abrí esse livro encantador, onde tudo nos fala como uma prece de reconhecimento. Sentís nas imagens, nos panoramas, nos sentimentos que ele nos evoca, um perfume que não tem individualidade porque é a síntese de todos os aromas que sobem da terra virgem, dos campos em flor, da mata umbrosa, das coisas misteriosas que o amor une na sua pérpetua afinidade. Penetrai-vos de uma música que é feita de todos os rumores inaudiveis e indistintos, do vento que sacode as ramarias tenras, das cascatas límpidas que se precipitam, das asas que palpitam e ruflam em torno dos ninhos fecundos, do tropel fugitivo dos rebanhos na hora melancólica do entardecer, de todos os ecos de uma vida exuberante e encantada cuja intensa poesia, só as almas eleitas podem decifrar. De tudo resulta um cântico múltiplo e vário, mesmo nos silêncios súbitos que são como, no isocronismo dos pêndulos, a espera da sonoridade que se vai reproduzir. E' tudo isto que VIDA BUCÓLICA encerra e resuscita ao nosso sensório.

A UM CÉTICO, diz ele:

"Amigo,
atende,
e, certo, has de convir comigo:
— Se esquecer, de uma vez para sempre procuras,
como num sonho suave e bom, todas as dores,
todas as amarguras
que, da humana piedade,
avaramente escondes,
abandona a cidade...
Foge da sedução dos prazeres, ascende
às alturas;
ouve o dueto nupcial dos pássaros cantores
sob o verde dossel milenário das frondes".

Do rude, simples e primitivo meio social que alí impera, ele nos traça um quadro tão sóbrio e tão evocador, em versos tão lapidares, que nenhum mestre deixaria de subscrever. Podeis fechar os olhos sobre esses claro-escuros, e o quadro se reconstituirá de todas as recordações, se realmente as possuís desse ambiente e dessa moldura que são como uma surpreendente revelação. Quando um escritor, qualquer que ele seja, consegue arrancar de nosso subconciente todos os resíduos que pareciam realmente mortos, é que ele efetivamente possue o condão de evocar e sugerir. Vejàmo-lo nestes suaves versos:

"Gente grosseira! — hás de dizer contigo,
vendo estes guapos latagões trigueiros
e estas moças esbeltas e vivazes.

"Por sem dúvida, amigo,
a estes rapazes
rijos, desempenados, prazenteiros,
a estas fortes donzelas,
sem ademanes, sem rebuços falsos,
lépidas, desenvoltas
e singelas:
— de tranças soltas
e de pés descalços;
falta o donaire, o "chic",
o "aplomb"
da tua roda;
o quer que seja, o "tic"
dos árbitros da Moda
— os manequins do "tom"...
Na verdade,
aqui não tens senão a Natureza
nua

dos artifícios da cidade,
imponente na sua
singeleza.

"Nada de contrafeito,
nada de alambicado
e de postiço;
o camponês é sempre satisfeito:
basta, para isso,
que germine a semente e prolifere o gado...

"Sabes? Mau grado a desenfreada, a infinda,
a quotidiana guerra
em que, com louco frenesi, me bato,
conservo ainda
intacto
o hereditário amor à tradição e à terra."

Em CULTO PANTEISTA, ele nos convida à meditação diante do formidavel enigma da Natureza, vista no seu conjunto. Nas estâncias deste soneto, sentimos que todas as visões, músicas e aromas, transfundem-se numa só alma coletiva par orar, no recolhimento dos que desejam integrar-se no mistério. Penetra-nos uma intuição vaga de todas as coisas proibidas e ignoradas que a nossa ânsia de conhecer, desejaria possuir:

"Eis-me de novo aqui — tão só! — meu pensa-
[mento
livre de augúrios maus, de tristezas presagas...
Desenrola-se o azul do escampo firmamento
sobre o verde lençol marulhoso das vagas.

"Aposso-me de calma e de recolhimento
ante a contemplação destas belezas magas:
— esplende Flora, o Sol declina, o Mar violento
brame um canto infernal de blasfêmias e pragas.

"Mãe — Natureza! — vim na ânsia de venerar-te
porque de ti provem, dispares, inauditas
causas — berço de Amor, fonte perene d'Arte.

"E nesta solitude em que à tarde repousas,
eu, contrito me ajoelho, entre as coisas contritas.
mudo, dessa mudez misteriosa das coisas..."

A pesar dos que apostrofam os "inválidos do soneto" e a decadência do hemistíquio — eis um soneto que ficará e permanecerá sobre as fórmulas e as modas literárias. Permanecerá como as obras do romantismo e do recente parnasianismo, no que elas possuem de vida independente, na ordem das idéias. Porque todo esse nominalismo em torno de que a inspiração literária procura um molde, não é mais que a ação passageira, efêmera e fugaz, como as cabeleiras femininas a que os penteados de cada manhã e de cada época imprimem os aspectos mais bizarros, até à moda atual, à nazarena, em que o penteado tende a desaparecer... por falta de cabelos. Para expressar por uma comparação mais grave, imaginai, de um lado as formas várias pelas quais a matéria se objetiva no cosmos, e de outra parte, o perpétuo dinamismo que a aciona. Esse dinamismo é tudo, na lei da afinidade: tal a idéia em relação à sua vestimenta. Porque, de resto, o que subsiste, o que não morre, é o sopro criador, é a asa sutil do gênio que vivifica a forma impassivel com a espiritualidade da idéia. Disto é que se deviam convencer os apaixonados das fórmulas e dos moldes, mais ou menos bizarros ou futuristas, os que criaram bravamente muletas para os versos que lembram os tais da "Morgadinha de Val-Flor".

Mas, passando sobre o incidente para ver a obra na sua orientação, podemos compreender só por estas citações, o que para este poeta é o problema da felicidade. E' possivel resolvê-lo como uma equação algébrica? Quando nos debruçamos com alma sobre este livro, parece que tudo no-lo prenuncia. Onde está a felicidade? Procuramo-la nas coisas complexas e é o grande erro humano. Embalde, no vinho capitoso das emoções violentas, havemo-la chamado. A terna companheira está dentro de nós e irradia do interior para o mundo exterior. Só a simples noção do Bem e do Justo, no-la dá. Nem a riqueza, nem as posições sociais, nem a própria glória. E como ela é tão simples, está na Natureza. E, como cada dia, o homem se distancia da natureza, é, a cada turno, menos feliz, na aparente felicidade de seu progresso.

Neste alto pensamento que é a chama inspiradora deste livro, o poeta faz um doce convite a todas essas almas complicadas que devoram os dias na ânsia de saturar-se de prazeres. Como que o ouvimos, a cada passo, dizer a todos os homens: "Vede a alheia felicidade sobre os campos tranquilos." E às mulheres que se empoam e dão às faces a saude ilusória e a mocidade de cartas do *"rouge* imperial": Vede essas camponesas como são lindas e fortes, como o rubor da face imita o tom da aurora por só mergulhar o rosto na corrente límpida da fonte". Ou na sua própria expressão:

"Tu que resumes tantas e preclaras
seduções, que mais queres?
Deixa somente para essas mulheres
fúteis, as sedas e as peliças caras."

Desta concepção da vida e da felicidade pessoal, é que resultam os irrepreensiveis perfís que o poeta nos traça de muitas dessas figuras, algo legendárias, que os Evangelhos e a tradição profana imortalizaram em linhas tão severas e impereciveis. A simplicidade, o heroismo, a alta religiosidade, o triunfo sobre os sentidos, a disciplina moral, a fé exaltada, a candura, os grandes sonhos interiores — que essas figuras assumem na história, ele as faz ressaltar, tornando-as sensiveis, como o sol cujos raios fazem vibrar, sendo a lenda, a estátua de Memnon, às portas do deserto. Esses personagens — que uns, o dogma imobilizou, no seu casulo secular, e outros, a tradição histórica anquisora nas suas atitudes hieráticas — é o verbo maleavel e fluido do poeta que nos torna mais humanos, mais íntimos e mais ternos, e, por isto mesmo, mais amaveis. A expressão moral é a mesma. Apenas essas estátuas rígidas que a tradição e o preconceito haviam torturado, parecem readquirir olhos de humanidade que nos esquadrinham e sorriem interiormente de nossas hesitações e covardias. Vede o gracioso e fugidio perfíl de Joana d'Arc:

"Em Domremy, onde nascera, à intriga
da Corte alheia, casta como as flores,
vive formosa e fresca rapariga.

"Humilde, obscura, filha de pastores,
busca salvar a França que periga
às mãos de néscios e dissipadores...

"Não inspira desejos sua imagem
serena, nem a plástica venusta
do seu corpo..."

Para concluir assim:

"Vede-lhe o forte, o varonil aspeito:
sobre o ginete, que resfolga e rilha,
o esbelto corpo apruma-se direito;

"ao sol, o escudo esplêndido rebrilha;
Joana é um rapaz intrépido e perfeito:
fica-lhe o capacete à maravilha."

Eis aí. Nada tira aquí a linha guerreira e heróica, rígida na sua virgindade, tomada nas asas potentes de seu ímpeto conjugado de todas as coisas elevadas. Tínhamos, até aquí, entretanto, a noção de Joana, em outras linhas clássicas. Pensávamos nela, ora como a "herética, relapsa, apóstata", nos termos do auto inquisitorial, morrendo intrepidamente sobre a execranda fogueira; ora, de Joana, milagrosa, subindo entre os halos de incenso, aos altares da igreja para ser adorada; ora, de Joana, a quem a ciência esotérica em reconhecer-lhe a inspiração vinda do alto, segundo as vozes, inaudiveis para outrem, que a conduziam ao seu misterioso destino. Mas certamente, ao nosso hábito intelectual, de reconstituir mentalmente esse perfil, faltava algo que o poeta lhe dá, sem a desnaturar. Faltava esse donaire feminino, esse perfume agreste que desnuda um súbito encanto, a graça inseparavel que seus verdes anos e sua alma ansiosa, deviam tornar integrante de sua suave espiritualidade. E o poeta no-lo ressuscita, lembrando, ao lado da plástica venusta, como lhe fica "o capacete à maravilha". Vede que é quasi uma só frase, mas que aquí é como o motivo da melodia de uma longa música.

Vede este outro perfil, o de João Batista, o Precursor. Haveis de conhecê-lo um tanto pelos Evangelhos, outro tanto sob os acidentes históricos dos antigos iniciados.

Através dessas múltiplas tradições, tereis conservado a impressão daquela voz do iniciado essênio que clama no deserto, à borda da antiga torrente que a canícula devorara, nas cercanias desoladas do lago Asfaltite. E perguntamos a nós mesmos, se aquele deserto, aquela solidão, aquela natureza fustigante, não serão senão um grandioso símbolo? Vejamos agora o poeta:

"Viveu a vida do deserto; rudes
canseiras; sóis e invernos, alegria
nas intempéries. Só. Nas solitudes
o seu verbo profético estrugia.

"Abstêmio e sóbrio. Sem as atitudes
dos mata-mouros da Cavalaria,
de herói não sei que de vicissitudes
se saisse com tanta galhardia.

"Insinuante rapaz, simples e forte
como um propagandista estóico e estrênuo
desdenhou Salomé... sorrindo à morte.

("Falta aos que hoje se fazem precursores,
a abnegação, esse entusiasmo ingênuo
dos iniciados e dos sonhadores").

São aliás essas preferencias, essa educação literária, esse pendor filosófico, que fornecem

o elemento primordial de reconstituição dos quadros de infância do poeta. Suas fórmulas autônomas, a clara afirmação de uma personalidade através das correntes estéticas de seu tempo, são expoentes definitivos de um carater e de um estilo que se não confundem.

Dificilmente, podemos joeirar o que é convencional e hipócrita — resíduo das taras poéticas, condições ambientes que se lhe insinuaram. A alma ainda aquí não abdica do que constitue o *substractum* da propria estesia por se não dobrar às sugestões. O que pertence ao senso estético comum sofre a insofismavel reação do que é individual, para sobrepor-se com os seus característicos e os seus pendores. Assim, da infância, entre as recordações mais suaves e preponderantes, o que persistiu foi a emoção da vida livre, vagabunda, a pleno sol, banhada de aromas, sacudida de imprevistos, como as torrentes lucilantes, caudal, de prata líquida da terra natal. Vede comigo:

..."Tenho, súbito, presentes,
cenas de longe sonho tumultuário:
sinto dentro de mim revivescentes,
o nômada, o vadio, o temerário.

....

— "Os livros, que maçada! todo dia
preso às lições, e os bentevís, a essa hora,
livres, no espaço... que sensaboria
o estudo! quanta festa lá por fora!

"Tanta paisagem sedutora, tanto
sugestivo painel se desenrola
aos meus olhos, que troco pelo encanto
da Natureza, a insipidez da escola.

....

"Subo às árvores, desço aos precipícios
embrenho-me nas matas; a loucura
da liberdade, isento dos suplícios
implacaveis do "bolo" e da clausura.

....

"Rapaz. Enfim! Dezesseis anos. Poeta.
A turbulenta, a insólita alegria
cede lugar à inspiração inquieta
dolorosa, de Amor e de Poesia."

Há aquí, neste final, alguma fórmula convencional? Convenhamos. Nele porventura emergem, na lampejante emoção deste desabrochamento, as lacunas que constituem o obscuro *substractum* das taras em que se caldearam os nossos próprios sentimentos. Mas comparai este estado de conciência com os que se lhe relacionaram através das demais composições, e encontrareis o persistente trabalho interior de libertação, a lama ansiosa do filósofo que procura um certo horizonte, nas incertezas e nos sonhos fragmentários que o enleiam, no mistério íntimo da vida e no mundo das relações sociais.

Por tudo isto, estamos em face de um poeta que evoluiu, meditando e sentindo o acicate agudo do que a existência encerra de enigmático e de beleza.

Julgastes talvez um audacioso paradoxo, quando, ao iniciar esta oração, pus os poetas na categoria dos intelectuais que fazem pensar antes de pensar por eles próprios. Poetas desta natureza, vede bem, porque eles não nos falam por palavras mas por imagens. Eles são os evocadores, por excelência. E descobrimos, ao lê-los, surpreendemos em nós uma espécie de terra encantada dos contos de fadas — a miraculosa ressurreição das próprias recordações que julgávamos sepultadas bem no fundo inacessivel do coração. Lembrai-vos das mazurcas de Chopin. Há algumas, em que as notas musicais e imagens se confundem para condensar a cena evocada: tendes o amargo pressentimento da hora aguda da partida, ouvís o rumor das alimárias que escarvam o solo, a trepidante diligência que estremece, a comovida mão que se estende pela portinhola para os adeuses finais... Reconstituís o ambiente terno em que há suspiros e saudades adejantes como aves feridas... Noutras, é o baile, são os olhares incendidos sobre os decotes nus, as mãos que se tocam num abrasante contato, as indefinidas aspirações de felicidade, de poder e de glória.

Vós, Sr. Raul Monteiro, realizais, na vossa obra de poeta, algo de flagrantemente semelhante. A vossa leitura é como um velho e amado mundo que desperta em nós, e em nós tendes o dom de fazer ressuscitar o que a memória fizera adormecer, no seu traiçoeiro sono.

Isto explica amplamente porque sois hoje recebido, na Academia Pernambucana. De sua heroina do "Fogo", dizia D'Annunzio, que ela passaria no meio dos homens, deixando após si, uma esteira de admiração. E como tinha a beleza, teria a glória. Esses dois fanais atraem-se, de fato,, muitas vezes na vida. E, como a vossa obra é antes de tudo, uma evocadora da beleza, esperemos, ainda uma vez, que a glória venha encontrá-la, nessa jornada de luz.

A produção Poética de 1938

Manuel Bandeira

A produção poética foi abundante em 1938, e este retrospecto não poderá abranger a totalidade dos livros publicados, visto que só registra as obras que me foram remetidas a mim pessoalmente ou à administração do Anuário.

Nenhuma tendência nova se anunciou. A corrente mais última, a da chamada "poesia em Cristo", deu um livro notavel: *A Poesia em Pânico*, de Murilo Mendes. Houve algumas estréias auspiciosas, entre as quais sobressai a de Oneyda Alvarenga, cujo livro *Menina Boba* veio colocá-la de golpe na fila dos nossos melhores líricos. Esses dois livros e mais os *Novos Poemas* de Vinicius de Morais, as *Poesias* de Alphonsus de Guimaraens e as *Rosas Negras* de Luiz Delfino representam, a meu ver, a parte mais ricamente substancial do acervo poético do ano findo. O conjunto desses cinco volumes constitue até uma espécie de recapitulação do evoluir da nossa poesia: Luiz Delfino veio do romantismo e se completou no parnasianismo e no simbolismo; Alphonsus de Guimaraens foi o nosso mais puro simbolista; Murilo Mendes e Vinicius de Morais pertencem ao que Tristão de Ataide chama o modernismo superado, mas o primeiro fez o seu serviço militar no movimento modernista e foi mesmo um dos mais insignes cultores do poema-piada, tão característico da geração de 1922.

Com as *Rosas Negras* (Irmãos Pongetti editores) continuou o sr. Tomaz Delfino na filial tarefa de coligir em livro a obra imensa de Luiz Delfino deixada esparsa em revistas e jornais.

Luiz Delfino foi uma figura singular. Como disse atrás, ele resume em seus versos as fases da nossa poesia, do romantismo ao simbolismo. Era um poeta abundante, e tanto podia espraiar-se longamente em lirismos condoreiros, como sabia limitar-se lapidarmente num soneto. Mas tenho que foi no soneto que achou a forma mais adequada à sua especial sensiblilidade. O soneto de Delfino como que funde as três estéticas — a romântica, a parnasiana e a simbolista. Romântico ficou ele sempre no fundo. Mas a disciplina do Parnaso aparou-lhe as asas, às vezes um tanto desordenadamente tatalantes, e o simbolismo deu-lhe aquele vago encantatório, salvando-o tambem do estreito materialismo formal. Escultural, sim, mas uma ou outra vez quebrava *sans façon* o nariz da sua Galatéia. Sensual, sim, tremendamente sensual, mas o seu sensualismo não era primário como o de Bilac: complicava-se de requintes espirituais. Casava os apuros de sentimento e de forma com audaciosos prosaismos. De tudo resultou uma poesia bem marcada, bem pessoal, deliciosamente estranha.

Estas *Rosas Negras* conteem só sonetos. Aquí aparece o famoso soneto da Rua Augusta:

Na Rua Augusta, em Santa-Catarina,
A cama em cima de uns pranchões de pinho,
Ai nasci, foi ai o humilde ninho
De uma criatura mórbida e franzina.

Nos fundos de uma loja pequenina,
O lençol branco a arder na luz de linho,
Da minha mãe, da minha mãe divina
Tive o primeiro e tépido carinho.

Meu pai foi sempre a honra em forma humana.
Tinha a virtude máscula e romana:
Não era austero só, era feroz.

Trabalhava incessante, noite e dia.
Como um leão seu antro defendia,
E era uma pomba para todos nós...

Na minha *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana* registrei uma variante do terceiro verso da primeira quadra: "Alí nascí, foi esse o humilde ninho".

Outro soneto célebre incluido neste volume é o de "Jesús ao colo de Madalena". Mas os admiradores do grande poeta catarinense encontrarão nas *Rosas Negras* muitos outros sonetos, que serão novos para eles. Sonetos muita vez imperfeitos, mas nos quais há sempre, aquí e alí, versos esplêndidos — ou como imagem, ou musica, ou magia descritiva.

Mais uma vez, lendo Luiz Delfino, sentí a influência por ele exercida em Raimundo Correia. Sabe-se a admiração que este consagrava ao velho Poeta. Exprimiu-a num soneto publicado em "A Vespa" e que eu incluí na minha *Antologia*:

Abandonas às vezes a alta crista
Do pujante Himalaia onde te entonas...

Leia-se por exemplo este soneto "Cio":

Não ouças, não, o soluçar do cheiro
Dos lirios brancos, dos rosais florentes...
Que te não fale ao ouvido o jasmineiro...
No vale Pã e os sátiros não sentes?...

Olha. É cada perfume um mensageiro,
Que te enlaça nas asas transparentes:
Cantam teu nome os troncos e as correntes,
Dansando aos sons de um colossal pandeiro!

Com junquilhos gentís prende-te os pulsos
Eros, morde-te estranho calafrio,
Antes carícia, o flanco, e aos seus impulsos

Verás irada a natureza em cio,
E os deuses desgrenhados e convulsos
Beijando em choro as Náiades do rio!

Não é verdade que poderíamos tomá-lo como de Raimundo, se não fosse a elisão violenta do terceiro verso e aquele "soluçar do cheiro dos lírios brancos", de tão forte sabor delfiniano?

Em suma, nas *Rosas Negras* encontramos o mesmo Delfino dos outros livros, o grande poeta que amamos por aquele fundo de bondade e sensualidade generosas, o Delfino em cujos versos a natureza parece entregar-se como uma mulher cheia de perfume num leito cheio de perfume.

Alphonsus de Guimarães e Cruz e Souza parece que são os dois únicos nomes que ficarão do movimento simbolista. A glória do primeiro ficou algum tanto obscurecida pela do segundo. O poeta negro residia no Rio, era um temperamento de combate e tudo nele suscitava o ardor dos discípulos e dos amigos. Alphonsus vivia em Mariana, donde raramente saiu; não alimentava nenhum ódio ou antipatia de escola; os homens da Academia Brasileira abriam exceção para ele na implicância que votavam aos que então eram chamados "nefelibatas", epíteto que correspondia no tempo ao vago e pejorativo "futurista" de hoje. A diferença entre os dois temperamentos está bem refletida numa anedota que foi contada pela Sra. Henriqueta Lisboa. Alphonsus viera ao Rio com o fim especial de conhecer pessoalmente Cruz e Souza. Um dia, iam os dois pela rua e Alphonsus avistou Coelho Neto. — Olha alí o Coelho Neto! Vamos falar com ele. — Não, replicou o outro, intratavel. Detesto essa gente.

Alphonsus não detestava ninguem. Era uma alma de uma doçura inalteravel. E é essa doçura que faz da sua poesia uma verdadeira paz do Senhor.

Alphonsus de Guimaraens é quasi desconhecido das novas gerações pelo fato de não se encontrarem à venda os seus livros. Eles foram editados em pequenas tiragens logo esgotadas. De sorte que a edição de sua obra poética completa representa um grande serviço que o ministro da Educação presta às nossas letras.

Tive a honra de receber do filho do Poeta, de João Alphonsus, o encargo de dirigir e rever esta edição. Compreende ela uma reedição de *Kiriale*, *Dona Mistica*, *Camara Ardente*, *Setenário das Dores de Nossa Senhora e Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte* (este último livro acrescido de 49 poemas), e mais a tradução de *Nova Primavera* de Heine, a *Escada de Jacó* e *Pulvis*; os dois últimos, inéditos, salvo alguns poemas aparecidos aquí e alí em jornais e revistas, a *Nova Primavera* foi publicada na "Revista Brasileira" em Junho e Julho de 1898. A edição traz um retrato do poeta por volta dos 30 anos, e uma noticia biográfica e abundantes notas da autoria de João Alphonsus. É pois uma apresentação completa do Poeta e vai naturalmente suscitar um largo balanço crítico da sua obra.

A minha contribuição nesse balanço já a dei num pequeno ensaio aparecido no primeiro número da nova fase da "Revista do Brasil" (Junho de 1938). Alphonsus é o nosso Verlaine, com toda a doçura e o ingênuo preciosismo do francês, e sem mancha de pecado. Que hei de dizer mais, senão que é um dos poetas que mais me encantaram e que mais bem me fizeram?

Há em *Pulvis* algumas dezenas de sonetos que representam o melhor da inspiração amorosa e católica de Alphonsus. Todo o espiritualismo dos seus afetos terrenos está no soneto XXIII:

Vaga em reâor de ti numa fulgência,
Que tanto é sombra quanto mais fulgura:
O teu sorriso, que é divino, vence-a,
E ela, que é luz de estrela, pouco dura.

De outra não sei que tenha a etérea essência
Que nos teus olhos brilha: nem a pura
Linha de arte de tal magnificência.
Como a que o rosto de anjo te emoldura.

Na candidez ebúrnea do semblante
Tens um lis de ternura, que deslisa
A flor da pele em mágoa suavizante.

Não sei que manto celestial arrastas...
E's como a folha do álamo que a brisa
Beija e balança ao luar das noites castas...

Toda a sua fé está no soneto XXXVIII:

Os duendes, trasgos, bruxos e vampiros
Vinham, num longo e tenebroso bando,
Os meus passos de múmia acompanhando,
Por entre litanias de suspiros...

Em tudo eu via os infernais retiros,
Onde ficava sem cêssar sonhando:
E Satanaz motrava-me, negando,
Negros sinais traçados em papirōs...

Era, na sombra, o meu destino oculto,
— Sirtes, penhascos, saturnais, paludes,
Todo o mistério de um funéreo culto...

Mas, de repente, os passos meus, tão rudes,
Firmaram-se no chão, e erguendo o vulto,
Vi-me amparado pelas Três Virtudes...

Os livros anteriores de Murilo Mendes já o tinham colocado na primeira linha dos nossos poetas verdadeiramente criadores. E realmente ele é um dos cinco ou seis bichos de seda da nossa poesia: os que tiram tudo de si, os que teem uma personalidade marcadíssima, capaz de espalhar o contágio, o transe, o pânico. Sim, as imagens inesperadas de Murilo Mendes possuem esse dom de suscitar o pânico. Temos um exemplo disso no título deste seu novo livro. Não me parece, aliás, que o título quadre bem ao conteudo do volume. Esta poesia não está propriamente em pânico: ela domina soberanamente todas as ânsias, todos os medos, todas as perplexidades do homem Murilo Mendes. O que a resume fielmente não é o título, mas a fotomontagem que ilustra a capa do livro: aí se sente a força da inteligência e do coração submetendo o tumulto da imaginação e da carne. E esta é a impressão que nos fica do livro — um dos mais fortes e belos que já se escreveram em nossa lingua. O que de grande se sentia aquí e alí nos seus poemas precedentes, aparece em *A Poesia em Pânico* integrado num maciço todo solidário.

Aludí certa vez ao hebraismo de alguns poemas de *Tempo e Eternidade*. Neste seu livro, não o sentí. É bem poesia de católico, terrivelmente conciente do pecado original e ao mesmo tempo como que feliz de todas as suas fraquezas pelo que elas implicam de amor — um amor fulgurante não só dos seus semelhantes mas de todas as criaturas e coisas da Criação. Um catolicismo a S. Felipe Neri, em que a verdade é concebida em suma e em essência como caridade. O seu culto afronta o ridículo: incorpora-o. E — coisa curiosíssima! — poesia e catolicismo dialéticos. Sentiu-o o Poeta quando no poema da página 66 chama o seu lirismo "dialético". De fato, a cada passo estamos a ver nestes poemas uma conciliação dos contrários, panoramicamente poética. Certos versos poderão até transpirar heresia a espíritos mais estreitos, como quando o Poeta diz: "Amor! Amor! Palavra que cria e que consome os seres. Fogo, fogo do inferno! melhor que o céu". A verdade é que ele se sente de Deus tanto na boa ação quanto no pecado, e talvez mais no pecado: em Satã "que não lhe falta nem um instante". Para ele URSS é a irmã transviada, cuja evolução dialética lhe parece imperfeita e só se completará com a volta ao lar do Pai, onde URSS encontrará o que procura, o que não vê que existe nela "desde o princípio". Berenice é sólida como a pedra e variavel como o mar. O próprio Poeta é ele mesmo e o seu Duplo. O maior desejo do Poeta é voltar para o Principio, "que nivela a vida e a morte, a construção e a destruição". A sua maior inveja é de Adão, "o único homem que foi ao mesmo tempo mãe, pai, irmão, esposo e amante!".

E não tenham duvida: essa superação dialética é um milagre de amor. Murilo é um ardente amoroso e neste seu livro se encontram alguns dos mais belos poemas que a mulher, porta do inferno, já arrancou ao coração de um homem. Berenice assume neles um desdobramento cósmico, a despeito da "sua elegância, da sua mentira, da sua vida teatral". Porque ela é "o laço misterioso", diz ainda o Poeta, "que me prende à idéia essencial de Deus". Temos aquí o conceito petrarqueano, do amor levado ao seu extremo limite, quasi sem um sorriso, antes assiduamente formidavel.

Quando Vinicius de Morais estreou com o livro *O Caminho para a Distância*, eu, que fazia a crítica literária no "Diário de Notícias", louvei-o com uma certa secura. Quatro anos depois, em 1935, o poeta dava-nos um segundo livro — *Forma e Exegese*, com o qual conquistou o prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira. E me conquistou tambem. Por essa ocasião tive ensejo de declarar a minha admiração, já sem prudências, pelo autor de "O Escravo", "Alba", "Agonia", "A Mulher na Noite", "Três Respostas em Face de Deus", "Ilha do Governador", etc. Sobretudo me sentí levado da máscula força poética do poema "A Legião dos Urias". Em 1936 apareceu *Ariana, a Mulher*, um dos grandes poemas de amor da nossa literatura.

Uma coisa porem me deixava insatisfeito em *Forma e Exegese*: a persistência do poeta no tom sublime e no ritmo inumeravel. "Bicho da terra tão pequeno", eu queria ver outro bicho nesse rapaz que pairava continuamente nas regiões irrespiraveis da estratosfera poética. O vasto panejamento rítmico dos seus poemas dava-me de repente uma saudade irreprimivel de metros curtos. Eu, que num dia de aborrecimento gritara: "Todos os ritmos, sobretudo os inumeraveis!"... Vinicius de Morais, fez-me a vontade: este seu novo livro traz vários poemas metrificados, sonetos, redondilhas; o bichinho da terra desceu dos Itatiaias, desceu, firmou os pés no solo, saiu andando naturalmente, entrou nos currais e confraternizou em festas de espuma com o gado bovino, respirando "o cheiro bom do estrume".

Me parece que a sua poesia ganhou com isso uma humanidade mais vasta e mais profunda.

O livro abre com uma "Ária para assovio" cuja primeira quadra é uma primeira estrela sozinha no céu:

Inelutavelmente tu
Rosa sobre o passeio
Branca! e a melancolia
Na tarde do seio.

Mas esses quatro versos puríssimos podem parecer uma charada aos olhos de muita gente. Por isso me apresso em transcrever alguma coisa inteligivel, regular, e será o lindo e perfeito "Soneto à Lua:"

Porque tens, porque tens olhos escuros
E mãos lânguidas, loucas, e sem fim?
Quem és, que és tu, não eu, e estás em mim
Impuro, como o bem que está nos puros?

Que paixão fez-te os lábios tão maduros
Num rosto como o teu criança assim?
Quem te criou tão boa para o ruim
E tão fatal para os meus nervos duros?

Fugaz, como que direito tens-me presa
A alma, que por ti soluça nua,
E não és Tatiana nem Teresa?

E és tão pouco a mulher que anda na rua,
Vagabunda, patética e indefesa,
O' minha branca e pequenina lua!

Há outros sonetos no livro: "Soneto de agosto", Soneto de contrição", "Soneto de devoção", "Soneto de inspiração". Todos eles são bons e veem mostrar como andavam errados certos sujeitos quando imaginavam que ser moderno era dizer mal do soneto. Quiseram matar o soneto. Não foi a primeira vez. Mas o que sempre se tem visto é a renovação dessa admiravel forma fixa, que, abandonada durante algum tempo, acaba reaparecendo rutilante todas as vezes que a tocam as mãos de um verdadeiro poeta.

Ainda neste livro vemos o poeta a se debater entre as solicitações da carne e do espírito: a se debater naquele drama que Otávio de Faria definiu como uma perplexidade entre a "impossivel pureza" e a "impureza inaceitavel". Quer me parecer no entanto que o crítico exagerou um tanto a gravidade do drama. Não levou em bastante conta a versatilidade, estou quasi a dizer a leviandade do poeta. Não creio que para Vinicius de Moraes seja a pureza tão impossivel nem a impureza tão inaceitavel. O seu tédio da carne resulta antes do cansaço e da saciedade; a dor, da violência da posse. O último poema do livro resume bem não só o atual estado de alma do seu autor como tambem o seu atual processo poético: num tédio enorme da vida a vontade de escrever uma grande poesia; misturando na linguagem o sublime e o rasteiro. E que idéia deseja para essa grande poesia? — Uma idéia bem inocente pedida pelo telefone à sua vovó Nenem. O tédio é tão grande, que o poeta pede à mãe: "Se o aneurisma de dona Ângela arrebentar, me avisa".

Que pensará a mãe deste filho que se diz "falso, miseravel e sórdido", e ao mesmo tempo "estala em força, sacrifício, violência, devotamento?"

Dirá sem dúvida o que todos nós dizemos: que seu rapaz nasceu marcado para a poesia. Mas dirá com o mais doce daquela carícia eterna que nenhuma mulher dá senão a seu filho.

A Menina Boba não tem nada de boba: é, ao contrário, inteligentíssima. A explicação do título que trazem os versos de Oneyda Alvarenga está no poema da página 21:

Me embasbaco diante de uma flor,
As vezes tenho vontade de beijar passarinho,
Tudo o que é belo me põe os olhos cheios d' água,
Não posso sentir pena de ninguem
Sem que me dê um desejo maternal de
acalentá-lo, de passar-lhe a mão pelos
cabelos, de lhe dizer uma porção de
coisas sem sentido...
Mas falam que sou boba...

Essas mesmas pessoas haveriam de falar que a Menina era louca quando dava expansão a aqueles anseios de solidariedade cósmica, já tantas vezes assinalada como uma das características do espírito romântico:

Vontade de me diluir, de me fluidificar,
De entrar na essência de todas as coisas,
De me perder aos pedaços por todos os caminhos,
Pelos caminhos que vão dar a todas as vidas.
Loucura de viver mais, de viver tudo,
De viver completamente.
A minha vida só não basta para mim!
Eu quero ser o mundo!

Esse é o tom dos primeiros poemas do livro: um tom dionisíaco, voz de andorinha brusca e tonta de luz. Mas veio o momento em que a andorinha se sentiu ferida na asa. Segue-se então uma série de poemetos amorosos que me parecem de uma qualidade bem rara em nossa poesia. A Menina recolhe de seus vôos arrebatados e todo o seu desejo é abrigar-se para dormir "nalguma rama generosa":

Eu queria cair na tua vida
Fresca, leve, translúcida
Como um pingo de chuva
Que fica numa flor.

Abro a minha janela para a noite.
Estendo os braços e entreabro os lábios
Pro beijo que a distância me rouba.
Tenho pena das ternuras inuteis...

Meu corpo se alonga sob teus dedos.
Teus braços me enlaçam na noite sem vozes...
Deixa que caiam pelo meu caminho as espigas
[maduras da tua ternura.
Eu as recolherei.

A distância tinha falas estranhas...
Te busquei numa estrela
E nos olhos dos que passavam.
Mas andavas perdido
Pelas coisas impossiveis.

É a mesma ardência, mas toda voltada para dentro e se exprimindo em imagens impregnadas de sossêgo e mansidão: árvore esguia que se apaga na noite, flor que estivesse se desfolhando, som que fosse se extinguindo, qualquer coisa que estivesse morrendo de mansinho, água de fonte que ninguem sabe se chora ou se ri (cito imagens de vários poemas); a Menina se sente "uma lagoa imovel ao luar".

Em "Noturnos" e em "Menina Insoluvel" aparece inquietação, amargura. O tom é turvo e áspero. Mas a última pagina do livro é um canto voluntarioso, de cores claras e fortes.

Paulo Correia Lopes deu-nos os *Poemas da Vida e da Morte* (Livraria Globo).

Não conheço os livros anteriores do Poeta: *Poemas de mim mesmo* e *Caminhos*, que são respectivamente de 1931 e 1932. Mas neste último

Paulo Correia Lopes me dá impressão de ser um desses poetas que surgiram claros e simples depois do mata-passadista de 1922 exprimindo os temas eternos do lirismo subjetivo. E não se pode mesmo ser mais claro nem mais simples do que este poeta. Tanto que às vezes é caso de perguntar: valeria a pena contar o desejo que passou no coração como uma sombra na água? Como nestes cinco versos:

Leva-me contigo, meu amor.
Não me deixes sozinho,
Que eu só conheço o caminho
Que conduz à dor.

Leva-me contigo, meu amor.

Creio que falta em poemas desse gênero aquele irredutivel de poesia que há, por exemplo, nesta quadra:

Foste para mim como um rio
Que vai levando o sonho das velas
Foste para mim como um beijo de sombra
Sobre o cansaço da terra.

Em algumas palavras que o Sr. Carlos Dante de Morais escreveu sobre o seu amigo, há a seguinte anotação: "Parece que alguma coisa sucedeu que fez a alma contrair-se, recolher-se machucada ao seu próprio fundo..."

Terá sido talvez a morte do "passarinho", inspiradora de uma das mais doces canções do volume. A morte do "passarinho", que restaurou o pensamento religioso no coração do Poeta. Ele aprendeu que "tudo nos diz que a vida brota do coração de Deus como uma fonte".

A idéia de Deus não lhe deu somente a doçura e a conformação: deu-lhe mais — deu-lhe coragem, deu-lhe peito para escorar o peso do mundo:

Que caia o mundo, que caia tudo sobre mim!
Que caia sobre mim o céu todo estrelado,
Posso levar sobre os ombros
Todas as estrelas.
Posso levar cantando no coração
O rumor dos mares.
Posso levar nos olhos
Os rios cansados de correr.
Tudo posso agora que encontrei o caminho
Que leva para Deus.

Gosto, e gosto muito, daquele conselho de largar as veias:

Largai as velas que o mar é largo!
Para longe, para o fim de tudo!
Largai as velas
E vereis como é mais bela a vida
Entre relâmpagos e abismos!
Largai as velas que o mar é largo
E embala os corações
Que não tremem diante do mistério.

O livro termina com uma linda prece, em que mais uma vez se expande o sentimento religioso do Poeta, sentimento que me parece profundo e ingênuo, o que lhe comunica uma grande força de persuasão.

Sinto-me um pouco suspeito para louvar os versos de Ovidio Chaves. Este seu livro (*Uma Janela Aberta*, Livraria Globo) é meu "afilhado". Não que tenha influência minha: ninguem menos influenciado por mim. Mas o Poeta deu-me a honra de inscrever o meu nome na dedicatória, o que lhe agradeço.

Ovidio Chaves já revelara o seu talento de trovista no livro anterior — *O anel de vidro*. Neste agora mostra-se senhor do soneto.

Há nos seus versos um tom prosaico que não é o tom de escola. Lembra antes certas coisas de Artur Azevedo às vezes de Antônio Nobre. Esse "lembra" não leva, aliás nenhum *hint* de imitação. O Poeta tem voz própria. É provinciano, no bom sentido. Em "Boêmia" saimos com ele da redação do jornal de Porto-Alegre:

Saimos do jornal de madrugada
E ninguem vai pra cama. Estou viciado
A passar minhas noites acordado
E só dormir de dia. Ah! não há nada

Que impeça uma voltinha, uma virada
Por uns cantos que sei — e, no Mercado,
Lá pelas tantas, triste e sossegado,
Dou minha "obrigação" por encerrada.

Boêmio por profissão, lúcido e triste, —
Mas já nem bebo mais! No fundo existe
Apenas uma vida diferente.

Romantismo... Pretextos... Atitudes...
Vontade de esconder certas virtudes,
E o vicio de fumar principalmente...

Esse tom facil, que tem, todos o sabem, as suas dificuldades, é de vez em quando cortado por uma imagem em que estremece a ternura do boêmio. É que às vezes está chovendo, e a chuva (se não sabem, tomem nota), *"a chuva é a alma feliz das avozinhas que vinham nos contar histórias à lareira..."*

Augusto Frederico Schmidt firmou a sua reputação de poeta post-modernista, introduzindo entre nós a poesia de inspiração bíblica. E elevou-se de golpe a tal ponto de intensidade e beleza, que me dá impressão de a ter esgotado, pelo menos em seu alcance essencial.

Mas Jorge de Lima apanhou a deixa. Jorge de Lima é habilíssimo. A sua mão de respigador atento sabe ver espigas da mais rica substância abandonadas no terreno pela pressa dos primeiros segadores. *A Túnica Inconsutil* (Cooperativa Cultural Guanabara), representa os frutos de sua colheita católica.

O poema (podemos chamar assim essa coleção de poemas que impressionam como um só blo-

co de poesia) tem numerosas belezas. Pode-se mesmo dizer que é belo do princípio ao fim:

Mas persuade realmente? Sinto dizer que, pela parte que me cabe, — não.

Se algumas páginas me tocaram, como, por exemplo, "Os mantos da Terra" (se bem que eu não goste de ouvir falar em "carcassas de mares e rios"), "A morte da louca", "Poema de qualquer virgem", "A vida incomum do Poeta", "Vós precisais dormir", "Dai a Deus o que é de Deus" e a "Cerimônia do Lava-mãos", as outras me deixaram insensibilizado pelo jorro frio das imagens límpidas, saciado pela superabundância em que se compraz esta poesia por demais decalcada no espírito e na técnica do versículo bíblico.

O paralelismo é ótimo apoio rítmico do verso-livre de grande extensão. Mas tem os seus perigos. Cumpre que as iterações se justifiquem por uma certa força de conteudo. Jorge de Lima nem sempre atende a isso. No poema "No tempo dos reis" ele diz:

Perto do Palácio do Rei existia a vinha de Nabot
Para tentar a cobiça do Rei.
Perto do Palácio do Rei havia o banho da mulher
[de Urias
Para tentar a luxúria do Rei.
E perto do Palácio do Rei havia o templo
Para tentar a soberba do Rei.

Aqui há mais que paralelismo: há paralelogramo e quasi quadrado. O paralelismo dos versos pares ("para tentar") faz-se aceitar. Mas para que repetir três vezes "Perto do Palácio do Rei"? As linhas essenciais do poema apareceriam em toda a sua pureza se o Poeta dissesse simplesmente:

Perto do Palácio do Rei existia a vinha de Nabot
Para tentar a cobiça do Rei;
Havia o banho da mulher de Urias
Para tentar a luxúria do Rei;
E havia o templo
Para tentar a soberba do Rei.

O catolicismo de Jorge de Lima pode ser sincero, mas é indiscreto. Ora, toda indiscrição é vulgar. Essa poesia, — bela, não nego — é ao cabo vulgar. Prefiro o grande poeta quando ele vivia na vasa dos sururús e cantava o inverno:

Zefa, chegou o inverno!
Formigas de asas e tanajuras!
Chegou o inverno!
Lama e mais lama,
Chuva e mais chuva, Zefa!
Vai nascer tudo, Zefa!
Vai haver verde,
Verde do bom:
Verde nos galhos,
Verde na terra,
Verde em ti, Zefa,
Que eu quero bem!

....

Mas tudo isso, Zefa,
Vamos dizer,
Só com os poderes
De Jesús Cristo!

Tudo isso, vamos dizer, tem mais poesia e mais espírito *cristão* do que o pastiche hebraico da *Túnica Inconsutil*.

A Sra. Maria Eugenia Celso ofereceu-me o seu livro *Jeunesse* (Irmãos Pongetti editores) com as seguintes palavras: "A Manuel Bandeira, *en espérant qu'il ne se scandalise pas trop de la tenue classique de ces poèmes*".

Permita-me D. Maria Eugenia dizer-lhe que se alguma coisa pode escandalizar nestes seus deliciosos poemas é não a sua *tenue classique* mas a liberdade com que ela infringe frequentissimamente a *tenue classique*.

D. Maria Eugenia rima singular com plural (*horizon, flocons*), conta duas sílabas em *passion*, não dá consoante de apoio às rimas de particípios passados (*fitiguées, butinées*), não faz a elisão do *e* mudo precedido de vogal no interior do verso (*De l'eau bleue sur nos sables clairs*), não conta a última sílaba de *éblouirent* no alexandrino "*Voyante, qu'éblouirent la Forme et la Couleur*"... Aponto só esses exemplos, mas eles são às dezenas no seu livro, o que mostra que a minha ilustre amiga *se fiche pas mal da tenue classique.*

E todavia não serei eu que lhe pedirei lançar a barra mais longe até aos domínios perigosos do verso-livre. Tenho que perderíamos o maior encanto dos seus versos, que reside na música leve, sutil e carinhosa dos metros regulares, sobretudo dos octossílabos.

Anna de Noailles, tão sua querida, não fez versos mais fluidos e musicais do que estes de "*Le visage entre les visages*":

Je n'ai de toi que ton visage
Qui jamais ne fut tout à moi,
Ton sourire qui se partage,
L'accent trop égal de ta voix.

Je n'ai de toi que ta figure
Dont tu donnes à tous les regards,
Et ces mots dont je suis bien sûre
De n'avoir qu'à moitié ma part.

Mais ce visage dont j'ignore
Les plus troublantes expressions,
Malgré toi, j'en possède encore
D'insaisissables abandons.

J'en sais l'abstraite indifférence,
Mais j'en sais aussi la rougeur
Et l'émotion de son silence
Où parfois tes yeux me font peur.

J'en sais les ombres de tristesse
Sous la froideur d'un air distant.
J'en sais le charme qui me blesse,
J'en sais la pitié qui me ment.

Et souvent un secret mirage
Me permet de faire, à mon gré,
De ce que j'aime en ton visage
Le visage que j'eusse aimé...

A mesma graça de ritmo e de pensamento se encontram em *"Brume"*, em *"Rêverie"*, *"Moment perdu"* e tantas outras páginas de *Jeunesse*, livro tão brasileiramente feminino.

Bem femininos tambem são *Destinos*, da Sra. Elvira Maria da Cruz, e *De Mãos Postas*, da Sra. Lila Ripoll. Há mais abandono na segunda, o que transparece até nos frequentes hiatos dos seus versos. Já a Sra. Judith Ribeiro (*Alma*) foge aquí à doçura do seu sexo, como em "Pedra", "São Paulo" e "Último tamoio".

O Sr. Carlos Chiacchio não precisou instalar-se no Rio para se fazer conhecido do norte ao sul do país. Mas ele era reputado apenas como prosador e crítico, e só agora se nos mostra na qualidade de poeta.

Lenda da infância, história vivida,
O lindo conto de toda a vida,

disse Alvaro Moreyra num poema da *Lenda das Rosas*. O poeta baiano inspirou-se nas lembranças do seu "lindo conto" para dar-nos esse volume *Infância* (edições ALA). A força do prosador não fazia prever as delicadezas do poeta. Ás vezes mesmo me parece que este cede por demais à quebreira sentimental das recordações. Neste gênero o seu mais forte poema é sem dúvida o do "Menino que viu o destino".

Carlos Chiacchio revela uma certa predileção pelos temas fluviais. A bonita "Canção da voga" é demasiado longa para ser transcrita aquí. Mas "A canoa" não lhe fica atrás:

Tinha no porto a canoa
Toda de cedro lavrado.

Um dia,
Que não quiseram levar-me
Para a outra banda do rio,
Pois disseram:
— Lá mora o Caboclo Dágua
Bem na ponta da coroa —
Corri, de pronto, a deitar-me
Sob os panos
Na proa.

Zarpa a canoa de fio
Para a outra banda do rio...

Quando a vela pelos mastros
Subiu aos ventos serranos,
Meu pai, ao ver-me, sorriu
Sorriu, ao ver-me, de rastros
Sair debaixo dos panos.

E a esteira dagua ressoa...
E, vela ao vento, a canoa
Voa, (mas comigo) voa

Para a outra banda do rio.

"Fogo-pagô", "A Garça", "A vida que passa", "Passarei" foram os versos que, pela simplicidade da forma e transparência do pensamento, melhor impressão me deixaram.

Em *Roteiro* (Irmãos Pongetti editores), Nobrega de Siqueira nos adverte, de saida, que "o seu roteiro é imprevisto; não tem demarcações, nem caminho nem rumos". Andou por todo o Brasil, provando-lhe todos os frutos. Faz comparações e afirma dogmaticamente que a laranja da Baía é melhor que a do Rio, o que não deixo passar sem protesto. Augusto Meyer já quis me convencer de que a seleta fluminense é inferior à laranja do Rio-Grande-do-Sul. Não acredito. Ainda hei-de encomendar ao Mário de Andrade um coco gostoso como ele sabe fazer, em louvor da seleta. Sei que ele é da minha opinião: a seleta é a Miss Laranja do universo.

Num dos poemas do seu livro, Nobrega de Siqueira declara, desde o título: "Eu tambem sou um enamorado da vida". Mas apresenta logo as restrições que o diferenciam de Olegario Mariano: não sente o encantamento das paisagens: não olha o céu embevecidamente. O que ama na vida então? Dou a palavra ao poeta:

Amo aqueles que, nos laboratórios,
Fazem da ciência o seu martírio e a sua cruz.
Amo um Vital Brasil, mineiro da Campanha,
Amo um Alvaro Alvim, amo um Osvaldo Cruz.

Amo um Marconi, a encurtar distâncias;
Um Tobias Moscoso, um Laboriaũ.
Um Pasteur, dedicado à causa humana;
Santos Dumont, que asas ao céu alçou.

E ama o Brasil, "pátria querida e pacifista"; a América, "cujo destino é produzir, é trabalhar". Ama "tudo que é bom, tudo que é humano".

Esse poema reflete os defeitos da poesia de Nobrega de Siqueira: um certo prosaismo sem escolha; o cultivo (parece que intencional) do lugar-comum. Não quero, aliás, que me tomem como um adversário do lugar-comum. Sei que há muita poesia no lugar-comum. Haja vista o Luiz Guimarães Junior, que fez muito soneto bonito só com lugares-comuns.

Mas é incontestavel que Nobrega de Siqueira, a pesar dos defeitos, sabe dar nos seus poemas as cores e as músicas (a musiquinha mãnhosa da estradinha-de-ferro Jaú Dourado), os perfumes e o paladar do seu Brasil. Reconhecemos com enternecimento nos seus poemas a farmacinha do interior, o teatrinho-barracão, os Atalibas Leonéis "caboclos-generais", etc. Só lhe peço instantemente uma coisa: excluir do presepe o Vovô Índio, "Papai Noel do Brasil". Trata-se de um estrangeiro indesejavel, entrado aquí com passaporte falso arranjado pelo sr. Cristovão de Camargo.

O livro *Alguns Poemas* (Edésio, editor) de Antônio Girão Barroso não teve boa acolhida da

parte dos críticos do Rio. Foi mesmo bem maltratado, o que me pareceu muito injusto. Quando recebí o voluminho do poeta cearense e me pus a folheá-lo displicentemente, fui me interessando por aqueles versos às vezes tão imperfeitos. Parecia-me discernir alí um poeta em estado nascente. Ter-me-ei enganado vendo raias de diferenciação em certos poemas de Girão Barroso? Por exemplo, neste "Mar alto":

Velejai meu barco no mar alto
da Vida
Velejai que eu quero partir
Antes que a noite desça
E a tarde mansa
Desapareça

Deixai meu barço partir
As ondas são leves
E leves as almas
Que povoam o mar.

Velejai meu barco no mar alto
da Vida
Velejai que é curto o tempo
E o horizonte sem fim
Velejai que eu quero partir
Antes que a noite desça
E a tarde mansa
Desapareça.

Ou eu não entendo nada de poesia, ou esse breve poema é realmente bonito, e bem construido, e isento de qualquer influência indiscreta. Ele se aparenta no tom com este outro — "Tristes madrugadas":

Tristes madrugadas da minha rua
Sem alegria, despovoadas.
Ai quem me dera
Afastar-vos todas.
Não mais vos quero, tristes madrugadas
assim despovoadas...

Tristes madrugadas da minha rua
Sem alegria, despovoadas.
Ai quem me dera
Arrancar-vos todas.
Nunca vos quis, tristes madrugadas
despovoadas.

Isso, tambem, me parece bonito, bem construido, isento.

Noto bem as dificiências do estreante na maioria dos poemas. Em especial a inhabilidade de certos remates. Leiamos o "Poema da árvore":

A árvore é de Deus.
A árvore é amiga.
Nos dá sombra e fruto.
A árvore é de Deus.

Não mate a árvore, meu irmão
A árvore, que é sombra e fruto.
Com seus galhos estendidos sobre nós.
Não mate a árvore, meu irmão.

Que a árvore é toda acolhimento,
Repouso nas viagens erradias e
Substância. E se o fruto é amargo,

Ainda é bom.

Eu pararia aquí: o poema me parece completo, uno. Mas o poeta ainda acrescenta, continuando o último verso:

Deixemos a árvore viver.
A árvore é todo um poema de necessi-
[dade.
A árvore é uma mulher.

Aquí e alí, nos versos defeituosos, repito, de Antônio Girão Barroso, encontro mais de uma nota rica de ressonâncias. Ele diz, por exemplo, de uma estaçãozinha perdida da Estrada de Ferro Baturité:

Teus trens passam sem te dar grande satisfação...

A inspiração de Rossine Camargo Guarnieri (*Porto Inseguro*, José Olympio editor) é das mais generosas. Sente-se atrás da sua simpatia social muito sofrimento próprio, muita luta, muita amargura. Mas o poeta parece não pensar em si, senão "na grande família universal dos homens vencidos, maltratados, desunidos". E o seu canto "se destina ao coração seco dos homens, como chuva amiga, como chuva irmã".

Devo no entanto dizer que, em conciência, não sei se a poesia será a sua verdadeira vocação. Noto uma certa insegurança nos seus ritmos. O poema mais importante, mais comovente do livro, o "Reformatório-modelo", tem mais ambiência de romance que de poema. E Rossine anuncia para breve um romance — *Beco do Brejo*.

Não julgo discernir fatalidade poética em Heli Peixoto *Estrela Impaciente*, (Cooperativa Cultural Guanabara) e Celio Goyata (*Canto Perene*, Edições Mensagem). Os seus poemas são versos que toda pessoa inteligente pode fazer.

Direi o mesmo de Guerra de Holanda (*Audácia*). A sua dedicatória, tão enganadamente lisonjeira, me obriga a uma inteira sinceridade. Achei muito ruins quasi todos os seus poemas, poemas-piadas sem nenhuma graça nem consistência. Mas Guerra de Holanda deve ser ainda um menino. Pois então não acredite no seu amigo Alfredo Pessoa de Lima, que tambem deve ser bem criança: Jorge de Lima e Murilo Mendes são dois grandes poetas, e o Cristo deste último se está ameaçado de ficha no arquivo das Delegacias de Ordem Política e Social é porque está conforme os Evangelhos. Há um poema que me agradou em *Audácia*: é a "Prece", e esse cabe bem dentro do programma da Poesia restaurada em Cristo.

O Sr. Mario Donato tentou a criação de um símbolo no tipo de Chico Pedro do seu poema *Terra* (Cia. Brasil Editora, S. A.). *Terra* é, diz o autor, "uma tragédia em que a raça negra — símbolo de identificação biológica entre a gleba e o homem — se insurge contra o fenômeno da guerra, cuja sangrenta ferocidade viria

divorciá-la da terra, privando-a do seu recurso lógico de integração racial".

Tenho, porem, que o Poeta andou mal escolhendo o alexandrino, metro em suma tão pouco nosso, sobretudo tão pouco Chico Pedro, para cantar a rude vida e desgraça de Chico Pedro. O seu poema ficou assim pecando na sua fisionomia essencial — o ritmo.

Aliás Mário Donato trabalha bem o alexandrino. São fortes os versos que descrevem a fuga do negro no emaranhado das selvas:

De momento em momento, uma bala, zunindo,
Lanha profundamente as árvores soturnas.
Ressoam de quebrada em quebrada, nas furnas,
O estrépito rascante e trágico das salvas..."

Musa Enferma são versos de um rapaz que ainda não completou vinte anos — Maciel Oliveira. Conhecí-o em São Lourenço o ano passado. Animei-o a publicá-los porque lhe reconhecí dotes de expressão simples e direta. A experiência dar-lhe-á sem dúvida maior solidez ao pensamento e o Poeta se libertará de certo sentimentalismo, muito natural aliás na sua idade.

Seria impertinente julgar com severidade as quadrinhas das *Balas de Estalo*, do Sr. Ernani Lopes. O mesmo título está definindo-as. Elas são o brinco em que o sábio descansa o próprio espírito das graves lucubrações da ciência. Confesso-me extremamente lisonjeado pelas referências que o Dr. Ernani Lopes faz em uma das notas do fim do volume à minha tradução do livro de Clifford Beers — *A Mind that found himself.*

O Sr. Izaltino Santana é um versejador de quem se pode louvar, sem favor, a abundância. *Mordendo Frutos Verdes* e *Contra a Corrente* são dois volumes de poemas compactos.

Quem pensa que o espadagão pesado do parnasianismo caiu de vez das mãos magistrais de Alberto de Oliveira, está muito enganado. Ainda houve no ano da graça de 1938 pulsos capazes de o levantar da poeira. O Sr. Simas Saraiva, promotor na Baía, é um parnasiano inteiriço. Os seus alexandrinos teem a rigidez do cimento armado. Mas o Poeta deixou-se tentar pelo nado livre das formas modernas. Não creio que a sua poesia ganhe com isso. Como disse Mario de Andrade dos versos de Rossine Camargo Guarnieri, os de Simas Saraiva me parecem mais versos liberados que propriamente versos livres. Muitas vezes mesmo me dão, a pesar da rima, a impressão não de versos mas de prosa:

Na rampa vertiginosa de pétrea assomada,
Talhado pela rude mão da natureza
No cinzento granito,
Um sombrio frade
Contempla a imensidade,
Em torno, ao longe, largamente se estende
A floresta requeimada pela canicula ingrata
Dos longos verões,
E o rio que, sob o céu ardentemente
Tropical,
Deslisa coleante, sereno e turvo,
— Sofrendo a vergastada selvagem da luz intensa!

"Amo!" adverte J. G. de Araujo Jorge (José Oímpio editor) ao leitor desde a capa do seu livro. "Sou admirado!" Isso ele não diz, mas sugere, citando vários escritores que o elogiaram. "Sou muito lido!" Isto tambem é sugerido no verso do frontispício, quando J. G. enumera as suas outras obras. Os títulos de dois livros de versos levam o parêntese "esgotado". J. G. computa em sua bagagem literária um romance *Mamulengos*, e informa: "Originais perdidos em 1936, pela Record Editora". E anuncia mais quatro volumes: *O Canto da Terra* poemas humanistas; *Terra de Canaan* (Festa de imagens!), poema à América; *Marilena*, novela; *Lourdes* (Caderno de moça), versos líricos".

Tudo isso está mostrando candura, alegria, entusiasmo, confiança na vida: em suma, juventude, primeiríssima juventude. E os melhores versos deste novo livro são aqueles em que o Poeta se inspira nesses sentimentos. Mas é um sestro da idade apresentar-se de vez em quando como um desdenhoso, um cínico, um frio indiferente.

"A vida toda é vã. Resumo a vida nessa
Mistura com que fiz minha filosofia:
— Um dito de Anatole e um mau sorriso de
[Eça..."

Eu preferiria, em homenagem à verdade e ao ritmo: "Um dito do Eça e um mau sorriso de Anatole". E arranjaria rima para Anatole: "mole". Ficaria: "Resumo nessa mole — *enjambement*. — "Maxima, etc.".

J. G. não me leve a mal esta brincadeira. O romance *Mamulengos* perdeu-se nas oficinas da Record Editora. Um dia chegará em que J. G. estimaria que este seu livro de versos tambem se tivesse perdido. Note bem o Poeta que isto é elogio. Quem escreveu estes dois versos:

Acho sempre que o tudo que consigo
Vale menos que o pouco que não veio!

e a "Balada da chuva" pode vir a fazer coisa boa. Por enquanto, a sua poesia ainda está cheia de adjectivos redundantes ("Noite esplendida e brilhante"), de influências que são uma pena (Géraldy & Cia.)... Há uma coisa que não lhe perdôo: os versos de "Fada":

Tua figura suave
Delicada,
Nem parece que vive, parece bordada,
— Como a boneca de seda de um desenho
De uma rica almofada
Que eu tenho...

Creia-me: é urgente jogar fora esses versos e essa almofada: são vulgarissimos. J. G. precisa ler as *Cartas a um jovem poeta* de Rainer Maria Rilke.

Não quero fechar estas notas sem render homenagem ao grande poeta Augusto Frederico Schmidt pela sua versão do *Cântico dos Cânticos*. Traduzir assim é ainda criar. E ninguem em nossa língua mais senhor dos grandes ritmos para renovar o encanto do imortal poema.

VILA LOBOS E O SENTIDO DA MÚSICA BRASILEIRA

F. Acquarone

VILA LOBOS

A formação espiritual do povo brasileiro tem sido lenta e lamentavelmente dificultosa.

Com pouco mais de quatrocentos anos de história, o seu padrão mental ainda aí está, amargo e sem expressão definida.

O tropel desusado das raças mais díspares que porfiaram, durante séculos, no tapete imenso do seu território, criou-lhe um mosaico de civilizações estranhas e núcleos dificilmente fundiveis.

E o Brasil virou cadinho... Dentro dele, começaram a temperar-se os elementos raciais que lhe ferviam no bojo, ao calor de um tropicalismo pujante. Mas o tempo ainda não operou o milagre da fusão.

Centúrias terão de rolar talvez, para que a final um tipo se defina, concreta e iniludivelmente.

Por enquanto, subsiste a sub-raça, amorfa e indefinida. Nem mesmo o tipo anatômico entrou ainda em esboço...

Se falta contudo, ao país, a unidade de expressão que marca o carater dos povos milenarios, sobra-lhe no entanto, a variedade de caracteristicas, cada qual mais *estranha, e,* por isso mesmo, mais interessante.

Os grupos que se aninham em suas várias latitudes, — mercê de condições geográficas e mesológicas, — criam estruturas diversas de civilizações.

Quer seja nos planaltos ou nos litorais, quer mesmo nos sertões ou nas cidades, o solo desse "gigante pela própria natureza", apresenta o panorama curioso de uma tábua enxadristica, onde se vislumbram grupos de distinção mais ou menos marcante.

Resulta disso, a multiplicidade de costumes, de aspectos regionais, de usos independentes e niveis culturais, os mais diversos.

Há, de certo modo, vantagens reais em tal dispersão de expressões civilizatórias. E' que se torna preciosa e inesgotavel, a fonte de repositórios artísticos, constituidos no país.

Manancial inexhaurivel. O aborígena, dentro da selva, apresenta os aspectos inimitaveis da sua vida nômade e pugnaz; o negro expõe, em regiões litorâneas, o fetiquismo africanista, de que se impregnam os seus menores atos; o mameluco, nos altiplanos ou nos desertos de pedra e areia oferece ao pesquisador o barbarismo e o exotismo dos seus costumes; finalmente, nos centros adiantados, o brasileiro dá o espetáculo de uma vida sem características próprias, em virtude da contaminação cosmopolita.

Cada um desses núcleos oferece um aspecto diferente à saciedade dos que buscam motivos originais para composições artísticas.

Resulta, portanto, inigualavel e estranhamente opulenta, a variedade dos seus temas folclóricos.

A inspiração e a espontaneidade de nativos, oriundos de grupos tão dissemelhantes, afirmam-se, sobejamente, na literatura, na poesia ou na música popular.

Brotam exúberes, os conceitos lítero-musicais, relembrando, cada qual, os remanescentes de suas respectivas tradições.

Quer seja de origem lusa, africana ou indígena, a forma bruta da inspiração folclórica, aflora, fertil e opulenta, em todos os rincões brasileiros.

A poesia popular e as fontes da literatura nativa, aí estão, repontando, variadas e multissaborosas, a desafiar estudos e pesquisas superiores, como os que foram realizados pela erudição de João Ribeiro, Melo Morais e outros.

Onde, porem, mais se afirma o lirismo espontâneo e rude da alma brasileira, é justamente no terreno musical.

A música folclórica do nosso país, constitue, de fato, o maior acervo de ritmos, de motivos temáticos ou de desenhos melódicos que imaginar se possa.

A "flor amorosa de três raças tristes" suportou as mais diversas influências, exibindo cada uma delas, um cunho típico ou original, em nossa música popular, consoante a região em que a mesma haja aflorado.

Influência indígena, jesuítica, portuguesa, africana, espanhola e a da velha escola lírica italiana...

Toda essa amálgama musical tem andado à espera de quem a compreenda.

O brasileiro sente o que ela canta; nem sempre, porem, sabe o que ela exprime.

Para dizer ao mundo, o quanto de belo ou de sedutor possue a música folclórica de um país, faz-se preciso o intérprete culto, que a eleve, dentro das formas perenes de uma Arte pura.

Música popular é, — quem não o sabe? — fruto exclusivo deste ou daquele povo, desta ou daquela região. E só é compreendida pelos núcleos que a criaram, porque a tradição que a ditou é exclusivamente deles.

A fim de que os demais povos alcancem a beleza que ela encerra, torna-se necessário ditá-la na linguagem universal da arte superior.

Estão aí os casos de Schubert, Liszt, Chopin, Korsakow e muitos outros.

O trabalho desses geniais intérpretes dirigiu-se no sentido de universalizar as canções de suas terras.

Entre nós, Vila Lobos tenta e realiza esse mesmo trabalho. Não há negar que o brilhante maestro brasileiro foi o verdadeiro precursor desse movimento.

Atesta-o a incompreensão que o cercou, e que agora, felizmente, já está bastante atenuada.

E' que o seu esforço, servido pela emotividade pessoal e pela capacidade de compreender e interpretar o folclore de seu país, já conseguiu varar a nebulosidade dos que não atingiam as culminâncias do seu pensamento de arte.

Vila Lobos foi o esteta que mais profundamente sentiu a alma popular do Brasil.

Apurou o ouvido na direção do nosso mundo primitivo. Deixou-se penetrar do rumor longínquo e tão agrestemente nativo dos gritos bárbaros dos indígenas, das suas canções selvagens, dos seus coros rituais que reboavam nas grandes catedrais verdes das florestas.

Ouviu tambem as exortações dolorosas do sangue africano, na invocação de deuses estranhos, — os singulares tótemes do continente africano.

Tudo isso se argamassou no seu subconciente de artista, formando-lhe como que o *substratum* valioso e opulento, com o qual deveria ditar, mais tarde, as diretrizes da arte musical do seu país.

Dentro dele, o rebolo da imaginação e da sensibilidade entrou a triturar e a moer todo esse material, ainda em forma bruta.

Operou-se, então, a dolorosa gestação da arte. E os elementos colhidos, em suas fontes originais, foram-nos devolvidos pelo artista, revestidos das formas raras da beleza universal.

Os motivos rítmicos e melódicos do folclore nacional, após a filtragem dos processos harmônicos, surgiram-nos opulentos e magníficos, transfigurados pela inspiração do artista.

Mas não perderam nada do seu encanto original.

Vila Lobos criou, assim, o verdadeiro, o incontestavel "ambiente de brasilidade" na música do seu país.

Sua obra è, toda ela, impregnada de um carater genuinamente nacional, desde os cantos amerindios primitivos até os da época atual.

Para esta realização, o artista relegou, com desprezo, os velhos processos canônicos da escolástica musical. Rompeu com a técnica

BACH

serôdia, na qual a música era baseada e foi buscar, — como já foi dito, — os temas e a inspiração das suas obras, nos mananciais inconfundiveis da nacionalidade.

Emprestando-lhes o toque da seu talento e dos seus conhecimentos amplos, Vila Lobos exibiu-os então, à apreciação universal.

O mais admiravel, no entanto, é que o artista não desfigura os temas fundamentais de suas composições. O desenho primitivo e popular que lhes serve de argumento, subsiste bem delineado, em toda a sua pureza, ao invés de se apagar, — cousa comum, em casos tais, — sob a riquissima indumentária harmônica com que o mesmo foi revestido.

E' que Vila Lobos possue uma surpreendente técnica orquestral que, por ser pessoal e inconfundivel, surgiu com carater inovador, firmando as bases da música brasileira.

Esse movimento foi iniciado pelo autor, durante o período sangrento da guerra mundial.

A "Dansa africana", a "Dansa dos índios mestiços" e a "*Suite* sertaneja", são, a rigor, os marcos iniciais da longa trajetória que o maestro brasileiro iria realizar. Daí para cá, numerosas teem sido as suas produções.

A vida de Vila Lobos, seus esforços autodidáticos, suas composições quer sejam óperas, bailados, sinfonias, concertos, sonatas, músicas corais, etc., já foram fartamente estudados e já sofreram o escalpelo das análises mais cruas e o entusiasmo dos mais francos aplausos.

Seria redundância repetir aqui o conceito universal sobre a obra de Vila Lobos.

Basta atentar no seguinte: Stokowsky, que fez executar seu "Choros 8", em Filadélfia, declarou "considerar esta obra uma das mais perfeitas realizações modernas para orquestra; París e Buenos-Aires aplaudiram delirantemente os bailados "Juruparí" e "Uirapurú", na interpretação de Serge Lifar; finalmente, Aline von Bareutzen e Artur Rubistein incluiram em seus programas várias páginas do artista brasileiro.

São mesmo de Rubstein estas palavras: "Vila Lobos cria com a facilidade e a força do gênio."

E o pianista Tomás Teran declarou por sua vez: "Vila Lobos é um fenômeno surpreendente. A América nada tem que se lhe compare. O seu nome possue hoje uma projeção universal: é mestre para o mundo inteiro."

Ultimamente Vila Lobos compôs e apresentou em orquestra de violoncelos as "Baquianas brasileiras."

Nessas páginas a arte do maestro brasileiro atingiu o seu verdadeiro "climax".

E' que ele compreendeu, como nenhum outro, o sentido cósmico da música de Bach.

O carater de universalidade de que se revestem as produções do genial músico saxão, torna-as, de fato, a fonte folclórica universal, tão rica e tão profunda como os "materiais sonoros populares de todos os países."

Quasi não é possivel situar Bach, nesta ou naquela escola.

Ele pertence ao mundo. Sua música vem do Alto. Familiar dos deuses, suas harmonias se espalham por todos os recantos do planeta, surgindo na fonte musical de todas as raças.

Vila Lobos, integrado na amplitude desses pensamentos, encontrou, — como ele próprio o afirma — uma frequente familiaridade entre a grandiosa obra de João Sebastião Bach e os motivos constantes da nossa música popular.

A arte do mestre alemão possue, a seu ver

PROPAGANDA e CULTURA

A Companhia Nestlé, como homenagem às classes intelectuais do Brasil, representadas pelos educadores, sociólogos, médicos, higienistas, escritores e estudiosos em geral, resolveu lançar algumas publicações de natureza verdadeiramente cultural, abordando os mais variados assuntos, e valorisadas com a assinatura dos mais prestigiados nomes da inteligência brasileira.

A "Fisiologia dos Tabús" do Professor Josué de Castro e a "Ginástica Infantil" do Dr. Adauto de Rezende, foram lançadas em 1938 com extraordinário êxito. Em 1939 serão publicados mais três trabalhos que constituirão verdadeiras novidades no gênero; um do Prof. Lême Lopes, em forma de conselhos práticos, sobre a conduta moral dos pais; outro, do Dr. Peregrino Junior, versando sobre biotipologia e alimentação; e finalmente, um admiravel guia prático de helioterapia, pelo Dr. Cesar Nogueira da Gama.

"FISIOLOGIA DOS TABÚS"

Um claro espírito didático norteando os pontos de mais difícil interpretação, o que muito aumenta o valor do quadro final de "tabús" alimentares brasileiros recolhidos pelo autor em diversas regiões do país...

Wilson de A. Lousada — "D. Casmurro" — Rio.

A exposição da teoria é brilhante e segura, embora suscinta, e obriga a admirar a facilidade com que se move o Sr. Josué de Castro nestas regiões da alta cultura, facilidade patenteada pela clareza com que desenvolve o seu tema. .

Pinheiro de Lemos — "O Globo", 29-3-38.

A paremiologia luso-brasileira é rica em sentenças e provérbios desta índole. A novidade e o interesse do trabalho do Sr. Josué de Castro está na interpretação científica dessas superstições alimentares.

Eduardo Frieiro — "Folha de Minas" — B. Horizonte, 2-10-938.

Su concepción me parece, no solo original, sino logica; es por lo menos, una interessante hypotesis, de trabajo, para nuevas investigaciones.

Professor Escudero — "D. Casmurro", 3-9-38.

"GINÁSTICA INFANTIL"

Um livrinho precioso esse, que a benemérita empresa dá de presente às mães brasileiras.

"O Diário" — Belo Horizonte, 26-5-38.

Oferecendo este pequeno manual de ginástica para os lactentes, da autoria do Dr. Adauto de Rezende, pediatra e autoridade em questões de alimentação infantil e educação física em geral, a Companhia Nestlé vem ao encontro dos médicos brasileiros que não contavam com nenhuma publicação desse gênero em língua portuguesa.

"O Globo" — Rio, 3-5-38.

O manuseio de album por parte dos leigos poderia ser de consequências inteiramente opostas às que presidiram a composição dos exercícios, nos quais o Dr. Adauto de Rezende conseguiu, de maneira sumária, estabelecer o mais forte e adiantado critério científico no assunto.

"A Noite" — Rio, 7-5-38.

"uma espontanea afinidade de ambiente harmônico, contrapontístico e melódico com uma das principais modalidades da música folcórica do nordeste do Brasil."

Com tal critério estético Vila Lobos fez música de câmera. Evocou, dentro do espírito harmônico de Bach "alguns panoramas sugestivos e típicos da vida do Brasil."

Dentre as "Baquianas", escritas para orquestra, destacam-se: Prelúdio (canto do Capadócio); Ária (canto da nossa terra); Dansa (Lembrança do Sertão) e Tocata; (O trenzinho do caipira).

Nesses trabalhos Vila Lobos esforçou-se por expressar, em toda a sua plenitude, o vigoroso e altivo pensamento musical, que lhe referve na cerebração ardente, dentro de um ambiente de pura brasilidade.

E o conseguiu, vantajosamente. Dos seus resultados, muito terá o que admirar o mundo e muito terá de que se orgulhar o seu querido Brasil.

EVOLUÇÃO FEMININA E NECESSIDADE DE CULTURA

Nair de Andrade

Lembro sempre com prazer a profunda lição dada por Henry Marion, quando na Sorbonne falava aos seus discípulos sobre a formação do mundo. Repetindo uma página do Gênesis, dizia aquele professor, que a obra da criação havia obedecido a uma ordem de perfeição crescente. E rematando a inteligente preleção assegurava: "o homem veio por último, foi o mais alto grau de beleza realizada".

Aparteado no momento por uma aluna, que alegava a vinda da mulher como derradeira etapa, aproveitou aquele homem de ciência a argumentação feliz da representante do outro sexo, para fixar as maiores responsabilidades femininas, desde que realmente tinha sido a chave, o último esforço, a sublimação a final do trabalho criador.

Os tempos modernos acentuam ainda essa responsabilidade entregando à mulher uma larga e expressiva realização de poderes. Permitindo que ela ingresse nas ciências, nas artes. Participe da vida de trabalho, da organização política, do destino social do mundo.

Aliás todo este novo itinerário não é como alguns supõem, um símples resultado do egoismo masculino ou da vaidade feminina. O ambiente social em que vivemos é a lógica continuidade da evolução que sempre se processou através de todas as idades. E' uma resposta reflexa a pressão das contingências mais varaidas, agindo na ordem da inteligência, na ordem dos fenômenos sociais. A vida não pára, e dentro da própria natureza as árvores trocam de folhas, os rochedos se desagregam, as águas mudam de curso...

Seria aliás erro imperdoável pretender o distanciamento completo da época em que se vive.

Analisando a história do presente, com o senso do dever, a mulher precisa e deve fixar a sua atuação, o seu programa sem quebrar o rítmo dos princípios verdadeiros e cristãos, mas sem se distanciar das imperiosas necessidades de sua época, do seu tempo. A história relata por vezes páginas magnifícas, mas que já não se poderiam repetir dentro da atualidade nossa. Quando em 1761 Catarina II destronou Pedro III, não foi por um gesto de inteligência, nem tambem pela força das armas que ela conseguiu levantar seu povo. Conta-nos Gina Kaus os detalhes daquela conspiração, quando sob a luz prateada de uma noite de estío, a figura símples da czarina russa ingressou nos quarteis emocionando os homens com a símples atitude indefeza de mulher: "mulher da cabeça aos pés, para ser amada e venerada por um povo símples." E' expressivo o quadro, mas já não teria realidade na moldura do século em que vivemos. O romantismo de outras eras, dorme tranquílo na poeira dos arquivos. Nem vale mesmo viver do passado na surda intransigência às novas conquistas, como tambem não é lógico atravessar a existência na louca utopia de viver sonhando os dias porvindouros. Trabalhando uma adaptação razoavel ao meio social é que o homem pode e deve satisfazer tendências a inclinações. Corrigir sem destruir, a tarefa que se impõe.

No capítulo de evolução feminina acentua-se cada vez o desequilíbrio motivado pela falta de reajustamento entre a liberdade e a responsabilidade, entre a tarefa aceita e o conhecimento necessário para realização do programa traçado. A falta de uma cultura larga, sadia, que tenha fixado suas bases, em um sério lastro de força moral, importa talvez na mais grave falha do nosso movimento de evolução feminina.

O problema de instrução para a mulher, sofreu por muitos anos, o esquecimento em que dormem os assuntos que não merecem importância.

Sómente em 1791 é que a França fez incluir no sistema geral da instrução pública a instrução das meninas.

E' verdade que a educação conventual já se fazia na Italia em 1530 por intermédio da congregação das Angélicas.

E em Paris, em 1597, a ordem das Ursulinas abria uma casa para ensino às moças de 14 a 18 anos. Mas nesses estabelecimentos religiosos os programas se limitavam quasi exclusivamente ao ensino de doces e pratos finos.

A escola secundária foi franqueada à mulher apenas na reforma de Victor Duray na França de 1867.

E' claro que as exceções existiram sempre. Em pleno século XVII a Suecia conheceu na rainha Cristina uma mulher de rara cultura e notavel inteligência. Na Universidade de Stokolmo vimos depois a célebre matemática Sophie Kovalswki. Alem de muitas outras brilhantes exceções como Mme. Staell, George Sand, Mme. Sevigné, etc. Sem esquecer S. Hildegarda que ainda no século XII publicou um valioso trabalho sobre plantas medicinais.

Mas foram exceções que brilharam... como exceções.

Curvando-se à evolução natural, reafirmando a melhor das conquistas, as escolas superiores teem hoje portas abertas a toda humanidade. E a cultura faz da vida o melhor sabor, o maior encanto.

Há algum tempo passado, Collete Yver movimentou na França um inquérito junto as mulheres que exerciam profissões liberais. A romancista de "Mulheres de hoje" queria apurar até que ponto a sensibilidade feminina se tinha sacrificado em contacto com o movimento cultural e a vida profissional. Entre as conclusões anotadas vamos encontrar páginas curiosas de aguda psicologia.

Um dos relatorios mais interessantes, foi apresentado na visita de um estabelecimento fabril.

Percorrendo uma usina a romancista ouvio uma mulher engenheira chefe da secção de máquinas. Interrogada, respondeu satisfeita...: "a máquina, minha amiga, vive como nós. Tem uma respiração, uma circulação, uma fisionomia própria. Nela encontramos tambem certa fantasia que encanta. Simpatia...

Antipatia... Modulações várias que seduzem..." Falando dirigia a montagem de um pequeno aparelho, acariciando os ferros, num gesto de afetuoso cuidado, numa atitude profundamente feminina.

Um outro depoimento curioso oferecem as palavras de Helene Boucher, famosa aviadora franceza, heroina morta em pleno céu da glória.

Entrevistada pelos jornais em meio de todos os triunfos, não hesitou em declarar que abandonaria sem vacilar toda sua carreira se um sentimento afetivo a fizesse organizar um lar, uma familia.

A cultura sómente traz prejuizo à vida quando superficial ou mal orientada. E' quando se observa o pedantismo vasio, a falta de noção da responsabilidade, o egoísmo anti-social e até anti-feminino.

A instrução seria pacientemente trabalhada, alem de inúmeras outras vantagens empresta ao carater uma feição mais criteriosa, mais serena.

E será vantajosa em qualquer circunstancia. No papel importantíssimo de mãe de familia os conhecimentos adquiridos terão aplicação constante. Mãe de familia, hoje a mulher tem de ser um pouco médica para evitar os males e transformar em força a natural debilidade infantil; um pouco poetisa e historiadora, para encantar e enriquecer a imaginação infantil e instruir em contos expressivos da vida dos séculos, em logar das lendas fantasticas com que se adormeciam as crianças nos tempos de outrora; um pouco filósofa, para responder inteligentemente ao *porque* sempre repetido e curioso do entendimento que se desdobra, moralista, para infiltrar no carater que começa, as noções da beleza e do bem, e sobretudo cristã para formar e continuar nos filhos os princípios concientes de uma fé verdadeira.

Como espôsa, colaboradora inteligente na vida do seu marido, tem a obrigação de acompanhá-lo nas preocupações tambem de ordem intelectual. No correr da vida, a compreensão recíproca a esse esforço de colaboração une por vezes mais que o amor. Há quasi um triunfo de felicidade, naquele pensamento do poeta se dirigindo comovido à companheira de todas as horas:

"Voila quinze ans dejá que nous pensons d'accord..."

E se a familia reclama toda essa dedicação de espírito e coração, a coletividade exige ainda um desdobramento de energia.

Aí estão os estabelecimentos bancários, a indústria, o comércio, solicitando trabalho. Aí estão as escolas, os laboratórios. Como alcançar uma posição digna sem um pertinaz esforço, sem uma cultura larga e bem orientada? Sem uma formação moral séria, criteriosa, sem um conhecimento sadio das leis naturais da vida?

No trabalho constante de elevação moral e intelectual, é que a mulher pode realizar plenamente a imensa tarefa de responsabilidade que lhe cabe hoje na formação da familia, na organização da sociedade, no destino do mundo.

"Foi-se com o Vento..."

Francisca de Basto Cordeiro

A tradução do notavel romance de Margaret Mitchell, a escritora norte-americana que saiu da obscuridade para o pináculo da glória, me foi confiada pelos Irmãos Pongetti e me vem proporcionando um crescente encantamento pela simplicidade e pela beleza que só os grandes artistas da pena hão conseguido.

"Gone with the wind" — Foi-se com o vento — conseguiu o mais extraordinário sucesso de livraria até hoje conhecido. Aparecendo simultaneamente na Inglaterra e nos Estados-Unidos em setembro de 1936, atingia em junho de 1938, com a 12.ª edição, uma venda que bateu o *record*, com .... 1.700.000 exemplares vendidos, e a sua tradução em quasi todas as línguas.

Os jornais de Nova-York calcularam que esses volumes, superpostos, excederiam a altura do Empire Building, o mais alto dos seus arranha-céus, com 68 andares. O formidavel êxito do romance não enriqueceu apenas os livreiros mas, (o que entre nós é caso virgem) — a sua autora. Dela se pode dizer que adormeceu pobre para despertar milionária, pois recebeu 3 milhões de dólares, o que, em nossa moeda, seria a bagatela de 60 mil contos, alem dos direitos autorais das traduções.

As grandes companhias cinematográficas disputaram, em verdadeiro leilão, o privilégio de filmar o empolgante romance, vencendo o prélio a Metro Goldwyn que ofereceu 2 milhões de dólares e iniciará em breve a filmagem. Clark Gable foi escolhido para o papel de Rhett Butler, escolha que se nos afigura felicíssima; o de Scarlatt Ó Hara foi oferecido à linda Norma Shearer, que o recusou por não sentir o temperamento complexo da heroina, provando uma alta compreensão das suas possibilidades artísticas recusando-se à interpretação dum tipo em desacordo com a sua natureza. Quem a substituirá? Bettie Davis que tão lindamente encarnou Jezabel? Katherine Hepburn, a nosso ver, faria uma admiravel Scarlett.

"Foi-se com o vento" é uma obra prima. Escrita sem a preocupação da publicidade, apenas como passatempo e distração em longas e estiradas horas de sofrimento e reclusão, Margaret Mitchell, escrevendo para matar o tempo, fez obra que o tempo não destruirá tão cedo. Conhecendo a fundo as páginas trágicas da História dos Estados-Unidos durante as lutas abolicionistas e a alma nobre e idealistas das províncias do Sul; talvez ela mesma uma Georgiana, fez das incruentas lutas da Guerra da Secessão uma admiravel epopéia.

"Foi-se com o vento..." não é apenas a história dos amores incompreendidos e infelizes dos protagonistas, mas toda uma mentalidade, toda uma época. Toda uma civilização que o vendaval das ambições, incentivando idéias novas de que tiraria proveito, e explorando o sentimentalismo irrefletido duma mocidade vibrante e descontrolada atirada à fogueira duma guerra civil. Verdadeira borrasca revolvendo a terra patriarcal,

Margaret Mitchell

arrancando todas as raizes, destruindo vidas, ideais e costumes, para reconstruir, em novas bases, uma civilização diversa e de novos moldes.

Ontem. Hoje... Amanhã... Na América, na China, na Rússia ou na Espanha, a História se repete sempre, e, à custa de heroismo, de sangue inocente, de toda a espécie de tortura física e moral, de toda a sorte de horror — a civilização segue, impassivel, a sua marcha ascencional em busca duma forma mais nobre e menos injusta em que um verdadeiro espírito de fraternidade se possa expandir entre os homens de boa vontade.

A guerra cruel do Abolicionismo, que arrasou o Sul e seus Estados Confederados, deixou todavia cair na gleba ensanguentada e convulsionada a semente donde germinaria e desabrocharia essa flor admiravel da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade de que as Américas dão ao mundo o mais belo exemplo.

Após a fase, inevitavel talvez, das represálias sempre injustas, surge a da reconstrução em que o Norte e o Sul se deram as mãos, patrioticamente.

Alternando pinturas bucólicas da vida rural e patriarcal, com as mais terriveis cenas em que, a cores vivas, são visualizados todos os horrores e calamidades que os combates arrastam em seu cortejo. E as pinturas são de mão de mestre. Como romance, o estudo psicológico dos caracteres coloca, sem favor, o nome de Margaret Mitchell ao lado dum Dostoiewski, dum Balzac e dum Pirandelo, os grandes pesquisadores da alma humana. São personagens que vivem, amam, torturaram e são torturados, mas duma verdade absoluta. Scarlett Ó Hara, a heroina, é um tipo feminino que não tem similar na grande literatura. Admiravel de energia, de tenacidade, de ambição, sempre afastando do espírito as questões dificeis e desagradaveis com as quais não queria preocupar-se no momento; de absoluta falta de escrúpulos sempre que tinha um fito a alcançar, é ao mesmo tempo essencialmente feminina, pela vaidade sem limites, pela crueldade inconciente, pela ânsia de conquistar todos os corações masculinos, pela profunda hipocrisia e pela arte inexcedivel com que seduz a quantos dela se aproximam. Mas há, no fundo dessa incorrigivel egoista, um sentimento puro e nobre — a veneração que lhe inspira a mãe. E, para seu castigo, — amar e não conseguir jamais compreender a alma nem a mentalidade daquele a quem ama.

Rhett Butler é um tipo exótico no seu próprio ambiente, a quem o meio tornou céptico e inescrupuloso, conservando todavia, cuidadosamente ocultos pela máscara impenetravel que se afivelou, qualidades de coração e delicadezas de sentimentos que o tornam um tipo incoerente na aparencia, mas admiravelmente estudado. Ashley é o idealista culto, espírito conservador, desambientado pela derrocada da civilização de que fazia parte integrante. Jamais se adapta às novas fórmulas da vida que perdeu toda a beleza classica e com ela desaparece.

Cada personagem, e são tantos e tão diversos, desfila, vivo, ante os nossos olhos encantados, como uma síntese da humanidade em que todas as facetas, mais ou menos brilhantes, atraem e seduzem.

Considerado por todos os melhores críticos atuais como um expoente admiravel da literatura dos nossos dias, mereceu ser incluido entre as obras mais perfeitas da arte, da ciência e do engenho humano que foram guardadas e preservadas em precioso cofre, que será aberto... dentro de 2.000 anos!

OS MARCOS INICIAIS DA LITERATURA RIO-GRANDENSE

Olinto Sanmartin

Os marcos iniciais da literatura rio-grandense teem sua história ainda nova, não se perde na confusão dos tempos seiscentistas. Apenas há cem anos começaram a florescer os primeiros gestos, a tomar forma as primeiras atitudes, que iriam caracterizar as nascentes culturas de um povo que ainda lutava pela sua radical emancipação política. Fácil é sintetizar os fenômenos originários da carência cultural daqueles tempos. O folclore era a única fonte poética, ainda que impura, por faltar-lhe cores integrais localistas.

Os açorianos muito contribuiram para a hibridez da opulência folclorista. Há ainda elementos pouco prevalecentes que se fisionomisam mais por observações falsas, supersticiosas, que por acidentes científicos encontrados no largo panorama físico e social. O pouco então existente não formava padrão, não havia substância, erudição, materiais de estrutura.

O Rio-Grande-do-Sul adormeceu inculto por longos séculos. Distanciado do centro, onde se processava a vida colonial diante dos horizontes ilimitados do litoral imenso, não podia acompanhar o rítmo do grande território. Apenas em 1800 surgiu em Porto Alegre a 1.ª escola regular dirigida pelo professor particular Antônio d'Avila, filho de Santa Catarina e que se comprometia a "ensinar a lêr, escrever e contar, e doutrina cristã".

Trinta anos antes a Camara de Porto Alegre procurára em toda a provincia 3 bachareis para ocuparem cargos públicos e não os encontrou "por não existirem na Capitania bachareis nem homens de letras."

Até 1820 nenhuma escola pública existia, por falta, em princípio, de professores que fugiam a essa função pela mesquinhez dos vencimentos. Tudo justifica o retardamento da floração literária no sul do país. A situação geográfica do Estado, lançado nos extremos límites de uma colonia que se defrontava com pais diferente, provocava o animo da guerra e os nossos homens de saber eram antes generais que pensadores. A necessidade das lutas heroicas atraía os espíritos muito mais que a literatura. Nesse ambiente onde uma civilização se esboçava, teria, necessariamente, que nascer o poeta, surgir uma corrente de artistas, erguer-se a idéia pela arte escrita e determinar a beleza pela demonstração estética de um espiritualismo que se libertava e tomava conciência de sua formação. As manifestações primarias esquecendo a frieza às tendências literárias, indubitavelmente teriam que chegar ao instante da sua eclosão.

Justo é registrar que os marcos iniciais da literatura rio-grandense, não começaram com demonstrações desorientadas ou de limitado explendor dentro de um clima de ensaio, de imperfeições, de tentativas inexpressivas.

Não. Araújo Porto Alegre foi explendor fundamental da nossa cultura, de tal mérito que ele se projeta até aos nossos dias. Delfina Benigna da Cunha representa, por sua vez, escravizada à uma série de circunstâncias fatais, pas-

sagem luminosa, com seus detalhes definidos, sem tibiezas desprimorantes.

Na verdade a história da nossa literatura assinala essa particularidade de ter sido uma mulher a que primeiro manifestou um pensamento criador, formado pela mais fascinante das formas litérarias que é a poesia.

Depois de divulgados os seus versos começou no Rio Grande a se formar um ambiente literário que o romântismo da época muito veio alentar, para, através de sucessivos decênios, alcançar a caudal de hoje, extravasante nas suas tendências que a civilização contemporânea vai graduando nos altos e baixos do modernismo.

Não é possivel invocar o nome de Delfina Benigna da Cunha sem lembrar Marcelina Desbordes Valmore. Ambas se parecem pelo mesmo dom poético, pela tortura intelectual e pelo martírio interior que se exteriorisa na melancolia dos seus versos. Assim o entendem os seus biógrafos. Creaturas do mesmo período, enquanto uma foi atriz, amou, teve suas horas de belezas e momentos de infortunios, limitou-se a um círculo de vida restrito, imposto pela angústia imperativa do seus destino, presa a uma desesperação dolorosa. Benigna está esquecida, raramente alguns estudiosos a lembram, dando-lhe os méritos que incontestavelmente possue. Delfina Benigna da Cunha é a legítima figura representativa no panorama inicial da literatura rio-grandense. Ela, sem ambiente, sem clima propício, num meio hostil aos sentimentos artísticos e intelectuais pela razão exata de que tudo estava ainda em formação, onde a própria demografia sem rítmo, ainda nos albores do seu florescimento, nada oferecia de promissor, contudo realizou a sua obra, enfrentou a hora presente, sem calcular o expressionismo que seu talento poético representaria no futuro.

Walter Spalding, que tão bem estudou a artista cega, afirma ter sido ela a primeira poetisa do Rio Grande do Sul e a que primeiro "se utilisou dos prélos para a publicação de livros na Provincia".

Marco inicial da vida literária rio-grandense a ela deve ser dada a gloria das prioridades legitimistas da intelectualidade nossa. Ainda que Benigna não representasse uma cultura, não cristalizasse nas suas emoções estéticas o primor da forma, o deslumbramento da perfeição, foi sem favor uma alma facetada às manifestações de uma poesia sentimental, coração coberto de sombras, amargurado, sedento de ternura, sempre gloriosamente palpitante ao ritual das rimas e dos epígramas.

E se atentarmos à firmeza do seu pensamento, à fidalguia da sua espontaneidade, encontraremos uma grande artista que a época em que viveu, acorrentou a uma condição sufocante, sem dar-lhe o oxigênio que o seu espirito alcandôrado exigia.

Esta redondilha diz bem do valor da *Musa Cega*, feita de improviso, quando, absorta num salão de festas, lhe foi perguntado em que pensava:

"Estava, agora pensando
quão veloz o tempo passa!
Como é breve uma alegria!
Quanto é longa uma desgraça!

Resposta lapidar, extravasante de idéia, adolorada de psicologia e exuberante de maciez poética. Quem responde num improviso dessa maneira, com tão forte colorido de expressão, só pode ser um artista, um poeta requintado que traz na alma a lavra divina de uma tendência definida e consagradora.

Delfina não fazia versos por desfastio à sua vida atribulada. Ela tinha convicção própria, dava-se como poetisa, professava a arte de versejar.

Entre suas poesias mais destacadas, tornou-se muito conhecido o soneto em que ela se retrata e onde alude ao mal que a cegou, a varíola, quando tinha apenas 20 meses de idade.

Vinte vezes a lua prateada
inteiro o rosto seu mostrado havia,
quando um terrivel mal que então sofria,
me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
creceu a par comigo a mágua ímpia;
desde a infância mortal melancolia,
se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natureza
e a fortuna cruel sempre comigo
me negou toda a sorte de ventura!

Nem siquer um prazer breve consigo;
só para terminar minha amargura
me guarda o triste, sepulcral jazigo.

Cega, sem conhecer a luz fecunda do sol, o encanto da natureza, a astralidade do firmamento, o colorido dos poentes maravilhosos, o calor de um olhar, a desventurada cantora só podia sentir-se desgraçada no seio do mundo e das próprias afeições maternas. Nunca sentira o amor, mas sonhava com o seu divino perfume, com a florescencia do seu misterio perturbador, com o delírio da sua radiosa beatitude contaminante.

Benigna não conhecia a delicia impiedosa da resignação. Como mulher cheia de virtudes e inebriamentos, tinha suas revoltas íntimas, pela certeza de que jamais conheceria um carinho amoroso.

Francisco de Paula Pires conta que em 1845 em casa do Alferes Inacio Antônio Pires, achando-se presente Delfina, deram-lhe este mote que ela glosou de improviso:

"No momento em que te vi
meu coração palpitou"

Dizer-te quanto senti.
Ai! não posso caro amante,
naquele ditoso instante,
"no momento em que te vi"!

Foi então que eu conheci
o quanto sensivel sou!
Meus passos amor guiou
para junto de teu lado,
e de amor arrebatado
"meu coração palpitou".

Nesta glosa Delfina se manifesta enamorada, uma vaga paixão que mais tarde haveria de se tornar amor ardente, sem no entanto encontrar consolação. Mas todos os casos, todos os problemas por mais sérios que fôssem para a fantasia das suas musas, para o seu mundo interior, Delfina os definia em versos, buscava o consôlo nas rimas e assim ia vivendo o amargurado destino da sua mocidade.

Quando se viu desamparada, sem meios capazes de conduzí-la ao fim da negra jornada, Delfina seguiu para a côrte a fim de avistar-se com D. Pedro I, a quem dirigiu este soneto:

Quem te fala, Senhor, quem te saúda,
Não vê raiar de Febo a luz brilhante,
dá-lhe pio agasalho um breve instante
seu fado amigo em brando fado muda.

A sustentar o peso assás lhe ajuda
de uma vida que a morte é semelhante;
não chega a ser aflita mendigante
quem um tal protetor roga lhe acuda.

E' por ti que eu espero ser contente,
e suponho senhor que não me iludo;
de tua alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro, o grande, um forte escudo,
creio, folgo e afirmo afoutamente,
que és pai, benfeitor, és nume, és tudo!

Bem inspirados os decassílabos de Benigna, arrancaram felizmente uma pensão vitalícia por serviços que seu pai havia prestado como capitão-mór.

Delfina Benigna da Cunha era pertinaz no manejo da rima, tudo para ela se resumia a uma verdade que era a línguagem das musas. Sacramento Blake considerou-a como uma criatura de inteligência brilhante, de conhecimentos poucos vulgares em relação a época em que viveu.

Toda a sua grande dor se objetiva na sua cegueira. Nos versos que conhecemos denota-se esse desprendimento da sua vida real esquecendo-a instantes apenas para depois, recordando a desgraça da sua vida, voltar às lamentações sentidas do seu coração.

"Tudo careço, porque a luz é tudo:
dai-me luz... dai-me luz em vão vos peço".

E' o brado desesperativo, profundo, matizado de angustia que não encontra eco, irremediável como a morte. Ainda que Delfina vivesse nesse ângulo meridional do Brasil entre gente que se agitava ao calor bélico da sua própria constitucionalidade, a poetisa rio-grandense criou uma auréola de prestígio intelectual que se expandiu para horizontes largos e distanciados. Pinheiro Chagas a elogia na sua obra "Brasileiros ilustres". No Rio de Janeiro Benigna viveu horas inesquecíveis de beleza espiritual com o grande poeta português Antônio Feliciano de Castilhos, cego tambem como ela mas que era um dos vultos mais eminentes da literatura portuguesa daquele século.

Esteve tambem na Baía onde a poetisa rio-grandense recebeu inúmeras homenagens não só por parte da imprensa como da sociedade e homens de letras baíanos.

Esta a primeira poetisa que o Rio Grande possuiu, o primeiro espirito que se manifestava e se impunha à história incipiente da literatura Sul-Rio-Grandense. Publicou Delfina Benigna 3 volumes de versos sendo um em 1834, em Porto Alegre, e os 2 seguintes no Rio, respectivamente em 1836 e 1838.

Nasceu a infortunada poetisa na Estância do Pontal, município de São José do Norte, a 17 de julho de 1791 e faleceu na cidade do Rio Grande a 13 de abril de 1857.

Cronologicamente, depois de Benigna, surge a figura inconfundível e vigorosa de Manoel Araújo Porto Alegre, barão de Santo Ângelo. O rico patrímonio da nossa mentalidade retardada iria encontrar em Araújo Porto Alegre a cerebração gigante que como complemento ao marco inicial

A capitalização e suas funções: social, econômica e financeira

pelo Dr. James Darcy

O capital — é sabido — provém, legitimamente, do trabalho, da economia, do sacrificio.

A economia constitue o ato de previdencia por excelencia, a base da independencia individual e nacional, o fator máximo do progresso moral e do incremento material, de cada um e de todos. Ora, já uma vez o disse, e aqui repito: "De todas as formas ou processos de economizar nenhum supera a capitalização".

E nem só do ponto de vista individual como do geral.

A capitalização assegura a acumulação mais consideravel que se possa imaginar de reservas formadas de um número infinito de pequenas contribuições que, dispersas, sumir-se-iam em despesas estéreis, e que, administradas por empresas idoneas, inteligentemente aplicadas e postas em circulação, transformam-se em meios ou instrumentos sociais de excepcional relevancia.

São tais empresas, a um tempo coletoras das economias particulares, por vezes recolhidas em módicas parcelas, e distribuidoras de capital por aquela forma criado, em fomento da atividade econômica e da riqueza pública.

Sua existencia responde, pois, a uma absoluta necessidade: social, econômica e financeira.

---

da nossa formação intelectiva iria alcançar alto posto na literatura americana.

Formava-se então um clima de arte que não se desgastava pela esterilidade das concepções de moldes imputados. Erãm afirmações, toda a universal emoção do momento artístico a polarizar o pensamento em torno de uma idéia de ouro.

O vigoroso artista não se ensaiava propriamente mas vencia uma época, atirava-se, invicto, no largo horizonte dos ideais artísticos.

Era um predestinado e como tal não vacilava, não esmorecia diante do cenário. Como legítimo gladiador, arremessou seu estro entre as falanges românticas. Em toda a sua obra há o arfar de uma coragem tornada certeza que era o rítmo americanista a serviço da poesia do século.

Seu americanismo não desfibrava o amor á Europa donde partira o herói do seu poema "Colombo". Clara e limpa rompeu a madrugada infinita. E a manhã se passou vendo correrem pela proã as montanhas azuladas. E' a Andalúzia que surge, que se mostra ao descobridor homérico. E enquanto Araújo Porto Alegre canta os feitos do arrojado genovês, vai tambem dando rigidez à sua obra iniciada há decenios e empolgando um dos lídimos marcos da literatura rio-grandense.

Araújo Porto Alegre, reivindicou nobremente o largo ciclo de silêncio mortal a que se entregou o Rio-Grande-do-Sul.

A época romântica estava firmada e o espirito de erudição na Província criara bases sólidas, opulentas de colorido e de imaginação para se firmar, um século mais tarde, num estuário pletórico de grandeza onde o pensamento reflue em afirmativas claras, e os ideais tornam-se legítimos elementos para objetivar a evolução da literatura rio-grandense, hoje vitoriosa e glorificada.

A Dúvida e o Século XIX

Josué Montelo

Ernest Renan inaugura em França uma nova família de cépticos. Remy de Gourmont e Anatole France são dois rebentos ilustres dessa casa de malícia e de dúvida.

Os pontos de contacto de pensamento e de sensibilidade dessas três figuras obrigam a pensar na tirania daquele espírito da época, de que fala Hegel na sua compreensão diferente da filosofia da história.

Pouco importa que Remy procure a solenidade clássica entre os gregos e romanos, mergulhando a inteligência nas ambiências da Roma do tempo de Petrônio ou da Atenas do tempo de Péricles, ou se maravilhando ao contacto do idioma do Lácio espargindo Jesús na Idade-Média. Tambem não adianta que Anatole France ouça todos os dias a gargalhada de Rabelais e acompanhe o vulto esguio de Voltaire, em Ferney ou na côrte de Frederico, zombando do mundo como um demônio solto.

Nem Remy de Gourmont será grego ou latino nem Anatole France saberá rir como o cura de Meudon ou o cordial inimigo de Rousseau.

No entanto, os pontos de contacto entre Anatole e Remy se multiplicam. A dúvida, no primeiro, não poderia nascer de Rabelais, que não conhecia a tristeza e ria do universo mesmo nas horas tormentosas, extraindo sarcasmos até da cruz e dos clérigos, como naquela cena da tempestade, onde um sacerdote, acossado pelos elementos em alto mar, é o que menos confia nos milagres da fé e na intervenção do Senhor. Tambem não poderia fluir de Voltaire, maldizente incorrigivel é certo, mas um poltrão nas raizes, que, no fundo, acreditava em Deus e mandava às ocultas construir uma igreja em honra de Jeová, desculpando-se disso sob a alegação de ser uma idéia original no mundo da cristandade.

A dúvida de Remy de Gourmont não encontra correspondência exata entre gregos e latinos, menos ainda entre os homens medievais que foram sobretudo soberbos professores de fé. A poesia vergiliana, ampla e numerosa no seu lirismo eterno, não comporta o pensamento que nega. Tambem os heróis de Homero, admiraveis e soberbos como criaturas vindas diretamente dos deuses, são refúgios literários de forças criadoras impossiveis de coexistir com a dúvida, mesmo serena e elegante.

A dúvida, entretanto, existe, poderosa e dominadora, nos três mestres modernos da literatura de França.

Ninguem poderá resolvê-la, extraindo-lhe a consequência lógica, através das tendências estéticas ou filosóficas de cada um deles.

À primeira vista, a dúvida de Renan surge do disparate interior do raciocinio e da crença. Deus não cabe num teorema. A mesma Igreja que dá um São Francisco e um Inácio de Loiola, que abandonam os fascínios do mundo e vão pelas estradas semeando Jesús, produz tambem os terriveis demolidores silenciosos que veem na cruz o martírio do Cristo e a ingenuidade deploravel da humanidade.

Renan é um desses demolidores taciturnos. Não saiu à praça pública para queimar a batina de seminarista nem foi dizer ao papa que Leão X, sábio e prudente, estava redondamente enganado.

Contentou-se, ao contrário, em se deixar governar por uma crença que não tinha e se limitou a escrever o romance do Nazareno com a dolorosa preocupação de quem recordou os Evangelhos buscando encontrar o Jesús piedoso que amava as crianças e perdoava as mulheres boêmias, e que ele conhe-

VARIAÇÃO

Francisco Inacio Peixoto

Só se ouvia na esquina o diálogo do guarda-civil com a mulata. O mais eram as risadas enormes e o barulho confuso de vozes. Tinha tambem os dentes de ouro de uma polaca e os seios de uma francesa se debruçando na janela. Havia tambem uma preta sorrindo. O mais eram as risadas enormes e o barulho confuso de vozes. A fúria dos astros que rolam no firmamento não perturbava aquela paisagem noturna, nem nada fazia acordar as que dormiam cansadas, com os corpos disformes a mostra e com as bocas abertas recebendo em sonho o beijo dos anjos. O mais eram as risadas enormes e o barulho confuso de vozes...

Apareceu então em cima do poste um halo de luz e a sombra começou falando. Que estagnação, que movimento de extraordinária pureza, que paz de nave de catedral! Somente a fumaça espessa de incensórios invisiveis prejudicava a respiração da turba. A final tudo se foi acomodando e o milagre se concluiu. A voz era profunda, mansa como a de um orgão mesmo. Que doçura o coro celestial! As almas soltas no espaço caíam de vez em quando, coleantes, nas mãos das mulheres-da-vida e dos fuzileiros navais para se transformar em círios iluminados. Eu jazia aberto e feliz na contemplação do espetáculo sublime. Aí então é que se despregaram do teto dois vultos e cobriram com suas asas tatalantes a minha nudez.

---

cera puro e amoravel nos seus dias de infância na Bretanha.

Mas os fragmentos recolhidos nessa tarefa resultaram apenas no acabamento de uma estátua imperfeita e que conserva os indisfarçaveis vestígios do ídolo partido.

Renan acreditou, conforme se depreende de suas memórias, que a surpresa da Igreja fosse o nascedoiro de sua dúvida de toda a vida.

Mas Renan se enganou nessa explicação de si mesmo. E a vontade de ser sincero é que o levou ao erro perdoavel do próprio julgamento. Diante dos homens que o admiravam, ele se sentiu no dever de dar uma desculpa para a mansa irreverência de seu espírito.

Mas um homem que tenta definir-se procede exatamente como quem tenta medir pelo olhar a distância entre as estrelas. Há uma impossibilidade fatal em qualquer das atitudes.

Hoje, distanciados do estilista mais harmonioso da língua francesa, sabemos bem a sua posição nas forças sociais em movimento.

A dúvida de Renan, como a de Anatole France e a de Remy de Gourmont, não veio da Igreja, dos clássicos latinos ou do riso de Rabelais.

O século XIX é que os fez cépticos, duvidosos e irreverentes, do mesmo modo que a idade média fizera de cada religioso um soldado de Jesús e reanimara o sofisma para transmudar a ingenuidade da fé num diálogo filosófico.

O QUE LIA UM LETRADO DE 1818 EM MINAS - GERAIS

João Dornas Filho

Acho que há de ser interessante para o homem de hoje saber o que liam os nossos avós, numa quadra, como em 1818, ainda livre das inquietações espirituais que nos salteiam nos dias que correm.

Rebuscando papéis velhos em pesquisas de outra natureza, deparei no nosso opulento Arquivo Público um arrolamento de bens deixados pelo cirurgião-mor do Regimento de Cavalaria de Linha de Minas, capitão Antônio José Vieira de Carvalho, falecido em Ouro-Preto, arrolamento que nos pode dar uma idéia de como pensavam os homens daquele tempo.

Há de notar-se no acervo de livros deixados pelo cirurgião-mor que as suas preocupações intelectuais não se restringiam ao campo da medicina, pois nas suas estantes se encontravam tambem o velho Corneille com seis volumes de teatro, Ariosto com o "Orlando furioso", Racine, Crebillon, Echard com a sua "História Romana" e o nosso velho amigo barão de Munckausen com as suas aventuras que ainda hoje fariam inveja aos descobridores de Fawcet no Mato-Grosso...

Homem de sobrados recursos, o cirurgião Vieira de Carvalho deixou um rico acervo em ouro, prata, roupas, utensílios, escravos, animais, etc. e o seu inventário deve ter sido um dos grandes acontecimentos judiciários da época. Para aquí, entretanto, trasladarei apenas a relação de livros, que não é pequena para um médico de 1818, e hão de ver que o ilustre esculápio estava realmente bem armado de ciência para cumprir a sua missão social. Vou transcrever o inventário com a mesma ortografia e estilo do tabelião, que andou estropiando cavalarmente os nomes que encontrou pelas estantes:

Item hum Dicionario Frances.

Item hum Ditto Portuguez de dois Volumes.

Item hum Ditto Inglez, e Portuguez.

Item Formacopéa de Londres em Dois Tomos.

Item Tratado de Cirurgia de Mosiur Petit tres Volumes.

Item Observaçõens p. r Lebret Dois Tomos (digo tres não vale).

Item Arte dos Partos hum Volume p. r Lebret.

Item Arte dos Partos p. r Jaques hum Volume.

Item Ensayos das Regras gerais p. r Lebret.

Item Observaçõens sobre os Partos traduzido do Inglez em quatro Tomos.

Item dois Volumes de Observaçõens sobre as Infermidades dos Negros p. r Dasile, tradução do falecido.

Item Viagem da Africa hum Tomo.

Item gemidos da May de Deos hum Tomo.

Item Tratado da Iplepesia hum volume.

Item Lentant tres Volumes.

Itme tratados dos Tumores dois volumes.

Item Tratado de Esquibusto dois volumes.

Item Obra de Burant em sinco volumes

Item hum Dicionario Francês.

Item Cirurgia dos Pobres tres volumes digo quatro.

Item Tratado das Enfermidades Venerias p. r Presavem hum volume.

Item Insayo das Febres hum volume.

Item Tratado das Febres Interminentes hum volume.

Item Prencipio de Medicina p. r Museur Homé hum volume.

Item Farmacopéa Idimburgense hum volume.

Item Tratado das Infermidades em País quente.

Item Obra de Burant em cinco volumes em Francez.

Item Elementos de Mediçina pratica em dois volumes.

Item Historia de Medicina Clinica hum volume.

Item Medicina Pratica de Sidenhon hum volume.

Item Dicionario Francez e Latino de Medicina e dos termos de Medicina hum volume.

Item Comentarios de Bucroit seis volumes.

Item Medicina Inspectante de Vilet seis volumes.

Item O botanico cultivador quatro volumes.

Item Manual do Mosso praticante de Cirugia o segundo Tomo.

Item Segredos das Artes, e Offiçios quatro volumes.

Item Meselanias de Fizica e Mediçina hum volume.

Item Memoria da Academia Real de Cirugia quinze volumes.

Item Tratado dos Efeitos e do uzo das Sangrias hum volume.

Item novo Tratado dos Instrumentos de Cerugia hum volume.

Item Ensayos geraes digo Moraes de Alexandre Pope hum volume.

Item Diçionarios Historicos oito volumes.

Item Obras de Camoens quatro volumes.

Item Historia das Plantas da Europa p. r Vigier dois volumes.

Item Tratado de Mediçina Operatoria p.r Almeida quatro volumes.

Item Curso de Operaçoens de Cerugia de Lafaid hum volume.

Item Pulitica de Medico hum volume.

Item Comgeturas sobre a Eloitrecidade Medica hum volume.

Item Diçionario Geografico em Italiano hum volume.

Item Dicionario Botanico, Eformacetico hum volume.

Item Prencipios de Cerugia de Lafaid hum volume.

Item Anatomia de Sebatier quatro volumes.

Item Anatomia de Vinshon quatro volumes.

Item Manual de Quimica de Baume hum volume.

Item Imfermidades dos Exzerçitos p. r Pringle dois volumes.

Item Emsayo sobre a Idropezia p. r Monró hum volume.

Item Tratado das Febres p. r Fizes hum volume.

Item Tratado de Materia Medica p.r Herman Boerhaave hum volume.

Item Compendio de Botanica p.r Brotero dois volumes.

Item Historia Natural de Lineu hum volume.

Item Diçionario de Vandéli hum volume.

Item Anatomia de Verdier dois volumes.

Item Tratado de Imflamação p.r Almeida quatro volumes.

Item Tratado das Imfermidades Cerurgicas p.r Chopart Desault hum volume.

Item Sistema da Naturesa p.r Leneu hum volume.

Item Quimica de Chaptau tres volumes.

Item Diçionario Hespanhol, e Italiano hum volume.

Item Diçionario Italiano, e Hispanhol hum volume.

Item Diçionario das Artes e Offiçios sinco volumes.

Item Diçionario de Anecdotas dois volumes.

Item Anileiro perfeito hum volume.

Item Elementos de Sevelidade hum volume.

Item O heroismo da Amizade hum volume.

Item Arte de fazer as Xitas hum volume.

Item Anatomia das Plantas hum volume.

Item Aventuras do Barão Muncausen hum volume.

Item Mestre Františez hum volume.

Item Conservação da Saude dos Povos hum volume.

Item Politica Moral e Silvil sete volumes.

Item Geografia Historica Dois volumes.

Item Manual do Praticante de Cerugia hum volume.

Item Gramatica Ingleza no m.mo idioma hum volume.

Item Dialogos em Hispanhol, e Frančez hum volume.

Item humas Horas Seraficas hum volume.

Item A morte de Abel Poema de Gesner hum volume.

Item Poema de Joze do Egito hum volume.

Item Instruçoens Cirurgicas existe o segundo volume.

Item Theatro de Corneille seis volumes.

Item Diçionario Historico da Mediçina hum volume.

Item Colleção dos Remedios faceis, e domesticos hum volume.

Item Orlando Furiozo de Luis de Ariosto dois volumes.

Item Compendio de Historia Natural de Lauri hum volume.

Item Obras de Fissot falta o primeiro volume e restão dez dittos.

Item Historia Romana de Echard seis volumes.

Item Espectaculo da Natureza falta o primeiro volume e existem oito dittos.

Item Observaçoens sobre as emfermidades dos Negros em França.

Item Observaçoens sobre as enfermidades dos Negros em Portugal e em brochura noventa e seis volumes.

Item Obras de Crebillon dois volumes.

Item Historia dos Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes no Novo Mundo quatro volumes.

Item Obras de raçine existe o tomo segundo sómente.

Item Idilios de Gesner hum volume.

Item Aventuras de Telemaco em Francez dois volumes.

Item Cartas de Ganganeli dois volumes.

Item Historia Universal de Bossuet quatro volumes.

Item Biblioteca Historica hum volume.

Item Malaca Conquistada.

Item Tres Deçionarios dos Alimentos em Francez.

Item Economia geral Dois Volumes em Franças.

Item hum Volume da Obra do Marques de Caresiol hum volume.

Item Compendio de Ouvidio um volume.

Item Arte de Porsolania hum volume.

Por aqui se vê que não é infundada a fama que teem os mineiros de amigos dos livros. Para um médico de 1818 o inventário da sua biblioteca pode ser chamado de rico, até mesmo em obras que não eram da sua imediata necessidade.

O que entristece, porem, é que nos nossos dias a proporção dos que poderão apresentar ao cronista do ano 2.038 um rol de livros como o cirurgião-mor Vieira de Carvalho é bem pequena. A preocupação de hoje consiste apenas em poder usar um anel de grau no dedo indicador. Saber ler não importa...

Ricardo Coração de Leão

Orvacio Santamarina

No caminho de Mans, em disparada louca, alguns cavaleiros afastavam-se da cidade... Era Henrique II, rei da Inglaterra que, acossado alí por Felipe Augusto, fugia, tendo no seu encalço, como perseguidor mais denodado, seu próprio filho Ricardo! Em Chinon, o rei foi obrigado a parar em virtude de seu estado de saúde. E, não podendo resistir aos padecimentos físicos e morais, expirou.

Ricardo, que odiava seu pai e senhor, assumiu o governo de acordo com Felipe Augusto. Trovador e poeta, irrequieto e cavalheiresco, o novo rei passava as noites de luar cantando sob a janela de castelães apaixonadas... A pesar disso, não traía a violência dos Plantagênitos. Fez-se amigo dos castelões guerreiros de Péngord e com eles levava vida dissoluta e aventureira, boêmia e romanesca... Assim, esquivava-se às exigências incômodas da côrte, dando expansão à alegria e à liberdade necessárias a sua alma delirante...

A Cavalaria era, no regime feudal o sonho dourado dos jovens da nobreza que, ao alistarem-se, recebiam terras e favores. Predileção elegante e rendosa pois!... Ao armar-se o cavaleiro havia cerimonia solene e cristã. A espada tinha dois gumes: "com um o cavaleiro devia ferir o rico que oprimia o pobre; com o outro, o forte que oprimia o fraco."

Os cavaleiros ingleses, porem, esqueciam a bela doutrina que lhes devia reger os atos — escandalizavam o povo com sua indolência — e lutavam entre si por ambição ou embriaguês... "Certa cortezia para com as mulheres da mesma classe, cavaleiros prisioneiros e desarmados era a única coisa que subsistia da propalada nobreza da Cavalaria medieval". Ricardo não fugiu ao meio ambiente; ao contrário, requintou-o porque suas atitudes serviram de padrão para os cortezões...

A Igreja agitava a Europa com a idéia das Cruzadas. Henrique II chegara a prometer seu apoio e o Patriarca de Jerusalem trouxera-lhe, com grande pompa, as chaves do Santo Sepulcro... Mas, refletindo, Henrique ponderou: "o clero incita-nos valentemente a nos expormos ao perigo porque ele não recebe nenhum golpe nas batalhas e não carrega nenhum fardo que possa evitar".

Alguns Ingleses juraram ir às Cruzadas, mas, na hora de partir, arrependidos, resgatavam o voto com dinheiro... O Arcebispo Giffard assim desliga um penitente do juramento: "O dito John deverá despender, dos seus bens, para ir em socôrro da Terra Santa, a soma de cinco shillings esterlinos quando lhe fôr exigida pelo Papa". E um cavaleiro, por adultério cometido com a mulher de outro cavaleiro, comprometia-se a mandar à Terra Santa um soldado a sua custa e a pagar cem libras em caso de reincidência... A guerra Santa, para os ingleses, como se vê, não passava de pilhéria!

O fracasso da segunda Cruzada aumentou a pujança dos muçulmanos, impondo, sacrifícios imensos e provocando o desânimo nos cristãos, do Oriente. O clero prolongava, excitando o misticismo religioso, a nevrose universal que abalou o mundo com a luta do cristianismo contra os pagãos. Os povos, inconcientemente, eram arrastados a destruir outros povos para se apossar dum símbolo de fanatismo!.. Os muçulmanos lutavam em nome de seu deus: eram criaturas subjugadas tambem pelo fanatismo e não cediam terreno...

Nouradino, sultão de Atabecks, apossou-se do Egito e reuniu sob o mesmo cêtro este país e a Síria. A Igreja passou a prever, desde então, a ruína de Jerusalem. Nouradino morreu dois anos depois.

Saladino — Maleck-an-Nasz-Salah-Eddyn —, logar-tenente do Sultão, proclamou-se soberano da Siria e o Egito. Para atraír os califas à sua causa e impressionar seus adeptos, vestia-se com um robe de lã grosseira, bebia sómente água e lia o Corão entre os exercitos... Desse modo conseguiu firmar-se como soberano do Islam. Com a vitória de Tiberíades, Saladino se apossou da cidade Santa. A notícia desse triunfo causou desolação na Europa. A Igreja procurou apavorar os cristãos, incitando-os à luta... A idéia da libertação da Terra Santa dominou o continente por que a sugestão exerce influência predominante na natureza humana. Os reis mais poderosos converteram-se em força impulsora da realização dessa idéia... Homens que nem siquer haviam suspeitado da possibilidade de tomar parte em uma Cruzada, transformaram-se em ardentes defensores da necessidade de nova expedição ao Oriente. Aproveitando o tumulto reinante, o Ar-

cebispo de Tiro saiu a pregar a Cruzada e o Papa autorizou os reis a levantar sobre bens do clero o imposto — Dimo Saladin — para sustentar a guerra Santa.

Frederico Barbaroxa e Felipe Augusto apoiaram a organização da Cruzada. Ricardo, consultado, formou ao lado dos soberanos da Alemanha e da França. O rei inglês aceitou a guerra, não empolgado pela crença, e sim como bela oportunidade para expandir seu temperamento belicoso... Ele era vítima de um complexo paterno. Nunca respeitara nem temera ninguem... Depois que assumiu o poder não conheceu meditações nem fraquezas e, para ele, a realidade da existência não passava de um lindo sonho! Homem-instinto, personalidade definida e marcante, o mundo era seu Eu... Ambicioso, arrebatado, não queria perder a oportunidade de se cobrir de gloria e de poder... Seus compatriotas o julgaram muito bem, após a morte de seu pai, quando afirmaram que "a um homem de Estado sucedeu no trôno um cavaleiro andante"...

Frederico partiu para Jerusalem em primeiro logar, seguindo a rota de Conrado III, que empreendera a segunda Cruzada. Conseguiu escapar à perfídia dos gregos, atravessou a Asia Menor, mas morreu sob uma avalanche despenhada do Tauros. Ricardo e Felipe tomaram o caminho do mar, mais curto e menos perigoso... O rei de França embarcou em Gênova; o de Inglaterra, em Marselha. As Cruzadas deram grande importância a essas cidades, facilitando-lhes de modo definitivo o comércio com o Oriente.

Aparentemente amigos, Ricardo Coração de Leão e Felipe Augusto guardavam, entretanto, um do outro profunda desconfiânça... Jovens e ambiciosos, tinham ambos razões para se tornarem rivais. Arribando na Sicília manifestaram-se as lavas que ferviam dentro deles, e as discórdias tiveram início... Ricardo havia concordado em desposar Alice de França, irmã do soberano, por conveniência política; mas o destino colocou no seu caminho a linda jovem princesa Berengera de Navarra. Coração de Leão amou-a. Há homens que, na vida, tratando de seus sentimentos são de intransigência absoluta. Não sabem dissimular, deixam-nos transparecer com toda impetuosidade, indiferentes ao que os rodeia... Entre o amor de Berengera e o ódio de Felipe, não vacilou... O rei de França recebeu a decisão de Ricardo como uma afronta a sua irmã. E as hostilidades não tardaram: Felipe opôs-se a que o vassalo hasteasse sua bandeira sobre os muros de Messina e reivindicou a soberania da Sicilia como legítimo herdeiro dos reis Normandos. A divergência entre os dois soberanos estava a ponto de degenerar em guerra declarada, quando generais e amigos de ambos intervieram, apelando para o juramento feito de que só combateriam pela libertação do Santo Sepulcro. E conseguiram afinal amainar a explosão do ódio.

Ricardo demonstrou fibra de guerreiro, coragem, fé na campanha que empreendeu. Avançou contra Chipre, tomou-a e deu a soberania a Casa de Luisignan para a consolar da perda de Jerusalem. Felipe seguiu para Palestina, onde desembarcou e, de acordo com os cruzados alemães, assediou São João d'Acre. Ricardo não tardou a reunir-se-lhe. Suas atitudes para com seu suzerano traiam-lhe os sentimentos. Um carater forte influe numa coletividade de modo absorvente. E Coração de Leão passou a dominar o exercito cristão. Novas e mais sérias divergências surgiram entre os dois rivais. Ricardo insultou a Leopoldo, Duque da Austria e afrontou abertamente o Rei de França. As revides, no entanto, foram sempre amparadas pelos amigos comuns durante o cêrco de S. João d'Acre, que, após um ano, e, segundo Michelet, com o sacrifício de cem mil homens, caiu em poder dos cruzados. A ascendência de Ricardo, assegurada pelo heroismo, pelo denôdo, tornou-se insuportável para Felipe. Alegando doença, o Rei de França abandonou a Ásia, acompanhado de muitos cruzados.

Saladiano, retido às margens do Eufrátes, conseguiu desembaraçar-se e foi defender Jerusalem. Enfrentaram-se novamente os exercitos do cristianismo e do islamismo. Coração de Leão derrotou o místico chefe oriental na batalha de Cesarea — ou Antipatrida —, apossou-se de Jaffa, de Romla e de Ascalon. Próximo a esta cidade bateu pela segunda vez as hostes sarracenas, mas Saladino tivera a preocupação de destruir as fortificações de maneira que os cristãos não puderam conservar a praça.

Depois de haver conquistado grande parte das cidades da costa, Ricardo marchou para Jerusalem. Antes de atingir a cidade Santa recebeu a notícia de que Jaffa caíra em poder dos muçulmanos. Voltou para socorrê-la, empenhou-se durante três dias em sangrenta batalha, na qual deu pessoalmente o maior exemplo de resistência e bravura! Quando voltou ao acampamento, a armadura que lhe defendia o corpo estava tão crivada de flexas, que um de seus oficiais o comparou a "uma almofada coberta de alfinetes"...

Ricardo Coração de Leão foi acusado de haver,

com seu exercito, confraternizado com os muçulmanos. O portador de um complexo paterno revolta-se, luta, resiste contra qualquer influência ascendente. O poder que o catolicismo teve sobre seu temperamento tão arrebatado foi passageiro. A realidade da existência não o apavorava e ele pouco ligava às tentações extra-terrenas... Consideraram-no um demônio... Como demônio humanizado fez do mundo seu inferno... Aceitou todos os homens como irmãos e desprezou os partidos religiosos...

Ele partiu com a intenção de retomar Jerusalem, entretanto, a essa altura da campanha deve ter-se estabelecido um conflito entre seu *eu* presente e seu *eu* passado, entre o *eu quero* e o *eu desejaria;* lutaram certamente no seu intimo a atividade e a passividade e a decisão anterior submeteu-se à decisão presente, imposta pela intuição de uma razão superior! Dessa batalha travada em sua alma resultou uma trégua com o soberano do Islam, que permitiu aos cristãos visitar a Terra Santa sem pagar tributo. A luta intima provocada pelo ato realizado, contudo, não o abandonou. Aproximou-se de Jerusalem e, certo dia, subindo a uma colina fronteira a cidade, acompanhado de um grupo de amigos, ao contemplá-la, virou o rosto e exclamou: "Não são dignos de contemplar a cidade Santa aqueles que não souberam conquistá-la!"

Pouco depois deixou a Palestina. Seu nome, porem, nunca foi olvidado. Lendas correram de boca em boca, espalhando o pavor... Ricardo Coração de Leão embora não tivesse levado avante a reconquista de Jerusalem, foi apontado como autor de crueldades incriveis... As crianças muçulmanas tremiam aterrorizadas quando ouviam pronunciar seu nome... Os sarracenos e os turcos, ao percorrerem campos e estradas a cavalo, si acontecia o animal espantar-se, chegando-lhe as esporas ao lombo, gritavam: "Cuidas que está aí o Rei Ricardo?!"

Na travessia para a Inglaterra traiu-o sua boa estrela: a náu em que viajava foi lançada por uma tempestade á costa da Iliria. Coração de Leão, atraído sempre pela aventura, penetrou ousadamente no território do Duque da Austria, seu figadal inimigo. Em meio da jornada foi reconhecido e prêso. Logo depois mandaram-no para Worms, onde o Imperador Henrique IV o conservou prisioneiro.

Os mitos criados em tôrno de sua figura são o reflexo da grande alma que animou Ricardo I de Inglaterra. Dizia-se que os súditos ingleses ignoravam a morte do rei. Mas um certo Blondel, trovador como Ricardo e seu amigo e companheiro, foi informado do sucêsso que submeteu o vencedor de Saladino aos grilhões alemães... Depois de muito andar, chegou junto às muralhas de uma fortaleza e entoou a canção preferida do rei-poeta, composta por ambos. Do fundo da masmorra ergueu-se uma voz conhecida e amiga, respondendo as trovas do dedicado peregrino... Descoberto o paradeiro de Ricardo, Blondel voltou a Londres com a nova...

Henrique IV exigiu para libertá-lo um resgate de cento e cincoenta mil libras. Os ministros do reino se esforçaram para obter essa quantia e o onus foi dividido por todas as classes sociais. Embora não se houvesse conseguido a importância arbitrada o imperador concedeu liberdade ao soberano inglês. Ao regressar a sua capital o povo demonstrou-lhe fidelidade e admiração, recebendo-o entusiasticamente.

Felipe Augusto, após o regresso do rival, invadiu a Normândia. As Cruzadas ensinaram aos guerreiros europeus a vantagem da guerra de asedio, forçando-os a abandonar as refrégas em que se chocavam homens e cavalos... Para suster o avanço de Felipe, Ricardo mandou construir o *Château Gaillard*, a mais poderosa fortaleza do tempo. O Rei de França, contemplando a obra do adversário, exclamou, desdenhosamente: —"Toma-lo-ia, mesmo que seus muros fossem de ferro!"

Ao saber disso, Ricardo respondeu:

— "Mante-lo-ia ainda que seus muros fossem de manteiga!"

Um incidente com o Visconde de Limoges, porem, o impediu de cumprir sua palavra. Ferido em combate, foi recolhido a sua tenda de campanha, tendo o fim consagrado aos heróis. E, resistindo ao tumulto dos séculos, vive na memória dos homens em todos os quadrantes da Terra a figura lendária de Coração de Leão!

EÇA, O AGITADOR

Otávio Dias Leite

Todas as gerações "post-realismo" sentem-se na obrigação de ler Eça. Alguns mesmo, leem e releem. Leem encarando a obra do romancista por um prisma puramente literário. Eça foi o precursor na lingua portuguesa do realismo. Se bem que um pouco atrazado, o realismo, despertou os intelectuais da época. Justamente quando tomávamos conhecimento dele, surgia Eça em Portugal. E todos começaram a admirá-lo e a citá-lo.

De sua vida o que conheciam? Nada. Alguns criticos mais aguçados descobriam em alguns dos seus personagens o proprio autor. Somente isto. A sua inquietação politica-social não interessava aos seus leitores. No entanto é nela que Eça se firmava para escrever os seus romances.

Viana Moog (Eça de Queiroz e o século XIX), a-pesar-de não apresentar nada de novo sobre a vida do romancista de "Cidade e as Serras", revela-nos o que há de mais interessante na vida do fino escritor. O lado político.

Eça de Queiroz viveu sua época. Toda a Europa achava-se abalada com as novas ideologias que começavam a dominar. A inquietação dominava os espíritos mais sensiveis às questões do povo. Somente Portugal vivia na torre de marfim.

De Coimbra, tendo o Santo Antero á frente, partiu o primeiro grito de rebeldia contra as formas e atitudes dos intelectuais da época. Foi quando Eça sentiu-se arrastado pela demagogia do poeta. Tornou-se seu amigo e com ele lutou pelo que há de justo na humanidade.

Em Paris formava-se a 1.ª Internacional e Eça aderiu a ela. Começava daí a sua ação prática por uma ideologia combatida. Sentia a necessidade de revolta. A revolução por uma força natural viria provocar a evolução. Portugal achava-se afastada do resto da Europa pelo seu convencionalismo, e principalmente pelo seu pedantismo literário.

Nesta época Eça tornou-se agitador. Reunia-se aos amigos mais intimos. Com eles conspirava. Afinal, tudo isto, praticamente, em vão. Iniciaram então as celebres conferencias em Lisboa. Quental foi o primeiro. Outros vieram cada vez mais destruidores. O que levou a ser proíbidas as conferências. Eça fala sobre o realismo que dominava a França. Destroi o românticismo doentio dos escritores portugueses.

Como vinha fracassando em todas as ocupações, e como sentia uma grande atração pelas viagens, tentou a carreira de consul. Passadas as perseguições políticas, foi designado consul em Havana. Viana Moog, honestamente, frisa que foi aí que Eça demonstrou praticamente o que aproveitou das suas lutas politicas-sociais quando em Lisboa. A revolta que despertou nele o sofrimento dos pobres chineses explorados como animais, maltratados e humilhados, fez com que ele mais de uma vez se dirigisse ao governo português pedindo energicas providencias contra esta selvageria. A atitude de Eça não soou bem entre os dominantes. Eça viu-se perseguido e a-pesar-disto não esmoreceu. Enviou inumeros relatorios demonstrando como sofriam e sugerindo ao governo um meio de diminuir o poderio dos patrões.

"Em face da situação, o consul Eça de Queiroz tem que optar por uma destas alternativas: ou adere á Comissão Central ou luta contra ela. No primeiro caso torna-se-á rico, receberá considerações, sobretudo se souber de começo simular hostilidade capaz de alarmar os negocistas. No segundo caso

terá que percorrer um caminho cheio de lutas, de ameaças e dissabores".

"O socialista Eça de Queiroz, adepto da Internacional, vai agora dar prova de sua lealdade a seus ideais. Não hesita um minuto. Não tem dúvidas, nem vacilações. Fica ao lado dos chineses. Portanto, contra o capitalismo que procura enriquecer com o trabalho escravo; contra os potentados da Comissão Central; contra o governo, contra tudo e contra todos, em defesa da massa anonima dos oprimidos que nada lhe podem dar em troca", escreve Viana Moog.

Foi nestas lutas que se definiu o carater de Eça. E toda a sua obra é o resultado de uma experiencia às vezes amarga, mas toda ela cheia de revolta. Não foi compreendido pelos seus patricios. Acusaram-no de ser contra a sua patria. No entanto Eça foi dos maiores nacionalistas portugueses. Colocou a sua pena ao lado das coisas justas contra o indiferentismo de seus patricios, contra a desmoralisação em que procuravam viver. Os costumes eram dos mais pôdres. E contra isto foi que ele se bateu. O seu trabalho fóra da patria foi dos mais dignos e elevados.

As suas preocupações politicas-sociais diminuiram a sua obra? Pelo contrario, a elevaram. Tornaram-na mais honesta e concienciosa. É uma resposta definitiva aos que procuram separar a arte das questões sociais. E a obra de Eça era intencional. A sua falta de imaginação fazia com que fosse procurar em fatos reais os personagens e os motivos de seus livros. E para estes fatos somente o seu ponto de vista ideológico poderia sugerir uma solução| Daí toda a honestidade e estensão de sua obra.

O santo Antero mostrou-lhe um caminho e Eça teve conciência deste caminho.

O Movimento Intelectual do RIO-GRANDE-DO-SUL

Arí Martins
(Secretário Geral da Academia Rio-grandense de Letras, de Porto-Alegre).

Felizmente já passou a época em que para a metrópole nacional e para as outras circunscrições do país o Rio Grande-do-Sul figurava como terra apenas capaz de produzir, na seara humana, guerreiros e políticos. A clamorosa injustiça que esse conceito encerrava já o era naqueles recuados tempos, diga-se de passagem, pois sempre foi a pátria dos minuanos e charruas um recanto fertil em espíritos dados com lustre e elevação à cultura do intelecto. O que nos faltava, então, — e isso ainda se verificava até há bem poucos anos — era repercussão externa E, assim, não admira que, para alem do rio Pelotas, se ignorasse de todo, como sucedeu, a existência aquí dentro de um polígrafo da estirpe de Apolinário Porto Alegre, liderando toda a lúzida coorte das brilhantes mentalidades que, quando mais acesa ia a luta no Paraguai, fundavam, na capital gaucha, o famoso Partenão Literário.

Hoje, repetimos, esse prisma errôneo com que éramos encarados pelos nossos irmãos do centro e do norte desapareceu. Já se crê nas gloriosas destinações da inteligência rio-grandense aplicada ãs lides do espírito. Agora mesmo, o maior dos filhos desta gleba, aquele que está desde 1930 à testa dos destinos da nação, vem de se revelar mais um fino escritor para honra do céspede. E' o que realmente se evidencia, de maneira inequívoca, a quantos lerem essa bem elaborada "A Nova Política do Brasil", que há pouco lançou ã publicidade o Sr. Getúlio Vargas.

Outros distintos embaixadores apregoam hodiernamente fora daquí maximé no Rio e em São Paulo, o que valemos no terreno intelectual. Basta que lembremos os de maior projeção no cenário da cultura brasileira, como: Abbadie Faria Rosa, dos primazes da literatura teatral no país, autor de quasi meio cento de comédias e recentemente guindado com muito merecimento, ao alto posto de diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação; André Carrazzoni, Leal de Souza e Pedro Vergára, jornalistas bastante conhecidos na Capital Federal e ainda poeta ã antiga, dos que trabalharam o legitimo ouro parnasiano em seus livros 'Horas Perdidas", "Bosque Sagrado" e "Terra Impetuosa", respectivamente; Augusto Meyer, hoje a frente do Instituto Nacional do Livro, uma das mais poderosas cerebrações da geração surgida nos anos de 20, o prógono entre nós do movimento modernista, com os "Poemas de Bilú", autor tambem de outros aplaudidíssimos tomos de versos, "Coração Verde" e "Giraluz", e de um profundo estudo sobre a discutida personalidade literária de Machado de Assis; Alvaro Moreyra, que dispensa apresentações, popular que se tornou como o ironista sentimental de "Cidade Mulher", "A Boneca Vestida de Arlequim", "Um Sorriso para Tudo...", "Cocaina", etc., poeta em seus primórdios, com a "Lenda da Luz e da Vida" e rematando, por fim, como comentarista político, em "O Brasil continua...", e como autor, empresário e ator teatral; Alvaro de Alencastre, que, mesmo longe da querência, não a esquece na sua literatura regional, de que são obras mais significativas "Refugando o Sinuelo"", "Rancho", "Amores e Dissabores", "Azares da Revolução", etc.; Anes Dias, grande figura das letras médicas nacionais; Alfredo Varela, o mais completo historiógrafo dos fastos épicos do ciclo farroupilha; Aurélio Porto, redator dos "Anais do Itamaratí", laborioso e incansavel historiador, sempre de vistas voltadas para o seu amado Rio-Grande, de que ainda neste ano nos evocou, no poema heróico "Farrapiada", fases e vultos de larga proeminência; Alnaldo Damasceno Vieira, filho de um notavel poeta já falecido e tambem ele o poeta das "Constelações", das "Baladas e Poemas" e das "Lendas da Princesa Loura"; Batista Pereira, o sociólogo elegante e erudito de "Rui Barbosa e o Rio-Grande", "O Brasil e a Raça", "O Brasil Maior, "Vultos e Episódios do Brasil", etc.; Borges Fortes, general do Exército e das letras históricas, revelando em 'O Tupí na Corografia do Rio Grande do Sul", "Casais", "A Estância", "Cristovão Pereira", "Troncos Seculares" e suas outras obras, um espírito de investigador perscuciente e honestíssimo; Castilhos Goicochea,

da Academia Carioca de Letras, outro enamorado perpétuo do "pagus", de que não o conseguem tornar deslumbrado os encantos da "Cidade Maravilhosa", e tanto que dele tira o assunto para tudo quanto escreve, seja na ficção, ("No Circo da Vida"), seja na história ("A Guerra dos Farrapos"), seja em outros gêneros ("O Gaucho na Vida Política Brasileira", "Singularidades", "A Alma Heróica das Coxilhas", etc.); Carlos Maximiliano, expoente da cultura jurídica no Brasil; Ernani Fornari, que, depois de fazer sucesso na terra natal como o poeta do "Missal da Ternura e da Humildade" e do "Trem da Serra", o 'conteur" de "A Guerra das Fechaduras", o prosador sentimental de "Praia dos Milagres", o romancista de "O Homem Que Era Dois" e o novelista de "Enquanto Ela Dorme", conquistou, a golpes de talento, a Guanabara, como o teatrologo aplaudidíssimo do "Nada" e da "Iáiá Boneca"; F. de Leonardo Truda, Florêncio de Abreu e H. Canabarro Reichardt. alternando o cultivo da ciência do direito com o da história e da sociologia; João Neves, o excelso orador que continua, na tradição gauchesca, as glórias tribunícias de Gaspar Martins e Pedro Moacir, "imortalizado", com indiscutível merecimento, com as honras de suceder a Coelho Neto no "Petit Trianon"; João Pinto da Silva, autor da "História Literária do Rio-Grande-do-Sul", até agora a melhor montra que possuimos do que tem sido a nossa evolução intelectual desde a longínqua poetisa cega Delfina Benigna, marco inicial das letras gauchas; Lindolfo Collor, que a política desviou da poesia, mas que não pode ser esquecido pelos magníficos versos lecontistas que escreveu e enfeixou em livros, há anos passados; Mateus da Fontoura, apteosado ãs luzes da ribalta com "Dindinha" e outras apreciadas comédias e de quem tivemos, em 37, com "A Minha Viagem Maravilhosa", entusiástico relato de um turista inteligente que foi conhecer de perto os progressos da Nova Alemanha; Manuel do Carmo, ocultando-se com o pseudonimo de "M. Pereira Fortes", na autoria de um dos nossos mais interessantes trabalhos de poesia regionalista, os "Cantares da Minha Terra", e que antes dera aos prelos "Setembro"; Olinto de Oliveira, médico de nomeada, cultíssimo, um requintado espírito de estéta; Raul Bopp, o cantor bizarro do "Urucungo" e de "Cobra Norato", realizador ainda dessa extraordinária contribuição à propaganda do Brasil no Oriente que é o "Correio da Ásia", publicado no Japão; Souza Doca, oficial que orgulha o Exército no cultivo das boas e belas letras, historiador meticuloso e infatigavel, atualmente na presidência da patriótica agremiação de intercâmbio e são nacionalismo que é a Federação das Academias de Letras do Brasil; Vargas Neto, o mais popular e admirado dos vates regionalistas gauchos, que obteve êxitos surpreendentes com os versos de "Tropilha Creoula" e 'Gado Chucro"; Valdemar de Vasconcelos, tambem conhecido como inspirado poeta, desde, o aparecimento de "O Sol Anunciado", cujo sucesso renovou com "A Visita das Horas Tardias"; e ainda Carlos Cavaco, Teodomiro Tostes, Leopoldo de Freitas, Fernando Callage, Mansueto Bernardi, José Picoreli, Rego Monteiro, Luiz Vergara, Alexandre da Costa, Plínio Casado e uma centena mais.

Mas falar de uma floração intelectual no Rio-Grande-do-Sul não é só relacionar aqueles que dizem lá fora da nossa pujança para os torneios do espírito e da inteligência. Faz-se mister apontar principalmente os que, intra-muros, realizam a grande obra de elevação cultural da terra dos Pampas. Não ficam aquem aos já citados, seja em número, seja em valor. E evidenciam todos — o que é o essencial — a existência aquí de uma vida literária intensa e variada em correntes, gêneros, tendências e figuras.

Porto-Alegre, como capital do Estado, centraliza, naturalmente, essa efervescência mental. Cinco grandes periódicos, por exemplo, circulam diariamente na cidade: o veterano "Correio do Povo", fundação do inesquecivel lidador da imprensa que foi Caldas Júnior; o "Diário de Notícias", ligado ao poderoso consórcio nacional dos "Diários Associados"; o "Jornal do Estado", que, sob a direção de um poeta de merecimento, Emílio Kemp, substituiu, com o advento do Estado Novo, a tradicional 'A Federação" que Júlio de Castilhos e Venâncio Aires haviam criado nos albores da propaganda republicana; a "Folha da Tarde", vespertino popularissimo e de grande procura; e "O Diário", de orientação católica, tendo *à* frente dois distintos homens de letras, Adroaldo Mesquita da Costa e Dámaso Rocha, este último tambem o poeta de "O Canto que eu ouví" e "Festa da Cor e da Luz". Publicam-se ainda aquí diversos orgãos oficiais de grêmios literários e científicos e, quinzenalmente, a "Revista do Globo". Esta última é propriedade da conhecida Livraria do Globo, hoje uma das mais reputadas casas editoras do país e *à* qual se deve, em boa parte, a larga repercussão que vão tendo fora do Estado as obras de muitos escritores gauchos da atualidade.

Das sociedades culturais da metrópole dos Pampas, a de mais antigo funcionamento é o Instituto Histórico e Geográfico do Rio-Grande-do-Sul, que tem sede no Museu e Arquivo Histórico do Estado. Fundado em 1920, vem desde pouco depois publicando com toda regularidade uma importante e muito bem elaborada revista trimestral, evidenciadora dos altos méritos dos sócios daquela entidade, entre os quais se contam presentemente: Leonardo Macedônia, atual presidente, velho e conceituado cultor das letras jurídicas e no momento o diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Porto-Alegre; Eduardo Duarte, o secretário perpetuo e a "alma mater" do Instituto; A. Guerreiro Lima, antigo educacionista e um profundo coconhecedor da ciência geográfica; Adroaldo Mesquita da Costa, orador de vastos recursos, jurista e ex-parlamentar; Walter Spalding, que, pertencendo à nova geração, já tem o seu lugar de destaque entre os nossos historiadores, como autor de 'Farrapos", 'A' Luz da História", "Na Seara da Igreja", "Caxias e Bento Manuel Ribeiro", "Os Eternos Caluniados", "Poesia do Povo", etc.; Dante de Laytano, tambem da ala moça, ficcionista a principio e, por fim, voltado quasi que puramente às investigações e a crítica, com "História da República Rio-grandense", "Colecionadores de Emoções" "Memórias do Presídio de Torres", "Os Africanismos no Dialeto Gaucho", "Monumentos Históricos e Artísticos de Rio Pardo", etc.; Jorge Bahlis, dado, como legítima autoridade na matéria, aos estudos de prehistória; Otelo Rosa, o biógrafo imparcial e completo de "Júlio de Castilhos", que romanceou 'Os Amores de Canabarro" e traçou admiraveis perfís dos "Vultos da Epopéia Farroupilha"; Jací Lousada, Tupí Caldas, mineralogista e geólogo; Angelo Guido, uma figura singular pela multiplicidade de suas manifestações intelectuais, como pintor, crítico de arte, jornalista, conferencista e estudioso dos mitos amazônicos; e ainda Coelho de Souza, Armando Dias de Azevedo, Clemenciano Barnasque, De Paranhos Antunes, Olinto Sanmartin, Alcides Maia. João Maia, Sousa Doca, Aurélio Porto, M. Faria Correia, Gaston Hasslocher Mazeron, etc.

Como a maioria das capitais brasileiras, Porto-Alegre tem tambem a sua Academia de Letras. Aliás as suas Academias de Letras. Porque são duas as entidades desse gênero que funcionam às margens do Guaiba. Há de parecer estranho isso a muita gente: duas Academias de Letras num só Estado. Mas são coisas... A final, se não podemos afirmar sob pena de imodéstia, que essa duplicidade de areópagos para os literatos gauchos é sinal de que há por aquí uma maior pujança mental do que onde só existe um único de tais sodalícios, resta-nos ao menos o conforto de registar que não estamos sozinhos na curiosidade apontada. O Ceará tambem possue duas Academias, a Cearense de Letras e a de Letras do Ceará; São-Paulo conta com três: a Paulista de Letras, a de Letras de São-Paulo e a de Ciências e Letras de São-Paulo; e o Estado do Rio — pasmem! — ostenta um quartêto delas: a Academia Fluminense de Letras, a "Academia Petropolitana de Letras, a Academia Livre de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Já se vê que nos cabe a aplicação, para uso próprio, do axioma de que "mal de muitos consôlo é..."

A Academia Rio-grandense de Letras é a mais antiga. Foi fundada em 1901, mas esteve adormecida uma eternidade quasi: a bagatela de 33 anos... Despertou do letargo em 1934 e desde então, se tem revelado núcleo de intensa atividade coletiva, com uma larga folha de serviços já prestados à cultura e à propaganda mental do Rio-Grande-do-Sul. Reune-se em sessões pontualmente, publicou dois números de sua revista, fez proferir em solenidades até aquí vinte e três elogios de patronos, que representam outros tantos completos estudos críticos-biográficos de finados intelectuais rio-grandenses; realizou em 1937 um curso de história literária gaucha para professoras e estudantes das escolas superiores; tem recepcionado todas as personalidades notaveis das letras que visitam Porto-Alegre e está elaborando o "Dicionário Bio-Bibliográfico do Rio Grande do Sul" e o "Vocabulário de Brasileirismos do Rio-Grande-do-Sul", duas obras que bastam por si para atestar o merito da instituição. Dela fazem parte no momento: Paulo de Gouveia, conhecido humorista e tambem o poeta delicado de "Mansamente". Bento Fernandes, sonetista, "conteur" e teatrologo; Mário Bernd e Cesar Santos, duas figuras moças e já de conceituada projeção nas letras científicas do Estado, ambos professores de medicina que são; Luiz Carlos de Morais, apaixonado pelos estudos da filologia crioula, autor do mais precioso e completo "Vocabulário Sul-Rio-grandense" até aqui aparecido entre nós; Olinto Sanmartin, com uma vasta bagagem bibliográfica, em que se encontram os versos de "Poemas de Você" e "Noturno de Natal", a biografia de "Bento Manuel Ribeiro" e as crônicas de viagem de "Terras da América" e "Caminhos Seculares", F. Contreiras Rodrigues, nome nacional pelos seus livros de

sociologia e economia política e pela sua obra regionalista, firmada com o pseudônimo de "Pia do Sul" e constante de um volume de versos, "Gauchadas e Gauchismos", de dois romances "Farrapo-Memórias de um Cavalo" e "Os Amores do Capitão Paulo Centeno" e de algumas peças de teatro; Valdemar de Vasconcelos, Quínto de Oliveira, Souza Doca, Abbadie Faria Rosa, Mateus da Fontoura, Aurélio Porto e Castilhos Goicochea, já apresentados linhas atrás; Átila Casses, Sérgio de Gouveia, J. Antunes de Matos e Ernani de Cunto, quatro poetas delicadíssimos e de notavel inspiração; Martim Gomes, psicanalista e esteta, autor dos romances "As Loucuras do Dr. Mingote" e "A Flor de Tuna"; Ovídio Chaves, o troveiro apaixonado do "Cancioneiro" e do "Abel de Vidro", que agora mesmo acaba de obter mais um sucesso com os sonetos de "Uma Janela Aberta. . ."; Otelo Rosa, Walter Spalding e Adroaldo Mesquita da Costa, já referidos entre os membros do Instituto Histórico; Tiago M. Wuerth, um incansavel e dedicado propugnador das questões educacionais, além de tradutor de obras alemãs; Leopoldo Betiol filósofo e pensador mestre nos estudos de botânica, antropologia e mineralogia e que vem de concluir a fatura de um curioso romance de psicologia mórbida, "Mundos Interiores"; Mário Ferreira de Medeiros, sociólogo de 23 anos de idade, inteligência das mais brilhantes da geração moça; Clemenciano Barnasque, de renome firmado como regionalista, com as suas efemerides Rio-Grandenses, "O Rio-Grande na História e na Legenda" e as manchas pampeanas de "No Pago"; Homero Prates, da velha guarda de vates neo-simbolistas de 1911, autor de "As Horas Coroadas de Rosas e de Espinhos", "Torre Encantada", "Ao Sol dos Pagos" e muitas outras obras de verso e prosa; Carlos de Souza Morais, torreano dinâmico e cheio de entusiasmo, estreado com "A Ofensiva Japonesa no Brasil"; Dario de Bitencourt, o crítico impar de "O Poeta Francisco Ricardo Sob o Ângulo da Psicanálise" e "O Poeta Francisco Ricardo Sob o Ângulo da Biotipologia, "doublé" de profundo conhecedor — o maior talvez, entre nós, — de assuntos de legislação trabalhista, sendo ainda um poeta delicado e de requintada sensibilidade lírica; Walkyria Neves de Salis Goulart, viuva do inconfundivel pensador Jorge Sales Goulart, poetisa e educacionista; Radagásio Taborda, que sendo já um conceituado autor didático em "Novelas" se afirmou um dos nossos melhores ficcionistas; Zeferino Brasil, o ainda não destronado "principe dos poetas gauchos", que, há mais de quarenta anos, vem sem esmorecimentos, publicando seus magnificos versos; De Paranhos Antunes, mais uma figura de legítimo valor da nova geração, infatigavel trabalhador, com menos de 40 anos de idade e já mais de 15 obras publicadas, de poesia, história, filosofia, biografia e crítica literária; Alcides Maia, o glorioso criador do "Miguelito" das "Ruinas Vivas" e dos belos contos regionais de "Tapera" e "Alma Bárbara", com assento numa cadeira da Academia Brasileira de Letras; Mário Tota, ilustre médico, mas principalmente o terno e comovido poeta que nos deu em 1937 os elegíacos versos de "Meu Canteiro de Saudades"; Santo Uberto Barbieri, helenista e autor de uma série valiosa de obras sobre religião e moral; Mário Teixeira de Carvalho, o paciente elaborador do completíssimo "Nobiliário Sul-Rio-grandense"; Holanda Cavalcanti, a quem se devem os poemas de "Esfinges e Pirâmides", as crônicas de "Efígies e Medalhas", um "Código Ortográfico Brasileiro" e o melhor trabalho de crítica sobre a obra de Bilac que até hoje se escreveu no Brasil, "O Artista da Forma e da Beleza"; e o autor desta resenha.

Em 1938, a Academia Rio-grandense de Letras lançou, com o mais surpreendente êxito, a

iniciativa de criar, nos principais municípios do Estado, grêmios literários que em seguida reconhecia como filiados. Surgiram assim, até o fim do ano, dez de tais centros, que no momento trabalham ativamente, concorrendo com eficiência pela implantação de um acendrado gosto pelos assuntos de cultura no seio das populações do interior. Entre os nomes que participam desses grêmios, alguns há de sólido merecimento intelectual, como, por exemplo, Almáquio Cirne, Alvaro Delfino, Carlos Santos, Arnold L. Coimbra e Luiz Emílio Leo, no Rio-Grande; Genil Trindade, Concesso Cassales e Hector Acosta, em Livramento; Renato C. de Freitas Guimarães, em Santa-Vitória-do-Palmar; Barcelos Pena e Lucídio Ramos, em Cruz Alta; Artur Ferreira Filho e F. X. Antônino e Oliveira, em Passo-Fundo; Vicente Teodomiro Cardoso, em Santa-Rosa-de-Missões; Mário Fonseca e George U. Krischke, em São-Leopoldo, e Ivalino Brum, em Carazinho.

A Academia de Letras do Rio-Grande-do-Sul é, como a sua congênere, uma agremiação bem antiga, pois data de 1910. Mas estava inativa há mais de 15 anos, quando despertou, em 1936. Realiza sessões públicas de quando em vez, mas sua principal atividade cifra-se na estampa de uma revista, que aparece com regular frequência. Integram o quadro social, alem de Alcides Maia, Zeferino Brasil e Otelo Rosa, que pertencem tambem, como vimos, a outra Academia, os seguintes escritores: João Maia, seu presidente de honra, um veterano das Letras gauchas, para as quais tem contribuido com grande número de trabalhos valiosos, entre eles uma "História do Rio-Grande-do-Sul", que já anda em mais de vinte edições, o livro de contos regionais "Pampa" e o romance "André, o Farrapo"; João C. de Freitas, sem favor nenhum o primeiro contista rio-grandense, exímio realmente nesse gênero, em que nos deu "Cômoros", Histórias Mal Contadas" e "Histórias deste Mundo", e cultor ainda da filologia e da literatura dramática; Vieira Pires, Manuel Duarte e Manuel Acauã, três regionalistas, autores respectivamente, de "Querência", "No Planalto" e "Ronda Charrúa"; Álvaro José Gomes Porto Alegre, filho e herdeiro intelectual do imortal Apolinário; Alberto de Brito, brilhante orador e causídico; Antônio Gomes de Freitas, Henriques de Casais, Raul Tota, Augusto de Carvalho, Barcelos Ferreira, M. Faria Correia e Emílio Kemp, que formam na Academia a ronda harmoniosa dos esposos das musas; Darcí Azambuja, o festejado contista que a Academia Brasileira de Letras premiou em 1924, com o volume "No Galpão", tambem cultíssimo professor de direito; M. S. Gomes de Freitas, um escritor de invejavel inteligência; De Sousa Júnior, velho jornalista e antigo deputado estadual, que apresenta em sua bagagem literária traduções de Papini e as obras originais "No Castelo dos Fantasmas" e "Juca Ratão Hidrófobo"; Edgar Fontoura, o biógrafo imparcial e meticuloso de "Marcilio Dias"; Fábio de Barros, esteta crítico de arte e mestre da crônica; Fernando Luiz Osório, poiígrafo de sólida cultura, senhor de volumoso e variado espólio bibliográfico, em que se contam trabalhos de ficção, conferências, história, biografia, versos, sociologia, etc.; Hector Freitas, autor de um romance, "O Filho da Revolução"; Fanfa Ribas, antigo jornalista e orador parlamentar, tambem apreciável poeta; J. Mesquita de Carvalho, que, para os seus alunos de português, escreveu vários compêndios didáticos, tendo publicado em 1937 ainda "Brasilidade", volume de contos; Narciso Berlese, professor e filósofo; Edgar Schneider, especializado em assuntos econômicos; Olmiro Azevedo, que assina dois livros adoraveis, "Veio d'Água" e "Vinho Novo"; Coelho da Costa, discípulo fiel, dos raros no Brasil, da rigidez formística preconizada pelos fundadores da escola parnasiana na poesia, autor de "Do Som, da Cor e do Perfume", "Ascensões e Declínios", "No Altar da Rima", "No Templo", etc.; João Henrique, o nosso maior latinista, um erudito em questões de linguística, tambem dono de uma bibliografia vastissima; Rúbio Brasiliano, talento moço, que já publicou os contos de "O Dedo da Vida" e duas obras históricas, "O Rio-Grande e a Cisplatina" e "Terra do Gaucho"; e Marieta Mena Barreto Costa, a festejada poetisa de "Desherdados", "A Missão da Beleza" e "Indefinivel".

Mas nem todos os escritores do Rio-Grande-do-Sul estão nas duas Academias e no Instituto Histórico. Alguns há que, seja por visceralmente infensos a tais agremiações ou porque ainda não tiveram oportunidade para delas se acercar, trabalham de fora pela elevação do bom nome cultural do estado e sem menor merecimento que os outros. Há, por exemplo, Érico Veríssimo, que é hoje talvez o romancista mais lido em todo Brasil. Seus livros alcançam sempre estrondosos sucessos. Aí estão eles, esgotando-se logo em cada tiragem: "Clarissa", "Caminhos Cruzados", "Um Lugar ao Sol", "Música ao Longe" e "Olhai os Lírios do Campo", sem falar na biografia de Joana d'Arc e nos interessantes livrinhos infantís da "Biblioteca de Nanquinote". A seu lado, está a "en-

tourage" dos que gravitam, uns mais, outros menos, em torno da Livraria do Globo, que é assim uma espécie do José Olímpio atual e do extinto Garnier, ambos do Rio, em matéria de chama capaz de atrair para em redor de si as mariposas literárias... Dessa grei, não há como deixar de destacar; Telmo Vergara, que escreveu uns contos leves, modernos, de estilo todo próprio, como os que reuniu em "Seu Paulo Convalesce" "Cadeiras na Calçada" e "Nove Histórias Tranquilas"; Viana Moog, uma figura que se projetou como realmente exponencial nas letras brasileiras desde o seu triunfo ao estrear com "Heróis da Decadência", prosseguido em "O Ciclo do Ouro Negro" e "Novas Cartas Persas" e ainda agora confirmado exuberantemente em "Eça de Queiroz e o Século XIX", uma biografia que nada fica a dever às melhores de autores estrangeiros que por aí andam; o poeta Atos Damasceno Ferreira, da "Lua de Vidro" e dos "Poemas da Minha Cidade", que há pouco experimentou com felicidade a novela, em "Moleque"; Manuelito d'Ornelas que foi um dos lideres da escola modernista por aqui, com os versos do "Rodeio de Estrelas" e do "Coração", depois historiador em "Tupan-cy-retan" e agora ensaista com "Vozes de Ariel"; Reinaldo Moura, espírito superiormente orientado, redator do "Jornal do Estado", colaborando efetivamente, com magnificas crônicas no "Correio do Povo", autor do livro de versos "Outono" e do romance realista "A Ronda dos Anjos Sensuais"; Dionélio Machado, que, depois do volume de contos "Um pobre homem"; recebeu em 1934 o "Premio Machado de Assis", da Editora Nacional, de São-Paulo com o extraordinário romance "Os Ratos"; Paulo Correia Lopes, o vate místico dos "Caminhos", dos "Poemas de Mim Mesmo" e dos "Poemas do Amor e da Morte"; Paulo Arinos e Carlos Dante de Morais, críticos literários da nova geração, o primeiro com obra ainda esparsa na imprensa e o segundo tendo publicado já "Viagens Interiores" e "Tristão de Ataíde e Outros Estudos"; e, ainda, entre os mais recentemente aparecidos, Carlos Reverbel, Plínio de Morais, Rivadávia de Sousa, Hamílcar de Garcia e outros.

Ainda devem ser relacionados nesta nominata de integrantes do panorama intelectual dos Pampas algumas outras personalidades, umas da velha guarda, mais ou menos afastadas das lides da pena, outras novas, que recem vão surgindo. Destaquemos, entre uns e outros, Alfredo Ferreira Rodrigues e Assiz Brasil, ambos historiadores e poetas que tiveram a sua época; Aldo Obino, crítico literário e de arte, que se vem impondo rapidamente pelas colunas do "Correio do Povo"; Odacir Beltrão, que tem quasi mais livros publicados que anos de atividade literária; Nilo Ruschel, o poeta das "Canções de Luz e Sombra", cronista de cinema e "speaker" inteligente das nossas estações de rádio; Erasmo Nascentes, humorista que se popularisou com o pseudônimo de "Pinguim"; Getúlio Schilling, autor de "Ibsen á Luz de Sua Correspondência", "Problemas Americanos de Sociologia e Estética" e "Estética das Parábolas de Jesús"; Frederico C. de Andrade e Carlos Minuto, poetas e teatrólogos, o primeiro de Rio-Grande e de Pelotas o segundo; Pedro R. Wayne, que fez poesia futurista em "Versos Meninosos e a Lua" e "Dina" e escreveu um belo romance com a "Xarqueada"; Léo de Arruda e Mário de Sá, cronistas de grande merecimento; Armando Silveira e Alcides Miller, poetas da geração que passou; Rui Cirne Lima, que deixou a lira com que desferiu os cantares de "Colonia Z e Outros Poemas" e "Minha Terra" pela cátedra e pela literatura jurídicas; Ribeiro Taques, remanescente da fase parnasiana, autor das "Loucuras" e das "Algas e Liquens", tão bom poeta como seus contemporâneos ainda vivos e só de quando em quando produzindo alguma coisa; Alfredo Lisboa, Tito Torres e Jac Barbosa; Renato Costa, que escreve sobre assuntos econômicos e de finanças; Raul Pila, jornalista de notavel envergadura; Serafim Machado, Lisboa Estrázulas, Fernando do O' , Oliveira Mesquita, Aristides Bitencourt, etc., etc. Lembremos ainda a gente da imprensa, toda ela de valor e na sua maioria integrada por 'elementos moços: Breno Caldas, Nestor Erichsen, Saí Marques, Talaia O'Donell, Salvador Bruno, Sadí R. Saádi, Clarimundo Flores, Prado Júnior, Adão R. de Barcelos, Raul Barlem, Arlindo Pasqualini, Dario Vignoli, etc.

Abramos espaço ainda para uma referência

ás sociedades literárias das nossas escolas superiores e secundárias, onde uma mocidade prometedora vai preparando as reservas mentais para o Rio-Grande-do-Sul. São inúmeras. Só em Porto Alegre podem ser citadas as seguintes: o Centro Universitário Tobias Barreto, de alunos das faculdades de Medicina, Direito, etc.; a veterana Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar, com sua tambem antiquíssima revista "Hyloea"; o Grémio Literário Humberto de Campos, dos estudantes do Ginásio Cruzeiro do Sul; o Grêmio Literário José de Alencar, dos preparatorianos do Ginásio Porto-Alegre, tambem com um orgão oficial, "O Reflexo"; a Academia Ginasial N. S. das Dores, do colégio desse nome, a qual publica "Avante"; o Grêmio Literário Rui Barbosa, constituido pelas alunas do Ginásio Americano, que editam o jornalzinho "Crisol", e a Academia Literária Sul-Rio-grandense, em cujo elenco se contam já muitos diplomados, com uma revista, "Alfa".

Deixamos para o final propositadamente uma referência à contribuição feminina, que tem sido numerosa. Notar-se-lhe-á apenas falta de certa variedade. A mulher gaucha que escreve atualmente não sai fora da ficção. Mesmo nesta, raramente procura a prosa. São poucas as que incursionam por alí, uma Carmen Anes Dias, por exemplo, escrevendo contos ingênuos e narrando, num livro interessante, a sua viagem pelo país das cerejeiras; uma Ana Aurora do Amaral Lisboa, inserindo periodicamente crônicas no "Correio do Povo"; ou uma Flávia Débora, uma Edite Hervé e uma Diva Pereira, publicando divagações sentimentais. A grande maioria é das poetisas. E no rol destas devem ser citadas, alem das duas "imortais" a que atrás já nos referimos, quando tratamos dos membros das Academias de Letras locais, — Walkyria Neves de Salis Goulart e Marieta Mena Barreto Costa, Alzira Freitas Taques, com "Plenilúnio", "Sombras", "Mãos Prisioneiras" e "Rubís"; Arací Fróis, com "Fragmentos d'Alma"; Circe de M. Palma, com "Ânsias"; Lila Ripoll, com "De Mãos Postas"; Bismalda Mendonça, de produção ainda não reunida em livro; Arací Dantas de Gusmão, emudecida desde o "Êxtase"; Corália Susini Rocha, cujos versos revelam uma personalidade interessante; Aplecina do Carmo e Lola de Oliveira, ausentes do Pago; e a decana da poesia feminina rio-grandense, a veneranda jornalista e escritora Revocata H. de Melo, gloriosa sobrevivente da escola romântica e ainda hoje publicando seus delicados versos nas colunas do velho "Corimbo", que dirige em Rio-Grande.

Movimento intelectual em Pernambuco

FRONTEIRAS -- Jornal de combate e de definição

Nilo Pereira

Ninguem pode se ocupar da vida intelectual de Pernambuco, principalmente em seus ú'timos dez anos, sem aludir à *Fronteiras*. Digo mal: sem fazer de *Fronteiras* o centro da nossa verdadeira atividade cultural. *Fronteiras* — quero logo explicar — é um jornal que surgiu há quasi dez anos, sob a direção de Manoel Lubambo. Quem diz direção de Manoel Lubambo afirma energia, combatividade, coragem, qualidades que ele possue em grau elevado e que teem dado à sua obra sociológica, filosófica e política um sentido de duração e profundidade incontestaveis.

Conhecí Manoel Lubambo desde o primeiro número do seu jornal; moço, inquieto, corajoso, nunca o vi fora da sua trincheira de lutador, de reacionário católico; anti-romântico e anti-liberal, sua vocação foi sempre a de uma integração conciente nos quadros de uma realidade bem brasileira. Sem ter participado, como muitos moços do seu tempo, da vida agitada das Academias; sem ter querido ser bacharel como qualquer brasileiro lírico maior de 16 anos, — Manoel Lubambo teve, contudo, nas Academias, a influência do seu nome e da sua obra. Eu era estudante e me lembro como *Fronteiras* caía, como uma bomba, no seio da juventude acadêmica; como se discutia em torno da obra que Lubambo ia construindo num meio que, até então, só havia conhecido a pacatez burguesa de certo catolicismo maçonizado. Com a preocupação da verdade, Lubambo acompanhava, já em 1931 e 1932, a marcha da vida intelectual de Pernambuco para espalhar nela as sementes da verdade, que o apaixonava; daí, não ter esquecido de voltar a sua observação para a vida acadêmica, para a Faculdade de Direito do Recife sobretudo, onde velhos remanescentes do naturalismo jurídico e aliados das doutrinas comunistas, que então faziam época, procuravam subverter a tradição nacional. Lembro-me do bem que ele nos fez, então; incentivando muitos a continuarem o bom combate; esclarecendo outros que, só por ignorância, estavam do outro lado.

Saliento a influencia que *Fronteiras* teve na vida acadêmica do meu tempo para demonstrar que a sua ação, estendendo-se a varios setores, não podia deixar de atingir um daqueles que a insídia dos inimigos da ordem e da verdade mais de perto procurou minar — a Faculdade de Direito. Com as suas tradições culturais, com o seu prestígio na vida política do país, a Faculdade de Direito do Recife não podia deixar de ser um dos pontos visados pela anarquia bolchevista. E foi, realmente. Pois bem: — em meio dessa indistinção que atingia não sómente esse centro cultural, mas toda a nação, uma força se organizou, coesa e indestrutivel, pugnando pela ordem e pela integração do Brasil no verdadeiro espírito da sua tradição. Essa força foi o grupo de intelectuais, dirigido por Manoel Lubambo. Essa força foi *Fronteiras*. Reconheço, hoje, o benefício que esse jornal prestou a todos nós, convidando-nos para uma ação decisiva e enérgica; ação em que Manoel Lubambo pôs a sua energia e a sua vida, o seu espírito combativo tão à feição de Jackson de Figueiredo e de Luiz Veuillot.

Fronteiras, com a sua ação, constituiu-se uma grande página da vida cultural de Pernambuco. Ação que penetrou não sómente o ambiente acadêmico, em geral eivado de individualismo e de *snobismo*, mas, tambem, o ambiente econômico, sociológico e histórico de Pernambuco. Daí, a sua luta pela caracterização da nossa fisionomia; a sua luta pela tradição — a tradição econômica, social e política de Pernambuco e do Brasil. Através le quasi um decênio, *Fronteiras* não tem feito mais do que terçar armas pela valorização das nossas forças espirituais. Veja-se o que foi a sua campanha — a um tempo cultural e política — contra a nassovismo; contra o sociologismo de esquerda, saturado de pornografia; contra o comunismo (em todas as suas manifestações); contra tudo, afinal, que não afirmasse a Pátria e o Espírito.

Falando de *Fronteiras*, julgo ter falado de um largo e fecundo capítulo da vida intelectual de Pernambuco. Mas eu não quero apenas referir; quero apontar esse exemplo de abnegação e de coragem a todos os intelectuais brasileiros, dignos deste nome.

MOVIMENTO LITERÁRIO DO ESPÍRITO-SANTO

Almeida Cousin

Vai longe o tempo em que Osorio Duque Estrada podia com justiça dizer inexistente a literatura espírito-santense. Hoje tem-na o Espírito-Santo e não só dentro dos limites do Estado como na projeção de alguns nomes acatados nas letras nacionais ou sul-americanas.

O ano que findou, de 1938, não esteve, aliás como nos outros Estados do Brasil, mais ferteis e brilhantes. Merecem entretanto registro o aparecimento de algumas obras e os seus principais pontos literários.

Academia Espírito-santense de Letras

Entre estes sobreleva certamente o despertar da Academia Espírito-santense de Letras, adormecida quasi desde a sua fundação e que entrou este ano em nova fase de atividade, remodelando-se; aumentando para trinta o número de suas poltronas; realizando sessões e solenidades de recepção e articulando-se com as demais academias do país por filiação á Federação das Academias de Letras do Brasil.

Damos a seguir a relação dos membros desse cenáculo, com os respectivos patronos das cadeiras:

Abner Mourão — jornalista e prosador;
Abilio de Carvalho — poeta e jornlasita;
Afonso Lírio — advogado e jornalista;
Antônio Pinheiro — poeta e jornalista;
Alarico de Freitas — advogado, jornalista e professor;
Alvimar Silva — poeta e prosador;
Archimimo Martins de Matos — professor e jornalista;
Aristóbulo Leão — jornalista e professor;
Aristeu Aguiar — advogado, professor e jornalista;
Augusto Lins — poeta e prosador;
Aurino Quintais — jornalista e professor;
Alvaro Moreira — o conhecido Saul de Navarro;
Benedito Paulo Alves de Souza — orador sacro;
Barros Wanderley — jurista e prosador;
Beresford M. Moreira — poeta e prosador;
Carlos Xavier Paes Barreto — advogado, professor e publicista;
Carlos Madeira — prosador e romancista;
Colares Junior — poeta e prosador;
Círo Vieira da Cunha — poeta, professor e jornalista;
Elpidio Pimentel — filólogo e jornalista;
Ernesto da Silva Guimarães — jornalista e dramaturgo;
Euripedes Queiroz do Vale — jornalista e prosador;
Garcia de Resende — jornalista;
Heraclito Amancio Pereira — prosador e historiógrafo;
Jair Tovar — poeta e prosador;
José Coelho de Almeida Cousin — poeta e prosador;
Manoel Lopes Pimenta — jornalista e educador;
Madeira de Freitas — o conhecido Mendes Fradique;
Manoel Teixeira Leite — poeta, prosador e jornalista.

Formam a sua atual diretoria o acadêmico Dr. Alchimimo Martins de Matos, que é o seu presidente, e o Dr. Augusto Emilio Estelita Lins, que é o secretario.

Os acadêmicos Abilio de Carvalho, Antônio Pinheiro e Carlos Madeira, ainda não foram recepcionados.

Há, ainda, uma vaga nesse alto Cenáculo de Letras que será preenchida, brevemente, por inscrições individuais.

As festas acadêmicas se teem realizado no "Clube Victória" e veem contando com o melhor apoio possivel da sociedade capichaba, mesmo porque a Academia concentra as mais altas expressões da mentalidade espírito-santense moderna.

Obras publicadas

De recente aparecimento, tendo surgido à luz em fins de 1937 ou durante o ano de 1938, os seguintes livros:

"Romance de Teresa Maria", de Carlos Madeira, "Naufrágios" (poesia) de Almeida Cousin: "Clarões" (poesia) de Alvimar Silva; "Torturados" (romance) de José Tatagiba; "Cinza, Poeira de Ilusões" (poesia) de Antônio Pinnheiro; "Escada da Vida" (poesia) de Benjamin Silva; "Crepúsculo", de Fernando de Abreu; "Vestigios da Dor Antiga" (poesia) de Abílio de Carvalho; "Muqueca da Belmira" (teatro) de Ernesto Guimarães; "O Amor de Don Juan" (poesia) de Almeida Cousin; — alem de numerosas brochuras contendo ensaios e discursos de recepção acadêmica.

Como literatura jurídica, releva notar dois estudos de real valor, relativos à Constituição Brasileira de 1937, de autoria, respectivamente do Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto e do Dr. Augusto Estelita Lins.

Conservam-se inéditas numerosas obras literárias, algumas das quais figuram e foram mesmo declaradas premiadas no "Concurso de Autores e Obras Espírito-santenses" ultimamente verificado, devendo-se citar como autores os nomes de Newton Braga, Clovis Ramalhete, Adolfo Monjardim, Heitor Rossi Belache, Ernesto Guimarães, Arnulpho Neves, Carlos Madeira, Almeida Cousin, Salvador Thevenard, Alvimar Silva, Claudionor Ribeiro Teixeira Leite, Beresford Moreira e Antônio Pinheiro, todos ou declarados premiados no primeiro concurso ou concorrentes com obras de valor ao segundo concurso, de 1938, que não se realizou.

Entre os que militam na seara literária ou jornalística fora do Espírito-Santo e das suas sociedades de letras, neste momento, cabe mencionar Rubem Braga, Haydée Nicolussi, Nilo Aparecida Pinto, Achiles Vivacqua, Violeta Kosta, etc. Entre os novos, já com publicações que lhe conferem lugar distinto em diversos setores, convem mencionar Jair Amorim, Levy Rocha, Celso Bomfim e, na ala feminina, Yvonne Dinis, Lúcia Castellani Nunes, Maria José de Albuquerque e Arlette Cypreste.

Nos últimos anos, em período anterior, surgiram entre as obras que merecem registro, "Plenilunios", poesia, de Teixeira Leite; "Itamonte", epopéia brasilística, de Almeida Cousin; "Caiçaras", contos regionais, de Carlos Madeira; "Espera Infantil", poesia, de Ciro Vieira da Cunha; "Farrapos" e "Um livro como os mais", discursos e estudos sociais, de Fernando de Abreu.

Carlos Madeira

Como literatura científica e didática, o Espírito-Santo deu livros ginasiais de Menezes Pimentel e de Almeida Cousin; teses deste último e de Olinto Couto de Aguirre, apresentadas aos últimos Congressos de Clínica (1937) e, principalmente, trabalhos de valor publicados em revistas de botânica do Brasil e do exterior por Maria Stella Novaes, que vem realizando trabalho notavel de minúcia científica e beneditina paciência relativo às orquídeas espírito-santenses, de que tem já catalogadas e estudadas mais de 200 espécies.

Mantem o Espírito-Santo duas revistas literárias: "Vida Capichaba" e "Chanaam"; uma revista judiciária: "O Espírito-Santo Judiciário" publicadas regularmente a período curto, alem de publicações esporádicas ou de período longo. Tem três jornais diários na capital: "Diário da Manhã", "A Gazeta", a "Tribuna" e muitos jornais municipais.

Inteligência de Alagoas

Ulysses Braga Junior

38 *foi por assim dizer um início de renascimento para as letras alagoanas.*

Tivéramos há cinco ou seis anos aquí uma fase áurea. Circunstâncias felizes diversas reuniram no nosso meio José Lins do Rego, que escreveu seus primeiros livros em Maceió; Santa Rosa, já revelado o grande artista que todos conhecemos, e os de casa: Graciliano Ramos, Aloísio Branco, Valdemar Cavalcanti, José Auto e tantos outros. A literatura invadiu tudo então: os "bars", os campos de futebol, as praias, o artigo político e a crônica policial dos jornais.

Da grandiosidade desse momento passamos logo depois, com a emigração de tanta gente ilustre, para uma fase estúpida e de enervante preguiça intelectual. 38, *com o pouco embora que fizemos, foi assim um início de renascimento.*

Fundamos o Departamento de Estatística e Publicidade do município e a irradiação que vem tendo na vida intelectual do Estado é muito grande. Não se bastou ele com a criação da Biblioteca Pública de Maceió. O Departamento promoveu conferências, um curso sobre o negro em Alagoas, publica comunicados e "plaquettes" e até uma revista já nos está prometendo. A criação do D. E. P. que foi uma idéia feliz, por si só não seria, entretanto, esse tônico para a vida mental do Estado. Outro ato completou-a: a entrega da sua direção a Aurelio Buarque, a quem se deve tudo o que o orgão municipal realizou.

Outro empreendimento elogiavel tentou-se entre nós: a fundação de uma secção editora na Livraria Ramalho, que já nos ofereceu dois livros de autores alagoanos e promete vários outros, alem da publicação que vem fazendo de uma revista mensal.

A agitação foi salutar e teve seus resultados. A Academia Alagoana de Letras, que se entregara a um marasmo desolador, voltou à atividade, e os concursos da Faculdade de Direito de Alagoas reafirmaram essa preocupação dos estudos.

Emilio de Maya publicou um livro sobre o petróleo e anunciam para o ano vindouro, na "Brasiliana" da Editora, uma obra séria do jovem estudioso alagoano Diégues Junior. O mistério com que cerca o autor o seu trabalho, não autoriza uma notícia detalhada do livro. Ele compõe suas páginas em segredo, como quem trabalha um filho.

Deu-se um fato interessante nas atividades intelectuais de Alagoas em 38. *Enquanto os jovens como Diégues Junior e Humberto Bastos tentam cousa séria, os mais velhos, como Americo Melo e Rodriguez de Melo, anunciam-nos livros de poesia. Versejam em pleno outono da vida e o amor nos seus sonetos está tão forte como possivelmente aos* 18 *anos. Dobrado em ambos o cabo dos* 50, *sem o menor exagero, seus corações, auscultados nos versos, nenhum sinal dão ainda de enfermidades. Pulsam moços e fogosos.*

Quando os mais jovens lançam-se ao estudo histórico-social, os velhos, parece que, cansados do esforço de compreensão, cada vez mais impossivel, da vida, regressam ao cantar da primeira idade literária.

Uma nota triste para esta rápida página

FRAGMENTOS DO POEMA "EXALTAÇÃO"

Exalto a fugidia miragem do teu ventre!
Ventre que se deixou fecundar pela minha emoção.
E que lhe fecundou o frêmito mais intenso e universal.

.. ..

Exalto a tua animalidade convergente e dispersa!
A poliandria dos teus instintos.
Dos teus instintos insubmissos e polícromos.
Que perpassaram por todos os meus eus os fluxos e refluxos das suas marés.
Que hauriram todas as minhas vidas.
Que beijaram todas as minhas bocas.
E que multiplicaram as divindades dos meus êxtases.

.. ..

Exalto o grito supremo da tua animalidade!
Eco surdo de todos os gritos.
Síntese gloriosa de todos os anseios.

Exalto as pausas das nossas vidas!
Onde fecundaram os polens de novos rítmos.
E se orvalharam as corolas das tuas noites adormecidas.
E os germens da criação abriram em luz a aurora do teu ser.

JORGE COUTINHO

---

sobre o movimento literário de Alagoas em 1938. A morte roubou-nos duas figuras de relevo: Moreno Brandão e João Barafunda. O primeiro dera-nos ultimamente uma biografia de Silveira Lobo, editada no Rio. O outro estava há vários anos afastado duplamente de nós: pela distância e pelas grades de um hospício. Sua morte foi sentida entre nós, no entanto, como se ele nunca nos tivesse deixado.

Embora andasse recebendo tiros no Amazonas, metendo-se em querelas políticas no Rio-Grande-do-Sul e publicando panfletos na impresa carioca, aquele seu doce soneto "Volta, João" não nos mente dizendo que ele viveu sobretudo entre nós.

Panorama da literatura fluminense

Alvarus de Oliveira

O Estado do Rio, mais que qualquer outro, luta com uma grande dificuldade: — a sua proximidade do Rio. Não pode ter uma imprensa paralela com a do Rio-Grande-do-Sul, de Minas, de Pernambuco, de Baía, etc. que se equiparam e sobrepujam, às vezes, a do Rio; não pode ter editoras como há no Norte, em São Paulo, no Rio-Grande-do-Sul, etc., que se equiparam tambem as do Rio.

Por isso aqueles que não se passam para a capital da República dificilmente fazem seu nome conhecido através de qualquer setor da existência.

Foi assim sempre. No passado, Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompéia, Euclides da Cunha, Lúcio de Mendonça, José do Patrocínio, Silva Jardim, Alberto de Oliveira, B. Lopes, Casimiro de Abreu, Luiz Murat, Raul de Leoni, etc., como no presente, Agripino Grieco, Carlos Maul, Eloy Pontes, Oliveira Viana, Everardo Backeuser, e dois outros nomes que pouco teem de literatos como Fernando Magalhães e Levi Carneiro, não teriam a projeção que tiveram e teem se não tivessem atravessado da margem oriental para a ocidental da baía Guanabara...

Não que haja falta de grandes culturas no Estado. Lá estão Melquiades Picanço, Armando Gonçalves, Ismael Coutinho etc. Não que faltem literatos de mérito. Lá estão Proto Guerra, Salomão Cruz, Altino Pires, Oliveira Rodrigues, Brasil dos Reis, Joaquim Laranjeira, etc.

Mas falta uma imprensa capaz de torná-los conhecidos. Uma imprensa que rompa as distâncias e as "fronteiras" dos Estados, uma imprensa tão boa como a do Rio que possa fazer concorrência aos jornais cariocas não só dentro do Estado como do próprio Distrito Federal. Isto não é coisa impossivel pois acontece com Santos e São Paulo. Mas temos fé que o ano de 1939 será para o Estado do Rio de grande importância neste setor. Há uma empresa jornalística no Estado que tem forças para isso e tê-lo-emos concretizado com o novo "Diário da Manhã", com possante rotativa, enfiltrando-se por todo os municípios fluminenses e sendo vendido no Rio como um jornal carioca. Teremos tambem uma revista tão boa como qualquer do Rio, a "Metrópole", que já provou que isto pode ser real e que ressurgirá feita em suas oficinas próprias.

Isto feito e com a "Biblioteca de Obras e Autores Fluminenses" que já é uma realidade, com a assinatura de um decreto pelo Governo Amaral Peixoto autorizando prêmios literários que foram solicitados por nós, o Estado do Rio dentro de pouco tempo estará redimido do marasmo em que tem vivido nas letras.

Parece que soou a hora boa da terra fluminense. Ressurge, pelo saneamento, a sua baixada onde a metade das suas terras viviam alagadas, transformadas em pântanos e em focos de mosquitos e de febre. Meio Estado do Rio revive qual a Fenix lendária. Novas cidades vão surgir e ressurgir. Novas energias vão ser criadas...

A velha província que tantos nomes tem dado a história do Brasil em todos os setores da vida humana, que deu um engenheiro

como Pereira Passos, um grande médico como Miguel Couto, um grande general como o Duque de Caxias, um grande educador como Felisberto de Carvalho, um grande pintor como Antônio Parreiras, um grande político como Nilo Peçanha, um grande jornalista como José do Patrocínio, um grande astro teatral como João Caetano, cinematográfico como Leopoldo Fróis, vê chegada a hora da sua redenção.

Com prêmios ótimos dados pelo Governo para estímulo da sua produção, com editora de renome nacional para publicação das suas obras, com um jornal e uma revista de grande circulação para publicidade das suas páginas e dos seus trabalhos, o fluminense aparecerá, finalmente, no setor das letras brasileiras com editora sua, com imprensa sua, com estímulo seu!

E terá o seu nome projetado do seu próprio torrão, sem ser preciso emigrar para terras outras.

E nós nos daremos por muito felizes em ver tudo isto concretizado, em ter ajudado com o mínimo de nossas forças este grande empreendimento, em ver este sonho realizado...

*

* *

Dadas as explicações acima não será preciso dizer mais nada a respeito da não irradiação das obras literárias fluminenses aparecidas no ano de 1938. Foram livros de pouca tiragem. Que não transpuseram "fronteiras".

Joaquim Laranjeira o verdadeiro substituto de Paulo Setubal, cuja obra tem sido apontada como acima da do escritor paulista, publicou "Caxias, o Duque de Ferro" uma das primeiras biografias do grande general, "O Bequimão", ambos romances históricos. Mas não tiveram a repercussão da "Conspiração dos Búzios" dada à publicidade através de editora carioca na coleção "Biblioteca de Obras e Autores Fluminenses". Sebastião Lasneau deu à publicidade "Por do Sol", poesias, Melquíades Picanço apresentou "Vários Assuntos" crônicas, Lacerda Nogueira publicou "A Mais antiga Escola Normal do Brasil" histórico da Escola Normal de Niterói, hoje Instituto de Educação; Clovis Mendes deu "Síntese da Evolução Social" — Zenatti dos Alvamilo publicou "Portugal perante o Mundo. — Vasconcelos Torres "Palavras que rimam" — versos — "— Macário de Lemos Picanço apresentou "Lúcio" e "O Fim de uma jornada"; — Brasil dos Reis deu os primeiros fascículos da História de Angra dos Reis" — Hélio Nogueira publicou "Anfora de Cristal" — poemas — Luiz Muniz deu "Alma em Versos" etc. etc.

Como se vê, não foram poucas as obras que sairam à publicidade na terra fluminense; só não tiveram, como acima afirmamos, a necessária repercussão. Tiragens pequenas, sem distribuição e propaganda, ficaram entre os conhecidos dos autores, entre os amigos. Foram obras de valor mas que não se irradiaram, não transpuseram "fronteiras". Devemos louvar aqui o esforço dos nossos patrícios, arrojando-se a tão heróico empreendimento, o de publicar as suas próprias obras, tendo gastos materiais alem do fosfato perdido produzindo os seus trabalhos.

São esforços que devem ser destacados, pois cada uma obra destas aparecida pelo próprio esforço de cada um é um clamor contra o desamparo em que estão a litetarura e os intelectuais da nossa patria.

Dentro da "Biblioteca de Obras e Autores Fluminenses" por nós dirigida, e editada pela Brasília Editora do Rio, apareceram os quatro primeiros trabalhos:

1.º — "Conspiração dos Búzios", um forte romance histórico, de Joaquim Laranjeira; 2.º — "História Literária Fluminense", de Rui Gonçalves que é membro proeminente da Academia Maranhense de Letras; 3.º — "Ritmo do Século", um romance carioca de nossa autoria; 4.º — "E o Brasil despertou..." romance político de Newton de Braga Me...

Estas obras encerraram o ano 1938, para a literatura fluminense.

*

* *

A-pesar-de no Estado do Rio haver muitas entidades literárias (Só em Niterói existem quatro), estas instituições estão inexplicavelmente inativas, sem nada realizar, sem nada fazer pela literatura do Estado e do país. Morrem sumidades literárias fluminenses e nacionais e as academias não tomam conhecimento... Felizmente o Governo olha para o lado da Arte, sem ser necessária a intervenção das faladas academias, porque senão nem por este lado se conseguiria alguma coisa. O governo por si só, por amor ao patrimônio artístico do Estado, vai tornar a casa do grande pintor Antônio Parreiras em Museu

(*Continúa no fim do ANUARIO*)

NOMES E PSEUDÔNIMOS

Martins Castelo

Não resta a menor dúvida de que o nome tem uma influência decisiva no destino dos indivíduos. Um apelido antipático ou ridículo é capaz de inutilizar a vida do mais apto dos cidadãos. O nome é um fator tão importante na vitória de um produto comercial como na tranquilidade de um chefe de família ou na glória de um escritor.

E' claro que, de certo modo, a pessoa pode fazer o nome. Mas a verdade é que o nome é a primeira amostra do indivíduo. E' o seu cartaz. E, assim, pode conquistar simpatias ou limitar aspirações. Há mesmo nomes que, no seu tremendo ridículo, pesam mais do que o remorso de um crime. E, por falar em crime, vale a pena recordar um expressivo princípio do Direito medieval. Quando havia dúvidas, entre duas pessoas, a respeito da autoria de um delito, era condenada aquela que possuia o apelido mais feio. E vem daí a advertência de que ninguem se perca pelo nome.

A questão do nome é tão importante — e assume, no Brasil, aspectos tão extravagantes — que um deputado mineiro não vacilou em levá-la para a antiga Câmara, procurando regulamentar a distribuição de apelidos como se acham regulamentados o problema da imigração e a liberdade de imprensa. Os deputados, preocupados com outros casos, não quiseram, porem, tomar conhecimento do assunto. E a questão continuou de pé.

Se um indivíduo desocupado desejasse fazer um estudo minucioso do problema, chegaria, entretanto, à conclusão de que a questão do nome não constitue um caso irremediavel. Há o recurso do pseudônimo. Troca-se de nome. E esta tem sido, há vários séculos, a medida adotada. Principalmente nas letras e nas artes.

Façamos, a esta altura, um parêntesis, para um reparo necessário. Existe muita gente que considera a adoção de um pseudônimo um gesto de covardia, uma demonstração de inferioridade. E' um engano. E', mesmo, mais do que isto — é uma injustiça.

Ramon Gomez de la Serna já fez, com aquela sua sutileza habitual, uma observação aguda e exata. O escritor, quando escolhe um pseudônimo, desprende-se do mais pesado de si mesmo, colocando-se aos próprios olhos como mais um produto de sua imaginação. Vai conviver com os seus personagens como um novo personagem, e, portanto, com maior liberdade de movimentos. Mas, de qualquer modo, para a utilização de um pseudônimo, é preciso coragem, pois o ato tem, no primeiro momento, alguma semelhança com um suicídio. E' a morte de uma personalidade para o nascimento de outra personalidade. E isto com a necessidade de ser atingido, na transformação, apenas o nome...

O pseudônimo é um recurso excelente. Qualquer pessoa, estando descontente com o seu nome, arranja outro — seja escritor, "estrela" de cinema ou artista do "broadcasting". E, em todos os tempos, o pseudônimo soube assegurar o seu triunfo, matando os apelidos do registo civil e criando novos e gloriosos nomes para as letras e as artes. A história está cheia de exemplos. De Voltaire a Gabrielle D'Annunzio e de Anatole France a André Maurois.

Voltaire, cujo verdadeiro nome era François Marie Arouet, usou e abusou dos pseudônimos, chegando a utilizar, segundo o depoimento de Querard, nada menos de cento e sessenta. Chamou-se Ivan Alethof, Comte de Corbera, Docteur Akakia, e, finalmente, adotou o nome de uma pequena fazenda pertencente à sua familia, com que conheceu a imortalidade. E quasi o mesmo sucedeu com Balzac. O mestre de "La Comédie Humaine" ingressou nas letras com o pseudônimo de Lord Rhoone, anagrama do seu nome, tendo, depois, publicado algumas novelas como H. de Saint-Aubin ou Alfred Couvreux.

A lista é, entretanto, muito longa. George Sand chamava-se Aurore Dupin. Anatole France era Anatole Thibault. O verdadeiro nome de Pierre Loti era Jean Viaud. Má-

ximo Gorki tinha, na realidade, o nome de Alexis Maximovich Pechkof. Sthendal era Henri Beyle. O. Henry chamava-se S. W. Porter. O registo civil dava a Ruben Dario o nome de Ruben Gomez. E a glória de Gabrielle D'Annunzio tornou esquecido o nome prosaico de Gaetano Rapagneta.

Era assim, no passado, o prestígio do pseudônimo. E continua a ser assim no presente. Basta ver alguns nomes dos mais expressivos das letras mundiais. Jules Romains chama-se Louis Farigoule. Luc Durtain é André Nepveu. Louis-Ferdinand Céline assinava, antes de ser escritor, François Destouches. Claude Farrère é Charles Bargone. Gabriela Mistral chama-se Lucila Godoy.

O leitor há de estar, naturalmente, pensando no Brasil. Os nossos escritores tambem não fugiram à regra. De Euclides da Cunha a Medeiros e Albuquerque, e de Castro Alves a Humberto de Campos, os homens de letras brasileiros usaram pseudônimos. Aí estão Paulo Barreto e Gustavo Barroso. E mais ainda, existem escritores que adotaram pseudônimos absorventes, que tornaram quasi esquecidos os seus verdadeiros nomes, como Tristão de Athayde, Marques Rebello, Terra de Senna e Edmundo Lys.

O pseudônimo tem se imposto em todos os tempos e em todos os paises. Um humorista já chegou a dizer que, antes de surgir a literatura, o Criador adotou o nome de Jeová. E são incontaveis os literatozinhos que, vivendo das idéias alheias, passam a existência como autênticos pseudônimos.

TRECHO DE ROMANCE

(DO ROMANCE INE'DITO: "O RIO CORRE PARA O MAR")

Nélio Reis

Everaldo ajeitou pela décima vez o lenço enfeitado do bolsinho do paletó. Sentia que todos os olhos estavam postos nele. Compreendia que aquela gente estava à espera de que ele soltasse a primeira frase; era doutor, viera da cidade, falava difícil — tinha obrigação, portanto, de abrir a conversa.

Olhou desconcertado para Zito Brígido. Fora ele quem o trouxera à reunião, atendendo às instâncias de Erberto. Mas o homenzinho não havia meio de tirar os olhos do bico do pé, o corpo esticado lá no finzinho da cadeira.

Havia sido apresentado:

— Aqui é o Dr. Lima de Castro, juiz de Direito e chefe político.

— Prazer.

O Dr. Lima de Castro tinha um prazer enorme, porque estudara medicina quando moço e gostaria de relembrar certas coisas:

— Muito prazer mesmo.

Apresentou por sua vez:

— Minha esposa Florzinha.

Mas o prazer de D. Florzinha era ainda maior do que o do marido, porque, de uns tempos para cá, ela andava com umas pontadas aqui no fígado — mostrava, lá nela — que não a deixavam sossegar.

— Sua vinda foi providencial para mim, doutor. Não foi, Joca?

Dr. Castro concordou e continuou a apresentá-lo ao major Jordão, ao Donga e ao seu filho, Dr. Flávio Castro, todos muito atenciosos. Só aquela professorinha metida a nove horas — era até bem bonitinha — recebeu-o com indiferença.

— Srta. Oceanira Abreu, professora, — Dr. Castro curvou-se galante — é a moça mais bonita da terra.

— Muito prazer, senhorita.

— Da mesma forma.

E continuou indiferente a conversar com o tal de Donga que chegara de viagem.

Agora estavam todos olhando para ele. Remexeu-se nervoso na cadeira. Achou apalermada a cara do juiz. Comparou o vestido de D. Florzinha com o camisolão com que o seu padrinho, já velho, gostava de dormir. Olhou para Oceanira. Não reconheceu a moça que passara sorrindo pela sua janela, no dia da chegada. Achou-a petulante com aqueles olhos grandalhões e o nariz arrebitado. Donga com o seu pigarro, Zito Brígido com seus olhos caídos, todos, ele misturou na mesma antipatia. Gente lesa, sem linha, sem compostura. Isto lá era jeito de se receber alguem; tudo calado, olhando, como se ele fosse alma do outro mundo.

Na rua um moleque passou, arrastando uma caixa de charutos com rodas de carretéis: dem-dem! dem-dem! — feito bonde.

Todos olharam pela janela. Depois voltaram-se logo para ele, perguntando com uns meios sorrisos sem jeitos: gozado, não é? Mas só com os sorrisos.

Empurrou agitando o lenço que desapareceu pelo bolso. Voltou a puxá-lo pelas pontas, devagar, ajeitando uma, ajeitando outra. Depois deu um empurrão e meteu tudo para dentro de uma vez só.

O silêncio estava pesado. Era como uma pedra que estivesse alí no meio da sala, domi-

nando tudo, desafiando um forçudo que a levantasse.

Sentiu vontade de ir tomar o bengalão do major e metê-lo naquela gente toda. Acabar com os pigarros de Donga. O sacudir do pé do Dr. Castro. Esmagar os dedos de D. Florzinha batendo no espaldar da cadeira. Mas, principalmente, sentia vontade era de torcer o nariz arrebitado daquela professorinha que tinha um ar de quem está gozando aperturas alheias.

Enxugou o rosto. O suor corria pelo pescoço, encharcando a camisa, aumentando o mal estar.

Oceanira compreendeu a situação. Achou-se má em estar prolongando o embaraço geral.

— E' verdade, doutor, que vem disposto a debelar o impaludismo aquí?

Todos respiraram desoprimidos. O juiz soltou a respiração — schiii — aliviando o peito de chumbo. D. Florzinha ajeitou-se na cadeira. Donga deu um pigarro bem forte. Zito Brígido enterrou mais os olhos, murcho como um balão furado.

Só ele não se satisfez com aquilo.

— Assim dizem.

Resposta seca. Cortante. Para que ela compreendesse que não precisava da sua proteção.

Mas o pesoal agarrou-se ao assunto.

— Faz muito bem, doutor.

— Olhe que era uma mão na roda para o progresso de Santarem.

Dr. Castro entusiasmava-se:

— Nem se discute.

Todos queriam falar ao mesmo tempo. Entreolhavam-se, davam opiniões, faziam-lhe perguntas que ele mesmo se encarregava de responder, ante o seu silêncio. Compreendia-se que todos estavam com medo da pedra.

Foi a sua vez de gozar a agonia dos outros. Dr. Castro já repetira, pela quarta vez, que o problema do impaludismo era ainda maior do que o do analfabetismo.

— Uma criança pode lucrar as lições com uma barriga cheia de vermes?

O Juiz interrogava-o ansioso com os olhos. Ele ficava calado, agressivo. O juiz tentava rir:

— Os vermes são até capazes de comer as lições decoradas.

Todos riam: — Esta é boa! — Só ele ficava de cara fechada, frio, com vontade de negar, só para desconcertar aquele povinho antipático.

— Não é, Dr. Everaldo?

Cara fechada. Olhar frio.

Mas o Dr. Castro não se dava por achado:

— E'. Cuide disto direito. Meta injeção e pílulas, e eu lhe mostro se aquí D. Oceanira não põe este povinho todo para ser doutor em dois tempos.

A noite lá fora parecia agora mais escura. Ventava. O lampião brincava de mágica, tirando e pondo sombras na calçadinha em frente da casa.

Dr. Castro voltava à carga:

— O Sr. sabe que moleque daquí come barro?

Everaldo assentava sobre o juiz uns olhos irônicos, desconcertantes. Mas qual: o juiz nem notava.

— Pois comem barro, e comem de grande. Tambem, a barriga deles é assim...

Ilustrava a frase estendendo as mãos para frente.

E a noite corria...

PILAU

Jorge Azevedo

Meu tio Nicolau era um emérito contador de histórias. À maleabilidade do seu sotaque nortista, arrastado e vagaroso, os traços característicos, físicos e psicológicos, das personagens se evidenciavam, e os detalhes lhes emprestam tal força retrospectiva, que muitas vezes julgávamos, nós que sempre o ouvíamos atentos e assustados, virem aquelas figuras, movimentadas pelas suas palavras e exumadas do passado pela sua prodigiosa memória, cirandar no terreiro, dentro da noite fisgada pelos coriscos dos pirilampos. Perto da larga porta da cozinha, a sua banqueta de madeira tosca, cujo assento era anguloso, incômodo mesmo, o esperava todas as tardes, quando o crepúsculo espesso caía sobre o matagal compacto e os grilos começavam a orquestração enervante. Agrupávamo-nos em redor da mesa da cozinha construida metade de bambú, através de cujos largos intervalos vislumbrávamos, medrosos, o pisca-piscar dos vagalumes no negror noturno, e, silenciosos, esperávamos, habituados já com o longo silêncio que a precedia, a história da noite...

Podia tia Mariana não nos dar, como castigo às nossas travessuras diurnas, o saudoso café acompanhado do angú ou do cuscuz: embora resmungando, tomávamos, às tontas, o caminho da cama... Mas faltasse-nos a história de tio Nicolau! Ficaríamos, alí, pregados nos bancos, a noite toda... O rumorejo monotono da cachoeira que circundava a casa já era parte integrante do silêncio, atravessado, de vez em quando, pela voz do tio Nicolau narrando o caso da Noite, virgulado por gargalhadas longínquas de corujas vindas das brenhas do matagal, e penetrando pelas frinchas dos bambús, inteiriçando-nos sobre os bancos... E quando a chama fumarenta da cabana dependurada num gancho pendente do travessão da cumieira bruxuleava, à falta de azeite, desenhando espectros nas paredes, apaga-não-apaga, a uma lambada de vento? E, tambem, quando, no auge da história, a galinhada desandava numa zoeira doida, batalhando nos poleiros, à aproximação das gambás e dos furões, e tio Nicolau, interrompendo o caso, empunhava o velho trabuco, saindo escuridão a fora, deixando-nos sozinhos? Era uma correria desastrosa para as camas. Lembro-me ter enfiado, muitas vezes, a cabeça no pilão para não enxergar, através, dos bambús, a noite torva, reticenciada de fosforescências metalicas...

Certa tarde, o silêncio-prefácio prolongou-se pela noite a dentro. Sentado na banqueta, tio Nicolau chupava o cigarro de palha e olhava, absorto, o crescente adensamento das trevas sobre a morraria, indiferente mesmo ao auditório que, espectante, rodeava a mesa, trepando nos bancos. A cabana fumegava rolos negros de fumaça que pixava o sapê, e os monótonos tiquetaqués do relógio da parede ressoavam, fragmentando o tempo...

Foi quando o Bibí, o primo mais velho, impaciente ousou perguntar:

— Papai, e a história de hoje?

Tio Nicolau, baforando a fumaça, pareceu despertar de sonolência em que silenciara, e estranhou, ao mesmo tempo, nossa presença:

— Vocês ainda estão aí? Hom'essa! Não disseram que iam no Mané Piraí tocar pandeiro? Tá fechado? É... hoje é dia. Sá Dona Marina já foi deitá... Vão drumí tombem... Hoje não tenho nenhuma... E o Jorge não vai lavar os pés na cachoeira? Leva a cambana p'ra alumiá ele, seu Bibí!

Desvanecido pela atenção, adiantei-me, maneiroso, até a banqueta, pousando-lhe a mão no ombro:

— Eu vou-me embora amanhã, tio Nicolau, e desejava, pela última vez, uma história das suas... Ainda não são nem oito horas, e o senhor bem pode contar um caso qualquer... dos tempos da escravidão, por exemplo... O senhor sabe tantas...

Tio Nicolau — que os bons espíritos o levem a Deus! — gostava de mim, embora, muitas vezes, me vergastasse o procedimento impensado de garoto traquinas com reprimendas ásperas: "Eu te dou banho de açude, "seu" Jorge! Eu te dou preá, tatú! Eu te dou tiradeiras, "seu" atrevido! E alisava o correão de couro cru, nervoso, agitado por uma cólera pirotécnica. E era mesmo capaz de dar-me tudo aquilo. Mas gostava de mim. E essa certeza me cresceu quando ele aquisceu em contar o caso de um feitor da fazenda Três-Cruzes. A história do João Pilau.

E dentro do silêncio que reinou na cozinha, alumiada pelos bruxoleios longos da cambana, a sua voz descerrou aos nossos olhos sequiosos o velário de um passado distante, revivendo, no seu linguagear pitoresco, um drama humano vivido entre escravos tiranizados pela bestialidade de homens desalmados que entenebreceram uma época...

* * *

Pilau estremecera.

Os músculos dos braços cabeludos se lhe retesaram engorgitados, e ele crispou as mãos, duas manoplas possantes, amarfanhando o zuarte da camisa. Era um tipo impressionante e repulsivo: estatura anormal, espadaudo e desengonçado, rosto largo tomado pela barba selvática que se

confundia com a cabeleira desgrenhada, e olhos perfurantes de ave de rapina. Triturava, agora, o cigarro de palha nos dentes negros e tumultuava-lhe, latente, uma indignação a explodir selvagem. Cravou o olhar irado na gentalha, que, oprimida na varanda, aguardava o desfecho da tragédia iniciada:

— Torno a dizer que a mucama fugiu...

O "coronel" Chicão, homem tarado, cuja religião era o azorrague, a barbaridade requintada de que se revestiam seus castigos, mastigava o cigarrão, cuspinhando o soalho esburacado. Olhava, com asco, o magote dos negros humílimos. Enojava-o a impotência do feitor, tão resoluto em suas decisões, à fuga de uma escrava. E, furioso, circunvagou o olhar faiscante de ameaças pelas caras pasmadas dos negros, arrancando o relho que lhe envolvia a cintura:

— Fugiu?! Pois vá percurar e traga ela p'a aquí... e me chame, Pilau!

— Eu, não "coroné"! Ninguem encontra mais aquela negra dos demônios! A essa hora já arcançou o Serro Grande e meteu a cara no mundo!

À negativa formal do feitor, o fazendeiro teve um sorriso sarcástico:

— Você é um home ou num é, Pilau?!

E, numa reviravolta, fixando os escravos:

— Quem me "trazê" a mucama Tomásia tem a alforria! A liberdade!

Pilau empalideceu, e o seu olhar, aceso, leonino, se voltou ameaçador para a massa negra que se agitava, num traumatismo violento. A liberdade! Aquelas fisionomias soturnas, à magia da palavra, se iluminaram. Permaneceram, no entanto, em silêncio, cabeças baixas, punhos cerrados. Pela vida talvez de uma escrava, nenhum daqueles homens trocaria o cativeiro aviltante, bárbaro do fazendeiro obsecado pela idéia de matar, torturar e praticar a maldade requintada na volúpia demoníaca de gozar, às gargalhadas, o sofrimento dos negros desgraçados.

— Com mil raios! — blasfemou o "coronel", empunhando, possesso, o relho — Quem encontrar a mucama Tomásia tem a liberdade!

Súbito, aterrando os escravos e fazendo Pilau estremecer violentamente de 'medo, um negralhão destacou-se, resoluto, da massa informe. Era um orangotango na monstruosidade das formas e no bamboleio pesado do andar. Os olhos fixos em Pilau, que tremia, delatou o rapto. Que a mucama Tomásia fora levada por Pilau, durante a noite, para uma fazenda distante...

Num ululo bestial, Pilau avançou. Mas o relho do fazendeiro retalhou-lhe o rosto com as bagas de chumbo que lhe pendiam das pontas, e Pilau, ganindo de dor, sentiu o amplexo aniquilante do negro que se lançara sobre ele a um gesto do "coronel". E uma violenta pancada na testa desacordou-o.

* * *

Retrocedamos alguns dias.

Pilau conhecera a mucama Tomásia de maneira bárbara: açoitando-a...

Naquela manhã, turbilhoante de sol, que doirava o cafezal coleante e o arvoredo em cujas frondes a passarada estridulava escandalosa, tonta de luz, Pilau se erguera da enxerga, a cabeça pesada, lancetado por um pressentimento estranho, que se não definia. E pela cabeça bronca de Pilau atravessaram, fugazes como coriscos em noite borrascosa, mil suposições estúpidas. Mataria a relho, no tronco, algum escravo? Sofreria algum desagravo do fazendeiro louco?

Pilau sorveu, em largos goles o café retinto, que a macróbia Eusébia lhe trouxera, não tocando no angú. A cabeça escaldava, constringida por ferros incandescidos e invisiveis. Colocou o cinturão de couro, agarrou o chicote e, sem o chapelão cabeleira esparsa à brisa suave da manhã tropical, enveredou pelo atalho do monjolo que ia desembocar na cachoeira. Embrenhar-se-ia pela mata, fugindo à agitação matutina da fazenda, em cujas senzalas as vozes dos escravos ressoavam, unísonas, em toadas nostálgicas... Escravos! Pilau sentiu, estupefacto consigo mesmo, um nó na garganta, ao ouvir, impelida pela viração, a ressonancia dos cânticos com que os escravos saudavam, como em estranho ritual, o início da faina embrutecente... E uma inopinada revolta lhe estourou dentro da alma que nunca julgara possuir. Foi então que, de súbito, dominando o murmúrio, o brado estridente do fazendeiro chegou-lhe aos ouvidos:

Pilau! Pilau!...

Blasfemou retrocedendo, às pressas, pela mesma trilha. Era escravo tambem... Que significaria aquele insólito chamado? Ainda do eirado, surpreendeu-se com o espetáculo inédito que se desenrolava: circundado, de longe, pelos escravos amedrontados, em cujas fisionomias estudava um ódio secular, o fazendeiro segurava, vociferando, pelos cabelos, uma escrava. E o seu espanto chegou ao auge quando constatou ser a mucama Tomásia, a escrava martirizada em sacolejões bruscos, que lhe arrancavam gemidos dolorosos. Pilau sentiu recender, dentro dele, como fogueira crepitante, a revolta sentida havia pouco. Conteve-se, no entanto, num esforço hercúleo para não atirar-se ao fazendeiro que lhe atirou blasfemando, espumejando, a escrava soluçante aos pés:

— Pilau, dez chibatadas! Essa negra teve o descaramento de usar o chale de Joaninha!

E o seu arcabouço decrépito fremia de cólera doentia, exteriorizada em gestos e blasfêmias aterradoras. Pilau olhou, contristado, o corpo exangue da mucama, atirado como um fardo a seus pés. A turba de escravos olhava-o espectante, rancorosa. Pilau sentiu, como uma chibatada, o desprezo que, branco como era, inspirava àqueles negros repelentes que possuiam ameaças tenebrosas nos olhares dardejantes. Então, à injuria injusta, ressurtiu nele, numa última explosão de animalidade selvagem, o feitor carrasco. E, com as mãos vigorosas, ergueu o corpo, ante o olhar do fazendeiro erecto e o amarrou aos argolões do tronco, arrancando, logo num

ímpeto, o relho que lhe envolvia a cintura. O fazendeiro e alguns caboclos troncudos empunhavam clavinetes, afastando a chusma dos escravos impotentes. Silvando no ar rutilante da manhã, o relho de Pilau abriu o primeiro sulco no corpo da escrava soluçante. O delírio do fazendeiro atingiu o auge, num brado que estarreceu Pilau e a gentalha compungida:

— Nua, Pilau! Nua, Pilau!...

E, antes que Pilau protestasse, o fazendeiro já arrancava, brutal, as vestes da escrava, cujo corpo, de ébano, brunido no esplendor da plástica que a luminosidade matinal mais realçava surgiu fremente, no seu negror sugestionante...

Um sussurro de espanto e indignação insopitaveis percorreu a chusma inquieta, cujos olhares fuzilantes, convergiam, todos, ameaçadores, para Pilau extático ante o fazendeiro às gargalhadas. O corpo desnudo da escrava, exposto à concupiscência dos olhares, febrís, era sacudido por soluços cortantes, que entravam na alma de Pilau, esmagando-a, torturando-a, com o peso brutal da sua fatalidade. Teve ímpetos de concretizar num gesto decisivo de revolta os pensamentos que lhe escaldavam, em labaredas de ódio, o cérebro obscurecido. Mas, às gargalhadas, que ecoavam, diabólicas dentro da manhã luminosa, o fazendeiro gesticulava para ele empunhando o bacamarte:

— Nua, assim Pilau! Relho! Relho!...

E, entrechocando os dentes, apertando as pálpebras para as lágrimas não saltarem, Pilau foi maquinalmente, maculando de vergões roxos aquele corpo maravilhoso, de formas exuberantes em que a mocidade escaldante estuava, e que o havia, naquele tétrico momento de angústia, deslumbrado com o seu negror iluminado...

Pilau adivinhara: matara, a relho, naquele dia, o escravo submisso e covarde que havia dentro dele... E sentiu que o seu coração ao mesmo tempo sangrava como o corpo aberto em chagas de Tomásia, e cantava como a passarada nas frondes redoiradas de sol...

Amou a escrava. E a sonhou morta para a prisão do seu amor que ele, na sua rudeza, não definia mas que aceitava, no entanto, como presente dos céus. Quando os escravos, cabisbaixos, alguns chorando, de angústia e ódio, se dispersaram aos bandos à voz autoritária e ríspida do "coronel" excitado pela cena dantesca do suplício, Pilau transportou a escrava para o casebre da macróbia Eusébia e estendeu-a na tarimba que se tingiu do sangue coagulado das feridas E, carinhoso, com lágrimas nos olhos, transfigurado mesmo, foi beijando os talhos rubros que as suas próprias mãos tinham aberto, e humedecendo com as lágrimas a epiderme dolorida da escrava. Eram as lágrimas do primeiro homem branco; lágrimas de amor e de arrependimento que se iam mis-

turar com o sangue do negro que ele próprio escravizara...

* * *

E alta noite — céu escampo cintilante de estrelas — Pilau recobrou os sentidos atordoados e estranhou o recinto em que o haviam atirado após a violenta pancada. Na penumbra reinante divisou dois vultos de cócoras. E, momentos depois, reconheceu neles o escravo delator e a mucama Tomásia. Cantavam, os dois, em surdina, num murmúrio longo, melopéia exótica, acompanhando o rítmo do batuque dolente que invadia a quietude da noite estrelada, como se viesse do céu...

Pilau, então, vislumbrou os olhos da escrava alagados de pranto. Porque uma luz forte, de algumas cambanas conduzidas por escravos, que chegavam, expulsara a penumbra. O velho negro correu, então, gingando, para fora. E, como se isso já esperasse, a escrava negra, soluçando, atirou-se a Pilau beijando no rosto onde o sangue pegajoso se colava à barba espessa. E beijava-o alucinada, murmurando palavras ininteligiveis. E à brutal espectativa do regresso do velho, e suportando Pilau a dor anavalhante dos talhos, os dois glorificaram o amor que os unira, num dia, inexoravel...

. . . .

A rebelião dos escravizados pela tirania do fazendeiro louco crescera, pavorosa, vandálica, naquela mesma noite, e o sombrio casarão da fazenda transformara-se, subitamente, numa fogueira crepitante, cujas labaredas pareciam atingir o céu azul... E a familia do fazendeiro fôra trucidada, e seu chefe morto a vergastadas no tronco, em convulsões horrendas, espumejando, blasfemando, ainda, e em gargalhadas que impressionavam os próprios algozes...

Quanto a Pilau deixaram-no com vida para o arrancarem depois, durante o ritual comemorativo da liberdade, que se realizaria no terreiro da fazenda em escombros, ao raiar da madrugada...

Quando o negro retornou, acompanhavam-no dois escravos possantes, que arrastaram Pilau para o terreiro iluminado pelas chamas da fazenda, cujo clarão reverberava no denso matagal distante. Batucavam e cantavam, em em meio ao vozerio. Tomásia ficou, a um canto da senzala, soluçando baixinho, ocultando dos "seus" a lascinante paixão pelo feitor, homem branco cujo amor constituiria, pelo terrivel preconceito racial, uma deshonra. Temia que descobrissem aquele amor criminoso que a atingira, tambem como a Pilau, dentro da desgraça fazendo-a tão feliz, para logo depois torná-la ainda mais desgraçada...

Ao primeiro sinal da alvorada estrondante de luz no horizonte escarlate, jungiram, ferozes, Pilau ao tronco, que foi logo circulado pela chusma ululante. Gritavam o nome da mucama chamando-a E ela surgiu ao fulgor das chamas, altiva, simulando uma serenidade que se traía a Pilau, que a olhava, feliz, nos olhos rebrilhantes E, aos rítmos dos zambumbas e à cantoria monótona dos negros em torno do tronco, em cujos argolões os seus braços, presos, inchavam, Pilau recebeu, sorridente e feliz, como se vingasse a si mesmo, as vergastadas do relho que, à imposição da turba sanguinária no delírio da vindicta, a mucama Tomásia, soluçante ante a estupefação dos negros, empunhava e voltejava no ar chameiante da noite fugidia, rebrilhante de estrelas...

* * *

Tio Nicolau emudecera.

Estávamos inteiriçados sobre os bancos, sem olhar a noite negrejante através dos bambús por onde agora o vento zunia. Tínhamos a impressão aterradora de que no terreiro havia escravos chicoteando alguem que estivesse amarrado ao moirão dos cavalos... A cachoeira continuava no seu chuá eterno, abafando os gemidos que nós tínhamos a certeza de que escutaríamos... Defronte à porta escancarada, tio Nicolau não tinha medo e olhava, pensativo, a escuridão parada, onde os pirilampos, luzindo às tontas, davam cabeçadas...

— E Pilau? E Pilau?... Morreu o Pilau?...

Chocou-me a impressão de vê-lo, quando se voltou para responder-me, com os grandes olhos que possuia, brilhantes d'água, tal como os olhos — meu Deus! — de Pilau olhando Tomásia supliciada no tronco...

E murmurou, numa voz cava a perscrutar a noite ventosa:

— Já contei o que sabia. Não sei se Pilau morreu. É história. Vocês que resolvam... Vai você lavar os pés, e dormir.

Se Sá Dona acorda é uma danança...

Fomos para a cama. Eu estava desolado com o dúbio destino de Pilau. E, baixinho, perguntei ao primo:

— Você acha que Pilau morreu, Noca?

— P'ra mim, rapaz...

E, com ares de entendido:

— Olha que duas "surras" não é brinquedo!...

E sem compreender, fui dormir, como sempre, sem lavar os pés... E eu sempre justificava: não iam eles se sujar no outro dia?...

* * *

E, agora, à sugestão do crepúsculo violáceo que, envolvendo a metrópole se esgueira pela janela do meu quarto de rapaz, eu, melancolizado pela evocação, estou a ver tio Nicolau sentado na banqueta do lado da porta larga do sítio, na mesma atitude contemplativa em que o vi na inesquecivel noite da minha infância: — olhando, abstrato, a escuridão parada da noite embalada pela canção de dormir da cachoeira...

E os tique-taques vagarosos do relógio sobre a secretária, no silêncio do quarto, são os tique-taques monótonos e tardos daquele relógio no sítio, rompendo um passado longínquo, perdido na bruma cerrada do tempo, e transformando-se aos meus ouvidos, nestas palavras obsessionantes que me dão arrepios e me tornam a criança medrosa que eu era:

— Pilau... Nicolau... Nicolau... Pilau... Pilau... Nicolau... Nicolau... Pilau...

O ENSINO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E O LIVRO NACIONAL

Henri de Lanteuil

O estudo das línguas vivas tem por finalidade ambientar o aluno no meio estrangeiro, rasgando-lhe novos horizontes e fazendo-lhe conhecer a civilização dum povo através da sua história e dos seus costumes, transportando mentalmente o estudante à regiões distantes, dotadas de outro clima e modo de viver que lhes constituem a originalidade peculiar.

Seria lógico e sensato, à primeira vista, admitir que, para subsídio a semelhantes estudos, o livro mais indicado para uso de estrangeiros, seja o manual confeccionado no país cuja língua se quer aprender. Ora, verifica-se desde logo a inocuidade do processo. O livro estrangeiro, que havia sido banido do mercado brasileiro, quando o ensino era puramente gramatical e empírico, deve continuar banido das escolas secundárias, por apresentar os mesmos inconvenientes de sempre, sem a menor compensação vantajosa.

Tomando por exemplo o aspecto do livro francês, os manuais escolares importados, mais conhecidos no Brasil, são de fabricação inglesa ou suiça, para uso dos estudantes daqueles países, e não de fabricação francesa, porque na França o idioma francês não sendo idioma estrangeiro não comporta a existência de compêndios adrede preparados. Assim, verificamos que, na Inglaterra, os livros utilizados pelos jovens ingleses são especialmente editados para eles e publicados no próprio país, pelos editores insulares. Tudo nesses livros denota a preocupação de adaptação local; o motivo das gravuras, o assunto dos textos, os desenhos em seus pormenores mais ínfimos, tudo concorre para comprovar o uso adequado previsto pelo autor.

O critério, segundo o qual o livro estrangeiro para estudo de línguas vivas seja preferido, consiste geralmente no seu perfeito acabamento. E' este o motivo mais aceitavel. Nada, entretanto, justifica tal escolha, pois o preço elevado dos compêndios, as dificuldades de aquisição, a prolixidade da matéria e a falta de adaptação ao meio brasileiro, constituem incovenientes e flagrantes.

Não é discutivel a apresentação tipográfica do livro estrangeiro nem a compêtencia pedagógica com que vem redigido. Mas, a que preço... e, levando em conta o receio dos livreiros em fazer encomendas sem garantia de colocar a totalidade dos volumes, concluimos em achar sobremaneira dificil o fornecimento regular e suficiente. Quando o livro apontado é um compêndio escolar francês, os inconvenientes vão de mal a peor, porque, sendo destinados aos jovens franceses, os manuais contem enorme quantidade de exercícios e superabundància de matéria, completamente inadequada ao ambiente estrangeiro, onde o ensino deve ser forçosamente reduzido a um mínimo, a que obriga o pouco número de aulas semanais. Tratando-se duma língua estrangeira e sempre dificil para principiantes, o uso de livros adotados nas escolas da França ou da Inglaterra, é especie de contrasenso improdutivo, misturado talvez com alguma pretensiosa intenção do professor em indicar livro de procedência estrangeira, numa época como a nossa, em que mais do que nunca o Brasil necessita e já pode, em parte, libertar-se do comércio importador.

Para que procurarmos fora das fronteiras aquilo que temos e que é muito nosso?

O fato é que, no Brasil, existe farto sortimento de livros nacionais para o ensino das

línguas estrangeiras, na sua maioria bastante suficientes para esse fim.

A começar pelo preço, o problema do livro barato tem sido objeto, desde a fundação, de todos os cuidados da mais velha e importante casa editora do Brasil, a *"Livraria Francisco Alves"*, onde encontram-se hoje, remodelados e baratíssimos, livros escolares modernos, por preços muito convenientes e otimamente apresentados, obras populares de baixo preço e inteiramente ilustradas para fins pedagógicos, todos dignos de menção especial.

A atividade bandeirante não ficou alheia ao desenvolvimento do livro escolar nacional. A *"Companhia Editora Nacional"*, que funciona desde um decênio, organizou de uns cinco anos para cá, importante seriação de livros ingleses e franceses, concebidos e impressos no Brasil para uso das nossas escolas, permitindo aos mestres o mais amplo campo de escolha entre compêndios valiosos e de preços populares. Os autores não sofrem a concorrência, visto que o mercado é cada vez mais vasto e tende a aumentar em proporções vertiginosas; haja visto o progresso realizado no Estado de São-Paulo, onde a frequência aos estabelecimentos do Estado passou, em poucos anos, de 900 para mais de 10.000 alunos, sem contar as escolas normais, os estabelecimentos livres de ensino secundário e as escolas de comércio.

A concorrência verdadeiramente nociva ao ensino reside na venda do livro mal feito, notoriamente torto e comprovadamente errado de princípio a fim, e que consegue adoção por motivos puramente comerciais ou por condescendência de certos professores amigos. Não querendo admitir incompetência por parte do professor, conclusão lógica que se apresenta, forçoso é acreditar-se em outros fatores determinantes da adoção de compêndios grosseiramente errados e imitados de outros, até no título. Idêntico fato é controlavel no tocante aos livros primários adotados em certas escolas do interior. Há evidentemente um logro. O aluno que compra livros para aprender certo, lê errado, numa inconciência cujo tamanho só tem por igual a própria inconciência do autor que escreve em novo idioma humorístico, que nunca foi inglês, nem francês.

O recente decreto do Governo Federal, subordinando o livro escolar ao controle oficial, vem em boa hora remediar aqueles abusos.

Pondo de lado essas raras exceções, observa-se que em grande escala, as obras didáticas editadas no Brasil são aproveitaveis e suficientes para ministrar no país o ensino do francês e do inglês.

Encostados os livros antiquados e de adoção forçada, que as leis remotas impunham ao professorado, deparamos, atualmente, grande cópia de tratados, manuais e antologias de toda sorte.

Livros há para todos os critérios; redigidos em duas línguas quando é preciso, ou no idioma estrangeiro, como sejam as gramáticas teóricas ou dedutivas; há tambem métodos seriados, para o ensino direto: uns conservam o anonimato sob o titulo de "grupo de professores", outros levam assinatura de reconhecidos mestres, Modesto de Abreu, Georges Raeders, Cleofano de Oliveira e outros. Merece especial atenção a seriação publicada pela livraria Francisco Alves, em dois volumes fartamente ilustrados, "MON PREMIER LIVRE" e "MON DEUXIEME LIVRE", em uso no Colégio Militar e adotados em inúmeros colégios oficiais e livres. Entre os mais antigos compêndios, cita-se "MY LITTLE UNIVERSE", "LECTURES GRADUÉES" e a coleção para inglês de Smith Vasconcelos. Desse mesmo professor temos, especialmente organizado para o Brasil "ENGLISH READERS FOR BRAZILIAN" que faz pendente ao conhecido livro da Cia. Editora Nacional "PAGES BRESILIENNES", todo ilustrado, com notas e questionários didáticos.

Será preciso ainda lembrar as antologias? Quem não conhece os livros de grande venda, como "BRITISH ANTHOLOGY" e a "NOUVELLE ANTHOLOGIE D'AUTEURS FRANÇAIS" para 3ª e 4ª séries, bem como, para o ensino adiantado das letras francesas "L'INITIATION LITTERAIRE" em nova edição popular atualmente no prelo, o melhor livro, segundo a critica autorizada, para o estudo da literatura francesa no nosso país.

A literatura infantil em língua estrangeira começou mais tarde com o aparecimento de "MON PETIT UNIVERS" e "POUR LES PETITS", ambos os livros, de autores diferentes, adaptados com êxito à língua inglesa. Recentemente ainda, os *Irmãos Pongetti* acabam de editar interessante método infantil: "THE MARY'S LITTLE BOOK", de autoria de Mme. Margaret Dupont, para uso dos cursos preliminares.

A última novidade didática, em edição da mesma casa, "O EXAME FINAL DE FRANCÊS" veio completar, em *livro-caderno* de uso diário, a rica bagagem que os editores brasileiros apresentam para o ensino das línguas estrangeiras.

Até os dicionários entraram nas cogitações dos editores patrícios, que não teem poupado esforços para fornecer livros bem feitos sob todos os aspectos, formando um manancial mais do que suficiente para satisfazer a escolha dos professores.

Pelo que se vê, o livro nacional presta-se ao ensino das línguas estrangeiras, porque mesmo já deu provas, sendo adotado na quasi totalidade dos estabelecimentos de instrução em todo o país. A boa vontade dos autores e editores está correspondendo à consideração dos professores e à simpatia dos alunos que são talvez os melhores propagandistas dos livros bem feitos.

CHARLIE CHAPLIN

Eu sabia que você era poeta
Mesmo sem aparecer "Innermost-self"...
Você que sentindo a solidão de Kensington Park
Viu como são tristes todos os parques...

Nos seus filmes não dei atenção, como toda-
[-gente faz,
A' cartola, bengala, sapato ou bigodinho;
Isto é o exterior, sem importância — futil
Motivo bom para a plebe...
Na profissão de divertir
Seus retratos teem dedicatórias:
"A' MULTIDÃO".
A indumentária é que o faz popular.

No entanto, eu gosto do subtendimento;
São os pedaços que passam incompreendidos
Que fazem meditar

Aquele que cai para você subir.
A ilusão num prego de botina
O operãrio azeitando os botões da túnica
A menina que fura o arco do papel: Estrela...
O risco redondo na areia.
A renúncia que ninguem compreendeu.
Todo mundo riu porque o cartaz
Anunciou: "Comédia"...
Alguem quedou triste, pensativo.

O grande artista da vida!
O homem da multidão que adora a solidão dos
[parques
A final: cômico ou trágico?

O triste paradoxo de viver representando...

I knew you were a poet
Even without showing your "Innermost-self"...
By feeling the solitude of Kensington Park
Saw how lonely all parks are

Cannot understand why people in your films
[pay attention
To your bowler, stick, shoe and mustache;
T'is only the exterior, of no import — futile
Which only interests common people...
In the profession of amusing others
Your photographs are autographed:
"To the people"
It is your garments which make you popular.

I like to read between the lines
For they are not understood by all
And make one think

If some one falls for you to go up.
The illusion of a nail in the shoe
The journeyman who oils the button of his coat
The girl who bursts the paper circle: a star...
A round circle in the sand.
The self-renunciation which no one understood.
Everbody laughed because the placard
Announced: "A comedy"...
Somebody though, felt lonely and started
[thinking.

The great artist of life!
The man in the street who likes the quietude
[in the parks
Which of the two are you: a comedian or a
[tragedian?
The unhappy paradox of continually acting in
[real life...

SEBASTIÃO FERNANDES

A Obra de Machado de Assis e sua deploravel Exploração Comercial

Machado de Assis, pela gravidade das suas maneiras, que se refletiria em seu método de escritor, — apresentando os tipos com seguridade, com frieza, com um quê de cepticismo mordaz, — ficaria como um dos mais valiosos patrimônios da nossa cultura. Haveria de salvar-lhe a obra grandiosa, na diversidade dos seus aspectos, a suprema expressão de retratista de sentimentos, a estranha realidade das naturezas que fixou, para imposição do seu espírito à admiração dos que lhe sucedemos.

A sua ficção, que desse gênero, aliás, só tem a designação, é algo de terrivelmente verdadeiro, humano e cotidiano. O seu destino, para a nossa literatura, foi incorporar a vida de uma classe, até então relegada ao desinteresse, esquecida no seu ritmo imutavel, e que era a sua própria classe, — a burocracia; com os seus zelos e a sua displicência a sua filosofia e a sua fisionomia moral; legando para a posteridade, documentos preciosíssimos de caracteres e de vidas, que turbilhonam no seu mundo intelectual, harmônicas, na sua desigualdade, num equilíbrio de sentimentos, numa coerência de atitudes, que dão ao seu criador uma posição de superioridade absoluta, entre quantos, em nosso ambiente, tentaram fixar a alma dos outros.

Machado de Assis é, propriamente, um cirurgião dos sentidos dos personagens que animou na grande esfera da sua obra; e, sem dúvida, o melhor ilustrador da sua época, através da experiência que fez pública pela boca desses admiraveis Dom Casmurro, Braz Cubas, Iaiá Garcia, etc., etc., e isso, sem querer-se enumerar as dezenas de vultos que se animam, que regorgitam, que filosofam, que criticam, que vivem, finalmente, no que nos deixou na sua grande atividade literária.

Como cronista, a palavra de Machado de Assis é ainda a revelação da austeridade dos seus gestos pessoais. E' a própria ponderação, é o senso da responsabilidade orientando-lhe uma conciência formada das coisas, sem tergiversar, sem permitir deslizes, torturado pela dimensão das coisas, crente de estar na sua harmonia o verdadeiro sentido da vida e da arte. Poeta, se Machado não chegou a realizar a criação de uma obra de proporções equivalentes às de prosador, sem embargo, como parnasiano que foi, deixou-nos em muitos dos seus versos harmonias excelentes, que de-certo, servirão como complemento da sua glória.

Assim, esse intelectual, dos mais completos da nacionalidade, esse espírito eleito pela sua altíssima inspiração, tornou-se para nós um marco grandioso de evolução espiritual, merecendo as mais significativas e justas homenagens em sua memória. Merecendo, sobretudo, a divulgação intensíssima do seu espírito entre as massas, como um exemplo edificante do quanto pode realizar o homem, quando tem a guiar-lhe o destino um sentimento superior, se a sua vida é um crescendo louvavel de esforços, de lutas, de anseios, na conquista palmo a palmo das posições que deteve a sua inteligência, até atingir o cimo do triunfo da posteridade.

Entretanto, Machado de Assis foi um dos nossos intelectuais mais infelizes, no tocante à divulgação da sua obra. Antes, o contrato para edição das suas obras esteve explorado por um livreiro estrangeiro, Garnier, bem intencionado, é verdade, mas pouco interessado numa expansão racional dos seus trabalhos. Morto Machado, da fusão da antiga Livraria Garnier com a Livraria F. Briguiet, resultaria a venda dos direitos de exploração da sua obra a um judeu estrangeiro, que iria, alem de sacrificar-lhe a reputação literária, explorar o seu espírito e mesmo vedar o seu espírito, justamente, para quem Machado escreveu.

A despeito de existirem dispositivos constitucionais, em nosso país, que defendem o nosso patrimônio intelectual, não teriam im-

pedido que comerciantes inescrupulosos se assenhoreassem do privilégio de uma propriedade pública, multiplicando-a a seu bel-prazer, explorando-a de maneira pouco recomendavel e pouco admissivel. Foi o que aconteceu com as obras completas de Machado de Assis. W. M. Jackson, Ltda., de posse da propriedade editorial do cronista de "Novas Relíquias", incumbiria o Sr. Fernando Neri de recolher a todo custo a colaboração de Machado para a imprensa multiplicando os volumes em 31, em vez de 21, que realmente foram feitos pelo autor. O trabalho a que se votou o diretor da Secretaria da "Academia Brasileira", não se pode atacar. Foi feito com carinho. Reuniu tudo quanto ainda havia esparso do criador de "Memórias Póstumas de Bras Cubas". Mas quando o comerciante sentiu finalizado este trabalho, achou desperdicio entregar ao ilustre homem de letras a revisão dessa obra entregando-a ao primeiro revisor profissional de que resultaria um verdadeiro atentado aos conhecimentos lingísticos do autor, com uma preciosa coleção de erros, de toda natureza, que se elevam a mais de 2.000. Não ficaria, porem, nisso apenas, o acinte aos nossos foros de cultura. Os empresários da bagagem machadeana, resolveram interditar o seu conhecimento às camadas, menos favorecidas pela fortuna, da nossa sociedade, com um sistema de prestações, que tendo como objetivo a venda forçada das "obras completas" tornava já pelo custo elevado proibida a sua aquisição, já, sobretudo, pelo fato de Machado de Assis não ser um espírito que se houvesse completado numa harmonia absoluta de expressão cultural, nas diversas atividades a que se dedicou, fracionando, assim, a preferência pública pela sua obra.

Seria de bom alvitre, neste momento que foi criado o Instituto Nacional do Livro, com finalidade de defender a produção intelectual do país, rehaver esse patrimônio literário do povo, empresando a sua publicação por preços mínimos, o que sómente é possivel ao Estado, de sorte que esse extraordinário escritor se torne do domínio público, e não apenas privilégio dos que podem desembolsar consideraveis somas, ou tirar mensalmente dos seus rendimentos uma parcela relativamente alta para o nosso padrão de vida, para as prestações que lhe reservarão o direito de ler Machado de Assis.

MACHADO DE ASSIS

Juanita Monte Marques

Machado de Assis

Bastante espinhoso se torna o estudo de uma personalidade tão complexa como a de Machado de Assis mormente num cenário literário tão fátuo e "snob" como o nosso. Aquí, o que sobressai é o superficialismo pedante e as gratuitas demonstrações de cabotinismo e erudição. Sobre o autor de "Braz Cubas", manifestaram-se os falsos críticos, mas nenhum se aprofundou na análise do homem e da obra.

Todos foram unânimes em enaltecer os méritos indiscutiveis do romancista, porem, na parte verdadeiramente crítica, não tocaram. Aos nossos pseudos críticos faltava a análise certa e irônica de um Anatole France e a pesquisa, algumas vezes profana, de um Saint-Beuve, para se intitularem de tal mister. O próprio Sílvio Romero afirmou, e com bastante razão, que "Machado de Assis tem recebido muitos elogios, dos quais, alguns, perfeitamente banais; não tem tido analise, tem sido encomiado, porem não tem sido estudado." Vou apenas tentar sinteticamente, nesta pequena palestra, despertar a saudade e a admiração dos leitores para o extraordinário homem de letras que foi o criador de "Quincas Borba". Quero apenas rememorar fatos e episódios, analisando-os, não como crítica, mas como ensaista sincera. De todos aqueles que escreveram sobre Machado de Assis, o compreenderam José Veríssimo, em sua História da Literatura e Alfredo Pujol, sem falar em Sílvio Romero. Este escreveu, para defender o movimento chefiado por Tobias Barreto e Castro Alves, um ensaio que é uma fonte de fatos e argumentações que deixam entrever a intrasigência dos seus pontos de vista. Afirma Sílvio Romero que só depois dos 30 anos pode um escritor produzir algo de valor, e, apoiando-se em Machado, classifica de nulo e banal tudo o que este escreveu antes dos 40 anos. Ora, isto é uma idéia sem fundamento, porque todos sabem que quanto mais se envelhece mais se cultiva o espírito; tambem se prova que mesmo antes dos 30 anos é possivel traçar uma trajetória definitiva. Augusto Comte, aos 20 anos, demonstrou gênio, e assim outras figuras que surgiram e conquistaram nome, antes da idade preestabelecida por Sílvio. Em todo caso, existe exceção.

Machado de Assis é indiscutivelmente o nosso maior e mais perfeito romancista, e é um dos criadores, entre nós, do romance psicológico. Já houve quem o criticasse por ele não se preocupar com a natureza, porem o papel do verdadeiro romancista, sua preocupação máxima deve ser o homem, e sendo o homem é a natureza, porque o homem é a mais perfeita obra da natureza.

Os personagens de Machado de Assis são frutos de uma criação apurada e trabalhosa. Ele vivia e vibrava com seus títeres. Perdia-

se, impressionava-se com seus modelos, e por isso seus romances teem vida e são movimentados. Um fato interessante é provado por Medeiros de Albuquerque. Este escreveu um conto intitulado "As calças do Raposo". Passados alguns dias, Machado contou-lhe que ia tomar um bonde para a sua residência, quando encontrou um homem que julgou conhecer. Revolveu a memória e afinal recordou-se. "Ah! é o Raposo do Medeiros". Isto evidencia como Machado se impressionava com os personagens de romance. Machado de Assis era extremamente tímido, profundamente humilde. Influência talvez do nascimento paupérrimo, do meio miseravel, dos preconceitos mesquinhos de cor. Seu pai era pintor; a mãe, lavadeira.

Bom, pacato, taciturno, desconfiado, jamais confiara a outrem um queixume, um desengano, um pequeno segredo. O pendor para as letras manifestou-se nele, já adolescente, quando travou conhecimento com o livreiro Paula Brito, que o protegeu bastante, arranjando-lhe um lugar nas oficinas da Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo. Aí acentou-se mais sua simpatia *sempre crescente* pela literatura.

Seu trabalho como tipógrafo era deficiente e sabe-se que várias vezes foi encontrado lendo, às escondidas. Sua vida foi a de um abnegado. Debatendo-se ferozmente com as agruras da sorte, enfrentando as maiores vicissitudes, ele conseguiu chegar ao pináculo da glória.

Belo exemplo de trabalho, amor e perseverança. Era amigo íntimo do eminente filólogo Francisco Ramos Paz. Este, de volta de uma viagem ao redor do mundo, descreveu ao nosso maior romancista as maravilhas de sua peregrinação. Machado escutava a descrição, maravilhado. Quando Ramos Paz terminou, ele disse, num suspiro. — "Eu tambem já fui a Petrópolis"!...

Lutou, desde cedo, para conseguir ganhar o pão e a necessária instrução, porque educação ele tinha do berço, pois, segundo a opinião de seus maiores amigos, Machado já nascera educado. Era franco, leal e sincero para com suas amizades. Casado, ele foi bom esposo, fiel, amoroso e dedicado. Seu primeiro amor, sua paixão absorvente ele sentiu no áureo periodo de sua adolescência. A poesia "Corina" é uma bela expressão dessa fase. Como escritor, é estranho dizer-se que Machado não conhecia perfeitamente as regras gramaticais, o que é evidenciado por um fato passado entre ele e Medeiros de Albuquerque, quando este era diretor de Instrução. Querendo dar um cunho prático ao ensino da língua portuguesa, Medeiros de Albuquerque nomeara Valentim Magalhães para exercer aquelas funções, dizendo que precisava de um professor que ensinasse a escrever, soubesse escrever, mas não ensinasse gramática, e Valentim Magalhães era o indicado, por haver confessado que não sabia gramática. Quando Machado de Assis soube disso, falou com Medeiros: — "Porque você não me nomeou? Eu servia perfeitamente..." E de uma feita referiu-se a um episódio passado em sua casa. Tendo em mãos a gramática de um sobrinho, nada compreendera. Estes fatos não desmoronam a glória do nosso maior romancista. Sua sinceridade e probidade são bastante conhecidas e estão isentas de dúvidas. Como funcionário público foi exemplar, pontual, honesto e dedicado. Era ele chefe de seção na Secretaria de Obras Públicas, quando, por motivo de qualquer reforma, o puseram em disponibilidade, com direito, porem, aos vencimentos, pois Machado continuou a ir diariamente à repartição e lá ficava até encerrar-se o expediente, mesmo sem nada ter o que fazer. Ele foi um bravo, um forte, que não esmorecia ante os obstáculos que sempre encontrava pela vida. Seu estoicismo, ajudava-o a suportar a crueldade do destino, a enfrentar as agruras da sorte. Mais tarde, com a mudança do governo, foi ele readmitido. Humberto de Campos conta uma anedota, que revela a honestidade de Machado de Assis, quando ele era chefe de seção do Ministério da Viação. Machado fora procurado por um cavalheiro, que desejava o despacho de determinado papel, referente a uma transação vultosa. Examinado o processo, o interessado pediu ao chefe que não desse informação negativa. Polidamente, Machado recusou-se. Instou o cavalheiro para que fosse colocada uma data diferente. Foi igualmente desatendido. Nesse momento, chega o contínuo com o café. O romancista de "Braz Cubas" toma a chícara, mas o cavalheiro detem-no, dizendo: — "Não tome isto, doutor! E' um veneno para a saude".

Machado deposita a chícara ainda cheia na bandeja, e voltando para o cavalheiro, diz: — "O Sr. está vendo? Não atendo aos outros pedidos, porque não posso." E mandou embora o contínuo com a chícara de café, em

cujo conteudo não tocara: — "Acabo de satisfazê-lo na única coisa que dependia de mim."

Outro episódio interessante passou-se na redação do "Diário do Rio-de-Janeiro", então sob a direção da pena brilhante de Quintino Bocaiuva.

Machado de Assis entrara, havia pouco tempo, para o jornal afim de adquirir prática; deram-lhe a seção mais banal: polícia, notas sociais, pequenos anúncios, etc. Tinha, no entanto, péssima caligrafia, e os revisores queixavam-se constantemente da incompreensibilidade de sua letra. Uma ocasião foram diretamente ao diretor. Machado foi chamado à presença de Quintino e o mais interessante é que ele próprio não conseguia ler o que escrevera. Quintino resolveu pagar a um calígrafo para aprimorar a letra do futuro fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Como jornalista, sua atuação foi quasi medíocre, vindo aprimorar-se depois na arte de escrever. Estreou como poeta, sendo, "Crisálidas" aparecido em 1864, seu livro de estréia. As suas poesias mais apreciadas e divulgadas, são as que ele dedicou à sua esposa "Carolina", "Círculo vicioso". Tambem tem muito valor suas produções em prosa. Ele nunca foi o tipo perfeito do poeta; faltava-lhe o temperamento e a suavidade essencial. Seus versos são ásperos, secos e por vezes dissonantes, mas o que lhe faltava na poesia, sobrava-lhe no conto e no romance.

O poder de fixação é sua qualidade. Ele descobre seus bonecos na vida e os movimenta. Quem ler "Iaiá Garcia", sente-se no cenário onde se desenrolou o romance. A psicologia, em "Rubião", é um atestado de sua interpretação dos fatos reais que a vida oferece. Onde os pontos fracos que o Sílvio Romero descobriu?

Na poesia, por vezes, nota-se que o defensor e apologista de Tobias Barreto criticou com acerto, mas quando se trata da prosa, conclue-se que Sílvio Romero quis ultrapassar o papel de analista...

Ele tece comentários em torno da figura de Machado de Assis, sobre o humor e o pessimismo. Acha que humoristas foram Dickens e Carlyle, Heine e Schopenhauer foram pessimistas por índole. Para ele o humorismo de Machado, assim como a veia poética, não eram naturais, espontâneos. Todos sabem que o autor do "Memorial de Aires" estreou como poeta, porem dedicou-se depois, única e exclusivamente, ao romance.

Talvez ele mesmo tivesse certeza que não nascera poeta. Hoje seus versos teem mais valor como relíquias. Bem raras são as poesias que agradam ao público indiferente da atualidade. O estilo, em Machado, é próprio, sóbrio, natural. Muitas vezes sente-se a monotonia, uma espécie de lassidão, como se depois de um esforço supremo ele fizesse uma parada para descansar... O que caracteriza seus livros é o dom de penetração, ele persuade, empolga, repisa e expõe, batendo minuciosamente na mesma tecla, mas não fadiga o leitor. Seus livros se não são sedativos para o sistema nervoso, são mais calmantes que irritantes. Machado de Assis está para a literatura nacional como Goethe para a literatura alemã, Anatole France para a francesa, Dickens e Shakespeare para a inglesa, e para a espanhola Cervantes. Essa comparação serve apenas para fixar o papel predominante que essas figuras imortais exerceram na história literária de seus países.

Pois não há o mais leve sinal de afinidade nos seus estilos, nem paralelos nas suas obras. Machado, ou melhor, Joaquim Maria Machado de Assis é o pioneiro do romance nacional. Seu valor é atestado por todos os vultos salientes das nossas letras. João Ribeiro, o nosso grande filólogo, escreveu sobre o insigne autor de "Dom Casmurro": — "Havia superioridade e indiferença no espírito de Machado."

Ele não foi nem abolicionista, nem republicano, nem monárquico no momento em que se agitavam as formidaveis ondas políticas e sociais do país. Abstraía-se completamente de qualquer movimento político, derivando daí sua falta de sorte no tocante a empregos.

Vivia embebido, mergulhado dentro de si mesmo, enfronhado no seu mundo interior. Toda sua vida foi árdua. Sofreu de epilepsia. Constantemente tinha ataques e caía na rua. A maldita moléstia perseguia-o, minava-lhe a saude, extenuando-o.

A morte da esposa querida foi um tremendo golpe que o abateu profundamente. Foi inspirado nessa grande dor, nesse sofrimento, que ele compôs a tão conhecida poesia "A Carolina". Notem a angústia estampada neste triste e belo soneto:

A CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descansas desta longa vida,
Aquí venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados
São pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis deixou uma obra gloriosa, e, a-pesar do pessimismo de hoje, é com saudade, amor, veneração e respeito, que relemos seus livros e cultuamos sua memória.

Em 21 de junho de 1939, comemoraremos o primeiro centenário do seu nascimento. Ele foi, em vida, bom, humilde e modesto, como sua obra é fecunda, prodigiosa e rutilante. Talvez ninguem tenha guardado a data do seu nascimento — 21 de junho de 1839. Ele veio ao mundo no mesmo ano que Tobias Barreto, e como Tobias, legou à posteridade o belo produto do seu gênio. A Academia Brasileira de Letras, da qual ele foi fundador, deve desde já preparar-se para as grandes manifestações com que o governo e o povo devem,

(Conclue no fim do ANUARIO)

O AZAR DO EDITOR PREHISTORICO

— Mas, o que terá ele?
— O autor não gostou do formato . . .

A Redenção Econômica do Brasil

Balanceando os surpreendentes resultados da Nova Política do Café

A PRIMEIRA ETAPA

E' oportuno o balanço meticuloso dos tentos marcados pelo café brasileiro nos mercados internacionais em dez meses de nova politica de expansão racional. O exame pode ser feito a rigor. E quem quer que pretenda balancear com serenidade os benefícios da decisão bem inspirada que reconduziu a economia nacional ao bom caminho, para melhor clareza não poderá esquivar-se à análise da situação que originou a espetacular alteração do cenário cafeeiro do país. O Brasil realizara o paradoxo de se debilitar por excesso de fartura. 1930 foi o clima das angústias acumuladas durante o ciclo das valorizações artificiais, e o governo revolucionário, compreendendo a magnitude do drama que lhe surgia como herança trágica, decidiu-se a enfrentá-lo para deter a avalanche pela reanimação de uma fonte de riqueza exausta. Vivia-se um momento histórico de calamidade nacional. Esboçava-se a debacle! A lavoura, empobrecida em plena abundância, clamava por assistência e amparo e o governo encontrou, na terapeutica do desespero, o remédio heroico que lhe cumpria aplicar para redimir, embora impondo sacrifícios transitorios ao país, os erros acumulados do passado. A febre das valorizações custára onerosos empréstimos à Nação. Era a politica de sacar sobre o futuro. Estancou-a o Presidente Getulio Vargas, preparando a transição. E aí se iniciou o ciclo das incinerações com recursos primeiramente buscados no orçamento geral do país e depois auferidos com a taxa de 15 shillings arrecadada por saca na exportação. Por força de circunstâncias irremoviveis foi-se obrigado a onerar pesadamente o produto que se pretendia vender, mas a ninguem era licito condenar o recurso extremo, de vez que a situação impunha essa medida, como intermediaria e única capaz de conciliar no momento todos os interesses.

Fez-se a lavoura cortar na própria carne, sacrificando-se-a para salvá-la! Milhões de sacas inescoáveis erguiam-se em montanhas pelo interior, e embora convencido de que a destruição de uma riqueza é contrária aos mais rudimentares princípios da economia sã, o governo cedeu à necessidade indeclinavel de incinerar as sobras, no salutar objetivo de enquadrar as disponibilidades exportáveis nos limites aquisitivos dos mercados de consumo. Cincoenta milhões de sacas desapareceram na voragem das labaredas redentoras, marcando de forma impressionante o gigantesco esforço de estadistas esclarecidos e empenhados em evitar a catástrofe. Foi esta a primeira etapa da obra restauradora da revolução de 30: deteve o pânico, preveniu a ruina, eliminou o mal estar ambiente e descortinou ao país a perspectiva de um futuro melhor.

JORNADA DE AMARGURA

O Brasil se impuzéra sacrifícios vultosos! Lutava sózinho na defesa dos preços-ouro com singular pertinácia. Controlava a indústria cafeeira em todo o mundo, sem que qualquer concorrente participasse dos onus que lhe pesavam. Lucravam todos com as tremendas vicissitudes de um só! Enquanto em nossa terra as chamas crepitavam, novos cafezais surgiam em países do continente e nas possessões coloniais africanas e asiáticas. Perdiamos terreno progressivamente, situação incômoda que fatores adversos concorriam para agravar: as taxas de exportação e o longo período de armazenagem, sobrecarregando a lavoura e o consumidor, elevavam o preço do custo diminuindo, paradoxalmente, a margem de lucro; o protecionismo aos cafés coloniais.

Só nos restavam dois caminhos: conseguir um acordo que estatuísse a distribuição equitativa dos sacrifícios ou enveredar por uma política diametralmente oposta. Tentou-se a

conciliação de interêsses em Bogotá. E o fracasso não tardou a colocar nosso país em face de uma realidade mais áspera, embora persistissemos na esperança de um entendimento final. O conclave de Havana ouviu, pela palavra do delegado do DNC a afirmação de que o governo brasileiro ainda buscava razoavel ajuste. Admitia como ponto de partida para definitivos entendimentos futuros, que as nações cafeicultoras, isentas até então das responsabilidades e gravames com que o Brasil arcava isoladamente, concordassem em limitar suas plantações, repartir os mercados pela prévia fixação de uma quota retida proporcional e sustentar preços remuneradores mediante concurso unânime, enfim, a mesma tese defendida em Bogotá. Mais uma vez esbarrou essa atitude conciliatória na intolerância dos concorrentes, à qual se deveu, exclusivamente, o ruidoso fracasso da assembléa. Nada mais nos restava tentar, convencendo-se o governo brasileiro da necessidade de novas e mais energicas diretrizes em legítima defesa de seu produto-ouro.

POLÍTICA DE RECUPERAÇÃO

Para assumir atitude de tão grande relevância, reconquistando inteira liberdade de ação no sentido da livre concorrência, impunha-se ao governo brasileiro resolução mais grave: suspender o serviço da dívida externa, porque era com grande parte dos recursos tirados dos preços *defendidos* ou *valorizados* do café que iamos satisfazendo os compromissos fixados no esquêma Oswaldo Aranha. Interrompidos os pagamentos, nada mais se opunha a que traçassemos novos rumos à política do principal produto brasileiro de exportação. Foi o que fizemos, decididamente! Reduziu-se a 12$000 a taxa de 45$000, abandonou-se a defesa dos preços, aboliu-se a intervenção nos mercados, suspendeu-se as restrições cambiais, restabelecendo-se o comércio livre. E assim se entrosou a redenção do café, cuja plenitude, um ano decorrido, assistimos como obra das mais notáveis e patrióticas do Estado Novo.

CONTRASTE E CONFRONTO

O país inteiro respirou desopresso! Retomavamos aos concorrentes armas terríveis que esgrimiam contra o Brasil: as taxas excessivas de exportação, a defesa unilateral de preços, as intervenções no mercado, a entrega compulsoria de 35 % das letras de exportação. Eliminados esses entraves, o país poderia enfrentar a competição comercial. Fê-lo com rara decisão o Presidente Getulio Vargas. O Dr. Artur de Sousa Costa, Ministro da Fazenda, foi o colaborador maximo das novas diretrizes, indicando, com a clarividencia do seu espírito, as bases do novo plano e o momento oportuno em que se deveria operar a transição. O Sr. Jayme Fernandes Guedes, recebendo a honrosa incumbência de executar, como Presidente do DNC, a nova política de recuperação traçada pelo Estado Novo, revelou-se um homem perfeitamente à altura da grave responsabilidade. Sentiu-se desde logo mão poderosa ao leme da náu que andara desarvorada, e o rítmo ascencional dos embarques veio demonstrar o exito pleno do programma puramente defensivo, si bem que arrojado, que o Brasil liberto apresentava ao mundo. Mas, já é tempo de alinhar exposição numérica. Os algarismos não mentem e oferecem, como atestado insofismavel de triunfo, um contraste que valoriza o confronto. Em dez meses de trabalho racional para reconquista de mercados, recuperou o Brasil na exportação cêrca de 5.000.000 de sacas! A cifra corresponde, percentualmente, a 48 %, revelação de tal sorte auspiciosa que justifica, para cotejo elucidativo, o balanço numérico dos embarques referentes ao ultimo período do regime revogado, em confronto com o primeiro ano de política recuperadora. O quadro é meridianamente claro:

	1937	1938
Janeiro	1.314.331	1.562.676
Fevereiro	927.625	1.290.601
Março.	1.157.128	1.408.961
Abril	970.009	1.481.815
Maio	912.061	1.391.291
Junho	909.582	1.581.589
Julho	723.100	1.271.083
Agosto	813.004	1.581.450
Setembro	960.642	1.413.695
Outubro	1.114.071	1.606.418

Exportação total em 10 meses de 1937: 9.801.553; Exportação total em 10 meses de 1938: 14.589.579; Aumento em 1938: .... 4.788.026 sacas (dez meses).

E não é só. A contribuição brasileira no suprimento de café ao consumo mundial, revela, tambem, que as entregas do produto estrangeiro diminuiram de 1.002.000, enquanto que as do café brasileiro aumentaram de 3.697.000. Para melhor inteligência dessa recuperação auspiciosa de mercados, reproduzimos as estatisticas que confrontam as entregas ao consumo em dez meses de 1937-38.

Procedências	*Janeiro*	*Outubro*	DIFERENÇA EM:			
	1938	1937	Sacas		%	
Brasil:						
Europa	5.667.000	4.312.000	mais	1.355.000	mais	31,43
Estados Unidos . . .	7.379.000	5.460.000	mais	1.919.000	mais	35,15
Portos do Sul . . .	1.265.000	842.000	mais	423.000	mais	50,24
Total	14.311.000	10.614.000	mais	3.697.000	mais	34,83
Outras procedências						
Europa	4.541.000	4.892.000	menos ...	441.000	menos ...	8,85
Estados Unidos . . .	4.066.000	4.627.000	menos	561.000	menos	12,12
Total	8.607.000	9.609.000	menos ...	1.002.000	menos ...	10,43
Todas procedências						
Europa	10.208.000	9.294.000	mais	914.000	mais	19,83
Estados Unidos . . .	11.445.000	10.087.000	mais	1.358.000	mais	13,46
Portos do Sul . . .	1.265.000	842.000	mais	423.000	mais	50,24
Total geral	22.918.000	20.223.000	mais	2.695.000	mais	13,33

OBSERVAÇÃO

Verifica-se, assim, que nos dez meses do ano em curso, em confronto com igual período do exercicio anterior:

As entregas ao consumo aumentaram de 2.695.000 sacas; As entregas de café estrangeiro diminuiram de 1.002.000 sacas; As entregas de café brasileiro aumentaram de 3.697.000 sacas.

Nada poderá empanar a eloquência irretorquivel destes algarismos.

HARMONIA FINAL

Abordamos, em sintese e perfuntoriamente, é claro, os principais episodios da reação brasileira nos mercados externos do café. Omitiamos um aspecto de indisfarçavel valor: a recuperação do volume-ouro. Cabe salientar, neste ensejo, pela autoridade que reveste, a palavra do Presidente do D.N.C. na cerimonia inaugural do *stand* na Feira de Amostras, ouvida pelo sr. Getulio Vargas e altas personalidades do Estado Novo:

"Incompleta seria a demonstração que venho fazendo si olvidasse, aqui, o cálculo da recuperação do volume-ouro do nosso café, que já se vai processando, circunstância, aliás, do mais alto interesse para toda a economia nacional, de vez que se refere á sua balança de pagamentos. A recuperação já verificada, se expressa pelas seguintes cifras:

Junho	£ 64.383
Julho	£ 48.394
Agosto	£ 348.516

Si atendermos a que a situação cambial não depende, sómente, do equilbirio da exportação e importação de qualquer país, mas tambem de fatores outros de incontestada complexidade, principalmente os que decorrem da situação monetaria universal, ver-se-á que, sem embargo às situações criadas em quasi todos os países importadores á livre circulação das riquezas, o Brasil, sob orientação politica atual, vai contornando todas as dificuldades, e marchando, seguramente, para uma redenção econômica e financeira infalivel."

ALARGUEMOS A BRECHA

A politica comercial européia tem se modificado, sensivelmente, com o incremento do nacionalismo econômico, que aconselha o aproveitamento intensivo da *prata da casa*. Medidas de protecionismo, restrições aduaneiras, quotas de entrada para mercadorias alheias, afetam os produtos de importação, e como o café ocupa, entre eles, lugar de relevo, é inevitavel sofra as consequências desses transtornos no intercambio comercial. Precisamos, portanto, de um esforço metodico no sentido de contribuir para modificar o ambiente europeu, bem como solidificar nossa posição nos Estados Unidos, nosso melhor mercado. Essa tarefa caberá á qualidade do produto e á propaganda racional, que ambas merecem do D. N. C. acurada atenção. Felizmente avançamos, a passos largos, no campo da produção racional, absolutamente indispensavel ao êxito de qualquer campanha propagandistica. E' tempo de provarmos ao mundo, de uma vez por todas, que dispomos de enormes possibilidades no terreno da qualidade, e continuamos a manter o predomonio absoluto nos cafés médios e inferiores.

Resta-nos, portanto, nesta hora de tantas e tão auspiciosas manifestações de regosijo pela vitória da primeira etapa, conjugarmos esforços e disciplinarmos energias, afim de que o caminho da nossa restauração econômica nos surja convidativo, sem as asperezas e os desenganos dos dias de sofrimento. Abrimos uma brecha larga nos mercados, ocupando as trincheiras mais proximas. Cumpre-nos ampliá-la, para que não tardemos, avançando profundamente, a reconquistar todas as posições indispensaveis ao escoamento de nossas safras e ao completo desaparecimento da super-produção no Brasil.

O CASPER E "A GAZETA"

A imprensa não podia ficar à margem no movimento de renovação cultural e material que hoje tão intensamente se verifica em São Paulo. A vida paulista vai se tornando de tal modo complexa e dinâmica, que os velhos jornais precisam ser reformados, renovados, nas suas máquinas, na sua organização, nos seus processos, si quiserem continuar a desempenhar com êxito a sua finalidade, sem diminuir em significação e influência. E' o que já compreenderam os proprietarios de jornais de São Paulo, perfeitamente integrados no espírito da época e, assim, buscando adaptar suas empresas às condições criadas pelo progresso vertiginoso do século XX.

Á frente deles, como um exemplo de tenacidade dinamismo e exato conhecimento do seu "métier", está a figura insinuante de Casper Libero, tipo do jornalista moderno sob todos os aspectos, sempre vitorioso em sua carreira porque nunca lhe faltou esse predicado mestre no jornalismo: o senso da oportunidade. Quem vive ao seu lado e acompanha a sua atuacção profissional, nota logo a impressionante rapidez com que ele age em face da situação mais inesperada e complicada. Nada de tentativas falsas, de tatear às escuras, de experiencias timidas. A sua decisão é pronta, mas segura, originada de admiravel intuição do conjunto dos acontecimentos, da apreensão imediata daquilo que deve fazer para alcançar sucesso. Aí está o segredo de sua brilhante carreira jornalística.

Dr. Casper Libero, diretor de "A Gazeta"

Nenhuma tarefa é, em si mesma, mais variada, mais fecunda e cheia de surpresas do que a do jornalista. Nos tempos presentes, a sua complexidade aumentou ainda mais. Por isso, o jornalista precisa possuir em nossos dias, alem da vocação, do hábito e da fidelidade à sua profissão, outras qualidades que se dispensavam no jornalista de outrora — o articulista de gabinete, que gostava de escrever, com o Larousse à mão, longos e substanciosos artigos doutrinarios transformando assim o jornal em tribuna. São tipos já prehistóricos. A situação do mundo moderno exige outra

O novo edificio de "A Gazeta", á rua da Conceição

Grupo de redatores do jornal

espécie de jornais informativos, interessantes, amenos, variados, dispondo de todas as inovações técnicas enfim um jornal que possa refletir as tendências da época.

E' justamente o que Casper Libero está realizando em São Paulo, com "A Gazeta".

Foi em 1918 que Gasper adquiriu "A Gazeta", do dr. A. A. de Covello. A esse tempo, o jornal tinha ainda uma circulação escassa, principalmente porque desde a morte de seu fundador, Adolfo Araujo, faltou uma orientação uniforme, visto haverem sido três os seus diretores no curto espaço de dois anos. Com a responsabilidade de Càsper Libero, que logo procurou dar-lhe um feitio de jornal leve, moderno e vivaz, "A Gazeta" rapidamente foi conquistando o público. Em 1928 já era um dos maiores diarios de São Paulo. Nesse ano, Casper comprou as instalações para "Rotogravura", que a revolução de 1930 reduziu a destroços. Era de presumir que com o empastelamento "A Gazeta" desaparecesse; mas, ao contrário, de novo surgiu, três meses depois, mais entusiastica do que nunca — e hoje é o jornal de maior tiragem na capital e no Estado.

Dentro em breve, no seu magnifico prédio, cuja construção se acha quasi terminada, "A Gazeta" vai ter a mais completa e eficiênte instalação jornalística do país. Pela primeira vez, um jornal brasileiro funcionará num grande arranha-céu. ocupando todas as suas dependencias.

O novo edifício da "A Gazeta", de nove amplos pavimentos, será uma brilhante afirmação do espírito empreendedor e progressista de Casper Libero, que não poupou sacrificios para dotar o seu jornal de uma instalação verdadeiramente modelar, proporcionando aos seus auxiliares o maior conforto e as melhores condições para o trabalho. Alem das salas de redação e oficinas, aparelhadas com as mais recentes inovações técnicas, espaçosos salões de conferências, arquivos, seções radio-telefônicas e apartamentos para hóspedes. Enfim, os menores detalhes cuidadosamente estudados e realizados. Isto tudo, sem contar o novo maquinário, modernissimo, que foi especialmente encomendado na Alemanha.

Um dos caminhões da esquadrilha de distribuição de "A Gazeta"

O que é a RADIO DIFUSORA S. PAULO

DECIO PACHECO SILVEIRA e suas realizações

"A HORA DA SAUDADE..." — "O LIVRO DO DIA"

O dr. Decio Pacheco Silveira no seu gabinete de trabalho

Amplamente conhecida em todo o Brasil, a RADIO DIFUSORA SÃO PAULO S/A vem realizando, com patriotismo e inteligência, um programa louvavel que mereceu e merecerá sempre os melhores aplausos de um público justiceiro e numeroso. Tendo à frente da sua organização moços de grande inteligência e melhor compreensão, não só da radiofonia, como tambem da sua influencia nos problemas nacionais, a RADIO DIFUSORA SÃO PAULO pode se orgulhar de estar prestando ao Brasil, com os seus programas culurais e artísticos, um serviço de preço inestimavel. Organizada por escritura pública no dia 23 de dezembro de 1933, a grande estação da Paulicéa contou logo com o apoio franco do povo bandeirante, figurando logo como seus acionistas o que S. Paulo tem de melhor e mais representativo nas finanças, no comércio e no seio da sociedade. Merecem ser citados, como verdadeiros baluartes da organização inicial da RADIO DIFUSORA, os nomes dos Drs. Luiz Antônio Fleury de Assunção, Manfredo Antônio da Costa e Decio Pacheco Silveira, que ainda hoje continuam a dispensar o melhor das suas inteligências e esforços àquela emissôra.

A RADIO DIFUSORA SÃO PAULO é, sem dúvida alguma, uma das mais potentes do Brasil. O seu transmissor de 5 kilowatts efetivos na antena, o primeiro dessa potencia instalado em nosso país, inteiramente construido no mais reputado laboratorio técnico dos E. U., foi inaugurado no dia 24 de novembro de 1934, constituindo esta solenidade um acontecimento nacional. Milhares e milhares de cartas e telegramas do Brasil inteiro, e do exterior, festejaram a auspiciosa inauguração, trazendo até S. Paulo as congratulações do mundo inteiro pela grande realização conseguida.

Nascida a P. R. F. 3, grande e potente, jamais cedeu o seu logar de destaque no broadcasting nacional. Os mais consagrados artistas, nacionais e estrangeiros, teem desfilado pelo seu microfone. Mantem uma grande

O "Anuario Brasileiro de Literatura" visita a Radio Difusora S. Paulo. No grupo figuram o dr. Decio Pacheco Silveira, diretor da Radio Difusora; Rogerio Pongetti, diretor do "Anuario"; Darcio Ferreira, "speaker" chefe da Difusora e Deomedonte Magalhães, representante das edições PONGETTI em São Paulo.

orquestra sinfonica, jazz, tipica argentina, uma banda de música e pequenos conjuntos, dirigidos por 4 maestros.

Mas o que mais vem definindo o trabalho altruistico da RADIO DIFUSORA DE S. PAULO é o sentido de brasilidade que a ele deram os seus dirigentes. O Dr. Decio Pacheco Silveira, hoje conhecido e admirado em todo o Brasil, merece as palmas que tem recebido e o reconhecimento justo de um público agradecido. Como Diretor-Gerente da grande emissôra, tem sabido norteá-la num rumo de patriotismo sadio e necessario. "A Hora da Saudade", sob sua direção, talvez seja hoje, em todo o Brasil, o mais popular programa radiofonico. E até os ouvidos do mais longinquo brasileiro, o brasileiro do sertão e das caatingas, do litoral ou do recesso, teem chegado as cantigas distantes, quasi perdidas no emaranhado dos anos, cantigas que ouvira da boca de seus avós... "A Hora da Saudade" é um programa de grande significado na alma do habitante nacional, eternamente definido por um sentimentalismo constante e um saudosismo próprio. Merece tambem ser citado, como o primeiro no gênero, o relato literário que Decio Pacheco Silveira vem fazendo dos livros mais interessantes da nossa literatura de agora, quarto de hora que ele denominou de "O livro do dia". Ouvido em S. Paulo por um nosso redator, Decio Pacheco Silveira teve oportunidade de salientar a proposito daquele programa literário-radiofônico:

— Faço questão de dizer que não sou crítico literário. Faço unicamente a apologia das obras que me parecem boas e merecedoras de ser divulgadas e silencio sobre as que me parecem não ser dignas de comentários.

Alem da sua capacidade de organizador, Decio Pacheco Silveira vem se revelando um grande artista, compositor dos mais finos. São hoje conhecidas em todo o país as suas belíssimas composições de carater regionalista: "N. S. do Amparo", "Saudades de minha terra", "Noite de Reis", "Folha Caída", etc.

E é por isso que, compreendendo que na sua direção está uma pleiade de jovens inteligentes e empreendedores, podemos desde já prognosticar para o futuro o êxito ascendente da RADIO DIFUSORA S. PAULO, hoje querida em todo o Brasil pelo patriotismo e encantamento dos seus programas.

OBJEÇÕES AO POSITIVISMO — ECONOMIA POLÍTICA

M. Carlos

Para se avaliar quanto a nobilíssima concepção filosófica de Augusto Comte ainda é inverídica ao interpretar o campo da humanidade e, consequentemente, quanto é injusta ou insuficiente para resolver os problemas sociais, basta notar-se que o eminente Mestre considera o *egoismo* como sendo apenas um pedaço, uma seção, da alma humana.

Se observarmos e meditarmos o *quadro sistematico da alma* (página 272 da tradução brasileira do *Catecismo Positivista*) que ele construiu e se não quisermos, em face da experiência da vida diária e social, reduzir, comprimir ou recalcar a força e extensão do Egoismo, veremos que as 18 funções interiores em que o Mestre dividiu o cérebro são todas aspectos, são todas instrumentos, do egoismo de nossa espécie.

Veremos tambem que, em dadas condições ou em circunstâncias extremas, o Instinto de Conservação tem potencial para exercitar ou criar aquelas funções, particularmente da 4.ª a 18.ª. Vejo no *quadro sistemático da alma,* os centros de interesse que normalmente elevam, dignificam, superiorizam o homem, mas não vejo os centros de interesse que tambem, normalmente, o rebaixam, o degradam, o inferiorizam, até mesmo muito abaixo da mais baixa expressão dos outros animais.

A humanidade tem se formado e se compõe de individuos que são homens ou apenas teem a aparência de homens.

Os indivíduos são homens ou apenas teem a aparência de homens, conforme são as caracteristicas dos centros de interesse que lhes dominam o pensamento e a ação em cada momento e lugar. De acordo com os centros de interesse que os orientam, os homens a todo instante agem como homens ou como *bichos* bons ou feras.

Para se ver que o egoismo não pode ser, em nossa espécie, apenas uma secção da alma, note-se que as outras 6 leis universais — Instinto de Conservação, Ação, e Reação, Independência e Coexistência, Harmonia Gravitária, Seleção Natural e Economia de Forças — podem-se considerar expressões, podem-se considerar instrumentos, do Egoismo Universal. A *alma mecânica* que o Positivismo construiu é contrariada a todo instante pelas condições de viver e de trabalhar do homem no meio social.

A observação e experiência mostram que, em relação ao comum dos indivíduos, as suas condições normais de viver e trabalhar o modificam, o transformam, moralmente e até materialmente, em todas as fases da existência.

Indivíduos de tendências boas, se desviam para o *mal;* indivíduos de tendências más se encaminham para o *bem.* Tudo conforme as circunstâncias do meio social.

Se o *quadro sistemático da alma* é pequenino para atender a extensão e potencial das leis universais, por certo a concepção social que supõe nossa alma nos restritos limites alí fixados, é insuficiente para satisfazer o justo egoismo de todos os individuos. E' insuficiente para respeitar o instinto de conservação de todos os seres; é insuficiente para enfrentar justa ação e reação de todos os homens. E' insuficiente para sustentar digna independência de cada um na coexistência de todos os orgãos sociais; é insuficiente para realizar nobilitante harmonia gravitária no seio da humanidade. E' insuficiente para conseguir a generalização da Seleção Natural no seio de nossa espécie; é insuficiente para alcançar o domínio da Economia de Forças em benefício do conjunto local, municipal, regional, nacional ou humano.

A incapacidade de realizar em proveito de todos os homens todas as imposições dignas e justas das leis universais, assim como a incapacidade de realizar as prescrições das leis fundamentais das ciências parciais caracterizadamente humanas, dará a medida do inverídico existente no Positivismo ao interpretar a fenomenalidade social.

Quando considerarmos inverídico parcialmente o Positivismo, não pretendemos diminuir a genialidade do Mestre cuja capacidade filosófica nos deu incomparaveis lições que, pela extensão, pela profundeza e originali-

dade, antes dele outros não nos proporcionaram.

Todos sabemos da mútua ação e reação, da mútua influência, que os fenômenos de todas as espécies se produzem, e consequentemente, sabemos da mútua influência, esclarecedora ou perturbadora, que as várias categorias do conhecimento se exercem continuamente, especialmente no campo social.

O gênio de Augusto Comte não considerando a Economia Política uma ciência, engastada na sua série enciclopédica, e embora dando, a final, esse carater definitivo à Moral sem entretanto lhe determinar as leis fundamentais, fez seu sistema filosófico se ressentir, pelo menos, da falta de colaboração adequada das leis dessas duas ciências, na crítica e construção pelo pensador realizadas no campo social. (Não preciso tambem salientar a insuficiência ou erro que terá resultado de sua crítica e construção no mesmo campo, sem conhecer todas as leis fundamentais da Psicologia e Sociologia).

A observação e experiência da vida rudimentar do passado, a observação e experiência da existência social controlada ou em via de controle do presente, mostram que a Economia Política é realmente o fecho da série enciclopédica, porque para ela trabalham ou com ela cooperam, normalmente, todas as ciências anteriores — da matemática à moral.

Se as ciências anteriores não trabalharem, não colaborarem, com a Economia Política, continuar-se-á o conflito histórico, material e moral, que o tradicionalismo não resolveu nem resolve, conflito que o capitalismo privado retardado cada vez mais agravará e que o ateismo só enfrentará ou neutralizará, temporariamente, a custa da mais brutal violência.

Sem indicar as leis fundamentais da Psicologia, da Sociologia e da Moral, o Positivismo terá marchado, às vezes, com incerteza e obscuridade no campo social, por não possuir todos os focos de luz orientadora que a humanidade há procurado até agora sob a ação da cultura ou sob a ação dos instintos animais.

Para se compreender minha afirmação a respeito de ser a Economia Política o fecho da série enciclopédica, é preciso *reajustar* o conceito, a definição, o objeto, dessa categoria do conhecimento. O trabalho de reajustar o conceito das cousas, tem sido, pelos tempos, a missão de toda filosofia que corrige as anteriores e que amplia os horizontes existentes em cada época.

E no Brasil ou no mundo, estamos em plena fase de reajustamento a novas idéias e a novas leis sociais.

A filosofia tradicional, mostrando sempre sua insuficiencia ou erro, considera a economia política tendo por objeto apenas a *produção* e *circulação* das riquezas.

Enquanto a Filosofia Universal, fazendo o reajustamento da missão das ciências de campo ou objeto até agora mal delimitado ou definido, afirma, em face da observação e da experiência de todos os dias e de todos os tempos, que a função primacial da Econômia Política é a *preparação*, a *realização*, a *coleta*, o *transporte*, a *distribuição* e *consumo* da produção ou riqueza.

Sem poder nem dever tal Economia dar menos atenção a uma do que a outra das 6 partes de sua finalidade.

Se observarmos bem o pensamento e a ação da humanidade, veremos que todo o esforço e cooperação das ciências anteriores são necessários para a realização do objeto da Economia Política Científica. Esta exige, como nenhuma outra categoria do saber, a colaboração das demais ciências, especialmente da Moral, para cumprir a missão que lhe compete.

Não será com a incapacidade individual ou coletiva para trabalhar, não será traindo, pela ação ou omissão, o cumprimento do dever que cada um tem de colaborar utilmente na sociedade, que os problemas humanos serão resolvidos no interesse do conjunto.

Parece-me que a 4.ª lei da Filosofia Primeira, mencionada por Comte, dá razão à Filosofia Universal de assim classificar a Economia Política.

O Egoismo e o Instinto de Conservação Universais exigem que o pensamento e a ação de todos os humanos tenham como ponto de partida o apoio necessário e indispensavel dessa ciência — a mais concreta ou material de todas.

A Economia Política Científica, para cumprir sua missão em benefício de todos os homens, em benefício de todos os seres, requererá, exigirá de cada pessoa, a fora o esforço guiado pelo Bem, pela Verdade, pela Justiça, pela Fé, sempre o espírito de Altruismo, de Amor, para lhe animar ou vivificar o Trabalho individual.

(Conclue no fim do ANUARIO)

EXCERTO DO POEMA ALMA GAUCHA

Paulo Werneck

.. ..

Combinava-se a paz e a sorte dos cativos
fieis à revolução discutia-se.
Vivos
protestos o governo opunha à condição
da alforria imediata em nome da razão
e do direito humano. A escravidão é um crime
que avilta a nossa espécie e o que há de mais sublime
ela anula: a vontade, o livre-arbítrio, o dom
de viver, de ir e vir como a luz, como o som
que não são de ninguem e são de todo o mundo...
Todos nascem iguais e são iguais. No fundo
dos homens todos brilha uma alma igual. Nem Deus,
que é justo, desiguais faria os filhos seus.
Então, porque senhor e escravo? Onde o decreto
divino que implantou a escravidão? O inseto
não pertence a ninguem; E os homens não? Que lei
da natureza impôs o cativeiro? O rei
dos mundos, na manhã linda da Humanidade,
os homens irmanou por toda a eternidade.

Nem amo, nem escravo! E' uma lei do Senhor
serem todos iguais no prazer e na dor,
e por isso ordenou: Crescei, multiplicai-vos,
e, de posse da terra, uns aos outros — amai-vos!

....

(Em memoravel eleição, há mais de 20 anos, ficou o poeta **Zeferino** Brasil sagrado "Principe dos poetas do Rio-Grande-do-Sul".)

Zeferino Brasil

EXCERTO DO POEMA ALMA GAUCHA

.. ..

Combinava-se a paz e a sorte dos cativos
fieis à revolução discutia-se.
Vivos
protestos o governo opunha à condição
da alforria imediata em nome da razão
e do direito humano. A escravidão é um crime
que avilta a nossa espécie e o que há de mais sublime
ela anula: a vontade, o livre-arbítrio, o dom
de viver, de ir e vir como a luz, como o som
que não são de ninguem e são de todo o mundo...
Todos nascem iguais e são iguais. No fundo
dos homens todos brilha uma alma igual. Nem Deus,
que é justo, desiguais faria os filhos seus.
Então, porque senhor e escravo? Onde o decreto
divino que implantou a escravidão? O inseto
não pertence a ninguem; E os homens não? Que lei
da natureza impôs o cativeiro? O rei
dos mundos, na manhã linda da Humanidade,
os homens irmanou por toda a eternidade.

Nem amo, nem escravo! E' uma lei do Senhor
serem todos iguais no prazer e na dor,
e por isso ordenou: Crescei, multiplicai-vos,
e, de posse da terra, uns aos outros — amai-vos!

....

(Em memoravel eleição, há mais de 20 anos, ficou o poeta **Zeferino** Brasil sagrado "Principe dos poetas do Rio-Grande-do-Sul".)

Zeferino Brasil

Óperas em Brasileiro!

Benedito Mergulhão

Vai ser um Deus nos acuda! Ironias, censuras, reticências, cochichos, risos pernósticos de piedade e mofa, tudo isso formara a moldura de meu ridículo, para regalo dos homens superiores e até mesmo dos imbecis... Não importa. Pouco se me dá que a elite se formalize e sentencie, escandalizada: — "O senhor não passa de um ignorante!" Cerro os ouvidos á descompostura e trato de me consolar assim: Quando eu morrer vou direitinho para o céu... E que ninguem duvide. Não é que eu viva engulindo hóstias de trigo insôsso, nem esmurrando o tórax, escandalosamente raquítico, com a penitência e a contrição dos pecadores arrependidos. Nada disso. Confio, apenas, na bolorenta honestidade do Evangelho: — "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles será o reino dos céus..." Se não está certo, os carolas que corrijam. Livra-se o inferno de uma alma arreliada e rixenta, muito embora me falte, na hora extrema, o passaporte que as sacristias fornecem a quem deseje espichar em estado de graça, com todos os *ff* e *rr* preconizados pela santa madre... Ora, muito bem. Reconheço-me perfeitamente estúpido, e a confissão dispensa outros atestados, de vez que nenhum seria tão valioso quanto o meu. Sei bem que alguns cavalheiros, amáveis e complacentes, murmurarão a sorrir: — "Modéstia!" E eu a protestar, deliciosamente comovido: — "Não é! Garanto que não..." E desfiaria o rosário : sou rústico, atrasadão, sem verniz. Servido por uma cultura de almanaque e escrevendo, por vício, baboseiras travêssas em que refulge o brilho mistificador das joias de fantasia. Por isso mesmo insisto em não ter papas na língua, sempre que preciso situar nos limites da minha visão estreita, julgando-os, homens e coisas do meu tempo. Isso de amabilidades, salamaleques, cortezias, rapapés e ambiguidades, gostosamente endereço aos perfumistas da galanteria, aos artífices do elogio convencional, afeitos, por índole e temperamento, á tarefa de aparar as arestas da franqueza, adocicando a verdade com o açucar das conveniências. Isso posto, armemos a tempestade: acho o teatro de óperas uma cousa detestável!... Aquí caberia uma pausa. "Stop"! E' mais bonito em inglês. E a pausa me daria tempo de sondar o efeito da petulância com que agrido a cultura clássica. Logo depois, pontos nos *ii* com um apêlo ao paradoxo: detesto as óperas por gostar imensamente delas! Nos meus tempos de rapaz, acoroçoando vocação que não durou, muitas vezes fiz ensaio para tenor de banheiro, desses que o Ari Barroso, na mais santa das indignações cantaroladas, andou mandando para o Scala de Milão. Impava o peito esquálido, punha uns tremeliques pretenciosos na voz, e garganteava retalhos líricos que eu aprendera de oitiva: *"Una voce poco fa..."* Estrilo da vizinhança e uma vocação perdida para o mundo! Que pena!... Mesmo assim, nunca entrei no Municipal. Vezes muitas, enfarpelado em *smocking* de aluguel, rondei-lhe, timidamente, a escadaria soberba. Pachola. Solene. Elegantíssimo. Isso é cabotinismo? Seja... Mas não entrava, nem á mão de Deus Padre! Por decôro pessoal. Para não perder o respeito de mim mesmo. Não me seduziam os artifícios da vida elegante. Que iria eu fazer lá dentro?

Ficar na situação do burro célebre, que se deslumbrava na contemplação de palácios? Comigo não, violão... E voltava nos calcanhares, a meditar: as óperas deviam ser cantadas em brasileiro. Nacionalísticamente! Si os libretos passassem por uma adaptação inteligente, estaria terminado o sacrifício de centenas de criaturas que fazem das temporadas líricas um *rendez-vous* elegante, — onde é *chic* a exibição mundana —, não perdendo um espetáculo e, — aquí é que a coisa pega — nada entendendo do que se diz a cantar! Como são raras as exceções, Deus meu! E's testemunha, na tua misericórdia infinita, de que não estou levantando um falso... Ora, ouvir uma ópera, não me bastava. Eu queria entendê-la, sentí-la, assimilando, tim-tim por ti-tim, o entrêcho que escapava à lamentavel ignorância de que nunca me consegui libertar. Não é honesto isso? Digam lá si não é... Depois, há outra coisa, ainda, a me indispor com a cena lírica: é que a gente se arrisca a defrontar, no palco, em lances de amor à moda antiga, Julietas enxundiosas e adiposos Romeus, maduros e fanados, suarentos e pesadões, por baixo daqueles trajos complicadíssimos, horríveis e obsoletos, que logo nos trazem à idéia o bolor, as traças e as baratas, eminentemente conservadores, das tradições... Se eu visse isso, faria, na certa, uma *gaffe* monumental, vaporizando em cima dos cantores um inseticida de renome. Imagine-se o escândalo!

Bem melhor, portanto, é atualizar o passado. Traduzir os enrêdos. Higienizar o espetáculo .Os críticos poderão clamar que isso é disparate, e como "ambiente" e "clima" são vocábulos em grande moda, afirmem, sem cerimônia, que faltaria clima e ambiente a uma representação dessa ordem, embora sob o calor dos trópicos. Podem estrilar, que o pranto é livre... E eu, sempre a teimar o contrário... Numa coisa, apenas, recuso contradita: é felicíssima a iniciativa da emissora radiofônica que transmitiu, em brasileiro, óperas que muita gente estava farta de ouvir sem entender. Representando-as em nossa língua, intercaladas dos melhores trechos da partitura, realizou, queiram ou não os ranhetas das antiguidades, obra notável de difusão cultural. O enrêdo, ao invés de acessível, apenas, à reduzidissima minoria dos que, de fato, *capiscam* o italiano, é desenrolado, pelo rádio, ao sentimento e à imaginação do ouvinte de todas as classes sociais, nos centros mais cultos e nas regiões mais distantes, fazendo-o entrar na posse plena de magníficos tesouros que, sem as ondas hertzianas, jamais lhe alvoroçariam a festa emocional dos sentidos. Irradiando óperas em brasileiro, a emissora que me inspira esses comentários, está prestando à educação popular um serviço que não poderá ser discutido por críticos apaixonados e afeitos a emperrar nas idéias fixas. Ridicularizam os inovadores? Que importa isso? Já disse que os críticos são uma cultura de micróbios que sempre fala mal do caldo que a sustenta... Isso é tão profundo que até parece meu, e a imodéstia aqui fica sómente para irritar. Talvez a muitos desses cavalheiros impertinentes, que andam a condenar a novidade radiofônica, a dramatização das óperas esteja a ensinar muita coisa que ignoravam... Entreguem, portanto, decentemente, os pontos. Bater papo em defesa de um senso artístico cheio de achaques de velhice, não adianta. E tereré não resolve...

Vida em Flor

(Inédito)

No silêncio das horas fugidias,
a vida se refaz e se renova,
quando em nós mesmos, por secretas vias,
nós mergulhamos como numa cova.

Trazemos para a vida uma alma nova,
nascida nessas horas de harmonias,
que o bom senso condena e desaprova
chamando-as de perdidas e vasias.

Que horror os homens utilitaristas,
que não sabem jamais lançar as vistas
sobre si mesmos nem um só momento!

A alma tem estações, tendo quimeras
— e eles não teem jamais as primaveras,
a vida em flor no próprio pensamento!

Valdemar de Vasconcelos
(Da Academia Rio-grandense)

O ANTIJUDAISMO ALEMÃO

Lafayete Rodrigues
(Diretor de "Aspectos")

Nos ultimos meses de dezembro a Europa esteve a sucumbir numa hecatombe de fogo, ferro, e peste da qual, sem dúvida, poucas nações se salvariam.

Passada a espectativa dolorosa surgiu na Alemanha de Adolfo Hitler, sob a repulsa do grande número de países o problema racial da expulsão em massa, do povo judeu.

O movimento anti-semitico não repercutiria em detrimento aos sentimentos de humanidade entre os povos civilizados, se não se revestisse das medidas anticristãs de incêndios das sinagogas, das bibliotecas, das casas residenciais e de negocios; e ainda das extorsões nas economias privadas e, por fim, do roubo, incompativel com a dignidade dos homens.

Antes, porem, o Reich que tinha recentemente invadido a Austria e imposto, pela força, a anexação ao seu territorio do territorio sudeto, arrastando com esses fatos de prepotência uma grande animosidade do mundo, escolhera má a oportunidade da época, para resolver o problema de sua raça.

Se não fôra isso a Alemanha teria o aplauso geral, por ser um direito de defesa do seu povo, contra qualquer raça que ele julgue dentro do seu país, prejudicial à segurança da Pátria.

*
* *

Não é esta a primeira vez que um movimento dessa natureza se agita na Europa. Foi na própria Alemanha do grande chanceler Bismarck, isto é, em 1880, que se iniciou uma campanha contra o judeu, o matador de Jesús, mas sem a repercussão e as tiranias dos seus executores.

Assim é que no parlamento foi ouvido a palavra inflamada do professor Virchow, em defesa dos israelitas, atribuindo-lhes qualidades de cultura quer no campo dos livros hebraicos, quer na ciência, nas artes e nas letras, vestígios inapagaveis de um povo forte e trabalhador. Sabia que esse movimento odioso — naquele tempo — d'auto-de-fé, provocava uma grande indignação da imprensa liberal de Londres.

Não podia admitir que a sua pátria historicamente culta e tolerante, pátria em que nasceram os maiores vultos da ciência, pátria de Hegel, Kant, Schopenhauer, Strauss e Hartmann, se desencadeasse uma campanha de tal carater, como se o imperador Maximiliano estivesse ainda do seu acampamento, decretando a destruição da lei Rabínica!

*
* *

O governo duramente combatido no Reich-

stag, declarara apenas "que não tencionava por ora alterar a legislação relativamente aos israelitas."

*
* *

Este procedimento deu a entender que a perseguição não é de sua iniciativa; mas não teve uma palavra condenando este movimento anti-semitico, que parte da grossa população germânica e nada promete de fazer respeitar as leis que protegem o judeu, cidadão que era do império, e lava as mãos ministeriais na bacia de Pôncio Pilatos.

Mas donde provem este odio ao judeu? A origem é muito remota, sabemos nós, mas a Alemanha estará disposta a reivindicar por si só a vingança do sangue de Jesús? Os vinte séculos passados não bastaram para que a humanidade cristã, velha e indulgente, não esquecesse a afronta mais humilhante feita a um justo?!

Logicamente se explica, mas, tambem, se atribue a prosperidade da colônia judaica que, naquela época era estimada em 500 mil judeus, que dado o método de trabalho, disciplina e economia, fazia uma concorrência prejudicial a burguesia alemã.

Em todos os campos da atividade, e até nas profissões liberais como advogados e médicos, os semitas tinham a maior clientela, absorvendo tudo e dominando até as duas maiores forças sociais — a Bolsa e a Imprensa.

E nesta progressão aritmética que faziam nas finanças e no comércio, os filhos d'Israel, senhores de todas as casas bancárias e dos grandes jornais da Alemanha, impunham a sua vontade de judeu aos bons arianos.

Daí o rancor do povo por esta raça, amaldiçoada biblicamente, e que agora, com a Alemanha totalitaria, recrudesce sem entranhas uma guerra de exterminio aos herdeiros dos que mataram Jesús.

*
* *

Hitler não fez outra cousa senão repetir com outros métodos, os métodos complacentes de Bismarck, afrontando com desassombro o juizo que as Nações pudessem fazer do seu governo.

E' possivel que nas grandes reformas sociais, para o futuro, o grande reformador da Alemanha nacional socialista, se transforme pouco a pouco em *Deus*, como Confúcio, Mamomé e Jesús que são exemplos da história.

*
* *

Assim é que o pensamento quando elevado, tem uma tendência fatal e revela, de futuro, uma sábia filosofia ou uma religião esboçadas.

Na aparência foi Hitler um deshumano, um monstro, mas na realidade ele procurou salvar 80 milhões de patrícios dos grilhões de uma raça que há seculos sugava, sem entranhas, todo o sangue alemão.

Dentro de Berlim existia uma verdadeira Jerusalem, inexpugnavel, cujas muralhas formidaveis do templo de S. Salomão, que foram arrasadas, continuava impenetravel.

Aí os descendentes de Israel deliberavam com os seus costumes, o seu *sabat*, a sua língua, o seu orgulho com o máximo desprezo pelos cristãos.

Vivendo na opulência, os judeus só se casavam entre si, só eles se ajudavam, mantendo-se isolados; compactos, inacessiveis e imprestaveis, arrastavam contra sua raça o ódio do povo germânico.

O colapso que em 1918 se operou na Alemanha, se atribue em grande parte aos judeus.

Enfraquecida, o desastre já não era de ordem militar, mas econômica.

O governo precisava de reagir com decisão, aplicando uma terapêutica de emergência, nos casos em conflito com os interesses vitais do País.

Adolfo Hitler é, por isso, hoje, o homem mais temivel e temido da Europa!

Criando este conceito internacional, em torno dele, o seu povo vai juntando a sua confiança, julgando-o infalivel como um novo Messias.

Tanto assim que já há uma biblia em que o povo germânico jura em nome de Hitler, e o Estado oficializa-a como uma nova religião surgida pela revolução social-nacionalista. Eis aí a Alemanha do anti-semitismo.

A nossa ortografia oficial

Mota Assunção

1 — *Quem torto nasce...*

O decreto de 23|2|38 resolveu, oficialmente, o nosso problema ortográfico, mas teórica e praticamente resta ainda, infelizmente, muito que fazer. E' que o vocabulário ortográfico prometido no art. 2° desse decreto depende de um formulário que há de ser extraído, por interpretação, do sibilino acordo de 1931 e que pode conter coisas mirabolantes. Assim sendo, o novo decreto não resolveu nada definitivamente, indicando apenas o propósito em que está o governo de continuar seus esforços para livrar a nação da balbúrdia ortográfica em que sempre viveu e que o "acordo" de 1931 tão singularmente agravou.

"Quem torto nasce, tarde ou nunca se indireita", diz o adágio, e é bem este o caso da nossa ortografia oficial. Se não, vejamos: em 907 aprovou a Academia Brasileira um sistema ortográfico que ela própria abandonou pouco depois; em 912 e 916 adotou ela a reforma portuguesa de 1911, que em 1919 acabou por enjeitar, tendo revalidado em 929 a sua ortografia de 907 — que em 931 foi de novo enjeitada com o "acordo" cujo art. 1° assim fala: — " A Academia Brasileira aceita a ortografia oficialmente adotada em Portugal".... Há pois 30 anos que a Academia Brasileira não faz outra coisa senão convulsionar o mundo gráfico com reformas ortográficas sem ter, até hoje, conseguido tirar nada a limpo! Que outra melhor prova de incapacidade nos poderia ela oferecer?

2 — *Experiência custosa e vã*

Mas o desastre ortográfico da Academia Brasileira estava previsto de antemão e só os leigos se podiam iludir com as fumaças dos literatos. "As academias, em toda parte, são institutos de escamoteação, como em geral todas as assembléias e companhias numerosas. Nessas assembléias impera a ênfase ou o exibicionismo, que vencem pelo incomodo que causam. A fuga dos que se aborrecem garante a vitória do verbalismo rixoso" — (João Ribeiro, *Colmeia*, pg. 89). "A reunião de pessoas capazes nem sempre é penhor de capacidade total e definitiva: da reunião de indivíduos de bom senso pode obter-se uma assembléia que não tenha senso comum; assim como, em química, da reunião de dois gases se pode obter um corpo líquido" (Apud S. Sigheli, *La folla delinquente, pg.* 8)E Gastão Paris, falando mais tecnicamente, assim se expressa:

"A ortografia não é questão de gosto, mas de raciocínio e de prática; para ser bem estabelecida exige o concurso de linguistas, educadores, homens de negócios e tipógrafos — mas nunca o de poetas, romancistas, nem mesmo filósofos ou criticos. Seria deveras lamentavel que os escritores de talento ou de gênio que constituem a ilustre companhia (Academia Francesa), empregassem o seu tempo na indagação dos melhores meios de estabelecer, entre os fonemas e os caracteres que os representam, um acordo que satisfizesse a clareza sem multiplicar inutilmente os sinais e sem destruir o aspecto tradicional da língua escrita; eles, na verdade têm coisa melhor em que se ocupar: mas, ainda que o tentassem, o mais certo seria sairem-se mal, visto não estarem preparados para esta tarefa e não terem o espírito voltado para os dificeis problemas que ela envolve". — E mais: — "Quanto a fixação de uma ortografia nacional, ela deve ser confiada a uma comissão pouco numerosa, composta de filólogos e de pessoas experientes, a qual, em pouco tempo, poderá dotàr o país com um instrumento cômodo, simples e bem apropriado à tarefa tão importante e hoje tão inutilmente complicada, da representação das palavras da língua pela escrita". — (Prefácio da *Gram. Rainsonnée de la Langue Fr.*).

Já demonstrei num livro como a sistematização ortográfica foi sempre e não pode deixar de ser tarefa dos humildes operários gráficos. Foram eles que, desde eras remotas e sobretudo após a invenção do prelo mecânico, ao confrontar a garatujada dos autores, incoerentes sempre, tiveram a idéia de uniformizar a escrita.. Mas ouçamos o grande Mário Barreto: —

"... a Academia franceza tem-se mostrado rebelde ás tentativas de reforma ortográfica, Mas pouco importa que uma assembléia de homens de letras se oponha á simplificação da ortografia: eles são puramente letrados, escritores e poetas: não são filólogos nem gramáticos. A estes é que toca a missão de traçar um plano de reforma ortográfica, porque só estes conhecem cientificamente a história da língua e os segredos da sua evolução. Escritores e jornalistas, príncipes do

estilo, quando se abalançam à discussão de problemas linguísticos, revelam quasi sempre desconhecimento das leis mais elementares da ciência da linguagem, e incorrem em erros veramente lastimaveis. *Muito natural é que assim aconteça a quem sai fora do seu domínio e mete a foice em seara alheia.* O que compete aos escritores de profissão é estudarem o dicionário e a sintaxe, e familiarizarem-se com as sutilezas e recursos da língua para que se tornem destros no exercício da arte tão dificil da palavra. A Academia francesa, se tem no seu seio alguns eruditos, é essencialmente uma companhia de literatos e homens de gosto, mas não é uma sociedade de filólogos, e depois da morte de Gastão Paris, mestre universal da ciência românica, ela não se ufana de contar entre os seus membros um filólogo verdadeiramente digno deste título. Os cultores da filologia francesa de hoje, estes, pedem a reforma da ortografia. O italiano e o espanhol — as duas línguas mais afins da nossa — há muito tempo que gozam de uma ortografia quasi ideal, de singeleza e limpidez incomparavel. Só o português e o francês teimam em conservar essa escrita labiríntica e grecóide: *ph, th, rh, ch* duro, e outros artifícios. O francês tem sido o maior inimigo de nossa língua, e graves danos lhe tem feito, desde a ortografia até a sintaxe. Mas se o francês, pelo orgão dos seus mais eminentes gramáticos e filólogos, procura simplificar a sua escrita, é tempo e mais que tempo de nós outros abandonarmos uma ortografia que nos não é própria, mas sim de reflexo, e guiarmo-nos pelo castelhano e pelo italiano".

3 — *As academias são todas iguais...*

Só por inconciência, portanto e por ignorância manifesta da matéria e suas responsabilidades ousou a Academia Brasileira arvorar-se em solucionadora do problema ortográfico. São ainda palavras de Gastão Paris: — "Ce serait rendre un vrai service á l'Academie Française que de la decharger d'un fardeau qu'elle n'a assumé que par hasard, qui pése lourdement sur elle, et qu'elle n'est pas faite pour porter"..

Ora, se a Academia Francesa não tem capacidade para resolver um problema ortográfico, porque devia tê-la a Brasileira? Mas vejamos agora como o Sr. Rodrigues Lapa se refere à Portuguesa e outras suas co-irmãs: — "E' certo que muitos pensam que é melhor estar parado do que praticar loucuras; porque a maré atual não vai positivamente de rosas para as pobres academias. Ainda há pouco se publicou uma gramática da Academia Francesa. O grande Brunot saltou-lhe à frente e não teve grande dificuldade de provar o inacreditavel chorrilho de disparates da sábia congregação. Há dias, Américo de Castro, em *El Sol* flagelava o conservantismo anacrônico, o budismo estupefaciente da Academia Espanhola, que desbarata a sua enorme riqueza em verdadeiras bagatelas, concedendo premios sabe Deus como, gastando rios de dinheiro numa inconcebivel edição de Lope de Vega, e fabricando um "dicionário da lingua" em que se dizem coisas encantadoras, como estas: — "*Bacteria* = organismo vegetal que aparece entre outros, porem afastado e sem ter com eles nenhuma relação; *banana* = fruto grosso, triangular e macio; *cão* = mamífero que tem sempre o rabo menor que as patas posteriores, uma das quais o macho costuma erguer quando urina". "A' nossa não se podem apontar estas mazelas; vantagem evidente do não fazer sobre o fazer mal feito. Anda, é certo, empenhada em nos dar o enguiçado dicionário; tudo, porem, nos diz, pela pachorrenta lentidão das coisas, pela fatalidade de ridículo que paira sobre as academias, que ainda desta feita não passaremos da palavra azurrar. Não sei, com franqueza, por que motivos se obstinam em manter, num país pobre como o nosso, uma instituição que, de modo nenhum está justificando a sua existência e é até, sob certos aspectos, perigosa para a saude intelectual do país". (*A política do idioma e as universidades*, pg. 23).

4 — *Como a Academia desnorteou o Governo* de 1931.

Dispostos a livrar o país de todas as pragas daninhas, os patriotas que assumiram o governo em 930 estavam prestes a solucionar cientificamente o problema ortográfico, quando a Academia Brasileira, sentindo-se com isso ferida na sua vaidade, interveio e os desnorteou, criando assim a formidavel desordem gráfica de 931, que continua a flagelar-nos. E' o Sr. Gustavo Barroso quem nos conta o caso:

"A coceira das reformas apoderou-se dos homens públicos. Reformar tudo que não prestava foi a palavra de ordem. A ortografia antiga, vulgarmente chamada usual ou mixta, tambem não prestava. Falou-se pois á boca pequena dum decreto de reforma ortográfica, parecendo que se pensava em adotar a portuguesa, sem tirar nem pôr, tanto haviam calado — murmurava-se — no espírito de toda gente os argumentos e entusiasmos em seu favor proclamados nas entre-

vistas do *Correio da Manhã*. Foi então que a Ac. Brasileira, não só pensando no *capitis diminutio* moral que isso importaria para a nação em peso, como atendendo tambem ás reclamações da opinião técnica exaradas naquelas manifestações e em outras, todas feitas publicamente, resolveu conceder poderes ao seu presidente Fernando Magalhães para tratar dum acordo ortográfico entre Portugal e o Brasil, por intermédio da nossa academia... — Agiu desta sorte com serenidade e justiça, mais brasileiramente do que os lusófobos ocasionais e tanto mais violentos quanto mais passageiros." (*Ort. Oficial* p. 8).

No meu livro "*Origens e Ortografia da lingua brasileira*" pg. 138, já assim comentei esse tópico dourado do Sr. Barroso:

"Tem muita razão o atual presidente da Ac. Brasileira: aceitar a nação o sistema português, sem alterações, depois da campanha contra ele feita pelos "batutas" da mesma academia, seria realmente uma diminuição, uma vergonha, mas não "para a nação em peso", que aceitaria, segundo a expressão do Sr. Freire, atrás citada — "uma grafia uniforme e simples, que tem a seu favor a autoridade dos maiores filólogos de ambos os países". A vergonha e a humilhação incidiriam exclusivamente sobre os tais "batutas", leigos na matéria de que se improvisaram oráculos devido à sua lusofobia *permanente* e não *ocasional*, passageira, como a dos que se opuseram á capoeiragem filauciosa do formulário e do acordo".

Mas a maneira como o Sr. R. Lapa se refere ao acordo de 931 merece registo aquí: "Alguns escritores nacionais julgaram um dia que, para serem vendidos no Brasil, necessitavam usar uma ortografia que não escandalizasse (!) demasiadamente os brasileiros; e, num espírito inqualificavel de subserviência, foram-se ao nosso excelente sistema ortográfico e, sem o destruir, modificaram-no, para comprazer ás gentes do alemmar. Adotaram o meio termo comercial conhecido: nem cinco tostões, nem dez tostões; fica por sete tostões e meio. Resultado: a pesar da lei, que não governa estas coisas, quasi toda a gente ficou descontente cá e lá e não faltará muito para que se volte ás posições anteriores".

5 — *Um aviso aos leigos. Diversos graus de ortografia certa.*

A reforma simplificou tudo que era possivel simplificar na escrita do nosso idioma, mas as dificuldades restantes são ainda consideraveis, mesmo para os doutos. E os vocabulários incompletos, só com os termos alterados pela reforma, que teem aparecido nas livrarias em profusão abominavel, nada valem para os tecnógrafos, a quem basta conhecer as bases da reforma, e são inuteis aos neófitos ou leigos, que necessitam de vocabulários completos. Mas as dificuldades maiores, que uma escrita correta apresenta, podem ser assim resumidas:

1) *c* ou *s* antes de *e* ou *i*: Exemplos: — centena, ceder, cinto, civil, sentir, sensação, sinto, Sintra. Qual o meio ou regra para acertar nestes casos, entre o emprêgo de *c* ou *s*? Só o largo tirocìnio, amparado na consulta oportuna ao dicionário. Vulgares noções de latim pouco ou nada valem, porque a confusão vem de muito longe. Só a especialização ortográfica poderá evitar erros desta natureza.

2) *s* ou *z* médio — O *s* por *z* no meio das palavras só é legítimo quando representa um *s* latino, mas devido a regra errônea, muito vulgarizada de que *s* entre vogais vale *z*, tornou-se demasiado comum o erro no emprego destas duas letras. Só pois o longo tirocínio, junto ao estudo oportuno, podem habilitar a escrever corretamente palavras tais, como: casa, rosa, mesa, ânsia, vasilha, quiser, vaso, riso, quis, pôs, pesar, — vazio, cozer (de cozinha), coser (de costurar), prazo, gozo, razão, analise, realize, siso, etc.

Mas a ortografia não interessa a toda gente no mesmo grau. Quem escreve uma carta particular ou de negócios, um relatório social ou regista fatos num livro comercial — sem pretensões literárias — não precisa consagrar à escrita os cuidados exigidos por qualquer trabalho destinado à imprensa. Identicamente o redator dum almanaque ou periódico sem pretensões filologicas não precisa ter com a ortografia as atenções que lhe deve consagrar o autor de um dicionário, gramática ou trabalho linguístico.

Sendo assim, podemos dividir em tres graus a disciplina ortográfica:

1.º grau — Escrita sem pretensões literárias.

As pessoas nestas condições podem limitar o seu saber ao seguinte: —

a) *Letras duplas* — Só se usam quando a pronúncia as exige, como em *carro*, *seccional*, *secção*, *sessão*, *sucção*, *arrostar*, *derrogar*, *bancarrota*, *ressentir*, *pressentia*, *etc*. Escrever-se-ão, portanto, com uma só letra as palavras que outrora se usavam com duas, sem excluir os nomes próprios ou apelidos: — beleza, sábado, atitude, cavalo, pano, Mota, Melo, Estela, etc.

b) *Letras mudas* — Nesta categoria de letras algumas há que só são pronunciadas nalgumas zonas do nosso ecumeno prosódico ou aquí e alí por pessoas mais cultas ou menos cultas, visto

como ambos os casos determinam o facto. Para que a escrita nacional seja uniforme é preciso conservar sistematicamente a escrita tradicional legítima dessas palavras. Não há nem pode haver fala uniforme em país nenhum; mas pode haver e há em todos os países civilizados escrita uniforme. Precisamos não confundir o que é legítimo com o que é errôneo ou vicioso, nem o que é geral com o que é regional. A escrita não pode traduzir todos os sons, para o que seriam necessárias as 19 vogais e as 38 consoantes empregadas por G. Viana em sua gramática (Portugais, Lípsia, 1903). Como exemplo citarei a palavra *muito*, que os cultos pronunciam *múinto* e os incultos *munto*. Errado é pois ensinar que só se devem escrever as letras que se pronunciam, pois só assim farão as pessoas cuja cultura não lhes permite escrever conforme o padrão nacional. (1).

c) *Letras eliminadas* — Estão proscritas de todas as palavras nacionais ou nacionalizadas as letras *k*, *y* e *w*, que serão respectivamente substituidas: *k* por *qu* antes de *a*, *e*, *i* e por *c* em qualquer outra situação; *y* por *i* e *w* por *v* ou *u*, conforme for a pronúncia. Portanto: *quiosque*, *quilo*, *quilômetro*, *quermesse*, *querosene*, *calendas*, *cágado*, *folclore*, *Copérnico*, *Franclim*, *Cardeque*, *caiser*, *Tsar* (*russo*) *czar* (*polaco*), *codaque*, *Valdemar*, *Osvaldo*, *Venceslau*, *revólver*, *Lirio*, *tipo*, *etc*. Assim como se nacionalizaram Kopernic (Copérnico) Anwerp (Antuérpia) e tantos outros nomes geográficos e de homens notaveis, devemos nacionalizar tudo que neste particular se torne popular. Se queremos honrar um nome estrangeiro consagrando-lhe um logradouro público devemos escrever, por exemplo: — *Sanz Penha* e não *Sanz Peña*, pois são raras as pessoas que conhecem o valor do n-til espanhol, o que dá em resultado toda gente pronunciar *Pena* por *Penha*, assim estropiando o nome que se quis honrar. E' o que se pode ver até nas taboletas dos ônibus da praça Sanz Penha, onde se lê *Sanz Pena*. E já era tempo de começarmos a civilizar a ortografia da nomenclatura das nossas ruas e praças, para uniformizar a sua pronúncia e facilitar a recíproca compreensão. Aliás é o que se faz em todas as terras cultas.

2.° grau — Escrita sem pretensões filológicas. Podem os autores continuar a escrever como sempre escreveram até aquí, isto é — ao acaso — deixando porem aos tecnógrafos (compositores e revisores) o cuidado que sempre lhes tocou de uniformizar e vestir as palavras segundo o figurino da moda.

3.° — grau — Em obras filológicas não se toleram erros de ortografia nem listas de corrigendas, como é vulgar deparar-se nas edições portuguesas e brasileiras. Os nossos editores habituaram-se a idéia cômoda, mas notoriamente falsa, de que para corrigir tipograficamente uma obra basta, na melhor hipótese, reproduzir servilmente os originais do autor. O resultado de semelhante prática é esse chorrilho de erros de toda sorte que encontramos até em obras luxuosas e caras, como o *Dicionário Ilustrado Internacional* e a *Colonização P. do Brasil*. Nas *Apostilas* de G. Viana estão seis páginas de corrigendas e na *Introducção a glot. romanica*, de Lübke há quatro páginas maciças de erratas.

E' uma vergonha de que só não se peja a nossa indústria editoral e que está a pedir uma providência repressiva por parte do poder público. Livros assim errados não se devem vender; devem ser atirados ao lixo.

NOTA — A otografia observada neste artigo diverge um pouco da preferida pelo autor, bem como daquela que se adota oficialmente em Portugal e tambem das interpretações várias que no Brasil se fizeram e estão fazendo dos decretos ortográficos. E' o velho caos insanável por falta, apenas, dum código análogo ao português. A este código recorrem às vezes os ortógrafos para resolver suas dúvidas, mas como o Voc. de G. Viana, mesmo nas edições mais recentes, não foi posta em dia com as alterações sofridas em 920 pelo sistema português, os esforços dos ortógrafos incautos ficam truncados. Tal é o resultado objectivo de todo o tumulto feito desde 1907 em torno da simplificação ortográfica— E enquanto perdurar tal situação só por ignorância ou ironia se poderá ordenar a alguem que observe a "ortografia oficial", que não existe objectivamente. — *M. A.*

(1) Os vocábulos pouco vulgares, de pronuncia divergente, ou dubitativa ou não fixada pelo uso geral, conservam a grafia tradicional: *secção*, *recepção*, *excepção*, *espectador*, *espectativa*, *caracteres*, *mnemónica*, etc. Quando a letra muda influa sobre a vogal anterior, como em *activo*, *facto*, *adjectivo*, *redacção*, *acção*, é facultativo conservá-la, dependendo isso do critério de quem escreve, pois é preferivel respeitar a escrita tradicional a falsear qualquer pronunciação legítima do idioma. Isto será melhor do que escrever *áto*, *átivo*, *fáto*, *redáção*, *adjétivo*, etc., conforme lemos constantemente em publicações *simplificadas*. Se a supressão da letra muda obriga a um acento contrário ao sistema adotado, conservemo-la em honra desse sistema e da tradição escritórica. Se a letra muda influe na pronunciação — pronuncia-se e deve ser conservada. No mesmo caso estão os *mm* e *nn* nasais, sendo tão legítimo escrever *tão* como *tan*, *tãto* como *tanto*, *também* como *tãbém*; e se neste caso se conserva a letra muda, ou diacrítico, ¿porque suprimí-la sistematicamente no outro? (*M. Assunção*, *Ortografia Oficial de* 938, p. IX).

Viaje a RIMBAUD

Una luna enorme lo estaba invadiendo.
Llevaba en los ojos arena quemada...
Floreció en raices de flores dormidas
que, sin saber cómo, tocaron el alba.

Passó como um hombre reciente de gruta.
Traia chispazos. que no se fijaban.
Un pulpo de tierra, movido de instintos,
lo estancó de fugas que nunca llegaban.

Se perdió entre espinas de veinte colores,
la estrella de copas que lo iluminaba,
la sal irritada, el muro de barro:
frontera reseca de las carabanas.

Se perdió en si mismo, como un condenado,
detras de la puerta cerrada del alma.
Una luna enorme lo estaba invadiendo...

(...Que, sin saber cómo, tocaron el alba,)

B O A D E L L A

MÁRIO LINHARES

Francisco Prisco

Não fosse um homem esquivo e modesto, estranho ao compadrio literário que por aí vegeta, Mário Linhares veria no cartaz o seu nome, como um dos mais perfeitos poetas contemporâneos.

No acervo da tumultuosa avalanche poética com que nos abarrotam os prélos, o encontro de um livro como os *Florões* ou o *Evangelho Pagão*, constitue fato excepcional e é uma festa para o espírito. A verdadeira poesia não será nunca trabalho de simples malabarismo literário, mero jogo de palavras ao alcance de qualquer espírito bisonho. O que recomenda e perpetua a poesia é a comoção que desperta, o enlevo que produz, as idéias que sugere, os sentimentos que acorda. Não é poeta quem quer, mas quem tem a felicidade de *sentir* e a capacidade de transmitir esse sentimento. *Fazer versos,* sim, é tarefa ao alcance de toda a gente...

E infelizmente entre nós constitue exceção quem não *comete* os seus versos...

Quando, porem, se nos depara um livro como as *Poesias* do Sr. Mário Linhares, em cujas páginas há inspiração, alteza de pensamento e uma língua apurada e rica, temos o direito de acreditar ainda na existência da arte poética no Brasil. Porque, digamo-lo sem ambages, o merecimento reside na volta as antigas fontes literárias. Futurismo, penumbrismo ou cousas que tais, nada valem, nada representam, de nada servem. Desnaturam e achincalham a arte. São perversões extéticas, que o próprio tempo, na sua obra de depuração, inutiliza e de sua existência em pouco nem vestígios nos restarão...

Tem o Sr. Mário Linhares o bom senso de fugir a perversora influência das novas correntes e, voltados o espírito e o coração para os verdadeiros mananciais da poesia, ele nos surpreende com uma coleção de versos, muitos dos quais terão acolhida certa nos florilégios.

Filho do Ceará, há nas páginas do seu livro todos os característicos da terra que o viu nascer: é aquí o sol esplendente, cuja luminosidade, de tão intensa, chega a ser ofuscante; é o martírio periodico das secas, "em que um sol de brasa queima impiedosamente o ventre da floresta"; são paisagens lindas da terra de Iracema, são as praias, a jangada, a figura patriarcal de Juvenal Galeno... tudo passa aos nossos olhos e de tudo conservamos na retina duradoura lembrança...

Mário Linhares evoca com suas rimas todo o esplendor que ostenta a natureza; traduz à perfeição, a calmaria e as conculsões das águas, em que os mastaréus rebramem e o mar regouga; descreve o arremesso dos ventos desatados, uivando em vertigem pelos espaços...

Em torno o oceano e o céu. O vento ulula [em fúria
E, aos zarguncho, açoita os vagalhões bravios
Do mar que, aos pinchos, se ergue e desce aos [rodopios,
No pesado clamor de uma eterna lamúria.

A chuva cai e o mar ruge e convulso chora
E pragueja, em delírio, o tufão no velame!
Como que a natureza estrebucha e estertora,
Na desesperação de um perpétuo vexame.

....

Amaina-se a borrasca. E à noite de tormenta
Sucede áurea manhã esplêndida e ridente
E o halo do sol doirando a espuma docemente
Como um lírio de luz, entre as nuvens, rebenta.

Como se vê, há força e harmonia em seus versos, há propriedade de expressão e rique-

za vocabular. Quem os lê, logo se apercebe de que o Sr. Mário Linhares trabalha num anseio desesperado de perfeição. Ele escolhe o termo justo, arredonda a frase, torce o período, procura a rima custosa e, quando ao papel confia a obra, eí-la estreme de qualquer deslise. Convencionou-se entre nós designar de parnasiano o poeta que se desvela no apuro da forma, como panteista o que tem o culto da natureza. Tais predicados são dos que mais distinguem as *Poesias* do Sr. Mário Linhares.

Tambem versos líricos e dos mais mimosos contem este livro:

Não vês que o vento as árvores agita?
— E' a ânsia de um ser que, em frêmito secreto,
Num ósculo de luz te solicita,
Nas fortes impulsões de seu afeto.

Diz num dos seus sonetos o poeta que dês que abriu os olhos ao mundo, sentiu pesando sobre a sua sorte uma tristeza indefinida. Mas ainda bem que era simples queixa de apaixonado, com o fito de induzir a simpatia e prender ao seu o destino da pessoa amada... Em pouco já havia em sua alma um vislumbre de esperança:

E ser feliz é o sonho que me embala,
E essa miragem que se não alcança,
A luz do teu amor hei de alcançá-la...,

E de fato alcançou. Há uma figura angélica de mulher, que de sorrisos lhe povôa o caminho duro da vida, redimindo com a pureza do afeto as contrariedades e decepções em que é sempre fertil o mundo:

Vê como eu te amo e desejo:
— Quanto mais eu fecho os olhos,
E' que ainda mais eu te vejo
Nos meus íntimos refolhos!

Diante de ti, doce amiga,
Hei de ficar sempre mudo,
Porque por mais que eu te diga
Nunca posso dizer tudo.

Mas alem de excelente poeta lírico, o Sr. Mário Linhares ainda se apresenta sob outro aspecto. A última parte das *Poesias* é obra da maturidade, obra de pensador, de filósfo:

Horas e horas sem fim, medito e estudo
E, embalde, escruto o espírito das cousas
E investigo se a morte a alma de tudo
Esconde sob o mármore das lousas...

E em outra das suas composições:

— Penso, com o coração transido e mudo,
Na Morte, que é a razão final de tudo
E tudo arrasta ao turbilhão do Pó.

Mas vai o tempo passando. Vão-se indo as ilusões... Outras são as perspectivas, outras as impressões, outros os sentimentos que aquí se estereotipam. E' a hora do recolhimento, em que se abriga o espírito no remanso da meditação, ante o infinito mistério da vida...

Proporciona a leitura da *Imitação de Cristo* grande conforto espiritual ao poeta e lhe ensina que

O destino do Ser não se limita
Nos rudes desesperos da alma aflita
Que erra e soluça sob a luz do sol...

Depois da fase da dúvida, que todos temos, depois da época da indagação, que é a do conhecimento das teorias que explicam e interpretam a vida, eis agora o poeta em pleno misticismo:

Andei perdido pela emaranhada
Selva do mais tirano cepticismo
E tive, longo tempo, a alma chumbada
A's falsidades do Filosofismo...

Mas, hoje, abrindo os olhos à alvorada
Dos princípios da Crença e do Altruismo,
Meu espírito ascende do atro abismo
A que eu tinha a conciencia arremessada.

Foge, Homem, da miragem que te ilude
E, aos resplandecimentos da Virtude,
Abre, como uma flor, teu coração...

Conhece-te a ti mesmo e sonda o fundo
Da alma, — que sobre tudo neste mundo,
Deus é a escada de luz da Perfeição!

Como se vê, o Sr. Mário Linhares é um poeta que merece grande e larga projeção. Sentimento, beleza de expressão, cultura, imaginação e pureza de forma... nada lhe falta para se impor como um artista de raça.

*

* *

Mas não é só um excelente poeta o Sr. Mário Linhares. E' tambem um critico literário atilado, servido de um espírito agudo, capaz de apreender de relance a psicologia de qualquer escritor. Os livros já publicados, notadamente *Gente Nova* e *Semeadores,* servem de documentação ao que afirmo. E se tais obras não bastassem ainda, para se lhe conferir o galardão de analista literário, teríamos agora com o recente volume sobre *Poetas Esquecidos,* as mais eloquentes provas da capacidade, do tino, do bom gosto e da elevação, com que o Sr. Mário Linhares estuda e interpreta os autores.

As páginas sobre os *Poetas Esquecidos* constituem excelentes subsídios para a história da literatura. Por elas perpassa um sôpro forte de simpatia, ás vezes de camaradagem, mas sempre numa atmosfera elevada, isenta de preconceito de escolas, sempre efêmeras, como de espírito de regionalismos, sempre injustificaveis.

Alguns dos poetas aquí contemplados, não são propriamente poetas esquecidos, como Auta de Sousa, Juvenal Galeno, Faria Neves ou Rodrigues de Carvalho, cujos livros todos conhecemos, mas em verdade nenhum dano há em lembrar os nomes e os poemas desses escritores.

Os versos de Auta de Sousa, imbuidos de pureza e candura, enchem de misticismo o nosso espírito e por ele derramam uma sombra de tristeza, que logo se esvai, quando se nos deparam Rodrigues de Carvalho e Juvenal Galeno, dedilhando ambos uma lira, em cujos acordes vibra toda a vida do norte... jangadas... lendas e canções... martírio das secas... o sol que esplende, mas não abate a riqueza da terra, nem o vigor do povo...

Um poeta que merece referência a parte e que para mim, ao contrário de esquecido, é inteiramente desconhecido, é o Padre Antonio Tomaz. E' um homem que goza a ventura dos 70 anos e a ventura ainda maior de os ter vivido sempre em seu rincão, a ouvir o canto da jandaia, de par com os queixumes das águas do Acaraú...

Mas o padre não é só um contemplativo: fascina-o a beleza da terra, mas a solidão em que vive força-o a pensar e são realmente de um pensador alguns dos seus versos:

CONTRASTE

Quando partimos, no vigor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As Esperanças vão conosco à frente
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando, descuidosamente...
Eis que chega a velhice, de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.

Então, nós enxergamos claramente,
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede exatamente

O contrário dos tempos de rapaz;
— Os Desenganos vão conosco à frente
E as Esperanças vão ficando atrás!

Foi pena que o Sr. Mário Linhares só nos desse meia dúzia de composições do Padre Antônio Tomaz. Trata-se de um poeta de verdade, cujos versos não podem ficar circunscritos ao Ceará. Reclama-os o Brasil!

O recente livro do Mário Linhares merece leitura. Com páginas umas de exaltação e muitas de emoção e de saudade, constitue um ótimo serviço prestado às nossas letras.

CHINA e JAPÃO

Luiz Sousa Gomes

Quando o Japão invadiu a China, em julho de 1937, após o "incidente" indispensavel nas guerras de conquista, a humanidade esperava que dentro de algumas semanas ou meses o Imperio do Sol Nascente tivesse subjugada, a seus pés, a República do Dragão.

Justificava essa espectativa, de um lado a evidente superioridade do exercito japonês, considerado, desde a guerra russo-japonesa, quasi invencivel tanto sob o ponto de vista do preparo técnico, quanto sob o moral de seus soldados, movidos por um patriotismo tocando os limites do fanatismo; e de outro lado a proverbial letargia do povo chinês, a sua ogeriza às atividades guerreiras e a consequente carência de elementos materiais com que se opôr aos invasores.

Entretanto, quasi dois anos se passaram, e a China continua resistíndo, com enorme espanto do mundo ocidental, e talvez dos seus próprios inimigos.

Quais as causas determinantes desse desvio de acontecimentos cuja previsão parecia certa?

E' a História e as opiniões de observadores que puderam estudar de perto ambos os povos e surpreender-lhes os desígnios e o carater, os elementos com que tentaremos esboçar aquí as razões desse erro de psicologia.

Povos ainda mal conhecidos para nós outros, seus antípodas, deles temos as noções transmitidas por uma literatura de turismo, ou pelo cinema. Neste, o chim é sempre o soturno traficante de entorpecentes, esperto, manhoso e calculista, impassivel e cruel: e o japonês é o organizador tenaz, metódico, econômico e sobretudo patriota, desse patriotismo alucinado e intolerante.

Japoneses e Chineses sempre foram inimigos. Há 1.300 anos, precisamente em 661, invadiu o Japão pela primeira vez a China, mas foi vencido na batalha de Chemulpo. Houve uma trégua de 600 anos, após a qual novamente se guerreiam japoneses e chineses, sendo estes desta vez os agressores.

A armada chinesa, chamada a "invencivel", e que levantara ferros para conquistar o Japão, foi destruida por um furacão.

O Imperio do Sol, encorajado pelo insucesso do inimigo, empreendeu por sua vez o ataque à China, e até hoje tem partido dele a agressão. Em 1895, vencedor na guerra contra a corrupta dinastia Mandchu, conseguiu o Japão apoderar-se da Coréia e da Ilha Formosa. Em 1931, depois de fomentar discórdias entre os chefes chineses, invadiu a Mandchuria e alí instalou um príncipe sob o seu domínio, declarando independente a riquíssima e vasta zona do Mandchukuo.

Em 1937 finalmente, os nipões a pretexto de implantar no país a ordem e a paz, invadiram a China com forças numerosas e aparelhadas com todos os mortíferos engenhos inventados pelo gênio destruidor do homem, para tornar a guerra um pesadelo ainda mais horrendo, não só para os que lutam nos campos de batalha, como para as populações das cidades, à mercê da implacavel furia de invasores.

Vencida a resistência chinesa nos primeiros meses de incruentos combates, puderam os japoneses tomar pé em várias provincias industriais do norte. E prosseguindo em seu avanço para o interior, alcançaram o Yang-Tsé, em cujas margens se ergue a grande cidade de Hankeow, capital provisória da China e tambem tomada. Aí pararam os japoneses. O seu progredir futuro é duvidoso.

O DIREITO E A FORÇA

Duas forças se antepõem na atual guerra sino-japonesa: a dos nipões, força material; to-

do o seu formidavel aparelhamento moderno de guerra; e a dos chineses, força moral, fundada na própria justiça de sua causa.

Ao povo mais belicoso do mundo, se opõe o povo mais pacífico do universo.

A história recente do Japão nos orienta sobre os seus pendores guerreiros. Em 1868 o imperador Meiji mantem como conselheiros os descendentes dos antigos "samurais", e vive cercado de guerreiros. Embora abolido o feudalismo, o exercito continua sendo a classe mais digna de honrarias da nação.

O primeiro fusil rudimentar entrado no Japão, foi ali introduzido pelos holandeses em 1540, mas os "samurais" se julgariam aviltados se o empunhassem como arma de combate. Quando, porem, os europeus devassaram os portos japoneses, estes consideraram que, se deviam viver como europeus, deveriam tambem saber matar como europeus. Começou então aí a indústria guerreira do Japão.

Em 1880 o major Murata inventou um fusil capaz de rivalizar com os melhores franceses e ingleses, e desde então o aperfeiçoamento dos engenhos de guerra, produzidos em larga escala sob o "controle" do Estado, coloca a indústria bélica do Japão no nivel das mais adiantadas do mundo.

A Grande Guerra deu lucros fabulosos aos fabricantes japoneses, e a China, com suas continuas revoluções e contra revoluções, comprava ao Japão 37% das armas que importava.

O Japão, sendo como é, a região mais populosa do planeta, tem necessariamente de expandir-se e para isso conta com a sua potência militar.

O seu exercito em pé de guerra pode ir até cerca de 12 milhões de homens, se tomarmos a proporção de 17% sobre a população, proporção atingida por alguns beligerantes na Grande Guerra. O seu orçamento militar vai num crescendo constante, tendo sido em 1933 de 937 milhões de Yen, ou seja 44% do orçamento geral da despesa.

Com tais elementos materiais, era de presumir pois que o Japão já houvesse vencido a pacífica e ultra-filosófica China, se fatores imprevisiveis não se houvessem interposto entre as duas forças em ação, anulando ou atenuando a incontestavel superioridade guerreira dos nipões.

Esses fatores são de ordem moral. No que tange aos japoneses residem eles na sua inepcia e incuravel arrogância.

Vencedores pela força das armas, nunca souberam tratar com brandura as populações vencidas, e estas, organizando-se em guerrilhas mortíferas, dizimam sem piedade e incessantemente os soldados invasores e os próprios chineses a estes vendidos. Nas suas proclamações para o mundo, a impertinente jactancia com que os nipões se dizem invenciveis e conclamam a força das suas armas, não sómente afasta da China qualquer intenção de acordo, mas irrita o resto da humanidade conciente.

Quanto às suas qualidades de organizadores, são de todo falhas, como afirma um jornalista americano, pois a própria administração civil de Hankeu continua a estar em mãos de chineses, pela impossibilidade em que se viram os invasores de fazer daqueles, simples bonecos às suas ordens.

No que toca aos chineses, volvamo-nos uns instantes para a sua história, e teremos a noção do que representa a tradição milenar na forja do carater de um povo. A coesão moral, a solidariedade no sofrimento e na dor, a suprema virtude de poder suportar com estoicismo todas as vicissitudes, são qualidades peculiares ao grande povo oriental.

Todos sabem que a civilização chinesa é uma das mais antigas. Muito antes de Roma, muito antes de Cartago, no ano 1750 antes de Cristo, a China era já um vasto sistema de pequenos reinos, sob a suzerania de um sacerdote-imperador, o "Filho do Céu".

No século VI antes de Cristo, uma grande atividade intelectual deu logar à criação de numerosos centros de cultura e civilização. Existiam naquela época, artistas, filósofos e mestres nas ciências.

Deles se destacou Confucio pela sabedoria com que ensinava aos seus discípulos uma filosofia impregnada de espírito público, buscando criar homens nobres para construirem um mundo de virtudes e nobreza.

Igualmente desta época é Lao-tse, o fundador de uma doutrina mística, diferente pois da de Confucio, pessoal e objetiva.

Nos séculos II e I antes de Cristo, era a China o sistema político mais bem organizado e mais civilizado do mundo, mesmo comparado com Roma, que lhe ignorava a existência, tal a distancia que separava os dois grandes imperios.

A esse periodo brilhantissimo de cultura, seguiu-se a decadencia material da China, e a essa decadencia não são decerto estranhos certos povos interessados em mergulhar no torpôr aquela veneravel nação, a fim de tirar partido das imensas riquezas do solo chinês.

As dinastias reinantes, supersticiosas e ignorantes, cercadas de áulicos tendenciosos, eram um decisivo obstaculo a que a China despertasse de sua longa letargia.

Foi só em 1911 que o colosso oriental abriu os olhos.

Nesse ano surgiu um grande chefe dotado das altas qualidades de inteligência, carater e energia capazes de transformar pela prédica e pela ação a mentalidade de 450 milhões de seres: esse chefe foi Sun-Yat-Sen.

Ele mostrou aos chineses a ignorância em que viviam; combateu a superstição, as crenças bizarras; mostrou-lhes o valor das modernas conquistas da civilização do mundo ocidental, e extirpou-lhes o indomavel pendor de viver isolados do mundo, o erro em desprezar os métodos modernos, em desdenhar do estrangeiro, a quem chamavam de "barbaro".

Os reformadores da China tiveram uma rude tarefa, qual a de transfomar uma civilização antiquada num estado moderno. Nas capitais da periferia, onde vive uma população em contacto com estrangeiros, é talvez mais facil adaptar o povo à civilização ocidental. Mas no interior vasto e profundo, de acesso dificil, residem populações primitivas, orçando cerca de 400 milhões de individuos, e aí a massa dificilmente se tem deixado penetrar pelo espírito moderno.

E' pela educação progressiva que será possivel modificar a mentalidade dessas populações, na maioria analfabetas. Assim pensando, os discípulos e os sucessores de Sun-Yat-Sen continuam a sua nobre tarefa e já hoje a educação vai penetrando até os mais longinquos confins do vasto hinterland.

Indubitavel é que a China em menos de vinte anos passou de uma estagnação quasi completa, a um periodo de conciênte patriotismo, não totalmente ultimado, diante das circunstancias apontadas: a imensidade do territorio e a enorme massa de população.

Os preconceitos arraigados profundamente no espírito público, os múltiplos interesses e prerrogativas das classes dominantes, ligadas estreitamente à dinastia Mandchu, tudo isso foram obstaculos transpostos pelos educadores do povo e marcam o grau de dificuldade que tiveram eles de vencer. Foram postos ao serviço das idéias e métodos modernos, os estudantes chegados da América, os homens de cultura ocidental, mas tanto estes como aqueles lutaram contra a má vontade e a resistência de funcionarios do antigo regimen, que se opunham à direção dos "novos", e se esforçavam por anular o trabalho empreendido no sentido de modernizar a China.

E' bem verdade que no princípio, os estudantes que retornavam da América, habituados à vida nas grandes cidades, e sem uma perfeita formação de carater, nem sempre correspondiam ao que deles seria lícito esperar. Os agronomos não queriam ir para os campos e preferiam ficar nas cidades dando lições... de inglês. Diferentes eram os estudantes saídos das escolas chinesas, os quais se entregavam contentes ao pesado trabalho rural, revelando com isto uma grande reserva patriotica e firmeza de espírito ainda puro dos contactos perniciosos do mundo exterior.

Mais tarde porem, os estudantes vindos do exterior venceram certas resistencias e enfim puderam aplicar os seus conhecimentos e exercer influencia nos destinos do país.

Sun-Yat-Sen faleceu em 1923, depois de fundar a República Chinesa e organizar o Kuomintang, partido político que se orienta por "três princípios", especie de totalitarismo, de que o fascismo e o nazismo são meros plagios.

Sun-Yat-Sen foi o animador da China moderna, e os seus princípios são rigorosamente seguidos pelos seus discípulos e continuadores.

O CASAL TCHANG KAI SHEK

Um dos auxíliares de Sun, o jovem oficial Tchang Kai Shek, seu secretario particular, sucedeu ao grande chefe e tornou-se, no dizer de um periodista europeu, o Jorge Washington da China moderna.

Casando com uma cunhada de Sun-Yat-Sen, a mais jovem das irmãs Soong, o casamento aumentou-lhe o prestigio e com o auxilio dessa poderosa familia de banqueiros e grandes industriais, pôde se entregar à reconstrução econômica e educacional de seu país.

Sua esposa, Soong Mei-ling, autentica beleza chineza, tem sido, durante os laboriosos dias atravessados pelo Marechal, a sua mais dedicada e inspirada auxiliar. E' uma grande dama, cuja força d'alma faz lembrar as antigas patricias romanas.

As páginas que escreveu, precedendo à narrativa de seu marido sobre o golpe de estado de Sian, em 1936, são cheias de emoção e sinceridade. Nelas há uma passagem digna de registro. Diz madame Tchang Kai-Shek:

"Os chefes militares japoneses se convenceram eles próprios e convenceram aos ou-

tros, que a China estava a caminho de completa desintegração, e que chegara o momento de realizarem os seus designios. Eles se enganaram, pois a desordem é mais aparente que real. Mas o que é surpreendente, é que os japoneses fossem *os menos* capazes de compreender o fundo do problema, e de conceber que esse problema ligava-se à própria alma da raça; que fossem incapazes de reconhecer a existência dessa força de inércia inerente ao carater chinês, e que não obstante representa vontade; força que permanece misteriosamente oculta atrás do tumulto e do caos que nos veem atormentar como uma epidemia. Está aí entretanto um elemento capital da psicologia chinesa e que explica tantas ações inexplicaveis para os estrangeiros".

Como observa madame Tchang Kai-Shek, desde que os chineses sentiram o punho inimigo se abater sobre seus lares, e que viram a cobiça estrangeira ameaçar o solo dos seus antepassados, despertaram do torpor em que viviam e começaram a examinar minuciosamente os problemas que se desenvolviam diante deles.

Foi um novo estado de espírito, surgido pela situação de fato — a invasão estrangeira.

Milhões de individuos despertaram inesperadamente para a conciência de seus sentimentos, para afirmar seu nacionalismo em salvaguarda à terra de seus pais.

Tchang Kai-Shek, o Generalissimo, presidente do governo nacional, quer dizer o chefe do Estado, tem dedicado os seus maiores esforços em organizar e fortificar o exercito, e para isso contratou instrutores estrangeiros: os alemães para o exercito de terra, os italianos para a aviação, e os americanos para a criação de usinas de guerra.

Como diplomata e político habil, a sua ação neste setor não sómente é dirigida para o interior, no afan de dirimir as contendas de chefes ávidos de poder, como tambem se distribue nos "pourparlers" com a Russia e o próprio Japão.

Em princípios de 1938 Tchang Kai-Shek se faz substituir na direção do conselho executivo, deixa em Hankeu um ministerio de união nacional, e torna-se unicamente "o generalissimo" que pelas altas qualidades militares se tem constituido perante o Japão, "o indesejavel".

Dotado de todas as qualidades de sua raça, como seu lídimo representante, possue o generalissimo essa inquebrantavel resistência, essa filosofia serena, que lhe teem permitido vencer todos os obstaculos que, numerosos, vão pontilhando a sua vida pública.

O golpe de Estado de Sian, em 1936, o mais notavel "kidnapping" da história política deste século, teve o mérito de mostrar ao mundo e especialmente aos inimigos da China, a nova mentalidade que se inaugurava. Aos japoneses mostrou uma China unida e sem temor, e revelou ao mundo inteiro um homem extraordinario, de rara envergadura moral, e conciênte da alta missão que lhe incumbe como chefe da nação e guia de seu povo.

Sequestrado por um golpe de traíção de chefes militares seus subordinados, num período de efervescência política da mais alta gravidade, o rapto e prisão de Tchang-Kai-Shek teria um desfecho trágico, se nele não houvessem encontrado os seus sequestradores uma serenidade e uma resistência acima de qualquer previsão. Foi graças à sua força interior, ao seu desprezo absoluto pela vida e à conciência do dever de sacrificio pela Patria, que ele triunfou de seus inimigos e pôde retornar à direção dos negocios nacionais.

O diario em que narra os 15 dias passados na prisão, em Sian, revela diálogos de impressionante vivacidade entre o general Chang, chefe da insurreição, e o generalissimo:

— "Conhecieis antecipadamente a revolta de hoje?" — pergunta o marechal. "Não" — responde Chang.

— "Uma vez que não estais ao corrente deste assunto, deixai que eu volte imediatamente a Nankin. Não deve ser dificil arranjar isso".

"Não sabia absolutamente nada do que se passa atualmente", volve Chang, "mas desejo expor meu ponto de vista perante vossa excelência o generalissimo".

— "Então me tratais sempre por "generalissimo"? — exclamei. Si continuais a me reconhecer como vosso superior, deveis me deixar partir Do contrario sois um rebelde. E se estou nas mãos de um rebelde, deveis me matar. Nada mais tenho a dizer".

— "Si vossa excelência aceitar minhas sugestões, obedecerei às suas ordens".

"Neste momento — é Tchang-Kai-Shek quem relata — não me pude conter: "Quem sois vós então, — gritei: meu subordinado ou meu inimigo?" "Si sois meu subordinado, deveis obedecer às minhas ordens. Si sois meu inimigo, matai-me já. Escolhei entre essas duas alternativas, mas não pronuncieis nem mais uma palavra, porque não vos escutarei".

O "rendez-vous" prossegue neste tom: Chang procurando sugerir a renúncia de Tchang-Kai-Shek e este se opondo com tenacidade e energia a ceder uma linha sequer das suas prerrogativas.

Assim terminou Tchang-Kai-Shek:

"Sou vosso superior e vós um rebelde. Segundo a disciplina militar e a lei do nosso país, merecieis não só reprimenda, como castigo. Minha cabeça pode ser decepada, meu corpo mutilado, mas devo preservar a honra da raça chinesa e manter a lei e a ordem. Sois rebeldes e eu estou em vossas mãos; mãs se eu permitisse que a honra de 400 milhões de individuos de que sou o representante, ficasse aviltada aceitando um pedido para salvar minha própria vida, acabar-se-ia nessa existência nacional. Pensais que empregando a força me obrigareis a render-me? Tendes as armas, mas eu tenho os princípios do Direito e da Justiça: são estes os meus únicos meios de defesa".

Assim falou o "generalissimo". Venceu. E pelos mesmos princípios de Direito e de Justiça, deve vencer o povo chinês, personificado em Tchang-Kai-Shek.

O ROMANCE NA CIVILIZAÇÃO

Helio Jaguaribe

Fiel ao seu programa de oferecer oportunidades aos valores novos da nossa literatura, o ANUARIO apresenta o trabalho que se segue, da autoria de Helio Jaguaribe. Esse jovem de 15 anos já é autor de várias obras interessantes, revelando apreciaveis tendencias literárias.

Com "Os naufragos da Antartida" concorreu ao "Concurso de Literatura Infantil", só não obtendo o prêmio oferecido, por não ter preenchido a formalidade de pseudônimo exigida. Mesmo assim, foi-lhe conferida uma menção honrosa. Vai a seguir uma pequena demonstração de suas possibilidades.

O romance, a novela, o trabalho de ficção, é, mau grado os esforços dos realistas, a obra mais lida e sobretudo a que provoca as mais renhidas disputas entre as diversas correntes da opinião. Os positivos, os austeros, condenam-no, como sendo uma futilidade, simples pluma no oceano da literatura.

Os espíritos fracos, os dissipados, leem-no, mas apenas como uma distração, como meio de passar o tempo, de esquecer as preocupações, verdadeiro alcool que não embriaga.

Os intermediários, os que nem são austeros nem dissipados, as mais das vezes oscilam entre essas duas opiniões, e portanto verdadeiramente não teem nenhuma.

Entretanto, no meu modesto conceito, o romance, a par da distração que proporciona ao leitor, pode ser a maior arma de destruição de idéias, como o maior empenho de congregação, de elevação moral de um povo, de uma raça, do próprio mundo.

Não me refiro às obras puramente fantasistas feitas exclusivamente para recreio Refiro-me ao romance que encerra em si a crítica e a apologia. No meio de um arrebatador enredo, por entre cenas de emoção descritas com estilo, em plena ficção, pode-se perverter o mais santo dos homens, ou converter o mais perverso dos pecadores.

Levando o leitor a simpatizar com o herói ou a heroina do entrecho, um Rousseau consegue com relativa felicidade revirar os conceitos religiosos, morais ou políiticos do leitor; quando o tem bem preso pelos laços da fascinação, leva um principal personagem à prática de atos mais ou menos condenaveis, si quer atacar a religião e a moral, — ou a simpatizar com certa causa, si deseja abalar as idéias políticas do leitor. Esse é o primeiro passo. Aclimata a vítima de sua perfídia, o incauto leitor, à nova situação. Depois disso, tudo o mais é facil — a estrada é em declive.

Do mesmo modo, um Corneille, depois de ter feito o leitor amar seu herói, por altos feitos e dedicações sublimes, cantados em alto clangor, e coloridos em vivos tons, fá-lo admirar seus atos, e daí a obrigá-lo a concordar com eles é só um passo; e eis aí um revoltoso transformado em paciente, um cobarde em herói, e tudo isso pela leitura de um romance de título inofensivo.

Depois disso, quem mais pode duvidar da imensuravel eficiencia destruidora e construtiva do romance? Alem do que, exemplos não faltam. O número de católicos e piedosos crentes transformados em herejes e ímpios pela venenosa leitura de Zola, Voltaire, Rousseau é imenso e facilmente reconhecido, pois são seus mais afinados admiradores. O número de indivíduos de moral, transformados em obcenos e desavergonhados pela verminosa leitura de Freud, conta-se aos milhares.

O contrário, tambem existe, mas com a natural prudencia da humanidade para o vício, é menos, bem menor. Infelizmente não é grande o número de escritores que utilizando-se da invencivel arma do romance tenha combatido o mal. Existe, porem, e os efeitos de Bossuet, Chateaubriand e outros, são no campo oposto os mesmos.

Em exaltação da patria, da coragem, do heroismo, os livros existentes são muitos,

pois é geralmente o tema predileto dos romancistas. A crítica no romance, é, então, de efeitos consideraveis. Basta relembrar D. Quixote. Alem disso, o romance como arma de persuasão é superior ao simples artigo, por mais apaixonado que ele seja, por mais habilidade com que esteja escrito, e até mesmo por mais lógico que seja. No artigo, o escritor ataca diretamente o assunto com veemencia e entusiasmo ou sinuosamente por sofismas e finalmente por deduções.

Esses escritos, contudo, apenas teem efeito com os que não teem opinião firme e convencimento absoluto. Do contrário são inuteis.

Um crente fervoroso, lendo um artigo contra a religião, si tem convicção inabalavel, não se incomoda e depois larga-o do mesmo modo, dizendo apenas: Está bem escrito. Pena é que seja mentira... Ás vezes lê apenas as primeiras linhas e depois atira-o longe, furioso. Em ambos os casos em nada adiantou.

Se o escritor com habilidade e astúcia, o escrever com hipocrisia e sofismas, obterá apenas um comentário mais violento do verdadeiro crente.

Quanto às deduções impressionam mais, não há dúvida, mas, quando em defesa do mal, teem forçosamente alguma falha, e quando em defesa do bem, em ataques ao vício, são repelidas pelo pecador, pois o maior medo do viciado é deixar de sê-lo. Finalmente, como último meio de persuasão que poderia superar o romance, temos o exemplo. Os bons exemplos, porem, dificilmente são seguidos, pois o exemplo não passa de um conselho sem palavras, por atos, e os bons conselhos quasi nunca são ouvidos.

Os maus exemplos, às vezes, causam nauzeas e repulsa; às vezes, atraem.

Felizmente porem os países civilizados teem policia, de forma que o segundo caso ao menos publicamente não pode ser exercido.

Assim, pois, concluindo o tema que me propuz escrever, temos que de todos os meios de persuasão, corrompimento, exaltação, critica, etc., o mais eficaz é certamente o romance, porque ele ataca em surdina, ou melhor, combate sem atacar e portanto não encontra resistencia nem defesa no ânimo do leitor.

Uma entrevista com o editor Zélio Valverde

Zélio Valverde que, com tanto sucesso, vem lançando no mercado carioca inúmeras edições de autores consagrados, acaba de traçar, para o ano de 1939, um programa cultural, que vem despertando grande curiosidade e interesse nos círculos intelectuais do país.

Estudioso da nossa história, habituado a compulsar documentos, autores e livros raros sobre o Brasil, aquele empreendimento editorial vai por certo incentivar ainda mais o gosto pela leitura em questões de brasilidade, tão oportuno agora, nesta hora de construção nacional. Seria por isso interessante ouvir o novo editor:

— Comecei esta minha nova fase de trabalho — disse-nos — no princípio deste ano, editando um livro do escritor Gastão Pereira da Silva sobre a personalidade histórica de PRUDENTE DE MORAIS, — O pacificador. Este livro que mereceu os melhores louvores da crítica, como por exemplo os de Plínio Barreto e Evaristo de Morais, animou-me, pelo sucesso alcançado, a prosseguir nas edições dos bons livros. Ao mesmo tempo, publiquei, em volume, a Constituição de 10 de Novembro, que se esgotou rapidamente .

E continuando:

— A seguir editei as poesias completas de Casemiro de Abreu, cuidadosamente revistas e logo depois as de Castro Alves, com uma interessante nota biográfica de Bandeira Duarte; as de Fagundes Varela, prefaciadas por Murilo Araujo; e as de Gonçalves Dias, cuidadosamente revistas por Nogueira da Silva, que tambem as precedeu de um curioso estudo.

— E, com isso, vai fechar o ciclo destas edições? — indagámos.

— Absolutamente. Outros grandes poetas virão por aí, nessa coleção que o público hoje tanto estima e exige.

A mais uma pergunta, relativa ás suas atividades comerciais, o Sr. Zélio Valverde respondeu-nos:

— Alem da parte editorial, propriamente dita, mantenho uma rede em combinação com os editores Pongetti, Freitas Bastos, Américo Bedeschi, Edas. Brasilia, Quaresma, Minerva, Federação Espirita, Guanabara, Livr. J. Leite, A. Coelho Branco, Jacinto, H. Antunes, Minha Livraria Editora e outros centros de cultura.

Através dessa rede, posso manter uma distribuição do livro no Distrito Federal, por meio de uma organização que me permite levar todas as edições que vão surgindo aos bairros mais distantes da cidade, provocando assim a difusão mais ampla da boa leitura a localidades que até então careciam desta iniciativa.

— E pode assim fornecer o livro nas mesmas condições em que fornece as suas edições próprias?

— Perfeitamente. Nas mesmíssimas condições.

E, particularizando:

— Uma pequena livraria do Meyer, de Madureira, ou de outra localidade qualquer poderá adquirir, por meu intermédio, todos os livros editados pelos editores que represento, com os descontos e prazos habituais.

— Tem algumas representações exclusivas?

— Sim. Sou representante exclusivo para o Distrito Federal e Niterói da Empresa Editora Brasileira de São-Paulo que tem um consideravel sortimento de livros populares, didáticos, profissionais, recreativos e infantís.

— Que nos diz agora do movimento literário do país?

— Acho que é verdadeiramente alentador. Já se lê, com entusiasmo, no Brasil. As edições dos grandes autores, que se esgotam facilmente desmentem certas afirmações de que ainda é precário o comércio de livros entre nós. O que está mais que provado é que o nosso povo procura e aplaude as boas obras. Isto é, sem dúvida alguma, um índice de cultura. Não tenho por isso nenhum receio em lançar livros dos valores reais da nossa literatura.

— E, sobre o seu programa de livros históricos, de que falávamos, já tem algum no prelo?

— Sim. Devem sair por estes dias as célebres memórias à Nação brasileira, escritas pelo conselheiro Francisco Gomes da Silva, mais conhecido pela alcunha de "O CHALAÇA", com que passou à história. E' um livro, hoje "esgotadissimo", esquecido na poeira das bibliotecas mas que dá margem ás mais curiosas interpretações dos nossos estudiosos sobre a página memoravel da independência, da verdadeira personalidade do nosso primeiro Imperador, e do Brasil que então

despertava conciente do seu grandioso destino.

Depois publicarei a vigorosa obra de Dom José Presas, sobre as *memórias secretas* de Carlota Joaquina; a seguir, uma edição completa da notavel obra de John Luccock, livro maravilhoso em que o autor descreve as suas impressões de viagem através do Brasil.

Como vê, só me atrevo a publicar uma coleção como esta, porque verifico, com enorme alegria, que existe entre nós um imenso número de leitores que se interessa pelo assunto. E, se assim é, mais alentador será daquí por diante, pelo maior sentido nacionalista que o nosso povo vai tendo, através de um programa de governo em que as realizações práticas superam as promessas e a política puramente verbais.

Haja visto, por exemplo, a criação do novo Instituto do Livro, do qual muito podemos esperar e já o excelente concurso do governo, estabelecendo o esplêndido serviço de reembolso, criado pela diretoria dos Correios e Telégrafos, que aliás fui eu um dos primeiros a utilizar e do qual continuo me servindo e proporcionando aos meus clientes do interior remessa de quaisquer livros, sem maior onus. Outras providências certamente hão de vir para o maior desenvolvimento e intercâmbio intelectual, de que o livro é e será sempre, a semente de luz que floresce e perfuma a vida de todas as nações cultas e civilizadas.

E, concluindo:

— O que precisamos é trabalhar muito para tornar o livro um hábito do brasileiro. Livros para ler no bonde, para ler em casa, no escritório, na escola, livros enfim para meditar, criar, realizar. O que precisamos é colaborar com o governo, na medida dos nossos esforços, para que cada vez mais e mais seja o livro uma realidade entre nós, pleiteando o barateamento do papel, da matéria prima e facilidades de porte, como se verificou, por exemplo, no México, que acaba de conceder franquia postal para todas as edições.

Possa enfim, o livro andar em todas as mãos e iluminar todas as inteligências. Nesse dia teremos então um Brasil grande, um Brasil maior, um Brasil invejado. Porque foi sempre o espírito adiantado dos povos o traço de união e que, mais que as embaixadas, solidifica a admiração e o respeito entre as nações líderes do mundo civilizado.

OUVINDO O LIVREIRO E EDITOR FREITAS BASTOS

AS NOVIDADES QUE NOS PROMETE UM LIVREIRO INTELIGENTE E CONHECEDOR DO SEU "METIER"

Justamente no momento em que assistimos a um espetáculo deprimente em nosso comércio de livros, quando alguns livreiros promovem escandalosa liquidação de seus "stocks" nas sargetas das ruas do centro, equiparando o livro às mercadorias de quinta classe que os "camelots" andam vendendo pelo triangulo, os Srs. Freitas Bastos e Cia., proprietarios de uma das principais livrarias do Rio de Janeiro, veem instalar uma sucursal em São Paulo, inaugurando um estabelecimento digno das cidades mais cultas e progressistas. Uma rápida visita à livraria impressionou-nos tão favoravelmente que resolvemos procurar o Sr. Freitas Bastos, afim de conhecer detalhes de sua nova organização. O conhecido livreiro e editor acolheu-nos fidalgamente e logo, com grande simplicidade, começou a expor os seus projetos:

— O meu objetivo é essencialmente cultural. Quero contribuir no possivel para tornar maior o intercâmbio sientifico e literário entre o Brasil e os mais adiantados países do mundo, promovendo tambem o estreitamento das relações culturais entre os nossos Estados, bem como criando em cada capital um ambiente de aproximação entre intelectuais, jornalistas e estudiosos. Realizando este objetivo, a livraria que inaugurei em São Paulo será a primeira de uma cadeia de livrarias que pretendo estabelecer no país todo. Assim, inaugurarei brevemente mais duas casas no gênero desta, em Recife e Baía.

— Continuará a dar preferencias aos livros tecnicos?

— Sim, como editor, e projeto até criar um setor editorial em São Paulo, para livros técnicos, especialmente de direito. Mas, como livreiro, a par de livros técnicos, sobre direito, medicina, arte, etc., terei sempre em depósito novidades literárias, de ficção e filosóficas, que estejam fazendo maior sucesso aqui e no estrangeiro, sobretudo obras que reflitam as tendencias culturais da atualidade.

— Quer dizer que não limitará a importação de livros a dois ou três países, como costumam fazer algumas livrarias.

— Exatamente. Já entrei em entendimentos com os livreiros de varios países sul-americanos. Desta forma, julgo-me habilitado a apresentar ao público paulista, além de obras inglesas, francesas,, italianas, alemãs e espanholas, tudo quanto aparecer de interessante nos Estados Unidos, na Argentina e nos demais países da America.

— Será uma novidade para São Paulo...

— Outra novidade vai ser a sala dos amigos da livraria, cuja instalação estou apressando, afim de poder apresentá-la aos paulistas dentro em breve. Desta sala, que será dotada do maximo conforto, eu espero fazer um ponto de reunião de escritores, jornalistas e intelectuais, onde eles poderão vir consultar obras de estudo, como enciclopedias e coleções volumosas, podendo outrossim aproveitar o local para tratar de seus interesses pessoais, o que será muito util para aqueles que não possuem escritorios no centro da cidade. Isto já tem sido feito e com grande êxito nas livrarias de capitais estrangeiras

E o Sr. Freitas Bastos, recordando suas viagens a Paris e outros centros europeus, conta-nos uma série de coisas interessantes sobre a vida cultural do velho mundo. Mas o nosso amavel entrevistado tem que atender numerosas pessoas e deve embarcar, à noite, para o Rio. Despedimo-nos, satisfeitos com o que haviamos visto e ouvido, satisfeitos principalmente porque o contacto com aquele espírito culto e compreensivo nos deu a certeza de que a livraria Freitas Bastos contribuirá poderosamente para elevar o nivel moral do comércio do livro em São Paulo.

NO MEIO DO MUNDO

Abelardo Romero

Não era a primeira vez que Jucundino dava com aquela mulher ainda jovem sentada no banco, chorando de costas para o casario, defronte do mar. Ela tinha uma menina ao seu lado. Atrás ficavam as árvores, a fonte, a estátua, os carros de praça estacionados no ponto, os *chauffeurs* conversando.

Pela manhã, ao atravessar para tomar o ônibus, Jucundino dera com a mulher. A menina era loura e olhava com uma imobilidade de borboleta a sucessão rápida dos automoveis no asfalto. As árvores ficavam atrás, arredondando os gestos, arremedando o oceano. Isso pela manhã. À tarde Jucundino veio lendo o jornal, que entre outras coisas falava de prisões em massa. Vinha distraido e olhou sem querer para o banco. Lá estava a mulher. A alguns passos do banco, de cócoras, a menina espiava o fundo limoso da fonte.

Jucundino não gostava de ver essas coisas. Não era um homem bom, mas que diabo, era pai, e amanhã ao morrer, a filhinha teria que ficar naquelas mesmas condições, pobre, desamparada, no meio do mundo. Ainda se fosse como ele sonhava... Parou e resolveu conversar com a menina.

— O que é que sua mãe tem, minha filha?

A menina ficou meio espantada, mas serenou logo.

— Só faz chorar o dia todo dizendo que tá no meio do mundo...

— Vá perguntar se quer descansar lá em casa.

Antes de vir a resposta Jucundino pensou na esposa. Aurina não queria mulher em casa. Bastava a cunhada. Ainda se fosse preta... Mas branca e ainda por cima nova? Jucundino não era destes que fazem uma coisa e acabou-se.

Não era, mas resolveu. A mulher aceitou o convite, trazendo a menina pelo braço. Jucundino na frente e ela e a menina atrás. Atravessaram o parque, passaram perto da estátua, dos carros de praça. Jucundino apressava o passo com vergonha de ver aquela mulher chorando atrás dele.

— Agora Neusa vai ter uma amiguinha — pensou — E ela ajuda a arrumar a casa, a lavar os pratos. Precisa é tomar um tônico.

O braço cabeludo do *chauffeur* sobre o volante do carro parecia uma cobra. Jucundino pensou de novo:

— Neusa agora vai ter uma amiguinha.

Aurina recebeu a mulher com certa delicadeza e um arzinho de desconfiança.

— Faça de conta que está em sua casa.

— Muito obrigada.

— Sente-se.

— Muito obrigada.

Neusa encontrou-se com a menina no corredor. No começo ficou um pouco acanhada, virou o rosto, pôs os dedinhos na boca e encostou-se à parede como uma pequena sombra de cor. Mas entraram no quarto e daí a pouco só se ouvia o barulho de caixas, brinquedos, etc. Riam-se.

— Como é mesmo o nome da senhora? — perguntou Aurina.

— Petra, isto é, Petrina, mas me chamam Petra.

Jucundino ainda estava trocando de roupa. Levantou-se, abaixou-se depois para procurar o sapato debaixo da cama e foi pendurar a roupa no movel. Na sala Aurina continuava a fazer perguntas.

E a pequena?

— Gioconda, por causa do pai que era italiano.

"Viuva" — pensou a dona da casa.

— Interessante; a senhora morena, o cabelo preto como retrós e ela tão lourinha.

Aí Petrina viu o quarto, a sombra movediça da caramboleira empanando a janela, o corpo estirado, coberto com um lençol e Gioconda a querer ver o pai. "Vá brincar lá fora, minha filha. Papai está dormindo." A greve, o espancamento, a morte lenta. Tinha frio.

— Que idade ela tem?

— 6 anos.

Aurina queria saber de tudo.

— E depois? Muitas dificuldades, eu avalio.

Queria saber, confiar. Mas Jucundino veio do corredor, passou pela sala e entrou na casinha. Petra chegou até a porta da rua

acompanhada da filha, que já tinha saído do quarto. Agora as árvores estavam quietas, as mãos de folha paradas, a voz de pássaro extinta. Os carros de praça continuavam parados, os bondes passavam cheios e havia uma pulseira de luzes no braço líquido do mar.

Quando a cunhada de Aurina não estava na rua passeando ficava deitada no quarto o dia todo. Chamava Neusa para fazer companhia. Agora Neusa e Gioconda. Dava caramelo a Gioconda para a menina contar os segredos de casa. Enquanto isso, Petra lavava a louça, enxugava as chícaras e arrumava tudo na prateleira. Às vezes vinha um desejo de cantar, e era inutil. Os carros de praça continuavam lá fora no ponto, debaixo das árvores. Gioconda chupava caramelo e ia contando aos pedaços, como toda criança, a pequena mas dolorosa história de sua vida. Às vezes exagerava. Mas a cunhada de Aurina sabia emendar aquelas frases truncadas, aquele ritmo rompido. No fim era uma história.

Sim no fim era uma história. Falava de um homem que não era o seu pai, mas que botava ela no colo e trazia caramelos.. Fedia á gasolina e tinha a barba arranhenta...

A cunhada de Aurina ainda não estava satisfeita.

— Escute aquí: Porque foi que ela estava chorando no banco do jardim outro dia? Porque, hein?

— E eu sei? Quando a gente veio pra cá ela disse. "Olhe, minha filha, não vá dizer tolice lá não." Sabe como é que ela quer que eu chame ele? Tio João.

Jacundino tinha saído com Aurina. Os jornaleiros gritavam lá embaixo, na praça, entre as árvores e os bondes: "Anistia". Petra estava tirando a mesa quando tocaram a campainha. Desceu para ver quem era e subiu logo depois rindo-se...

— Gioconda!

Gioconda saíu do quarto da cunhada de Aurina e Petra olhou para a filha, bem dentro dos olhos.

— Sabe, Gioconda, titio vem ahí! Ele vai trabalhar numa garage e nós vamos morar juntinhos. Todos três!

Gioconda não disse uma palavra. Correu até o corrimão da escada, amparou-se e espiou. Um automovel buzinava insistentemente e chovia...

Conclusões de TRABALHOS ORIGINAIS

MENDES DE OLIVEIRA

tima promoção do parnasianismo já em transe de morte. Artista do verso correto e elegante, esteta da Forma, mereceu o título de Principe dos Poetas Mineiros, que muitos lhe davam. Mais uma razão para a desestima dos novos quebradores de ídolos. Quatro anos depois de sua morte dava-se a revolução poética chamada "modernista". Os novos insurgiam-se contra o sistema métrico da poética tradicional. Não queriam saber mais de pés, nem de ritmos, nem de consonâncias ou assonâncias melódicas. Desprezavam o soneto e a chave de ouro. Zombavam dos príncipes da Rima e da Rima Rara. Os mestres do tradicionalismo e do academismo eram devorados alegremente pelos jovens antropófagos da nova estética. E aqueles que, como Mendes de Oliveira, haviam poetado antes do advento do Verbo Novo foram postos no limbo.

Passada porem a refrega e cessada a rebelião, é preciso dar baixa nos mortos e numerar os vivos. Chegada essa hora, Mendes de Oliveira responderá: "Presente!"

OBJECÇÕES AO POSITIVISMO — ECONOMIA POLITICA

E deste modo, obedecendo à 15.ª lei de Filosofia Primeira, a Economia Política Científica será o elo entre os extremos da escala enciclopédica, por ligar os fatos mais gerais ou mais comuns — os fatos da Matemática — aos mais elevados ou nobilitantes — os fatos da Moral.

Partindo da base econômica indispensavel a todos os humanos, a Filosofia Universal afirma que nossa espécie irá se aproximando, como resultado crescente do trabalho e da cooperação dos esforços do conjunto social, do cumprimento de sua *missão racional* — o aperfeiçoamento material e moral possível, ilimitado. Deixando o homem de lado, *como preocupação principal ou a mais elevada até à atualidade,* os mais ferozes ou degradantes aspectos de sua animalidade.

A POESIA A SERVIÇO DA HISTÓRIA

Se quereis ver triumphante
mudae desde logo a scena:
não dae Heroes combatentes
a cargo de um Barbacena.

A crítica é severa, mas merece ser detidamente estudada, pois é, a nosso ver, preciosa, e muito mais valiosa que a documentação oficial a respeito...

E' a crítica de um soldado que sempre se mostrou digno e sempre se portou heroicamente. E esse fato vale alguma cousa para o julgamento da poesia.

MACHADO DE ASSIS

obrigatoriamente, festejar o centenário do nascimento de Machado de Assis.

Idêntica homenagem merece, indiscutivelmente, o grande jurista, poeta e filósofo que foi Tobias Barreto de Menezes.

Assim teremos a feliz oportunidade de comemorar os centenários de dois grandes homens do Brasil. Portanto, não devemos olvidar a glória do nosso querido Machado de Assis. Ele foi um escritor puro, de sadio humor intelectual, e alem disso, despido de vaidade. Quem prematuramente lutou com a adversidade do destino, tem uma grande vantagem sobre os demais seres, a rude experiência, e a formação do carater para suportar. estoicamente, as árduas vicissitudes da vida.

O carater de Machado foi modelado na luta insana, que travou com a sorte, desde o tempo de menino. Ele foi um herói, um lutador épico, sua vida é uma epopéia, sua obra é sua glória, uma bela e verdadeira glória.

Machado de Assis teve uma existência fecunda e deixou, como atestado dessa fecundidade, seus livros, que são monumentos de valor na nossa literatura. Renan dizia: — "O homem que leva a vida a sério, e emprega a sua atividade na realização de um fim nobre, eis aí um homem religioso!". Machado foi assim.

RECORDAÇÃO MILENÁRIA

encarquilharam como velhas muito velhas, e as montanhas achaparam-se como minadas por dores...

Não direi mais da transformação que sofreu a terra nesse momento!

A vida que se seguiu não tem novidade. E' esta... E' a mesma de hoje: angústias, prazeres inconsistentes, grandes tristezas, invejas, mentiras fúteis e muitas saudades ansiosas do Paraíso, cada vez mais distante...

Como sabe bem, hoje, fingir que se é louco, e no meio da vida actual, agreste, de lutas sociais desapiedadas, desatar a falar do Paraíso que perdemos há tantos milhares de anos, logo no princípio do Mundo...

A CURA PELO AMOR

referindo casos análogos, que são comuns em todas as literaturas. Concluirei, apenas, que entre os fatores psicodinâmicos, de notória importância na medicina psicológica, não é possivel esquecer o amor, que é, nos seus aspectos normais, e pela sua própria natureza, um dos maiores geradores de energias, como centro de irradiação da vida universal. Quero, pois, terminar este meu trabalho com o *Credo do amor,* de Jules Lermina: "Je crois en l'amour créateur de la nature qui donne la vie à tout ce qui existe, à l'amour qui a souffert, qui a eté crucifié, qui n'est mort et jamais ne mourra, qui plane sur le monde, qui le pénètre et l'anime de ses lèvres, qui emplit les espaces infinis du ciel et de la terre, qui est le juge et le maitre des vivants et des morts. Je crois à l'amour, à la communion sublime des corps et des âmes, à la passion sainte, à la vie éternelle, par l'amour ou pour l'amour."

O JORNAL DE BADARÓ

E caiu ao solo com um tiro de pistola no baixo ventre."

Assim tomba, cai e morre o grande liberal Libero Badaró!

A mocidade de São-Paulo protesta contra a morte bárbara do grande herói e do grande martir. Ajudada pelo povo inflamado e indignado cerca a casa do ouvidor e de lá arranca os criminosos e os leva para a praça pública, para o castigo devido.

E morre Badaró, em sua residência, entre os moços como um santo, um abnegado, um herói, como entre os moços viveu, como um liberal, um desassombrado, um revolucionário.

Desse modo findou-se o intrépido e valoroso jornalista do "Observador Constitucional", que, na Imprensa do país, ficou como um marco de luz que jamais se apagará, para honra e glória do jornalismo Brasileiro.

O jornal de Badaró foi uma imensa fogueira, em cujas chamas se atirou a mocidade ardorosa de São-Paulo, sendo por elas devorado o espírito brilhante e desassombrado do agitador vibratil e do "autentico *princeps juventutis.*".

PANORAMA DA LITERATURA FLUMINENSE

Estadual; decretou verba especial para construção de um busto ao doce poeta Alberto de Oliveira. No entanto nenhuma academia fluminense lembrou-se de cultuar a memória dos grandes vultos patrícios da Arte nacional...

Ainda bem que não dependem outras coisas das célebres academias...

POR QUE "MICROFONE FAMOSO"?

Rival tambem do êxito alcançado. Libertad Lamarque, o tango em sua expressão mais alta. Uma voz que não se esquece. Hermanos Hernandez: — o "bambuco colombiano... Guillermo Pousadas — o insigne musicista e compositor mexicano... Estes, ultimamente. Antes, Dagos Bella, o coral famoso dos Meninos Cantores de Viena, Juan Arvizo, Samuel Aguallos, Santa-Paula Serenades... Carlos D'Jaen, Matilde Brodus... No futuro... que procurem nas Revistas de Radio da América e do Mundo... E aqueles que ilustram páginas mais bonitas teem já seu logar guardado no microfone Tupi.

Por que "Microfone famoso"?

Já pode responder o leitor...

EU VI

50 minutos! Que pombinha dificil de devorar! Um funcionário do Teatro tenta prender o gavião, mas, ao abrir a janela, vê voar o tirano, levando cuidadosamente às garras os restos da pombinha.

As aves pacatas teem tambem seus aviões de caça. Um bentevi, que assistia a tudo, com a coragem extraordinária que possue, não o deixou ir sozinho. Pegou-se-lhe às costas e voou com ele para bicá-lo e ferí-lo.

PALAVRAS Á JUVENTUDE

Bemaventurados os que manteem a crença!

E' ela a indefectivel energia da alma. Despreza o antihumano, por sua tendência à sublimação; conculca o subhumano, por sua definição do que há de imortal na criatura; vence e vinga as contingências da vida refugiando-se na Idéia pura e clara.

E' farol tambem. Arde no fundo da treva sobre o mar revolto. Alumia a navegação e rompe a obscuridade. Oscila a lâmpada de Deus sobre os abismos e põe na escuridão um protesto. E' o clamor das conciências brigando com a cegueira. E' a ânsia espiritual que se livra da tormenta. E' o desafio do ideal à fatalidade das cousas. E' a centelha do pensamento que coroa o Caos.

Zelai por esse santelmo que estende sobre os uivantes mares a lâmina de fogo do Arcanjo que guarda as portas da Felicidade: não deixeis de procurá-lo nas travessias que o futuro vos reserva, nos rumos inseguros e sombrios; dai que ele refulja nas vossas pupilas abertas para o sonho e o Ideal; sobreçai o escudo de vossa crença infantil e honesta, empunhai a lança de vossa instrução incipiente e austera, e armados assim, para as surpresas da jornada, podeis ser ingênuos e românticos como Dom Quixote, mas a exemplo do cavaleiro de La Mancha, afrontareis galhardos todos os moinhos, vencereis risonhos a coligação feroz da maldade, do triste materialismo, da insídia e da indiferença, e pelas estradas da Ilusão o vosso esguio vulto recordará os belos paladinos dos livros da Cavalaria! Sereis gloriosos e invejados: e os mediocres vos seguirão de olho comprido com que ficam à beira dos caminhos vendo passar os cortejos da vitória...

O RIO E A CANA DE AÇUCAR

valor de 3.500 contos de réis, à margem do rio Paraíba, numa extensão de 18 quilometros, a partir da estação de Itereré, e mais 76 quilometros serão construidos. Esses diques, em determinadas seções apresentarão um escoamento de águas excedentes recebidas em canais de largura normal de 30 metros, partindo quatro do rio Paraíba para a Lagoa Feia, e uma desta lagoa para o mar. Estão orçadas em 40.000 contos as obras do serviço de saneamento da baixada dos goitacazes que terão em breve restituido a Campos as terras gordas do aluvião, tornando o grande município o centro econômico de produção agrícola do Brasil. Novas terras surgirão e renascerão agregadas às atuais áreas de cultura, num trabalho contínuo de ressecamento de paúes, de drenagem de charcos, de canalização das águas transbordantes do rio.

Que futuro não estará reservado então a Campos, quando a lama se transmudar em humus e a matéria orgânica de sedimentação secular fôr nutrição para os canaviais, cereais e leguminosas alimenticias?

RAIMUNDO CORREIA

Raimundo Correia possue, como poeta, pujança e perfeição dentro da naturalidade e correção extrema da linguagem, sem embargo do adjetivo exótico e estranho. E' o poeta de adjetivos mais originais do Brasil. Seus poemas são a poesia do desencanto. Para ele, os esforços são vãos. A mesma ciencia dorme inutil no sarcófago dos livros. Os sábios tentam

...domar o pensamento e os raios,
dar um roteiro aos soes na esfera ilimitada.
Basta, tudo isso jaz em livros mil. Queimai-os!
Que resta após? Papel queimado. Cinzas. Nada.

Raimundo foi como árvore que só deu flor, árvore melancólica no esquecimento calcinado da solidão. Trouxe a molestia na raiz. Parecia um emigrado na terra, sem comércio com os homens. A' sua sombra, só nos acodem pensamentos tristes. Que homem triste foi Raimundo Correia!

HELIODORO RENUNCIOU

bro", os braços no ar em "atitude demostênica", como dizia o cura, assombrando os guajurenses extáticos. Tudo havia passado. Agora era outro Heliodoro, um Heliodoro ninguem, vencido, torturado, incapaz de continuar o caminho. Tudo ia caindo, castelo por castelo; tudo ia se apagando, sonho por sonho. Que poderia mais ele fazer? Renunciar.

E tinha tido aquele gesto: tomaria conta do armazem. Vicente sorriu, antegozando a cena do irmão poeta lambuzando as mãos finas nas latas de banha. O velho sorriu tambem, um sorriso bondoso de agradecimento. A mãe arregalou os olhos e não disse nada.

O fogo implacavel lambeu a última página do livro inédito. Heliodoro voltou à janela. O sol brilhava, brilhava, cheio de uns tremores de água agitada. Suspirou. O sol havia tido uma grande culpa naquilo tudo. Mas ao velho Marcondes cabia a maior culpa. Instintivamente foi desenhando, no batente da janela, uma cara desajeitada, de queixo ponteagudo, de onde descia uma barbicha de judeu. Olhou: o professor Marcondes, mutilado pela ponta grossa do lapis "Faber", olhava-o duramente. Violento, com o dedo polegar e num gesto cheio de ódio, apagou a figura diabólica do velhinho. E deixou alguma coisa saír pelos dentes, sibilando como uma praga:

— Cachorro!

A MÚSICA — FATOR DE COMUNHÃO ENTRE OS POVOS

com os seus inigualaveis artistas-criadores geniais, Boticelli, Miguel Angêlo, Leonardo da Vinci, Giotto, e outros, a educação cívica do nosso tempo necessita da *Música* para auxiliá-la a levantar o nivel moral e intelectual das atuais e futuras gerações. A música é a única expressão da Arte que reune os requisitos de força dominadora compreensivel a todas as raças, e, por isso mesmo, capaz de uma conciliação racional entre os povos.

Em face dos constantes conflitos das doutrinas individuais, que fazem criar o mais desastrado problema de incompreensão social-universal, as evoluções mais divergentes entre as raças, a descrença de coletividade, a inveja, a ambição, o egoismo, o derrotismo e, finalmente, o anarquismo, a Música evoca e subjuga, num hino sonoro e harmonioso sem ser preciso compreender os sentidos das palavras, como que lançando uma bandeira branca de sons. E assim ela nos mostra sempre, no melhor dos exemplos, que a paz pode subsistir quando todo o mundo se entender, numa só linguagem, para melhor demonstrarmos o amor à vida e sabermos viver alegremente entre os nossos semelhantes.

UM CRÍTICO PORTUGUÊS

clides da Cunha com clarividência. Mas quando é para ver as coisas a pequena distância os bons olhos se enchem de cinza, e tudo começa a rodar como uma vertigem. Um Pedro Dantas que tem tambem vista militar, só de longe em longe diz o que vê. E homens como ele e João Gaspar Simões fazem falta. O português exerce a crítica, atua constantemente, o brasileiro vai ficando por aí, sem se agitar como devia. E no entanto numa terra quasi de cegos ele tem dois olhos perfeitos.

UM IDILIO EM DOIS CAPITULOS

Ela segurou-lhe as mãos:

— Que é isto, Tonico?

Olhou-a: era a mesma Aurora, Aurora dos olhos que prometiam, Aurora boa, Aurora de outrora, Aurora de sempre.

— Não, tudo não. E enlaçou-a.

Pacheco chorava ao abraçá-los. Eu sempre disse. Não é? Eu sempre disse... Mas seria melhor acabar o curso primeiro, não achavam? Todos concordaram. Faltava um ano só... Um ano passa depressa. Que fossem dois! O tempo voa — sentenciou, rindo, os olhos húmidos, abrindo os braços — o tempo voa!

Dona Rita repetiu como um eco:

— O tempo voa!

BARROZO NETO

delicação à carreira que abraçou. Muito perto de nós, Rossini de Freitas vai-lhe seguindo as pégadas de mestre, e os conservatorios de Pelotas e do Rio Grande são presentemente dirigidos por dois irmãos laureados em seu curso: Milton e Heitor de Lemos. Arnaldo Estrêla e Aires de Andrade, como pianistas e como professores, dão frequentes provas da excelência de sua escola de piano. Entre as virtuoses mais conhecidas, lembro-me dos nomes de Irene Nogueira da Gama, de Herminia Roubaud, de Lola de Andrade, de Nicia Roubaud, Altair Celina Gomes, Lilia Faustino de Figueiredo, Julieta de Almeida, e tantas outras que no momento não me veem à memória. Agora mesmo, Aloísio de Alencar, primeiro prêmio de sua aula, conquistou o primeiro logar no concurso de admissão do Conservatório de Fontainebleau, em França.

Brilhantíssima foi a longa fase em que Barroso Neto se manteve no cartaz, considerado um dos maiores virtuoses brasileiros do momento. Pianista completo, dominado por um temperamento sensivel, sua execução sempre se impôs pelo carater sadio de que se revestia a pelo encanto com que se comunicava ao auditório. Dispondo de recursos pianísticos excepcionais, Barroso Neto foi um arrebatador de platéias, que realizou audições memoraveis.

Resta o compositor, que a gaita de foles revelou e que o primeiro piano estimulou brilhantemente, para realizar uma longa, variada, multiforme e bela bagagem, que se veio avolumando através dos anos, inspirada nos seus primeiros romances de amor, nas próprias horas de angústia e de sonho, de esperanças e de desanimos, de trabalhos e de aplausos, de lutas e de consagrações.

Romances de amor! Que o digam as páginas sinceras de "Adeus", de "Cantiga", de "Se eu morresse amanhã"... e tantas outras, para piano e canto, sugeridas pela primeira musa inspiradora do artista!

Sincero com ele mesmo, que pode ser a bagagem musical de Barroso Neto, senão a expressão de seu temperamento romântico e emotivo? Educado nos sãos princípios da escola clássica, a sua obra é por isso mesmo solidamente alicerçada. Em qualquer página musical de sua autoria, sente-se o mestre que constróe com base segura e que, por isso mesmo, desafia as surpresas do tempo. E embora sempre progredindo tecnicamente e acompanhando a evolução, ele resistiu e resiste ás imitações, repudiou e repudia os excessos de excentricidade dos nossos dias, mantem intacta a expressão romântica de seu temperamento e conserva a unidade de forma, que caracteriza toda a sua obra.

Escrevendo para piano e violino e outros instrumentos e para piano e canto, sua maior produção musical é, entretanto, para piano só. Nesse gênero, explora todas as dificuldades da técnica pianística, e em seu já longo repertório, há uma vasta contribuição de carater pedagógico, dentre a qual quero destacar os "Exercícios técnicos diários", escritos de colaboração com o professor Philipp, do Conservatório de Paris, e adotados na nossa Escola Nacional de Música. No momento, preocupa-o a realização de uma série de baixos e cantos harmonizados, para fins escolares do curso de harmonia. E sempre dominado pelo bom gôsto artístico, todo esse trabalho obedece a uma dupla preocupação de conservar os preceitos escolares, aliados à estética da composição.

Não param, porem, aí, as atividades musicais de Barroso Neto. Tambem ele havia de sentir a mesma atração que teem provado os compositores contemporâneos, pela música de cinema. E' que é infinitamente vasto o campo que o cinema oferece para ser explorado, dentro das cenas que a tela apresenta, trepidantes, em pleno movimento, em plena realidade.

Estão ainda bem recentes os sucessos conquistados por Barroso Neto com as partituras de "Vozes da floresta" e da "abertura" de "Aruanã", escritas para dois filmes da Cinédia. A primeira tomou como motivo o período de transição entre a noite e o dia. E a inspiração do compositor, de mãos dadas com as particularidades peculiares à sua técnica de mestre, esboça o quadro, aprimora-lhe as linhas gerais, expõe-lhe, magistralmente, os detalhes, colore-lhe, com justeza de tintas, todos os momentos de emoção e apresenta-o, enfim, num conjunto harmonioso, cujo interêsse aumenta de compasso a compasso, para finalisar num ambiente musical realmente majestoso! Nascida sob uma boa estrela, essa partitura não morrerá na gaveta do autor, nem nas prateleiras da Cinédia. Barroso Neto já a cedeu a um editor especializado, que, depois de organizar um novo

filme, dela se apossará para divulgação no estrangeiro.

Na "abertura" de "Aruanã", o autor desenvolve temas selvagens, em torno de uma frase de amor dos personagens líricos da peça. Numa, como na outra, o que se impõe ao ouvido do espectador é sempre esse admiravel equilíbrio de desenvolvimento da composição, que se observa em toda a sua obra. Porque, tendo nascido músico, e tendo vivido sempre da música e para a música, Barroso Neto não poderia deixar de ser o que realmente tem sido: um criador inato, intuitivo, espontâneo de melodias, que nascem da alma, e que se revestem, portanto, da mesma essência, que envolve toda a obra produzida pela força divina da inspiração.

Onde há espontaneidade, há arte verdadeira, arte sincera, arte nascida da pureza da idéia, para o bom gosto da forma que a imortaliza.

Num meio onde a cinematografia produz grandes filmes, Barroso Neto teria já igualmente produzido grandes partituras, tal a facilidade e felicidade com que, interpreta, musicalmente, cenas e quadros imaginários ou reais da vida. Aquí, porem, o seu estro não encontrou ainda maior campo de ação para se expandir. Por muito favor, permitiu-lhe, alem dos trabalhos citados, criar a música de uma "entrada" para um filme desenhado de caricaturas; "As três partes do dia", "short" improvisado sobre texto de Benjamin Costallat, e arranjos para órgão Hammond — Prelúdio de Chopin, e Polichinelozinho, de sua autoria, — todos para a Cinédia.

Esse aspecto da personalidade artística de Barroso Neto faz pensar no seu espírito de iniciativa, posto em evidência desde as suas primeiras realizações de música coral, no Orfeão Carlos Gomes (mantido por d. Adelina Lopes Vieira, em Santa Tereza, há cerca de quarenta anos), e do qual foi um dos elementos de estímulo dos mais poderosos. A sua acentuada predileção pela música coral, que lhe inspirou, naquela época o coro feminino "Lavadeiras", até hoje executado, teve o seu período áureo há cerca de três anos, quando criou o corpo coral, em curso de extensão universitária da Escola Nacional de Música, durante o qual manteve em plena forma, realizando audições memoráveis, um grupo de duzentas e cincoenta vozes mixtas, cuja disciplina, cuja coesão e cujo valor real de conjunto lhe sugeriram e lhe permitiram ver realizada em cena a partitura de "Vozes da floresta."

Um grande serviço prestou Barroso Neto ao meio musical do Rio de Janeiro quando fundou e manteve, durante alguns anos, o Trio-Barroso-Milano-Gomes, cujos programas de música de câmera ficaram como padrões de organização e de desempenho. Presidente da antiga Sociedade de Cultura Musical, onde realizou concertos de caráter educativo e onde teve oportunidade de promover audições de música coral, sob sua direção; três vezes comissionado pelo governo Federal para estudar os conservatórios de Europa, Barroso Neto aproveitou-se dessas oportunidades para realizar concertos de propaganda da nossa música, em Paris e Bruxelas.

Sua obra musical é vasta. Cito, de memória, entre as suas peças mais populares: "Canção da Felicidade", "Canção da Saudade", "Perdão, Felicidade!", e "Saudade amiga", para canto. E para piano: "Rapsodia guerreira", "Minha terra", "Galhofeira", "Variações sobre um tema original", "Chôro", "Alegria de viver", "Em caminho", "Cachimbando", "Tarantela", numerosos pequenos quadros, como as "Sete peças características", recentemente publicadas, e outras.

Pode-se dizer, de um modo geral, que cada página que escreve, é um pequeno quadro, uma pequena cena que se perpetua, graças à espontaneidade e ao poder sugestivo de seu belo talento criador, que lhe tem feito da vida uma constante devoção à arte milagrosa das sete notas.

A CRITICA EM 1938

Nestes últimos anos o movimento editorial brasileiro tem crescido espantosamente. Acreditamos que em 1938 editou-se um livro de ficção por dia, o que é um indice indiscutivel de progresso do livro nacional.

O numero de criticos profissionais entre nós, a pesar do dinamismo das nossas casas editoras, diminuiu no decorrer do ano passado, mas em compensação, ensaistas, romancistas e até mesmo poetas não deixaram de registrar, em comentarios sóbrios e elegantes, a maioria dos livros aparecidos.

E são trechos desses comentarios, apanhados aqui e alí, que reproduzimos abaixo, sempre fiéis ao cumprimento de nosso programa de estabelecer maior intercambio intelectual em todo o Brasil.

POESIAS:

PAULO CORREIA LOPES — POEMAS DA VIDA E DA MORTE — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"E não se pode mesmo ser mais claro nem mais simples do que este poeta".

Manuel Bandeira

JORGE DE LIMA — A TÚNICA INCONSUTIL — Cooperativa Cultural Guanabara — Rio — 1938.

"*A Túnica inconsutil*" é, sem nenhuma dúvida, um grande livro. Nesses versos o poeta está sempre presente, mesmo quando ele se policía para não perder a sua direção doutrinaria".

Dias da Costa

OVIDIO CHAVES — UMA JANELA ABERTA — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"Ovidio Chaves já revelára o seu talento de trovista no livro anterior — *O anel de vidro*. Neste agora mostra-se senhor do soneto. Há nos seus versos um tom prosaico que não é o tom de escola. O poeta tem voz própria".

Manuel Bandeira

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO — ALGUNS POEMAS — Ceará — 1938.

"Quando recebí do Ceará a brochurinha que intitula esta nota e me pus a folheá-la displiscentemente, fui-me interessando por aqueles versos tão imperfeitos. Pareceu-me descernir alí um poeta em estado nascente. Foi, pois, com surpreza que ví os criticos espinafrarem o livro. Criticos moços. Moços que elogiam uns figurões portadores dos mesmos defeitos de Girão e sem a atenuante que este tem, da mocidade".

Manuel Bandeira

BENJAMIN SILVA — ESCADA DA VIDA — Briguiet — Rio — 1938.

"*Escada da Vida*, é o nome de um livro de poemas de Benjamin Silva. Benjamin Silva é um poeta do Espirito Santo, um poeta daqueles antigos que o Brasil não conhece. Ele faz sonetos líricos e simples. Não aderiu ao modernismo. Continuou fazendo versos como sempre fez. Versos que na sua terra toda a gente sabe de cór e recita".

Rubem Braga

HAMILTON ELIA — SINFONIAS COLORIDAS — Pongetti — Rio — 1938.

"E é com sincero prazer que se lê este poeta imaginoso e dono dos seus rítmos, que afinal de contas vai captar a poesia na sua fonte mais pura, aquela que tão bem conhecem os primitivos e as crianças".

Pinheiro de Lemos

JONATAS SERRANO — ESTA VIDA QUE PASSA... — Rio — 1938.

"Todavia, para a minha sensibilidade de leitor, prefiro os momentos em que o senhor Jonatas Serrano exerce um acordo perfeito entre a sua inspiração e a sua maneira de dizer e nos fala da vida e das coisas com a visão serena e compreensiva de quem muito viveu e muito aprendeu".

Pinheiro de Lemos

W. BUSCHMANN — RÍTMO ARIANO — Pongetti — Rio — 1938.

"*Ritmo ariano* é um livro que se lê com enlevo, principalmente, quando o poeta é exclusivamente lírico. Mas nele a poesia ainda está hesitante diante das longas estradas".

Pinheiro de Lemos

HELIO PEIXOTO — ESTRELA IMPACIENTE — Cooperativa Cultural Guanabara — Rio — 1938.

"Mais um livro de poemas do Sr. Helio Peixoto. *Estrela impaciente* mostra-nos um espirito irriquieto, preocupado com as desgraças humanas. E nos dá esperanças de outros poemas mais interessantes".

Lobivar Matos

NOBREGA DA SIQUEIRA — ROTEIRO — Pongetti — Rio — 1938.

"A musa de Nobrega da Siqueira é jovial. Não é um versejador piégas e choramingas, a cantar olheiras e monjas lamentosas, mas que polvilha as coisas da vida de uma alegria comunicativa, sinal das almas fortes".

Lemos Brito

MARIA SABINA — ENTUSIASMO — Rio — 1938.

"Os poemas de Maria Sabina impregnam-se dos perfumes acres da nossa flora, animam-se ao sol a pino dos nossos dias tropicais, mas, não conseguem fugir aqui e alí à saudade dos sonhos que se desfizeram céleres como se desfazem os nevoeiros da nossa terra".

Lemos Brito

CARLOS CHIACCHIO — INFANCIA — Edições A. L. A. — Baía — 1938.

"Um dos aspectos mais interessantes do livro do sr. Carlos Chiacchio é precisamente este da reprodução de certas cenas tão caracteristicas da vida brasileira de outros tempos. Os seus poemas estão cheios de cantigas que enchiam outrora de alegria ou de notas melancolicas, onde vibrava a melancolia do negro, os terreiros das casas grandes".

Jaime de Barros

LUIZ DELFINO — ROSAS NEGRAS — Pongetti — Rio — 1938.

"Mais um livro de versos de Luis Delfino lança esta editora. Nele, a mesma abundancia de inspiração, a mesma opulencia de rima, o mesmo estro tropical de *Algas e Musgos*. São sonetos, duzentos e vinte e cinco sonetos, dos melhores que ele escreveu".

Lemos Brito

NILO BRUZZI — DONA LUA — "A Noite" Editora — Rio — 1938.

"O Sr. Nilo Bruzzi, que já era um dos nossos melhores românticos acrescentou agora novas cordas à grande lira em que compõe os seus versos, cantando à lua, e às mulheres, que por vezes lhe fogem tanto como a lua".

Jaime de Barros

OTÁVIO RANGEL — MUTAÇÕES À VISTA — Oscar Mano — Rio — 1938.

"No interessante volume do Sr. Otávio Rangel há tambem diversas poesias humoristicas, nas quais o autor procura vingar-se rindo das coisas futeis da sociedade".

Lemos Brito

ROSSINI CAMARGO GUARNIERI — PORTO INSEGURO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Gostei do livro e do poeta. O prefacio-apresentação de Mario de Andrade é absolutamente dispensavel. A poesia de Rossini é boa, simples, humana. Poesia-interrogação, poesia-síntese, poesia-revolucionaria. Poesia de entristecer muita gente, inclusive o poeta católico, apostolico e romano Jorge de Lima".

Lobivar Matos

MÁRIO DONATO — TERRA (poemas) — Cia. Brasil Editora — 1938.

"*Terra* apresenta um poeta — Não sejamos mesquinhos nos aplausos. O caso não é comum. A poesia anda muito por baixo. Agora ela está em festa. Está por cima. Altaneira, atrevida. Mário Donato apareceu".

Edgard Cavalheiro

GILKA MACHADO — SUBLIMAÇÃO — Tip. Batista de Souza — Rio — 1938.

"A Sra. Gilka Machado deu-nos mais um grande, puro e luminoso livro de poesia. Sua vida é uma lição de heroismo. Ela não faltou ao seu destino de poeta. Permaneceu, com o orgulho de sua pobreza, independente de espírito, forte de coração, presa aos motivos fundamentais da vida, a esbanjar, perdulária, os tesouros de seus versos".

Jaime de Barros

SIMAS SARAIVA — CONQUISTA — (2ª edição) A. L. A. — Baía — 1938.

"O Sr. Simas Saraiva é por vezes um poeta de rítmos ásperos, mas em seus poemas há sempre harmonia e novidade".

Lemos Brito

HERCULANO REBORDÃO — CAMINHOS DO MEU OLHAR — Pongetti — Rio — 1938.

"*Caminhos do meu olhar*, porem, não me faz esquecer a sugestiva beleza daqueles primeiros poemas em que se lhe abriu a flor do sentimento, perfumada e viciosa, a despeito dos primeiros desenganos do homem na vida".

Lemos Brito

J. G. DE ARAUJO JORGE — AMO! — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Muito moço ainda, tem, já, um feitio próprio, inconfundivel, que o destaca vantajosamente entre quantos cultivam o verso no Brasil. O soneto, que abre o livro, é suficiente para retratar o esplendido poeta".

Lemos Brito

ALFREDO LIRIO JUNIOR — LAGRIMAS E SORRISOS — Tip. Batista de Souza — Rio 1938.

"Há um pessimismo indisfarçavel nestes versos. Nas nações novas e entre gente nova o pessimismo é um mal que pode e deve ser vencido. Leopardi não fará escola no Brasil. Alfredo Lirio Junior, cheio de inteligência e de vontade, conquistará louros mais apreciaveis, quando nos der um livro de confiança e de fé nos destinos do homem".

Lemos Brito

ERNANI LOPES — BALAS DE ESTALO — Rio — 1938.

"Como escrevi às primeiras linhas deste topico, *Balas de estalo*, revelam ao mesmo tempo um poeta e um erudito cheio de sentimento e doçura, e que mesmo nas redondilhas não esquece os problemas sociais da higiene mental".

Lemos Brito

MURILO MENDES — A POESIA EM PANICO — Cooperativa Cultural Guanabara — Rio — 1938.

"E esta é a impressão que nos fica do livro — um dos mais fortes e belos que já se escreveram em nossa lingua. O que de grande se sentia aqui e alí nos seus poemas precedentes, aparece em *A poesia em panico* integrado num maciço todo solidario".

Manuel Bandeira

ALPHONSUS DE GUIMARÃES — POESIAS — edição do Ministerio da Educação — Rio — 1938.

"É pois uma apresentação completa do poeta e vai naturalmente suscitar um largo balanço crítico de sua obra".

Manuel Bandeira

ORLANDO D'ARAUJO — CAMINHOS DE ESPUMAS — Borsoi — Rio — 1938.

"Esta poesia tem beleza, sentimento e rítmo. Devemos confiar no estro do Sr. Orlando d'Araujo".

Lemos Brito

AUGUSTO DE ALMEIDA FILHO, ANUAR FARES e VITO PENTAGNA — 3 MOMENTOS DE POESIA — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Embora procurem ocultar a verdade, a época é de "vaquinhas". Ainda agora mesmo, Almeida Filho, Anuar Fares e Vito Pentagna, três poetas da novissima geração, fizeram uma e publicaram *3 Momentos de Poesia*. Apresentam-nos este livro temperamentos poeticos diferentes, filtros para as sensações da vida. Classifico-o de bom e espero que na proxima "vaquinha" Almeida Filho não pintará sózinho as miserias humanas".

Lobivar Matos

JUAREZ DE ALENCAR — ULTIMOS POEMAS — Ceará — 1938.

"Os *Ultimos poemas* de Juarez de Alencar são quasi todos inspirados em sua terra ou teem motivos regionais".

Silvia

LILA RIPOLL — DE MÃOS POSTAS — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"De uma inspiração melancolica como é a sua, só poderia brotar um livro como é o seu, em tão perfeita harmonia com o titulo que não lhe foi imposto, mas que, antes, se impôs a ele — *De mãos postas*".

Maria Jacinta

MARIO SOUTO MAIOR — MEUS POEMAS DIFERENTES — Recife — 1938.

"*Meus poemas diferentes* é um livro de simplicidade e de comoção. Por isso mesmo é enternecedor e espontâneo, como a própria mocidade de que brotou. Registramos com alegria seu aparecimento..."

Maria Jacinta

VINICIUS DE MORAIS — NOVOS POEMAS — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Há, nos seus versos admiraveis, esse mesmo espirito "flores do mal" que certos criticos francêses (notadamente Boulangére e André Rousseau) foram encontrar nos livros de Proust ou de Gide. Sua inspiração não resiste à virtude da beleza, assim como a sua sensibilidade transcende, por exemplo, e em compensação, aos limites do prosaico, que ele sabe, pode e consegue elevar, realmente, com a força ilimitada de um lirismo fabuloso".

Rosario Fusco

ONEIDA ALVARENGA — A MENINA BÔBA — S. Paulo — 1938.

"Leem-se todos os poemas desse livro sem se precisar fazer ginasticas de espirito para compreende-los ou senti-los. Tudo, neles, répito, é claro, clarissimo, e fala com o entusiasmo de uma inteligência jovialmente moça".

Fernando Góes

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS:

GRACILIANO RAMOS — VIDAS SÊCAS — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"No que se refere a *Vidas Sêcas* de Graciliano Ramos, ou muito me engano ou os entendidos

não prestaram a devida atenção a este romance que me parece absolutamente notavel. Como estilo, é a continuação daquele tom de segurança e serenidade admiraveis, que fez de *S. Bernardo* uma "expressão", um dos mais bem construidos romances da moderna literatura brasileira..."

Rosario Fusco

ERICO VERISSIMO — OLHAI OS LIRIOS DO CAMPO — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"*Olhai os lirios do campo* é um trabalho que realiza plenamente os objectivos éticos e estéticos a que se propôs. O escritor que se envolve dentro do drama social do seu tempo, não está traíndo a sua missão. Muito ao contrario, a está cumprindo".

Afonso Arinos de Melo Franco

JOSE' LINS DO REGO — PEDRA BONITA — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"*Pedra Bonita*, assim, não só continua a série de "romances sociais" que José Lins do Rego vem construindo sobre os dramas do Nordeste do Brasil, como nos fornece excelente documentario sobre um dos fenomenos mais impressionantes daquela região".

Almir de Andrade

LUCIA MIGUEL PEREIRA — AMANHECER — José Olímpio Editora — Rio 1938.

"Depois *Amanhecer* representa um progresso tão grande sobre a romancista de *Maria Luiza* que os que a leram, em seu livro de estreia, na certa se espantarão com essa desenvoltura com que a sra. Lucia Miguel Pereira nos aparece no momento, muito embora, ainda continue presa à sedução de certos logares comuns lastimaveis".

Rosario Fusco

JOÃO ALFONSUS — ROLA MOÇA — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Em *Rola Moça* a primeira impressão é a de uma paisagem morta, de aguas estagnadas e indefiniveis onde ninguem pode ver o fundo ou descobrir ao menos uma leve crispação na superficie uniformemente polida e igual".

Wilson de A. Lousada

GALEÃO COUTINHO — VOVÔ MORUNGABA — Cultura Brasileira S. A. — S. Paulo — 1938.

"*Vovô Morungaba* é um bom livro, vivendo um tema curioso. Talvez se lhe possa reprovar a extensão dos dialogos e de certas narrativas; mas, devemos reconhecer que mesmo nesses lanços, o romance do Sr. Galeão Coutinho não deixa de ser interessante nem perde os vivos matizes que o assinalam".

Lemos Brito

ORIGINES LESSA — O FEIJÃO E O SONHO — Cia. Brasil Editora — São Paulo — 1938.

"O livro decorre num crescendo de emoções e de surprezas que obrigam à releitura, levam o leitor a se integrar naquelas vidas, com interesse fraternal, tomar partido, ora de um lado, ora de outro. Os tipos que o Sr. Origines Lessa coloca nas suas páginas, tornam-se seres vivissimos".

Edgard Cavalheiro

AMADEU AMARAL — MEMORIAL DE UM PASSAGEIRO DE BONDE — Cultura Brasileira — S. Paulo — '938.

"Amadeu Amaral deu-nos um livro delicioso, com o seu *Memorial de um passageiro de bonde*, cheio de ironias, de piedade, de observações sutis sobre os ridiculos humanos. O escritor foi, nele, sincero, simples, profundo. Nessas páginas não deparamos com falsas imagens da vida, mas com a própria vida".

Jaime de Barros

ANTONIO CONSTANTINO — EMBRIÃO — José Olímpio Editora — Rio —1938.

"Em resumo, *Embrião* é o que poderia chamar um livro tipico da tendencia predominante, como estilo e como enredo, do atual segundo *team* dos romancistas brasileiros".

Rosario Fusco

EUDES DE BARROS — DEZESSETE — Pongetti — Rio — 1938.

"Como obra de arte, como romance, é possivel que *Dezessete* não conte tanto assim. Mas como realização histórica é ùma obra muito séria e digna da mais carinhosa leitura".

Rosario Fusco

AMADEU DE QUEIROZ — A VOZ DA TERRA — Cultura Brasileira — S. Paulo — 1938.

"Em *A voz da terra*, romance de estrutura singular em nosso meio, a nostalgia se esbate num sentido acentuadamente poetico, poesia essa que movimenta figuras e paisagens numa sequencia sem fim".

Maria Jacinta

FRAN MARTINS — PÔÇO DOS PAUS — Edésio Editor — Fortaleza — 1938.

"E é já um grande merito desse romancista tão jovem, timido e silencioso como os seus personagens, saber apanhar essas lagrimas, contar a história desses pobres destroços que a força da corrente por algum tempo reuniu".

Raquel de Queiroz

JOSE' BEZERRA GOMES — OS BRUTOS — Pongetti — Rio — 1938.

"Há no autor dos *Brutos* um excelente romancista que se afirmará de certo em outros livros. A sua secura poderá tornar-se sobriedade e a sua esplendida capacidade de observação e o seu instinto de pitoresco poderão disciplinar-se e obedecer ao romancista em vez de dominá-lo e dispersá-lo como acontece neste volume".

Pinheiro de Lemos

FRANCISCO GALVÃO — TRÓPICO — Pongetti — Rio — 1938.

"Essa inquietação é justamente o que salva *Trópico*, reintegrando-o no seu tempo, e livrando-o de ser a inutil viagem retrospectiva aos mitos estéticos de uma geração passada que a principio parece. O românce tem páginas bem acabadas e confirma as qualidades de estilo e correção de linguagem já evidenciados na *Cidade dos loucos*".

Pinheiro de Lemos

RAIMUNDO DE MORAIS — O MIRANTE DO BAIXO AMAZONAS — Cia. Melhoramentos de São Paulo — 1938.

"E assim, página em página, em *O Mirante do baixo Amazonas*, o leitor encontra uma revelação, uma curiosidade, um ensinamento, uma página de emoção e de beleza".

Lemos Brito

J. B. MELO E SOUZA — MAJUPIRA — Pongetti — Rio — 1938.

"Excetuando uma leve e bem dissimulada preocupação bairrista, *Majupira* é um romance de boa intenção. A pintura do logarejo do interior, com as suas intrigas e a sua vida próxima da natureza, é bem realizada".

Pinheiro de Lemos

VITOR DRUMMOND — O IMPOLUTO — "A Noite" Editora — Rio — 1938.

"Nele há paisagens de grande intensidade dramatica. É um livro viril, que disseca uma tése de atualidade, e chama a atenção do leitor para um aspecto singular da hipocrisia humana".

Lemos Brito

JOSE' DE MESQUITA — PIEDADE — Cuiabá — 1938.

"Este livro, que lemos com agrado, teria um sucesso muito mais ruidoso, si em vez de impresso em Cuiabá, fosse lançado por alguma editora responsavel, dessas que são meio caminho andado para livros e autores".

Lemos Brito

D. MARTINS DE OLIVEIRA — CABOCLO DAGUA — Shmidt Editor — Rio — 1938.

"Este romance é o terceiro que Martins de Oliveira escreve sobre o Rio de S. Francisco. E o melhor de todos eles. Mais seco, mais forte e mais pitoresco. Falta-lhe publicidade. Só isso".

Lobivar Matos

NEWTON BELEZA — MULHER SEM MARIDO — Pongetti — 1938.

"...o tipo feminino que o Sr. Newton Beleza estuda daria, sem dúvida, todo um românce em ciclo, de vários volumes. Tamanha é a sutileza com que esse romancista sabe tratar as suas figuras, tratando do mesmo modo, isto é, com a mesma desenvoltura e curiosidade, o que elas fazem ou o que elas deixam de fazer, por esta ou aquela circunstancia".

Rosario Fusco

CONTOS:

GASTÃO CRULS — HISTÓRIA PUXA HISTÓRIA — Ariel — Rio — 1938.

"Nas doze histórias de que se compõe esse volume, a maioria de suas páginas se compromete pela insistencia com que seu autor se detem em pequeninos detalhes sem importancia, simples e antipaticos pretextos para mostrar uma erudição que nada tem a ver com a literatura".

Rosario Fusco

DIOGENES SODRE' — CONTOS HUMANOS — Pongetti — Rio — 1938.

"Apesar de tudo, se esse livro não equivale a uma revelação é, pelo menos, um livro legivel. O que me parece muitissimo".

Rosario Fusco

TELMO VERGARA — 9 HISTÓRIAS TRANQUILAS — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"Em *Cadeiras na calçada*, seu livro anterior, trouxe-nos aquela maneira de esboçar pequenos quadros, leves e delicadas aquarelas. Em *9 Historias Tranquilas* o "conteur" ainda segue a mesma orientação".

Wilson de A. Lousada

MÁRIO SERRANO — O DEMONIO MUDO — Briguiet — Rio — 1938.

"O Sr. Mário Serrano escreve com clareza e a força de seus periodos é natural, não deriva de urdidura rebuscada nem de artificios ou postiçagens. A narração, de principio a fim empolgante, sai-lhe espontânea da pena. É um bom autor escrevendo um bom livro com promessas de uma vasta e brilhante elaboração mental".

Lemos Brito

NOVELAS:

AFONSO SCHMIDT — ZANZALÁS — Ed. Spes — São Paulo — 1938.

"A linguagem do escritor é muita segura e delicada, de modo que a gente lê o livro com prazer, até o fim. Há quem leia por distração, há quem leia por uma necessidade "critica" digamos e, finalmente quem leia para evadir-se do real. Aos três tipos de leitores *Zanzalás* interessa".

Rosario Fusco

ATHOS DAMASCENO FERREIRA — MOLEQUE — Livraria do Globo— Porto Alegre — 1938.

"*Moleque*, por exemplo, é tipicamente uma novela. Nada há, em sua estrutura intima, que possa confundí-la com o romance. Athos Damasceno Ferreira conseguiu realizar todas as figuras do livro num ambiente de perfeita identificação literária".

Wilson de A. Lousada

MÁRIO GRACIOTTI — A QUARTA DIMENSÃO — Cultura Moderna — Rio — 1938.

"As outras novelas do Sr. Mário Graciotti são de igual intensidade dramatica. O autor é um erudito que sabe distribuir os seus conhecimentos de psiquiatria e de psicologia sem que eles cheguem a empastar a sua forma elegante e corredia, leve e sugestiva".

Lemos Brito

ESTUDOS CRITICOS E HISTÓRICOS; ENSAIOS, CRONICAS E MEMÓRIAS; VIAGENS E BIOGRAFIAS:

VIANA MOOG — EÇA DE QUEIROZ E O SECULO XIX — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"Creio que o livro do escritor brasileiro é o melhor esforço, até agora empreendido, para situar no seu tempo heroico, aquele criador de herois".

Afonso Arinos de Melo Franco

PEREGRINO JUNIOR — DOENÇA E CONSTITUIÇÃO DE MACHADO DE ASSIS — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"O Sr. Peregrino Junior que acaba de publicar um livro sobre o autor de *D. Casmurro* ainda não é, infelizmente, o interprete de Machado que esperavamos. É o seu medico, se quiserem, não o seu analista ou o seu critico".

Rosario Fusco

OLIVIO MONTENEGRO — O ROMANCE BRASILEIRO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"As citações desse livro, que procuro associar, numa aproximação evidentemente forçada, mostram como o sr. Ovidio Montenegro tacteia, escrevendo sobre problemas tão complexos, denunciando antes de mais nada, a incoerencia ou a fraqueza de suas idéias sobre o assunto".

Rosario Fusco

NELSON WERNECK SODRE' — HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA — Seus fundamentos econômicos — Cultura Brasileira — S. Paulo — 1938.

"Há nele uma grande lacuna: a literatura contemporanea é tratada rapidamente, numa arremate final que a coloca muito aquem do seu verdadeiro valor. Não só não menciona o autor todos os movimentos da moderna literatura brasileira, como se limita a uma simples enumeração que está em desacordo com as proporções normais do resto do livro".

Almir de Andrade

JOAQUIM NABUCO — ABOLICIONISMO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"Os estudiosos de sociologia que falem do valor de seu livro como de um documento valiosissimo".

José Lins do Rego

TRISTÃO DE ATAIDE — IDADE, SEXO E TEMPO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"O livro de Tristão de Ataidè é mais a confissão de um homem, o seu modo pessoal de pensar, de sentir e de proceder do que propriamente um livro de ciência. Escreveu-o para uma classe, a classe privilegiada de cidadões que vivem folgadamente e, em parte, para a pequena burguezia desorientada e semi-culta".

Edmundo Moniz

MANUEL BANDEIRA — ANTOLOGIA DOS POETAS BRASILEIROS DA FASE PARNASIANA — Ministerio da Educação — Rio — 1938.

"Este outro guia do Parnaso vem confirmar as excepcionais qualidades de Bandeira critico. O leitor tem a impressão de estar bem acompanhado, discutindo poesia em casa de poeta, e note-se que nem sempre a critica do oficial do mesmo oficio consegue atingir essa perfeita objetividade. Mas por ser tambem poeta o seu autor, pisa em terreno firme e escorado em solidos conhecimentos especializados, desce a matizes de

analise, a imponderaveis da arte poetica que os criticos oficiais quasi sempre deixam passar em branca nuvem".

Augusto Meyer

JULIO BELO — MEMÓRIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Parece um romance esse livro que se lê de um folego, onde tudo é simples e claro, a história de uma familia e a história de uma classe".

Rosario Fusco

RAUL BOPP e JOSE' JOBIN — SOL E BANANA (Coleção Correio da Asia) — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Este livro é uma coisa muito séria. Poucos homens hoje em dia teem a coragem e a intrepidez de Bopp e de Jobin, em escrever o que escreveram. Quando acabei de ler este livro tive a impressão que me livrava de um pesadelo. O poeta e o jornalista puseram em relevo a triste realidade brasileira. Verdades terriveis! Não tenho pena do Brasil. Tenho pena da Estatistica, do seu destino tragico de mostrar, em números, as miserias, os ridiculos e as safadezas humanas".

Lobivar Matos

ELOY PONTES — A VIDA DRAMATICA DE EUCLIDES DA CUNHA — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Eloy Pontes passa a limpo tudo o que se diz a respeito da tragedia Euclides da Cunha. Há quem diga que o livro só é legivel onde aparecem aspas, porem asseguro-vos tratar-se de uma perfidia. O Sr. Eloy Pontes pode escrever pesado, pode não possuir certa desenvoltura de estilo, pode não dispor, mesmo, de tanta ou quanta graça literária, mas o livro que acaba de publicar é penetrante e bem lançado".

Rosario Fusco

JOSUE' DE CASTRO — FISIOLOGIA DOS TABÚS — Edições Nestlé — Rio — 1938.

"*Fisiologia dos Tabús* é uma oferta da Cia. Nestlé às classes cientificas do Brasil, e uma contribuição valiosa e prática aos nossos problemas alimentares do povo sem grande conhecimento do assunto".

Wilson de A. Lousada

RAUL DE AZEVEDO — VIDA DOS OUTROS — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1938.

"E este abandono de qualquer sentido literário nas cronicas do Sr. Raul de Azevedo, chega ao ponto de lhe transformar o estilo em composição de menino de escola bem comportado, sério e piedoso".

Wilson de A. Lousada

EMILIO DE MAYA — O BRASIL E O DRAMA DO PETROLEO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"...traz ao conhecimento do público brasileiro aspectos poucos conhecidos do assunto, mostrando-o, pelos seus angulos mais diversos e expondo soluções lógicas, capazes de resolver questões a ele concernentes, questões que até o momento presente teem constituido problema sem qualquer solução pratica".

N. L.

JOÃO DORNAS FILHO — O PADROADO E A IGREJA BRASILEIRA — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"No seu bem documentado ensaio sobre as relações da igreja católica e o imperio do Brasil, o sr. João Dornas Filho, felizmente, procurou sempre conservar-se numa posição de justiça e imparcialidade. Apontando erros e intransigencias de todos os partidos em luta, o historiador não se deixa levar pelo fanatismo religioso, ou pelo ateismo de espiritos inconcientes e apaixonados".

Wilson de A. Lousada

ENRIQUE DE REZENDE — RETRATO DE ALPHONSUS DE GUIMARÃES — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Seu livro não é uma pesquisa intima e profunda da personalidade de Alphonsus, ou um estudo decisivamente critico de sua obra, das influencias que sofreu ou transmitiu aos que vieram depois dele. Sem carater biográfico ou critico, *Retrato de Alphonsus de Guimarães* é mais um livro de saudade e ternura, de recordações imprecisas e traços exteriores".

Wilson de A. Lousada

AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA — ESTUDOS PIAUIENSES — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"...é uma coletanea de ensaios sobre o Piauí no ponto de vista de geografia, economia, sociologia e etnografia. Em qualquer dessas tendencias, o que transparece no autor é o estudioso, o observador preocupado com um objetivo material, olhando as coisas e os fatos sob um ponto de vista técnico, ainda que nem sempre profundo nas considerações e conclusões finais".

Wilson de A. Lousada

FERNANDO SABOIA DE MEDEIROS — A LIBERDADE DE NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"Neste livro técnico, se sobrepõe ao escritor, ao estilista, que, não raras vezes, tem longos e longos periodos construidos na mais obscura sin-

taxe, na mais deselegante das prosas. E a derradeira impressão que nos fica desta obra, impressão melancolica, aliás, liga-se a uma interrogativa. Que é a Amazonia, hoje em dia, economicamente falando?"

Wilson de A. Lousada

CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA — SILVIO ROMERO e SUA FORMAÇÃO INTELECTUAL — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"*Silvio Romero e sua formação intelectual* é um livro que se lê com satisfação, sem nenhum enfado. Não é obra prima, mas é um livro sincero".

Wilson de A. Lousada

RODRIGO OTÁVIO FILHO — VELHOS AMIGOS — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"*Velhos amigos* é um livro que se lê mais de uma vez, com agrado e enternecimento".

Lemos Brito

LUIS GURGEL DO AMARAL — TRAÇOS A CARVÃO — Pongetti — Rio — 1938.

"Ele possue, realmente, o dom singular de contar fatos e episodios tirando deles os mais variados e imprevistos efeitos. Poucas pessoas iniciarão e terminarão uma narrativa com tão seguro conhecimento dos segredos sutis da conversação quanto o Sr. Luis Gurgel do Amaral".

Jaime de Barros

DANTON JOBIN — PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Jornalista de reputação firmada, senhor de um estilo seco, mas muito claro, sempre fortemente documentado a respeito dos temas sobre os quais discorre, ele tem realizado ensaios de grande valor, sobre vários problemas de carater econômico, social e político. Verificamos isto mais uma vez no livro que acaba de publicar".

Jaime de Barros

MÁRIO LINHARES — POETAS ESQUECIDOS — Pongetti — Rio — 1938.

"O livro do Sr. Mário Linhares é uma contribuição valiosa à nossa história literária, tão mais necessitada de fatos que de apreciações. Surgem nesta páginas de saudade e simpatia, figuras quasi todas completamente desconhecidas ou olvidadas de homens de letras nortistas, jovens ou não, a maioria merecida ou alguns imerecidamente deixados de lado pela corrente central..."

Tristão de Ataide

IRINEU PINHEIRO — O JOAZEIRO DO PADRE CICERO E A REVOLUÇÃO DE 1914 — Pongetti — Rio — 1938.

"Todavia, nada disso poderá diminuir o alto valor documentario do livro, manancial generosamente oferecido aos que quiserem estudar um dos mais curiosos periodos da nossa história, o de Pinheiro Machado".

Pinheiro de Lemos

HERMES DA FONSECA FILHO — PINHEIRO MACHADO — Pongetti — Rio — 1938.

"Em resumo, o livro do Sr. Hermes da Fonseca Filho procura provar que Pinheiro Machado, que tentou realizar o presidencialismo no Brasil, foi um dos maiores, mais dignos e melhor intencionados politicos do país..."

Pinheiro de Lemos

MACARIO DE LEMOS PICANÇO — LÚCIO — Rio — 1938.

"Consagrado inteiramente a memória de um irmão do autor, falecido aos quatorze anos, *Lúcio* é um livro de saudade, cuja leitura comove pela propria força do assunto".

Pinheiro de Lemos

† MANUEL QUERINO — COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL — Civilização Brasileira — Rio — 1938.

"É assim mais um grande serviço prestado por Artur Ramos à cultura brasileira essa divulgação do livro de Manuel Querino, professor baiano de origem negra, que se bateu pela Abolição e pela República, e foi, dentro dos limites da sua época e das suas possibilidades, um digno continuador do esforço admiravel de Nina Rodrigues".

Pinheiro de Lemos

LINDOLFO COLLOR — GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Os retratos, as paisagens, as cenas históricas surgem à luz da interpretação de um escritor que é tambem sociólogo e artista. Um grande livro, que marcará época na nossa literatura".

Jaime de Barros

PRIMITIVO MOACIR — A INSTRUÇÃO E O IMPERIO — 3º volume — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"Nesta obra, portanto, encontramos o melhor repositorio de dados seguros sobre o ensino superior, secundário, primário, religioso, militar, profissional e emendativo... Nem por isto deixa de ser relevante o serviço que aí presta à cultura nacional".

Lemos Brito

ADELMAR TAVARES — BREVE ELOGIO DE UM PATRONO — Rio — 1938.

"Não é de estranhar, pois, que o insigne jurista e comentador Oscar de Macedo Soares tenha na oração do Sr. Adelmar Tavares uma completa e impressionante biografia, a melhor das suas biografias".

Lemos Brito

RAUL AZEVEDO — MEU LIVRO DE SAUDADES — Rio — 1938.

"*Meu livro de saudades* é um livro suave, que se lê com agrado e desperta no leitor numerosas e amaveis recordações".

Lemos Brito

DANTE GUARINO — ESQUINA — Of. Graf. do E. C. M. — Rio — 1938.

"Todo o livro do Sr. Dante Guarino é assim. Palpita nele um sentimento profundamente humano de comiseração pelos pequenos e de revolta contra o egoísmo e o orgulho, responsaveis pelas agonias dos humildes e pelas catastrofes da história".

Lemos Brito

OVIDIO DA CUNHA — O HOMEM E A PAISAGEM — Pongetti — Rio — 1938.

"Dá a oportunidade deste trabalho, um dos mais sérios e brilhantes que temos lido no Brasil sobre estes dificeis e complexos assuntos".

Lemos Brito

SAUL DE NAVARRO — O SEGREDO DE PORTUGAL — Rio — 1938.

"Paisagens, criaturas, costumes, raças, deslumbramentos sociais, todo o movimento vital de um país reproduzido em tintas mágicas do verbo cálido e sonoro. Saul de Navarro realiza em seu trabalho de louvor a Portugal esse verdadeiro estado de encantamento".

Carlos Chiacchio

OLAVO DANTAS — SOB O CÉU DOS TRÓPICOS — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"A exposição do que viu e ouviu fala o Sr. Olavo Dantas em linguagem corredia e num estilo atraente. Na sua singeleza de escrever produz boas páginas literárias e sabe como poucos realçar o retrato físico com os estigmas antropológicos, bem assim o carater dos moradores mais famosos da ilha que ele chama "dos contos de fada" e que esses últimos dizem ser "o rochedo dos martírios e dos pesadelos".

Lemos Brito

CLOVIS BEVILACQUA — REVIDENDO O PASSADO — 2º volume — Rio — 1938.

"São dessa fase os estudos que o preclaro pensador brasileiro reuniu nos volumes publicados sob o titulo que encima este tópico. Todos eles servem para mostrar de que força era a inteligência de quem viria a ser mais tarde o príncipe dos juristas brasileiros".

Lemos Brito

GUILHERME GOMES DE MATOS — EM TORNO DA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA BRASILEIRA — Rio — 1938.

"O trabalho do Dr. Gomes de Matos destaca-se, portanto, por esta coragem intrepida das idéias, quando em regra vemos os livros sancionando com epinicios todos os erros ou enganos das novas leis, em vez de levarem aos poderes públicos a reflexão sensata e erudita que o animaria a corrigir tais defeitos".

Lemos Brito

RAIMUNDO MORAIS — O HOMEM DE PACOVAL — Companhia Melhoramentos de S. Paulo — 1938.

"Todo o livro de Raimundo Morais se consagra a investigações de subido valor cientifico e histórico. Talvez se lhe possa dizer que utilisa uma linguagem excessivamente marcada por termos e expressões especializadas ou regionais".

Lemos Brito

ADELINO VARZEA — HISTÓRIA DO COMERCIO — Liv. Francisco Alves — Rio — 1938.

"Faltava às nossas letras um livro como este, que nos desse a história do comercio desde sua origem, isto é, desde as primeiras relações de ordem econômica entre os homens, até a hora que passa, quando essas relações assumiram o maximo de intensidade e de complexidade".

Lemos Brito

ROBERTO LIRA — POLICIA E JUSTIÇA PARA O AMOR — S. A. "A Noite" Editora — Rio — 1938.

"Todo o livro do Prof. Roberto Lira fere teses de atualidade e impressiona pelo sentido social de suas criticas e de seus comentarios. E é um livro não só para especialistas, mas para todos os que amam as boas leituras, escrito em linguagem viva e quente, num estilo marcado pela ironia, por vezes suave, por vezes caustica, do autor".

Lemos Brito

CASTILHOS GOICOCHE'A — GUERRA DOS FARRAPOS — Civilização Brasileira — Rio — 1938.

"O Sr. Castilhos Goicochéa, que já dedicou ao Rio Grande do Sul alguns livros interessantes,

faz neste volume de agora trabalho de investigação e de crítica sociológica, esclarecendo, comentando e definindo em cores vivas certos aspectos sul-rio-grandenses".

Lemos Brito

VENANCIO F. NEIVA — JOSÉ BONIFACIO — o patriarcha da Independencia — Pongetti — Rio — 1938.

"Muitos aspectos e fatos novos incorporam-se à biografia de José Bonifacio neste volume. É a melhor contribuição que já se prestou à reconstituição do excelso paulistano, a quem devemos em grande parte a independencia do Brasil sem maior efusão de sangue e sem os riscos da desagregração e da intervenção estrangeira".

Lemos Brito

LIBERATO BINTECOURT — OLAVO BILAC (ensaio psciológico) — Rio — 1938.

"Limito-me a registrar o aparecimento do livro. O Sr. Liberato Bintecourt é o primeiro a reconhecer que seu estudo não é para ser julgado agora, "mas de hoje a muitos decenios, por quem saiba aliar a beleza encantadora da "forma" à força dominadora do "pensamento".

Lemos Brito

MÁRIO RANGEL — CARTILHA DE ALIMENTAÇÃO DO BRASIL — Rio — 1938.

"O Sr. Mário Rangel entende que no dia em que a alimentação do brasileiro for racional ele terá saúde vigorosa e o trabalho a que se entregar será vultoso e producente. É assim, um livro de real utilidade, que deve ser suficientemente difundido por todo o Brasil".

Lemos Brito

CASTILHOS GOICOCHE'A — SINGULARIDADES — Niteroi — 1938.

"*Singularidades* é uma série de estudos sobre pessoas que o autor reputa singulares no meio em que atuaram. São todos estudos interessantes, leves, feitos por mão de artista..."

Lemos Brito

DALTRO SANTOS — FUNDAMENTAÇÃO DA GRAFIA SIMPLIFICADA — Pongetti — Rio — 1938.

"Este, do prof. Daltro Santos, é dos melhores. Abrindo com um bom estudo histórico do português, como um desmembramento do latim, passa a apontar e explicar as alterações sofridas pelos vocábulos, o que faz como profundo conhecedor das questões filológicas".

Lemos Brito

R. P. CASTELO BRANCO — A QUIMICA DAS RAÇAS BRANCAS — Cultura Brasileira — S. Paulo — 1938.

"É um pequeno livro que provoca elevadas cogitações sociológicas. Quem assim se estreia pode contar seguramente com o êxito, principalmente quando o seu estilo se ajusta a esse genero de exposição e comentario".

Lemos Brito

LUIZ VIANA FILHO — SABINADA — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"É um dos bons livros de 1938. Escrito em linguagem clara e ao mesmo tempo vigorosa, o autor põe em alto relevo tanto o preparo do movimento e seu momento agudo de profiados combates, como, depois, a perseguição aos vencidos, a punição e o exilio..."

Jaime de Barros

GARIBALDI DANTAS — EXTREMO ORIENTE — Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"*Extremo Oriente* é livro que instrue e deleita ao mesmo tempo, e o autor o lança sem pretenciosismo, ao contrario de certos autores que conhecemos, e que incham de orgulho e fatuidade a cada trabalho que produzem..."

Lemos Brito

DIVERSOS:

GETULIO VARGAS — A NOVA POLITICA DO BRASIL — 5 volumes — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Com a publicação de cinco volumes de proclamações e discursos, o Presidente Getulio Vargas vem de fazer-se tambem autor, entrando belamente na literatura brasileira. Já agora, em boa articulação de conjunto, podemos verificar o que esse gaúcho sem ênfase, sem alarido verbal, tem construido pela palavra inteligentemente aproveitada, pela palavra que é simples pretexto para a ação fecunda".

Agripino Grieco

AZEVEDO AMARAL — O ESTADO AUTORITARIO E A REALIDADE BRASILEIRA — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"O livro do Sr. Azevedo Amaral, sendo uma obra de estudo econômico-social-político algo sutil e delicado, não poderá ficar ao alcance de todos, da grande massa, que seria de imediato interesse para o Estado. É um livro para as minorias intelectualizadas. No entanto, isso não lhe retira o valor interpretativo e atualissimo dentro de nosso ambiente politico de hoje".

Wilson de A. Lousada

MONTE ARRAIS — O ESTADO NOVO E SUAS DIRETRIZES — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Oo Sr. Monte Arrais, que não é um estreante, pois já se afirmara antes, em trabalho de merito, assim conclue o seu apreciavel trabalho, vasado, todo ele, em forma elegante e método cientifico..."

Lemos Brito

PONTES DE MIRANDA — COMENTARIOS Á CONSTITUIÇÃO FEDERAL — (tomo I) — Pongetti — Rio — 1938.

"A carta de 10 de novembro de 1937 só agora começa a ser comentada. Alguns livros teem aparecido estudando o seu "sentido", discutindo a estrutura geral do Estado Novo. Nenhum desceu a minucias nos seus comentarios. Abre agora exceção ao louvor generalisado o sr. Pontes de Miranda".

Lemos Brito

RENATO ALMEIDA — A LIGA DAS NAÇÕES — S. A. "A Noite" Editora — Rio — 1938.

"O livro do Sr. Renato Almeida oferece-nos uma impressão de conjunto do aparelhamento da Liga das Nações que nos permite avaliar o enorme esforço que já se realizou para assegurar a paz, condenar e banir as guerras. Esse esforço não se perderá".

Jaime de Barros

PINTO DE MOURA — NEUROSE CARDIACA — S. Paulo — 1938.

"Nesse volume de 200 páginas, escritas em linguagem facil e elegante, procura o autor, que é medico em Campinas, resumir o que há de mais atual sobre o problema das neuroses, e especialmente da neurose cardiaca".

Almir de Andrade

DANTE COSRA — BASES DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"*Bases de alimentação racional* é um livro que estava faltando, que precisava aparecer. Agora que ele aí está, o assunto em foco tem metade da sua solução realizada. É um livro para todos os brasileiros, para todo o Brasil. Para os educadores, principalmente, é essencial".

Wilson de A. Lousada

SEBASTIÃO M. BARROSO — O MEDICO NAS GRANDEZAS E MISERIAS HUMANAS — Cia. Melhoramentos de S. Paulo — 1938.

"Num estilo leve e agil, que ele, aliás, adquiriu na sua banca de jornalista, conta-nos as peripecias da vida de um medico desde os bancos academicos até a clinica, com sua função altamente humana e social".

Jaime de Barros

AFRANIO PEIXOTO — CLIMA E SAUDE — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"São precisamente as suas aulas na cadeira de Higiene, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que aparecem agora em volume".

Jaime de Barros

OLIVEIRA VIANA — PROBLEMAS DO DIREITO CORPORATIVO — José Olímpio Editora — Rio — 1938.

"Não é preciso mais para avaliar o enorme interesse do livro histórico, dentro do quadro da nossa evolução juridica, que o grande sociólogo acaba de publicar".

Jaime de Barros

HOMEM DE BARRO — COMO EU VÍ BUENOS AIRES — Tip. "Jornal do Comercio" — Rio — 1938.

"No seu livro, Homem de Barro fez observações sobre os mais variados aspectos da vida da metrópole argentina".

Jaime de Barros

CLOVIS BEVILACQUA — PRINCIPIOS ELEMENTARES DO DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO — Liv. Ed. Freitas Bastos — Rio — 1938.

"Seu merito maior, porem, está no método e na clareza incomparavel que constitue as qualidades preexcelentes do grande mestre, cuja velhice radiosa contesta pelos fatos, a veracidade do brocardo de que "Senectus est morbus".

Lemos Brito

DECIO RIBEIRO DA COSTA — REPOSITORIO DO INSTITUTO DOS COMERCIARIOS — A. Coelho Branco Filho Editor — Rio — 1938.

"Daí o haver feito um livro util, que será ameude procurado, como um dos melhores repositorios que temos na materia".

Lemos Brito

ROBERTO LIRA — DIREITO PENAL — Parte Geral — vol. II — Livraria Jacinto — Rio — 1938.

"Por isso mesmo o sr. Roberto Lira encontrou campo vasto para, em um par de volumes, destinados á mocidade que frequenta os cursos juridicos, abrir asas ao seu espirito criador e analista, expondo e discutindo com clareza os mais dificeis assuntos".

Lemos Brito

LEONIDIO RIBEIRO — HOMOSEXUALISMO E ENDOCRINOLOGIA — Paulo de Azevedo & Cia. — Rio — 1938.

"Há muito que ler e aprender nesta monografia do ilustre especialista, a qual vem prefaciada pelo prof. Gregorio Maranon, uma das maiores sumidades na materia".

Lemos Brito

NINA RODRIGUES — AS RAÇAS HUMANAS E A RESPONSABILIDADE PENAL NO BRASIL — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"Este volume, aparecido há 44 anos, continua a ser um livro atual, tanto avançou ele em relação às idéias de seu tempo".

Lemos Brito

PEDRO CALMON — CURSO DE DIREITO PUBLICO — Liv. Freitas Bastos — Rio 1938.

"Nenhum livro brasileiro abarca do ponto de vista doutrinario as ultimas transformações do Estado e seu conceito como este. Além disto o Sr. Pedro Calmon transplanta para o dominio do Direito o estilo claro e agradavel de que se serve nos seus trabalhos de literatura e história, o que faz a leitura da materia ainda mais interessante..."

Lemos Brito

GABRIEL SOARES DE SOUZA — TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587 (3ª edição) — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"Todos os nossos historiadores modernos, como fizeram em começo Roberto Sauthey, Martius e outros, bebem no seu "famoso "Tratado Descritivo" a respeito, principalmente, do retrato econômico do Brasil no primeiro século do descobrimento".

Lemos Brito

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS — O QUE DIZEM OS NUMEROS SOBRE O ENSINO PRIMARIO — Cia. Melhoramentos de S. Paulo — 1938.

"Como observa o prof. Lourenço Filho, podem ser discutidas as soluções que propõe o sr. M. A. Teixeira de Freitas, mas o valor de seu livro é indiscutivel e constitue uma brilhante contribuição ao encaminhamento do problema do ensino e da educação no Brasil".

Lemos Brito

BERTHO CONDE' — PRINCIPIOS DE DIREITO COMERCIAL INTERNACIONAL — Cultura Moderna — S. Paulo — 1938.

"O presente volume vem consultar, portanto, a uma necessidade indiscutivel dos nossos meios juridicos e econômicos. Não é um estudo pela rama, nem uma divagação superficial. É um trabalho sério, claro, orientador, a que se destina logar destacado entre as obras de estudo e consulta cotidiana".

Lemos Brito

LICINIO SANTOS — AFECÇÕES DO FIGADO E VIAS BILIARES — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.

"No Brasil, onde, tantas regiões se alastra o paludismo e onde os alimentos fortemente condimentados estimulam as molestias do figado, devem-se aplaudir os que, como o autor deste volume, procuram trazer novos elementos ao seu estudo e à cura de suas enfermidades".

Lemos Brito

CARLOS DE MORAIS ANDRADE — O SALARIO — S. Paulo — 1938.

"Versando o assunto com proficiencia e clareza, a tése do Sr. Morais Andrade ficará como uma das melhores monografias que a tal respeito já se escreveram no Brasil".

Lemos Brito

ILKA LABARTHE — TAPETE MAGICO DE TIA LÚCIA — 2º vol. — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1938.

"Num tom ameno de palestra o *Tapete Magico*, veloz como o do cinema, nos faz realizar pitorescas, instrutivas e agradaveis viagens".

Jaime de Barros

MANOEL CICERO — CONFERENCIAS — DISCURSOS — COMUNICAÇÕES — Tip. "Jornal do Comercio" — Rio — 1938.

"Diziamos reconhecer no Sr. Manoel Cicero um valor tipico da nossa antiga cultura. De fa-

to, é admiravel a segurança, a facilidade, melhor diriamos, o ar de intimidade com que neste seu livro se passa de um para outro domínio da cultura, como si se estivesse na própria casa".

Pinheiro de Lemos

L. NOGUEIRA DE PAULA — RACIONALIZAÇÃO ECONÔMICA — Pongetti — Rio — 1938.

"Mas como quer que seja considerado, RACIONALIZAÇÃO ECONÔMICA é um livro precioso e utilíssimo para o conhecimento de certas questões essenciais que não costumam, infelizmente, ocupar a atenção do nosso público. Demonstrando perfeito e bem ordenado conhecimento do seu tema, o Sr. Nogueira de Paula faz o histórico dos sistemas que pretenderam dar organização científica ao trabalho industrial, descrevendo minuciosamente o tailorismo, o faiolismo o fordismo e, por fim, a racionalização, que, aproveitando os resultados conseguidos por todos os sistemas precedentes, está realizando uma verdadeira revolução econômica, por isso que passa os limites do trabalho industrial para ser um processo de aplicação possivel a toda atividade humana".

Pinheiro de Lemos

AOS EDITORES E AUTORES

Pedimos aos senhores autores e editores, interessados na maior divulgação do livro nacional, que nos enviem, até dezembro de 1939, as críticas mais expressivas que se fizerem de seus livros aparecidos durante o ano.

AOS SENHORES CRITICOS

Aos senhores criticos rogamos a gentileza de, quando registrarem livros recebidos, não se esquecerem de anotar o editor e bem assim o ano em que a obra foi editada, para que possamos realizar mais completo resumo bibliografico.

Afim de melhor servir aos interesses dos escritores brasileiros, indicamos abaixo os criticos de mais evidencia, nesta Capital, com as respectivas redações e residencias:

AGRIPINO GRIECO — Redação "Boletim de Ariel" — Res. r. Aristides Caire, 74 — Rio.

ALMIR DE ANDRADE — Redação da "Revista do Brasil" — Res. rua da Passagem, 180 — Rio.

DIAS DA COSTA — Redação de "Esfera" — rua Uruguaiana, 86 — Sala 805 — Rio.

ELOY PONTES — Redação da "Vida Literária" — Res. rua Rermenegildo de Barros, 69 — Rio.

GIL PEREIRA — Redação de "A Noite" — Praça Mauá — Rio.

JAIME DE BARROS — Redação do "Diario da Noite" — Rio.

JOAQUIM RIBEIRO — Redação do "Jornal do Comercio" — Rio.

LEMOS BRITO — Redação "Vanguarda" — Rio.

MANUEL BANDEIRA — Redação da "Revista Academica"" — Res. rua Morais Vale, 57 — Rio.

MARIA JACINTA — Redação de "Esfera" — — Rua Uruguaiana, 86 — Sala 805 — Rio.

MUCIO LEÃO — Redação do "Jornal do Brasil" — Res. Avenida Atlantica, 444 — Ap. 81 — Rio.

OTON COSTA — Redação da "Gazeta Policial" — Rua 1° de Março, 6 — 9° andar —

PINHEIRO DE LEMOS — Redação d'"O Globo" — Rio.

ROSARIO FUSCO — Redação do "Diario de Noticias" — Rio.

TRISTÃO DE ATAIDE — Red. "O Jornal" — Res. rua D. Mariana, 149 — Rio.

WILSON DE A. LOUSADA — Redação de "Dom Casmurro" — Rio.

ENDEREÇO DE ESCRITORES

NO RIO DE JANEIRO

A

Adelmar Tavares	Rua Raimundo Corrêa, 70
Ari de Mesquita	Rua Real Grandeza, 181
Abelardo Roméro	Rua Alzira Valdetaro, 56
Afonso Costa	Rua Corrêa Dutra, 24 — Apt. 13
Alvaro Bomilcar	Rua do Bispo, 232
Arnaldo Damasceno Vieira	Rua Terezina, 23
Andrade Muricí	Av. Rio Branco, 118 (Casa Mozart)
Atílio Milano	Academia Carioca de Letras
Alvarenga Fonseca	Rua Marquês de Valença, 16
Afonso Arinos de Melo Franco	Rua Anita Garibaldi, 17
Augusto Méier	Instituto Nacional do Livro
Alcantara Machado	Rua Barão do Flamengo, 17 Apt. 61
Agripino Griéco	Rua Senador Dantas, 40 — 5.° andar
Almir de Andrade	Rua da Passagem, 180
Acioli Neto	Rua do Livramento, 191
Aurelio Gomes de Oliveira	Rua Borda do Mato, 167
Angione Costa	Rua Acaraí, 69
Antônio Amorim	Av. Rio Branco, 58 — 2.° andar
Austregésilo de Ataíde	Praia do Russell, 52 — 1.° andar — Apt. 7
Alvaro Moreyra	Rua Xavier da Silveira, 99
Américo Palha	Rua Ana Néri, 237—A
Antônio Austregésilo	Rua Salvador Corrêa, 120
Ana Amelia Carneiro de Mendonça	Rua Marquês de Abrantes, 189
Afranio Peixoto	Rua Paisandú, 97
Aloisio de Castro	Rua Dona Mariana, 16
Astério de Campos	Gazeta de Noticias — Rua do Ouvidor
Americo Facó	Rua Alcindo Guanabara, 17
Alceu de Amoroso Lima	Rua Dona Mariana, 149
A. Sabóia Lima	Av. Atlantica, 216
Alcebiades Delamare	Rua Porto Alegre, 56 — Ed. Itaúna
Adalgisa Néri	Liv. José Olímpio — Rua do Ouvidor
Augusto Frederico Schmidt	Rua Barão do Ipanema, 8
Acácio França	Rua Henrique Valadares, 98 — Apt. 62
Alfredo de Assis	Rua Ministro Viveiros de Castro, 87
Alexandre Passos	Av. Pasteur, 250

B

Bastos Tigre	Rua Almirante Tamandaré, 20
Barbosa Lima Sobrinho	Jornal do Brasil — Av. Rio Branco
Berilo Neves	Rua Miguel de Lemos, 57
Benjamim Lima	Rua Pompeu Loureiro, 41
Beni Carvalho	Rua Bulhões Carvalho, 155
Barreto Filho	Rua da Quitanda, 47

C

Cecilia Meirelles	Av. Atlantica, 466-A
Celso Kelly	Rua Alvares Borgeth, 18 — Botafogo
Clovis Bevilacqua	Rua Barão de Mesquita, 506
Candido Jucá Filho	Rua Teixeira Junior, 48
Cumplido de Santana	Rua Ministro Viveiros de Castro, 100
Carlos Rubens	Rua João Rodrigues, 77
Carlos Dias Fernandes	Av. Paulo de Frontin, 477 — 3.° and. Apt. 15
Castilhos Goicochêa	Rua Voluntarios da Patria, 254

Clovis Monteiro	Rua General Glicério, 32
Celso Vieira	Rua Almirante Alexandrino, 562
Claudio de Souza	Praia do Flamengo, 392
Carlos Maúl	Correio da Manhã — Av. Gomes Freire
Chermont de Brito	Rua Santa Clara, 216
Carlos Cavaco	Ministerio do Trabalho
Catulo da Paixão Cearense	Ministerio da Viação — Praça 15 de Novembro
Costa Rego	Correio da Manhã — Av. Gomes Freire
Cornelio Pena	Praia de Botafogo, 70
Carlos Drumond de Andrade	Rua Nove de Fevereiro, 8
Carlos Domingues	Rua Alvaro Alvim, 27
Clovis Ramalhete	Rua do Catete, 219
Corrêa de Sá	Rua Sorocaba, 718

D

Domingos Barbosa	Rua Volutarios da Patria, 198
Domingos Magarinos	Estrada Velha (Tijuca), 23
Durval Moraes	Rua Prudente de Moraes, 251
Dias da Costa	Rua São Clemente, 260, casa 11
Danilo Bastos	Travessa da Soledade, 17
Donatelo Grieco	Rua Senador Dantas, 40, 5.° andar
Dante Costa	Rua Acaraí, 79
D'Almeida Vitor	Av. Men de Sá, 78

E

Eloy Pontes	Livraria José Olímpio (Ouvidor, 110)
Eustorgio Vanderlei	Rua Barão de Mesquita, 636—A
Elcias Lopes	Redação do "Fon-Fon" (Rua da Assembléa)

F

Fabio Luz Filho	Rua Barão do Bom Retiro, 678
Felinto de Almeida	Avenida Atlantica, 466
Fernando Magalhães	Rua Pinheiro Machado, 76
Frota Pessôa	Rua Copacabana, 872
Flexa Ribeiro	Escola Nacional de B. Artes (Av. Rio Branco)
Francisco Karam	Rua 2 de Dezembro, 112
Francisco Carneiro (Padre)	Redação de "A União" — R. da Assembléia
Faustino Nascimento	Rua Raul Pompéa, 24

G

Gastão Pereira da Silva	Rua Grajaú, 255
Gastão Cruls	Ladeira da Gloria, 35
Gastão Penalva	Rua Urbano Santos, 14
Gustavo Barroso	Rua Sá Ferreira, 123
Gilka Machado	Rua São José, 51, 2.° andar
Gondim da Fonseca	Correio da Manhã — Av. Gomes Freire
Godofredo Viana	Rua Visconde de Caravelas, 119
Graciliano Ramos	Livraria José Olímpio
Guilherme Figueiredo	Rua Martins Pena, 76

H

Heitor Muniz	Rua Pereira da Silva, 140
Heitor Lima	Praça Duque de Caxias, 21
Henri de Lanteuil	Praia do Flamengo, 18, Apt. 1
Hermeto Lima	Academia Carioca de Letras
Honorio Silvestre	Rua Souto Carvalho, 15

Henrique Orciuoli	Rua Henrique Valadares, 42
Homero Pires	Rua Prudente de Moraes, 482
Henrique Pongetti	Rua Ipiranga, 134
Helio Lobo	Rua Machado de Assis, 16 — 5.º andar
Hamilton Nogueira	Rua Coelho Neto, 49
Helio Sodré	Rua Pires de Almeida, 41, Apart. 49
Helder Camara	Rua Voluntarios da Patria, 66

I

Ildefonso Albano	Rua Visc. de Caravelas, 6
Ismael Gomes Braga	Rua José Vicente, 79

J

José Geraldo Vieira	Avenida Vieira Souto, 474—A
José Augusto	Avenida Melo Matos, 19
José Lins do Rego	Livraria José Olímpio
José Maria Belo	Rua Conde de Irajá, 113
José Américo de Almeida	Tribunal de Contas — Rua Pedro Lessa
José Oiticica	Colegio P. II — Av. Marechal Floriano Peixoto
Jonatas Serrano	Rua Pires de Almeida, 15
João Lira Filho	Rua Paul Redfern, 40
João Luso	Jornal do Comercio — Av. Rio Branco
João Neves da Fontoura	Ruá Paisandú, 93 — Apt. 33
Joaquim Pimenta	Rua Santa Alexandrina, 142, casa 4
Joel Silveira	Dom Casmurro — Praça Getulio Vargas, 2 — 8.º andar
Jorge de Lima	Rua Umbelina, 14 — Apart. 8
Jacques Raimundo	Rua São Clemente, 243, casa 8
Josué Montelo	Rua do Passeio, 70 — Apart. 404
José Vieira	Rua Almirante Tamandaré, 38
Joraci Camargo	Rua Aureliano Portugal, 140
Julio Salusse	Rua Nascimento Silva, 546
Julinha Galeno	Rua Montenegro, 284 (Ipanema)
Jorge Amado	Livraria José Olímpio
Josué de Castro	Avenida Elisabeth, 256
Joaquim Ribeiro	Rua das Marrecas, 21

L

Lourival Fontes	Avenida Atlantica, 434
Levi Carneiro	Rua do Ouvidor, 54
Luiz Sucupira	Rua São Cristovão, 482
Luis Edmundo	Correio da Manhã — (Av. Gomes Freire)
Leoncio Correira	Correio da Noite (Rua da Quitanda, 51)
Leal de Sousa	Red. de "A Nota" — R. Evaristo da Veiga, 15
Leonor Posada	Rua General Rosa, 170
Leonel Franca (Padre)	Colegio Santo Inacio (Rua São Clemente)
Lacerda de Almeida	Rua Emancipação, 9 (São Cristovão)
Lobivar Matos	Rua Andrade Pertence, 28
Leão de Vasconcelos	Rua Voluntarios da Patria, 454

M

Maria Eugenio Celso	Av. Calogeras, 6 — Apt. 28
Mário Linhares	Rua Prudente de Morais, 306
Mercedes Pamplona	Instituto da Previdencia — Av. Araujo Porto-Alegre
Mucio Leão	Av. Atlantica, 444
Mercedes Dantas	Rua Pinheiro Guimarães, 66
Modesto de Abreu	Academia Carioca de Letras
Murilo Araujo	Rua Barão de Jaguaribe, 56
Mazart Monteiro	Instituto de Educação — Rua Mariz e Barros

Mercedes Pamplona	Instituto da Previdencia
Margarida Lopes de Almeida	Av. Atlantica, 466
Miguel Ozorio de Almeida	Estrada do Açude, 66 — Alto da Boa Vista
Martins Capistrano	Red. do Fon-Fon — Rua da Assembléa
Manuel Bandeira	Rua Morais e Vale, 57
Malba Taban (Melo e Souza)	Colegio Pedro II
Maria Junqueira Schmidt	Escola Amaro Cavalcanti — Praça Mauá, 7.° — 10° andar
Marques Rebêlo	Rua Pinto Guedes, 76 — Apt. 2
Martins D'Alvarez	Rua Marquesa de Santos, 5

N

Newton Belleza	Rua Homem de Melo, 8 — Tijuca
Nelio Reis	Edificio Atlanta — Rua Senador Dantas
Nogueira de Paula (L.)	Avenida Calogeras, 12 — Apt. 51
Nenê Maccaggi	Rua Cruz Lima, 21
Niomar Sodré	Rua Pereira da Silva, 140
Nobrega de Siqueira	Centro Paulista — Praça Tiradentes

O

Olegario Mariano	Rua Pompeu Loureiro, 36
Oton Costa	Rua do Riachuelo, 27 — Apt. 64
Ozorio Lopes	"A União" Rua da Assembléa, 35 — 1.°
Otávio de Faria	Rua Juiz de Fóra, 50 — Casa 2
Onestaldo Penaforte	Rua Ribeiro de Andrade, 23
Oliveira Viana	Alameda São Boaventura — Niterói
Orris Soares	Liv. Briguiet — Rua do Ouvidor
Otávio Tarquino de Souza	Rua Aurea, 66
Oliveira e Silva	Rua 1.° de Março, 6 — 3.° andar.
Osvaldo Orico	Rua Sá Ferreira, 112
Osvaldo Santiago	Red. do "O Malho"
Ovidio da Cunha	Rua Pompeu Loureiro, 45
Omer Mont'Alegre	Rua Pedro Alvares, 181

P

Paulo Gustavo	Rua Constante Ramos, 104
Povina Cavalcanti	Rua Conde Baependí, 51
Pedro Calmon	Rua Santa Clara, 415
Phocion Serpa	Rua Gurupí, 66
Paulo Filho	Correio da Manhã — Av. Gomes Freire
Paulo Martins	Rua Xavier da Silveira, 42
Perilo Gomes	Rua Professor Gabizzo, 92
Peregrino Junior	Rua Barão de Jaguaribe, 35
Padua de Almeida	Repartição Geral dos Telegrafos — Praça 15
Pontes de Miranda	Rua Prudente de Morais, 536
Pereira da Silva	Rua Uruguai, 521
Porto da Silveira	Rua Almirante Gomes Pereira, 84 — Urca
Pascoal Carlos Magno	Rua Honorio de Lemos, 16

R

Raimundo Magalhães Jr.	Rua Paisandú, 245 — Apt. 31
Raul Machado	Rua Batista Costa, 12
Rodrigo Otávio	Rua Palmeira, 38
Roquete Pinto	Rua Vila Rica, 13
Raul Monteiro	Av. dos Democraticos, 501
Raul Pederneiras	Rua Progresso, 9
Rosalia Sandoval	Rua Maxwell, 169 — Casa 3
Rodolfo Garcia	Rua Dias da Rocha, 46
Renato Almeida	Rua Pinheiro Machado, 48
Raul de Azevedo	Rua 5 de Julho, 140 — Copacabana
Renato Travassos	Associação Brasileira de Imprensa
Reis Carvalho	Rua Farani, 40
Rosario Fusco	Rua Corrêa Dutra, 78 — Apt. 32

S

Silvio Julio	Rua Eduardo Guinle, 6 — Apt. 44
Silvia Patricia	Rua Real Grandeza, 172 — Casa 3
Saul de Navarro	Rua Prudente de Morais, 538
Sebastião Fernandes	Rua General Roca, 112 — casa II

T

Tasso da Silveira	Rua Licinio Cardoso, 99
Téo-Filho	Ministerio da Justiça — Rua Evaristo da Veiga
Teles de Meireles	Livraria Freitas Bastos
Tristão da Cunha	Rua Copacabana, 249

V

Viriato Corrêa	Rua Visconde de Figueiredo, 68
Velho Sobrinho	Rua Copacabana, 872
Virgilio Correia Filho	Praça André Rebouças, 17

W

Valdemar de Vasconcelos	Praia do Flamengo, 314
Wilson de A. Louzada	Red. do "Dom Casmurro" — Praça Getulio Vargas, 2 — 8° andar — sala 814

X

Xavier de Oliveira	Rua Barata Ribeiro, 539
Xavier de Carvalho (Inacio)	Rua Duvivier, 12

EDITORES

Ariel	Rua Senador Dantas, 40 — 5° andar
A. B. C.	Rua Teófilo Otoni, 42 — 1.° andar
Civilização Brasileira	Rua do Ouvidor, 94
José Olimpio	Rua do Ouvidor, 110
Guanabara	Rua do Ouvidor, 132
Irmãos Pongetti	Avenida Men de Sá, 78
F. Briguiet	Rua do Ouvidor, 109
Moura Fontes & Flores	Rua do Ouvidor, 145
Oscar Mano	Rua da Assembléa, 94
Zelio Valverde	Rua do Rosario, 85
Vecchi	Rua Pedro Alves, 179
A. Coelho Branco Filho	Rua da Quitanda, 9
Cia. Brasil Editora	Rua Buenos Aires, 20—A 4.° andar
Francisco Alves	Rua do Ouvidor, 166
Freitas Bastos & Cia.	Rua Bitencourt da Silva, 21
H. Antunes	Rua Buenos Aires, 133
Livraria Jacinto	Rua São José, 89
Schmidt	Travessa do Ouvidor, 27
Pimenta de Melo & Cia.	Travessa do Ouvidor, 34

ACADEMIAS

Academia Brasileira de Letras	Avenida Presidente Wilson, 203
Academia Carioca de Letras	Rua Alvaro Alvim, 33 — 7.° andar
Academia Nacional de Medicina	Avenida Augusto Severo, 4

Movimento bibliográfico de 1938

Organizado por Aureo Ottoni

GENERALIDADES:

Bibliografias, Bibliotecas, Enciclopédias, Anuários, Agendas, Dicionários, Publicações periódicas:

ALMANAQUE LAEMMERT (*Guia Geral do Brasil*) Edição para 1938 (94° ano) — (19×28) 1080 p. enc. 50$ — Emp. Almanaque Laemmert, Rio.

ALMANAQUE D'O PENSAMENTO para 1939 — XXVII ano — (12×16) 288 p. br. 2$ — Emp. Ed. O Pensamento, São-Paulo.

ALMANAQUE DA REVISTA DO GLOBO para 1939 — Ano XXIII — (16×23) — 256 p. il. br. 5$ — Livraria do Globo, Porto-Alegre.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO — 1939 — (23×30) 132 p. il. cart. 6$ — S. A. O Malho, Rio.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA — 1938 (Ano II) — (19×28) — 432 ps. br. il. 10$ — Pongetti, Rio.

ANUÁRIO DAS SENHORAS — Ano VI, 1939 (19×27) 288 p. il. br. 6$ — S. A. O Malho, Rio.

ATUALIDADE — Direção de AMÉRICO DOS SANTOS JUNIOR — Ano I, n. 1, maio de 1938 — (19×27) — 80 p. il. 1$ — Gráfica Olimpica, Rio.

BOLETIM DO ESTADO NOVO — Revista Mensal — Legislação vigente — Divulgação — Comentários — Direção de WALTER MARTINS DE OLIVEIRA — Ano I, n. 1, novembro de 1938. — (27×34) 10 p. o n. 3$, Rio.

BOLETIM FILATÉLICO — Dir. de Geraldo Marques Nunes — Ano I, n. 1, 15 de julho de 1938 — (22×32) 20 p. il. 2$, Ano 24$ — Tip. Batista de Sousa, Rio.

CAMARGO, Paulo de — *Dicionário de Bolso* — (13×19) 96 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo.

CHOMPRÉ — *Dicionário da Fabula* (10×14) 492 p. Cart. 12$ — F. Briguiet, Rio — trad., 4.ª edição.

CRIANÇA — Revista para os pais — Dir. de Marcelo Garcia e José M. da Rocha — Vol. 1, n. 1, janeiro de 1938 — (22×32) 34 p. il. 2$, ano 20$ — Graf. Olímpica, Rio.

DICK, Brown, Minot, etc. — *Anuário de Medicina em Geral* — 1937 (14×20) 830 p. il. enc. 57$ — Calvino & Melo, Rio (Trad.).

DIRETRIZES — Política, Economia, Cultura — Ano I, n. 1, abril de 1938 — Dir. de Azevedo Amaral e Samuel Wainer (19×27) 64 p. il. 1$500 — ano 18$ — Graf. Olímpica, Rio.

ESFERA — Revista de Ciências, Artes e Letras — Dir. de Maria Jacinta — (19×27) 74 p. il. 2$ — Ano 20$ — Ano I, n. 1, maio de 1938 — Gráfica Olímpica, Rio.

ESTUDOS BRASILEIROS — Ano I, n. 1, julho-agosto de 1938 — (17×24) 118 p. br. 6$ — Publicação Bimestral do Instituto de Estudos Brasileiros — Rio. — C. Mendes Junior.

EXPRESSÃO — Rev. Mensal de Ismar Wanderley — Ano I, n. 1, outubro de 1938 —(18×27) 40 p. il. 2$ — Graf. Metrópole, Rio.

FANTUS, Bernard — *Anuário de Terapêutica* — 1937 — (14×20) 408 p. il. enc. 57$ — Calvino & Melo, Rio (trad.).

FÓCO — Mensário Popular de Cultura — Dir. Emir Nunes de Oliveira — Ano I, n. 1, maio de 1938 — (19×22) 32 p. il. 1$, ano 15$, Rio.

FORMAÇÃO — Mensário sobre Educação e sua técnica — Dir. de Djalma Cavalcanti — Ano I, agosto de 1938 — (16×23) 138 p.il. 10$, ano 100$ — Tip. *Jornal do Comércio*, Rio.

GOMES, Luiz Sousa — *Dicionário Econômico-Comercial* — (Terminologia do Comércio, Economia, Finanças e Contabilidade) — (15×22) 292 p. enc. 25$ — Pongetti, Rio.

GRUPO DE FILÓLOGOS — Um pequeno dicionário brasileiro da Lingua Portuguesa — (14×21) 1046 p. enc. 20$ — Civilização Brasileira S. A., Rio.

HORTA, Brant — *Vocabulário Ortográfico* — (14×20) 336 p. cart. 10$ — Ed. A. B. C. — (2.ª ed.) Rio.

LANTERNA VERDE (Boletim da Sociedade Felipe d'Oliveira) 6.° vol. (17×24) — 200 p. il. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

MAR — Dir. de Francisco Azevedo e Geraldo Ferraz, outubro de 1938 — n. 1 — (24×32) 32 p. il. 1$500 — ano 20$ — Santos, São-Paulo.

MENDONÇA NETTO, M. J. de — *Dicionário de Sinônimos da Lingua Portuguesa* — (14×20) 258 p. enc. — Tip. Batista de Sousa, Rio.

NOVAS DIRETRIZES — Política, Cultura, Economia — Dir. de Azevedo Amaral — Ano I, n. 1, novembro de 1938 — (16×23) 64 p. 1$500 — Ano 18$ — I, Amorim, Rio.

NUNES, Pedro — *Dicionário de Tecnologia Juridica* — Fasc. I — A — B — (17×24) 104 p. br. 8$ — Liv. Jacinto, Rio.

PINHEIRO, Aurélio — *Dicionário de Sinônimos da Lingua Nacional* — (10×14) 500 p. enc. 20$ — Brasília Ed., Rio.

QUITITO, Edul de Resende — *Breves Noções de Biblioteconomia* (Separata da Revista Infância e Juventude) (15×22) 36 p. il. br. 3$ — Infância e Juventude, Rio.

REVISTA DA AVIAÇÃO NAVAL — Dir. de Salvador C. de Sá e Benevides — Ano I, n. 1, janeiro, fevereiro e março de 1938 — (18×26) 86 p. il. o n. 3$ — Diretoria de Aeronáutica, Rio.

REVISTA DO BRASIL — Dir. de Otávio Tarquínio de Sousa — Ano I — 3.ª fase, n. 1, julho de 1938 — (17×24) 334 p. il. 3$, Rio.

REVISTA IMPOSTO DA RENDA — Dir. de Anibal Peterson — Ano I, n. 1, abril de 1938 — (16×23) 64 p. 6$, ano 60$000 — Gráfica Olímpica, Rio.

REVISTA MILITAR DE MEDICINA VETERINARIA — Dir. do Tte. Cel. Severo Barbosa — Ano I, n. 1, abril de 1938 — (16×23) 70 p. il. 2$500, ano 12$ — Tip. Esperantista, Rio.

REVISTA SUL AMERICANA — Dir. de Mário Brasini e Paulo Peixoto — Ano I, n. 1, 15 de outubro de 1938 — (16×23) 64 p. 3$, ano 36$, Rio.

TODA A AMERICA — Dir. de Sílvio Júlio — Ano I, n. 1, julho de 1938 (19×29) 144 p. il. 5$, ano 25$ — Of. Gráf. Alba, Rio.

URBANISMO E VIAÇÃO — Dir. de F. Batista de Oliveira — Ano I, n. 1, julho de 1938 — (19×28) 42 p. il. 3$500, ano 35$, Rio.

VIVER — Mensário de Saude, Força e Beleza — Dir. de Samuel Ribeiro — Ano I, n. 1, 96 p. il. 2$, ano 20$ — Emp. Graf. Revista dos Tribunais — São-Paulo.

FILOSOFIA:

ANTUNES, J. Pinto — *A Filosofia da Ordem Nova* — (15×22) 242 p. br. 20$ — José Olímpio, Rio.

AUGUSTO, Paulo — *Preciso de História da Filosofia* (14×19) 272 p. br. 8$ — Paulo de Azevedo, Rio.

AUSTREGÉSILO, A. — *A Educação da Alma* (13×19) 178 p. br. 6$ — Liv. Guanabara, Rio — (2.ª ed.).

AUSTREGÉSILO, A. — Fames, Libido, Ego (13×19) 224 p. br. 6$ — Liv. Guanabara, Rio.

BACON — Novum Organum (14×20) 404 p. br. 20$ — Brasília Ed., (trad.) Rio.

BARBUY, Heraldo — *Zarathustra Morreu* — (13×19) 136 p. br. 5$ — Ed. e Publ. Brasil — (Trad.) Rio.

BOTKIN, Robert James — *Hable* — Coleção Portatil, 2 (10×14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio (1.ª ed. em espanhol).

BOTKIN, Robert James — *Fale* (Coleção Portatil, 2 (10×14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio 2.ª ed.).

BOTKIN, Robert James — Person*alidad* — Coleção Portatil, 1 (10×14) 64 p. br. 2$ (1.ª ed. em espanhol) — R. J. Botkin, Rio.

BOTKIN, Robert James — *Personalidade* — Coleção Portatil, 1 — (10×14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio (5.ª ed.).

DESCARTES — *Regras para a direção do Espírito* — (14×20) 194 p. br. 7$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

DURANT, — Will — *História da Filosofia* — (15×22) 500 p. il. br. 16$, enc. 21$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

FIGUIER, Luiz — *O Destino do Homem* — (13×19) 336 p. br. 15$ — Brasília Ed. — Rio.

GRACIAN, Balthazar — *A Sabedoria do Mundo* — Coleção Portatil, 9 — (10×14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio.

GRATIA, L. E. — *O Acanhamento e a Timidez* — (13×19) 212 p. il. br. 8$ — José Olímpio, Rio.

KEHL, Renato — Bio-Perspectivas (*Dicionário Filosófico*) — (13×18) 202 p. br. 8$ — Paulo de Azevedo & Cia., Rio.

LABRIOLA, Antonio — *Socrates* — Trad. Libero Rangel de Andrade — (14×20) 152 p. cart. 7$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

LAFFITTE, Pierre — *Moral Positiva* — Trad. de João Francisco de Sousa e Antenor Rangel Filho — (15×21) 336 p. Cart. 10$ — J. R. de Oliveira, Rio.

LOPES, Cunha — *Psicologia* — (15×22) 216 p. br. 25$ — Liv. Guanabara, Rio.

OPISSO, A. — *A Arte de Pensar* — (17×24) 224 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

PAYOT, Júlio — *A Educação da Vontade* — (14×20) 264 p. br. 6$ — Oscar Mano, Rio — (trad. 5.ª ed.).

PEREZ, David J. — *Pequena História da Filosofia* — Coleção Portatil, 10 — (10×14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio.

RAPOSO, Inácio — *Filosofia de Confúcio* — (14×19) 168 p. cart. 8$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

RICHET, Charles — *Humanidade Impotente* (13×19) 152 p. br. 6$ — Oscar Mano, Rio — (trad. 2.ª ed.).

ROCHEFOUCAULD, La — *Máximas e Reflexões* — Trad. Paulo M. Oliveira — (14×20) 136 p. cart. 7$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

SAMPAIO, Paulo — *As Forças do Ideal e do Destino* — (14×19) 390 p. br. 20$ — Edanee — São-Paulo.

SEVERO, Alfredo — *O Conhecimento do Homem* (14×20) 198 p. br. 6$ — Of. Graf. Est. Central de Material de Intendência, Rio.

SILVA, A. B. Alves da — *Elementos de Filosofia-Aristotélico-Totemista, 1.ª parte, Psicologia Experimental* (14×20) 650 p. il. enc. 25$ — Saraiva — São-Paulo.

SILVEIRA, A. Porto da — *A Conquista do Triunfo* (13×19) 246 p. br. 7$ — Of. Graf. do Jornal do Brasil, Rio.

SPENCER, Herbert — *Lei e Causa do Progresso* — (14×20) 112 p. br. 6$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

TASHI, Yoritomo — *O Bom Senso em 12 lições* — (13×19) 114 p. br. 4$ — Oscar Mano, Rio — (trad. 3.ª edição).

VEIGA, Augusto Cesar — *Ensaio de Psicologia Geral* (17×24) 592 p. il. br. 30$ — Livr. Alves, Rio.

RELIGIÕES:

AÇÃO CATÓLICA — Orgão Oficial da Ação Católica Brasileira — Dir. de Alceu Amoroso Lima (15×22) 32 p. il. 1$, ano 12$ — n. 1, set. 1938 — Gráfica Olímpica, Rio.

ALTA, Padre — *O Cristianismo do Cristo e o dos seus Vigários* — (13×19) 424 p. br. 8$ — Liv. Ed. Fed. Espirita, Rio.

BEAUDUIN, O. S. B., Dom Lambert — *Vida Litúrgica* (13×19) 128 p. br. 4$ — Ed. Lumen Christi, Rio.

BELEM, Olímpia Jerusa (*Comunicações Mediúmnicas*) (13×19) — 220 p. br. 6$ — Ariel, Rio. (2.ª ed.).

BERTRAND, L. — *A Maçonaria Seita Judaica* — (13×19) 164, p. br. 7$ — Agencia Minerva, São-Paulo — Civ. Brasileira, Rio.

BOUGAND, Monsenhor — *A Dor* — (13×19) 144 p. br. 5$ — Liv. Boa Imprensa, Rio. (Trad. 2.ª ed.).

BOZZANO, Ernesto — *Pensamento e Vontade* — (13×19) 160 p. br. 4$ — Liv. Ed. Federação Espirita, Rio.

CÂMARA, J. — *Santa Teresa do Menino Jesús* — (20×25) 80 p. il. br. 10$ — Ed. A. B. C., Rio.

CANTERA, P. — *Jesús Cristo e os Filosofos* — Trad. Padre Antônio d'Almeida Morais Jur.

(17×24) 296 p. br. 12$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

CAVALCANTI, Salvador Barbalho Uchoa — *Apreciação critica das Religiões* (Complemento do *O Mundo e o Homem*) — (17×25) 350 p. br. 9$ — Of. Gr. Alba, Rio.

CHIODO, C. Picone — *A Verdade Espiritualista* — (13×19) 170 p. br. 5$ — Liv. Ed., Fed. Espirita, Rio.

DELANNE, Gabriel — *O Espiritismo Perante a Ciência* — Trad. de Carlos Imbassaí—(13×19) 366 p. br. 8$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

DELANNE, Gabriel — *A Evolução Animica* (13×12) — 290 p. br. 8$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

DENIS, Leon — *O Alem e a Sobrevivência do Ser* — Trad. Guillon Ribeiro (13×18) 106 p. br. 2$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

DORNAS FILHO, João — *O Padroado e a Igreja Brasileira* — Brasiliana, 125 — (13×19) 300 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

FACCHINETTI — O. F. M., do Frei Vittorino — Pio Décimo — (15×22) 416 p. br. 12$ — Ed. Vozes de Petrópolis, Est. do Rio.

FORCONHA, Loradix de la — *O Breviário de Nostradamus* — (13×19) 296 p. il. br. 10$ — Agencia Minerva — São-Paulo — Civ. Brasileira, Rio (Trad.).

FRANCA, S. J. Padre Leonel — *O Protestantismo no Brasil* — (17×24) 256 p. br. 12$ — Ed. A. B. C., Rio (2.a ed.).

GETZEL, Ullo — *As Eras do Passado e Era Vindoura à Luz da Astrologia* — (14×19) 94 p. il. br. 6$ — Papelaria Aliança, Rio.

GRAEF — C. S. S. P., Ricardo — *Ita Pater, Sim Pai* — (13×19) 254 p. br. 7$ — Publicações S. C. J., Taubaté, São-Paulo.

GRAF — O. S. B., D. Tomaz — *Vida Beneditina* — (13×19) 66 p. br. 2$ — Mosteiro de São Bento, Rio.

JUNQUEIRA, Guerra — *Funerais da Santa Sé* — (12×18) 280 p. il. br. 6$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

KARDEC, Allan — *O Evangelho segundo o Espiritismo* — (13×19) — 452 p. br. 5$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio (24.a ed.).

KRISCHKE, Egmont Machado — *Vozes do Calvário* — (12×19) 80 p. cart. 5$ — Centro Brasileiro de Publicidade, Rio.

KRISHNAMURTI, J. — *Palestras em Ommen, Holanda*, 1936, — (14×20) 90 p. br. 4$ — Inst. Cultural Krishnamurti, Rio.

KRISHNAMURTI, J. — *Palestras em Nova-York Eddington e Madras* — (14×20) 108 p. br. 4$ — Inst. Cultural Krishnamurti, Rio.

LIMA, Alceu Amoroso — *Elementos de Ação Católica* — (14×20) 330 p. br. 10$ — Ed. A. B. C., Rio.

MARIA, P. Julio — *Principios da Vida de Intimidade com Maria Santissima* — (13×19) 352 p. br. 6$ — Ed. A. B. C., Rio.

MILANO, Atílio — *Vida de Nosso Senhor narrada pelos Poetas* — (14×20) 120 p. cart. 6$ — Brasília Ed., Rio.

MINIMUS — *Ciência, Religião, Fanatismo* — (13×18) 144 p. br. 3$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

MOSER, Helene — *Pier Giorgio Frassati* — Um Cristóforo Moderno (11×15) 116 p. br. 2$ — Ed. Vozes de Petrópolis, Est. do Rio.

NECROMONTE, P. A. — *Diretrizes Catequéticas* — (12×19) 94 p. br. 2$ — Ed. Vozes de Petrópolis, Est. do Rio.

OLIVEIRA, Batista de — *A Mão e os Nossos Destinos* — (16×23) 198 p. il. br. 20$ — Tip. Batista de Sousa, Rio.

OWEN, Robert Dale — *Região em litigio entre este Mundo e o Outro* — (13×19) 480 p. br. 8$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio (2.a edição).

PALISSY, Codro — *Vitimas do Preconceito* — (13×19) 258 p. br. 5$ — Liv. Ed., Fed. Espirita, Rio (3.a ed.).

PHILEMON — *Cartas a Meus Filhos* — (13×18) 144 p. br. 3$ — Liv. Federação Espirita, Rio.

PINTO, Olímpio — *Preliminares Maçônicas* — (12×17) 160 p. br. 5$ — Alba, Rio (3.a ed.).

PIO XI, Papa — *Cartas Enciclicas sobre o Comunismo Ateu, Nazismo no Império Alemão e Carta Apostólica ao Episcopado Mexicano* — (13×19) 152 p. br. 3$ — Ed. A. B. C., Rio.

ROHDEN, P. Humberto — *Novo Testamento* (12×16) 684 p. enc. 15$ — Cruzada da Boa Imprensa, Rio (2.a ed.).

TARSIER, Pedro — *História das Perseguições Religiosas no Brasil* — 2 vols. — (14×20) 418 p. br. 16$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

THOMPSON, Alm. A. — *A Evolução dos Mundos, donde viemos e para onde vamos* —(13×19) 160 p. br. 6$ — Editora Espirita, Rio.

TÓTH, Monsenhor Tihamér — *A Juventude Católica — A Casta Adolescência* — (13×19) 274 p. cart. 10$ — Pub. S. C. J. Taubaté, São Paulo.

VALENTE, Aurélio A. — *Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo* — (13×19) 224 p. br. 5$ — Liv. Ed., Fed. Espirita, Rio.

VIANA, J. Q. — *Descobrimento da América, Fundação da Paulicéia e do Território Colonial de Santa-Cruz* (1492-1554) segundo o espiritismo (pelo espírito de Josueh Rosenneyer, Psicografias de J. A. Viana (14×19) 230 p. il. br. 10$ — Ed. Carioca, Rio.

VIVES, Miguel — *Guia Prático do Espirita* (13×19) 104 p. br. 2$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio (4.a ed.).

VOLTAIRE — *Deus e os Homens* — (14×20) 158 p. br. 7$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

XAVIER, Francisco Candido — *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* — (13×19) 218 p. enc. 6$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

XAVIER, Francisco Cândido — Emanuel (*Dissertações Mediumnicas*) 176 p. br. 4$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

XAVIER, Francisco Cândido — *Parnaso de Alem Túmulo* — (13×19) 400 p. br. 7$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio (3.a edição).

DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS:

ALBUQUERQUE, A. Tenório d' — *Desperta Brasil!* — (13×19) 194 p. br. 6$ — Schmidt Ed. Rio.

ALMEIDA, Renato de — *A Liga das Nações* (17×24) 344 p. br. 15$ — A Noite Ed., Rio.

ALVES, Eduardo de Drummond — *Atos Oficiais Federais do ano de* 1937 — (17×24) 298 p. br. 15$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

ALVES, Isaias — *Estudos Objetivos de Educação* — (15×22) 260 p. br. 10$ — Ed. A. B. C., Rio.

AMARAL, Azevedo — *O Estado Autoritário* — (13×19) 316 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

AMARAL, Azevedo — *A Verdade sobre a Espanha* — (13×19) 26 p. il. br. 1$, Diretrizes (Revista) — Rio.

AMARAL, Hermano de Vilemor — *Das Sociedades Limitadas* (17×24) 320 p. enc. 35$ — Briguiet, Rio (2.a ed.).

AMARAL, Luiz — Organização — *Tratado Brasileiro de Cooperativismo* — (17×24) 508 p. br. 40$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

ANDRADE e EDUARDO JARA, Luiz Antônio de — *A Naturalização no Estado Novo* — (17×24) 166 p. br. 15$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

ARRAIS, Monte — *O Estado Novo e suas Diretrizes* — (13×19) 304 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

ATAIDE, Tristão de — *Preparação à Sociologia* — (13×19) 208 p. br. 7$ — Ed. A. B. C., Rio (3.a ed.).

AUGUSTO, Paulo — *Preciso de Sociologia* — (13×19) 216 p. br. 8$ — Paulo de Azevedo, Rio.

AUSTREGÉSILO, A. — *Perfil da Mulher Brasileira* (Esboço acerca do feminismo no Brasil) (13×19) 180 p. br. 6$ — Liv. Guanabara, Rio (2.a ed.).

AZEVEDO, Aldo M. de — *Harmonia da Vida* (Uma interpretação otimista do mundo em que vivemos) (14×20) 334 p. br. 12$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

AZEVEDO, José Afonso Mendonça de — *Indice Sistematico da Legislação Brasileira* — (17×24) 2 vols. 1.568 p. br. 65$ — Oliveira Costa, Belo-Horizonte.

BAILLY, Gustavo Adolfo — *Manual do Funcionário Público* (17×24) 184 p. br. 12$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

BARATA, Julio — *O Espirito da Nova Constituição* (13×19) 166 p. br. 5$ — Tip. Mandarino & Molinari, Rio.

BARRETO, Des. Carlos Xavier P. — *O Crime, o Criminoso e a Pena* — 1.° vol. (17×24) 374 p. br. 20$ — A. Coelho Branco F. — Rio (3.a ed.).

BARRETO, Des. Carlos Xavier P. — *O Crime, o Criminoso e a Pena* 2.° vol. (17×24) 346 p. br. 20$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

BARROS, Maria da Glória — *Plano de Lições pelo Método de Idéias Associadas* — (17×24) 240 p. il. br. 15$ — Paulo de Azevedo, Rio.

BASTOS, A. C. Tavares — *Cartas de um Solitario* — Brasiliana, 115 (13×19) 524 p. br. 14$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (3.a edição).

BASTOS, Reinaldo — *Getúlio Vargas, o Reformador* — (14×19) — 240 p. br. 15$ — Borsoi, Rio.

BELFORT, Alice — *Manual de Estatistica* — (14×20) 292 p. br. 12$ — Cultura Moderna — São-Paulo (2.a ed.).

BELFORT, Alice — *Pranchas Estatisticas* — (34×24) 20 pranchas br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

BEVILACQUA, Aquiles — *Código Comercial Brasileiro Anotado* — (15×19) 794 p. enc. 20$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (4.a ed.).

BEVILACQUA, Aquiles — *Código Civil Brasileiro Anotado* — (15×19) 594 p. enc. 18$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (5.a ed.).

BEVILACQUA, Clovis — *Direito da Família* — (17×24) 506 p. enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (6.a ed.).

BEVILACQUA, Clovis — *Direito das Sucessões* — (17×24) 440 p. enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (3.a ed.).

BEVILACQUA, Clovis — *Principios elementares de Direito Internacional Privado* (17×24) 494 enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (3.a ed.).

BEVILACQUA, Clovis — *Direito Público Internacional*, Tomo I — (16×23) — 456 p. enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (2.a ed.).

BON, Gustavo Le — *Psicologia das Multidões* — (13×19) 190 p. br. 7$ — Briguiet, Rio (edição nova).

BOPP e JOSÉ JOBIN, Raul — *Sol e Banana* (Notas sobre a economia do Brasil) (18×23) 240 p. il. br. 8$ — Museu Comercial do Brasil, Yokohama e José Olímpio, Rio.

BONNARD, Roger — *Sindicalismo, Corporativismo e Estado Corporativo* — (17×24) 290 p. br. 20$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (trad.).

BRANCO, R. P. Castelo — *A Química das Raças* — (13×19) 168 p. il. br. 7$ — Cultura Brasileira — São-Paulo.

BRANDÃO, Paulo José Pires — *Caxias Conselheiro de Estado* — (17×24) 48 p. br. 3$ — Imprensa Nacional, Rio.

BRIEGER, F. G. — *Tábuas e Fórmulas para Estatistica* — (14×20) 132 p. cart. 8$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

BRITO, Raimundo — *Direito Penal Fascista* — (17×24) 316 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

BULCÃO JUNIOR — *Em louvor da Patria* (13×18) 74 p. il. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

BURLAMAQUI, Paulo L. — *A Lei 62 e a sua apicação* (14×19) 114 p. br. 4$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CALOGERAS, Pandiá — *Problemas de Administração* — Brasiliana, 24 — (13×19) 278 p. br. 7$ — Cia. Ed. Nacional (2.a ed.) São-Paulo.

CALMON, Pedro — *Curso de Direito Publico* (17×24) 364 p. enc. 25$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

CÂMARA, Mair de Bivar — *O Seguro Social do Comerciario* — (13×19) 248 p. br. 10$ — A. Coelho Branco, F. — Rio.

CARNEIRO, Edgard Ribas — *Curso de Direito Comercial Brasileiro* — 1.a parte (17×24) 324 p. br. 20$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CARNEIRO, Orlando Leal — *Fundamentos Cientificos da Educação* — Monografia de Concurso — (16×23) 38 p. br. 3$ — Ed. do Autor, Rio.

CARVALHO, J. Antero de — *Questões administrativas* — (16×23) 112 p. br. 10$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

CARVALHO, Luiz Antônio da Costa — *Curso Teórico Prático de Direito Judiciário Civil*, 1.°

vol. (17×24) 300 p. br. 20$ — A. Coelho Branco Branco, F. — Rio.

CARVALHO, Péricles Melo — *Manual do Estrangeiro* — Legislação Brasileira sobre estrangeiros (17×24) 242 p. br. 10$ — A Noite, Ed., Rio.

CARVALHO, Reis — *Cartas sobre o Estado Novo* — (17×24) 24 p. br. — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

CARVALHO, Luiz Antônio da Costa — *Curso Teórico Prático de Direito Judiciário Civil*, 5.° vol. — (17×24) 280 p. br. 20$ — A. Coelho F. (2.ª ed.) Rio.

CARVALHO e ADEMAR G. DE FARIA — Durval de — *Prática do Registro de Imoveis* — (17×24) 198 p. br. 15$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

CARVALHO, Virgílio Antonino de — *Direito de Sucessão* — (17×24) 284 p. br. 20$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 1.° vol. — (17×24) 142 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 2.° vol. (17×24) 156 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 3.° vol. (17×24) 128 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 4.° vol. (17×24) 144 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 5.° vol. (17×24) 300 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 6.° vol. (17×24) 304 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo*, — 7.° vol. (16×23) 440 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 8.° vol. (16×23) 200 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 9.° vol. (16×23) 248 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTAGNINO, Antônio Souto — *Repositório da Legislação Brasileira do Estado Novo* — 10° vol. (16×23) 208 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CASTRO, Lauro Sodré Viveiros de — *Pontos de Estatística* — (15×22) 124 p. br. 7$ — Ed. do autor, Rio.

CASTRO, Araujo — *A Constituição de 1937* — (17×24) 460 p. br. e enc. 30$ e 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

CASTRO, Orlando Ribeiro de — *Locação de Prédios* — (16×23) 222 p. br. 16$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

CAVALHEIRO, Luiz — *Elementos de Estatística* — (14×20) 290 p. il. cart. 15$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

CERQUINHO, A. Galvão — *Teoria e Prática do Juri* — (13×19) 138 p. cart. 10$ — Ed. e Publ. Brasil, São-Paulo.

CESAR, Augusto — *A Jornada da Decadência* — (13×19) 170 p. br. 5$ — A. Coelho Branco F. — Rio (2.ª ed.).

CESARINO JUNIOR, Antonio Ferreira — *Natureza Jurídica do Contrato Individual do Trabalho* — (17×24) 130 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

CIRNE, Adolfo — *Ações Sumárias* — (17×24) 216 p. br. 20$ — Liv. Jacinto, Rio.

COELHO, Vicente de Faria — *Os Sistemas corporativos Atuais e o Antigo Regime das Corporações* (tese) (17×24) 66 p. br. 6$ — Almeida Marques, Rio.

CONDÉ, Berto — *Estudos de Política Comercial* — (14×20) 344 p. br. 20$ — Cultura Moderta — São-Paulo.

CONDÉ, Berto — *Princípios de Direito Comercial Internacional* — (14×20) 516 p. br. 30$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

CORBETT, Alberto S. E. — *A Nacionalização dos Bancos Estrangeiros* — (17×25) 48 p. il. br. 10$ — Casa Gomes, Rio.

CORREIA e BETTINO DE DEO, Altino — *O Direito do Empregado ou Lei da Despedida sem Justa Causa* — (14×20) 134 p. br. 7$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

CORREIA, Sampaio — *Depois de 1930* — (19×28) 564 p. br. 40$ — C. Carbone, Rio.

COSTA, M. — *O Juri* — (17×24) 208 p. enc. 25$ — Metrópole Ed., Rio.

DUARTE FILHO, João — *O Sertão e o Centro* — (13×19) 208 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

ESPINHEIRO, Ariosto — *Arte Popular e Educação* — (14×20) 184 p. il. br. 8$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

FALCÃO, Edmilson — *Síntese da Política Econômica Norte-americana* — (13×22) 68 p. br. 4$ — Ed. do autor, Rio.

FALCÃO, Valdemar — *Contra o Comunismo Anticristão* — (13×19) — 184 p. br. 5$ — Pongetti, Rio.

FARACO, Daniel A. — *Elementos de Economia Política* (14×20) 172 p. cart. 6$ — Livraria do Globo — Porto Alegre.

FERNANDES, Adauto — *Direito Industrial Brasileiro* — (17×24) 412 p. br. 30$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

FERREIRA FILHO, A. — *O Cooperativismo nas Instituições de Previdência Social* (13×19) 144 p. br. 5$ — Civilização Brasileira, Rio.

FIGUEIREDO, Durval — *Registro de Imoveis* — (14×18) 126 p. br. 8$ — Tip. do Jornal do Comércio, Rio.

FORNARI, Ernani — *O que os Brasileiros Devem Saber* — (13×19) 144 p. br. 5$ — Ariel, Rio (2.ª ed.).

FREITAS, M. A. Teixeira de — *O que dizem os números sobre o Ensino Primário* (13×19) 176 p. br. 8$ Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

FREYRE, Gilberto — *Casa Grande e Senzala* (17×24) 268 p. il. br. 20$ — Schmidt Ed., Rio (3.ª ed.).

GENTIL, Alcides — *As idéias de Alberto Torres* — Brasiliana, 3 — (13×19) 508 p. br. 15$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (2.ª ed.).

GEORGE, Henry — *Proteção ou Livre Câmbio?* — (17×24) 262 p. br. 20$ — Mandarino, Rio.

GIDE, André — *Retoques no meu De Volta da U. R. S. S.* — (13×19) 156 p. br. 6$ — Vecchi Ed., Rio.

GOUVEIA, Osvaldo — *Que é Estado Novo?* — (13×19) 120 p. br. 4$ — Pongetti, Rio.

GUDIN, Eugênio — *Aspecto Econômico do Corporatismo Brasileiro* — (19×28) — 48 p. br. 5$ — Almanaque Laemmert, Rio.

HAMANN, Hugo — *Instantâneos Econômico-Financeiros* — A Noite, Ed., Rio.

HENRIQUE, João — *Direito Romano* (15×22) 308 p. cart. 30$ — Livraria do Globo — Porto-Alegre.

HERMANN, Harrel Horne — *A Filosofia da Educação sob o Ponto de Vista Democrático* — (14×20) 632 p. enc. 25$ — Saraiva — São-Paulo.

JOBIN, Danton — *Problemas do Nosso tempo* (13×19) 180 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Novembro de 1937 — Ns. 1 a 29, vol. 1, (14×20) 96 p. br. 5$ Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Dezembro de 1937 — Ns. 30 a 157, vol. 2, (14×20) 248 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Janeiro de 1938 — Ns. 158 a 223, vol. 3, (14×20) 232 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Fevereiro de 1938 — Ns. 224 a 308, vol. 4, (14×20) 232 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Março de 1938 — Ns 310 a 359, vol. 5, (14×20) 160 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Abril de 1938 — Ns. 360 a 399, vol. 6, (14×20) 172 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Maio de 1938 Ns. 400 a 458, vol. 7, (14×20) 204 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Junho de 1938 — Ns 459 a 524, vol. 8, (14×20) 364 p. br. 12$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Julho de 1938 — Ns. 525 a 580, vol. 9, (14×20) br. 10$000 — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Agosto de 1938 — Ns. 581 a 652, vol. 10, (14×20) 658 p. br. 15$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Coletânea de Decretos-Leis do Mês de Setembro de 1938 — Ns 653 a 755, vol. 11, (14×20) 766 p. br. 15$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Constituição Brasileira de 10 de Novembro de 1937 (14×20) 110 p. br.5$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Garimpagem e Comércio de Pedras Preciosas, Semipreciosas e Carbonatos — Decreto-Lei n. 466 de 4 de Junho de 1938 (14×20) 40 p. br. 2$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — Regulamento para os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva — Decreto 2795 de 27 de Junho de 1938 (14×20) 96 p. br. 3$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEIS SOCIAIS e VIGENTES, vol. 1, (14×20) 146 p. br. 7$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEIS SOCIAIS e VIGENTES, vol. 2, (14×20) 204 p. br. 7$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LEÔNCIO, S. S. Pe. Dr. Carlos — *Pedagogia I, o Educando e a sua Educação* (13×19) 466 p. br. 12$ — Liv. Salesiana Ed., São-Paulo.

LEPAGE, Ênio, Sermenha — *Legislação Trabalhista*, Fasc. I — (17×24) 64 p. br. 5$ — Schmidt Ed., Rio.

LEPAGE, Ênio, Sermenha — *Legislação Trabalhista*, Fasc. II — (17×24) 264 p. br. 10$ — Schmidt, Ed., Rio.

LEPAGE, Ênio, Sermenha — *Legislação Trabalhista*, Fasc. III — (17×24) 110 p. br. 7$ — Schmidt Ed., Rio.

LINS, Augusto F. Estelita — *A Nova Constituição dos Estados Unidos do Brasil* (17×24) 340 p. br. 35$ — José Konfino, Rio.

LINS, Ivan Monteiro de Barros — *Tomas Morus e a Utopia* (14×20) 180 p. cart. 8$ — J. R. de Oliveira, Rio.

LIRA FILHO, João — *Problemas de Economia Popular* (13×19) 232 p. br. 6$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

LIRA e NELSON HUNGRIA, Roberto — *Direito Penal*, vol. II — Parte Geral (14×20) 648 p. enc. 25$ — Liv. Jacinto, Rio.

LIRA, Roberto — *Noções de Sociologia* — (17×24) 248 p. br. 12$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

LIRA, Roberto — *Policia e Justiça Para o Amor* (13×19) 196 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

LOPES, Miguel Maria de Serpa — *Tratado dos Registros Públicos*, vol. I — Parte Geral e Estado Civil (17×24) 376 p. br. 25$ — Liv. Jacinto, Rio.

LUZ FILHO, Fábio — *Cooperativismo, Corporativismo, Colonização* (13×19) 184 p. br. 6$ — A. Coelho Branco F. — Rio (2.ª ed.).

MACEDO, Gastão — *Noções de Direito Comercial, Terrestre e Industrial* (14×20) 290 p. cart. 9$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (2.ª ed.).

MAGALHÃES, Sinfrônio — *Contra o Hitlerismo, Pelá Integração das Nações Americanas* (16×23) 104 p. br. 7$ — Est. Gr. Apolo, Rio.

MAIA, Emílio — *O Brasil e o Drama de Petróleo* (13×19) 396 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

MANOILESCO — *O Século do Corporativismo* (15×22) 294 p. br. 20$ — José Olímpio, Rio (Trad.).

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — Vol. 35 — Instituição do Juri (13×19) 50 p. br. 3$ — Ed. e Publ. Brasil — São-Paulo.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — Vol. 36 — Penhor Rural (13×19) 40 p. br. 3$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — Vol. 38 — Promoções no Exército e dos Funcionários Públicos Civís (13×19) 72 p. br. 3$ — Ed. e Publicações Brasil — São-Paulo.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — Vol. 39 — Isenção e Redução de Direitos Aduaneiros (13×19) 82 p. br. 4$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — Vol. 40 — Imposto do Consumo (13×19) 268 p. br. 8$ — Ed. e Publicações Brasil — São-Paulo.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — Vol. 41 — Nacionalidade Brasileira (13×19) 76 p. br. 4$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MARINHO E LUIZ INECO, Ignesil — *O Colégio Pedro II Cem Anos Depois* (22×23) 206 p. il. br. 30$ — Vilas Boas, Rio.

MARINHO, Ilmar Penna — *Direito Corporativo, Internacional, Privado e Uniforme* (17×24) 474 p. 25$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

MARITAIN, Claudel e Outros — *Os Judeus* (13×19) 380 p. br. 15$ — José Olímpio, Rio.

MARTINS, J. de Sousa — *A Conquista do Sol* (Depoimento) (13×19) 172 p. br. 7$ — Brasília, Rio.

MARTIUS — Carlos Frederico von — *O Direito entre os Indígenas do Brasil* (13×19 260 p. br. 6$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MATOS, Guilherme Gomes de — *Em Torno da Legislação Trabalhista Brasileira* (13×19) 204 p. br. 10$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio

MATOS, José Saturnino de — *O Brasil entre as Bandeiras Universais* (13×19) 160 p. br. 10$ — Ed. do autor, Rio.

MAZZINI, Giuseppe — *Deveres do Homem* — Trad. de Carlos de Morais (14×20) 182 p. cart. 7$ — Cia. Brasil — Ed., Rio.

MEDEIROS, Fernando Sabóia de — *A Liberdade de Navegação do Amazonas* — Brasiliana, 122 (13×19) 304 p. br. 9$ — Cia Ed. Nacional — São-Paulo.

MENDONÇA, J. X. Carvalho de — *Tratado de Direito Comercial Brasileiro* — vol. 5, 1.a parte (17×24) 464 p. enc. 50$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (3.ª ed.).

MENDONÇA, Manuel Inácio Carvalho de — *Contrato no Direito Civil Brasileiro* — tomo I (17×24) 476 p. enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

MENDONÇA, Manuel Inácio Carvalho de — *Contratos no Direito Civil Brasileiro* — tomo II (17×24) 536 p. enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (2.ª ed.).

MENDONÇA Manuel Inácio Carvalho de — *Doutrina e Prática das Obrigações* — tomo I (17×24) 730 p. enc. 45$ — Liv. Freitas Bastos, Rio.

MENDONÇA, Manuel Inácio Carvalho de — *Doutrina e Prática das Obrigações*, tomo II (17×24) enc. 45$ 512 p. — Liv. Freitas Bastos, Rio.

MENDONÇA, Manuel Inácio Carvalho de — *Rios e Aguas Correntes em suas Relações Jurídicas* (17×22) 414 p. enc. 35$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (2.a ed.).

MENDONÇA, Manuel Inácio Carvalho de — *Do Usufruto, do Uso e da Habitação no Código Civil Brasileiro* (17×24) 288 p. br. 15$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

MENEGALE, J. Guimarães — *Direito Administrativo e Ciência de Administração*, — tomo I, (17×24) 442 p. enc. 35$ — Metropole Ed., Rio.

MENEZES, Djacir — *Preparação ao Método Cientifico* (13×19) 344 p. br. 15$ — Civilização Brasileira, Rio.

MENEZES, Durval Bastos — *A Solução do Problemas do Ferro do Ponto de Vista da Economia e da Soberania do Brasil* (13×19) 212 p. il. br. 6$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

MEREJE, Rodrigues de — *Sociologia e Política* (14×20) 160 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

MIRANDA, Pontes de — *Comentários à Constituição Federal de 10 de Novembro de 1937* — 1.º tomo — Art. 1.º a 37 (17×24) 680 p. br. e enc. 50$ e 60$ — Pongetti, Rio.

MIRANDA, Pontes de — *Comentários à Constituição Federal de 10 de Novembro de 1937* — tomo III — Arts. 90 -123 (17×24) 576 p. br. 50$ enc. 60$ — Pongetti, Rio.

MIRANDA, Pontes de — *Direito Cambiário*, II — Nota Promissória — vol. II (17×24) 388 p. br. 30$ — José Olímpio, Rio.

MOACIR, Primitivo — *A Instrução e o Império*, 3.º vol. (Subsídios para a História da Educação no Brasil (1854-1889) — Brasiliana, 121 (13×19) 688 p. br. 25$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

MORAIS, Cristodolindo de — *Tecidos de Seda Simples e Mixtos, Regime Fiscal* (17×24) 254 p. br. 25$ — Zélio Valverde, Rio.

MOTA, Américo Celestino — *O Imposto de Renda* (17×24) 272 p. br. 20$ — Ed. do Autor, Rio.

MOURA, Paulo Cursino de — *Rabulária (A Justiça antiga e o seu anedotário forense)* — (14×20) 248 p. br. 10$ — Saraiva — São-Paulo.

NABUCO, Joaquim — *O Abolicionismo* — (14×20) 252 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

NOGUEIRA, J. C. Ataliba — *Pena sem Prisão* (17×24) 172 p. br. 10$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

OLIVEIRA, Petronilo Santa Cruz de — *Estrangeiros no Brasil em face do Estado Novo* (Legislação) (17×24) 246 p. br. 15$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

OLIVEIRA, Walter Martins de — *Nova Constituição dos Estados Unidos do Brasil* (17×24) 176 p. br. 6$ — Diário Oficial, Niterói.

OLIVEIRA FILHO, Benjamim de — *Introdução à Ciência do Direito* (17×24) 114 p. br. 20$ — Ed. do Departamento de Informações Escolares, Rio.

ORLANDO e R. P. SALDANHA DA GAMA, Pedro — *Manual Prático do Imposto de Consumo* (16×22) 524 p. br. 20$ — Gr. São José — São-Paulo.

OSORIO, Manuel — *Getúlio Vargas* — O meio, o momento e o homem (13×19) 128 p. br. 6$ — Brasília Ed., Rio.

PAULA, L. Nogueira de — *A Evolução da Ciência Econômica* (15×22) 100 p. br. 3$ — Ed. do Autor, Rio.

PAULA, L. Nogueira de — *Racionalização Econômica* (13×19) 190 p. br. 7$ — Pongetti, Rio (2.ª edição).

PENTEADO JÚNIOR, Onofre de Arruda — *Fundamentos do Método* — Col. Atualidades Pedagógicas, 29 (14×20) 468 p. br. 16$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

PINHEIRO FILHO, João — *Problemas Brasileiros* (14×20) 366 p. br. 10$ — A Noite Ed., Rio.

PINHO, Demóstenes Madureira de — *Medidas de Segurança* (Teoria Geral) (17×24) 138 p. br. 10$ — Tip Jornal do Comércio, Rio.

PINTO, M. Serpa — *The New Constitution of the United States of Brasil* (in english and portuguese) (15×22) 130 p. br. 15$ — Ed. Almanaque Laemert, Rio.

PINTO, Bilac — *Contribuição de Melhoria* (17×24) 324 p. br. 50$ — Revista Forense, Rio.

PIRAGIBE, Vicente — *Consolidação das Leis Penais* (17×24) 412 p. enc. 25$ — Liv. Freitas Bastos, Rio (4.ª ed.).

PORTO, Rubens — *O Problema das Casas de Operários e os Institutos e Caixas de Pensões* (15×22) 268 p. il. br. 12$ — Ed. do Autor, Rio.

PUPE, Arlindo — *Imposto do Consumo* — (16×23) 254 p. br. 15$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

RAPOSO, Ben-Hur — *O Estado e o Trabalho* (13×19) 178 p. br. 6$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

RABELO, Sílvio — *A Representação do Tempo na Criança* (14×20) 184 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

REIS, João Bauer — *O Nazismo sem Máscara* (15×21) 384 p. il. br. 10$ — Josephson, Rio.

RIBEIRO, Fernando d'Aquino — *A Luta do Comércio das Pedras Preciosas* (13×19) 100 p. br. 3$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

ROBERT, Henri — *Os Grandes Processos da História*, II série — Trad. de Juvenal Jacinto (14×20) 200 p. br. 8$ — Livraria do Globo, Porto Alegre.

RODRIGUES, Milton A. da Silva — *Educação Comparada* (15×22) 298 p. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

RODRIGUES, Nina — *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil* — Brasiliana, 110 (13×19) 274 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional (3.ª ed. São-Paulo.

RUDOLF, Noemy da Silveira — *Introdução à Psicologia Educacional* (14×20) 320 p. br. 16$ Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

SÁ, Paulo Acioli de — *Elementos de Estatística* (14×20) 210 p. cart. 8$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

SANTOS, Rui de Oliveira — *A Condição Jurídica do Estrangeiro no Brasil* (15×22) 264 p. br. 15$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

SILVA, Antônio José da Costa e — *Codigo Penal dos Estados Unidos do Brasil* — vol. II (17×24) 496 p. br. 40$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

SILVA, José Pereira da — *Novos Rumos da Criminologia* (14×19) 192 p. br. 8$ — Cia. Brasil Ed., Rio (2.ª ed.).

SILVEIRA, Murilo — *Ponto de Direito Constitucional Civil e Administrativo* (13×19) 196 p. br. 8$ — Of. Gr. Sfreddo & Gravina, Rio.

SILVEIRA, Tasso da — *Estado Corporativo* — (13×19) 304 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio.

SIQUEIRA, José Prudente — *A Imputabilidade e a Responsabilidade Criminais* (17×24) 80 p. br. 8$ — Liv. Jacinto, Rio.

SOARES, Conselheiro Antônio Joaquim de Macedo — *Campanha Jurídica pela Libertação dos Escravos* (1867-1888) (15×22) 224 p. br. 12$ — José Olímpio, Rio.

SOUSA JÚNIOR e ARNALDO DA COSTA FARO, João Novais — *Legislação Comercial Vigente* (17×24) 1136 p. enc. 65$ — Borsoi, Rio.

SOUSA, O. de Carvalho e — *Komintern* — (13×19) 380 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

TIMÓTEO, Pedro — *O Poder Judiciário sob a nova Constituição da Republica* (17×24) 254 p. br. 12$ — Ed. do Autor, Rio.

TORRES, Alberto — *A Organização Nacional*, 1.ª parte — Brasiliana, 17 — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (nova edição).

TORRES, Alberto — *O Problema Nacional Brasileiro* — Brasiliana, 16 (13×19) 282 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (3.ª edição).

VAISSIERE, J. de la — *Psicologia Pedagógica* (14×20) 306 p. br. 10$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

VARGAS, Getúlio — *A Nova Politica do Brasil*, vols. I, II, III, IV, V (15×22) 1.332 p. br. 90$ — José Olímpio, Rio.

VASCONCELOS, Tancredo — *Presidencialismo e Parlamentarismo* — (17×24) 332 p. br. 15$ — Ed. do Autor, Rio.

VEIGA, Mons. Dr. Pedro Gaston Ribeiro — *Divórcio e Anulação de Casamentos* — (13×19) 122 p. br. 5$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

VIANA, Oliveira — *Evolução do Povo Brasileiro* — Brasiliana, 10 — (13×19) 354 p. il. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (3.ª edição).

VIANA, Oliveira — *Problemas de Direito Corporativo* (17×24) 300 p. br. 20$ — José Olímpio, Rio.

VIANA, Oliveira — *Raça e Assimilação* — Brasiliana, 4 (13×19) 288 p. br. 8$ — Cia Ed. Nacional — São-Paulo (3.ª ed.).

VITOR, Manuel — *Legislação Fiscal e Aduaneira* (14×20) 104 p. cart. 6$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

VILELA, Pedro de Carvalho — *Erros do Passado, Diretrizes do Futuro* (17×24) 240 p. br. 10$ — Zélio Valverde, Ed., Rio.

WIST, F. Luiz — *O Perigo Mundial — Judaismo e Comunismo* (14×20) 214 p. br. il. 10$ — Brasília Ed., Rio (trad.).

XAVIER, Des. Carlos — *A Constituição do Estado Novo* (14×20) 434 p. br. 20$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

EXÉRCITO — MARINHA — AERONAUTICA:

BIBLIOTECA MILITAR — *Em Guarda!* (Contra o Comunismo) (17×24) 256 p. br. 6$ — Imprensa do E. M. E., Rio.

CARVALHO, major Afonso de — *Caxias*, Bibl. Militar — vol. VII e VIII, col. A (17×24) 296 p. il. br. 20$ — Ministério da Guerra, Rio.

DUPONT, Marcel — *Mais uma Carga Cama-*

radas! (Sabre au Poing!) (15×22) 218 p. il. br. 20$ — Imprensa Nacional, Rio (trad.).

FIGUEIREDO, Lima — *Transposição de Cursos D'Agua* (13×19) 124 p. il. br. 7$ — Henrique Velho, Rio.

GAMBETA, General Jouinot — *Uskub ou O Papel da Cavalaria na Vitória* — Trad. Cap. Salm de Miranda — Biblioteca Militar, vol. XXI, col. C — Tip. B. Block, Rio.

GARCIA JÚNIOR — *Divisas e Bordados* (Crônicas sobre a Marinha Brasileira) (15×22) 168 p. br. 10$ — Papelaria Velho, Rio.

GAVET, André — *A Arte de Comandar* — Bib. Militar, vol. IV — col. C (17×24) 184 p. br. 6$500 — Tip. Batista de Sousa (2.ª ed.), Rio.

HORA, A. Morgado da — *Exércicios Sobre a Dispersão do Tiro* (14×19) 132 p. br. 12$ — Papelaria Velho, Rio.

IRWIN, Will — *A próxima Guerra Mundial* (11×16) 100 p. br. 2$900 — Biblioteca Brasileira, Rio (trad.).

LEGISLAÇÃO DO ESTADO NOVO — *Codigo Brasileiro do Ar*, I — (14×20) 408 p. br. 5$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

LIMA, Onofre Muniz Gomes de — *Osório* — Bibl. Militar (17×24) 44 p. il. br. 2$ — Almanaque Laemmert, Rio.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — vol. 42 — *Regulamento de Continência para o Exército e a Armada* (13×19) 104 p. br. 4$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MANUAIS DE LEGISLAÇÃO BRASILEIRA — vol. 32 — *Regulamento Disciplinar do Exército* (13×19) 76 p. br. 4$ — Ed. Pub. Brasil — São-Paulo.

MELO, Cel. Raul C. Bandeira de — *Ensaios de Geobélica Brasileira* (19×28) 406 p. br. il. 25$ — Imprensa Nacional, Rio.

MIRANDA, Cap. G. Aires — *Educação Física Militar* (13×19) 220 p. il. br. 10$ — Imprensa Nacional, Rio.

PAVEL, Cap. — *Tiro e Emprego do Armamento da Infantaria* (2 vols. e mapas) (13×19) 550 p. br. 18$ — Borsoi, Rio.

PIMENTEL, Joaquim S. d'A. — *Episódios Militares* — Bibl. Militar, vol. II, col. A. — (17×24) il. 150 p. br. 6$500 — Imprensa Nacional, Rio.

REFLEXÕES SOBRE O GENERALATO DE CAXIAS — *Bib. Militar*, vol. 5, col. A (17×24) p. 136, br. 6$500 — Imprensa Nacional, Rio.

ROUSSET, L. — *Os Mestres da Guerra* — Bib. Militar, vol. III, col. C (17×24) 116 p. il. br. 6$500 — Tip. B. Bloch, Rio (2.ª ed.).

SANTIAGO, Cap. Rui — *Guia para a Instrução Militar* (14×19) 784 p. il. br. 10$ — Paulo de Azevedo, Rio (7.ª ed.).

SILVA, Gal. V. Benício da — *Antonio João* — Bib. Militar, vol. 4., col. A — (17×24) 124 p. il. br. 6$500 — Tip. B. Bloch, Rio.

SODRE' Cap. Ciro Furtado — *Notas de Aula*, 1.º ano do C. P. O. R. (13×19) 204 p. il. br. 8$ — Papelaria Velho, Rio.

SOUSA, Cel. Artur Paulino de — *Noções de Desenho Topográfico e de Cartografia*, 3.ª parte das noções de topografia (17×24) 240 p. il. br. 12$ — Graf. Sauer, Rio (2.ª ed.).

SOUSA, José Garcia de — *Aviação Civil* — (14×19) 396 p. il. br. 12$ — Pimenta de Melo, Rio.

LETRAS:

ABREU, J. Capistrano de — *Ensaios e Estudos* 3.ª série (17×24) — 372 p. br. 20$ — Briguiet, Rio.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — Discursos acadêmicos, 1937-1938 — vol. X — (17×24) 364 p. il. br. 10$ Ed. A. B. C., Rio.

ALMEIDA, Miguel Osório de — *Ensaios, Criticas e Perfis* (13×19) 260 p. br. 8$ — Briguiet, Rio.

ALVES FILHO, F. M. Rodrigues — *O Sociologismo, e a Imaginação no Romance Brasileiro* (18×19) 84 p. br. 5$ — José Olímpio, Rio.

AMARAL, Luiz Gurgel do — Traços a Carvão (reminiscências) 13×19) 226 p. br. 8$ — il. — Pongetti, Rio.

ASSIS, Machado de — *Crônicas* (14×20) 1.º vol. 410 p.; 2.º vol. 440 p.; 3.º vol. 316 p.; 4.º vol. 464 p. — 4 volumes 48$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Correspondência* — (14×20) 442 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Crítica literaria* — (14×19) 352 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Memorial de Aires* — (14×20) 288 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Páginas Recolhidas* — (14×20) 296 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Papéis avulsos* (14×20) 322 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Reliquias da Casa Velha* (14×20) 1.º vol. 386 p. — 2.º vol. 474 p. — 2 volumes 24$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *A Semana* (14×20) 1.º vol. 446 p.; 2.º vol. 494 p.; 3.º vol. 458 p. — 3 volumes 36$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

AZEVEDO, Raul de — *Meu livro de Saudade* (13×19) 336 p. br. 6$ — Livraria Freitas Bastos, Rio.

AZEVEDO, Raul de — *Vida dos Outros* — (13×19) 280 p. br. 7$ — Civilização Brasileira, Rio.

BELO, Julio — *Memórias de um Senhor de Engenho* (15×22) 236 p. br. il. 18$ — José Olímpio, Rio.

BELO, José Maria — *Inteligência do Brasil* (Síntese da Evolução Literaria do Brasil) Brasiliana, 41 (13×19) 272 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional, São Paulo (3.ª ed.).

BERGERAC, Cyrano de — *Viagem Cômica na Lua* — Trad. de Alvaro Guimarães (14×20) 124 p. cart. 7$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

BRASIL, I. G. Americano do — *Lendas e Encantamentos do Sertão* (13×19) 120 p. br. 4$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

BUENO, Silveira — *A Arte de Falar em Público* (13×19) 264 p. br. 10$ — Saraiva — São-Paulo.

CAVALCANTI, Plínio — *Xerimbabos* (13×19) 220 p. br. 6$ — Civilização Brasileira, Rio.

CHATEAUBRIAND — *Atalá* — Trad. de Libero

Rangel de Andrade (14×20) 136 p. cart. 7$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

CÍCERO, Manuel — *Conferências, Discursos, Comunicações* (17×24) 356 p. br. 8$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

CORREIA, Viriato — *O País do Pau da Tinta* (13×19) 216 p. br. 6$ — Civilização Brasileira, Rio.

CUNHA, Euclides da — *Os Sertões* (17×24) 646 p. il. br. e enc. 15$ — 20$ — Paulo de Azevedo, Rio (14.ª ed.).

DANFORTH, Elisabeth Hanly — *In Rio on the Ouvidor and Other Poems About Brasil* — Fotografias de Paul Stille (14×20) 52 p. il. br. 20$ — Ed. da Autora.

DANTAS, Olavo — *Sob o céu dos Trópicos* (Lendas, aspectos e curiosidades brasileiras) (13×19) 272 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio.

DOMINGUES, Aurélio — *Passado* (13×19) 324 p. br. 10$ — Pongetti, Rio.

EDMUNDO, Luiz — *O Rio-de-Janeiro do meu Tempo*, 3 vols. (17×24) 1110 p. il. (fora do texto) br. 70$, enc. 100$ — Civilização Brasileira, Rio.

EMERSON, — *Trechos de Emerson* — selecionados por Robert James Botkin — Coleção Portatil, 4 (10×14) 64 p. br. 2$ — J. Botkin, Rio.

ERASMO DE ROTERDAM — *O Papa expulso do Céu* (13×19) 96 p. br. 5$ — Liv. Antunes, Rio (trad.).

FIGUEIREDO, Jackson de — *Correspondência* (14×19) 232 p. br. 8$ — Ed. A. B. C., Rio.

FURTADO, Capitão — *Lá vem Mentira* — (13×19) 96 p. il. 5$ — Pongetti, Rio.

GONÇALVES, Maximiano Augusto — *Fábulas de Fedro*, 1.º vol. (14×20) 54 p. br. 4$ — Pongetti, Rio (2.ª ed.).

GONÇALVES, Rui — *História da Literatura Fluminense* (14×19) 166 p. br. 6$ — Brasília Ed., Rio.

GUARINO, Dante — *Esquina* (13×19) 160 p. br. 5$ — Of. Graf. do E. C. M., Rio.

GUIMARÃES, Itamar — *Fogo de Palha* — (17×24) 100 p. br. 4$ — Ed. Turmann — Porto Alegre.

GUIMARÃES, A. C. d'Araujo — *A Triste Aventura do Mavioso Dirceu* (13×19) 212 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

HEISER, Victor — *A Odisséia de um Medico Americano* — Trad. Pepita de Leão (17×24) 482 p. br. 20$ — Livraria do Globo — Porto-Alegre.

HOFILI, Valério — *Personagens e Cenas* — (13×19) 112 p. br. 6$ — Est. Graf. Muntz, Rio.

JULIO, Sílvio — *Reações na Literatura Brasileira* (13×19) 260 p. br. 8$ — Liv. Antunes, Rio.

KHÁYYÁM, Omar — *Rubáiyát* — Trad. de Otávio Tarquínio de Sousa (14×20) 104 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio (3.ª ed.).

LAMENZA, Mário — *Proverbios* (14×19) 234 p. br. 6$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

LEITE, Aureliano — *Episódios do Exilio* (Portugal e outras Terras (13×19) 260 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

LEMOS, João Batista — *Reminiscências* — Alfredo Gomes e seus discípulos (15×22) 202 p. il. br. 18$ — J. do Vale, Rio.

LIMA, Alceu Amoroso — *Idade, Sexo e Tempo* (13×19) 312 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio (2.ª ed.).

LIMA, Francisco Peres — *Folclore Acreano* (13×19) 154 p. br. 8$ — Tip. Batista de Sousa, Rio.

LIMA, O. Palma — *Glórias Itinerantes* — (13×19) 138 p. br. 6$ — Schmidt Ed.. Rio.

LINHARES, Mário — *Poetas Esquecidos* — (13×19) 308 p. br. 8$ — Pongetti, Rio.

LOPES, Osório — *Carcassa sem Glória* (Apontamentos sobre Agripino Grieco (13×20) 110 p. br. 4$ — Liv. Boa Imprensa, Rio.

LUZ, Fábio — *Holofernes* (13×19) 120 p. br. 5$ — Cooperativa Cultural Guanabara, Rio.

MAQUIAVELI — *O Príncipe* — Trad. de Lívio Xavier (14×20) 160 p. cart. 9$ — Atena Ed. — São-Paulo.

MAURICÉIA, Cristovão — *Espirito e Sabedoria* (2.000 adágios e provérbios do idioma pátrio em 200 assuntos) (13×17) 192 p. br. 5$ — Francisco de Sousa — Pinto, Rio.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de — *Silvio Romero, Sua Formação Intelectual* (1851-1880) — Brasiliana, 117 (13×19) 344 p. il. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

MENEZES, Raimundo de — *Coisas que o Tempo Levou...* (Crônicas históricas da Fortaleza Antiga) (13×19) 168 p. il. br. 8$ — Edésio Ed., Fortaleza — Ceará.

MENUCCI, Sud — *Alma Contemporânea* — (Ensaios de Estética) (13×19) 180 p. br. 7$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.

MONTENEGRO, Olívio — O *Romance Brasileiro* (15×22) 200 p. br. José Olímpio, Rio.

Neynes — *O Caminho de Gilgamesh* (15×22) 200 p. br. 8$ — Pongetti, Rio.

OTÁVIO FILHO, Rodrigo — *Velhos amigos* (13×19) 272 p. br. 7$ — José Olímpio, Rio.

ORICO e CLAUDIO DE SOUSA, Osvaldo — *Espirito Acadêmico e Lingua Nacional* (Recepção de Osvaldo Orico na Academia Brasileira) (15×22) 86 p. br. 4$ — Liv. Guanabara, Rio.

PARANHOS, Haroldo — *História do Romantismo*, II tomo (14×22) 520 p. br. 15$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.

PENALVA, Gastão — *Corpo e Alma do Passado* (13×19) 321 p. br. 8$ — Schmidt Ed., Rio.

PEREGRINO JÚNIOR — *Doença e Constituição de Machado de Assis* (13×19) 168 p. il. br. 12$ — José Olímpio, Rio.

PERES, Alfredo — *Diário de Um Doido* — (13×19) 148 p. br. 4$ — Ed., Alba — Rio.

PIRES, Cornélio — *Mixórdia* (Contos, Folclore e Anedotas) (13×19) 240 p. br. 5$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (4.ª ed.).

PIRES, Cornélio — *Conversas ao pé do fogo* — (Páginas regionais) (13×19) 194 p. br. 6$ — Cia. Ed. Nacional (4.ª ed.). São-Paulo.

PIRES, Cornélio — *Meu Sambará* (anedotas e caipiradas) (13×19) 240 p. br. 5$ — Cia. Ed. Nacional (1 a 4 ed.) — São-Paulo.

PIRES, Pandiá — *Não se compra entrada na História* (13×19) 238 p. br. 6$ — Zelio Valverde, Rio.

PISCA,PISCA — *Pimenta Malagueta* (anedotas galantes, piadas, folclore) (14×19) 192 p. br. 6$ — Cia. Dias Cardoso, Juiz-de-Fora, Minas.

POMPÉIA, Raul — *O Ateneu* (Crônica de Sau-

dades) Desenhos do Autor (14×19) 274 p. br. 5$ — Paulo de Azevedo, Rio (5.a ed.).

PRIMA, Carlo — *D'Anunzio e A Crítica, D'Anunzio e a Música* (14×20) 152 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

RAEDERS, Georges — *D. Pedro II e o Conde de Gobineau* (Correspondência inédita) — Brasiliana, 109 (13×19) 628 p. il. br. 18$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

RESENDE, Enrique de — *Retrato de Alphonsus de Guimaraens* (13×19) 142 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

RIBEIRO, Joaquim — *Estética da Língua Portuguesa* (15×20) 310 p. br. 12$ — A Noite Ed., Rio.

RICARDO E GUILHERME DE ALMEIDA, Cassiano — *Recepção de Cassiano Ricardo na Academia Brasileira de Letras a 28 de Dezembro de 1937 e Discurso de Guilherme de Almeida* (13×19) 100 p. br. 3$ — Bandeira Ed. — São Paulo.

SALOMÃO — *O Cântico dos Cânticos* — Trad. de Augusto Frederico Schmidt (14×20) 74 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

SAMPAIO JUNIOR — *Tempestades* (prosas dispersas) (13×19) 128 p. br. 5$ — Tip. Cupolo — São-Paulo.

SETTE, Mário — *Maxambombas e Maracatús* (14×20) 306 p. br. 10$ — Rodolfo & Pereira, Recife (2.a ed.) — Pernambuco.

SILVA, De Castro e — *Ritmos Estranhos* — (14×20) 160 p. br. 7$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

SILVEIRA, Décio Pacheco — *A Hora da Saudade* (13×19) 256 p. br. 7$ — José Olímpio, Rio.

SODRE', Nelson Werneck — *História da Literatura Brasileira* (Seus fundamentos econômicos) (14×20) 248 p. br. 10$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.

TAHAN, Malba — *Lendas do Céu e da Terra* (13×19) 264 p. il. cart. 8$ — Ed. A. B. C., Rio (2.a ed.).

TAHAN, Malba — *Lendas do Povo de Deus* — Coleção Portatil, 14 — (10×14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio.

TOUSSAINT, Franz — *O Jardim das Carícias* — Trad. de Adalgisa Nery (14×20) 162 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

VASCONCELOS, Rosa Maria de — *Alma Garota* (13×19) 36 p. br. 3$ — Ed. da Autora, Juiz de-Fora, Minas.

VENÂNCIO FILHO, Francisco — *Euclides da Cunha e Seus Amigos* — Brasiliana, 142 — (13×19) 246 p. il. br. 8$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

VERGILIO — *As Geórgicas de Vergílio* — Trad. de Antônio Feliciano de Castilho, Anotações de Otoniel Mota (14×20) 258 p. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (2.a ed.).

VIEIRA, Antônio — *Por Brasil e Portugal* — Brasiliana, 108 (13×19) 286 p. br. 9$ — Cia. Ed. Nacional — São Paulo.

VITOR, Nestor — *Os de Hoje* (Figuras do Movimento Modernista Brasileiro) (14×20) 330 p. br. 8$ — Cultura Moderna — São-Paulo.

VOLTAIRE — *Cândido ou O Otimista* — Trad. de Jorge Silva (14×20) 152 p. cart. 9$ — Atena Ed., São-Paulo.

WILDE, Oscar — *De Profundis* (13×19) 208 p. br. 6$ — Minha Livraria Ed., Rio.

XIQUOTE (Bastos Tigre) *Vi, Li, ouvi* (13×19) 232 p. br. 7$ — José Olímpio, Rio.

ZOLA, Emílio — *Acuso!* — Nossa Coleção, 11 (10×14) 272 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Encontro com Homens, Livros e Países* (ed. unif.) (15×22) 420 p. br. 20$ — enc. 25$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

BIOGRAFIAS:

AUBRY, Octave — *Maria Walewska* — O Grande Amor Oculto de Napoleão — Trad. de Maria Luiza Barreto Sanz (17×24) 232 p. br. 12$ — Vecchi, Ed., Rio.

BACH, Ana Madalena — *Vida de Bach* (Memórias íntimas de Ana Madalena Bach) — (14×20) 206 p. br. 8$ — Cultura Moderna, São Paulo (trad.).

BRANDÃO, Moreno — *Aristides Lobo* — (13×19) 194 p. br. 6$ — A Noite, Ed., Rio.

BULCÃO JÚNIOR — *Mussolini* (13×19) 74 p. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

CALMON, Pedro — *O Rei Filósofo* (Vida de D. Pedro II) — Brasiliana, 120 (13×19) 466 p. il. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

CARVALHO, João Evangelista Saião de Bulhões — *Traços biográficos do Dr. João Evangelista Saião de Bulhões Carvalho e sua Obra Literária* (13×19) 366 p. il. br. 10$ — Of. Gr. Alba, Rio.

CURIE, Eva — *Madame Curie* (15×22) 342 p. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

DUMAS, Alexandre — *Napoleão* (10×14) 280 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).

DUNCAN, Isidora — *Minha Vida* (13×19) 392 p. br. 15$ — José Olímpio, Rio (trad. 2.a edição).

FEUCHTWANGER, Lion — *O Judeu Suss* — (17×24) 376 p. br. 20 — Liv. do Globo — Porto Alegre (trad.).

FONSECA FILHO, Hermes da — *Pinheiro Machado* (13×19) 240 p. il. br. 8$ — Pongetti, Rio.

GRIECO, Donatelo — *A Vida de Napoleão contada pelos livros* (Estudos bibliográficos) (13×19) 272 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

JACOBINA, Alberto Pizarro — *Dias Carneiro o Pacificador* — Brasiliana, 135 (13×19) 228 p. br. 8$ — Cia Ed. Nacional — São Paulo.

JOUVENEL, Henry — *A Vida Tormentosa de Mirabeau* — Trad. de Inocêncio Galvão de Queiroz (13×24) 240 p. br. 12$, enc. 17$ — Vecchi, Ed., Rio.

KEYSER, Jacques — *Vida de La Fayette* — (14×20) 228 p. br. 10$ — Cultura Brasileira, São Paulo (trad.).

LAMURE, Pierre — *Vida de Edison* (14×20) 104 p. br. 6$ — Cultura Brasileira, São-Paulo (trad.).

LIRA, Heitor — *História de Dom Pedro II, 1825-1891*, vol. 1.° — Brasiliana, 133 (13×19) 548 p. il. br. 16$ — Cia. Ed. Nacional, São Paulo.

LOPES, Luciano — *Benjamin Franklin* — (14×19) 182 p. cart. 7$ — Borsoi, Rio.

LUDWIG, Emil — *Jesús, o Filho do Homem* (15x22) 242 p. br. 12$ — L. A. Josephson, Rio (trad.).

LUDWIG, Emil — *Roosevelt* (15x22) 328 p. il. br. 15$ — Livraria do Globo, Porto-Alegre (trad.).

MACHADO, Antônio de Alcantara — *Brasilio Machado* (1848-1919) (15x22) 216 p. br. 12$ — José Olímpio, Rio.

MARTINS, Mário — *Biografias de 5 minutos* (Machado de Assis, Osvaldo Cruz, Olavo Bilac, José de Alencar, Euclides da Cunha, Charles Dickens, João Ribeiro, Tomaz Edison, Pasteur, Higino Cunha, Rui Barbosa, Santos Dumont) Coleção Portatil, 6 (10x14) 64 p. br. 2$ — R. J. Botkin, Rio.

MAUL, Carlos — *A Marquesa de Santos* — (17x24) 244 p. il. br. 15$ — Coelho Branco F. Ed. Rio.

MOOG, Viana — *Eça de Queiroz e o Século XIX* (15x22) 356 p. il. br. 15$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

MOURÃO, Melo — *Mustafá Kemal* (13x19) 64 p. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

NEIVA, Venâncio F. — *José Bonifácio* — (13x19) 306 p. br. 10$ — Pongetti, Rio.

NEVES, João — *Dois Perfis* (Silveira Martins e Coelho Neto) (13x19) 136 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

PARAGUASSÚ, Radagazio — *Emile Zola* — (O homem e a obra) — Col. Portatil, 3 (10x14) 96 p. br. 3$ — R. J. Bothein, Rio.

PONTES, Eloy — *A Vida Dramática de Euclides da Cunha* (15x22) 344 p. il. br. 20$ — José Olímpio, Rio.

POUVERT, Simone de Noaillat — *Marta de Noaillat* (1865-1926) (13x19) 280 p. br. 8$ — Ed. A. B. C., Rio.

RADOT, René Vallery — *A Vida de Pasteur* — Trad. de Fábio Leite Lobo (17x24) 476 p. br. 20$ enc. 25$ — Vecchi — Ed., Rio.

REBOUÇAS, André — *Diário e Notas Autobiográficas* (15x22) 460 p. br. 22$ — José Olímpio, Rio.

ROLLAND, Romain — *Vida de Haendel* — (14x20) 176 p. br. 7$ — Cultura Brasileira — São-Paulo (trad.).

ROURKE, T. — *Gomez, Tirano dos Andes* (14x20) 304 p. il. br. 10$ — Livraria do Globo, Porto-Alegre (trad.).

SARMIENTO — *Facundo* — Trad. de Carlos Maul (17x24) p. 320 il. br. 10$ — Ed. da Biblioteca Militar, Rio (2.ª ed.).

SODRE' Hélio — *Hitler* (13x19) 80 p. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

SODRE' Hélio — *Stalin* (13x19) 60 p. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

SODRE', Niomar Moniz — *D'Annunzio* (13x19) 76 p. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

STRIMBERG, Haroldo — *Cristina da Suécia* (14x20) 232 p. br. 8$ — Brasilía Ed., Rio (trad.).

TAUNAY, Visconde de — *Pedro II* — Brasiliana, 18 (13x19) 250 p. br. 9$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (2.ª ed.).

VITOR, D'Almeida — *Salazar* (13x19) 64 p. br. 3$ — Norte Ed., Rio.

ZWEIG, Stefan — *Uma conciência contra a violência* — (Ed. Unif.) (15x22) 312 p. enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Os Construtores do Mundo* (Ed. Unif.) (15x22) 472 p. enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio.

ZWEIG, Stefan — *Fernão de Magalhães* (Ed. Unif.) (15x22) 368 p. br. 20$, enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *A cura pelo Espirito* — (Ed. Unif.) (15x22) enc. 25$ — 362 p. — Liv. Guanabara,Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Joseph Fouché* (Ed. Unif.) (15x22) 352 p. enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Maria Antonieta* (Ed. Unif.) (15x22) 370 p. il. enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Maria Stuart* (Ed. Unif.) (15x22) 420 p. il. enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Romain Rolland* (trad.) de Fábio Leite Lobo) (15x22) 276 p. br. 15$ — Pongetti, Rio (trad. 2.ª ed.).

ZWEIG, Stefan — *Três Poetas de Sua Vida* (Ed. Unif.) (15x22) 400 p. enc. 25$ — Livraria Guanabara, Rio (trad.).

CONTOS:

ALMEIDA, Julia Lopes de — *Ansia Eterna* — (13x19) 270 p. br. 7$ — A Noite Ed., Rio.

ASSIS, Machado de — *Contos Fluminenses* (14x20) 1.° vol. 344 p. — 2.° vol. 426 p. br. 2 volumes 24$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Histórias da Meia-noite* (14x20) 252 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Histórias Românticas* (14x20) 478 p. br. 12$ W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Histórias sem data* — (14x20) 310 p. br. 12$ W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *A Mão e a Luva* — (14x20) 252 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Várias Histórias* — (14x20) 278 p. br. 12$ W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

CARVALHO, Itala Gomes Vaz de — *Salvação* (13x19) 256 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

CRULS, Gastão — *História puxa História* — (13x19) 276 p. br. 8$ — Ariel, Rio.

EDMUR, Luiz — *Almas no Exilio* (15x22) 94 p. il. br. 6$ — Ed. do Autor — São-Paulo.

FAGUNDES, Lígia — *Porão e Sobrado* — (14x19) 96 p. br. 5$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

JACQUES, Alfredo — *Os Provisórios* (13x19) 138 p. br. 6$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

LUSO, João (Armando Erse) — *Vocês, criminosos* (13x19) 216 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

POUSADA, Antônio — *Presépio* (14x20) 168 p. br. 5$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

SAMPAIO, Newton — *Irmandade* — (13x19) 116 p. br. 5$ — Ed. dos Cadernos da Hora Presente — Alba, Rio.

SERRANO, Mário — *O Demônio Mudo e Outros Contos* (13x19) 154 p. br. 6$ — Briguiet, Rio.

SODRE' Diógenes — *Contos Humanos* — (13×19) 160 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

VERGARA, Telmo — *9 Histórias Tranquilas* (13×19) 184 p. br. 6$ — Liv. do Globo, Porto Alegre.

ENSINO DE LÍNGUAS:

ALEM, Neif Antônio — *An Outline Of English Literature* (13×19) 208 p. cart. 8$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

ALEM, Neif Antônio — *English Easily Spoken, book* 1.º (13×19) 164 p. cart. 5$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo (3.ª ed.).

ALEM, Neif Antônio — *English Easily Spoken, book* n. 2 (13×19) 156 p. cart. 6$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo. (3.ª ed.).

ALEM, Neif Antônio — *English Easily Spoken, book* n. 3 (13×19) cart. 8$ — 208 p. — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

ALEM e DULCE DE MORAIS BIANCHINI, Neif Antônio — *Le Français Appris Sans Peine, Première Année* (13×19) 184 p. cart. 6$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

ALEM e DULCE DE MORAIS BIANCHINI, Neif Antônio — *Le Français Appris Sans Peine, Méthode Directe, Deuxième Année* (14×19) 184 p. cart. 6$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

ANDRADE, Tales de — *Trabalho, 2.º livro de leitura* (14×20) 206 p. il. cart. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (17º ed.).

APETCHE, J. — *Le Français à l'École* — (13×19) 86 p. il. br. 2$500 — Ed. A. B. C., Rio.

APETCHE, J. — *Le Français au Collège, Première Année* (13×19) 130 p. il. br. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.

APETCHE, J. — *Método Prático de Inglês, curso* 1.º (13×19) 102 p. br. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.

BARRETO, Paulo Emílio de Noronha — *Três Questões de Gramática* (13×19) 100 p. cart. 6$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

BELAIR, Edgard Liger — *Fables, Livre Premier* — III — Luiz Sá (16×21) 162 p. cart. 15$ — Ariel, Rio (2.ª ed.).

BILAC e GUIMARÃES PASSOS, Olavo — *Tratado de Versificação* (14×19) 212 p. cart. 5$ — Paulo de Azevedo, Rio (7.ª ed.).

BINNS, H. H. — *The Direct Method for Beginners With Grammar* (14×20) 170 p. il. cart. 7$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

BINNS, H. H. — *From Talks and Stories of Daily Life to Grammar to with Questions & Answers* (14×20) 228 p. cart. 9$ — Cia Ed. Nacional, São-Paulo (3.ª ed.).

BRAGA, Ismael Gomes — *Esperanto* (manual completo) (14×20) 370 p. enc. 20$ — Livraria Ed. Federação Espirita, Rio.

BRAGA, Ismael Gomes — *Esperanto — Modelo, Livro de Leitura* (13×19) 224 p. br. 5$ — Liv. Ed., Federação Espirita, Rio.

BRAGA, Ismael Gomes — *Método de Esperanto* (13×19) 176 p. br. 5$ — Liv. Ed. Federação Espirita, Rio.

BROWN, Método — *O Alemão sem Mestre* — (16×10) 64 p. br. 1$500 — Ed. e Publ. Brasil, São-Paulo.

BRUNO, Anibal — *Lingua Portuguesa para a 2.ª série ginasial* (14×20) 234 p. cart. 8$— Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

BRUNO, Anibal — *Lingua Portuguesa, 3.ª série ginasial* (14×20) 284 p. cart. 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

BUENO, Silveira — *Páginas Floridas, 1.ª série* (14×20) 260 p. cart. 9$ — Saraiva, São Paulo (3.ª ed.).

BUENO, Silveira — *Páginas Floridas, 2.ª série* (14×20) 366 p. cart. 10$ Saraiva, São- Paulo (3.ª ed.).

BUENO, Silveira — *Páginas Floridas, 3.ª série* (14×20) 270 p. cart. 9$ — Saraiva, São Paulo (3.ª ed.).

BUENO, Silveira — *Páginas Floridas, 4.ª série* (14×20) 286 p. cart. 10$ — Saraiva — São Paulo.

BUENO, Silveira — *Páginas Floridas, 5.ª série* (14×20) 272 p. cart. 10$ — Saraiva, São Paulo.

BUENO, Silveira — *Português pelo Rádio* (14×20) 246 p. br. 10$ — Saraiva, São-Paulo.

CALDAS, Valfredo Arantes — *Meu amigo — Cartilha Analítica-Sintética* (15×22) 90 p. il. cart. 3$ — Liv. Alves, Rio (11.ª ed.).

CALDAS, Valfredo Arantes — *Horas Felizes* (14×20) 188 p. il. cart. 3$500 — Liv. Alves, Rio (4.ª ed.).

CALDAS, Valfredo Arantes — *Meu Companheiro* (14×20) 120 p. il. cart. 3$ — Liv. Alves, Rio (9.ª ed.).

CARNEIRO, Otacílio Rainho — *Como Escre-*

ver Certo (Regras de Ortografia) (13×19) 112 p. br. 4$ — Graf. Olímpica, Rio.

CARVALHO, Armando de Oliveira — *Linguagem Mímica* (11×16) 92 p. il. br. 5$ — Rev. Taquigráfica, Rio.

CHALMERS, R. B. — *English Adapted to Commerce and Banking* (14×22) 164 p. cart. 6$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

COUTINHO, Ismael de Lima — *Pontos de Gramática Histórica* (14×20) 358 p. cart. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

CUNHA, J. Alcides — *Método de Análise Sintática* (13×19) 108 p. br. 4$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

DUPONT, Margaret — *Mary's Little Book (A first book for children)* (14×20) 96 p. il. cart. 8$ — Pongetti, Rio.

FARIA, Ernesto — *Manual de Pronúncia do Latim* (13×19) 70 p. br. 7$ — Briguiet, Rio.

FEDRO — *Fábulas* — por B. Sampaio com notas gramaticais e versos escondidos (14×20) 132 p. cart. 5$ — Cia. Melhoramentos de São Paulo.

FERREIRA, Tito Lívio — *Deuxième Livre de Français* (14×22) 150 p. il. cart. 7$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

FLEURY, Luiz Gonzaga — *Meninice*, 2.° *livro* (14×20) 126 p. il. cart. 3$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

FLEURY, Renato Sêneca — *Vamos Ler?* (Cartilha) (15×22) 104 p. il. br. 3$500 — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

FLEURY, Renato Sêneca — *Vamos Ler?* — Leituras Intermediárias (17×24) 92 p. il. br. 3$000 — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

FONSECA, Alda Ferreira da — *O Caminho da Vida* — Livro de Leitura (14×20) 174 p. cart. 4$ — J. R. de Oliveira, Rio.

FOSSEY, André de — *My Preparatory Book* (17×24) 120 p. cart. 8$ — Liv. Ed. Odeon — São-Paulo.

FREITAS, Paulo de — *O Nosso Idioma*, 3.ª parte, Sintaxe das Categorias gramaticais — (14×20) 254 p. cart. 8$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

FREITAS, Paulo de — *O nosso idioma*, 1.ª parte, Morfologia (14×20) 240 p. cart 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (5.ª ed.).

GÓIS, Carlos — *Método de Análise* (léxica e lógica) (13×19) 224 p. br. 4$500 — Paulo de Azevedo & Cia. — Rio (10.ª ed.).

GÓMEZ, Raul — *Prática de Redação, curso elementar* (14×20) 170 p. cart. 6$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

IBIAPINA, J. de Matos — *La Grammaire Pour La Langue*, 3ème vol. (14×20) 390 p. cart. 10$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

JENSEN, André — *Inglês Básico* (Basic English) O Idioma Universal — Coleção Portatil, 7 (10×14) 94 p. br. 3$ — R. J. Botkin, Rio.

KLAUS, Antônio — *Deutsch für Brasilianer, Unterstufe, I Auflage* (17×24) 96 p. cart. 9$ — Liv. Alves, Rio.

KLAUS, Antônio — *Deutsch für Brasilianer, II Nittelstufe, I Auflage* (17×24) 126 p. cart. 7$ — Liv. Alves, Rio.

LANTEUIL, Henri de — *Pour les Petits* — (17×24) 128 p. il. cart. 8$ — Liv. Ed. Odeon, São-Paulo.

LANTEUIL, Henri de — *3iéme Cours de Grammaire, La Syntaxe Française* (14×20) 154 p. cart. 7$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

MACHADO FILHO, Aires Mata — *Escrever Certo* — 1.ª série (13×19) 248 p. br. 9$ — Ed. A. B. C., Rio (2.ª ed.).

MACHADO FILHO, Aires Mata — *Escrever Certo*, 2.ª série (13×19) 288 p. br. 7$ — Ed. A. B. C., Rio.

MARIANI, Amerita — *Lições Práticas de Italiano* (12×16) 64 p. br. 3$ — Ed. Coelho Branco F. — Rio.

MARTINS, Mário — *Idioma Nacional Brasileiro* — Coleção Portatil, 12 — (10×14) 94 p. br. 3$ — R. J. Botkin, Rio.

MENEZES, Paulo — *Esperanto, La Plej Rapida Método* (15×19) 94 p. il. br. 5$ — Vecchi, Ed., Rio.

MEREJE, Rodrigues de — *A Ortografia Simplificada* — *Teoria e Prática* (14×20) 136 p. br. 6$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

MILANO, Miguel — *Manual do Ensino Primário*, 3.° ano (17×24) 272 p. cart. 10$ — Liv. Alves, Rio.

MILANO, Miguel — *Manual do Ensino Primário, Chave dos Problemas e Exercícios contidos nos Manuais para* 1.°, 2.°, 3.° *e* 4.° *anos* (17×24) 208 p. cart. 12$ — Liv. Alves, Rio.

MILANO, Miguel — *Manual do Ensino Primário*, 4.° *ano* (17×24) 416 p. il. cart. 15$ — Liv. Alves, Rio.

MILANO, Miguel — *Manual do Ensino Primário*, 2.° *ano* (17×24) 206 p. il. cart. 7$ — Liv. Alves, Rio.

MILANO, Miguel — *Manual do Ensino Primário*, 1.° *ano* (17×24) 304 p. il. cart. 12$ — Liv. Alves, Rio.

MORAIS, B. Bueno de — *A Nova Ortografia da Nossa Lingua* (13×19) 30 p. br. 1$ — Ed. e Publ. Brasileira, São-Paulo.

MORAIS, João Barbosa de — *Para vocês* — (Leitura para o 1.° ano secundário) (14×20) 290 p. il. cart. 6$ — Liv. Jacinto, Rio (2.ª ed.).

NOGUEIRA, Julio — *Programa de Português*, 1.ª e 2.ª séries secundárias (14×20) 342 p. il. cart. 10$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (2.ª edição).

NUNES, José de Sá — *Lingua Vernácula*, 4.ª série (14×20) 570 p. cart. 12$ — Saraiva, São Paulo.

NUNES, José de Sá — *Aprendei a Lingua Nacional*, vol. 1.° (13×19) 296 p. br. 10$ — Saraiva, São-Paulo.

OLIVEIRA, Cleofano de — *Textes Français, 3ième année* (14×20) 236 p. cart. 8$ — Saraiva, São-Paulo.

OLIVEIRA, Cleofano de — *Textes Français, 4ième année* (14×20) 290 p. cart. 10$ — Saraiva, São-Paulo.

PEREIRA, Carlos Brito — *Gramática Portuguesa* (14×20) 252 p. cart. 10$ — Saraiva, São Paulo (3.ª ed.).

PEREIRA, Altamirando Nunes — *O Problema da Análise Sintática e sua Solução Racional* — (14×20) 250 p. cart. 8$ — Liv. Jacinto, Rio.

PEREIRA, Proença — *Short Stories* (14×20)

64 p. il. cart. 2$ — Cia. Melhoramentos de São Paulo.

PEREIRA, Carlos Brito — *Gramática Portuguesa* (14×20) 254 p. cart. 10$ — Saraiva, São Paulo (3.ª ed.).

RABELO, Célia — *Cartilha de Vivi e Vavá* (15×22) 24 p. il. cart. 3$500 — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

RABELO, Célia — *Em Casa de Vovó, 2.ª ano* (14×20) 160 p. il. cart. 4$500 — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

REIS, O. de Sousa — *Guia Elementar de Análise Léxica ou Gramatical* (13×19) 130 p. cart. 4$ — Liv. Alves, Rio (2.ª ed.).

RÉVEILLEAU, A. — *Antologia Luso-Brasileira, 3.ª e 4.ª séries* (14×20) 356 p. cart. 8$ — Saraiva, São-Paulo.

RÉVEILLEAU, A. — *A Prova de Português na Escola Militar ou Gramática Mixta da Língua Portuguesa* (14×19) 334 p. cart. 10$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

SAMPAIO, B. — *Questões de Lingua* (13×19) 188 p. br. 6$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

SANTOS, Máximo de Moura — *O Pequeno Escolar, Primeiro Livro* (14×20) 94 p. il. cart. 3$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

SANTOS, Daltro — *Fundamentação da Grafia Simplificada* (14×20) 304 p. cart. 12$ — Pongetti, Rio.

SILVA NETO, Serafim — *Fontes do Latim Vulgar (O Appendix Probi)* (13×19) 204 p. br. 10$ — Ed. A. B. C., Rio.

SILVA, J. Pinto e — *Meus Deveres, Educação Cívica e Moral, 4.º ano Preliminar* (14×20) 188 p. il. 4$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo, 22.ª ed.

TABORDA, Radagásio — *Crestomatia Cívica* (14×20) 274 p. cart. 7$ — Liv. do Globo, Porto Alegre.

TOCHTROP, Leonardo — *Willst du Deutsch Sprechen Lernen? I. band* (14×20) 176 p. il. cart. 8$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

TORRES, Artur de Almeida — *Estudos de Português* (14×20) 132 p. cart. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.

VINHOLES, S. Burtin — *English Class, 3rd Year* (14×20) 244 p. cart. 8$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

YAZIGI and MÁXIMO RIBEIRO NUNES, Elias — *Elementary Lessons in English, 2nd, 3rd grade* (14×20) 174 p. il. cart. 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

NOVELAS:

ARRUDA, Breno — *Flor de Manacá* (13×19) 208 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

CARDOSO, Lúcio — *Mãos Vasias* (13×19) 184 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

FERREIRA, Atos Damasceno — *Moleque* (Novelinha de Arrabalde) (13×19) 150 p. br. 6$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

ISGOROGOTA e JOSÉ NICCOLINI, Judas — *João Camacho* (13×19) 252 p. il. br. 6$ — Ed. e Publ. Brasil, São-Paulo.

LIMA, Renato Sousa — *Oficina Transformadora de Homens em Mulheres e Mulheres em Homens* (14×20) 74 p. br. 3$ — Tip. Jornal do Brasil, Rio.

QUEIROZ, Amadeu de — *Praga do Amor* — (13×19) 176 p. br. 6$ — Cultura Brasileira — São-Paulo (2.ª ed.).

SCHMIDT, Afonso — *Zanzalás* (Uma Novela dos Tempos Futuros) (13×19) 144 p. br. 5$ — Edições Spes, São-Paulo.

SOVERAL, Hélio — *Meu Companheiro de Viagem* (13×19) 132 p. br. 4$ — Cooperativa Cultural Guanabara, Rio.

ZWEIG, Stefan — *Segredos de Amor* — Trad. de Odilon Galloti (13×19) 192 p. br. 8$ — Guanabara, Rio (nova ed.).

ZWEIG, Stefan — *Amok* (Trad. de Sílvio Aranha de Moura (13×19) 186 p. br. 6$ — Guanabara, Rio (nova ed.).

ZWEIG, Stefan — *A Confusão dos Sentimentos* — Trad. de Elias Davidovich (13×19) 144 p. br. 6$ — Guanabara, Rio (Nova ed.).

ZWEIG, Stefan — *A Corrente* (Ed. Unif.) — (15×22) 508 p. enc. 25$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Caleidoscópio* (Ed. Unif.) (15×22) 418 p. enc. 25$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

ZWEIG, Stefan — *Vinte e quatro horas da vida de uma Mulher* — Trad. de Medeiros e Albuquerque (13×19) 164 p. br. 6$ — Guanabara, Rio (nova ed.).

OBRAS PARA CRIANÇAS:

ACQUARONE, F. — *Os Grandes Benfeitores da Humanidade* (Desenhos de F. Acquarone) (17×24) 260 p. cart. 10$ — Pongetti, Rio (2.ª edição).

ACQUARONE, F. — *João Timbira em redor do Brasil* (24×17) 96 p. il. br. 3$ — Ed. do Correio Universal, Rio.

ACQUARONE, F. — *Parque de Diversões* — (18×22) 56 p. il. cart. 5$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

ANDERSEN — *Apenas Violinista...* (13×19) 190 p. il. br. 6$ — Cia. Melhoramentos de São Paulo (trad.).

ANDERSEN, Hans Cristiano — *Contos* — Trad. Monteiro Lobato (15×22) 104 p. il. cart. 5$ — Cia. Ed. Nacional (3.ª ed.).

ANDERSEN — *A Gruta Encantada* — Trad. (14×20) 186 p. il. cart. 3$ Ed. e Publ. Brasil, São-Paulo.

ANDERSEN, Hans Christiano — *Novos Contos* — Trad. de Monteiro Lobato (15×22) 102 p. il. cart. 5$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (2.ª edição).

BARATA, Antônio — *Histórias de Bichos* — Desenhos de João Fahrion (19×28) 32 p. cart. 4$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

BERGMANN, E. — *Chico Simplório* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira — São-Paulo.

BRAHE, Tycho — *A Arvore de Natal* (14×19) 384 p. il. cart. 10$ — Liv. Quaresma, Rio (nova edição).

BRAHE, Tycho — *Histórias Brasileiras* (Desenhos de Niels) (17×24) 176 p. cart. 8$ — Liv. Quaresma, Rio (nova ed.).

BURLOFF — *Ivan e o Gigante* — Trad. — (10×14) 186 p. il. cart. 3$ Ed. e Pub. Brasil, São-Paulo.

BURNET, Francis Hodgen — *O Pequeno Lord* (trad.) (14×19) 294 p. cart. 10$ — Ed. A. B. C., Rio.

CAMARGO, Cristovão — *Histórias de Homens e Bichos* (13×19) 138 p. br. 5$ — Bedeschi, Rio.

CARROLL, Lewis — *Alice no País das Maravilhas* (trad. de Monteiro Lobato) (15×22) 126 p. il. cart. 5$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (4.ª edição).

CERVANTES, Miguel de — *Aventuras de um Escravo Branco* (13×19) 72 p. il. br. 4$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo (trad.).

COLLODI, C. — *Pinocchio* — Trad. de Monteiro Lobato (15×22) 202 p. il. cart. 10$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (2.ª edição).

CORREIA, Viriato — *Cazuza — Memórias de Um Menino de Escola* (14×20) 254 p. il. cart. 8$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

DEFOE, Daniel — *Robinson Crusoe* — Adapt. de Monteiro Lobato (15×22) 124 p. il. cart. 6$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (3.ª edição).

DEIFILIA, Raquel e Aurora — *Historias do País de Alí-Babá* (14×19) 260 p. il. cart. 8$ — Liv. Quaresma, Rio (nova edição).

DICKENS, Carlos — *O Velho Avarento* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo.

ESTRÉ, Pierre d' — *Jean Bart, o Invencivel* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. il. 2$ — Emp. Ed. Brasileira — São-Paulo.

FALK e PHIL DAVIS, Le — *Mandrake o Mágico em Viagem ao País de Savessá* (28×29) 28 p. il. cart. 7$ — Suplemento Juvenil, Rio.

FERREIRA, Barros — *O Filho do Trovão* (Caramurú) (13×19) 50 p. il. br. 4$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

FERREIRA, Barros — *O Menino Salvo das Aguas* (14×20) 112 p. il. br. 7$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

FONSECA, Gondim da — *Contos do País das Fadas* — il. Henrique Cavaleiro (17×24) 194 p. cart. 10$ — Liv. Quaresma, Rio (nova ed.).

GRECO, A. — *Gip torna-se Rei e outros contos* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo.

GREGORIUS, Kurt — *Os Bichos da Africa* — (28×19) 32 p. il. cart. 4$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

GRIMM, Irmãos — *Branca de Neve e os sete Anões* (12×16) 126 p. il. cart. 4$500 — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo (trad.).

GRIMM — *Contos* — Trad. de Monteiro Lobato (15×22) 112 p. il. cart. 5$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (4.ª ed.).

GRIMM, Irmãos — *Novos Contos* — Trad. de Monteiro Lobato (15×22) 106 p. il. cart. 5$ — Cia. Ed. Nacional (2.ª edição).

HAUFF, Guilherme — *Contos Orientais* (Trad. de Lina Hirsh) (17×24) 136 p. il. cart. 10$ — Pongetti, Rio (nova edição).

HOFFMANN — *A Noz Cracatuc* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira — São-Paulo.

HUGO, Victor — *O Rei Leão e Outros Contos* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira — São Paulo.

ILDEFONSO, Frei — *História de Jesús para as Crianças* (17×23) 108 il. cart. 7$ — Saraiva, São-Paulo (3.ª edição).

LABARTHE, Ilka — *O Tapete Mágico de Tia Lúcia*, 2.° volume (14×20) 144 p. il. cart. 5$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

LOBATO, Monteiro — *O Saci — Il. Jean G. Vellin* (15×22) 122 p. cart. 6$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (6.ª edição).

MARCH — *A Filha do Sultão* — Trad. de Gabriela de Andrade Dias (10×14) 188 p. il. cart. 3$ — Ed. e Publ. Brasil — São-Paulo.

MATOS, Osvaldo A. — *O Sonho da Escada Maravilhosa ou Jacó, o Patriarca* — Coleção Anchieta, vol. 4 (14×19) 116 p. il. br. 4$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

MAY, Karl — *Entre Abutres* — Coleção Universo, 32 (14×22) 356 p. br. 6$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

MAY, Karl — *O Tesouro do Lago de Prata* (14×20) 368 p. br. 6$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre (trad.).

McCOY, Tim — *O Segredo da Diligência* — (10×14) 190 p. il. cart. 3$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo (trad.).

MEIRELES, Cecília — *Rute e Alberto Resolveram ser Turistas* (15×22) 212 p. il. cart. 8$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

MIRIM, Biblioteca — *Tom Mix, o Herói do Far-West* (10×11) 410 p. il. br. 4$ — Suplemento Juvenil, Rio.

OLIVEIRA, Alaide Lisboa de — *O Bonequinho Doce* (17×24) 32 p. il. cart. 3$ — Liv. Alves, Rio.

OLIVEIRA, Alaide Lisboa de — *A Bonequinha*

Preta (17×24) 38 p. il. cart. 3$ — Liv. Alves, Rio.
ORSAY, Condessa D' — *Peludo e Chifrão* — (13×19) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira — São-Paulo (trad.).
PADILHA, Viriato — *Histórias do Arco da Velha* (14×19) 370 p. il. cart. 10$ — Livraria Quaresma, Rio (nova ed.).
PIMENTEL, Figueiredo — *Teatrinho Infantil* (14×19) 430 p. cart. 10$ — Liv. Quaresma, Rio (nova ed.).
PIMENTEL, Figueiredo — *Histórias da Avozinha* — Desenhos de Julião Machado (14×19) 300 p. cart. 8$ — Livraria Quaresma, Rio (nova edição).
PONGETTI e JORACÍ CAMARGO, Henrique — *Teatro da Criança* (15×22) 138 p. il. cart. 10$ — José Olímpio, Rio.
PRAT — *Os Seis Feiticeiros* — Trad. (10×14) 188 p. il. cart. 3$ — Ed. e Pub. Brasileira, São Paulo.
RABELAIS — *Gargantua* (13×19) 64 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira. São-Paulo (trad.).
RAYMOND, Alex — *Três Aventuras Completas do Agente Secreto Bill* (x-9) — (38×25) 74 p. cart. 7$ il. Suplemento Juvenil, Rio.
REBELO e ARNALDO TABAIÁ, Marques — *Aventuras de Barrigudinho* — Desenhos de Santa Rosa (19×21) 46 p. cart. 5$ — Pongetti, Rio.
SALES, Franklin — *O Coelho Sabido* — Desenhos de Santa Rosa (19×21) 84 p. cart. 6$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
SALVI, Nina — *Histórias de Principe Abdel Assur* — Ilustr. de Acquarone (18×21) 56 p. cart. 5$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
SALVI, Nina — *O Milho de Ouro* — Ilustr. de Acquarone (18×21) 56 p. cart. 5$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
SALVI, Nina — *O Tesouro da Ilha* — Ilustr. de Acquarone (18×21) 56 p. cart. 5$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
SARAIVA, Henriqueta Trangott — *Histórias para os meus Netinhos* (17×24) 94 p. il. cart. 8$ — Saraiva — São-Paulo.
SEGAR — *Popeye "Brocoió" na Ilha do Tesouro* (10×14) 400 p. il. cart. 4$ — Suplemento Juvenil, Rio.
SERRANO, Mário — *Aventuras do Macaco Simão* — Desenhos de J. Carlos (17×24) 84 p. cart. 5$ — Briguiet, Rio.
SIBIRIAK, Mamin — *Garganta de Prata e Como Viveu a Última Mosca* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 62 p. il. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo.
SILVA, Yvonne Simoens da — *A Gruta do Tesouro* — Ilustr. de Solon Botelho (16×23) 100 p. cart. 6$ — Pongetti, Rio.
TOLSTOI, Leão — *O Justo Juiz e outras histórias* — Trad. de Haydée N. Isac Lima (14×16) 64 p. br. il. 2$ — Emp. Ed. Brasileira — São Paulo.
VAUX e ARNALD GALOPIN, Henri de la — *A Volta ao Mundo por dois garotos*, 1.° vol. — Trad. e atual. de Afonso Várzea — Desenhos de F. Acquarone (13×19) 200 p. br. 5$ enc. 7$ — Oscar Mano, Rio (3.ª ed.).
VERÍSSIMO, Érico — *O Urso com música na barriga* — Des. de João Fahrion (19×28) 32 p. cart. 4$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.
WEYER, Elsita Lopes — *A Viagem de Nicotinho* (17×22) 46 p. il. cart. 6$ — Livraria do Globo, Porto-Alegre.
XAVIER, Odila Barros — *Segredos do Zé Toquinho* (14×22) 74 d. il. cart. 3$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

POESIAS:

ABREU, Casimiro de — *Poesias Completas* (13×19) 224 p. br. 6$ — Zélio Valverde Ed., Rio.
ALMEIDA FILHO, Anuar Fares e Vito Pentagna, Augusto — *3 Momentos de Poesia* — (21×23) 148 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.
ALMEIDA, Guilherme de — *Acaso* (13×19) 160 p. br. 7$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.
ALVES, Castro — *Cachoeira de Paulo Afonso e os Escravos* (13×19) 212 p. br. 6$ — Zélio Valverde Ed., Rio.
ALVES, Castro — *Espumas Flutuantes e Hinos do Equador* (13×19) 232 p. br. 6$ — Zélio Valverde Ed. Rio.
ALVES, Castro — *Obras Completas em 2 tomos* — Col. Livros do Brasil, vol. 1.° (13×19) 1108 p. br. 25$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.
AMORA, Manoel Albano — *Manhã de Amor* (14×20) 52 p. br. 4$ — Edésio Ed. — Fortaleza.
ANDRADE, Djalma — *Versos escolhidos* — (14×18) 80 p. br. 5$ — Gr. Queiroz Breyner, Belo-Horizonte, e José Olímpio, Rio.
ARAUJO, Orlando de — *Caminho de Espumas* (14×20) 210 p. br. 5$ Borsoi, Rio.
ASSIS, Machado de — *Poesias Completas* — (14×20) 536 p. br. 12$ W. M. Jackson, Rio (3.ª edição).
BANDEIRA, Manuel — *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana* (17×24) 284 p. br. 5$ — Ministério da Educação — Civilização Brasileira, Rio.
BASTOS, Fernando — *Vibrações* (14×19) 138 p. br. 7$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.
BRITO, Laurindo de — *Caminhos de Minha Vida* (14×19) 164 p. br. 5$ — Revista de Educação e Saude, Rio (4.ª edição).
BRUZZI, Nilo — *Dona Lua* (13×19) 160 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.
BUSCHMANN, W. — *Ritmo Ariano* (13×19) 130 p. br. 5$ — Pongetti, Rio.
CÂMARA, Antônio — *O Carreiro* (13×19) 56 p. br. 2$ — Dias Pereira, Rio.
CARVALHO, Vicente de — *Poemas e Canções* (13×19) 292 p. br. 9$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (10ª edição).
CARVALHO, Nelson de — *Rua de Efraim* — (13×19) 92 p. br. 5$ — Pongetti, Rio.
CASAS, Alvaro de las — *Sonetos brasileños* — (13×19) 172 p. br. 6$ — Ed. A. B. C., Rio.
CASTRO, Alcestre — *Celestiais* (13×19) 166 p. br. 6$ — A. Coelho Branco F., Rio.
CELSO, Maria Eugênia — *Jeunesse* (13×19) 234 p. br. 10$ — Pongetti, Rio.
CEARENSE, Catulo da Paixão — *Um Boêmio no Céu* (13×19) 142 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio (2.ª edição).
CEARENSE, Catulo da Paixão — *Mata Iluminada* (13×19) 240 p. br. 6$ — Bedeschi, Rio.

CHIACCHIO, Carlos — *Infância* (15×22) 154 p. br. 8$ — Edições A. L. A. — Baía.

CORDEIRO, Francisca de Basto — *Ritmos Imortais*, Poesias anteriores à era Cristã — (13×19) 94 p. br. 7$ — Pongetti, Rio.

COSTA, Ciro — *Terra Prometida* (13×19) 206 p. br. 7$ — José Olímpio, Rio.

DEKOBRA, Maurice — *Meu Coração em Camara Lenta* (13×19) 276 p. br. 7$ — Vecchi, Ed., Rio (trad.).

DELFINO, Luiz — *Rosas Negras* (13×19) 240 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

DONATO, Mário — *Terra* (13×19) 60 p. br. 4$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

FRANCO, Cid — *A Procura de Cristo* (14×20) 136 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio (2.ª edição).

GUARNIERI, Rossine Camargo — *Porto Inseguro* (14×20) 64 p. br. 4$ — José Olímpio, Rio.

GUIMARAENS, Alphonsus — *Poesias* (Ed. dir. e rev. por Manuel Bandeira, com retrato do poeta e notas por João Alphonsus) (13×19) 460 p. br. 5$ — Ministério da Educação e Saude, Rio — Civilização Brasileira.

GUIMARÃES, João — *Beijo, canção de Amor...* (13×19) 120 p. br. 5$ Ariel, Rio.

ISGOROGOTA, *Judas* — *Desencanto* (11×16) 180 p. br. 8$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

JORGE, J. G. de Araujo — *Amo!* (13×19) 218 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

LANTEUIL e MODESTO DE ABREU, Henri de — *Tupan* (12×16) 104 p. br. 5$ — Pongetti, Rio.

LIMA, Alves — *Pátria Reflorida* (Hino ao Estado Novo) (14×20) 204 p. br. 6$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

LIMA, Jorge de — *A Túnica Inconsutil* — (13×19) 324 p. br. 8$ — Cooperativa Cultural Guanabara, Rio.

LOPES, Paulo Correia — *Poemas da Vida e da Morte* (13×19) 82 p. br. 5$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

LÍRIO JUNIOR, Alfredo — *Lágrimas e Sorrisos* (13×19) 154 p. br. 5$ — Tip. Batista de Sousa, Rio.

MACHADO, Gilka — *Sublimação* (15×20) 142 p. br. 8$ — Tip. Batista de Sousa, Rio.

MENDES, Murilo — *A Poesia em Pânico* — (14×20) 104 p. br. 8$ — Cooperativa Cultural Guanabara, Rio.

MEYER, Olga — *Alcatifa de Sonhos* (14×20) 144 p. br. 5$ — Tip. Primor, Rio.

MORAIS, Vinicius de — *Novos poemas* (documentos vivos) (13×19) 104 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.

NEVES, Rodovalho — *Ressurreição* (13×19) 174 p. br. 6$ — Ed. Alba, Rio.

NÓBREGA, Melo — *O Outro Lado da Montanha* (14×19) 166 p. br. 6$ — Mandarino e Molinari, Rio.

PEIXOTO, Hélio — *Estrela Impaciente* — (16×21) 64 p. br. 6$ — Cooperativa Cultural Guanabara, Rio.

PICCHIA, Menotti del — *As Máscaras* — (13×19) 80 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São Paulo (16.ª edição).

PINTO, Artur Alamite — *Florilégio Brasileiro* (19×28) 136 p. br. 50$ enc. 70$ — Liv. Central, Rio.

POETAS CONTEMPORÂNEOS (Coletânea) — (13×19) 174 p. br. 6$ — J. R. de Oliveira, Rio.

RANGEL, Hermes R. — *O Festim de Maqueronte* (poema dramático) (13×19) 38 p. br. 3$ — Ed. do Autor, Rio.

RANGEL, Otávio — *Mutações à vista* (13×19) 320 p. br. 8$ — Oscar Mano, Rio.

REBORDÃO, Herculano (Souto da Casa) *Caminhos do meu Olhar* (13×19) 148 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

RIBEIRO, Judith — *Alma* (13×19) 132 p. br. 6$ — Ed. da Autora, São-Paulo.

RICARDO, Cassiano — *Martin Cererê* (13×19) 242 p. br. 7$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (6.ª ed.).

SILVA, Benjamim — *Escada da Vida* (13×19) 160 p. il. br. 6$ — Briguiet, Rio.

SIQUEIRA, Nóbrega de — *Roteiro* (13×19) 170 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

VARELA, Fagundes — *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas* (13×19) 254 p. br. 6$ — Zélio Valverde, Rio.

VIEIRA, Herculano — *Velhas Luas* (14×20) 124 p. br. 6$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

ROMANCES:

ACREMENT, Germaine — *Tudo pelo Amor* — Trad. Costa Neves (13×19) 208 p. br. 4$ — Oscar Mano, Rio (2.ª ed.).

ALENCAR, José de — *Encarnação* (10×14) 256 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio.

ALENCAR, José de — *Iracema* (10×14) 320 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio.

ALENCAR, José de — *Luciola* (10×14 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio.

ALENCAR, José de — *Senhora* (10×14) 390 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio.

ALENCAR, José de — *Tronco de Ipé* (10×14) 320 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio.

ALPHONSUS, João — *Rola Moça* (13×19) 274 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio.

AMARAL, Amadeu — *Memorial de Um Passageiro de Bonde por Felicio Trancoso* (13×19) 192 p. br. 6$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.

ANJOS, Ciro dos — *O Amanuense Belmiro* (2.ª edição) (13×19) 296 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio.

ASSIS, Machado de — Dom Casmurro (14×20) 246 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Esaú e Jacó* (14×20) 432 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Helena* (14×20) 322 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Memórias póstumas de Braz Cubas* (14×20) 414 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, MACHADO de — *Quincas Borba* — (14×20) 414 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Ressurreição* (14×20) 238 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

ASSIS, Machado de — *Iaiá Garcia* (14×20) 308 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª ed.).

AVELAR, Romeu de — *Calabar* (13×19) 272 p. br. 10$ — I. Amorim, Rio.

AVILA, Aristides — *A Teoria da Distância* (13×19) p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

AZEVEDO, Aluízio — *O Homem* (13×19) 210 p. br. 7$ — F. Briguiet, Rio (8.ª ed.).

AZEVEDO, Aluízio — *Livro de Uma Sogra* (13×19) 196 p. br. 7$ — F. Briguiet, Rio (7.ª edição).
AZEVEDO, Aluízio — *O Mulato* (13×19) 276 p. br. 9$ — F. Briguiet, Rio (10.ª edição).
AZEVEDO, Aluízio — *Filomena Nunes* — (13×19) 224 p. br. 7$ — F. Briguiet, Rio (3.ª edição).
AZEVEDO, Aluízio — *O Touro Negro* (13×19) 180 p. br. 7$ — Briguiet, Rio.
BALZAC, H. de — *Eugênia Grandet* (10×14) 320 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio (trad.).
BALZAC, H. de — *A mulher de 30 anos* — (10×14) 320 p. br. 2$ — Civilização Brasileira, Rio — (trad.).
BARROS, Eudes — *Dezesete* (13×19) 236 p. br. 8$ — Pongetti, Rio.
BELCAYRE e ANGEL FLORY — *O Silêncio do Amor "Lucília"* (13×19) 328 p. br. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.
BENOIT, Pierre — *Alberta* (13×19) 230 p. br. 7$ — Vecchi, Ed., Rio (trad.).
BERTA, Albertina — *E Ela brincou com a vida...* (13×19) 360 p. br. 9$ — Liv. Antunes, Rio.
BILL, Bufalo — *O Bando dos Anjos Vermelhos* — Col. Univ. 33 (14×20) 178 p. br. 3$500 — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).
BILL, Bufalo — *O Grande Atirador* — Col. Univ. 29 (14×20) 204 p. br. 3$500 — Livraria do Globo, Porto-Alegre (trad.).
BLANCHE, M. — *Um Crime de Amor* — Trad. de A. S. Costa — (13×19) 192 p. br. 4$ — Mandarino & Molinari, Rio.
BRACKEL, Baronesa F. Von — *A Filha do Diretor do Circo* (13×19) 650 p. br. 8$ — Vozes de Petrópolis (7.ª edição).
BRONTE, Emily — *Morro dos Ventos Uivantes* — *Trad. de Oscar Mendes* (14×20) 376 p. br. 10$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.
CARVALHO, Joubert de — *Espírito e Sexo* (13×19) 216 p. br. 6$ — Freitas Bastos, Rio.
CASAS, Alvaro de las — *Os Dois* (13×19) 184 p. br. 6$ A Noite Ed., Rio.
CRISTIE, May — *Amor Proibido* (13×19) 260 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).
COLETTE — *A Ingênua Libertina* (13×19) 256 p. br. 6$ — Civilização Brasileira, Rio (trad.).
CONSTANTINO, Antônio — *Embrião* (Jornada inutil) (13×19) 216 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.
COOPER, J. Finimore — *O Espião* — Trad. de Gilberto Miranda (14×20) 404 p. br. 6$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.
COUTINHO, Galeão — *Vovô Morungaba* — (13×19) 272 p. br. 8$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.
CROFTS, Freeman Wills, — *A Carga Macabra* (13×19) 300 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).
CROFTS, F. Wills — *Morte Repentina* (Trad. de Arno von Muhlen) (13×19) 268 p. br. 5$ — Globo, Porto-Alegre.
CRULS, Gastão — *A Amazônia que eu vi* — Brasiliana, 113 (13×19) 344 p. br. il. 12$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (2.ª ed.).
DRUMMOND, Vitor — *O Impoluto* (13×19) 352 p. br. 8$ — A Noite Ed., Rio.
CUMBERLAND, Martin — *Guerra sem Piedade* (13×19) 256 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São Paulo (trad.).
DAUDET, A. — *Tartarin de Tarascon* — Trad. de Carlos Guimarães (14×20) 150 p. cart. 8$ — Atena Ed. — São-Paulo.
DELLY, M. — *Mitsi* (13×19) 262 p. br. 5$ — Oscar Mano, Rio (trad. 2.ª edição).
DELLY, M. — *Deus Dispõe* (13×19) 258 p. br. 5$ — Oscar Mano, Rio (trad. 2.ª ed.).
DELLY, M. — *Vencido* (13×19) 240 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (3.ª ed. trad.)
DELLY, M. — *Magali* (13×19) 246 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (trad. 2.ª edição).
DOSTOIEWSKY — *Alma de Criança* (10×14) 256 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
DUMAS, Alexandre — *A Rainha Margot*, 3 volumes (10×14) 1120 p. br. 6$ — Civilização Brasileira Ed. Rio (trad.).
DUMAS, Alexandre — *Os Quarenta e Cinco*, 3 volumes (Trad.) (10×14) 1024 p. br. 6$ — Civilização Brasileira, Rio.
ESCRICH, Henrique Perez — *O Violino do Diabo* — Nossa Coleção, 8 — (10×14) 248 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
FANÚ, S. Le — *Tortura de uma alma* (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
FARRERE, Claude — *Os Civilizados* (13×19) 272 p. br. 5$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

FEITOSA, Policarpo — *Os Moluscos* (14×19) 276 p. br. 5$ — Renato Americano, Rio.
FEUILLET, Octave — *O Romance de Sibila* (13×19) 180 p. br. 4$ — Mandarino, Rio (trad.).
FEVAL, Paul — *A Crioula* (10×14) 240 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
GALVÃO, Francisco — *Trópico* (13×19) 194 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.
GLYN, Elinor — *Por que?* (13×19) 350 p. br. 6$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (nova ed. trad.).
GLYN, Elinor — *O Diário de uma Aristocrática* (13×19) 250 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).
GOMES, José Bezerra — *Os Brutos* (13×19) 172 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.
GOMES, Martim — *A Flor de Tuna* (13×19) 124 p. br. 6$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.
GRACIOTTI, Mário — *A Quarta Dimensão* (14×20) 232 p. br. 6$ — Cultura Moderna — São-Paulo.
HEHL, B. F. — *O Mistério de Brighton Street* (13×19) 200 p. br. 5$ — Pongetti, Rio.
HUGO, Victor — *O Último Dia de um Condenado* (10×14) 256 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo.
HUXLEY, Aldous — *Sem Olhos sem Gaza* — Coleção Nobel, 16 (14×20) 500 p. br. 15$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).
KELLERMANN, Benhard — *O Tunel Transatlântico* (13×19) 320 p. br. 5$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).
LAWRENCE, D. H. — *O Amante de Lady Chatterley* (13×19) 454 p. br. 12$ — Agencia Minerva, São-Paulo (trad.).
LEHMANN, Rosamond — *Convite a Valsa* — Trad. de Estela Martins Paredes (14×19) 268 p. br. 7$ — Vecchi Ed., Rio.
LEITE, Aureliano — *Amador Bueno* (O Aclamado) (13×19) 294 p. br. 8$ — Emp. Graf. Rev. dos Tribunais — São-Paulo.
LESSA, Orígenes — *O Feijão e o Sonho* — (13×19) 204 p. br. 6$ — Cia. Brasil Ed., Rio.
LIMA, José Augusto de — *Casa de Saude* — (13×19) 256 p. br. 6$ A Noite Ed., Rio.
MACAGGI. Nenê — *Chica Banana* — romance realista (13×19) 322 p. br. 8$ — Pongetti, Rio.
MACEDO, Joaquim Manuel de — *O Rio do Quarto* — Nossa Coleção, 10 (10×14) 246 p. br. 2$ — Emp. Ed. São-Paulo.
MADEIRA, Carlos — *O Romance de Teresa Maria* (13×19) 114 p. br. 6$ — Imp. Oficial, Vitória.
MARIANO, Olegário — *Da Cadeira n. 21* — (13×19) 190 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.
MARLITT, Suzanne — *Primavera Florida* — (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
MARLITT, Suzanne — *Vencida pelo Amor* — (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
MARLITT, Suzanne — *No Jogo da Vida* — (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
MARTINS, Fran — Poço dos Paus (14×20) 192 p. br. 8$ — Edésio Ed. — Fortaleza.
MAUGHAM, W. Semerset — *Um Drama na Malásia* — *Trad.* Teodomiro Tostes (14×20) 228 p. br. 8$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.
MAUROIS, André — *Conflito Sentimental* — Trad. de Manuel Ribeiro (13×19) 234 p. br. 6$ — Guanabara, Rio (3.a ed.).
MÉRIMÉE, Próspero — *O Preço da Ventura* (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
MIRANDA, Niní — *Mentira de Amor* (13×19) 182 p. br. 6$ — Paulo de Azevedo, Rio.
MONTHERLANT, H. de — *Compaixão pelas Mulheres* (13×19) 214 p. br. 6$ — Vecchi, Ed., Rio (trad.).
MORAIS, B. Bueno de — *Castigo da Ambição* (13×19) 120 p. br. 5$ — Ed. e Publ. Brasil, São-Paulo.
MORAIS, Raimundo — *Ressuscitados* (romance do Purús (12×18) 320 p. br. 10$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
MORAIS, Raímundo — *Os Igaraúnas* (14×20) 282 p. br. 10$ — Civilização Brasileira, Rio.
MORRISON, Louis — *A Sala do Terror* — (13×19) 176 p. il. 4$ — Ed. e Publ. Brasil — São-Paulo (trad.).
OHNET, Jorge — *Riqueza Inutil*, Nossa Coleção, 6 (10×14) 288 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
OHNET, George — *A Caminho do Amor* — (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
OHNET, Jorge — *O Grande Industrial* (Col. Sip., 8) (10×14) 352 p. br. 2$ — Civ. Brasileira, Rio (trad.).
OLIVEIRA, Alvarus de — *Ritmo do Século* (14×19) 226 p. br. 8$ — Brasilia, Ed., Rio.
OLIVEIRA, D. Martins de — *Caboclo d'Agua* (13×19) 298 p. br. 8$ — Schmidt, Ed., Rio.
OPPENHEIN, Philips — *O Segredo de Martin Heuss* (13×19) 286 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).
ORSAY, Condessa D' — *Fascinação de Amor* (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
ORSAY, Condessa D' — *Enlace Imprevisto* — (13×19) 224 p. br. 4$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).
PEREIRA, Lúcia Miguel — *Amanhecer* — (13×19) 234 p. br. 7$ — José Olímpio, Rio.
PICCHIA, Menotti del — *Kummunká* (13×19) 296 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio.
PILLA, P. Eugenio — *Alma por Alma* — (13×19) 368 p. br. 10$ — Cruzada da Boa Imprensa, Rio (trad.).
PINHEIRO, Aurélio — *Em Busca do Ouro* — (13×19) 258 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.
PORTER, Henny — *Meu casamento* (trad. de A. S. Costa) (13×19) 132 p. br. 4$ — Mandarino & Molinari.
QUEIROZ, Amadeu de — *A Voz da Terra* — (13×19) 152 p. br. 6$ — Cultura Brasileira, São-Paulo (2.a ed.).
RAMBAUD, Yveling — *Crime de Amar* — (10×14) 264 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo. (trad.).
RAMOS, Graciliano — *São-Bernardo* (13×19) 256 p. br. 7$ — José Olímpio (2.a ed.).
RAMOS, Graciliano — *Vidas Secas* (13×19) 200 p. br. 6$ — José Olímpio, Rio.
REED, Myrtle — *Cinzas do Passado* (13×19) 216 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (trad.).

REGO, José Lins do — *Pedra Bonita* (13×19) 376 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

REIS, Carlos Humberto — *Zabi* (13×20) 120 p. il. br. 5$ — Norte Ed., Rio.

ROCHESTER, J. W. — *A Vingança do Judeu* (13×19) 484 p. br. 8$ — Liv. Ed. Federação Espirita, Rio (7.ª ed.).

RODRIGUES Manuel M. — *Rosa do Adro* — (10×24) 256 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo.

RODRIGUES, Sílvio — *... e a peça continua* (13×19) 192 p. br. 7$ — Schmidt Ed., Rio.

ROHMER, Sax — *A Mão Decepada* — Trad. Lídia Brockmann (13×19) 202 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

ROHMER, Sax — *Sombras Amarelas* — Trad. de Leonel Valandro (13×19) 252 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

RUCK, Berta — *Apuros de Uma Rica Herdeira* (13×19) 240 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (trad.).

RUCK, Berta — *Medo de Amor* (13×19) 224 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

SEGUR, Nicolas — *A Flor do Mal* (13×19) 164 p. br. 6$ — Civilização Brasileira, Rio (trad.)

SEGUR, Nicolas — *Mistério Carnal* (13×19) 200 p. br. 6$ — Vecchi Ed., Rio (trad).

SETTE, Mário — *Os Azevedos do Poço* — (13×19) 350 p. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

SILVEIRA, Celestino — *Moleque de Rua* — (14×19) 240 p. br. 6$ — Cia. Civilização Brasileira, Rio.

SOUSA, J. B. Melo e — *Majupira* (13×19) 670 p. il. br. 10$ — Pongetti, Rio.

SUE, Eugênio — *Os Mistérios de Paris* — 2 vols. (17×24) 758 p. il. br. 16$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo (trad.).

TAHAN, Malba — *O Homem que Calculava* (17×24) 232 p. il. br. 12$ Ed. A. B. C., Rio.

TERRAIL, Ponson du — *Ninho de Amor* — Nossa Coleção, 5 — (10×14) 246 p. br. 2$ — Emp. Ed. Brasileira, São-Paulo (trad.).

TERRAIL, Ponson du — *O Juramento dos Homens Vermelhos*, 2 vols. (10×20) 320 p. br. 4$ — Civilização Brasileira, Rio (trad.).

TOMAZ, Joaquim — *As Confissões de uma Solteira* (14×20) 242 p. br. 5$ — Ed. do Pen Club — Liv. Ganabara, Rio.

VARALDO, Alexandre — *A Gata Persa*, col. amarela, 59 (13×19) 240 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

VERÍSSIMO, Érico — *Olhai os Lirios do Campo* (14×20) 304 p. br. 8$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª ed.).

VERNE, J. — *A Terra Submersa* — Trad. de Emílio Sampaio — Ilustr. de Gutierrez — (6×22) 100 p. cart. 5$ — Cultura Moderna, São Paulo.

VIEIRA, José — *Espelho de Casados* — (13×19) 260 p. br. 8$ — José Olímpio, Rio.

WALLACE, Edgar — *O caso da Dama Apavorada* — Col. Amarela, 60 (13×19) 240 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

WALLACE, Edgar — *A Fita Verde* — Col. Amarela, 67 (13×19) 202 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

WALLACE, Edgar — *O Mistério do "Polyantha"* — Trad. de Lília Guaspari (13×19) 216 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

WALLACE, Edgar — *O Sineiro* (13×19) 272 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre)2.ª ed. trad.).

WALLACE, Edgar — *A Volta do Sineiro* — Trad. de Lília Guaspari (13×19) 212 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

WALLACE, Lewis — *Ben-Hur* (13×19) 368 p. br. 8$ — Briguiet, Rio (2.ª ed. trad.).

WELLS, Carolyn — *Os 3 Punhais* (13×19) 276 p. br. 5$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

WILDE, Oscar — *O Retrato de Dorian Gray* — Trad. de Januário Leite (13×19) 288 p. br. 7$ — Oscar Mano, Rio (3.ª ed.).

WILM, A. — *O Rosário de Coral* (13×19) 26 p. br. 4$ — Liv. da Fed. Espirita, Rio (2.ª ed. trad.).

WOOD, Mrs. Henry — *O Pecado de Lady Isabel* (13×19) 280 p. br. 4$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

WREN, P. C. — *Areias Ardentes* (13×19) 304 p. br. 5$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

ZOLA, Emilio — *Naná* (13×19) 436 p. br. 10$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo (trad.).

TEATRO:

ALMEIDA, Mauro de — *Ondas Teatrais* — (13×19) 160 p. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

ASSIS, Machado de — *Crítica Teatral* — (14×20) 322 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª edição).

ASSIS, Machado de — *Teatro* (14×20) 482 p. br. 12$ — W. M. Jackson, Rio (3.ª edição).

CORREIA, Viriato — *Marquesa de Santos* (comédia histórica) em 3 atos (13×19) 96 p. br. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.

DOWELL, Paulo Mac — *Vingança Impossivel* (comédia em 4 atos) (13×19) 108 p. br. 4$ — Ed. do Autor, Rio.

FORNARI, Ernani — *Nada!...* (Drama em 4 atos) (13×19) 130 p. br. 6$ — Brasília Ed., Rio.

IGLESIAS, Luiz — *O Último Guilherme*, (comédia em 3 atos) (13×19) 132 p. br. 5$ — Minha Livraria, Rio.

LIMA, Durval de Magalhães — *Os Mestres Cantores de Nuremberg* (comédia em 3 atos) (13×19) 46 p. br. 3$ — Est. Gr. Muntz, Rio.

MAGALHÃES JUNIOR — *Mentirosa* (comédia em 3 atos) (13×19) 112 p. br. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.

MORAIS, Jaime — *Um Pulo na Vida* (comédia em 3 atos) (10×15) 64 p. br. 3$ — Est. Gr. Barreto & Carbone, Rio.

TOJEIRO, Gastão — *O "Tenente" era o Porteiro* — Col. Teatro Brasileiro, 36 (10×14) 96 p. br. 2$ — Ed. da S. B. A. T., Rio.

CIÊNCIAS MATEMATICAS, FÍSICAS E NATURAIS:

A. L. C. M. — *Tábua de Logaritmos e Formulário de Matemática* (14×20) 40 p. cart. 4$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

BARBOSA, João Correia — *Elementos de Quimica Toxicológica* (14×20) 384 p. cart. 20$ — Zélio Valverde, Rio.

BARROSO, Osvaldo — *Farmácia Química* — (14×20) 190 p. enc. 15$ — Liv. Alves, Rio.
CAPANEMA, Julieta — *Matemática, Mil Problemas* (17×24) 354 p. cart. 15$ — Canton & Reile, Rio.
CARVALHO, Tales Melo — *Curiosidades Matemáticas* — Col. Portatil, 5 (10×14) 64 p. 2$ R. J. Botkin, Rio.
CAVALHEIRO e NICOLAU ANGELINO, Luiz — *Física*, 5.ª série (14×20) 352 p. il. cart. 10$ — Saraiva, São-Paulo.
CAVALHEIRO e NICOLAU ANGELINO, Luiz — *Física*, 4.ª série (14×20) 326 p. il. cart. 10$ — Saraiva, São-Paulo.
CAVALHEIRO e NICOLAU ANGELINO, Luiz — *Física*, 3.ª série (14×20) 172 p. il. cart. 7$ — Saraiva, São-Paulo.
CAVALHEIRO e NICOLAU ANGELINO, Luiz — *Ciência Físicas e Naturais*, 1.ª série (14×20) 204 p. cart. 8$ Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.
CESARINO, Mário A. — *Calculador Rápido* (32×22) 16 p. br. 5$ — Oscar Mano, Rio (Est. Gr. Cruzeiro do Sul, São-Paulo.
CHOLLET, M. — *Tábuas de Logaritmos a Cinco Decimais* (13×19) 332 p. enc. 15$ — Briguiet, Rio (4.ª ed.).
COSTA, Carlos — *História Natural*, 5.ª série ginasial (14×20) 480 p. cart. 15$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.
COSTA e CARLOS PASCUALE, Carlos — *Química*, 5.ª série (14×20) 500 p. il. cart. 16$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.
COUTO, Roberto M. — *A Questão do Ferro* (13×19) 120 p. br. 5$ — Graf. Olímpica, Ed., Rio.

DÉCOURT, Paulo — *Noções de História Natural*, 4.ª série (15×22) il. cart. 15$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Naturais*, 1.º vol. (14×20) 120 p. cart. 3$ — J. R. de Oliveira, Rio.
ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Naturais*, 2.º vol. (14×20) 122 p. cart. 3$500 — J. R. de Oliveira, Rio.
ESPINHEIRA, Ariosto — *Ciências Naturais*, 3.º vol. (14×20) 128 p. cart. 4$ — J. R. de Oliveira, Rio.
FACCINI, Mário — *Ciências Físicas e Naturais*, 1.ª série (13×19) 240 p. il. cart. 7$ — Briguiet, Rio.
FACCINI, Mário — *Ciências Físicas e Naturais*, 2.ª série (13×19) 260 p. il. cart. 7$ — Briguiet, Rio.
FREITAS, Anibal de — *Curso de Física*, 5.ª série (15×22) 680 p. il. cart. 20$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
GIL, Arí de Menezes — *Compêndio de Raças Caninas* (15×22) 110 p. il. 15$ — Ed. do Autor.
HASSELMANN, Djalma — *Lições Elementares de Química* (17×24) 158 p. il. cart. 14$ — Liv. Alves, Rio (5.ª ed.).
LEINZ, Viktor — *Tabela de Determinação de Minerais* (32×16) 40 p. br. 10$ — Of. Gr. A Encadernadora, Rio.
LEMOINE e J. GUYOT, J. — *Curso de Física*, 1.º vol. (15×22) 476 p. il. cart. 25$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).
LIESEGANG, Rafael Eduard — *Cartilha dos Colóides para Médicos, Biologistas e Bioquímicos* (14×20) 100 p. br. 8$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.
MAEDER, Algacir Munhoz — *Lições de Matemática*, 1.º ano (15×22) 364 p. cart. 12$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo (3.ª ed.).
MENEZES, Luiz — *História Universal*, 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª séries (14×20) 210, 288, 310 390 p. il. cart. 7$, 7$, 9$ e 10$ — Saraiva, São-Paulo.
MESQUITA, M. Vieira de — *Pontos de Química Analítica, Problemas* (17×24) 108 p. br. 10$ — Rev. de Ed. e Saude, Rio.
PASSOS, Celina de Morais — *Noções sobre Química Alimentar* (14×20) 168 p. il. br. 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.
PEIXOTO, Roberto — *Elementos de Geometria Analítica*, 1.ª parte (17×24) 180 p. br. 15$ — Oscar Mano, Rio.
PEIXOTO, Roberto — *Questiúnculas de Matemática*, 1.ª série (17×24) 54 p. br. 3$ — Oscar Mano, Rio.
PEIXOTO, Roberto — *Elementos de Geometria Analítica*, 2.ª parte (17×24) 142 p. br. 12$ — Oscar Mano., Rio.
PEIXOTO, Roberto — *Elementos de Cálculo Vectorial* (17×24) 92 p. br. 8$ — Oscar Mano, Rio.
PEREIRA, Lafayette — *Ciências Físicas e Naturais* (14×20) 200 p. il. cart. 12$ — Ed. Alba, Rio (4.ª edição).
POCH, Aristóteles — *Lições de Física*, 3.ª série (13×19) 120 p. il. cart. 8$ — Brigiet ,Rio.
PRADO, Artur do — *Elementos de Físico-Quí-*

mica (16×23) 496 p. il. br. 35$ — Est. Gr. A Encadernadora, Rio.

PROVENZANO, Milton Ítalo — *Noções de Citologia* (15×22) 140 p. il. br. 15$ — Ed. Patrocinada pelo D. A.

PUIG — S. J., Pe. Ignacio — *Química Prática* (15×22) 488 p. il. cart. 18$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

QUEIROZ, Agenor T. — *Metalurgia e Química Aplicada* (15×22) 310 p. il. cart. 2$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

RAMBO, S. J., Pe. Balduino — *Elementos de História Natural* (15×22) 454 p. il. cart. 14$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

REIS, O. de Sousa — *Noções Elementares de Geofísica* (13×19) 180 p. br .8$ — Paulo de Azevedo & Cia., Rio.

SERRÃO, A. — *Lições de Álgebra Superior* (19×28) 76 p. br. 25$ — Ed. do Autor, Rio.

SERRÃO, A. — *Lições de Álgebra Elementar* (14×20) 360 p. cart. 15$ — J. R. de Oliveira, Rio.

SOUSA e IRENE DE ALBUQUERQUE, Melo e — *Matemática Facil e Atraente* (13×19) 128 p. il. br. 3$ — Ed. A. B. C., Rio.

STÁVALE, Jacomo — *Exercícios de Matemática*, 4.° ano (13×19) 90 p. br. 5$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

VIEIRA, Ricardo Rodrigues — *Problemas de Química, Curso Ginasial* (14×20) 170 p. cart. 5$ — Brasília, Ed., Rio.

CIÊNCIAS APLICADAS: — Tecnologia, Indústria, Profissões, Agricultura, Comércio, Finanças, Economia Doméstica.

AGUIAR, Audifax — *Administração e Trabalho* (15×22) 100 p. br. 3$ — Ed. do Autor.

AISBERG, E. — *O Rádio em 16 Palestras* (15×22) 170 p. il. br. 12$ — Pongetti, Rio (trad. 2.ª ed.).

ALDERSON, Louise — *Problemas Domésticos para Empregadas* (13×19) 224 p. br. 6$ — Inst. de Ciências Domésticas — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

AMETISTA — *Gulodices* (13×19) 192 p. br. 8$ — Tip. Barreto, Rio.

ANDRADE, Renato — *Conheça Seu Rádio* (13×19) 120 p. br. il. 6$ — H. Antunes, Rio.

AZZI, Girolano — *O Meio Físico e a Produção Agrária* (17×24) 526 p. br. 35$ — A Encadernadora, Rio.

BATITUCCI, José Soares — *Estudos de Balanços* (17×24) 86 p. br. 7$ — Cia. Dias Cardoso, Juiz-de-Fora, Minas.

BERGER, Leopoldo — *Manual Prático e Ilustrado do Encadernador* (14×19) 118 p. il. br. 8$ — Zélio Valverde, Rio.

BOUCHARDET, Joanny — *Secas e Irrigação* (13×19) 196 p. br. 6$ — Of. Gr. Papelaria Imperial, Rio-Branco — Minas.

COSTA, Alexandre da — *A Imprensa, Sua Ética, sua Técnica* (13×19) 332 p. il. br. 12$ — Ed. A. B. C., Rio.

CUOCO, Antônio — *Manual de Ciência das Finanças* (14×20) 64 p. br. 6$ — Saraiva, São Paulo.

LIMA, Ed. — *Eletricidade sem Mestre* (14×20) 350 p. il. br. 13$ — Cia. Ed. Nacional — São Paulo.

LOBO, Ary Maurell — *Desenho Técnico*, 1.° vol. (19×29) 300 p. il. enc. 100$ — Ed. do Autor, Rio.

MAIA, Leonardo — *Angarion, O Correio e a Economia* (Ensaio do Serviço Postal Comparado) (17×24) 268 p. br. 15$ — Moura Fontes & Flores, Rio.

MARIA, Rosa — *A Arte de Comer Bem* — (17×24) 544 p. cart. 14$ — Bedescchi, Rio (9.ª edição).

NEVES, Domingos — *O Meu Secretário* — (14×20) 260 p. cart. 10$ — A Noite Ed., Rio.

NEVES, Domingos — *Inventários e Balanços ou Técnica dos Balanços* (14×20) 90 p. enc. 5$ — Liv. Antunes, Rio.

NEVES, Luiz M. Baeta — *Tecnologia da Fabricação do Alcool* (17×24) 320 p. il. br. 50$ Rev. Brasileira de Química, São-Paulo.

OTTONI, Cristiano Benedito — *O Futuro das Estradas de Ferro do Brasil* (13×19) 188 p. br. 6$ — Pongetti, Rio (2.ª edição).

OLIVEIRA, Oscar Lindholm — *Tecnologia e Cálculo dos Trabalhos em Ferro e Madeira* — (14×20) 518 p. il. br. 30$ — Emp. Ed. Brasileira — São-Paulo.

PEREIRA, N. — *Como Concertar um Aparelho de Rádio* (13×19) 128 p. il. br. 6$ — Liv. Antunes, Rio.

SANTOS, Helena — *A Cozinha dos Doentes e dos Convalescentes* (13×19) 176 p. br. il. 7$ — Pongetti, Rio.

SILVA, Raul Ribeiro da — *Industria Siderurgica e Exportação de Minério de Ferro* (19×28) 10$ p. il. br. 8$ — Ed. do Autor, Rio.

SOUSA, Elói de — *O Calvário das Secas* — (15×21) 210 p. br. 6$ — Imprensa Oficial — Natal.

VÁRZEA, Afonso — *História do Comércio* — (17×23) 540 p. il. cart. 18$ — Paulo de Azevedo, Rio.

VASCOWA, E. Goetze — *Seja Bela!* — Bibl. da Dona de Casa n. 1 (15×20) 86 p. il. 10$ — Liv. Edanee — São-Paulo.

WATSON, Douglas L. — *Publicidade* — Col. Portatil, 8 (10×14) 94 p. br. 3$ — R. J. Botkin, Rio.

CIÊNCIAS APLICADAS: — Medicina:

ALBERNAZ, Paulo Mangabeira — *Oto-Rino Laringologia Prática* (14×20) 200 p. il. enc. 20$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (3.ª edição).

ABREU, Manuel de — *Recenseamento Torácico* (17×24) 170 p. 40 planchas, br. 15$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

AMATO, GUGLIELMO e PERIN, D' — *Doenças do Fígado, Pâncreas e Vias Biliares* (tratado de Medicina italiano, XII vol. (17×24) 268 p. il. enc. 35$ — Calvino & Melo, Rio (trad.).

AUSTREGÉSILO, A. — *Pequenos Males* — (13×19) 208 p. br. 6$ — Liv. Guanabara, Rio (5.ª edição).

AUSTREGÉSILO, A. — *As Psiconeuroses* — (13×19) 224 p. br. 6$ — Guanabara, Rio (2.ª edição).

BATISTA, Vicente — *Dietética Infantil* — (16×23) 492 p. br. 30$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo (2.ª edição).

BARRETO, João de Barros — *Mortalidade Infantil* (15×22) 156 p. il. br. 10$ — Liv. do Globo, Porto Alegre.

BECKMAN, Harry — *Terapêutica Clínica*, 2.ª parte (15×22) 370 p. br. 40$ enc. 50$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

BERARDINELLI, Valdemar — *Análises e Sínteses* (13×19) 200 p. br. 10$ — Oscar Mano, Rio.

BIEHLER, Matilde de — *Elementos de Diagnósticos de Doenças Infantis* (trad.) (17×24) 308 p. il. br. 30$ — Oscar Mano, Rio.

BOTELHO, Talino — *Breviário Alimentar do Obeso* (15×22) 136 p. il. br. 10$ — Vecchi Ed., Rio.

BRUGSCH, Th. — *Tratado de Patologia Médica*, 2 vols. (17×24) 1840 p. enc. 180$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

CHAVES, Nelson — *Hipertiroidismo* (14×20) 112 p. br. 10$ — Cia. Melhoramentos de São Paulo.

CLARK e COLABORADORES, Oscar — *Hematologia* (14×20) 392 p. il. enc. 35$ — Calvino & Melo, Rio.

CLARK, Oscar — *Remédios, fatores da Civilização* (13×19) 188 p. il. br. 10$ — Canton & Reile, Rio.

CORDOVIL, Aldo — *Hora Médica do Brasil* — Medicina e Cirurgia de Urgência — 1.º fasc. 15 aulas (16×23) 154 p. br. 15$ — Separata dos Trabalhos Irradiados pela Hora Médica do Brasil, Rio.

COSTA, Clovis Correia da — *Lições de Clínica Obstétrica* (17×24) 624 p. il. br. 40$ e enc. 45$ — Livr. Moura, Rio (2.ª edição).

COSTA, Dante — *Bases da Alimentação Racional* (13×19) 256 p. il. br. 7$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

COUTO, Miguel — *Medicina e Cultura*, II vol. (13×19) 230 p. br. 8$ — Oscar Mano, Rio.

COUTO, Miguel — *Medicina e Cultura*, III vol. (13×19) 170 p. br. 8$ — Oscar Mano, Rio.

DIAS, Anes — *Lições de Clínica Médica*, 6.ª série (17×24) 321 p. il. br. 35$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

DIAS e SEUS ASSISTENTES, Anes — *Metabologia Clínica*, 2.º vol. (17×24) 196 p. il. br. 25$, enc. 30$ — Oscar Mano, Rio.

DUPLAY, Rochard, Demoulin, e Stern — *Tratado de Diagnóstico Cirúrgico* (17×24) 1142 p. il. enc. 130$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

FAVERO, Flamínio — *Medicina Legal* — (17×24) 914 p. il. br. 80$ — Saraiva, São-Paulo.

FERRARI, Antonino — *Manual Clínico, Terapêutico e Profilático* (14×19) 286 p. br. 30$ — Tip. Jornal do Brasil, Rio (2.ª edição).

FERREIRA, Alvaro Barcelos — *Lições de Clínica Médica Propedêutica* — Parte Geral — (15×22) 386 p. il. cart. 20$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

FIGUEIREDO, Gastão de — *Como Prospera o Bebê* (17×24) 78 p. il. br. 8$ — Briguiet, Rio.

FUMAROLA, Gioacchino — *Doenças do Sistema Nervoso* 1.ª parte, Trat. de Med. Italiano, VII vol. (17×24) 132 p. il. enc. 20$ — Calvino & Melo, Rio (trad.).

GLEY, E. — *Tratado de Fisiologia* (17×24) 1114 p. il. enc. 120$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

GODÓI, Paulo de — *Evolução Genital da Mulher* (17×24) 62 p. br. 5$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.

GODÓI, Paulo de — *A Blenorragia na Mulher* (17×24) 70 p. br. 5$ — Cultura Moderna, São Paulo.

GOMES, Carlos — *Tratado Prático de Terapêutica Odontológica* (14×20) 252 p. br. 15$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

GOUVEIA, Almeida — *Higiene Social do Nascimento* (tramautismo Físio-social do Nascimento) (16×22) 118 p. br. 8$ — Imprensa Vitória, Baía.

GUENIOT, A. — *A Arte de Prolongar Nossos Dias ou Viver um Século* (13×19) 184 p. br. 5$ — Oscar Mano, Rio (trad. 2.ª ed.).

GUSMÃO, Humberto — *Porque as Mulheres Envelhecem* (14×20) 192 p. br. 10$ — Of. de José Magalhães, São-Paulo.

IRAJÁ, Hernani de — *Sexo e Beleza* (14×20) 208 p. il. br. 15$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

KAYNES e FERGUSON — *Manual de Urologia* (17×24) 694 p. il. enc. 120$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

KEHL e MONTEIRO — *O Médico no Lar* —

(14×20) 556 p. il. cart. 8$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo (3.ª ed.).

KRUIF, Paul de — *A Luta Contra a Morte* — Trad. de Marques Rebelo (15×22) 314 p. il. br. 15$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

LAGES, Lily — *Novos Rumos da Oto-Rino-Laringologia* (17×24) 200 p. br. 25$ — José Olimpio, Rio.

LEWIS, Thomas — *Moléstias do Coração* — (14×20) 398 p. enc. 35$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo. (trad.).

LIMA FILHO, Acilino de — *Asma Brônquica, Patogenia e Tratamento* (16×23) 80 p. br. 8$ — Rev. Medico Cirúrgica do Brasil, Rio.

LOBO, Francisco Bruno — *As Amigdalas Palatinas* (17×24) 88 p. il. br. 17$ — Ed. Alba, Rio.

LOBO, Bruno — *Microbiologia* (17×24) 520 p. il. br. 50$ — A. Coelho Branco, F., Rio (2.ª edição).

MACHADO, Nery — *Manual Prático de Ginecologia* (17×24) 340 p. enc. 50$ — Liv. Médica, Rio.

MACHADO, Renato — *Noções de Oto-Rino-Laringologia* (17×24) 256 p. il. br. 30$ — Oscar Mano, Rio.

MENDONÇA, Sálvio — *Noções Práticas de Alimentação* (17×24) 116 p. il. br. 15$ — Oscar Mano, Rio.

MEREJE, J. Rodrigues de — *Manual de Prótese e Mecânica Dentária* (14×20) 184 p. il. cart. 12$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MICKS, R. H. — *Noções indispensáveis de Matéria Médica — Farmacologia e Terapêutica* (14×20) 424 p. enc. 35$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (trad.).

MIRANDA, A. Higino de — *Prática Ginecológica* (17×24) 388 p. il. enc. 50$ — Briguiet, Rio.

MORAIS, Arnaldo de — *Sã Maternidade* — (17×24) 152 p. il. br. 12$ — Paulo de Azevedo, Rio (2.ª ed.).

MOREIRA, A. A. Santos — *Formulário de Terapêutica Infantil* (17×24) 530 p. br. 30$ — Pimenta de Melo, Rio (5.ª ed.).

NOVAK, Emil — *O que a Mulher pergunta ao Médico* (14×20) 160 p. br. 6$ — enc. 9$ — Civ. Brasileira, Rio.

PACHECO FILHO, Renato — *Traumatismos Crânio-Encefalicos* (16×23) 242 p. il. br. 12$ — Rev. Medico Cirúrgica do Brasil, Rio.

PAMPLONA e RUBENS DE SIQUEIRA, Artidônio — *Manual de Terapêutica Geral* (15×22) 412 p. br. 40$ enc. 45$ — Liv. Médica, Rio.

PARDELAS, Rafael G. — *Da Endocardite Maligna e seu Tratamento* (19×28) 174 p. il. enc. 25$ — Liv. Alves, Rio.

PAULINO, Augusto — *Patologia Cirúrgica*, tomo I (17×24) 634 p. il. enc. 60$ — Briguiet, Rio (2.ª ed.).

PEIXOTO, Afrânio — *Novos Rumos da Medicina Legal* (14×20) 224 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (3.ª edição).

PEIXOTO, Afrânio — *Clima e Saude* — Brasiliana, 129 (13×19) 296 p. il. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

PEIXOTO, Afrânio — *Higiene* (15×22) 2 vols. 850 p. enc. 50$, il. — Paulo de Azevedo & C., Rio (6.ª edição).

PEREIRA, Capistrano — *Elementos de Oto-Rino-Laringologia*, 1.º vol. — Doenças dos Ouvidos (14×20) 432 p. il. enc. 32$ — Calvino & Melo, Rio.

PIERO e LUTERO VARGAS, Fioravanti Di — *Semiologia Radiológica Cárdio Vascular* — (17×24) 368 p. il. br. 30$ — Pongetti, Rio.

PINTO, Pedro A. — *Dicionário de Termos Médicos* (17×24) 344 p. br. 30$ — Paulo de Azevedo & Cia., Rio (2.ª edição).

PINTO, Cesar — *Zoo-parasitos de Interesse Médico e Veterinário* (19×28) 382 p. il. br. 70$ — Pimenta de Melo, Rio.

PÓVOA e VALDEMAR BERARDINELLI, Helion — *Três Sistemas* — Retículo Endotelial, Lacunar, Capilar (14×20) 190 p. br. 12$ — Oscar Mano, Rio.

QUEIROZ, Leôncio de — *Moléstias dos Lactentes e seu Tratamento* (17×24) 690 p. il. cart. 70$ — Cultura Moderna, São-Paulo (3.ª edição).

QUINET, Antônio A. — *Histo-Fisiologia do Ciclo Menstrual* — Tese (18×24) 122 p. il. br. 12$ — Of. Gr. A Noite Ed., Rio.

RALPH, J. — *Conhece-te pela Psicanálise* — (13×19) 306 p. br. br. 10$ — José Olímpio, Rio (3.ª edição).

RAMOND, Louis — *Lições de Quimica Médica* 1.ª série (17×24) 324 p. br. 30$, enc. 40$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

RAMOND, Louis — *Lições de Quimica Médica*, 2.ª série (17×24) 318 p. br. 30$, enc. 40$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

RAMOND, Louis — *Lições de Clínica Médica*, 3.ª série (17×24) 302 p. br. 30$, enc. 40$ — Liv. Guanabara, Rio (trad.).

REGNAULT, Jules — *Menino ou Menina?* — (15×22) 270 p. il. br. 12$ — Vecchi, Ed., Rio (trad.).

RESENDE, Adauto de — *Como Criar Nossos Filhos* — Col. Portatil, 11 (10×14) 94 p. br. 3$ — R. J. Botkin, Rio.

RIBEIRO, Leonídio — *Homosexualismo e Endocrinologia* (17×24) 248 p. br. 25$ — il. Paulo de Azevedo & Cia., Rio.

RODRIGUES, F. Vitor — *A Biopsia do Endômetro* (17×24) 94 p. il. br. 20$ — Graf. Sauer, Rio.

ROMEIRO, Vieira — *Formulário Clinico do Médico Prático*, vol. 2 (15×22) 1290 p. br. 70$ — Pimenta de Melo, Rio.

ROSSI, Otorino — *Doenças dos Nervos Periféricos* — *Tratado de Medicina Italiano*, IX vol. (17×24) 312 p. il. enc. 35$ — Calvino & Melo, Rio (trad.).

SALGADO, Clovis — *Elementos de diagnóstico ginecológico* — (17×24) il. enc. 35$ — Calvino & Melo, Rio.

SANKARA — *A Memória em 12 lições* (13×19) 130 p. br. 4$ — Oscar Mano, Rio (2.ª edição trad.).

SANTOS, Licínio — *Afecções do Figado e Vias Biliares* (15×22) 234 p. cart. 18$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

SILVA, Augusto Lins e — *Estudos de Medicina Legal* (17×24) 184 p. br. 12$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

SILVA JÚNIOR, Olegário da — *Infecções por*

Anaerobios com os Animais (17×24) 56 p. br. 5$ — Of. Gr. Jornal do Brasil, Rio.

SILVA, Osvaldo Brandão da — *Iniciação Sexual Educacional* (13×19) 128 p. br. 5$ — Ed. A. B. C., Rio.

SODRÉ, José Paulo de Azevedo — *O Pneumo-Peritônio Acidental na Síndrome Abdominal*

Aguda (15×22) 70 p. il. br. 15$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

TASHI, Yoritomo — *A Timidez Vencida em 12 lições* (13×19) 138 p. br. 4$ — Oscar Mano, Rio (trad. 3.ª edição).

TORRES, Ambrósio Manuel — *Manual Teórico e Prático de Educação Física* (15×22) 206 p. il. br. 20$ — Ed. Minerva, Rio.

TOTTA, Mário — *O Médico em Casa, Preceitos de Higiene* (14×20) 160 p. br. 8$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

URSTEIN, Maurício — *Criminalidade e Psicose* (17×24) 292 p. br. 15$ — A. Coelho Branco F. — Rio.

VASCONCELOS e SILVEIRA SAMPAIO, J. Freire de — *Problemas Médicos Sociais da Infância* — O Comércio das Criadeiras (15×22) 274 p. il. br. 15$ — Liv. Odeon Ed., Rio.

VILELA e J. BARBOSA QUENTAL, Gilberto G. — *Hormônios* (15×22) 148 p. il. br. 20$, enc. 25$ — Liv. Odeon, Ed., Rio.

WELTON, Thurston Scott — *Da Limitação dos Filhos* (14×20) 190 p. il. enc. 15$ — Civilização Brasileira, Rio (trad. 2.ª ed.).

WRIGHT, Samson — *Fisiologia Aplicada* — Trad. de José Fernandes Torres e Nery Machado (15×22) 866 p. il. enc. 120$ — Liv. Médica, Rio.

ZBINDEN, H. — *Conselhos aos Nervosos e as Suas Famílias* (13×19) 164 p. br. 5$ — Civilização Brasileira, Ed. Rio (2.ª ed.).

BELAS ARTES, ESPORTES, JOGOS E DIVERTIMENTOS:

ACQUARONE, F. — *História da Arte no Brasil* — Desenhos do Autor (17×24) 276 p. cart. 20$ — Oscar Mano, Rio.

ALBUQUERQUE, A. Tenório d' — *Pugilismo* (Box, Jiu-jitsu, Luta Livre, Catch-as Catch-can) (15×20) 192 p. il. br. 8$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

BOAVENTURA, A. — *Boito e a sua Arte Requintada* (14×20) 176 p. br. 7$ — Cultura Moderna, São-Paulo.

CABRERIZO, Luiz — *Manual do Xadrez* — (14×20) 256 p. il. br. — Ed. Pub. Brasil — São-Paulo.

GUASPARI, Sílvia — *Primeira Jornada no Reino da Música*, 1.º ano da Teoria Musical explicada à Infancia (15×22) 192 p. il. cart. 12$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

HARGREAVES, Charles — *Volley-Ball* — (10×14) 112 p. il. br. 5$ — Cia. Brasil Ed., Rio (trad.).

LIRA, Mariza — *Brasil Sonoro* (13×19) 318 p. br. 7$ — A Noite, Ed., Rio.

LOTUFO, João — *Ensinando a Nadar* (10×14) 180 p. br. il. 7$ — Cia. Brasil, Ed., Rio.

LOTUFO, João — *Técnica de Basketball* — (14×19) 120 p. il. br. 5$ — Cia. Brasil Ed., Rio.

MALTA, Eduardo — *Retratos e Retratados* (Intróito, Perguntas e Repostas por Luiz Norton) (18×23) 190 p. il. br. 20$ — A Noite Ed., Rio.

MATOS, Vitor de — *Foot-ball* (10×14) 136 p. il. br. 3$ — Liv. do Globo — Porto-Alegre.

MATOS, Vitor de — *Saltos e Lançamentos* (10×14) 130 p. il. br. 3$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

MAZZONI, Tomaz — *O Brasil na Taça do*

Mundo (13×19) 176 p. il. br. 5$ — Ed. e Pub. Brasil — São-Paulo.

MELO JÚNIOR — *Novas Regras de Basket-ball* (13×19) 134 p. il. br. 5$ — Tip. Jornal do Comércio, Rio.

MENDONÇA, Iolanda — *A Arte dos Surdos-Mudos* (Ensaio psicanalítico) (14×20 118 p. il. br. 7$ — Norte Ed., Rio.

PASTORINO, Carlos Torres — *Pequena História da Música* — Coleção Portatil, 13 (10×14) 94 p. br. 3$ — R. J. Botkin, Rio.

PEIXOTO, J. — *Tratado Completo de Prestidigitação e Ilusionismo* (17×24) 400 p. enc. 40$ — Emp. Ed. Brasileira — São-Paulo.

POST, Franz — *Seus Quadros Brasileiros* — (19×28) 100 p. il. br. 10$ — José Olímpio, Rio.

RAMOS, Mario Marques — *Basket-Ball* — (10×14) 136 p. il. br. 3$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

RAMOS, Mario Marques — *Veraneio nas Praias* (10×14) 136 p. il. br. 30$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

SILVA, Lafayette — *História do Teatro Brasileiro* — Col. Bras. de Teatro, série de Estudos sobre Teatro, vol. I (17×24) 490 p. br. 4$ Ministério da Educação e Saude, Rio.

SOUSA, Antonieta de — *Lições de Dicção* — (13×19) 120 p. br. 10$ — Tip. Jornal do Comercio, Rio.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA:

ACCIOLY, Hildebrando — *Limites do Brasil* (A Fronteira com o Paraguai) Col. Brasiliana, 131 (13×19) 150 p. il. br. 10$ — Cia. Editora Nacional, São-Paulo.

AGASSIZ e ELISABETH CARY AGASSIZ, Luiz — *Viagem ao Brasil* (1865-1866) Brasiliana, 95 (13×19) 656 p. il. br. 18$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

ARRUDA, Gabriel Pinto de — *Um trecho do Oeste Brasileiro* — São-Luiz-de-Caceres — Mato Grosso (17×24) 226 p. il. br. 20$ — Civilização Brasileira.

BARRO, Homem de — *Como eu vi Buenos-Aires* (13×19) 210 p. br. 8$ — Tip. Jornal do Comercio, Rio.

BARROSO, Gustavo — *História Secreta do Brasil* 3.a parte (13×19) il. br. 12$ — Civilização Brasileira, Rio.

BRASILEIRO, Francisco — *Na Serra do Roncador* (A Vanguarda da Bandeira Anhanguera) (13×19) 252 p. il. br. 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

CALADO, Armando — *A História para Todos* (Episódios Vários da História) (13×19) 168 p. br. 5$ — Cultura Brasileira, São-Paulo.

CALÓGERAS, Pandiá — *Formação Histórica do Brasil* — Brasiliana, 42 (13×19) 448 p. br. 15$ — Cia. Ed. Nacional, S. Paulo (3.a ed.).

CAMELLO, C. Nery — *Viagens na Nossa Terra* (13×19) 282 p. il. br. 6$ — A Noite Ed., Rio.

CARDOSO, Vicente Licínio — *A Margem da História do Brasil* (Livro Póstumo) Brasiliana, 13 (13×19) 260 p. br. 8$ — Cia. Ed. Nacional São-Paulo.

CARVALHO, Delgado de — *Geografia do Brasil* (15×22) 502 p. cart. 12$ — Liv. Alves, Rio (9.a edição).

CASCUDO, Luiz da Câmara — *O Marquês de Olinda e seu Tempo*, 1793-1870 — Brasiliana, 107 (13×19) 352 p. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

COLLOR, Lindolfo — *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* (15×22) 504 p. il. br. 25$ — José Olímpio, Rio.

CUNHA, Tte. Cel. Maurílio da — *Geografia Elementar ao alcance de todos* (14×20) 100 p. br. 5$ — Liv. Alves, Rio.

CUNHA, Ovídio — *O Homem e a Paisagem* (13×19) 208 p. br. 8$ — il. — Pongetti, Rio.

ENES, Ernesto — *As Guerras nos Palmares*, 1.° vol. — Domingos Jorge Velho e a Tróia Negra 1687-1709 — Brasiliana, 127 (13×19) 504 p. br. 13$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

EPIAGA, R. — *Mistérios da Pré-história Americana* (13×19) 148 p. br. 5$ — Of. Gr. Alba, Rio.

FIGUEIREDO, Lima — *Terras de Mato-Grosso e da Amazônia* (13×19) 348 p. il. br. 10$ — A Noite Ed., Rio.

GOMES, Alfredo — *Compêndio da História da America e do Brasil*, 2.a e 3.a séries (14×20) 214 p. il. cart. 7$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

GONÇALVES, Artur de Campos — *Noções de Cosmografia e Geografia* (15×22) 132 p. il. cart. 6$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

GOICOCHÉA, Castilhos — *Guerra dos Farrapos* (15×22) 294 p. il. br. 10$ — Ciyilização Brasileira, Rio.

HILAIRE, Augusto de Saint — *Segunda Viagem do Rio-de-Janeiro a Minas-Gerais e a São Paulo* (1822) Brasiliana, 5 (13×19) 224 p. il. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo (trad. 2.a edição).

HILAIRE, Augusto de Saint — *Viagem pelas Provincias do Rio-de-Janeiro e Minas-Gerais* — Brasiliana, 126 a 126 A (13×19) 752 p. il. br. 24$ — Cia. Ed. Nacional, Rio.

LARANJEIRA, Joaquim — *Conspiração dos Búzios* (13×19) 226 p. br. 8$ — Brasília Ed., Rio.

LAWRENCE, T. E. — *Os Sete Pilares da Sabedoria* (17×24) 712 p. il. enc. 30$ — Cia. Brasil Ed., Rio (trad.).

LUIZ, Washington — *Capitania de São-Paulo* — Brasiliana, 111 (13×19) 280 p. br. 9$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (2.a edição).

MAGALHÃES, Gen. Couto de — *Viagem ao Araguaia* — Brasiliana, 28 (13×19) 282 p. br. 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (4.a edição).

MAIA, Pedro — *O Homem do Deserto* (13×19) 116 p. br. 5$ — Borsoi, Rio.

MATOS, Anibal — *Pré-história Americana* — Brasiliana, 137 (13×19) 324 p. il. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

MAUROIS, André — *História da Inglaterra* — Trad. de Carlos Domingues (15×22) 512 p. br. 20$ e enc. 25$ — Pongetti, Rio (2.a edição).

MELO, Almte. Custódio José de — *O Governo Provisório e a Revolução de 1893* — Brasiliana,

128 a 128 A — 2 vols. (13×19) 714 p. br. 20$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

MENUCCI, Sud — *O Precursor do Abolicionismo no Brasil* — Luiz Gama — Brasiliana, 119 (13×19) 250 p. il. br. 9$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

MIRANDA, Agenor Augusto de — *Estudos Piauienses* — Brasiliana, 116 (13×19) 224 p. br. 9$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

MONIZ, Heitor — *Berlim Paris Roma* (13×19) 244 p. br. 6$ — Pongetti, Rio.

MORAIS, Raimundo — *O Homem de Pacoval* (13×19) 300 p. br. 10$ — Cia. Melhoramentos de São-Paulo.

NORTON, Luiz — *A Côrte de Portugal no Brasil* — Brasiliana, 124 (13×19) 468 p. il. br. 15$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

ORCIUOLI, Henrique — *Corografia do Brasil*, 2.º ano (14×20) 204 p. il. cart. 8$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

PAGANO, Sebastião — *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817* — Brasiliana, 132 (13×19) il. br. 10$ Ed., Pongetti, Rio.

PINHEIRO, Irineu — *O Joazeiro do Padre Cicero e a Revolução de 1914* (13×19) 244 p. il. 10$ br. — Pongetti, Rio.

PINTO, E. Roquette — *Rondônia* — Brasiliana, 39 (13×19) 402 p. il. br. 18$ — Cia. Nacional São-Paulo, (4.ª edição).

PINTO, Estevão — *Os Indigenas do Nordeste*, 2.º tomo — Brasiliana, 112 (13×19) 366 p. il. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

PISANI, Ferri — *Alaska, o Deserto Branco* (14×20) 280 p. il. br. 10$ — Cultura Brasileira, São-Paulo (trad.).

PORTO, Artur — *Fundação da Cidade Paraense e outros aspectos da História do Brasil* — (14×19) 288 p. br. 8$ — Pongetti, Rio.

QUERINO, Manuel — *Costumes Africanos no Brasil* (13×19) 352 p. il. br. 12$ — Civilização Brasileira, Rio.

RONDON, Major Frederico — *Na Rondônia Ocidental* — Brasiliana, 130 (13×19) 204 p. il. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

SAMPAIO, A. J. de — *Fitogeografia do Brasil* — Brasiliana, 35 (13×19) 338 p. il. br. 12$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (2.ª edição).

SCHNELLER, S. J., P. Max — *Epitome de História da Civilização 2.º ano seriado* (14×20) 278 p. il. cart. 7$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre.

SEIGNOBOS, Charles — *Historia Sincera da França* — Trad. rev. por Anísio Teixeira — (15×22) 464 p. br. 13$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

SERRANO, Jônatas — *História da Civilização*, 5.ª série (14×20) 394 p. il. 8$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

SOUSA, Gabriel Soares de — *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* — Brasiliana, 117 — (13×19) 498 p. br. 15$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo.

SPIX e VON MARTIUS, Von — *Através da Baia* (Excertos do livro Reise in Brasilien) Brasiliana, 118 (13×19) 342 p. br. 10$ — Cia. Ed. Nacional, São-Paulo (3.ª edição).

SPIX e C. F. P. von Martius, J. B. von — *Viagem pelo Brasil* — 1.º vol., 2.º vol. e 3.º vol. (17×24) 402 p. br. 20$, 568 p. br. 20$ e 502 p. br. 20$ — Imprensa Nacional e Civilização Brasileira — 4.ª vol. 450 p. il. br. 20$ — Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer.

THIS is Rio, The First — *Modern Photographic Book of Rio de Janeiro* (18×27) 138 p. il. cart. 40$ — H. D. Oliveira, Rio.

THOMAS, Henry — *A História da Raça Humana* (17×24) 366 p. il. br. 20$ — L. A. Josephson, Rio.

ULRICH, Otto Willi — *Indios* — História de uma Grande Nação 1.ª parte (1928) 162 p. il. br. 15$ — Casa ed. de Obras Cientificas, Rio (trad.).

VIANA FILHO, Luiz — *A Sabinada (A República Baiana de 1837)* (15×22) 210 p. br. 12$ — José Olímpio, Rio.

VIEIRA, Armando — *Teresópolis* (15×22) 304 p. il. br. 20$ — Pongetti, Rio.

VINHAIS, Ernesto — *Feras do Pantanal* — (13×19) 216 p. il. br. 5$ — A Noite Ed., Rio (2.ª edição).

WATJEN, Hermann — *O Dominio Holandês no Brasil* — Brasiliana, 123 (13×19) 564 p. br. 15$ — Cia. Ed. Nacional — São-Paulo.

ZISCHKA, Anton — *A Itália no Mundo* — (14×20) 304 p. il. br. 10$ — Liv. do Globo, Porto-Alegre (trad.).

Os numeros que acompanham cada obra indicam: 1.º o formato (13x19); 2.º o numero de paginas (32 p.); 3.º o preço (3$).

As observações significam: br., brochado, — cart., cartonado, — col., coleção, — fasc., fasciculo, — il., ilustrado, — pl., planchas, — enc., encadernado, — t., tomo, — vol., volume, — dir., direção, — des., desenhos.

Gastão Pereira da Silva obteve grande sucesso com seu livro "Prudente de Morais" e promete "Vida de Rodrigues Alves".

Judas Isgorogota publicará em principios de 1939 "Desencanto".

João Daudt Filho publicou em 1938 o seu interessante livro 'Memórias", em edição limitada, fora de comércio.

Maria Duarte, poetisa cearense, promete um belo livro de poemas para 1939.

Orvacio Santamarina anuncia para 1939 uma biografía de "Cesar" (Pongetti).

Num volume intitulado "Pássaros Mortos", Plinio Mendes reuniu as suas interessantíssimas conferências pronunciadas na PRE 3, sobre poetas brasileiros já desaparecidos.

Barros Vidal reeditará seu romance "Tortura da Carne" e anuncia um livro de contos inéditos.

Santa Rosa brindou as crianças do Brasil e do mundo com "O Circo", lançado em francês e português, pela casa Desclê De Brouwer, de Paris.

ÍNDICE GERAL

COLABORAÇÕES:

Pags.

POESIAS:

EDITORIAIS:

PUBLICIDADE: